

A VIDA E AS HISTÓRIAS DE JOANNA HELENA MARTINI

A VIDA E AS HISTÓRIAS DE
**JOANNA
HELENA MARTINI**



IDEALIZAÇÃO:
Andréa Peres e Mônica Richey

ORGANIZAÇÃO:
José Sampaio (Tico)

A VIDA E AS HISTÓRIAS DE **JOANNA HELENA MARTINI**

IDEALIZAÇÃO

Andréa Peres

Mônica Richey

ORGANIZAÇÃO E ESCRITA

José Sampaio (Tico)

REVISÃO

Ludmila Amaral

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Luiz Gualtieri - Estúdio Parla

2023

APRESENTAÇÃO

Era meio de ano e no meio de uma pandemia. Recebi, então, uma mensagem da Mônica dizendo que ela e Andréa queriam fazer um livro sobre a mãe há algum tempo. Disse também que o momento era agora, e me incubiram dessa tarefa, que eu deveria tocar sozinho como entrevistador, escritor, roteirista... e assim vai. Eu, sabiamente, mal sabendo o que me reservava, dei a ideia de filmar e depois fazer um documentário. Já que vai se fazer um livro a partir de entrevistas, por que não aproveitar e gravar em vídeo as entrevistas que depois virariam um belo documentário? Nisso ainda ganhei as funções de diretor, editor, fotógrafo... e assim vai, mais ainda. Achei, sinceramente, que terminaria até o final do ano de 2021...

Estava redondamente enganado. Óbvio que não imaginava claramente o tamanho do projeto, e o processo de cavar e descobrir as histórias que ele implicava. Achava que iria resolver em uma semana na casa da Jô e depois editar o material. Tranquilo.

Além de não contar com a dimensão que é querer capturar de alguma forma a história da vida de alguém, também nem desconfiava o que essa aproximação com as histórias e as pessoas iria me trazer. Esse contato me revelou muita coisa que eu nem sabia, histórias que eu desconhecia ou que haviam ficado num passado remoto, nas profundezas da minha memória.

O projeto todo só foi aumentando quando começamos a entrevistar parentes e amigos. Aumentou e ficou mais interessante. A cada novo dia de entrevistas, as histórias iam ganhando vida e cores novas e surpreendentes. Era realmente um resgate que estava tomando curso. Resgate também para mim, que estive durante um tempo afastado dos momentos e eventos onde essas histórias todas estavam se desenrolando.

Joanna até decorou minha rotina de chegar em sua casa, liberar minha

entrada na portaria, pegar as extensões para os fios dos equipamentos, armar o tripé (carinhosamente apelidado por ela de “raquete”), e preparar todos os cabos de energia e o microfone para realizar as gravações com meu humilde celular, que ganhava um outro companheiro também celular (emprestado de alguém), quando filmava em mais pessoas.

Por todos esses combinados que garantiram a realização das entrevistas, devo um enorme agradecimento, além da Joanna, à minha querida *cugina* Andréa, que com toda a sua diplomacia, costurava os acordos multilaterais, e arranjava os dias e horários das pessoas para as entrevistas.

Chegamos ao fim desse processo em meados de 2022 e conseguimos reunir um vasto material de entrevistas. A tarefa mais árdua foi organizá-lo de forma coerente e fluida, para que quem o ler (ou assistir ao documentário) possa ter uma noção cronológica e do seu todo. Uma vez realizada essa etapa, uma escolha de estilo deveria ser feita, e o que me pareceu mais natural e próximo de tudo aquilo que eu vivi em um ano e pouco de entrevistas foi manter no papel o caráter de oralidade de tudo o que me foi contado. A partir daí, organizar todo o material em formato de entrevista, aproximando a feitura e a leitura dele. Assim, meu trabalho literário aqui foi dar fluência ao material oral, agora enquanto palavra. Limpei muita coisa e muita coisa optei por manter. Busquei estar sempre atento ao caráter vivo da fala de alguém, quase como se eu estivesse trabalhando com personagens (reais), por meio dos quais cada um, de alguma forma, exprime, pelo jeito de falar e por reações e gestos, as suas mais fortes características. Sendo assim, espero que o leitor possa sentir nesse “encontro às cegas” com as pessoas e histórias do livro um pouco do que foi o meu encontro visível e palpável com essas mesmas figuras.

Todas as palavras aqui reunidas, escolhidas e revisadas buscam manter esse espírito oral e evocar cada pessoa que está sendo retratada, as grandes responsáveis pela realização deste livro. Essa escolha estilística também foi pensada para ser uma forma de homenagem e agradecimento a quem disponibilizou seu tempo e compartilhou sua memória comigo. Alguns poderão notar essas características peculiares dos que aqui estão presentes, trazendo alguma singularidade para cada participação e cada forma de se contar uma história.

Um tipo de prosa diferente de uma biografia habitual também combina com a pessoa não habitual que é a razão maior deste livro. Jô, Jojoca, minha

tia, também é uma pessoa que não seguiu normas em sua vida, e criou um tipo de vida só dela, unindo necessidade, vontade e personalidade em tudo o que ela realizou. Agradeço imensamente por todo carinho e pela generosidade de ter aberto sua vida para mim, compartilhando momentos e histórias, percepções e opiniões. Sua honestidade e transparência nos possibilitaram criar este projeto, com o livro e a série documental.

É uma tarefa bastante árdua, diria impossível, dar conta de toda a vida e história de uma pessoa, em apenas algumas páginas ou em alguns vídeos. No processo de documentação para o projeto desta biografia, tive a nítida sensação de que se continuasse todo dia, a cada dia perguntando e descobrindo coisas da vida de Joanna, o processo não se esgotaria em um horizonte temporal próximo. Sempre haverá um acontecimento, uma impressão, uma opinião, uma visão de mundo que ficará ausente dentro do vasto infinito que é a vida e a percepção de vida de uma pessoa.

Busquei aqui fazer o melhor recorte que pude, a melhor apresentação, reverenciando e tentando fazer jus às histórias e pessoas, e aos momentos em que esse material biográfico todo me foi compartilhado e confiado. Todos nós temos uma multidão dentro de nós. Que este livro possa revelar um prisma digno e bonito contido nesse infinito.

Agradeço imensamente à Mônica, por ter confiado a mim essa missão toda e possibilitado que esse trabalho pudesse existir no mundo. Espero que, para os de agora e para as gerações que virão, todo este material reunido no projeto da biografia da Joanna possa contar um pouco o que foi e é essa mulher, e sobre aqueles que a acompanharam ao longo da sua vida.

Titia Jojô, que este livro te traga muitos bons momentos.

José Alessandro Martini Sampaio (Tico)

PREFÁCIOS

por Paulo Peres

Mamma, ter participado do processo de escrever este livro pra te homenagear nos trouxe lembranças incríveis, e uma mistura de diversão, alegria e tristeza de ver o quanto rápido o tempo passa.

Mas o sentimento mais forte foi o reforço do que sempre sinto: orgulho em ser seu filho e de nossas origens.

Tendo crescido como único homem dentre tantas mulheres valentes, trabalhadoras e de caráter forte foi a escola mais importante da minha vida, e até hoje acho que não acabei meus estudos quando penso nas suas lições.

Que nossas aventuras nunca acabem!

Um beijo e um abraço apertado,

Paulo

por Andréa Peres

Quando a Mônica me falou da sua vontade de escrever um livro sobre a vida da nossa mãe, meu único pedido ao Tico foi que fizesse isso com leveza e humor, porque foi assim que ela tocou a vida, apesar de todas as dificuldades que viveu desde menina.

Sua coragem e alegria pautaram nossa vida, e me sinto abençoada por ter nascido nesta família de mulheres fortes. Começando por minha bisavó Stella, que atravessou o Atlântico para tentar uma vida melhor em terras desconhecidas, seguida pela minha avó Concheta, mulher brava e guerreira que criou suas três filhas sozinhas em uma época ainda muito machista, chegando em minha mãe Joanna Helena, que também não se acovardou diante das agruras da vida e seguiu trabalhando muito para sustentar seus três rebentos, rindo, sambando, ora atirando um chinelo em um dos filhos (geralmente o Paulo... rs), ora fazendo doce de leite ou lasanha, os únicos dois pratos que ela fazia bem...

Mãe, você é uma inspiração pra mim e para seus netos, e quando eu crescer quero ser como você!

Te amo e obrigada por tudo!

por Mônica Richey

A GUERREIRA MITOLÓGICA CHAMADA JOANNA

É difícil tentar escrever sobre a vida de alguém em poucas frases, principalmente se essa pessoa for sua mãe. Embora ela tenha dedicado sua vida aos filhos, ela não era a mãe convencional que se pode pensar. Ela não era uma mãe superprotetora; ela não tinha tempo para:

“Vai escovar os dentes!”

“Você fez sua lição de casa?”

“Como foi o seu dia?”

“Deixe-me pentear seu cabelo.”

“Deixe-me ler uma história para você.”

Naaa, essa não era minha mãe, minha mãe tinha mais o que fazer.

Como mãe solo de três filhos, ela tinha que trabalhar e se preocupar com coisas importantes como comida, abrigo e roupas. Coisas que eram necessárias para que seus filhos pudessem sobreviver no mundo. Os nossos dentes, assim como os trabalhos de casa, cabelo e estudar, eram da nossa responsabilidade.

Desde muito jovem lembro-me da minha mãe dizer com um tom um tanto sarcástico: “Se você não escovar os dentes, tudo bem, eu te arrumo uma dentadura”; “Se você não quiser estudar, tudo bem, você ainda vai poder trabalhar como empregada doméstica”; “Bem, se você não sabe o que fazer com seu cabelo, posso cortá-lo bem curto”.

Por mais que não gostássemos, ela era realmente uma palestrante motivacional mestre. Então nós escovávamos os dentes, penteávamos o cabelo e fazíamos o dever de casa.

Pode parecer maldade, mas não era. Mais do que tudo, minha mãe queria que seus filhos pudessem sobreviver por conta própria. Seu objetivo era nos preparar para o mundo, não importa o que ele trouxesse.

Ela raramente dizia “eu te amo”, mas mostrava isso para nós todos os dias,

pois fazia com que nunca fôssemos para a cama com fome, e que sempre tivéssemos roupas e sapatos para vestir e uma casa para morar.

Para garantir que crescemos saudáveis, as vitaminas eram obrigatórias: terragran, calcigenol, Yakult e até óleo de fígado de bacalhau (ainda consigo sentir o gosto e o cheiro até hoje). Essas eram inegociáveis e passíveis de punição, com uma ida à farmácia local para tomar injeções, caso alguém não quisesse beber tais delícias.

Para manter nossa casa funcionando, ela trabalhava, às vezes, em dois empregos, pegava dinheiro emprestado do banco e também de agiotas. Suas noites eram cheias de preocupação, pois as contas venciam e o dinheiro era curto. No entanto, ela nunca nos fez sentir como se fôssemos menos do que qualquer outra pessoa. A vida era simples, mas cheia de diversão; mesmo que comêsssemos apenas batatas no jantar, ela daria um jeito de rir de cada situação.

Chorar não era seu estilo, xingar sim. E essa mulher sabe xingar melhor do que um caminhoneiro. Acho que foi assim que ela lidou com a grande quantidade de bobagens que atormentavam sua vida. Nada, eu lhe digo, nada iria reprimir aquela mulher. Se ela tropeçasse, ela se levantaria tão rapidamente que ninguém mal notaria. Seguir em frente era o seu lema. Ela nunca olhou para trás.

Ela perdeu o pai aos nove anos e ajudou a mãe a cuidar das irmãs mais novas. Em meio a tudo isso, ela sempre foi uma filha obediente. Ela teve o azar de se casar com um mulherengo e, depois de sete anos de casamento, ela já estava farta. Então, em um dia de 1970, no Brasil, ela teve coragem de fazer as malas, pegar os filhos e deixá-lo. Algo que não era a norma numa época em que as mulheres deveriam ser submissas, e os homens podiam fazer o que quisessem. Mas não para minha mãe, não haveria futuro pior para ela do que ver suas filhas crescendo naquele ambiente.

Durante toda a sua vida ela fez questão de deixar claro para nós, seus filhos, o que ela era e o que ela queria que nos tornássemos: independentes, ferozmente fortes, corajosos e imbatíveis guerreiros mitológicos.

Esse é o legado dela para os filhos.

DEDICATÓRIAS

de José Sampaio (Tico)

Dedicado à memória de todos os parentes e antepassados que já não estão mais entre nós. Pessoas de vários sobrenomes que compõem essa unidade familiar da qual somos o seu elo presente.

À legião de mulheres e homens imigrantes e seus descendentes.

Ao sangue, suor e lágrimas dessas pessoas que batalharam por seu lugar e que nunca deixaram de enxergar e celebrar, em meio a tantas lutas, a infinita graça da vida.

de Joanna Helena Martini

Aos meus filhos.

RELAÇÃO DE PARTICIPAÇÕES DESTE LIVRO

Neste livro estão presentes relatos e falas de:

Joanna

e, em relação de parentesco ou proximidade à Joanna:

Tico – sobrinho

Mônica – filha

Andréa – filha

Paulo - filho

Cida – irmã

Laís – amiga

Cidoca – prima

Zé Carlos – cunhado

Priscilla – sobrinha

Vicentinho – sobrinho

Domingos – cunhado

Luis Fernando – sobrinho-neto

Daniel – neto

Isabella – neta

Ricardo – genro

Lucca – neto

Anna Juhasz – amiga

e ex-colega de trabalho

Wilson – primo

Fernanda – esposa de Wilson

Bárbara – esposa de Tico

Também são mencionados:

em relação de parentesco ou proximidade à Joanna:

Angelo (Nenê, Ruivo) – pai

Concheta – mãe

Salvatore – avô materno

Séptimo – tio materno

Pepino (Giuseppe) – tio materno

Rafael – tio materno

Vitório – tio materno

Salvador – tio materno

Ida – tia materna

Anunziata – tia materna

Mercília – comadre de Concheta

Célia – irmã

Dona Alice – mãe de Laís

Dona Linda – amiga

Judite – avó (vôdrasta) materna

Hélia – amiga

Eunice – amiga

Bepe – tio paterno

Maria – tia materna

Emília - tia paterna

Leon - ex-marido e pai dos filhos

Aurélia – comadre

Sr. João – proprietário,
senhorio da casa na Guaicuí

ÍNDICE

Eduardo, Carlinhos, Regiane e Toninho – primos
Adélia – prima
Helena – empregada de Concheta
Dona Nena – amiga e cartomante
Dona Cotinha – amiga de rua e dona de pensão
Neusa – tia
Seu Pedro – vendedor de animais no Mercado de Pinheiros
Tia Luzia – parente italiana
Edith e Sérgio – mãe e irmão de Zé Carlos
Ricardo Sasso – amigo do Paulo, neto da Dona Delina
Jó, Fia e Lorinha – empregadas
Leda – colega de trabalho
Durvalzinho – vizinho
Fábio e Vivian – sobrinhos, filhos de Cida
Inês – ex-namorada de Paulo
Carmen – ex-mulher de Paulo
Augusto – farmacêutico
Seu Comparíño – gerente do Unibanco
Lelivaldo – ex-patrão
Padre Lecir – diretor do colégio Liceu Coração de Jesus
Ladir – amiga
Carmen Alexandre – prima
Zilda – diretora do colégio Palmares
Doroti – amiga
Simone – amiga
Rui – amigo

Pedro – neto
Seu Nelson e Dona Isabel – amigos da Concheta
Groto e Gisa – amigos de Ricardo e Andréa
Dr. Mário e Dr. Luís Augusto – ex-chefes
Dona Luiza e Seu Vicente – pais de Domingos
Esther – prima
Augusto – amigo de Itupeva
Gioconda – ex-sogra
Tonhão – verdureiro de Itupeva
Edilaine – empregada de Paulo nos EUA
Ann – esposa de Paulo
Thomas e Phillip – netos, filhos de Paulo
Dona Zede – mãe de Ricardo
Miguel – proprietário da casa da Guaicuí
Murilo – amigo da Andréa
Steve – marido da Mônica
Donald – ex-marido da Mônica
Rita – amiga e vizinha
Marcelo – marido da Priscilla
Ester e Dita – primas de Itu
Alessandra – esposa de Daniel

PARTE UM

AS HISTÓRIAS DA MINHA VIDA

21

CAPÍTULO 1

JOANNA HELENA MARTINI, COM MUITA HONRA

Do nascimento e infância até o início da mocidade
1939 até a década de 1950

22

- | | |
|---|----|
| 1.1. Da minha infância eu não me lembro muito | 23 |
| 1.2. Eu queria saber como foi a vida dos meus antepassados lá na Itália | 27 |
| 1.3. <i>"Je vous salue, Marie"</i> | 30 |
| 1.4. Cenas da infância em família | 31 |
| 1.5. Amizades de infância que permaneceram com o tempo | 38 |

CAPÍTULO 2

MOCIDADE E INÍCIO DA VIDA ADULTA

Fim dos anos 1950 e início dos anos 1960

44

- | | |
|--|----|
| 2.1. Nos bailes e carnavais | 44 |
| 2.2. Trabalhei desde cedo e não esquentava cadeira no trabalho | 48 |

CAPÍTULO 3			
CASAMENTO, MATERNIDADE E DIVÓRCIO			
Década de 1960 e início de 1970	53		
3.1. Casamento	53		
3.2. Nascimento dos filhos, mudanças e vida no interior	55		
3.3. Uma mãe prática	59		
3.4. Divórcio	64		
3.5. Começar de novo	65		
CAPÍTULO 4			
NA SAÚDE E NA DOENÇA, A GENTE SE DIVERTIA			
Década de 1970	72		
4.1. No mercado com a vó	72		
4.2. Nasci para bailar, pra que negar?	75		
4.3. A casa da mãe Joanna	83		
4.4. O retrato de uma época	96		
4.5. Uma grande família ao redor	98		
CAPÍTULO 5			
AS PERIPÉCIAS DOS MEUS FILHOS			
Histórias dos filhos - Década de 1970	104		
5.1. Olha o chinelo!	105		
5.2. Radionovelas no quarto trancado	107		
5.3. A espingardinha de chumbo	108		
5.4. A adaga	116		
5.5. Os Irmãos Terríveis	117		
5.6. Quebrando as coisas	121		
5.7. As empregadas-mães	128		
5.8. Passeios com os filhos	131		
5.9. Epílogo para uma infância de traquinagens	134		
CAPÍTULO 6			
A FAMÍLIA ATRAPALHADA			
Tempos de Guaicuí - Década de 1970	135		
6.1. Era uma farra!	135		
6.2. “Vão cantando, cantando...”	140		
6.3. Viagens para a praia com Laís e Cidoca	143		
6.4. Perseguinto Roberto Carlos	150		
6.5. Acontecia na Guaicuí	152		
CAPÍTULO 7			
SE NÃO TIVESSE UMA AJUDA HUMANA, A DIVINA NÃO VINHA			
Final dos anos 1970 e Década de 1980 - Cerro Corá	162		
7.1. Ida para a Cerro Corá, filhos crescendo	162		
7.2. Vida na Cerro Corá e com a família da Cida	169		
7.3. Paulo começa a ter outros interesses	177		
7.4. Por isso que eu tomo Lorax®	182		
7.5. Estourou a bomba	184		
7.6. Paulo tem seu aprendizado	188		
7.7. O dia da audiência	190		
7.8. Mônica correndo atrás	192		
7.9. Das dificuldades até o “dia da libertação”	199		

CAPÍTULO 8		
DE VOLTA À GUAICUÍ		
Anos 1980 e 1990	201	
<hr/>		
8.1. Sabe casa de louco? Era a minha casa	201	
8.2. Andréa & Ricardo	211	
8.3. De salto 15 (os causos de escritório)	228	
CAPÍTULO 9		
PODIA ACABAR O MUNDO QUE A GENTE RIA		
Final dos anos 1980 e anos 1990	237	
<hr/>		
9.1. Viagens em família	237	
9.2. Itupeva	246	
9.3. A Brasília amarela (e outras histórias com carros)	256	
CAPÍTULO 10		
MERICA, MERICA		
Final dos anos 1990 e início dos anos 2000	268	
<hr/>		
10.1. Paulo vai para os EUA	268	
10.2. Uma iluminação divina	271	
10.3. A vida no subúrbio americano	272	
10.4. Mônica vai para os EUA	281	
10.5. Volta definitiva para o Brasil	285	
10.6. Mônica se estabelece em definitivo nos EUA	288	
10.7. Indo para os EUA agora só como visitante	297	
10.8. Epílogo para a aventura americana	307	
CAPÍTULO 11		
BACK TO BRAZIL		
Final dos anos 1990 e anos 2000	309	
<hr/>		
11.1. Aposentadoria e mudança para Osasco	309	
11.2. Segunda ida para a Cerro Corá	316	
11.3. Vovó Batatinha cuidando dos netinhos	317	
11.4. Quando me dá os cinco minutos	326	
CAPÍTULO 12		
APOSENTADA VIAJANTE		
Histórias de viagens a partir dos anos 2000	335	
<hr/>		
12.1. Como começou essa história	335	
12.2. Espanha	336	
12.3. República Dominicana	340	
12.4. Itália	341	
12.5. Reino Unido	350	
12.6. Estados Unidos	356	
CAPÍTULO 13		
HOJE E SEMPRE		
Histórias dos tempos atuais e sobre as minhas características	364	
<hr/>		
13.1. A falta que um Lorax® faz	364	
13.2. De como eu fiquei surda (mas eu não sou surda)	365	
13.3. Passeios com Célia	370	
13.4. AVC	381	
13.5. Minha fama de incendiária	383	

13.6. Barulhos que incomodam	386
13.7. Cartinhas e reclamações	387
13.8. Trapalhadas nos meios de transporte	390
13.9. Meus cabelos	393
13.10. Tardes com Laís e Cidoca	394
13.11. Sempre foi Joanna. Nunca me chamavam de tia, de vó... era sempre Joanna	402
13.12. Teve muita história...	404

GALERIA DE FOTOS

405

PARTE DOIS

QUEM É JOANNA? ENTREVISTAS

427

CAPÍTULO 14

JOANNA POR SEUS FILHOS

429

14.1. Paulo

429

14.2. Mônica

433

14.3. Andréa

441

CAPÍTULO 15

JOANNA POR JOANNA

446

PARTE UM

AS HISTÓRIAS DA MINHA VIDA

CAPÍTULO 1

JOANNA HELENA MARTINI, COM MUITA HONRA

Do nascimento e infância até o início da mocidade
1939 até a década de 1950

Tico: Eu queria fazer uma brincadeira. Tipo entrevista da Marília Gabriela.

Joanna: Ah! Sei! Hahaha...

Tico: Uma pergunta inicial para você pensar e responder do jeito que quiser.

Joanna: Ah, tá.

Tico: Quem é Joanna Helena?

Joanna: Joanna Helena Martini, com muita honra, é uma senhora de 82 anos e... deixa eu ver... (*conta os meses nos dedos da mão*) é... 82 anos e meio justamente¹. Eu nasci... do meu pai e da minha mãe... (*risadas*). Da minha infância eu não lembro muito não, sabe.

¹ Entrevista realizada em agosto de 2021

1.1.

Da minha infância eu não me lembro muito

Joanna: Eu lembro a partir do nascimento da Célia... da Cida eu não me lembro de nada... não sei por quê. Você vai pôr isso para ela ver depois? Hehehe! Da Cida eu não lembro, da Célia eu lembro direitinho, quando ela era nenenzinha...

Quando eu tinha nove anos, a Célia tinha dois, a Cida quatro, meu pai morreu. Aí ficou a minha mãe e nós três. Meu pai deixou um monte de dívidas porque ele tinha uma doença incurável, e até então ninguém tinha descoberto o que ele tinha. Ele deixou muitas dívidas, e minha mãe era uma dona de casa, ela não estava acostumada a trabalhar fora nem nada. Então, meu tio, que morava em Itu, resolveu levar a gente para morar lá. Nós ficamos acho que mais de um mês lá, mas minha mãe viu que não ia dar certo. Ela voltou para São Paulo, arregaçou as mangas e foi falar com o então dono da banca que meu pai era gerente, para ver se ela poderia ficar no lugar dele. Ele deixou, e então ela começou a trabalhar. Com 33 anos.

Além disso, como minha mãe sabia costurar muito bem, ela foi estudar à noite, foi fazer um curso de corte e costura. Então, além de ela trabalhar no mercado, ela costurava em casa. E eu, como era a filha mais velha, já tinha nove anos, era quem tomava conta da casa. A gente morava numa vila de casas germinadas, e a vizinha era comadre, madrinha da Cida. Ela que me ensinou a cozinhar. Eu punha um banquinho e, do muro, ela ficava falando: “Põe alho, põe isso, põe aquilo...”.

Eu estudava em um colégio de freira supergrá-fino, o Sacré Coeur de Marie. Aí minha mãe foi lá pra me tirar do colégio quando meu pai morreu, porque ela não tinha condições de pagar. Era um colégio pago, e só tinha gente da alta roda: Maria Pia Matarazzo, filhas de fazendeiros... Mas como eu era uma boa aluna, a freira não deixou eu sair. Ela me deu uma bolsa. Então, quando chegava do colégio, eu ajudava minha mãe a cuidar das meninas porque elas eram pequenas. A dona Mercília era quem cuidava na maior parte do tempo. Dona Mercília era a comadre da minha mãe, ela era vizinha na vila. Era muito gostoso lá! Ficava na (*Rua*) Deputado Lacerda Franco.

Então, a minha vida era: cuidar da casa, cuidar das minhas irmãs e estudar.

De sábado e domingo eu ia para o mercado ajudar minha mãe, que eram os dias de mais movimento. E assim passou a minha infância.

Minha mãe passou muito perrengue porque uma época teve um prefeito aqui em São Paulo, um tal de Jânio Quadros, você não conhece... ele era louco. E ele fechou todas as bancas de massa do Mercado de Pinheiros, porque ele disse que não podia vender massa lá. Aí minha mãe ficou sem emprego. Vivia só das costuras. Então, eu já comecei a trabalhar também, eu ajudava ela. Um tempo depois, uma amiga dela que conhecia um vereador, foi falar com ele sobre a minha mãe. Porfírio da Paz, você já ouviu falar? Nosso prefeito? Foi muito bom prefeito. Aí ele deu a banca para a minha mãe. Minha mãe ganhou a banca, e quem entregou a carta para ela foi o próprio prefeito.

Ela morava de aluguel. A mãe da Laís falou: "Dona Concheta, a senhora não precisa pagar aluguel este mês. Compra o que a senhora precisar para vender lá na banca". Ela não tinha móveis, não tinha nada, então o pessoal do mercado emprestou aquelas caixas de frutas, e ela montou a banca dela com caixotes. Depois disso nossa vida foi melhorando, e nós nos mudamos para a (Rua) Guaicuí, em 1960.

Mas a vida da minha mãe foi muito dura. A gente fazia massa em casa. Nós que fazíamos no sábado e no domingo para vender lá no mercado. A gente vendia cappelletti, ravióli, massa fresca, talharim que vinha do pastifício. Ela também vendia macarrão em pacote como esses que tem no supermercado, ela vendia massa de pizza que aprendeu a fazer com o irmão dela que era pizzaiolo, vendia bolo que ela fazia, lasanha...

Tico: Tudo isso era ela quem fazia?

Joanna: Tudo nós fazíamos em casa. Ela comprou um cilindro sabe, e meu tio Rafael era solteirão, ele vinha e ajudava a gente. Era um pastifício a minha casa, minha casa sempre foi numa casa de louco, entendeu? (*Risadas*). Era muito engraçado, apesar dos perrengues que a gente passou, nós fomos muito felizes, entende? Porque não tinha essa de ficar só se lamentando não.

Tico: Você falou que não tem lembrança nenhuma da sua infância...

Joanna: A partir do momento que meu pai morreu...

Tico: Antes disso você não se lembra...

Joanna: Eu me lembro de alguma coisa, lembro da Célia, quando ela nasceu, mas coisas assim... isoladas, sabe? Eu lembro perfeitamente o dia que meu pai saiu. Ele ficou internado antes de ser operado, para descobrirem o que ele tinha. Ele se internou um mês antes, ficou nas Clínicas, e a gente não podia ir visitar. E eu lembro quando meu pai estava indo embora, minha mãe era muito devota de Nossa Senhora do Sagrado Coração, aí meu pai foi embora assim de chapéu, essa lembrança eu tenho na minha cabeça, ele com a minha mãe indo, eu falei: "Pai, Nossa Senhora do Sagrado Coração vai trazer o senhor forte e curado!".

Até um dia — pra quebrar um pouco —, eu tava contando isso para o Murilo, amigo da Andréa, aí ele me interrompeu e falou: "Pera aí... como é que era o nome da santa? Porque eu nunca mais vou pedir nada para ela." Hehehe! Porque meu pai morreu, né. Ele não voltou para casa. Voltou para casa no caixão. Ele tinha um tumor no cérebro. Mas até hoje eu lembro do meu pai. Dele com a gente. Ele era muito pai. Eu tinha meus cadernos — agora não tenho mais porque eu já fiz a faxina — tudo etiquetado. Ele punha etiqueta, ele escrevia o nome, sabe, disso eu lembro. Eu lembro de ficar assistindo novela sertaneja no rádio com ele. E era isso. Depois eu não lembro. De antes, eu não lembro nada, nada.

Acho que comecei a viver a partir do dia que meu pai morreu. Porque marcou muito. Era de madrugada, acho que de sexta para sábado, e a dona Mercília — a comadre que era vizinha — bateu na janela da minha mãe e falou: "Concheta, o seu Luiz (que era o único que tinha telefone) avisou que ligaram do hospital, que o Nenê morreu". Isso eu lembro até hoje. Aí o velório foi em casa porque minha mãe não tinha dinheiro para pagar. Foi em casa e foi muito triste. Eu chorava muito.

O ônibus do colégio, quando ia me levar, passava lá no Cemitério São Paulo. Como os túmulos de lá eram altos, eu via o túmulo e parecia que eu ia pegar meu pai com a mão para ficar do meu lado.

Tico: E nessa época que você começa a ter memória da vida...

Joanna: Sim, e a participar da luta da minha mãe, porque eu me sentia um pouco como responsável, já que eu era a mais velha. Então, a minha mãe contava só comigo, entendeu? A Célia tinha dois (*anos*), e a Cida, quatro.

E a minha mãe era meio espírita, né.

Tico: Como assim?

Joanna: Foi assim: na véspera do... não, no dia da missa de sétimo dia, que foi lá no Calvário, ela chamou a dona Mercília e falou: "Mercília, eu acho que o Nenê (*apelido de Ângelo, seu marido falecido*) não quer missa, acho que ele não tá num bom lugar, porque eu sonhei com ele essa noite. Ele veio, sentou na cama, pegou a Célia no colo e falou que o dinheiro da missa eu usasse para comprar comida para as crianças, para comprar o que faltava". Aí a dona Mercília falou: "Imagina! Agora vamos para missa, que já tá marcada". Aí um irmão da minha mãe foi na sacristia para pagar, o padre falou que já tinha sido paga a missa. Mas não falou quem foi.

Não é interessante isso? Estava pago. A minha mãe tinha uns sonhos... Ela falava algumas coisas, sabe?

Tico: Que tipo de coisas?

Joanna: Ela sempre falava: "Cuidado com fulano; cuidado com isso; cuidando com aquilo...". Eu acho que ela tinha pressentimento, sabe?

Tico: Mas depois o que ela falava...

Joanna: ... era certo. Minha mãe foi uma mulher muito batalhadora, sabe. Ela trabalhou muito na vida, e ela nunca se queixou "ah, tô cansada...", nunca ouvi minha mãe falar "tô cansada". Ela chegava do mercado e ia fazer as coisas, que ela gostava de receber gente, de fazer jantar. A casa dela vivia cheia de gente.

Depois, quando eu me mudei, que eu fui morar lá embaixo, foi na minha casa, porque ela ainda trabalhava no mercado. Então, tinha sempre muita gente em casa, e minha mãe fazia tudo que ela podia, nunca reclamou. Ela foi uma heroína. Porque naquela época era difícil uma mulher trabalhar fora, e quando eu podia, eu ia de sábado ajudar lá, ou durante a semana, quando eu não tinha aula, nas férias, eu ficava no mercado, e ela ia para casa para costurar para fora.

Tico: Fazia muita coisa...

Joanna: Fazia muita coisa. Fazia as coisas, vendia, e nunca ouvi ela falar "tô cansada". Nunca!

Tico: E de alguma forma você também começou cedo, né?

Joanna: Ah sim, porque o que ela passava, eu passava junto. Quantas vezes, à noite, ela não chorava porque precisava pagar o aluguel... E eu queria começar a trabalhar logo para poder ajudar.

1.2.

Eu queria saber como foi a vida dos meus antepassados lá na Itália

Tico: Você estava falando do seu avô...

Joanna: Meu avô Salvatore! Salvatore Assenza. Ele era de Comiso, na Itália. Foi assim: ele veio para o Brasil, meu tio Séptimo já era vivo, já era nascido, o mais velho dos irmãos. Engraçado que ele se chamava Séptimo e era o mais velho dos sete filhos. Meu avô teve sete filhos. Gozado, né? Ele era o mais velho. Aí nasceu o Pepino aqui no Brasil. Acho que ela já veio grávida do Pepino... Do que a gente tava falando?

Dele lá na Itália! **Eu queria saber como foi a vida dele lá na Itália**, o que ele fazia lá, que isso tá me deixando sem dormir, hehehe... Porque cara de mafioso ele tinha, né? (*Insinua para a câmera*). Fala baixinho para não pegar aí... (risadas). Coitado do meu avô.

Ele se reunia com um grupo de amigos lá no Largo do Café, que era chamado Largo do Cuspe, porque eles só fumavam charutos, sabia disso? Sabe o Largo do Café, ali na rua São Bento? Então, era Largo do Cuspe. Meu avô levantava meio-dia, se arrumava, e ia lá para o Largo do Café. E à noite também não sei aonde ele ia. Daí ele dormia todo dia até meio-dia. Muito engraçado, né?

Bárbara (esposa de Tico): Ele não fazia nada? Não trabalhava?

Joanna: Não...

Tico: E as pessoas falavam que ele vendia farinha, né?

Joanna: Ah, é. Ele falava que era vendedor de farinha... Não sei que farinha, né... que vai vender de noite... hehehe!

Tico: E só accordava depois do meio-dia.

Joanna: De domingo a gente chegava, ele tava no psiché (*pronuncia-se “pi-chichê”*). Sabe o que é um psiché? É uma penteadeira daquelas antigas. Ele ficava ali fazendo a barba. Aí ele se enchia de Aqua Velva — eu nunca vou me esquecer desse cheiro — e ficava com a mão toda cheia de Aqua Velva. Depois, na hora da sobremesa, era ele quem partia as frutas e fazia questão de dar na boca da gente: “*Per te, per te, per te...*” (*imita o gesto do avô repartindo e dando a fruta na boca de cada um*). E a gente: “Hum... Lá vem a Aqua Velva!”. Hahaha...

Fernanda (esposa de Wilson): Como era a utilização do idioma italiano dentro da família?

Joanna: Ah, o meu avô viveu 50 anos no Brasil, mas ele só falava italiano com a gente. Ele não falava uma palavra em português.

Wilson (primo de Joanna): Meu pai (*Vitório*), mesmo quando tava conversando em casa, era sempre em italiano. Por isso que eu entendo muita coisa. Alguma coisa eu falo, mas não consigo conversar...

Joanna: Eu também entendo. E ele (*avô*) era daqueles que dava a mão pra beijar. A gente achava que ele era mafioso.

Wilson: Ele era sim!

Joanna: Ele usava um anel de rubi vermelho na mão. Durante os dias, ele saía ao meio-dia de casa.

Wilson: E ele era chamado de “homem de um palito só”.

Joanna: Um palito só!

Wilson: Ele acendia o primeiro cigarro com o palito e depois um cigarro atrás do outro.

Joanna: E ele ia a pé lá do centro, porque ele morava na (*Rua*) 25 de março, ele ia a pé. Um dia, os irmãos Geraldo, Eduardo, Teodora e Julieta...

Wilson: Que são meus irmãos...

Joanna: ... Ele accordava tarde todo dia. Podia ser domingo, que ele accorda-

va tarde. As crianças ficaram quietinhas, sumiram. Ninguém deu falta. Sabe o que elas fizeram pro meu avô acordar? Encheram a parte de baixo da cama dele de jornal e puseram fogo. Quase que ele morre queimado! Hehehe... Eles eram uns anjos, né?

O Geraldo, um dia lá no mercado — ele também ia lá no mercado —, era louco para andar de bonde. Minha irmã falou: “Qualquer dia nós vamos passear de bonde”. Aí, uma hora ele sumiu, e já tinham até fechado o portão, minha mãe ficou preocupada. De repente, ele aparece com um galo deste tamanho! (*Indica um galo grande na testa*). Ele foi pegar o bonde lá no Largo de Pinheiros, e o bonde passou pelo mercado, ele ficou com medo e se jogou do bonde. Eles eram terríveis, né?

Joanna: Aí era assim, meio-dia ele saia de casa, ia lá para o Largo do Café onde se reuniam, e à noite também ele saía, sumia, voltava de madrugada. Mas a gente não sabia de nada do que ele fazia, e não tem mais ninguém para contar sobre ele. Dá uma raiva, né?

Tico: Você nunca perguntou pra sua mãe?

Joanna: Não. Acho que ela também não sabia... acho que não sabia nem o que era mafioso, a minha mãe. Agora também não tem mais ninguém da família né? Meus tios todos morreram, os primos também, acho que muitos deles já morreram, porque eu não tenho mais contato. Então, eu vou morrer sem saber se meu avô era mafioso ou não.

Minha avó morreu com 33 anos, ela era asmática. E era uma bordadeira fina, ela dava aula de bordado. Eles moravam lá na Rua do Gasômetro. Aí a minha mãe foi morar lá em Itu com uma tia dela, que era irmã gêmea da minha avó e não parecia nada com ela. Minha mãe foi morar com essa tia. Foi aí que ela conheceu o meu pai, lá em Itu, porque a família dele morava em Itu.

Tico: Mas sua mãe nasceu em São Paulo?

Joanna: Minha mãe nasceu em São Paulo, foi depois que a mãe dela morreu que ela foi morar com essa tia, a Maria. Minha mãe se casou com 18 anos, eu acho. Engraçado que o meu pai fez seminário para ser padre aqui em São Paulo, na Igreja do Carmo, depois ele ficou de guarda-livros da igreja até ele

arrumar a banca no mercado (Mercado de Pinheiros). Ele disse que trabalhava como guarda-livros, que é chamado de contador hoje. Lá na Igreja do Carmo.

Tico: E como eles se conheceram em Itu?

Joanna: Minha mãe foi pra lá, estava morando com a tia, e ele, acho que ia passear, a família dele é de lá.

O Ruivo. Meu pai era chamado de Ruivo.

Tico: Era um apelido dele mesmo? Todo mundo chamava ele assim?

Joanna (*acena com a cabeça que “sim”*): Porque ele era o único irmão — que os outros eram tudo rato branco, loirinho, loirinho de olho azul — e ele era o único que tinha o cabelo meio avermelhado e olho verde. Ele era diferente dos Martini.

É engraçada essa vida, né? Quando as pessoas têm que se encontrar, eu acho que não tem como você mudar, né? Minha mãe tinha estudado para ser freira, ela queria ser freira.

E queria que eu fosse também, né? Hahaha! Já pensou eu de freira?

Tico: Ia tocar fogo no convento...

Joanna: Nossa Senhora, ia pôr mesmo! Hahaha! Já ponho fogo aqui...

1.3.

“Je vous salue, Marie”

Joanna: Eu estudei latim, sabia?

Tico: Não sabia não.

Joanna: No meu tempo tinha.

Tico: Seu tempo no Sacré-Coeur?

Joanna: Sacré-Coeur de Marie. Estudei francês. A única coisa que eu lembro é rezar a Ave-Maria, que era o que a gente mais fazia.

Tico: Como é a Ave-Maria em francês?

Joanna: É... como é?... (*diz a reza*):

Je vous salue, Marie pleine de grâce, le Seigneur est avec toi,

Tu es bénie entre toutes les femmes et, Jésus, Le fruit de tes entrailles, est béni.

Sainte Marie, Mère de Dieu, prie pour nous, pauvres pécheurs, maintenant et

à l'heure de notre mort,

Ainsi soit-il.

Tico: Olha... Parabéns!

Joanna: A gente rezava TODO SANTO DIA! Hahahaha! Mas eu entendo alguma coisa de francês, sim. Doze anos, né? Como o colégio era francês, desde o primário a gente estudava francês. Estudei francês, latim...

Tico: Eu não sabia. O latim você estudou os 12 anos, também?

Joanna: Não, só no ginásio.

Tico: É mais difícil, né? Você lembra alguma coisa de latim?

Joanna: *Pater Noster, qui es in caelis...* Hahaha! Só isso que eu lembro... hehehe... só isso.

Como é que é... (*ela começa a rezar*) *Ave Maria gratia plena dominus tecum benedicta tu in muliéribus...* Ah! Não sei mais.

Tico: Sabe as rezas! Mas você tinha que rezar em latim todo dia?

Joanna: Tinha que rezar conforme a aula. A gente rezava na língua. E o meu inglês também é dessa época, entendeu? Do ginásio e do secretariado.

1.4.

Cenas da infância em família

Cida (irmã de Joanna): Minhas tias, que eram solteiras, moravam no Brás. Moravam naaa... Como é que chamava a rua (*cutuca Joanna*)?

Joanna: 25 de Março.

Cida: Náááá... é... Primeiro na 25 de Março, que tinha que entrar numa galeria com várias lojas, e lá a casa era uma delícia, moravam muitos libaneses lá, não é, Joanna?

Joanna: (*Balança a cabeça afirmativamente.*)

Cida: Daí a gente comia muito doce sírio, aquelas gomas... Brincava com as outras crianças, porque era uma vila de casas, de sobradinhos. Uma delícia, nunca me esqueço. E depois também elas foram morar numa outra casa. Antigamente ficava todo mundo na rua, brincava de amarelinha. Mais tarde, na (*Rua*) Ferreira de Araújo...

Joanna: Eles foram morar com a gente.

Cida: Foram morar com a gente. Também podia brincar porque a rua ainda não era asfaltada. Depois que eu me mudei para lá que asfaltaram a Ferreira de Araújo.

Tinha a Laís que era nossa amiga. Quem mais de amiga que a gente tinha lá? Você ainda não brincava muito com a Laís...

Joanna: Lógico, eu tinha 15 anos, ela tinha sete. Eu não brincava, minha vida era assim ó...

Cida: Trabalhava.

Joanna: Eu trabalhava! Eu ia para o colégio de manhã, voltava à noite. Aí à noite, eu que ia limpar a cozinha, porque eu era a mais velha. As coitadinhas (*referindo-se às irmãs*) eram muito pequeninhas, não sabiam fazer nada...

Cida: Ah, mas fazia sim!

Joanna: ... e quando tinham que fazer, brigavam. Aí a minha mãe corria com o chinelo, elas pulavam o muro do quintal da Ferreira de Araújo e iam pra casa da Laís. Ficava eu lá pra levar os golpes de chinelo, entendeu? Eu sempre fui a “Crista”.

Andréa: Até parece eu...

Cida: E... ah... Deixa eu ver o que eu ia falar... Até esqueci... (*um tempo em silêncio*).

Ah! Eu também estudava no colégio Sacré-Coeur de Marie. O ônibus vinha me buscar, mas antes do ônibus vir buscar, eu tinha que arrumar a casa, porque lá as três — eu, a Célia e a Joanna —, cada uma tinha uma incumbência. Tá certo falar assim?

Tico: Tá.

Cida: Então, a Joanna...

Joanna: Era a cozinha.

Cida: ... a cozinha.

Joanna (rindo): A melhor parte!

Cida: Eu era a arrumação... A Célia fazia o quê?

Joanna: Nada!

Cida: Não, ela fazia...

Joanna: Ela era pequena, Cida! Você também. Vocês não faziam nada!

Cida: Não... Fazia sim... Depois, quando nós mudamos pra (*Rua*) Guaicuí também, cada uma tinha uma...

Joanna: A da Cida era verificar se tava tudo em ordem...

Cida: Eu limpava a casa porque eu gostava. A Célia fazia comida, que ela também gostava. A Joanna acho que cuidava da roupa.

Joanna: Sempre as melhores coisas...

Cida: E lá na Guaicuí a gente não brincava muito. Brincamos muito na Ferreira de Araújo e no Brás, quando minhas tias e meus avôs moravam lá. Daí era aquela vida de criança!

Ah, eu tinha um tio que morava naquela vilinha, né, Joanna?

Joanna: Ah, é! O tio Séptimo.

Cida: A gente passava o ano-novo lá no Brás. Que delícia! Era uma vilinha cheia de casinhas, meu tio morava em uma delas, e a gente passava o ano-novo lá. Daí, quando era meia-noite...

Joanna: Quebravam-se pratos!

Cida: Náááão! A gente ia bater nos...

Joanna: Nos postes.

Cida: Nos postes! Com um martelo... ou alguma coisa. Era, sei lá, costume. Bater no poste. Eu vivi uma parte da minha infância bem legal lá no Brás também. Na casa do meu avô e com as minhas tias. Elas levavam a gente pra comprar roupa na (*Avenida*) Rangel Pestana. Que tinha lojas...

Joanna: Na Rua Oriente!

Cida: Não... Que Rua Oriente! Ainda não tinha Rua Oriente! Era na Rangel Pestana, tinha uma loja que eu não me lembro o nome. E os meus tios eram quem compravam, porque minha mãe tava naquela época numa situaçãozinha meio ruim, entendeu?

Eu tinha um tio que se chamava Séptimo, daí chegava no Natal, ele levava a gente na (*Rua*) Teodoro Sampaio, comprava um sapato pra cada uma. Lembra (*pergunta para Joanna*)?

Joanna: (*Faz um “não” com a cabeça.*)

Cida: Eu lembro! E tinha o tio Rafael que gostava de ir na minha casa pra fazer comida, ele era assim meio palhaço, né, Joanna?

Joanna: É!

Cida: Ele às vezes ia na minha mãe pra pintar a casa, daí a gente pedia pra ele fazer comida...

Joanna: Eu gostava da salada de tomate!

Cida: Salada de tomate!

Joanna: Com cebola, que era uma delícia!

Cida: Uma delícia que ele fazia.

Joanna: Lembro até hoje da saladinha de tomate do Rafael.

Cida: Ele também gostava de brincar de assustar a gente, né?

Joanna: Esse era o maior prazer dele.

Cida: Brincava de assustar. Saia todo mundo correndo!

Joanna: E quando ele trabalhava de noite, não sei onde, ele dormia num dos quartos lá da Ferreira de Araújo, e ele trazia dadinho, sabe aqueles dadinhos de chocolate? Ele punha tudo assim na janela, em cima, que era para a gente achar de manhã.

Cida: Lá na Ferreira de Araújo nós tivemos uma infância bem feliz.

Joanna: E esse quarto que ele dormia, tinha uma cama e a roupa pra passar, né? Hehehe... E de manhã a gente ia procurar as roupas pra passar, pra ir no colégio. Tinha chapéu... tinha tudo lá. E a gente ia tirando as roupas da cadeira e jogando tudo em cima dele... hehehe! Lembra, Cida? Ele ficava louco da vida!

Cida: Porque vinha o ônibus buscar a gente, mas era um uniforme rígido: manga comprida, um vestido em cima, meia comprida, sapato, chapéu e luvas. Tinha que entrar no ônibus de chapéu e luvas, né?

Joanna: É...

Cida: Então era uma confusão de manhã! O ônibus passava, a gente tava sempre atrasada...

E foi assim. Foi uma infância feliz, na casa do meu avô lá na Ferreira de Araújo.

Joanna: A gente era muito família. Todo domingo a gente se encontrava.

Cida: Ah é! Meus tios iam na casa da minha mãe, na Ferreira, e mesmo numa vila que a gente morava menor ainda, lá na (*Rua*) Deputado Lacerda Franco. Meus tios iam lá, daí eles começavam a cantar. Eles eram filhos de italianos, o Vitório e o Salvador. Eles iam cantar, daí os vizinhos iam todos lá pra assistir. Todo mundo cantava!

Joanna: Meu tio Vitório era barítono, né? Ele tinha uma voz linda. Muito linda. Meu avô cantava, meu tio Salvador cantava... Todo mundo cantava.

Cida: Só o Rafael que não cantava.

Vicentinho (*sobrinho*): Cantava, mas pouco.

Cida: Você lembra?

Vicentinho: Lembro!

Cida: O Vi tem uma memória!

Vicentinho: Ô se eu lembro!

Cida: Nossa, ele lembra coisa que eu não lembro... Sabia?

Tico: E aí era aquela festa lá.

Cida: Era aquela festa! Tivemos uma infância bem feliz.

Tico: Você falou que moravam numa vila, que era muito gostosa...

Joanna: Sim... tinha as vizinhas, graças a Deus nunca teve nenhuma discordância entre as partes (*risos*) eram todas da mesma idade, sabe. Mas eu não podia brincar muito porque ou eu tava no colégio, ou eu tava fazendo serviço de casa, ou eu tava no mercado. Então eu não tive infância de brincar, sabe? De ter amiguinha de infância... Tinha lá os meninos da vila, mas era mais homem do que mulher. Vizinha tinha a dona Mercília, que tinha dois meninos; depois tinha a dona Ester, que tinha dois meninos; a outra tinha três meninos... Só na última que tinha uma mais ou menos da minha idade e uma mais nova. O resto era tudo homem. Mas era gostoso, porque quando tinha festa... O homem que tinha os três filhos, o nome dele era Pedro, então no dia de São Pedro, como tinha um terreno enorme na frente, que até cavalo pastava lá...

Tico: Tinha cavalo lá?

Joanna: Do vizinho. Do que morava vizinho da vila. Ele era carroceiro. A gente falava carroceiro na época. Até a minha mudança lá da Lacerda Franco para a Ferreira foi de carroça! Hehehe. Não tinha a Lusitana (*empresa de mudanças*) ainda...

A gente tinha um gatinho, mas ele não quis ir com a gente, porque dizem que gato gosta da casa. Aí a gente enfiou ele num saco. Nossa, ele parecia um bicho doido! Nós largamos lá.

Tinha o Lulu também. Quando a gente mudou, tinha um cachorrinho, o Lulu. Quando a gente morava na Ferreira, tinha um jardim na frente com

uma muretinha, e ele ficava sempre na muretinha, o dia inteiro. Aí nós fomos pra Guaicuí. Ele saia todo dia da Guaicuí e passava a manhã lá na Ferreira, no murinho, depois ele voltava. Quando era mais ou menos umas quatro e meia, ele ia encontrar minha mãe no mercado e voltava com ela. Aquele cachorro, coitado, mataram ele lá no mercado. Porque tinha roubo nos armazéns, e acho que ele ficou lá. Minha mãe não viu, ele não foi atrás dela. Acho que ele começou a latir e enfiam... sabe aqueles negócios de furar saco? Enfiam no pescoço dele! E ele chegou a voltar até na porta de casa. Ele empurrava a porta, a gente foi ver, ele tava todo ensanguentado. Aí a gente levou no pronto-socorro, lá na (*Avenida*) Rebouças, mas ele morreu, coitadinho.

Ele não gostava da Cida. Porque a Cida chegava primeiro da escola e tinha que... A casa não tinha quintal, tinha só duas “arinhas” (*areazinhas*), então, onde ele ia fazer xixi e cocô? Aí ela chegava. Da escada ela já ia xingando o coitado do cachorro: “Esse porco! Esse nojento!”. E isso enchia o saco dele.

Aí um dia, ela tinha arrumado um namoradinho e tava toda arrumada esperando lá na “arinha”, olhando para ver se ele chegava. O Lulu foi e fez xixi nas pernas dela! Hahahaha! Você acredita? O cachorro era inteligente, viu! Ele falou: “Agora eu me vingo dela...” Hahaha! Teve que correr e tomar banho outra vez. Nossa, ela ficou com mais raiva do cachorro ainda. Ele era mais da Célia. Ela não falava de Lulu?

Tico: Sim, falava sempre dele.

Joanna: Então, ele era mais da Célia.

Cida: Eu tinha raiva... porque foi o seguinte, eu vinha do colégio e tinha que limpar o cocô e o xixi dele...

Joanna: O cachorro precisava cagar e mijar, né!?

Cida: Daí eu já chegava xingando...

Joanna: Eu acho que ela queria que ele fosse no buraco da privada fazer cocô...

Cida: Daí ele tinha medo de mim, o Lulu.

Joanna: Medo não, ele tinha ódio!

Cida: É, coitadinho. Daí um dia eu ia sair com um namoradinho meu lá

que eu tinha arrumado, ele pegou, eu tava na varanda esperando, ele veio e fez xixi no meu pé! Acho que ele falou: “Agora vou me vingar dela”!

Joanna: Hahaha!

Cida: Fez xixi no meu pé!

Joanna: Ela já entrava em casa assim: “Seu porco! Nojento!”. Ela nem tinha visto a cara do cachorro ainda. Ela já subia a escada xingando.

Cida: Mas o Lulu era o queridinho da sua mãe (*Célia*). O Lulu. Como gostava do Lulu. Nossa, ela adorava o Lulu. Daí ele morreu assassinado. Ele fugia à noite pra ir no mercado, daí acho que viram algum barulho e deram um tiro...

Joanna: Nãão... enfiam aquele negócio de furar saco...

Cida: Ah é! Tadinho. E ele veio até em casa, né, Joanna?

Joanna: Chegou em casa.

Cida: Morreu na minha casa.

Joanna: Não, morreu na clínica...

Cida: Ah, eu não lembro...

Joanna: Levaram ele na clínica...

Cida: É, não lembro...

Joanna: Lá na Rebouças era.

Cida: O Lulu...

Joanna: Aí de vez em quando saíam uns “forrobodós” como eu te falei. A Cida e a Célia se pegavam, aí elas pulavam o muro...

Cida: Eu não lembro muito... eu não lembro muito...

Joanna (*imitando como se fosse uma discussão entre as duas*):

— Eu que enxuguei a louça, vai você fazer isso agora!

— Não vou!

— Vai!

— Não vou!

Minha mãe sempre falava que o sono dela era sagrado, que depois do almoço ela ia tirar o cochilinho dela. Aí ela levantava raivosa com o barulho e ia pra chinelada. Elas (*Cida e Célia*) fugiam, né? Deixavam eu lá no lugar delas.

Tico (*para Cida*): Você se lembra disso?

Cida: Lembro. Dava no pé, eu e a Célia.

Joanna: Pulavam o muro! A gente tinha um quintalzinho pequeninho, como uma área, elas punham a cadeira, subiam no muro, pulavam e iam para a casa da Laís.

Cida: Pra casa da Laís.

Tico (para Cida): E você se dava bem com a Laís desde sempre?

Cida: Sempre! A Laís é uma amiga de criança que ficou até hoje. Quando eu tive o Vi e mudei para a (*Rua*) Cerro Corá, a Laís que foi me ajudar a arrumar os guarda-roupas...

Joanna: Ela adora arrumar!

Cida: Ela adora arrumar! Daí eu tinha o Vi pequeno e tava grávida do Fábio, ela foi lá, me ajudou a arrumar as roupas, ficou lá comigo. Assim, é uma amiga de infância que é uma amiga até hoje. É uma amiga sincera até hoje!

Joanna: Ah, mesmo quando meus filhos eram pequenos, ela levava todo mundo, as crianças de domingo à tarde. Ela era uma mão na roda.

Cida: Ela dirigia né, naquela época?

Joanna: Ela levava a gente em todo lugar, sabe? Tava sempre em casa, dormia em casa, é uma amigona ela. Aquela amiga de verdade, sabe?

Cida: É.

Joanna: Não ia só pras festas... Ela ia, ajudava. Tava todo fim de semana lá na minha casa, lá na Guaicuí.

Cida: É. Sempre com a gente. Com a minha mãe. A mãe dela também era muito amiga da minha mãe.

Joanna: Ela ia ajudar a minha mãe no mercado também. Era sempre uma farra.

1.5.

Amizades de infância que permaneceram com o tempo

Tico: Então, pra começar...

Laís (amiga): (*Assobiando.*)

Tico: ... como vocês se conheceram?

Laís: Como nós nos conhecemos? O meu pai tinha feito três casas pegas à minha casa na Rua Ferreira de Araújo, e ele colocou para alugar. Uma das casas quem alugou foi a dona Concheta, a mãe da Joanna. Daí elas mudaram, moraram lá... Não sei quantos anos vocês moraram...

Joanna: Também não...

Laís: Moraram alguns anos lá, e aí começou a nossa amizade. Eu me lembro que quando elas mudaram, logo em seguida a Célia fez seis anos. Isso eu me lembro como se fosse hoje.

Joanna: Quando? Quando nós mudamos pra lá?

Laís: É. Ela tinha feito seis anos e parece...

Joanna: Seis anos... Eu tinha doze, então.

Laís: Eu nunca esqueci. Parece que a sua mãe (*olha para Joanna*) também tinha feito um beijinho, uns doces de beijinho, que eu adorei! Isso eu lembro bem. Eram todas crianças.

Joanna: Dando uma chave aí, era assim: a minha mãe levantava muito cedo para ir ao mercado, coitada. Então, domingo à tarde era sagrado: ela deitava e dormia. E era a hora que ficava aquela briga para ver quem ia lavar a louça e quem que não ia. Saía aquele “forrobodó”. A minha mãe levantava com o chinelo na mão, as duas pulavam o murinho e iam pra casa da Laís. E quem levava a lambada era eu...

Laís: Hahaha... Porque você não era esperta! Hehehe.

Joanna: Porque era assim: a nossa casa e a casa da Laís (*mostra com as mãos as estruturas das casas, coladas uma na outra*). Mas foi muito gostoso lá.

Laís: E tinha até um quintal, né... Tinha um portão, né, Joanna?

Joanna: Tinha, é.

Laís: No corredor, que era grudado com a minha vó que morava nos fundos, meu pai tinha deixado um portãozinho.

Joanna: E elas pulavam o muro e se safavam da surra, e quem levava era eu, né, Laís?

Laís: Hehehe... é! E a dona Concheta voltava a dormir, Joanna?

Joanna: Ah, depois ela já tava nervosa... ela ficava nervosa. Ela falava que o sono dela era sagrado: “Meu sono é sagrado!”.

Laís: Era sagrado. Porque de domingo ela levantava bem cedo, né? Levava bem cedo mesmo.

E foi assim. Aí elas mudaram pra Rua Guaicuí, e a amizade continuou. Da Ferreira de Araújo elas foram pra Guaicuí.

Joanna: À noite tinha sarau na casa da Laís porque o pai dela tocava sanfona. Lembra, Laís? A gente ia lá à noite, ficava sentada naqueles bancos lá fora, ele tocando a sanfona.

Laís: Meu pai tinha aquela sanfoninha antiga, não era essa... Era uma gaita, sabe? Um tipo de gaita que vai aqui assim (*faz uma demonstração com as mãos, mimetizando o contato com o instrumento e o jeito de tocá-lo*), era uma coisa antiga, uma coisa bem antiga mesmo.

Tico: A sua família continuou na casa?

Laís: Continuamos na casa, sim.

Joanna: Foi muito gostoso aquele tempo, e apesar da mudança, nós nunca deixamos de ter amizade com a Laís.

Laís: É verdade.

Tico: Vocês continuaram se vendo frequentemente?

Joanna: Nossa, sempre!

Laís: Minha mãe às vezes falava assim, de quarta-feira que a gente ia lá, minha mãe falava assim: “Vamos até a casa da dona Concheta?”. Daí ia eu com a minha mãe. Gostoso, né? Aí a gente chegava lá, e como sempre, tava a dona Concheta, a Célia, a Cida, a Joanna, acho que você já morava embaixo, né, Joanna? Era uma festa, né? Daí a gente ficava até umas nove, nove e pouco... Aí vinha eu com a minha mãe pela rua, só nós duas. Nem tinha... nem se falava em perigo. Nada, nada. A dona Linda também ia sozinha na casa da Joanna. Ela ficava lá até 11 horas, depois saia de lá, pegava até a (*Rua*) Fernão Dias.

Laís: E outra coisa que a gente gostava também era de encontrar a dona Judite, né, Joanna?

Joanna: Nossa, a dona Judite...

Laís: Quando ela tava na casa da dona Concheta, era uma delícia! Uma graça a dona Judite, puxa vida. Muito simpática mesmo, a gente sente, né, Joanna? Eu lembro de uma vez que tava eu, a Célia e a Dona Judite. Elas co-

locaram um CD... CD não, um Long Play (*LP*) de músicas italianas. A dona Judite, tão gentil, ia traduzindo pra mim. Eu lembro até a “Fiori Fiorentino”.

“♪ Fiori, Fiori, fiorelino...♪” (*canta um trecho da dita música*).

Daí ela ia contando, traduzindo e contando a história em português para mim. Gostoso. Uma delícia, né?

Tico: E vocês três se conhecem também desde aquela época de criança, ou não? Cidoca e Laís.

Cidoca (prima): Ah, sim.

Laís: Também.

Joanna: Acho que quando a Cidoca ficou mocinha, né? Que você ia pra minha casa.

Cidoca: Quantos anos você tinha quando seu pai morreu?

Laís: Acho que eu tinha 27... Não, 28.

Cidoca: Então eu devia ter uns 17 anos...

Laís: Não Cidinha, eu te conheço ó... (*faz um gesto com a mão que, caso fosse uma palavra, seria classificada como advérbio de intensidade*).

Cidoca: Menos... menor eu era...

Laís: Há 40 anos, quando você começou a trabalhar, eu já te conhecia, porque eu ia lá no seu serviço.

Cidoca: Imagina, muito antes Laís, eu tinha 28 anos lá.

Laís: Pois é. É.

Cidoca: Você me conhece desde uns 14, 15, nem isso, muito antes até. Eu sempre fiquei na casa da dona Concheta, eu ficava no mercado, eu era pequena, ficava lá com 10 anos.

Laís: É verdade.

Cidoca: Sentada num monte de lata de bolacha, comendo macarrão cru! Ai! Cappelletti, ravióli... Minha mãe falava assim: “Você vai pro mercado, você vem até amarela de tanto comer macarrão cru!”. E eu comia um monte. Delícia.

Laís: É, era gostoso.

Cidoca: E vendia panetone e vendia não sei o quê...

Laís: Muito bom, né?

Cidoca: Era bom, né Joanna? Eu era pequeninha. E a gente ia na casa da Laís às vezes de noite.

Laís: É, de noite, ia conversar. Ia você, a Célia, a gente ficava lá batendo papinho.

Cidoca: Passava trote para as pessoas no telefone, olha que retardadas...

Laís: Passava trote, né, Cidinha? A gente passava trote!

Cidoca: Olha só que coisa absurda. Hehehe!

Laís: Hahaha! “É do açougue?”. Olha essa...

Tico: E vocês são próximas desde sempre e nunca se desgrudaram?

Cidoca: Desde sempre. Desde sempre.

Joanna: Você vê que ano... a Célia nasceu em 45, com seis, dá 51. Desde 51. 1951.

Tico: E a Cidoca vem depois.

Cidoca: Eu nasci em 53.

Laís: Mas nasceu dentro da família já.

Joanna: Você nasceu em 54!

Cidoca: 53! Novembro de 53.

Laís: Já era família. Sua mãe era...

Cidoca: Minha mãe era irmã do tio Nenê (*Angelo, pai de Joanna*).

Laís: Era tia da Joanna?

Cidoca: É, tia da Joanna. Eu nasci...

Joanna: Você nasceu, eu tinha 15 anos!

Laís (começa a cantar): “♪ Eu tinha 15 anos, quando você nasceu... ♪”

Cidoca: Eu nasci em novembro de 53.

Joanna: No ano do 4º Centenário, você nasceu.

Cidoca: Eu nasci em novembro...

Joanna: De 54, Cidinha!

Laís: “♪ Você tem 20 agora, e que me conheceu... ♪”

Joanna: No ano do 4º Centenário.

Cidoca: O aniversário de São Paulo foi em janeiro...

Zé Carlos (cunhado): Tá com o RG aí? Mostra pra ela!

Laís: “♪ Vivemos num segundo... Hummm nu uh uh... ♪”

Cidoca: Ó, 27 de novembro de 53. A Célia era de que dia de novembro?

Zé Carlos: Quatro.

Joanna: 45.

Cidoca: 4 de novembro... Há?

Joanna: 45.

Cidoca: Então, e eu de 53. Ela é oito anos mais velha que eu. E alguns dias. É.

Joanna: 53. 39. Eu era 14 anos mais velha que você. Sempre achei que fosse 15...

Cidoca: É quase 15 porque eu nasci em novembro. Dezembro, janeiro, fevereiro: nove meses. Catorze anos e nove meses.

Joanna: É, é.

Cidoca: É.

Laís: É. Então tinha mais anos.

Tico: E todo mundo frequentava a Guaicuí.

Laís: A Guaicuí era o ponto de encontro.

CAPÍTULO 2

MOCIDADE E INÍCIO DA VIDA ADULTA

Fim dos anos 1950 e início dos anos 1960

2.1.

Nos bailes e carnavais

Joanna: Na Guaicuí era gozado porque minha mãe fazia macarrão, e aí juntava todo mundo no sábado pra ajudar ela. Depois a gente queria ir para o baile, então recheava bastante o cappelletti, e no dia seguinte eles abriam todos. Minha mãe queria matar a gente... hehehe!

Laís: Isso não era na Ferreira de Araújo? Na Guaicuí sua mãe chegou a fazer massa?

Joanna: Fazia também.

Laís: Por causa daquele cilindro, né? Eu tô lembrando... que tinha na cozinha.

Joanna: Cilindro que o Rafael uma vez pôs a mão, lembra?

Laís: Noooossa. Não...

Joanna: Isso foi lá na Ferreira. Ele passou a mão no cilindro.

Joanna: Quando a gente ficava mocinha, a gente ia no baile à noite. Ali naquele clube que tinha ali... perto do... Esqueci o nome da rua que você (*Tico*) fazia natação.

Tico: Piratininga.

Joanna: Piratininga

Cida: Eu nunca fui.

Joanna: Ah, ia com a Eunice, vai...

Cida: Eu nunca fui. Você era mais velha.

Joanna: Ah, você era chique... Ela era chique... (*dá uma piscadinha*). Ela não gostava dessas coisas.

Lá era gostoso, eu com a Eunice, uma amiga minha que eu tinha, a gente ia quase todo sábado. Primeiro ajudava a minha mãe a fazer os macarrões dela. Fazia cappelletti, ravióli, enchia de carne pra acabar logo, pra gente ir embora...

Cida: Aí estourava.

Joanna: No dia seguinte estourava tudo, minha mãe queria jogar na cara da gente!

Cida: Todo sábado, minha mãe vinha do mercado e era eu, a Joanna, a Célia...

Joanna: A Hélia.

Cida: ... a Hélia, que é essa moça que ajudou a cuidar da gente...

Joanna: A Eunice.

Cida: ... a Eunice, uma amiga da Joanna. Tudo fazendo macarrão. Até o irmão da...

Joanna: Da Laís.

Cida: ... da Laís ajudava a fazer macarrão. Minha mãe fazia tagliarini, cappelletti, ravióli... E a gente ficava cantando, fazendo ravióli, cappelletti. Minha mãe fazia uns doces, torta de limão, né? Lembra?

Joanna: (*Assente, com a expressão admirada*.)

Cida: E era isso. E a gente nunca reclamava...

Joanna: Era, como é, que teve um filme? “Não sei que lá, suor e diversão”...

Vicentinho: “Suor e lágrima”, né?

Joanna: “Lágrimas, suor e diversão”.

Cida: É...

Joanna: Mas era outra vida, era outro tempo.

Cida: É, era outro tempo...

Joanna: As músicas, a gente sabia cantar todas...

Cida: Ah... uma música que eu cantava quando ia lavar louça, e minha mãe nunca esqueceu. Eu lavava louça e ficava cantando a música “Índia” (*começa a cantar*): “♪ Índia, seus cabelos... ♪ ”

E ficava lavando louça cantando. Pra você ver como era tudo tão feliz. Em vez de ficar xingando, ficava cantando.

Cida: Outra que nós curtimos muito foi Itu, né?

Joanna: Todo carnaval a gente ia passar em Itu.

Cida: Todo carnaval.

Joanna: E pulava as quatro noites.

Cida: As quatro noites! E a gente ainda ia ver as matinês. Daí como eram “aqueles tempos” (*faz um gesto seguido de um olhar para cima*), iam os meus primos, as minhas primas — que eu tinha um monte de primos. A gente voltava tudo à pé, sabe? Ninguém bebia, não tinha briga, não tinha nada. Era aquele carnaval saudável mesmo, sabe? Gostoso, de curtir, dançava muito. Foi um tempo bom lá em Itu também.

Joanna: Uma vez nós fomos lá passar o carnaval, eu já tava trabalhando na Caterpillar. Eu entrava na quarta-feira de cinzas, uma hora da tarde. E uma prima minha era casada com um caminhoneiro. Então nós dançamos até as cinco da manhã, pegamos o caminhão e viemos embora. Chegamos em casa, minha mãe tava de mudança, da Ferreira de Araújo para a Guaicuí, e eu fui trabalhar sem dormir aquele dia, não sei como eu aguentei.

Cida: É, mas quando a gente é jovem, aguenta, né?

Joanna: Todo carnaval a gente ia pra Itu. Todo.

Cida: Só lá, de um tio meu, tinha quantos filhos?

Joanna: Oito irmãos.

Cida: Oito filhos! Oito primos.

Joanna: Tio Bepe.

Cida: E tinha uma tia minha também que ela era parteira, a tia Maria. Ela era parteira num hospital.

Joanna: Na Santa Casa de Itu.

Cida: Na Santa Casa. Então a gente chegava, ia lá ver, cumprimentar ela, daí a gente ia no berçário ver os bebês. Ela mostrava pra nós. Depois, a gente ia na casa dela à tarde, tinha um quintal cheio de pé de fruta. Daí ela pegava caju do pé e fazia suco. Nunca me esqueço do suco de caju que ela fazia geladinho! Ai, que delícia! Pegava do pé e fazia o suco. Uma delícia. Isso eu nunca me esqueço.

Joanna: Itu era muito gostoso!

Cida: Ééééé... Também vivemos uma... uma ... uma...

Joanna: Sossegado, sabe? Todo mundo: “Óóóó!”. Eles não falavam “bom dia”; “oi” era “óóóó!”.

Cida: “Óóóó!”... é... “óóóó!”.

Joanna: “Óóóó!”. Hehehehe.

Cida: Não falavam “bom dia”, “boa tarde”, era “óóóó!”.

“Óóóó, Joaninha!”. Ela era a Joaninha, eu era a Cidinha: “Óóóó, Cidinha”.

Daí tinha uma tia minha, Emília, e a gente ficava lá. Todo dia de tarde era sagrado. Almoçávamos e depois, quando eram duas e meia, três horas, ela falava baixinho (*imita-a falando bem baixo*): “Venham tomar cafééé!”. Daí ela fazia café com leite, pão e manteiga, né?

Joanna: Olha, era todo dia a mesma coisa: arroz, feijão, bife e salada. De domingo tinha arroz, feijão e macarrão. Que ela fazia macarrão junto.

Cida: Isso eu não lembro bem.

Joanna: Mas ela cozinhava tão gostoso!

Cida: É...

Joanna: Sabe comidinha de fogão à lenha? Era uma delícia!

Cida: É, foi um tempo muito bom lá em Itu. Eu, graças a Deus, vivi uma infância e uma mocidade muito felizes. Muito feliz mesmo. Uma coisa sadia, ia em bailes... Eram outros tempos, lógico, né? Não tinha medo...

2.2.

Trabalhei desde cedo e não esquentava cadeira no trabalho

Joanna: Eu **comecei cedo a trabalhar**, porque o que a minha mãe passava, eu passava junto, entendeu? Quantas vezes, à noite, ela não chorava porque precisava pagar o aluguel... E eu queria começar a trabalhar logo para poder ajudar. Tanto que eu me formei no dia 17, no dia 26 de dezembro eu já estava trabalhando. Rapidinho. Foi no baile de formatura que o pai dessa colega minha me convidou para ir lá ajudar.

Eu me formei, fiz o técnico de secretariado, uma semana depois eu estava trabalhando com o pai de uma das alunas do colégio que era diretor da Cobrasma. Eu fui ser auxiliar da secretária dele. No colégio, as meninas eram muito ricas, e o técnico de secretariado era mais um curso “espera-marido” ou então para você ser freira. Assim, o que me interessava, que era datilografia, por exemplo, eu não tive. Então, a máquina de escrever manual se tornou um monstro para mim. Comecei a trabalhar com 18 anos e não sabia datilografar. Aí um dia eu falei “acho que a máquina quebrou...” para a moça que era secretária do homem com quem eu fui trabalhar. Ela falou: “Vem bater na minha”. Eu falei que não sabia bater máquina elétrica, e ela: “Minha máquina não é elétrica!” (*risadas*). Porque ela digitava bem, sabe? Pra mim parecia que ela tava digitando em uma máquina elétrica.

Daí um genro da comadre da minha mãe trabalhava na Caterpillar e me arrumou um lugar. Eu saí correndo porque eu morria de vergonha daquela secretária lá da Cobrasma.

E foi engraçado... Posso mudar para anos depois?

Tico: Claro!

Joanna: Essa secretária era toda chique, ela usava luvas para sair, salto alto... E eu fui uma negação quando eu trabalhei com ela. Acho que trabalhei uma ou duas semanas só. Eu morria de vergonha porque eu não sabia datilografar. Aí quando o cara ofereceu o emprego lá na Caterpillar, eu saí correndo, fui embora para lá.

Anos depois, eu já estava desquitada, foi 1973... 74, eu trabalhava na Leco, mas a empresa era muito longe para mim, meus filhos eram pequenos, era

bem longe. Meu chefe chegava às cinco, seis horas da tarde, e queria trabalhar, e eu queria ir embora.

Aí fui procurar um emprego. Eu tinha uma amiga que me ajudou muito, depois eu vou falar dela (*risadas*). Ela me mandava para os lugares para trabalhar, sabe? Dava as cartas (*de recomendação*) para ir. Aí eu fui num lugar para trabalhar no departamento jurídico. Eu fui... Quem é que eu encontro lá de secretária do diretor? Era essa secretária aí! Eu falei: “Puta merda, agora ela vai se lembrar de mim e não vai deixar nem eu falar com o cara...”. Mas já tinham se passado muitos anos, eu tinha 18 quando ela me conheceu. Depois, nesse novo encontro, eu tinha 34. Aí ela não me reconheceu. Fiquei quietinha... hehehe...

Então, quando o cara me deu a carteira assinada, eu fui lá e falei: “Anna, você não se lembra de mim, né?”. Ela falou: “Não!” (*risadas*).

Eu falei: “Você lembra da Cobrasma? Eu era amiga da Vera, filha do Doutor Vítor”.

“Ah, você que era aquela menina que ele mandou para me ajudar?”

Hahaha. Mas aí eu já tava empregada, que se danasse... Mas olha a coincidência, menino...

Eu reconheci porque ela já era balzaquiana quando eu trabalhei com ela, entendeu? Mas eu era uma menina com 18 anos, eu pesava 40 quilos! Depois, com 34 anos, eu tinha os três filhos já. Mas eu reconheci e morri de medo de ver ela, hahaha! Falei: “Ela não vai nem deixar eu falar com o homem hoje...”. Hahaha!

A vida prepara umas coisas engraçadas para gente, né?

Tico: E depois você continuou trabalhando com ela?

Joanna: Continuei! Dez anos eu trabalhei com ela. Até hoje ela é minha amiga. Ela participou de toda a minha... como é que fala?... Da minha epopeia. Da minha vida de trabalhar, de criar três filhos... E foi assim.

Depoimento escrito e enviado por Anna Jubasz

Lembra quando começamos a fumar na sala de reuniões? Aprendemos a jogar buraco, e um cigarrinho estava faltando. Mada fumava cigarro forte e infectava a sala. Nós comíamos nosso lanche de almoço e jogávamos. Lembra do seu vestido azulão? Pois é, seu cigarro fez um furo na saia. Disse pra você levar o vestido no dia seguinte que eu consertaria o furo. Ficou bom.

Não entendia como você perdia tudo na sua mesa. Sempre me perguntava se tinha visto seu isqueiro, o grampeador, o furador de papel, e por aí vai. Até que percebi que era mania sua e não respondi mais. Havia uma pequena empresa que era a sua diferença quando o chefe pedia um processo. Arquivo pequeno, mas era sempre uma tragédia, nunca achava o processo. Aí vinha a pergunta: você viu o processo? Essa empresa pequena era a sua diferença.

Lembra quando saímos pra almoçar? Éramos quatro secretárias. Vinha em nossa direção um rapaz sorrindo, e nós achamos que era amigo de uma delas. Não era amigo de ninguém. Arrancou a corrente e a medalha do pescoço de uma das e correu ladeira abaixo. Ela queria correr atrás, mas nós não deixamos. Jamais iria alcançar o bandido. E o fotógrafo lambe-lambe? Resolvemos fazer uma foto. Foi feito, e pedimos pra entregar no mesmo dia porque éramos de Curitiba e estávamos só de passagem, já iríamos voltar naquele mesmo dia. Ele acreditou e fez a entrega.

Mais uns de Joanna: ela sentia frio e estava sem meias. Mandou o boy comprar meia-calça e foi pro banheiro. Tirou a calça comprida, pendurou, calçou a meia e ia saindo pra sala. Sentiu um ventinho frio e viu que a calça ficou pendurada.

Essa era a Joanna! Será que mudou? Duvido.

Joanna: Aí na época que eu saí da Cobrasma, em 57, eu fui fazer um curso de datilografia na Remington e me tornei a melhor datilógrafa! Eu batia dois

mil caracteres em um segundo (*sic*), na máquina manual.

Tico: Em um segundo?

Joanna: Em um segundo! Eu fazia sambinha na máquina...

Aí, depois, eu fui para a Caterpillar porque lá eu entrei como estenodatilógrafa. A gente estudava estenografia. Sabe o que é isso?

Tico: Não...

Joanna: Taquigrafia também você não sabe o que é?

Tico: Mais ou menos...

Joanna: Nessa parte da história eu era estenodatilógrafa. Mas eu queria ser secretária na caderneta, na carteira de trabalho. Eu queria que tivesse o meu DRT na carteira de trabalho, porque eu tinha feito o técnico de secretariado, mas para eu chegar a ser secretária na Caterpillar, eu tinha que esperar alguém morrer porque o pessoal de lá não saía. Era tipo... tipo funcionário público, sabe? Como é que fala quando é... perene... não... Como é que fala?

Tico: Perene... perpétuo...

Joanna: É isso aí. Aí, nas minhas férias, eu fui ver um emprego. Estavam precisando de uma secretária para o diretor técnico. Me arrisquei e fui. Chorei quando saí da Caterpillar, porque eu adorava lá.

Quando eu trabalhava na Caterpillar, eu fazia parte do coral de lá.

Tico: Que tipo de música vocês cantavam lá, lembra?

Joanna: Ah, nem me lembro... Escuta... isso foi em 1957! Olha minha carteirinha do Clube da Caterpillar (*mostra a carteirinha no álbum de fotos*). Não tem a data? Tem, 1957...

Tico: Mas essa é a data da fundação...

Joanna: Mas foi o ano que eu entrei, eu sou a fundadora! Hahaha! Aqui no Brasil eu fui fundadora. Era na Vila Leopoldina. E a Fresinbra (*local do emprego seguinte*) também.

Nisso a gente já tinha se mudado lá para a Ferreira de Araújo. Éramos vizinhas da Laís. E depois, em 1960, minha mãe mudou para a Guaicuí, quando eu já tava trabalhando e ganhando.

Então, eu peguei e pedi demissão, fui trabalhar na Fresinbra, onde eu conheci o Léo. Era lá na (*Vila*) Leopoldina também. Na... antes de chegar na... porque era na... Ah, esqueci o nome daquela rua... esqueci... Porque tinha a Avenida Leopoldina, onde era a Caterpillar, e tinha essa rua que descia assim... Aí eu comecei a trabalhar lá.

Comecei a namorar com o Léo, mas também fiquei pouco tempo, porque eu era a secretária do diretor técnico, e no prédio, em cima era o escritório, embaixo era a fábrica. Era fábrica de freios para trem, então tinha aquela campainha, sabe? “Tim, tim, tim!”, quando o trem vai passar na porteira. E ele levou o nosso departamento para baixo, na parte da fábrica. Eu ficava escutando todo dia aquela merda daquela campanha “Dém, dém, dém, dém...”. E quando a gente passava no meio da fábrica, os operários de propósito soltavam o freio, sabe freio de tem? Faz “Tchhhhhhhh!!!”. A gente dava cada pulo de susto... Eles faziam de propósito. Aí eu peguei e saí de lá.

Eu não esquentava cadeira no trabalho, não. Num tava do meu gosto, eu partia para outra. Então eu fui trabalhar no Moinho Santista, onde eu fiquei até engravidar do Paulo. Quando eu estava com três meses de gravidez, me deu uma estomatite, minha boca encheu de afta, na garganta toda. Eu fiquei 15 dias em casa. Quando eu cheguei lá, eles me deram as contas. Naquela época não tinha essa história que não pode mandar grávida embora, entende? Aí não trabalhei mais. Fiquei quase dez anos sem trabalhar.

CAPÍTULO 3

CASAMENTO, MATERNIDADE E DIVÓRCIO

Década de 1960 e início de 1970

3.1.

Casamento

Joanna: Eu casei, o Léo era que nem cigano. Moramos em São Paulo, depois ele se mudou para Jacareí, voltamos para São Paulo, depois fui morar em Campinas, porque ele viajava muito.

Minha mãe queria que eu fosse freira. Tanto que ela não queria nem que eu namorasse. Comecei a namorar tinha 21 anos, porque ela falava: “Namorar só depois que se formar”. Aí eu me formei com 18. Ainda tive três anos né, para começar a namorar... (*risos*).

Tico: Você namorou só ele antes de se casar?

Joanna: Só ele, foi o meu primeiro namorado. E minha mãe não queria, ela não aceitava. Primeiro porque ele era pobre, e ela — acho — não queria que eu casasse. Porque eu era aquela que trabalhava e entregava o salário inteirinho na mão dela. Até quando eu saí de casa. Ela que me dava dinheiro para

condução, me levava comprar roupa... Acho que ela não queria que eu casasse não. Acho que ela queria que eu ficasse solteirona para ficar junto com ela.

Mas eu voltei, né? (*depois do divórcio*) Voltei. Fui ser vizinha dela! Hahaha! Com mais três! Pra deixar ela bem louca!

Joanna: Ah, preciso te contar um causo da minha “lua de mér”. Foi lá em Caraguatatuba. Eu arrumei várias amigas que estavam lá em lua de mel também, uma delas se tornou minha comadre (Aurélia), eu batizei a filha dela, mas ela já tinha uma filha de três anos. Tinha um casal de Matão, tinha um casal perto de Poços de Caldas, como chama?... Ah, esqueci... era lá de Minas... e outro casal de São Paulo. E nós ficamos todos amigos. O meu comadre tinha uma Aero Willys, não sei se você sabe o que é uma Aero Willys. É uma peruona. E o outro tinha um Fusquinha.

Então a gente saía juntos. Aí um dia, nós resolvemos passar o dia na Ilhabela. Fomos de balsa. Passamos o dia lá, torramos todo o dinheiro que levamos. Aí à noite, nós fomos para a praia para esperar o *ferry boat*. Veio um aviso de que ele não viria naquela noite. E nós de shortinhos, dentro do carro, um calor desgraçado, os pernilongos comendo a gente. Com a janela fechada não dava pra ficar porque tinha muita gente no carro. Com a janela aberta, os pernilongos matavam a gente.

Aí um deles teve a ideia: “Vamos voltar para a cidade, a gente fala com o delegado se ele não pode ir com a gente até o hotel. Fala quem nós somos, tal...” — como se a gente fosse muito conhecido, né? Hehehe! — “E aí, amanhã, a gente vem pagar”. Nós fomos à delegacia, e o delegado falou: “Olha, se vocês querem saber, nós temos celas aí, todas vazias. Foram todas pintadas, o colchão é novo...”. Adivinha onde a gente dormiu? Na delegacia! Acho que por isso que o meu casamento não deu certo, hahahaha!

Tico: Mas por fim vocês dormiram bem?

Joanna: Ah, dormi bem, era um colchãozão bom... hehehe!

Tico: Mas depois, na delegacia, eles serviam café da manhã?

Joanna: Hahaha! Serviam nada! Hahaha! Mas foi uma turma gostosa, a gente pegou amizade. Tanto que eu sou madrinha de uma das filhas da Aurélia.

3.2.

Nascimento dos filhos, mudanças e vida no interior

Joanna: Depois que eu casei, o Paulo nasceu, e o Léo viajava muito, eu não trabalhei mais. Fiquei quase dez anos sem trabalhar. Ele viajava muito, e eu ficava sozinha com as crianças. Não tinha parente nem nada. As crianças pequenas, e eu sozinha com elas lá em Campinas. E o Léo viajava de fim de semana porque ele tinha as amantes dele por aí, entendeu?

Tico: Você estava morando em Campinas na época?

Joanna: Morava em Campinas. Morei dois anos lá.

Tico: E foi lá que os seus filhos nasceram?

Joanna: Não, nenhum nasceu lá. O Paulo, quando nasceu, eu morava no Sumaré. Quando a Mônica nasceu, eu morava em... Cam... ai meu Deus, eu falei para você onde eu morei...

Tico: Jacareí?

Joanna: Jacareí! Quer dizer, ela nasceu aqui em São Paulo, porque eu vinha ter eles aqui. E a Andréa nasceu aqui também, quando eu morava na Ferreira de Araújo. Sabe a (rua) Sumidouro? Era assim, na Ferreira de Araújo tinham umas casinhas ali na esquina. Eu morava numa daquelas casinhas quando a Andréa nasceu. Aí ele (*Léo*) quis mudar para Campinas.

Tico: E como estava o seu contato com sua mãe, sua família?

Joanna: Ah, eu vinha sempre para cá. Eu vinha, ou então, de fim de semana, a Célia e a Cida iam para lá. Mas era muito ruim porque eu não conhecia ninguém, era um lugar bonito, mas você não via vizinho. Era isolado, sabe?

Os mimos das tias

Cida: Eu sei que eu curti bastante os meus sobrinhos. Nossa, era assim, a minha vida, né? Amava vocês como se fossem meus filhos.

Joanna: Eu adorava quando você chegava da Caterpillar, o Paulo tava dormindo, você ia lá pegar ele, acordava ele...

Cida: Aaaaaiiiii... Quando o Paulo nasceu eu fiquei boba, parecia que era meu filho! Eu chegava louca pra pegar o Paulo. Ele tava dormindo, eu pegava “ai, deixa eu pegar um pouquinho...”, e ficava cantando pra ele música japonesa!

Vicentinho: Hehehe! E você sabia cantar música japonesa!?

Cida: Não, eu inventava.

Tico: Como era a música japonesa?

Cida: Ahhh... *konichiwa*... ah... eu não lembro... eu não lembro...

Joanna: “♪ Tarararan rarararan tarararan... ♪” (*emula uma cantoria, ao que ela indica, no modo tradicional japonês*).

E tinha que entoar: “♪ Rararirarannn... ♪”. Igual japonês, se não ele fazia assim: “An An” (*faz uma demonstração do Paulo se contorcendo*). Aí a gente enchia o saco, cantava outra música, ele não queria, só queria essa. Uma vez, nós deixamos ele sozinho com o Léo. O Léo ficou louco. Porque ele queria que o Léo cantasse essa música, e o Léo não sabia. Hehehe!

Cida: A gente mimava bastante eles.

Joanna: Depois eu que tinha que domar o bicho

Cida: Eu e a Célia mimávamos bastante.

Tico: Mas de onde surgiu a música japonesa? Vocês ouviam?

Cida: É porque lá em Pinheiros tinha muita loja japonesa. Eu não sei onde que eu escutei essa música, se era caixinha de música... Daí eu comecei a cantar pro Paulo. E a Célia cantava aquela: “♪ Uma fada, tão linda... ♪”.

Joanna: Aí o Paulo, depois que eu mudei pra Jacareí, ela (Célia) tava no ônibus já, e eu tava lá fora: eu, o Léo e o Paulo. Ela começou assim, do ônibus (*imita-a em um canto plácido, quase etéreo*): “♪ Uma fada, tão linda... ♪”.

Aí o Paulo (*faz voz de choro desesperado*): “Áááá... Eu quero a tia Célia!”. Ela precisou trazer ele pra São Paulo! No dia seguinte, o Léo foi buscar... hehehe. Mas ela fazia de propósito (*imita-a placidamente, acenando uma mão em despedida*): “♪ Uma fada, tão linda... ♪”.

Hahaha! Nunca me esqueço da tia Célia.

Cida: O Paulo, sempre que a gente ia pra Campinas — que a Joanna morava em Campinas —, quando ia embora, que levavam a gente no ponto de ônibus, o Paulo acabava vindo embora com a gente, né?

Joanna: É.

Cida: Ou comigo ou com a Célia. Ele vivia em casa.

Joanna: Zé, lembra uma vez que ele tava em Santos, que você teve que levar ele? Nós estávamos em Santos, né?

Zé Carlos (*fazendo um sinal de “negativo” com o dedo*): A Célia que tava

com uma amiga que trabalhava com ela na Light (*antiga empresa fornecedora de energia elétrica de São Paulo*).

Joanna: Ah, é! Ele quis vir embora, depois quis voltar, né?

Zé Carlos (*faz “sim” com a cabeça*): Eu levei ele, aí depois fui buscar.

Zé Carlos: Ele foi comigo pra Santos e pegou o biquíni da mulher!

Joanna: Hahaha!

Zé Carlos: Era pra pegar a cueca dele... Eu vim embora de Santos, trouxe ele, elas iam ficar mais tempo, a Célia com uma amiga que trabalhava com ela lá na Light. Eles iam terminar as férias pra depois voltar. Eu vim embora com o Paulo, eu trabalhava, foi em um fim de semana. E naquela correria toda “vambora, vambora”, se não a gente não consegue chegar na rodoviária a tempo de pegar o ônibus”. Ele viu um negócio lá, passou a mão, botou na malinha dele, e viemos embora. Não era a cueca. Ele deixou a cueca e trouxe o biquíni da mulher! E aí a mulher lavou o outro biquíni, não tinha biquíni pra ir pra praia. Hehehe. Depois o biquíni dela ela só pegou quando voltou. Mas sei que foi um “perereco”, a mulher ficou doidinha! Doidinha, doidinha.

Joanna: A tia Célia fazia a cama do Paulo pra dormir e falava “olha o bom banho”.

Lembra do “bom banho” (*pergunta para Cida*)?

Cida: (*Balança a cabeça negativamente*.)

Joanna: Ah! Cê não se lembra de nada! Hahaha!

Cida: Acho que eu tô com Alzheimer... Hehehe! A pilha já vai enfraquecendo.

Cenas da vida no interior

Joanna: A Cidinha, quando eu morava em Barueri... Barueri ó...

Tico e Laís: Osasco.

Joanna: Não fala nada! Quando a gente não lembra, não fala outro nome... Hehehe!

Cidoca: Atibaia, né?

Joanna: Jacareí!

Cidoca: Jacareí.

Laís: Aaaahh, Jacareí....

Joanna: Hehehe. Entendeu?

Cidoca: Hahaha.

Laís: É, Jacareí, quando ela morou lá.

Cidoca: É igualzinho... Hahaha!

Joanna: Eu lembro que você foi lá uma época, você tinha 11 anos, né, Cidoca?

Cidoca: A Joanna tava grávida da Mônica.

Joanna: Tava grávida da Mônica.

Cidoca: Barrigão (*fazendo um gesto indicando uma voluptuosa barriga*) assim! Gordini ou Dauphine, que carro era aquele do...

Joanna: Gordini.

Cidoca: Gordini, ia no banco de trás com o Paulinho, e ela com aquele barrigão lá na frente. Era uma casa gostosa, né, Joanna?

Joanna: É, era gostosinho lá.

Cidoca: Aí eu ia nas aventuras.

Joanna: A gente tinha que toda noite medir o rio Paraíba, que era no fim da nossa rua, pra ver se não ia ter enchente.

Cidoca: Nossa, era...

Joanna: Você se lembra de Jacareí? (*Pergunta para Laís.*)

Laís: Nunca fui a Jacareí, me lembro de Campinas, Jacareí não.

Joanna: Ahh...

Tico: Mas tinha muita enchente lá?

Joanna: Ah, a gente ficava com medo, né?

Laís: Noooossa...

Joanna: Mas nunca teve enchente. A gente só ia lá medir o rio.

Cidoca: É que naquele tempo não tinha muito o que fazer... Media o rio, né, Joanna!? Hehehehe!

Joanna: É. Ia lá, punha a varinha pra ver quantos metros estava... Era legal lá, era gostoso...

Laís: Que coisa, né... ... a atenção, né? Atenção, preocupação. Não, é a responsabilidade, né?

Puxa vida... Não sabia dessa do rio.

Cidoca: Olha, Tico, nós éramos do tempo que se media o rio, hein!

Joanna: Hoje o seu pai levou um cuco pra Mônica. Um cuco. Eu adoro relógio cuco (*fala com ironia!*)

Zé Carlos: Adora! É, eu sei...

Joanna: “Cuco! Cuco! Cuco!”. Nossa! Uma vez eu fui dormir na minha sogra. A sala do correio era na casa dela, que ela era o correio de Caieiras. E ela tinha um relógio deste tamanho (*mostra com as mãos um grande objeto*). Na sala, ela tinha um cuco e ela tinha um despertador daqueles que, conforme o ponteiro abaixa, ele anda. Tinha aquelas perninhas de metal “chuk, chuk, chuk, chuk, chuk”. Então eu fui dormir na sala dela uma noite, e era o relógio da sala do correio, o cuco e o reloginho do quarto “tec, tec, tec, tec”. Não dormi aquela noite.

Eu não posso nem com o tique-taque do relógio de pulso. Uma vez eu comprei aqueles bolha, lembra do bolha? Um relogião deste tamanho (*indica o objeto grande no pulso*). Comprei pras crianças. Só que eu falei: “Não traz pro quarto!” — que a gente dormia junto, né? Aí uma noite eu escutei “tique-taque, tique-taque, tique-taque”. Eu falei: “Tem relógio aqui!”. E eles: “Imagina, mãe, não tem, você não tá vendo que não tem?”. Eles tinham enfiado dentro da gaveta da cômoda, e eu escutava o relógio, cê acredita?

3.3.

Uma mãe prática

Mônica (filha): Minha mãe era assim, o médico falava:
“Ah, não, não precisa operar”.

Ela: “Não, pode tirar a vesícula dela, pode tirar! A gente faz a cirurgia amanhã, porque se não vai dar trabalho...”.

Hahahaha! “Corta logo!” Hahahaha!

Joanna: Nossa, a Mônica e o Paulo eu operei com dois anos, a garganta.

Mônica: Tá vendo? Ela gosta de cirurgia. O que incomoda ela, ela corta fora! Hahaha! Corta fora que é pra não dar trabalho!

Joanna: Ela tinha cinco meses, o médico falou que ela tava com anemia perniciosa, que talvez fosse bom ela fazer uma transfusão de sangue. Eu falei: “Pode dar!”. Hehehe... Entende?

Mônica: Hahaha!

Joanna: Eu queria curas rápidas. Hahaha! Prática.

Tico: Prática...

Joanna: Prática... hahaha... “Então vamos fazer!”.

Mônica: Falavam: “Talvez...”. E ela: “Talvez não, pode fazer!”. Hehehe.

Joanna: Ela fez, aí ela melhorou. Porque ela não comia! Não queria mama-deira. Ela era magra feito um macaquinho.

Mônica: Culpa sua!

Joanna: Com cinco anos.

Mônica: Culpa sua!!!

Joanna: Cinco meses. Cinco meses!

Mônica: Tudo culpa sua, você sabe... hehehe.

Joanna: Culpa sua!? Ó! Não queria... só mamava o peito, não queria madeira, eu comprei tudo quanto foi tipo de chupeta, mamadeira...

Mônica: Ela já contou a história da minha gravidez?

Tico: Não, da gravidez não...

Joanna: Hehehe...

Mônica: O quê você fez na minha gravidez, conta! Eu quero que você...

Joanna: Eu tinha muita vontade de cheirar gasolina...

Tico: Hahahaha!

Mônica: Hahahaha!

Joanna: Hahahaha!

Mônica: Hahahaha! Que mais você gostava de cheirar? Conta, conta...

Joanna: Eu morava em Jacareí, tinha muita mosca, eu enchia a casa de Baygon, aquele flit, sabe aquela bomba? “Pchii! Pchii! Pchii!”

Mônica: E cheirava!

Joanna: Encerava a casa... pra sentir cheiro...

Mônica: Tá vendo!?

Joanna: E ela nasceu com...

Mônica: Com enjôo! Hahahaha. Problema de estômago... nada... só um Baygon...

Joanna: Hehehehe.

Tico: Gasolina e Baygon!? Hahaha.

Joanna: Gasolina. Tinha paixão quando o Léo parava no posto pra encher o carro... hehehe. Mas só dela eu tive essa vontade, dos outros não tive vontade de nada.

Mônica: Ela fechava as janelas da casa, enchia a casa de Detefon e ficava lá (*imita-a cheirando profundamente*) ficando tonta. Aí a coitada aqui... hehehe... nasceu com o estômago ruim! Hahaha.

Joanna: (*Risos*). Mas naquela época a gente não ia em médico. Eu sabia que eu tava grávida porque eu começava a vomitar, entendeu? Depois passava assim o período da gestação, e aí quando chegava a hora, ia no hospital, no INSS.

Tico: Não tinha um acompanhamento, né?

Joanna: Não acompanhava nada. Aí quando eles nasceram, nasciam tudo com 4 quilos. Essa aqui nasceu com 4 (*quilos*) e 100 (*gramas*). O médico perguntava se eu tinha diabetes. “Eu nunca ouvi falar”.

Não sabia se eu tinha diabetes ou não. Não tenho até hoje. Não sei como é que eles nasceram tão grandes assim. A menorinha foi a Andréa, com 3,750. Hehehe. Mas a Mônica que foi a coitada que eu gostava de cheirar gasolina...

Mônica: Hehehe! Cê viu, né? Depois me xingava que eu não queria comer... tinha problema de estômago!

Joanna: Nossa! Olha, eu fazia malabarismo pra dar de comer pra ela. Quando ela terminava de comer, ela vomitava tudo!

Mônica: Por que será?

Joanna: Quando a Andréa nasceu, eu nem chegava perto dela. Logo desmamei ela, dava na mamadeira. Dava até na mão dela, pra ela nem sentir meu cheiro. Ela mamava no carrinho. A sopa, eu fazia um buraco deste tamanho na mamadeira (*mostra um buraco de tamanho grande no bico da mamadeira*), dava na mamadeira a sopa. Nunca peguei a Andréa no colo pra dar comida. A coitada que pagou... hehe. E ela cresceu bem, a Andréa.

Mônica: Eu também, olha aqui, estou crescida!

Joanna: Você também, né? Depois de muito tempo...

Tico: Mas aí como é que se resolveu essa parte da anemia, de não comer?

Joanna: Então, ela fez a transfusão de sangue e aí melhorou. Porque... não foi fácil criar a Mônica, não. Sabe quando a criança precisa comer, e a criança não quer comer?

Mônica: Mas então... ela foi uma mãe prática. Se eu tiver que dar uma qualidade de mãe, ela é uma mãe prática! Resolve os problemas.

Joanna: Olha... coitados dos meus filhos...

Joanna: As fotos eram de Campinas, a Andréa tinha um ano e pouco quando eu tirei. Foi um fotógrafo em casa para fotografar os três, né?

Cida: Antigamente a gente chamava.

Joanna: Daí eu tive que arrumar os três às pressas. Aí arrumei a Mônica, fui mandando: o Paulo, a Mônica; fiquei arrumando a Andréa. Aí a Mônica voltou: "Mãe, o cara falou se pode tirar foto assim mesmo?". Eu falei (*num rompante e apressada, sem olhar para a criança*): "Lógico que é assim! Vai! Vai lá!". E ela, nas fotos, tá sempre com a mãozinha assim (*demonstra-a com as duas mãos segurando a saia*). Segurando na frente e atrás. Ela tava sem calcinha... Hahaha! E você vê, ela saiu segurando assim com a mãozinha... (*demonstra novamente ela segurando a saia*). A sainha era curtinha, né? Coitada da Mônica!

A coisa que mais me assustou na vida até hoje

Joanna: A coisa que mais me assustou na vida até hoje foi quando a Andréa teve coqueluche, coitadinha. A Andréa com 20 dias teve coqueluche. E era uma coisa desconhecida. Eu nunca tinha visto criança com coqueluche. Ela tossia o tempo inteiro e às vezes até pendia a cabecinha, assim sabe (*mostra a cabeça pendida para um lado*), porque aquele catarro sufocava ela. Aí eu fazia respiração boca a boca, eu aspirava o catarro dela. Mas eu vi ela morta duas vezes. E graças a Deus ela sobreviveu. Ela não morreu porque não chegou a hora dela. Porque naquela época, a criança só tomava vacina depois dos três meses,

e ela não tinha tomado vacina nenhuma. Aí ela ficou internada, ficou numa câmara de oxigênio. O médico não deu esperança, ele falou: "Olha, eu não posso dar garantia nenhuma porque ela não tem defesa de nada. Numa dessas ela não vai voltar mais". Porque ela sufocava, né? Ela tinha 25 dias, eu acho. Mas graças a Deus ela ficou boa. Mas ela tossiu durante todo esse tempo. Era tosse comprida, né? Depois mudaram (o nome) para coqueluche. Então foi muito difícil essa época para mim.

Tico: Durou muito tempo isso?

Joanna: Seis meses. Eu fiquei seis meses sem dormir, Tico. Porque era à noite que tudo acontecia. Eu tinha que sair correndo com ela, ir para o hospital, tinha que levantar. Uma vez ela ficou internada aqui na Lapa. Ela ficou na tenda de oxigênio e um dia ela tava melhorzinha, o médico foi e desligou a tenda. Mas aí de noite, ela começou a passar mal. Eu fui chamar a enfermeira, ela veio, se atrapalhou, não sabia ligar aquilo... Eu tirei a Andréa de lá, levei para a "arinha" (*areazinha*) que tinha, chacoalhei a Andréa, virei ela de ponta cabeça, bati nas costas dela, aí ela voltou! Se eu fosse esperar a enfermeira ligar aquela bosta lá, ela tinha morrido.

Tico: E como ela melhorou?

Joanna: Ah, vai passando com o tempo. É que nem tosse comprida, dura seis meses. Seis meses certinho. Aí depois ela ficou boa, coitadinha. Foi um baque muito grande na minha vida. Ainda mais porque eu ainda era meio católica, e eu tinha feito a cirurgia para não ter mais filho, ligadura das trompas. Então eu achava que era castigo de Deus, que (*Ele*) ia me tirar Andréa porque eu tinha feito isso, entendeu? Você vê como a religião faz bem para a gente? Hehehe. Nossa, impressionante, eu achava que era castigo. Mas graças a Deus ela tá aí firme e forte, né?

Engraçado que eu tinha uma comadre, ela era espírita, aí ela me falou que tinha uma mulher que benzia criança com coqueluche através do cachorro dela, que passava a tosse da criança para o cachorro... hehehehe... Aí nós estávamos chegando na casa da mulher, o cachorro tava lá fora. O cachorro começou a latir, a minha comadre falou: "Hum, ele tá falando, 'esses filhos da puta já vieram me trazer tosse'". Hahahaha. Mas em todo lugar que me mandavam ir, eu ia.

Tico: Que coisa esse negócio do cachorro...

Joanna: Então, porque a mulher diz que tirava a tosse da criança e passava para o cachorro.

Tico: E deu resultado?

Joanna (*faz um sinal de “nada” com as mãos*): A Andréa ficou com a tosse. Mas ela ficava ruim, viu. Ela era muito pequenininha, né. Dois meses. E só descobriu porque ela começou a passar mal uma noite, e a gente chamava o médico em casa, naquela época. E ele ouviu o Paulo e a Mônica tossindo, ele falou: “Essas crianças estão com coqueluche, eles podem ter passado para ela”. Porque eles tinham tomado a vacina, então era mais branda, mas passou para ela.

3.4.

Divórcio

Joanna: Uma coisa louca que eu fiz, eu fiz uma coisa muito louca... quando eu descobri que o meu ex tinha uma amante.

Foi assim: ele viajava muito, e eu morava em Campinas sozinha com as crianças. Uma vez ele viajou e não deu notícia, aí o irmão dele ligou querendo saber dele, eu falei: “Não sei do Léo, ele viajou, eu sei que ele foi para Bauru, mas ele não ligou de volta”. Aí me deu uma coisa na cabeça, eu peguei a lista telefônica, olhei todos os hotéis que tinham em Bauru e liguei para cada um deles, um por um, chamando o Leon Peres. Aí num, o cara falou assim: “Ele foi passar o fim de semana com a noiva em Barra Bonita”. Hahaha! Daí, acho que o cara do hotel deve ter falado para ele quando ele retornou ao hotel, porque ele voltou para casa naquela mesma madrugada!

No dia seguinte, eu peguei meus três filhos. A Andréa tinha um ano. Peguei banheirinha, chiqueirinho, roupa e levei todos para a casa da mãe dele. Porque era assim: ela (*a mãe dele*) ia passar o fim de semana comigo, e ele (*o Léo*) nunca estava. E o padrasto dele sempre falava: “Ô coitado desse moço, hein, como ele trabalha, coitado”, porque ele não ficava de fim de semana em casa. Aí eu fui lá mostrar que ele não passava o fim de semana em casa porque ele tava com a amante. Eu dei xeque-mate lá com ela por uma semana e vim para São Paulo para procurar emprego porque eu queria me separar.

Eu voltei na última firma que eu tinha trabalhado, que foi a Moinho Santista, falei com meu ex-chefe, ele falou: “Olha, você pode voltar a hora que você quiser, não comigo porque eu já tenho outra secretária, mas a hora que você quiser você vem aqui falar comigo”. Até que o Léo me achou. Eu não tava na casa da minha mãe, eu não fui pra lá, eu fui para a Vila Maria na casa de uma tia minha. Ele descobriu e foi lá me pegar. Pediu perdão. Aí eu tava com saudade das crianças... voltei, né. Mas eu fiz essa loucura. Para mim foi uma loucura deixar a Andréa com um ano de idade. Mas eu tava assim tão... magoada, sabe, que eu falei: “Não, eu quero me separar, quero arrumar um emprego, vou procurar um emprego!”. Essa foi a loucura mais louca que eu já fiz na minha vida.

Tico: E aí depois você voltou, mas você estava decidida a não...

Joanna: Não... Depois disso ele ficou bom por um tempo. Mas depois ele começou a sair de novo, de fim de semana, aí uma semana ele quis vir para São Paulo porque ele disse que ia para uma feira no Anhembi e era mais perto para ele, só que ele não veio dormir em casa. Eram 11 horas e ele não chegava. Aí eu liguei para o chefe dele, o chefe dele falou: “Ah, acho que eles foram jantar lá no Frango Assado...”, imagina, perto de Campinas... ele deve ter ido para Campinas dormir. Aí a casa de baixo da vó tava pra alugar, a Dona Linda tinha se mudado, eu fui falar com o seu João. Falei: “Seu João, o senhor não quer alugar a casa para mim?”. Aí quando o Léo chegou, eu falei: “Vai lá conversar com o seu João que eu vou mudar, ele me deixou a casa, eu vou mudar para São Paulo”. E vim embora. Isso um ano depois.

Tico: Já tinha aberto uma brecha, né, desde que você descobriu.

Joanna: Ah, sim. Eu já tava com meu saco bem cheio, aí eu vim embora.

3.5.

Começar de novo

A volta para São Paulo e para os trabalhos

Joanna: Bom, daí eu vim embora para São Paulo, quando eu descobri que ele tinha uma amante lá em Hortolândia, eu pedi o desquite. Ele não queria

desquitar, para não pagar pensão, mas aí eu comecei a trabalhar como temporária ganhando por hora.

Eu tinha uma amiga que trabalhava numa agência de emprego, e ela que ligava para mim. Por exemplo, se eu tava num lugar, tinha outro melhor, ela ligava para mim: "Joanna amanhã você não vai praí, você vai em tal lugar, eu vou mandar outra aí... não sei o que lá... paga mais...". Que era por hora que pagava, sabe. Eu fiquei dois anos trabalhando assim, como temporária.

Aí eu tinha feito um temporário na Roche, a farmacêutica, fiquei uns três meses trabalhando lá para repor as férias de uma secretária. Uma mulher que tinha tido neném, não sei. Depois de um tempo, eles me chamaram de novo, aí eles me efetivaram. Eu fiquei um ano lá e, nas minhas férias, eu fui procurar emprego. Pra ganhar mais, né, porque quando eu trabalhava por hora era bom, eu ganhava bastante, eu trabalhava muitas horas e não pagava nada, não pagava INSS, não pagava porcaria nenhuma...

Aí quando eu comecei a trabalhar efetivada, eu comecei a sentir. Então eu arrumei aquele emprego na Leco, lá na Marginal, também fiquei só um ano lá. Eu saí de lá sem emprego, sem nada. Fui procurar um emprego na agência dessa minha amiga, ela me deu duas cartas: uma era na Rua Formosa, outra na Paulista. Eu tava lá na Praça da República, falei: "Ah, vou aproveitar, já vou lá na Formosa". Foi quando eu encontrei aquela que tinha sido secretária quando eu comecei a trabalhar, a Anna. Isso foi na Deltec. Lá eu fiquei dez anos. Fiquei bastante porque lá, na época que vocês chamam de ditadura, eu falo que foi o melhor tempo da minha vida, tinha dois aumentos por ano, aumento semestral e tinha aumento de merecimento. E a firma pagava o 14º salário. Aí eu fiquei dez anos lá.

A gente sobreviveu

Mônica: Tanto é que, uma coisa que eu lembro que minha mãe contou, isso muitos anos depois, que ela tinha muitas amigas na época da vila e tudo, e quando ela se divorciou, muita gente parou de falar com ela. As mulheres estavam com medo que ela fosse roubar o marido delas.

Joanna: Nossa, sumiu todo mundo!

Mônica: Sumiu todo mundo... Então minha mãe ficou muito sozinha. Mes-

mo a vovó tendo trazido para morar com ela, tinha certas reservas quanto à minha mãe estar divorciada, separada, o que for. Eu imagino que isso deve ter incomodado muito ela, mas ela nunca passou isso para os filhos, nunca. Nunca. Eu nunca entendi a história, até quando eu tava com 15, 16 anos, que a gente já tava crescido, que daí ela falou: "Bom, essa é a realidade de vocês". Até então a gente não sabia porque ela se divorciou, quer dizer, a gente sabia que meu pai tinha namorada, isso ela sempre falou pra gente, mas tudo o que ela passou, a gente nunca soube. Ela foi uma mulher forte, destemida, nunca correu atrás de marido para resolver os problemas dela, ela resolveu os problemas dela sozinha.

Andréa (filha): Isso é um pouco do que você (*falando diretamente para Joanna*) ensinou sempre pra gente. Apesar do bosta que ele foi como pai, você sempre ensinou a gente a ter educação.

Joanna: É, mandava vocês ligarem no aniversário dele...

Mônica: Sim, a gente não sabia realmente o pai que a gente tinha até muito... De pequeno ela nunca falou, que eu me lembre... ela nunca falava mal. Era: "Vai com seu pai, seu pai tá vindo, vocês vão passar o final de semana com ele". Ela sempre puxava pra fazer essa conexão.

Joanna: Mas também ele levou uma vez só, né...

Mônica: É, ele mais pegava a gente e largava na casa da vó (mãe dele).

Joanna: Porque ele queria levar só o Paulo. Aí eu fiz elas arrumarem a malinha delas, quando o Léo chegou eu falei: "Você leva os três ou não leva nenhum!". Aí ele levou os três mas foi uma vez só, nunca mais ele veio buscar. Hehehe.

Mônica: Porque saiu uma briga horrível na casa dele...

Andréa: Hehehe... pra variar...

Mônica: Assustamos a mulher... Um deu um soco na cara do outro lá na mesa...

Andréa: ... pra variar, Paulo e Mônica...

Mônica: ... Paulo e Mônica...

Andréa: ... Paulo deu um murro na barriga da Mônica por debaixo da mesa, a Mônica quase vomitou no prato...

Mônica: Hahaha... foi bonita aquela lá, né? Hehehe...

Andréa: Foi lindo... a mulher... os olhos dela ficavam deste tamanho (*faz um gesto de olhos esbugalhados*). Na época ela não tinha filhos.

Joanna: E falavam que tinha um retrato que era de vocês no quarto. Acho que até tirou do quarto, né?

Andréa: Nunca mais rolou. Mas o que eu lembro é que as poucas vezes que ele veio ou que ele dizia que vinha, eu tava...

Mônica: Que ele dizia que vinha e aparecia, né?

Andréa: É, mas as poucas vezes que ele vinha e me pegava pra passar férias, uma semana...

Mônica: Era na casa da vó.

Andréa: ... eu ia no carro rezando: “Tomara que ele me deixe na minha vó, tomara que ele me deixe na minha vó, tomara que ele me deixe na minha vó...”. Porque eu não queria ir pra casa dele. Porque a gente nunca foi bem-recebido na casa dele, e porque era aquela coisa “tanto faz”. Ele ficava ali, pegava o jornal e ficava lendo... entendeu?

Mônica: Eu lembro quando ele vinha em casa. Ele chegava, falava “oi”, pegava a Bíblia, ia pro banheiro, ficava lendo a Bíblia no banheiro, sei lá o que ele ficava fazendo no banheiro. Aí ele saia, ficava mais cinco minutos, depois ia embora.

Tico: Isso de final de semana?

Mônica: Não, de semana. Ele ligava: “Tô passando aí pra ver vocês”. E a gente tudo alegre, contente e saltitante, né? Aí ele chegava, ficava cinco minutos e ia embora.

Andréa: Mas assim... posso falar?

Mônica: Pode, claro.

Andréa: Eu, hoje, dou graças a Deus, sabia? Porque eu acho que ter ele presente, conhecendo o ser hoje, a pessoa que é, eu dou graças a Deus que eles se separaram quando eu tinha dois anos e que eu não tive que conviver com aquela pessoa. Então, por isso que eu digo, por mais turbulenta que a mudança possa parecer quando ela acontece, eu acho que sempre é para um bem maior. Então esse é o legado dela, é a **força de aceitar as adversidades e continuar**: “Levanta e vai. Levanta e vai. E vamos rir também que rir é bom. Rir é remédio”. Acho que esse é o legado dela pra mim.

Mônica: Uma outra coisa que mostra como ela foi forte, né? Na época, pra ela pegar e falar: “Foda-se, não vou ficar mais com você! Você não é o tipo de pessoa que eu quero perto dos meus filhos”.

Andréa: É coragem. A palavra é coragem, eu acho.

Mônica: Muita coragem. Mulher não largava marido assim. Não é? A sua vizinha lá soube que o marido traía, ficou com ele. Porque ficava. Tinha aquela coisa de aceitar “meu marido tem amante, mas tá pagando as contas”, aquelas coisas.

Andréa: Teria sido o caminho mais fácil, mas o menos honroso. Então, **honra e coragem** são palavras que a definem também.

Mônica: Sim, com certeza. Poucas mulheres iriam falar: “Eu pego meus três filhos, você toma seu rumo, e eu vou seguir com a minha vida”, como ela falou. Muitas poucas mulheres teriam feito isso nessa época. Em 1970.

Joanna: Era uma época de muita repressão. Uma mulher separada era a mesma coisa que uma “mulher que não presta”.

Andréa: Um preconceito, né?

Joanna: Sabe, você tinha até vergonha de falar o que você era. Que você era separada. “Sou separada”.

Mônica: Eu lembro que quando a gente tava na escola, ela falava assim: “Se alguém perguntar do seu pai, fala que ele trabalha viajando”. Eu lembro. Eu nem sabia que meus pais eram separados. Porque ela falava: “Não, seu pai viaja. Seu pai viaja muito”, entendeu?

Andréa: Eu também não me lembro dessa recomendação sua...

Mônica: Não, porque você era pequenininha, eu já tava...

Andréa: Olha a cara dela lá... hahaha... (*aponta pra Joanna*).

Joanna: Bom, eu... minha memória já está se esvaindo...

Mônica: Eu já tava na escola e eu falava pros meus... Você tinha dois anos quando eles se separaram, então eu lembro disso na USP, tipo primeira série, você tinha uns cinco anos de idade... essa recomendação passou muito rápido. No segundo ano meus pais já eram separados.

Joanna: Mas você sabe que as coisas apareciam pra mim sem que eu procurasse. Um dia eu tinha reunião na USP, reunião de pais. Eu não sei se o Paulo avisou ele, eu não sei, só sei que quando eu cheguei na USP, eu vi o carro dele. Eu fui lá, tinha uma mulher dentro. Era essa mulher que ele casou... já largou

também... Ele tava na reunião. Eu falei: "Você pode ir embora que tem gente te esperando lá no carro. Pode ir embora!". Ele foi. Cara de pau, né? Levou a Therezinha lá.

Andréa: Bom, hoje conhecendo a figura como eu conheço, tenho certeza de que foi pra fazer um marketing positivo da própria imagem, tipo: "Olha, eu preciso ir na reunião do meu filho", entendeu? Mas foi só até casar, não sei.

Mônica: Sei. É, falar que eu conheço o meu pai, eu não conheço. Não sei a cor favorita, não sei nada. Você sabe alguma coisa?

Andréa: Não. Eu custumo dizer que ele é um ilustre desconhecido. Ilustre porque ele é o doador do DNA, mas absolutamente desconhecido...

Joanna: Ele não era um pai presente que vinha pegar os filhos pra passar o domingo. Quando ele vinha pra São Paulo, de repente ele passava lá, ficava dez minutos, né, Dé? E ia embora. Eu nem via ele porque eu tava trabalhando. Elas que falavam: "Ah, o pai veio aqui hoje". Mas nem sabia quantos minutos ele tinha ficado nem nada. Ele nunca foi um pai presente. E também nunca deu uma calcinha de presente pras minhas filhas.

Mônica: Hahaha... me deu um secador uma vez...

Joanna: Pra quem?

Mônica: Pra mim.

Joanna: Nossa... você guardou de lembrança?

Mônica: Era um secador que fazia ondas nos cabelos, eu lembro disso. Tinha vários apetrechos.

Andréa: É... eu não posso falar nada porque as memórias da Mônica são as memórias da Mônica... hehehe.

Mônica: Hahaha.

Andréa: As minhas memórias são diferentes.

Mônica: Foi a única coisa que eu lembro.

Joanna: A Andréa nunca ganhou nada, ganhou?

Mônica: A bicicleta.

Andréa: A bicicleta, ganhei minha bicicleta.

Mônica: É, a minha bicicleta também.

Andréa: E uma outra coisa que eu me lembro. Foram dois presentes na vida: foi a bicicleta e foi um rádio do Gasparzinho. Você lembra do rádio?

Mônica: Ah, meu Deus! Eu lembro do rádio do Gasparzinho! É... Ele tam-

bém me ensinou a nadar... Ele me jogou na água e falou: "Nada!". Mas ele jogou... hehehe... não deixa de ser...

Andréa: Eu não tive esse momento...

Mônica: Graças a Deus! É meio assustador... eu não recomendo pra nenhuma criança...

Andréa: Eu aprendi a nadar meio que sozinha e meio que no Santa Paula e na ACM, que era ali em Pinheiros, que a gente ia quando era pequeno. É... **a gente sobreviveu!**

Mônica: Hahaha!

CAPÍTULO 4

NA SAÚDE E NA DOENÇA, A GENTE SE DIVERTIA

Década de 1970

4.1.

No mercado com a vó

Andréa: Wil, o que você lembra do mercado?

Joanna: Você tava sempre na época do panetone?

Wilson (primo): Era muito legal porque chegava sempre na época de final do ano, tinha aquela competição dos primos pra ver quem vendia mais panetone. Tinha uma barraca do lado e aquela competição de vender mais que eles. Então era muito engraçado, porque era uma festa.

Andréa: A gente montava uma barraquinha de panetone na frente da barraca da vó.

Joanna: No Natal, minha mãe punha os panetones pra fora da banca...

Zé Carlos: É, colocava uma banquinha em frente. Montava uma banquinha de panetone do lado de fora, e eles ficavam lá ajudando a vender. Aí vendia e mandava pagar lá dentro, porque eles não mexiam com dinheiro (*risos*). Mandava pagar direto pra dona Concheta.

Wilson: E a gente ia oferecendo os panetones. Pegava dois panetones e ia oferecendo para os clientes, era muito engraçado isso.

Joanna: Minha mãe nem dormia de noite por causa dos panetones.

Wilson: Pra poder vender os panetones!

Joanna: É! Ela ficava: “Ai meu Deus, será que eu vou vender os panetones?”.

Andréa e Wilson: Hahaha!

Joanna: Todo ano era a mesma história.

Wilson: Era muito engraçado, e ela queria morrer quando iam o Du e o Carlinhos pra lá, o Paulo tava junto, e nós ficávamos brincando de pega-pega. Aquele primo, irmão da Adélia, o...

Andréa: Toninho!

Wilson: O Toninho!

Joanna: O Toninho trabalhou lá com a minha mãe também.

Wilson: Trabalhou também! Então era muito engraçado porque nós...

Andréa: Era só farra!

Wilson: ... ficávamos correndo na rampa, e o pessoal ficava louco com a gente, não era só a tia (Concheta), era todo mundo!

Joanna: Você lembra da história do Paulo pedindo esmola na rua perto do mercado?

Zé Carlos: Vagamente.

Joanna: Uma freguesa chegou lá pra minha mãe e falou assim: “Dona Concheta! O que é que tá acontecendo?”. Minha mãe falou: “Por quê?”. Ela falou: “Nossa, o seu neto tá lá na esquina pedindo esmola!”.

Nooooossa, minha mãe era toda....

Zé Carlos: Nooossa!

Joanna: Elite.

Zé Carlos: Elite.

Joanna: Áí ela foi atrás do Paulo (*risos*).

Zé Carlos: Eu me lembro disso daí, só que eu não lembro direito, que ele tava pedindo esmola lá na esquina do mercado...

Joanna: Hahaha! Minha mãe era toda...

Zé Carlos: Nossa, não podia fazer nada...

Joanna: Né? Parecia que ela era da alta sociedade, né?

Zé Carlos: É... fazer alguma coisa diferente não era com ela, não. Não gostava, não. Era muito certinha.

Aí era eu quem ia com ela às vezes — depois de um tempo que a gente já era conhecido e tinha um relacionamento com ela. Eu ia lá no domingo, ajudava a fechar a banca e trazia todo o dinheiro pra casa.

Joanna: No saquinho.

Zé Carlos: No saquinho. Aí depois contava tudo, separava cheque, eu que fazia pra ela, via quanto que tinha que depositar e tudo. Na segunda-feira eu que ia no banco, ela não ia mais. Aí eu ia lá no banco pra fazer todos os depósitos pra ela e pagar alguma coisa que tivesse que pagar.

Mas ela queria que fizesse do jeitinho dela. Eu queria fazer do meu jeito que era mais fácil, mais rápido, ela não deixava (*sorri*). Tinha que fazer daquele jeito dela lá (*imitando-a*): “Não, tem que fazer assim, porque se não depois eu me atrapalho!”. Aí marcava tudo lá no...

Joanna: Caderninho dela.

Zé Carlos: ... caderninho dela, tudo direitinho (*sorri*). E por causa dela que eu aprendi a fazer as contas nos caderninhos. Fui ver agora na minha mudança, e tinha muita coisa de contas e cálculos bancários. Eu acabei fazendo as minhas anotações também do jeito que ela queria que fizesse pra ela. Acabei aprendendo e fazendo igual pra mim também. O jeito de marcar as despesas, quanto que tem em caixa, quanto que vai ficar depois... E guardei isso tudo durante um tempão.

Joanna: E o tio Rafael!? Ele ia lá também ajudar...

Wilson: Ia, ia. Ele aparecia de repente lá.

Joanna: Ele era engraçado.

Wilson: Era.

Joanna: Só sabia falar de corrida de cavalo, né?

Wilson: O negócio dele sempre foi corrida de cavalo! Sempre era isso aí. Aí um dia ele chegou, ele falou assim pra mim: “Parei de fumar!”.

— Parou de fumar?

— Parei.

Passou um tempo ele virou diabético, de tanta bala que ele tinha no bolso! Morreu de diabetes o tio Rafael.

Joanna: Puxa, ele nunca mais procurou a gente...

Wilson: Não...

Joanna: Por que será, né? Ele tava sempre na minha casa... ele dormia na minha casa...

Wilson: Assim, depois que a tia Concheta morreu, parece que a família fez assim ó: “pluummm!!” (*Faz uma mímica que se assemelha a um castelo de cartas desmoronando*.)

4.2.

Nasci para bailar, pra que negar?

Mônica: Ela saía de manhã, chegava à noite... E na verdade, só passava...

Joanna: Isso quando eu não trabalhava de madrugada lá na USP.

Mônica: É, datilografando as coisas, fazendo o seu trabalho extra. A gente via ela de fim de semana, na verdade. E a minha mãe gostava de sair, gostava de sambar, dançar...

Joanna: Isso eu fazia mesmo, era minha válvula de escape.

Mônica: E ela falava que era a terapia dela para ela não matar a gente. Hahaha! Ela fala assim: “**Vocês só estão vivos porque eu saía pra dançar!**”.

Joanna: Era década de 70. Foi a melhor época da minha vida.

Andréa: Por que, mãe?

Joanna: Porque eu fui me libertando. E como tinha a menina que dormia com eles, eu saía para ir dançar, sabe? E eles ficavam quietinhos lá em casa... hahaha!

Isabella (neta): Quietinhos???

(risos).

Joanna: Hahahaha!

Andréa: A gente ficava se matando...

Joanna: Quando eu chegava, estavam os três na porta, um querendo falar mais depressa que o outro... hahaha... pra contar os acontecimentos do dia. Mas foi bom porque eu não me concentrei tanto na minha situação, entendeu? Porque naquela época, uma mulher desquitada não era bem-vista nem pelos próprios parentes, sabe? O pessoal de Itu, eu lembro que uma vez eu fui lá com as crianças no carnaval, ninguém me convidou para ficar na casa de ninguém. Eu tive que voltar no dia seguinte, lembra?

Andréa: É...

Tico: Isso logo depois que você desquitou?

Joanna: Logo que eu desquitei.

Tico: Melhorou com o tempo, você acha, ou ficou igual?

Joanna: Ah, sei lá. No trabalho eu nunca tive problema pra arrumar emprego. Mas na família teve, sabe. Esse problema “ah, ela é desquitada, não tem marido, vai começar a dar em cima do meu...”, entendeu? Umas coisas assim. Então eu saía. Ia muito em sambão, **eu vivia no sambão**.

Tico: Onde era? Você falou do Vila, era na (*Rua*) Augusta também?

Joanna: Não, o sambão era em Moema. Nossa, tem aquela Avenida Moema, lá tinha o... Moema, que era o nome do salão, tinha o Vila, tinha o Barracão... Você nunca ouviu falar deles?

Tico: Não...

Joanna: É... também não é do seu tempo... agora nem tem mais, agora é só baladinha.

Tico: Então, lá nos anos 70, Moema era o seu *point*?

Joanna: Era. A Avenida Moema. Eu ia... olha, de segunda-feira eu ia no Urso Branco, que tinha ali na Avenida Santo Amaro; na terça eu ia no Moema, que era baile da saudade; de quarta-feira, às vezes a gente ia no Barracão;

de quinta-feira a gente ia no Saint Paul, era uma casa de show mesmo, tinha orquestra e tudo, ou a gente ia no... aquele dos velhos bem velhos mesmo.... Piratinha! Que era ali na (*Avenida*) Angélica. Tinha o Desmanche, na Lapa, aqui na rua...

Andréa: Hehehe. O nome não era muito auspicioso...

Joanna: Desmanche porque só tinha velho, entendeu? Hahaha! Mas eu gostava porque era de orquestra, tocava aquelas músicas antigas. No Moema também, de terça-feira tinha o baile da saudade.

Laís: A gente ficava conversando na Avenida Ibirapuera, às três, quatro horas da manhã, com aquelas pessoas boas.

Joanna: Noooosa! Sabe o *footing*? Que tinha?

Cidoca: É verdade.

Laís: Bastante moço, simpático.

Joanna: Na Rua Augusta?

Tico: *Footing*?

Cidoca e Joanna: *Footing*!

Tico: O que é isso, *footing*?

Joanna: Uns carros paravam, ficam conversando...

Cidoca: Um carro subia, outro descia; então na descida e subida, os carros — não tinha trânsito — paravam, e você ficava conversando com o carro do lado.

Tico: Gente...

Cidoca: Hahaha!

Laís: Mas era comum, ninguém que vinha atrás buzinava nem nada.

Cidoca: E todo mundo ia lá pra isso. Ia pra conversar.

Laís: Era, pra conversar.

Tico: Entendi.

Joanna: Na Avenida Ibirapuera também.

Laís: Ah, na Avenida Ibirapuera tinha bastante gente.

Joanna: Nossa! Era comum, né?

Cidoca: A Augusta era famosíssima.

Samba com tio Vitório

Joanna: Esse dia que deixamos meu tio na mesa foi porque nós, assim que entramos no sambão, encontramos essa turma lá da Rua Augusta, entendeu? E já fomos direto pro salão!

Cidoca: E deixamos ele na mesa! Ai, coitado! Hahaha. Tava eu, a Joanna, a Cida...

Joanna: Foi no dia da morte da dona Alice.

Cidoca: E o tio...

Joanna: Meu tio Vitório. E tava um dia de frio, de chuva, então nós pegamos uma mesa, jogamos todas as bolsas, casacos, guarda-chuvas lá, e saímos para a roda. Nossa, ele ficou na mesa cheio de bolsa...

Cidoca: Casaco, né?

Joanna: ... guarda-chuva, casaco...

Laís: Todo feliz...

Joanna: Puto da vida!

Cidoca: Ele queria matar a gente! Nossa! E nós fomos lá, encontramos todo mundo que a gente conhecia, fomos dançar. E não tinha nada, era tão gostoso, todo mundo fazia amizade, né, Joanna?

Joanna: É, era amizade.

Laís: Não tem mais sambão, não tem mais. Você passa lá não tem mais nada.

Cidoca: Não, tá tudo fechado, né, ninguém mais vai... Agora tem mais em barzinho na Vila Madalena.

Laís: É, outra época...

Joanna: Encontramos os caras que a gente tinha conhecido na Augusta e ficamos lá sambando, cantando, até umas duas horas da manhã. Quando eu fui falar: “Nossa, o tio Vitório”, aí começou...

Cidoca: Bam-bam-bam-bam-bam-bam!.

Laís: O rufar dos tambores.

Joanna: A bateria, prato, tudo...

Cidoca: Hahaha!

Joanna: Nesse instante que a bateria começou “ta-ta-ta-ta-ta-tam”, o locutor disse: “Atenção, atenção, sobrinhas do tio Vitório, ele as aguarda na portaria!”.

Cidoca: Ninguém se mexia! Hehehe.

Joanna: A Cida, então, falou: “Ninguém se mexe, hein... ninguém se mexe!”. Hahaha!

Cidoca: Hahaha!

Joanna: Tadinho! Judiação!

Laís: Coitaaaaado! Ele foi pra acompanhar, né, Cidinha?

Cida: Hehehehe.

Joanna: E o pessoal que estava lá no samba assobiava: “Sobrinhas do tio Vitório! Sobrinhas do tio Vitório!”. Aí nós viemos embora, ele todo emburrado.

Cida: A gente começou a dançar, e meu tio Vitório ficou na mesa. Daí acho que o pessoal viu que ele tava sozinho, começou a atirar papelzinho nele, e ele, coitado, queria ir embora. Daí ele foi avisar o pessoal no microfone, né?

Joanna: Ele era careca, aí ele tava lá, puto da vida porque nós largamos ele sozinho na mesa, ele não podia nem paquerar porque ele tava olhando as bolsas, os casacos... (*risos*). Diz que os caras começaram a jogar palitinho na careca dele, hehehe. A gente largou ele na mesa umas duas ou três horas sozinho...

Aí, nessa noite, ele foi dormir na minha casa. Eu tinha um sofá que ficava bem em frente à porta. Ficava bem na direção da porta, e tinha um vidrinho para abrir a porta. Aí a Cida tinha ido dormir na minha casa. Era um tal de um dormir na casa do outro, né. Tocou a campainha, era a empregada da minha mãe, a Helena. A Cida que foi atender. A empregada foi falar que a dona Alice tinha morrido. Meu tio no sofá, né, e a Cida com a porta aberta...

Cidoca: Um friiiio que tava!

Joanna: Tava um frio! E a Cida: “Mas ela morreu?! Como que ela morreu? Mas ela morreu?”...

Cida: Hehehe.

Joanna: “Mas como ela morreu?”

Cida: Hehehe.

Joanna: E isso e aquilo: “Mas ela morreu? Meu Deus, Meu Deus!”.

Cida: Hehehe.

Joanna: E nunca que fechava a porta, aí o meu tio (*imita-o com fúria no olhar e nas palavras*): “Ela morreu! Entendeu? Ela morreu! Fecho essa porra dessa porta, que eu tô morrendo de frio aqui!”. Hahahaha!

Cida: Hahaha!

Joanna: A Helena subiu feito um azougue pra casa, hahaha. Coitado. Além de ter tido uma noite infeliz, né, com os outros jogando palitinho de dente na cabeça dele, ainda não pôde dormir por causa da Cida. Ah, mas foi muito engraçado.

Laís: Hahahaha!

Cidoca: Tadinho...

Laís: Ai, divertido, né? A Cida curiosa também, né, Joanna?

Joanna: Ai, a Cida esmiúça tudo, ela quer tudo nos mínimos detalhes, né?

Nos bailes com Cida

Cida: Você sabe que eu conheci o Domingos num sambão, né? Também num sambão. Era no Jongo, né, Benzoco?

Domingos (cunhado): É.

Cida: Daí também fui eu, a Joanna, a Célia...

Joanna: A Célia acho que num tava, era aquela tua amiga Ana Maria.

Cida: A Ana Maria. Daí eu vi um bigodudo que tava meio triste, do outro lado, eu falei pra elas...

Joanna: Ela ficava fazendo assim pra ele (*imita Cida dançando com os indicadores das duas mãos levantados, apontados para o céu, em movimentos alternados para cima e para baixo*), né, Mingo?

Domingos: É... Hehehe.

Cida: Eu falei assim: “Eu quero dançar com aquele bigodudo”. Aí tanto que eu fiz assim (*mostra os mesmos gestos com os dedos ritmados pra cima e para baixo*), que você veio me tirar pra dançar, né?

Domingos: Foi.

Cida: E daí foi quando começou a nossa história...

Joanna: Olha a cara do Mingo! Hehehe...

Cida: Foi assim que ele encontrou a sua rainha.

Joanna: A sua alma gêmea.

Cida: A sua alma gêmea. Não foi?

Domingos: Foi. Eu devia estar mais bêbado...

Joanna: Hahaha!

Cida: Mas você tinha tomado uns “uisquinhos” mesmo, né?

Domingos: Tinha.

Cida: O que você tomava mesmo?

Domingos: Tomava laranja com uísque.

Cida: Ah é.

Joanna: Mingo, e aquela vez, eu tava saindo, e você chegando, eu: “Ô! Cadê a Cida, cadê a Cida?”. Lembra?

Cida: Você tinha ido sozinho.

Domingos: Ah, foi.

Cida: Com o meu carro!

Domingos: Foi. É que eu esqueci meu documento lá e voltei pra pegar...

Joanna: Ah, sei... hehehe.

Cida: Sei! É nada. Eu tinha um fusquinha cereja, daí não sei o que tinha acontecido com o carro dele, eu falei: “Vai com o meu carro”; que era zerinho, né!? Daí a Joanna chega e fala: “Você não sabe quem eu vi no Jongo! O Domingos!”. Ah, eu queria morrer!

Joanna: Assim que eu vi ele, eu (*fala com toda animação*): “Oi! Cadê a Cida?”. Daí ele: “Hân! Hân!?” (*imita-o como quem está muito desconfortável com a situação*). Não sabia nem o que falar.

Cida: Voltou pro Jongo! Voltou pro Jongo! Com o meu carro!

Domingos: Esqueci o documento, fui buscar lá, pô...

Joanna: Hehehe...

Cida: Ééééé... danadinho...

Domingos: Eu sei que no fim acabei voltando.

Cida: É, você foi embora, não pra minha casa, porque eu já tava dormindo.

Domingos: Não, eu peguei o documento e fui pra minha casa. Hehehe.

Joanna: Uma época vocês ficaram brigados, né?

Cida: Não, ele desapareceu!

Joanna: É... desapareceu.

Cida: Porque ele encontrou uma lá onde você estudou no Taubaté... em Taubaté.

Joanna: No Taubaté... hehehe...

Cida: No Taubaté... hehehe... ele sumiu!

Joanna: Aí, deixa eu te contar, a Cida tava tomando café, toda triste, e a Célia começou a cantar pra ela: “♪ Que falta eu sinto de um bem... Que falta me faz um xodó...♪”

Domingos: Hehehe.

Joanna: Ela pegou o radinho, jogou na cara da Célia!

Domingos: Hehehe.

Cida: Ele sumiu, o boneco! Daí um dia, eu tava na Caterpillar, tocou o telefone (*imita-o com voz trêmula e sofrida*): “Alô... sou eu...”.

Eu falei: “Ah! Você!? O que aconteceu?”. (*Continua imitando com voz trêmula e sofrida*): “Ai... eu fiquei muito doente...”

Domingos: Hehehe! Eu fiquei internado naquela época!

Joanna: Hahaha.

Cida: Ficou internado... mas, tem um porém! Tem um porém! Tinha uma cartomante, que acho que você conheceu, a dona Nena!

Nena, a cartomante

Cida: Dona Nena! Morava na (*Rua*) Cardeal (*Arcoverde*). Olha, deixa eu te contar, ela lia as cartas, ela sabia de tudo!

Joanna: Ela acertava tudo.

Cida: Tudo! Daí eu fui lá pra saber o que tinha acontecido com ele. Ela falou: “Olha, ele foi ver uma ex-namorada dele, mas ele vai voltar! Ele vai voltar!”

Você não briga com ele, que ele vai voltar”. E não é que ele voltou!?

Domingos: A Dona Nena.

Cida: Dona Nena! Acertava tudo aquela mulher. No começo, hein... Porque depois...

Zé Carlos: Depois não acertou mais nada.

Cida: Dona Nena também. Eu tava toda hora lá tirando as cartas, Benzoco, pra saber de você.

Domingos: É.

Joanna: Eu tava separada do Léo e ia todo sábado ler a minha sorte lá, lembra? Um dia ela falou assim pra mim: “Olha, tô vendo seu marido aqui com uma aliança na mão direita”. Aí um dia eu tive que ir pra Campinas pra ver um negócio no advogado, não é que ele tava noivo, de aliança? Eu joguei a aliança no buraco da privada e dei descarga! Conseguir tirar da mão dele. Joguei e dei descarga!

Zé Carlos: Mas depois a Nena não acertou mais nada.

Cida: Ah! Depois a Dona Nena já começou... A gente ia lá, ela só conversava!

Zé Carlos: Ela mandou a Célia entrar com um processo (*judicial*), disse que ia ganhar um dinheirão! Acabou o processo, eu ainda tive que pagar uma puta duma nota para os advogados, porque não ganhou nada, perdeu tudo...

Domingos: Hehehe.

Joanna: Também ela já tava velhinha, né?

Cida: Mas a gente era fanzoca da Dona Nena.

Joanna: Ela era boa. Ela matava na mosca!

Cida: Ela acertava! Ela contou direitinho a vida do Domingos. Ela contava direitinho. Viu, Benzoco, como eu sabia da sua vida?

4.3.

A casa da mãe Joanna

Joanna: Aí, de sábado e domingo, eu virava maezona deles.

Teve um fim de semana prolongado que eu fiquei em casa, dei folga para minha secretária, aí no domingo à noite eu falei para os meus filhinhos: “Poxa,

amanhã a mamãe vai ter que trabalhar, não vai poder mais cozinhar para vocês...". Eles falaram: "Olha, mãe, pra gente, se for para cozinhar, melhor você ir trabalhar mesmo". Hahaha! Porque eu não tava acostumada a fazer comida.

As pessoas iam todo domingo na minha casa. A minha casa virou a casa da vó. Porque a minha mãe trabalhava, não ficava em casa, então todo domingo era almoço na minha casa, enchia de gente. Iam meus tios, a Laís tava sempre lá, a Adélia, teu pai (*Zé Carlos*), tua mãe (*Célia*).

Andréa: Divertida a infância...

Joanna: Era divertido lá. Apesar de eu passar por um momento... como é que se diz?... um momento que eu nunca esperei que eu fosse passar na minha vida, ficar sozinha com três crianças... Mas era divertido, né, Dé?

Andréa: Porque eu acho que era uma época que a família se reunia mais. Então não tinha sábado e domingo solitários, né? A casa tava sempre cheia. E tinham os primos, então era a Regiane, o Wilson, o Du e o Carlinhos... então, a casa tava sempre cheia...

Joanna: A Adélia...

Andréa: A Adélia, a Cidoquinha que de vez em quando aparecia lá.

Joanna: Não tinha monotonia.

Andréa: Não tinha.

Joanna: E a criançada da rua, né? Que eles também brincavam. Tinha uma pensão na frente que tinha duas meninas. Elas vinham brincar com vocês. Mas meus filhos também não se apertavam, porque quando eu não tinha empregada, depois que essa foi embora, passaram várias em casa, lembra? Eles iam almoçar na dona Cotinha, que era uma pensão na esquina, que ficava em cima do bar. Eles iam sozinhos lá comer.

Andréa: A gente circulava. Era uma época em que as famílias se visitavam mais, então todo domingo era na casa da vó Concheta, ou na casa...

Joanna: Não, na casa da Concheta não porque ela trabalhava no mercado.

Andréa: Mas tinha também almoço às vezes lá com a tia Neusa, com o tio Salvador e os meninos... A vó Judite estava sempre lá.

Joanna: Ah, é...

Andréa: Né? A tia Ida e a tia Anunziata, que às vezes passavam lá...

Joanna: Tio Rafael pintando a casa!

Andréa: Coitado do tio Rafael... A minha mãe contratava ele às vezes pra pintar a casa da gente. Ele fazia um chapeuzinho de jornal! Vivia com aquele chapeuzinho de jornal. E não tinham essas bacias de hoje pra você passar o rodo e tal, então eram aquelas bacias de ferro antigas...

Joanna: Ferro não...

Andréa: ... ferro não, de latão...

Joanna: ... de alumínio.

Andréa: De alumínio, que usava pra lavar roupa. Então ele usava pra colocar tinta, e a gente correndo no corredor, pisava na bacia, derrubava a bacia toda...

Joanna: Um dia derrubaram a bacia dele...

Andréa: Ele ficava puto, falava: "Eu não vou vir mais! Eu não vou mais pintar essa casa, vou embora!". Hehehehe.

Joanna: Hahaha. Coitado, ele sofria na mão delas.

Andréa: Tempo bom.

Joanna: Tempo muito bom.

Andréa: A gente vivia mais... tinha mais essa convivência familiar, mesmo que distante. Hoje em dia a gente não vive mais junto, né? Mesmo sem ser pela pandemia, já não tinha mais essa coisa de se visitar e almoçar na casa da *Nonna* no domingo, uma fase que a gente viveu. A gente se visitava mais. Hoje em dia não existe mais tanto isso, né? Então foi uma época alegre, né, Mamma? Apesar dos pesares.

Joanna: É, apesar dos pesares, foi uma época que a gente, entre nós, **na saúde e na tristeza, a gente se divertia**, né?

As brincadeiras do tio Zé

Zé Carlos: Foi uma vida. Uma vida. Se formos começar pelo início, a Joanna tinha as crianças todas pequeninhas, eu não tinha casado ainda e acabei adotando os filhos, porque... sei lá, eu era meio palhaço, brincava com eles e fazia tudo o que eles queriam. Fazia coisa de moleque com o Paulo.

Tico: O que, por exemplo?

Zé Carlos: Assustar o pessoal na rua...

Joanna: Ah! Não era só na rua que ele assustava o pessoal, né?

Zé Carlos: É... em casa também.

Joanna: Foi a própria aqui também. Conte a história da boneca?

Tico: Como é?

Zé Carlos: História da boneca é o seguinte: eu ficava lá na casa dela; quando eram dez horas, dez e pouco, eu ia embora. Só que antes de ir embora, eu ia na cama das crianças...

Joanna: Na minha cama!

Zé Carlos: Aliás, na cama da Joanna, e colocava uma boneca lá dormindo e ia embora. Aí quando ela ia lá: "Pode sair da minha cama!". E ia lá na sala contava: 1, 2, 3 (*em referência aos três filhos*). Aí começa a gritar! "Quem é que tá dormindo lá?" Hehehe!

Joanna: Sabe aquela boneca que tinha uma cabeleira assim (*indica um volumoso cabelo*), aquelas Máezinha que tinha antigamente...

Zé Carlos: Aquela grandona. Boneca grande.

Joanna: Aí ele cobriu a boneca até metade da bochecha. Eu fui pro banheiro, vi alguém deitado na minha cama, falei: "Pode ir saindo que eu já vou deitar!". Saí do banheiro, ele continuava na cama, falei: "Pode saindo daí!", e fui na sala. Fui na sala contei: 1, 2, 3 (*em referência aos três filhos*). Aí eu comecei a gritar! Hehehe. "Socorro! Tem alguém aqui em casa!". Hahaha!

E a vez que você deixou o par de sapatos na cortina?

Zé Carlos: Ah! Então, aí na cortina eu colocava o par de sapato e colocava o cabo da vassoura apoiado para a cortina ficar com volume...

Joanna: Sapato de homem ele punha!

Zé Carlos: Sapato de homem. Aí era outro susto também. Hehehe.

Joanna: Nossa, aquele dia eu corri pra rual! O Zé era filho da mãe! Você não sabe o que ele fazia...

Zé Carlos: Aí fazia negócio com o Paulo na rua também. A gente colocava as coisas, a pessoa ia abaixar pra pegar, a gente puxava a cordinha!

Joanna: Olha o que ele ensinava pros meus filhos!

Tico: O que vocês colocavam na cordinha? Era dinheiro?

Zé Carlos: Não lembro se era dinheiro, era alguma coisa que o camarada

sentia vontade de pegar, aí a gente puxava. E naquela época também as calças das tinham cruzetinhas que eram de madeira, aí a gente pegava uma carteira e pregava a carteira com prego na madeirinha. O cara vinha, via a carteira (*faz mímica de alguém olhando de soslaio e baixando de forma sorrateira*), ia baixar pra pegar, quando pegava a carteira, ela não saía e dava um tranco no cara que ele quase caia no chão. Porque o cara vinha meio ligeiro e ia puxar a carteira, a carteira não saía, e o cara se desequilibrava todo.

Tico: Então você aprontava com a molecada?

Zé Carlos: É! Aí também colocava... calculava mais ou menos a hora que a pessoa ia passar, tinham aqueles dutos da calha de chuva, que saem pra fora na rua...

Joanna: Mas olha o que ele ia fazer na minha casa!

Zé Carlos: A gente ficava olhando, aí eu falava pro Paulinho: "Vai lá!". Ele ia lá, eu acendia pra ele, ele corria lá e jogava lá dentro. Uma bomba (*fogo de artifício*). Na hora que o cara passava, a bomba estourava: buuuuum!!!

Joanna: Ooooolha...

Zé Carlos: O cara pulava que ia até do outro lado da rua... hehehehe. Aí o pessoal gostava da brincadeira, né?

Joanna: Lógico, né? E eu achando que eles estavam quietinhos em casa com a empregada.

Zé Carlos: A Mônica também era meio molequinha, gostava duma bagunça. A Andreinha era mais quietinha... não era de...

Joanna: Quem??

Zé Carlos: A Andreinha.

Joanna: Ah, a Andréa não se misturava.

Zé Carlos: Não, não se misturava, era elite... hehe.

Joanna: Ela sabia que sempre saía pau entre a Mônica e o Paulo.

Zé Carlos: É, ela sabia que uma hora não ia dar certo.

Tico: E com a Mônica tinham também brincadeiras?

Zé Carlos: Ah, tinha um monte de coisinhas, de brincadeiras...

Joanna: Brincadeira saudável, né?

Zé Carlos: Brincadeira saudável. Todo mundo ficava alegre... A Mônica sempre me pedia pra fazer alguma coisinha pra ela.

Joanna: Levava as crianças pro dentista de madrugada!

Zé Carlos: Ah sim! Também tem isso. Levava no dentista de madrugada.

Tico: Por que de madrugada?

Joanna: Era o horário do dentista dele! Lá na (*Rua*) Teodoro (*Sampaio*).

Quando eles foram pôr aparelho. Ele trabalhava só de noite, né, Zé?

Zé Carlos: É... não, ele trabalhava durante o dia, mas durante o dia parece que ele não fazia nada... atendia...

Joanna: Eles voltavam uma, duas horas da manhã.

Zé Carlos: Ele atendia um, dois, três, durante o dia inteiro. Aí quando chegava tipo dez horas da noite, ele começava a atender bastante. O consultório dele ficava assim ó (*faz um gesto de abundância com as mãos*), lotado. A gente voltava de lá uma, duas horas da manhã.

Sei lá, acho que ele se dava bem de trabalhar nesse horário, não sei. E rendia viu, porque o consultório dele ficava cheio de noite. Lotado.

Zé Carlos: E eram as coisas que aconteciam lá. Bagunça e confusão. Era legal quando a dona Concheta ia fazer bolo! Nossa senhora! Porque iam todas as crianças, queriam ajudar, você já viu, né? Aí era uma festa só!

Joanna: Eu não sei como que minha mãe aguentava, né? Mas ela gostava de ver a casa cheia.

Zé Carlos: É, gostava.

Era uma casa só

Joanna: Mas **era uma casa só**, né? Apesar de a vó morar lá em cima, e a gente, embaixo. A Helena (*empregada da Concheta*) que gostava deles, porque toda hora eles subiam lá pra roubar leite condensado da casa da vó. Então, eles tocavam a campainha, ela era polonesa, ela nem se dava o trabalho de passar pela porta, ela pulava o sofá: “Que vocês querem agora??” (*imita o modo de falar com sotaque arrastado*). Ela era brava, ela falava com sotaque, né? Eles iam lá comer doce. Era um tal de sobe e desce, joga a chave, joga cesta... E eles toda hora tocavam a campainha pra pegar leite condensado da minha mãe. Ao invés de ela abrir a porta da “arinha” (*areazinha*) para ver quem era, ela pulava

no sofá e do sofá ia para a “arinha”: “Puta que pariu, o que vocês querem aqui outra vez??” (*imita-a com o sotaque*). Era o “bem-vindos” dela para as crianças. A forma como ela recepcionava eles.

Um dia a mãe da Laís precisou até ir embora. Tava na vó Concheta, todo mundo gritando: “Joga isso! Joga aquilo!”. A dona Alice falou: “Ah não, não, vamos embora que eu tô ficando tonta...” Hahahaha.

Que era que nem uma casa só, sabe?

Cidoca: Ah, deixa eu te falar. Um dia a gente foi pra casa da dona Concheta pra fazer...

Laís: Daquelas quartas-feiras...

Cidoca: ... fazer torta daquela pastiera...

Laís: Ah, sei.

Cidoca: Era época de Natal. E a Joanna morava embaixo. Então, parecia aqueles prédios, não sei da onde que era aquela barulheira, aquela criançada, aquele desce e sobe e tal. Aí a Joanna falava assim (*imita-a gritando*): “Ah, me passa não sei o quê!”. Aí a gente amarrava assim na vassoura e jogava pra Joanna lá embaixo, ela pegava as coisas. Dali a pouco, a mãe da Laís falou assim: “Nossa, eu vou embora, tô ficando tonta, é muito barulho, muito barulho!”. Tadinha, ela foi embora sem terminar as tortas...

Laís: Hahaha... sem terminar.

Cidoca: ... de tanto que a gente fazia aquela barulheira, a Joanna gritava de baixo e subia a vassoura e desciam as coisas. Ai gente...

Laís: Pra fazer a torta malvada, né, Cidinha?

Cidoca: E aí, coitadinha, ela nem terminou as tortas direito de tanto que ela ficou tonta com o barulho, de tanta gritaria.

Isabella: E a vó Concheta reclamava de vocês ficarem subindo?

Joanna: Não, a vó não.

Andréa: Não, quem às vezes pegava na orelha da gente e ia medindo era

a tia Cida. Ela chamava os três: “Vem os três aqui em cima, que a titia quer falar com os três!”. Áí a gente subia, ela catava pela orelha, pegava a mãozinha e ia pondo na mancha da parede pra ver de quem era aquela mancha... hehehe. Tomava bronca e tal.

Cida medindo as mãozinhas das crianças

Cidoca: Ela chegava do serviço, às vezes tinha uma (*marca de*) mãozinha assim na parede, ela falava assim: “Criancinhas venham aqui com a titia!” (*imita-a com voz doce e suave*). Daí iam os três, tadinhos, Mônica, Paulo e a Andréa, subindo a escada. “Vamos pegar a mãozinha, põe a mãozinha aqui” (*continua imitando-a com o mesmo ar doce e suave*). Pra ver de quem era a mão que sujou a parede. “Essa mãozinha é sua, né? Você que sujou aqui” (*ainda sem perder o ar doce e suave, quase angelical*). Lá vai ela pegar um paninho e eles limpavam. Ela enganava os coitadinhos, né? Só pra pôr a mãozinha.

Joanna: Eles achavam que iam ganhar doce.

Cidoca: Era. Áí ela punha a mãozinha de cada um na parede: “Vamos ver de quem é essa mão...”. E punha a mão deles. Tadinhos, inocentes, punham a mãozinha ali pra ver o que acontecia. Subiam tudo doidinho. Judiação.

Cida: Aaaaaaaai... é. Você se lembra da casa da Guaicuí, tinha um corredor, né? E ficava cheio de mãozinha, porque os três iam lá de mãozinha suja e punham as mãos na parede. Eu ia com um paninho e limpava. Daí, quando eles iam lá eu falava: “Deixa eu ver de quem é essa mãozinha aí, pra ver quem sujou as minhas paredes!”. Daí eu ia pegar mãozinha por mãozinha pra ver quem sujava as paredes.

Andréa: Ela pegava pela orelhinha. Mas na verdade ela seduzia a gente, ela chamava a gente lá pela varanda da Guaicuí e falava: “Oi, meus amorzinhos! Venham aqui que a titia chegou!”. A gente ia, todos felizes, achando que ia ganhar alguma coisa, e ela já vinha assim (*mostra sendo puxada pela orelha e tendo que colocar a mão na parede*): “Vem aqui que eu quero ver de quem é essa mãozinha aqui!”.

Cida: (*Abre um riso amarelo, sem reação.*)

Andréa: Ela primeiro seduzia, depois punia...

Cida: É (*mantém o riso, meio paralisada*). Ah, mas eu levava vocês pra passear...

Andréa: No Santa Paula.

Cida: No Santa Paula. Ia no Parque Ibirapuera!

Andréa: Isso eu não lembro.

Cida: É, eu ia no Ibirapuera com meu fusquinha.

Andréa: Eu lembro do fusquinha e do Santa Paula, do Ibirapuera eu não lembro.

Cida: Levava vocês de domingo à tarde. Levava vocês pra passear bastante. Chegava no Natal, eu com a tia Célia íamos no Mappin, que era na (*no centro da*) cidade, daí a gente comprava um monte de roupa. A tia Célia comprava brinquedo, eu comprava roupa. Até hoje eu sou assim, né? Pros meus netos eu nunca penso em brinquedo, eu penso sempre em roupa.

Abaixa a televisão!

Joanna: Conta do dia que você foi pedir a Cida em casamento, meus filhos embaixo da mesa com o gravador, você lembra?

Domingos: Nesse dia eu levei o primeiro pisão da Mônica com o salto alto.

Joanna: Hahaha! Ela tinha uns tamancos deste tamanho (*indica com os dedos das mãos, a altura considerável dos tamancos*). E o Mingo ficava sentado, ele era grandão, a perna esticava e elas “plumba!” no pé dele... Ele ficava com os pés assim no sofá (*imita-o com as pernas esticadas para frente*).

Domingos: Mas não tinha uma vez que ela não pisava no meu pé!

Joanna: Hahaha!

Cida: E o Paulo e a Mônica moravam embaixo da minha mãe, né, eles sabiam que o Domingos ia chegar, ficavam embaixo na varandinha lá esperando. Daí o Domingos chegava, vinha buzinando desde a (*Rua*) Cardeal (*Arcoverde*), vinha buzinando... não, buzinando não, era o seu carro...

Domingos: Era o ronco do motor, ele tinha escapamento aberto, fazia um ronco!

Cida: Daí eu sabia que ele tava chegando, e o Paulo, a Mônica e a Andréa

também sabiam. Ficavam tudo esperando ele lá. “Oi, tio!” (*imita-os como se estivessem na varanda, com os braços escorados e punhos apoiando a cabeça*).

Domingos: É! Tô no carro, vinha ele:

— Oi, tio, tudo bem? (*Imita-o como se estivesse por trás da varanda, só a cabeça aparecendo*.)

— Vai embora, moleque! Vai embora!

— Oh, tio...

E ia embora... hahaha! Era um barato o Paulo (*imita-o com orelhas de abano*).

Joanna: Orelhudo, né?

Domingos: É...

Cida: Foi um tempo muuuuito bom.

Joanna: Mas cê não sabe dessa, né, Zé? Que eles ficaram embaixo da mesa gravando quando o Mingo pedia a Cida em casamento.

Andréa: Tem um filme... não tem um filme tio?

Cida: Acho que não.

Joanna: Não, era só...

Cida: Era rádio.

Joanna: Era só gravação de som.

Cida: Eles puseram um gravador embaixo da mesa.

Domingos: Eu lembro.

Cida: E você falando com a minha mãe.

Domingos: É... hehehe.

Joanna: Aí a televisão tava bem no último volume, eu escuto a voz da minha mãe assim: “Abaixa a televisão!” (*imita-a num tom de voz bem baixo*). Hahaha.

Andréa: Aí ninguém abaixa.

Joanna: Aí depois ela falou assim: “A vovó falou abaixa...” (*imita-a mantendo o tom de voz bem baixo*). Hahaha.

Cida: Minha mãe falava tudo mansinho, devagar...

Joanna: Mas olha a ideia deles, eles se esconderam embaixo da mesa pra gravar.

Cida: Eles eram terríveis, mas gostavam do tio, né?

Domingos: É, sempre brincavam comigo.

Cidoca: Era divertido, parecia aquela, como chama?... Aquele prédio que tem aquele programa na televisão lá, o andar de cima com o andar de baixo, aquela coisa louca. E um falava e gritava, e descia escada, e subia escada, era o cachorro que corria no corredor, né Joanna?

Joanna: Nossa, tinha um cachorro: Snoopy. Ele vinha lá do fundo, tinha uma piscina que a Cida deu, de lona, eles ficavam na piscina lá no fundo, o cachorro vinha todo molhado, né? Correndo no corredor, pra sala, da sala pra lá pros fundos...

Laís: Ah, o cachorrinho... Desse eu não lembro, esse cachorrinho, Joanna.

Joanna: Do Snoopy?

Laís: É, esse eu não tô lembrada.

Joanna: Ele tinha duas orelhinhas assim (*mostra as orelhinhas caídas*), tão bonitinho! Mas todo cachorro que entrava lá eu dava. Porque eu preferia a empregada do que o cachorro, entendeu?

Bichinhos de estimativa

Zé Carlos: A Joanna também tinha um cachorrinho que era doidinho. Aí eu chegava, o pessoal tudo quieto...

Joanna: O Snoopy?

Zé Carlos: É. Eu abria a porta e fazia assim: (*demonstra num rompante gestual e vocal*) “Aaahhhhh!!!”. O cachorro “taga-daga-daga-daga” (*num gesto, mostra o cachorro correndo e dando voltas velozmente pela casa*).

Joanna: Parecia um louco! Derrubava cadeira, derrubava tudo!

Zé Carlos: Derrubava cadeira, derrubava tudo. Aí ele saía, corria lá pro fundo do corredor... corria, corria, corria, bagunçava tudo lá, voltava correndo e passava por cima de todo mundo no sofá! Parecia um doido!

Joanna: Eram os dois, o Snoopy e você, né?

Zé Carlos: É.

Tico: E ficou muito tempo esse o cachorro com vocês?

Joanna: Não, acabei dando... hehehe.

Zé Carlos: Num guentou.

Tico: Quanto tempo ele durou?

Joanna: Até que ele ficou bastante tempo em casa.

Zé Carlos: Ficou, ficou... não ficou pouco tempo, não. Ficou bastante tempo.

Joanna: Acho que eu dei ele pra Conceição... não lembro...

Zé Carlos: Também não lembro pra quem deu... pode ser sim... mas não lembro.

Joanna: Não dava, com três filhos em casa, mais cachorro... Coitada da empregada!

Zé Carlos: E o cachorro era doido! E quando eu chegava, deixava o cachorro mais doido ainda... hehehe.

Isabella: Vocês já contaram a história do Huguinho?

Andréa e Joanna: Ah, o Huguinho!!!

Andréa: Uma tristeza, Huguinho era o meu patinho de estimação...

Joanna: Eles tinham o patinho, Huguinho.

Andréa: Era assim, a vó Concheta trabalhava no mercado, e eu sempre fui louca por cachorros, sempre, desde que eu me conheço por gente eu sou louca por cachorros. Então eu achava um cachorrinho na rua e levava pra casa, filhote. Quando o cachorrinho fazia uns seis, sete meses, e ficava com tamanho de adulto, ela (*Joanna*) já dava um jeito de sumir com o cachorro. Porque ou era o cachorro ou era a empregada. E lá no mercado tinha o seu Pedro, que ficava ali fora onde vendiam aves. O seu Pedro vendia galinha, pato... A banca dele era encostada na banca do Zé, que era irmão da Lalau. Vendia até cabritinho lá! Áí o seu Pedro aparecia com uma ninhada de vira-lata e vendia por tipo... dez reais. Então eu ficava trabalhando na banca da vó na semana pra juntar o dinheiro, ela me dava um real... sei lá qual era a moeda da época... aí eu juntava o dinheiro, chegava lá e comprava o filhotinho.

Mas depois que ela (*Joanna*) mandou todos embora, eu desisti. Só que uma vez, eu comprei um patinho amarelinho, o Huguinho. O Huguinho lá em casa, num domingo... a casa tava sempre cheia, a gente sempre andando de bicicleta. Saía com a bicicleta pelo corredor da casa, voltava e guardava no quintal. Eles acham que foi a bicicleta, mas não foi! Lá de cima da casa da vó Concheta, a tia Anunziata jogou todas as cascas de uva do resto do almoço pro patinho comer... O patinho morreu com a barrigona estufada. Porque uva mata até cachorro, né?

Supertóxica. Aí foi aquela choradeira, né? A gente fez o enterro do Huguinho...

Joanna: Nossa, parecia que tinha morrido alguma pessoa: "Huguiiiinho!! Huguiiiinho!!!" (*imita-os com voz muito chorosa*).

Enteraram ele lá no terreno da igreja, lembra de uma igreja protestante que tinha na (*Rua*) Fernão Dias?

Andréa: Do lado do antigo Frioqueijo, né?

Joanna: Eles enterraram lá no jardim da igreja.

Nesta casa quebram-se pratos

Fernanda: Olha, eu não sei das histórias, mas pelas fotos que a gente achou, eu adorei a história do ano-novo que vocês jogavam as louças.

Joanna: Ah! A gente jogava prato na rua!

Wilson: Essa era muito legal! O que ela fazia: pegava toda a louça do ano, todo ano ela fazia isso, e a nossa diversão era essa, pegar toda aquela louça, a gente colocava na varanda e começava a jogar no meio da rua (*faz um gesto de lançar pratos pelas bordas*). A rua ficava branquinha!

Joanna: E era a minha mãe que mandava, né?

Wilson: É!

Andréa: Inimaginável nos dias de hoje uma coisa dessas...

Wilson: Não... não dá! Hoje é incabível! Mas era muito legal! E era uma disputa pra ver quem jogava o prato mais longe, quem conseguia quebrar em mais pedaços, era muito gostoso!

E nós íamos para lá no Natal, os primos geralmente já ficavam lá porque no ano-novo nós íamos passar de novo, todo mundo junto, então os primos ficavam todos na casa dela (*aponta para Joanna*).

Joanna: Tudo na minha casa!

Wilson: Então, você imagina!

Joanna: Nossa, minha casa parecia pensão! Cada hora era um que ia pra ficar lá, lembra? Da Cidoca!

Wilson: A Cidoca... a Laís também...

Joanna: A Laís.

Wilson: A gente pegava, eu e o Paulo, as bicicletas: "Aonde nós vamos?". Yaohan (*confirmando o nome com Andréa*)?

Andréa: Yaohan! Era isso!

Wilson: Era esse, e tinha um outro mercado que tinha estacionamento...

Andréa: Era o da baleia... Eletroradiobraz!

Wilson: A gente ia andar de bicicleta ali, eu e o Paulo, e saímos em disparada, os dois. E sumia!

Andréa: Tinha uma rampa do estacionamento lá.

Wilson: Tinha uma rampa! É! A gente gostava de andar na rampa!

Wilson: E o tio Salvador?

Joanna: Era tudo cantor!

Wilson: Tudo. Meu pai...

Joanna: Meu tio Vitório cantava, o Salvador, o vovô também cantava...

Wilson: Do vô eu não vou lembrar porque eu era muito pequeno... eu lembro dele, mas é uma lembrança muito pequena.

Joanna: Eu lembro até de uma música que meu avô cantava sempre. Foi bem gostoso aquele tempo! Porque todo domingo os primos todos iam almoçar na casa do avô! Era lei!

Wilson: E a tia Concheta na verdade manteve isso, né?

Joanna: Manteve! Depois que meu avô morreu.

Wilson: Ela manteve porque a família tava sempre junta. Sempre junta. Pegava um domingo, de repente, meu pai: "Vamos pra tia Concheta!". Ia almoçar lá. Era sempre assim. E é o que eu falei, depois que a tia Concheta morreu... a família fez assim: puffff! (*Faz um gesto de pulverização.*)

4.4.

O retrato de uma época

Andréa: Eu não consigo imaginar hoje, por exemplo, uma criança de sete anos andando da (rua) Guaicuí até o Mercado Municipal (*de Pinheiros*). Ainda mais lá hoje. E esse era um trajeto que eu fazia várias vezes por dia. Eu ia

pra banca da vó e voltava. Principalmente quando veio a tia Luzia. Lembra quando veio a tia Luzia pro Brasil (*pergunta para Joanna*)? Era eu quem ficava levando e trazendo ela do mercado para casa. Tanto é que, quando eles foram para a Itália, que sua mãe (*Célia*) foi com o Paulo e a vó Concheta, ela mandou uma carta falando pra vó ir pra lá pra resolver os assuntos da casa e da herança, sei lá o que era... E ela ainda fala assim na carta: "Traga a bambina" — que era eu. Mas eu tinha muito medo de avião, desde que eu me conheço por gente, aí o Paulo foi no meu lugar. O bonitão foi.

Paulo (filho): Eu me lembro como se fosse ontem, eu tinha nove anos quando eu fui pra Itália com a tia Célia e com a vó. A palhaçada começou no avião! Hahaha. A tia Célia tinha o dom de fazer todo mundo perder o fôlego de dar risada. Começou com a vó, a gente tava trocando de avião, e ela começou a dar risada de uma tal maneira, tão contagiativa, que ninguém conseguia nem se mover, quase perdemos a conexão porque a vó não conseguia colocar o sapato de volta porque o pé inchou no voo. Hehehe. A tia Célia chorava de dar risada. Eu comecei a ficar contagiado pela risada, e a vó ficava brava porque estavam dando risada dela, o que fazia a tia Célia dar mais risada ainda... e ninguém se mexia. Mas a vó ficou tão puta da vida naquele dia... hehehe.

Olha, 30 dias eu passei com elas lá, eu acho que eu tenho dez histórias para contar que eu me lembro, faz quase 50 anos, Tico, vai fazer quase 50 anos que eu fui pra lá. E esse tipo de oportunidade que eu tive, eu tenho certeza que tendo viajado para o exterior de pequeno já botou a semente na minha cabeça desde então que eu queria conhecer o mundo. Assim que eu pude, eu fui. Mas foi a vó, foi a mãe e a tia Célia... foi um esforço mesmo de família, porque a passagem era cara. E eu cismei: "Eu quero ir com a vó, e com mãe e a tia Célia...", e minha mãe acabou produzindo o bilhete lá. Meu pai, pra variar, é meu *missing in action* (desaparecido no combate)... hahaha! Aonde elas iam, eu ia atrás. Nunca deixaram de levar o Xuxu (*apelido que Célia deu para Paulo*) com elas, incrível!

Paulo: No dia a dia, eu ia do Largo de Pinheiros para a Cidade Universitária a pé, normalmente. Quando eu perdia o ônibus, na volta da escola, eu voltava a pé pra casa. Se eu tivesse alguma atividade depois do período letivo, eu voltava a pé pra casa. E nunca... já tinha alguma coisa de crime, você tinha que ficar esperto e tal, mas eram coisas que as pessoas falavam. É uma coisa que hoje, por exemplo, o pessoal crescendo aqui em São Paulo nunca vai fazer isso. Pelo que eu sei não faz isso. Era uma liberdade que também você não se dava conta que era uma coisa especial. “Eu perdi o ônibus, tenho que voltar para casa a pé” (*dá de ombros como quem diz “e daí?”*). Era só o que você tinha que fazer, você tinha que chegar em casa de algum jeito. Ninguém andava com dinheiro, a gente era pequeno. Mas era um negócio que você não se dava conta de que era um privilégio.

Joanna: E nem eu ficava preocupada, porque vocês iam e vinham sozinhos, eu jamais imaginei que alguma coisa de ruim pudesse acontecer com eles. Porque eles saiam daqui cinco e meia, seis horas da manhã. Eles pegavam dois ônibus, né?

Paulo: Eu pegava dois ônibus.

Joanna: Pegavam um até a (*Avenida*) Dr. Arnaldo, depois pegavam outro até a USP e voltavam com dois ônibus também. Mas eu não me preocupava. Eu nunca tive um pensamento assim: “Meus Deus, o que pode acontecer com eles?”, ou ficar com medo, pôr medo neles, eu nunca pus medo neles.

Paulo: É isso que é importante, sabia, mãe? Você nunca criou ansiedade.

Joanna: Eu nunca passei pra vocês. Porque eu não tinha como fazer diferente. Eu não podia levá-los na escola, nem buscar, porque eu trabalhava, então **eu tinha que passar confiança pra eles**.

4.5.

Uma grande família ao redor

Paulo: Como, depois que meus pais se separaram, a gente veio morar do lado da casa da vó, era todo dia, 24 horas por dia, todo dia do ano, com a vó lá. Quer dizer, não tinha diferença entre a minha casa e a casa da vó. Era uma

coisa só. Se saía algum arranca-rabo com a Mônica e a Andréa, eu ia dormir na casa da vó. Hehehe.

Tico: Você dormiu muito lá?

Paulo: Pffffffffff... (*faz uma expressão sonora e facial que, em linguagem escrita, representaria algo como “bastante”*). Adorava dormir lá! Não gostava de dormir na minha casa. Lá era mais divertido, por causa da tia Célia. Tia Célia fazia o “Bom banho”. Sabe o que é o “Bom banho”? Ela pegava quatro ou cinco cobertores, punha numa cama só, e você ficava debaixo dos quatro, cinco cobertores. Era o “Bom banho” da tia Célia. Hahaha. Era divertido. Mais companhia também, né. Minha mãe chegava cansada do trabalho, com três crianças enchendo o saco dela, a babá já se retirava porque tinha passado tempo suficiente com três... hehehe... com três demônios... então, era meio... não tinha diversão. Mas lá em cima (*na casa da vó*) tinha.

A televisão da vó era maior também. Hahaha. A tia Célia me dava um roupão de bolinha. Nunca esqueço. Aquilo era velho, cara! Mas eu adorava colocar aquele roupão no final do dia e assistir televisão com elas na televisão da vó. Hehehe. O pijama e o roupão. Era um roupão de toalha grosso, cheio de bolinha colorida. Não sei que fim levou, mas a tia Célia adorava que eu punha o roupão dela.

Eu tive muita sorte, porque eu fui rodeado de gente que deu para a gente todo o suporte de que a gente precisava, suporte emocional, suporte financeiro, suporte de caráter, né, que você precisa para se desenvolver como uma pessoa que você consegue olhar no espelho de manhã sem ficar com vergonha. Eu, a Mônica e a Andréa tivemos muita sorte da família que nos rodeou, desde pequeno. E como o sacrifício era constante, de todo mundo, ninguém ficava falando do sacrifício e tal, a gente aproveitava, a gente vivia. A vó Concheta vivia enchendo o saco da mãe que ela gastava muito dinheiro, mas a mãe não tinha opção. E a gente se matava de rir, quase toda hora que tava junto. Era incrível mesmo.

Paulo: A minha infância foi uma infância normal, dentro de uma família que realmente fez da gente o foco dela. Eu tive três, quatro mães, né? Era a

minha mãe, a vó Concheta, a tia Célia e a tia Cida, 24 horas por dia, sete dias por semana, 365 dias do ano. Até quando elas casaram, eu, a Mônica e a Andréa éramos o foco da vida delas. Levavam a gente pra viajar, levavam para comprar presente de Natal, de aniversário, levavam pra todo lado.

Mas era também uma das coisas que você não se dá conta na hora. Primeiro porque você é criança, segundo que você não para pra pensar no que você absorveu de um certo período da tua vida. Mas olhando para trás, o que eu vi? Eu vi quatro mulheres que trabalhavam todos os dias, ninguém reclamava, a vó trabalhava quase seis dias por semana, das seis às seis. Então era gente cujo o senso de dever era todos os dias. E de um jeito ou de outro você percebia, entendeu? Sem saber que era um ensinamento explícito, mas era o exemplo que você via.

Eu tinha problema de comportamento na escola e tudo mais, mas acho que no final da história, eu tive uma infância muito saudável. Uma infância muito feliz. E a gente era rodeado de muito amor, **o tempo inteiro a gente era rodeado de amor.** Disciplina, lógico, a vó era sempre a que disciplinava, pensando em certos princípios. A mãe disciplinava porque às vezes a gente enchia o saco dela na hora errada. Mas a vó não, a vó tentava te dar alguns princípios de vida, desde que eu me lembro, desde pequeninho.

O mais importante era realmente essa estrutura de família. Eu tinha uma família grande, todo domingo vinha gente em casa. Era o tio Vitório, o tio Salvador, aí quando a tia Célia começou a namorar o teu pai (*Zé Carlos*), era a família da dona Edith, o Sérgio... então tinha sempre um monte de gente em casa no fim de semana. E esse conceito de família era importante, porque só depois que eu mudei para os Estados Unidos, de adulto, quando eu fui sozinho para lá, é que você nota que você tinha alguma coisa que agora você não tem mais.

Compras com Célia

Mônica: Não tinha Papai Noel com a Joanna. Ela levava a gente no Mappin (*tradicional loja de produtos variados de São Paulo*) comprar presente com a tia Célia, ela falava assim: “Saiba, eu estou lhe dando o presente, o Papai Noel só vai entregar”. Entendeu? A gente tinha certeza de que era ela que estava comprando o presente.

Joanna: Foi meu primeiro crediário. No Mappin. Com os três comigo. Ficamos quase o dia inteiro no Mappin, né?

Mônica: É, a tia Célia tava lá, coitada... com nós.

Joanna: Tava?

Mônica: Tava.

Joanna: A Célia era gozada! Eu comprava as coisas no Mappin na hora do almoço, e ela trabalhava na Light (*empresa de fornecimento de energia elétrica*). Na porta da Light tinha um ponto de ônibus, e era parada final. Então ela pegava o ônibus lá. Ela saía às quatro, pegava o ônibus na porta, ia sentada. Aí eu passava no Mappin, comprava um monte de coisa e deixava lá na recepção: “Entrega pra Célia”. Daqui a pouco ela ligava: “Você é gozada, né? Você mandou tudo pra eu levar! Eu volto cheia de pacotes!”. Hahaha!

Mônica: Hahaha!

Joanna: Comprava louça... hahaha!

Mônica: Umas coisas fáceis de levar no ônibus, sabe? Qualquer pessoa carrega isso no ônibus.

Joanna: Hahaha! Ela me xingava, mas ela levava.

Joanna: Quando ela trabalhava na Light, eu trabalhava na Rua Formosa, era perto. E ela saía... Que horas ela saía da Light? Às quatro ou às cinco?

Zé Carlos: Quem?

Joanna: A tua mulher. A Célia.

Zé Carlos: Era... quatro e meia, cinco.

Joanna: Cinco. E eu saia às sete. E o ponto inicial do ônibus Pinheiros era em frente à Light. Aí eu ia no Mappin, que eu tinha carnê lá, comprava um monte de coisas, subia na Light e deixa com a recepcionista. Ela até já me conhecia. Eu falava: “Você entrega pra Célia, pra ela levar pra mim?”. Noooossa! Ela ligava xingando! Mas eu falava: “Você vai sentada no ônibus, você sai cedo... Custa você levar pra mim? Porque eu vou em pé no ônibus, eu saio tarde...”. Mas ela ficava louca da vida.

Zé Carlos: Ficava doidinha. É, porque ela ia sentada, pegava no ponto inicial...

Joanna: É, então, por isso que eu deixava as tranqueiras lá... hahaha!

Célia pregava peças

Joanna: Minha mãe que falava: “A Célia é mentiroooosa!”. Adorava pregar peça nos outros. Muito. Ela assustava os outros, tinha minha vó Judite, ela escondia a dentadura dela! Coitadinha da velhinha... E ele (*Zé Carlos*) ajudava a Célia a esconder.

Zé Carlos: O quê?

Joanna: A dentadura da dona Judite.

Zé Carlos: Hehehe! A gente escondia! Ela deixava no copinho, aí a gente tirava, punha outro copinho vazio e escondia o copinho com a dentadura dela.

Tico: E ela ficava brava?

Zé Carlos: Noooooossa, cê nem imagina! Quer dizer, brava não, ela ficava apavorada coitadinha... ela precisava da dentadura. A dona Judite era fora de série! Ela me esperava pro almoço. Depois de eu fazer as minhas coisas, ela me esperava para o almoço. Preparava meu pratinho, fazia limonada.

Joanna: Nossa, ela era uma gracinha, né?

Zé Carlos: É.

Joanna: E ela morou na Vila Mariana, na (*Rua*) Luís Góis. Era a única da família que tinha telefone. Aí a Célia ia lá no QG, que era do lado da banca da vó, todo dia na hora do almoço, ela sabia que a velhinha tava ocupada fazendo comida, ela ligava pra dona Judite! Aí ela perguntava: “Quem fala?”. Um dia, acho que a vó Judite tava meio nervosa, pegou e respondeu (*em tom bravo*): “É o Padre De La Peña!”. Hehehe! E desligou o telefone!

Tico, tua mãe era triste, triste, cê nem sabe...

O matriarcado

Joanna: E a Célia era bem companheira, levava eles pra passear.

Mônica: Sempre. Tem várias fotos da gente no parque com a tia. Eu acho também que essa coisa que a mamãe fez de, quando ela se divorciou, ter voltado, não para a casa da vó, mas ter voltado pra perto da família, ajudou a gente a não se sentir tão isoladas. Particularmente a tia Célia. A tia Célia tava sempre levando a gente em algum lugar. A tia Cida também levava a gente lá no Santa Paula. A gente sempre teve essa **grande família ao redor**. Então se ela

(*Joanna*) não tava, a tia Célia tava, a tia Cida tava, a vovó tava, tinha sempre... uma casa com sete mulheres, né? Porque era a vovó, a tia Cida, a tia Célia, a Joanna, eu, Andréa e a empregada. A Fia ou quem fosse. Então tinha sempre sete mulheres, e o Paulo era o único homem, na verdade. Então tinha sempre uma coisa mais da mulherada, tipo assim, liderar a casa.

Andréa: Era um matriarcado!

Mônica: Era um matriarcado, com certeza! Não tinha homem mandando em lugar nenhum! O único homem que tinha era um menino de oito anos e pentelho. Hahahaha!

Andréa: Que tentava... tentava muito.

Mônica: Hehehe... queria muito, tentava, mas nunca dava certo, né?

Andréa: Não.

Mônica: Principalmente comigo, né? Toda vez que ele falava “vou assistir isso”, eu: “Não, eu vou assistir aquilo”. E a gente saía no pau.

Andréa: É. Era osso pra mim. Eu ficava ali de ping-pong tentando pacificar a situação. Até hoje eu me pego nesse papel. Se bem que eu andei largando mão... Acho que eles já estão bem grandinhos pra isso. Mas tô sempre tentando contornar a situação. Acho que a vida toda. Mas ela, a dona Joanna Helena, sempre levou tudo isso como eu já falei antes, com muito humor, claro que com aquele jeitinho todo carinhoso dela de mandar a gente pra Paris... pra London... e tal...

Mônica: Hahaha!

Andréa: Mas sempre **levando a vida de uma forma alegre**. Enfrentando todas as situações de uma forma bem “vamo que vamo!”. E foi. Né, mãe?

CAPÍTULO 5

AS PERIPÉCIAS DOS MEUS FILHOS

Histórias dos filhos

Década de 1970

Joanna: Depois eu preciso contar sobre as peripéias dos meus filhos, né... porque eles não eram nenhuns anjos. Eu trabalhava, tocava o telefone, era a Andréa, do orelhão: "Mãe, o Paulo me trancou na rua e não quer abrir a porta..." (*risos*). E **eu sem poder sair para pegar eles e matar**, né? Hahahaha... que eu tinha vontade, às vezes... Coitados, viu! Não que eles fossem assim, muuuuito desobedientes. Eles não eram. Porque apesar disso, eu não podia dar tudo para eles, né, e eles não reclamavam de nada. Nem me pediam coisas que eu não podia dar, sabe. Eles se contentavam com aquilo que eu tinha para dar para eles. Eles sabiam da minha dificuldade.

5.1.

Olha o chinelo!

Joanna: Posso ficar ouvindo ou é confidencial?

Tico: Pode ouvir, claro.

Joanna: Aí posso bater nele se ele falar mal de mim?

Tico: Aí é com vocês...

Paulo: Só esconde o guarda-chuva, que o guarda-chuva machuca. Ela gostava de pegar o guarda-chuva e dar nas minhas costas assim (*faz o movimento de bater com o guarda-chuva*). Hahaha!

Joanna: Olha... hehehe... haha...

Tico: Revelações...

Joanna: Eu pegava as Havaianas. Um dia eu corri da Guaicuí, Fernão Dias, Sumidouro, Padre de Carvalho (*desenha o quarteirão e suas ruas com a mão no ar*)...

Paulo: E de volta...

Joanna: Guaicuí... correndo atrás dele que nem uma louca!

Paulo: Pegava o chinelo, tacava...

Joanna: O chinelo não acertava nele, eu pegava ele de novo... umas três, quatro voltas nós demos!

Paulo: Hahahaha!

Tico: E você nesse momento? Você lembra desse episódio?

Paulo: Você sabe que eu me lembro relativamente bem dessa história. Eu me lembro.

Joanna: Ele lembra de tudo.

Paulo: Eu lembro a razão pela qual você ficou louca.

Joanna: Eu não lembro.

Paulo: Eu lembro.

Joanna: Pode falar?

Paulo: Pode, mãe, eu era pequeno, tinha dez anos, nem isso... é, talvez nove ou dez anos. Eu e mais uns dois ou três meninos da rua, o Edgar, o Evandro que morava na esquina, e o Ricardo da Dona Delina, estávamos tentando a vizinha de perto do bar na Fernão Dias. A gente ficava subindo no portão e fazendo graça para ela. Aí o pai dela foi lá reclamar com você. Você ficou

louca, passou a mão no chinelo e foi atrás. Hahaha. Pelo quarteirão, até que você cansou. Hahaha.

Joanna: Um dia tava um fuá lá na frente, Tico, eles passaram empurrando um carrinho de nenê, os meninos lá da rua. A Cida, então: “Ai! Coitada dessa criança! Eles não podem fazer isso!”. Quando eles passaram uma outra vez, ela parou eles: “Como que vocês fazem isso com uma criança?”. Adivinha quem era a criança?

Paulo: Hahaha!

Mônica: É... mas ela não era de bater não, uma vez como eu te disse, foi só dessa vez. E eu ainda fui inocente naquela pancada! Porque na esquina da rua tinha uma menina, e ela tinha problemas mentais, e eu e a Andréa, nessa época, tínhamos cabelo curto porque era mais fácil de cuidar.

Tico: Que época era essa?

Mônica: Eu devia ter uns 7, 8 anos. A gente sempre brincava na rua. Sábado à noite, tinha uma amiga minha que vinha, ficava toda a criançada brincando na rua.

Joanna: Sábado era constante, todo sábado vinha aquela turminha.

Mônica: É, vinha uma turminha, o Paulo tinha os amigos deles lá, quando o Ricardo ainda morava na rua. E a gente ia brincar.

Tico: Só pra situar, isso era que ano?

Mônica: Era 73, 74, nessa época. Lá na Guaicuí. O Paulo e o Ricardo decidiram espionar a menina. Então eles subiram no muro da casa da menina e ficaram acho que enchendo o saco dela. A mãe não viu, ela só viu duas cabeças e achou que eram duas meninas. Ela veio e falou para sua mãe (*Célia*).

Joanna: Agora que eu tô sabendo disso...

Mônica: Eu e a Andréa tomamos uma surra! A Andréa ainda lembra dessa surra, foi a única surra que eu tomei da minha mãe, o Paulo não falou que foi ele, ficou bem quietinho.

Joanna: Quem era a menina?

Mônica: Era uma menina que morava na esquina. Tinha uma casa, aí tinha um bar, e tinha uma outra casa. Eles tinham um muro, e o Paulo e o Ricardo

pularam o muro lá para espionar a menina. Mas foi a única surra que eu tomei da minha mãe.

Joanna: Eu nem lembro de ter dado essa surra...

Mônica: Hehehe... você tava ocupada, mãe... hahaha!

Joanna: Eu lembro que eu queria matar o Paulo, né?

Mônica: Normalmente...

Joanna: Que eu corria com o chinelo atrás dele dando voltas no quarteirão. Guaicuí, Fernão Dias, Sumidouro, Padre de Carvalho, Guaicuí, eu com o chinelo, e ele ia voando, voando, voando... hahahaha.

Mônica: Hehehe.

5.2.

Radionovelas no quarto trancado

Joanna: Nossa, mas só faltava eles se matarem, sabia? E quando eles se trancavam no quarto do Paulo...

Andréa: Mas aí, às vezes, era artes cênicas. Porque uma coisa que a gente fazia quando era criança era ir na banca de jornal, na esquina de casa, e comprar revistinha de terror. O Paulo tinha um gravador de fita K7, e a gente ficava encenando, tipo uma radionovela, só que de terror, e a gente gravava. Então, às vezes, tinha uma história de “ele matou ela”. E a Moniqueta (*imitando um grito alto*): “Ahhhhh!!!”. Hahaha! E coitada, a empregada ficava doida porque a gente trancava a porta...

Joanna: Se trancavam no quarto imitando novela, batendo com a régua na mesa. Coitada da Fia, ela ficava de cabelo em pé, porque achava que eles estavam se batendo.

Paulo: Hehehe.

Joanna: E eles estavam fazendo uma novela lá.

Paulo: No gravador.

Joanna: O Paulo dava com a régua na mesa, fazia aquele barulho, e a Mônica: “Aaaaaaaai!!!!”.

Paulo: Hahaha!

Joanna: Não bastasse a realidade!

Paulo: E a porta trancada. A gente se trancava no quarto, eu tinha um gravador K7, e a gente gravava as novelas. A gente escrevia o *script* (*roteiro*), cada um tinha uma parte... hahaha. Aí sempre tinha algum tipo de violência no trabalho: batia a mão na mesa, na minha escrivaninha; a régua; chutava; mexia a cama... porque era só o som.

E a empregada se desesperando do lado de fora da porta: “Paulo, você vai matar a tua irmã! Vou chamar a polícia!”. Hahaha!

5.3.

A espingardinha de chumbo

Isabella: E a arminha de chumbo?

Joanna: A arminha de chumbo do Paulo eu já contei, não contei? Foi assim: o pai deles, acho que ele queria que eles se matassem, pra ele não ter que dar pensão. Ele não dava dinheiro pra mim... O filho da puta nunca deu um par de sapato pra vocês, né, Andréa?

Andréa: Não.

Joanna: Nem uma calcinha, uma meinha, nada! E ele ia visitar as crianças lá de tarde quando eu não tava, né?

Andréa: Raramente...

Joanna: Raramente... Quando ele ia pra São Paulo, fazer alguma coisa, ele passava lá uns dez minutos em casa. E a primeira coisa que ele deu pro Paulo foi uma espingardinha de chumbo, que foi parar na mão do Zé Carlos.

Uma época eu via que a Mônica fazia assim (*faz um gesto de bater o dedo indicador de uma mão na palma da outra mão*) quando o Paulo queria bater nela. Ela fazia esse gesto de “você está na minha lista” para ele. Eu pensei: “Mas o que será esse sinal?”. Aí um dia eu chamei a Mônica, falei: “Mônica, vem cá. O que tá acontecendo com você e o Paulo, que você só faz assim pra ele

(*mostra o gesto novamente*)?”.

E a Mônica... ela não consegue... quando ela mente, ela vira os olhos (*imita-a virando os olhos para cima e para os lados*)... Hahaha!

Andréa: Ela fica vesga e olha pra cima assim (*imita-a*). Hahaha!

Joanna: Aí eu falei: “Aí tem! Conta para mim!”. E ela contou que o Paulo e o neto da dona Delina estavam lá na minha “arinha” (*areazinha*) dos fundos, acertando os limoeiros com a arminha de chumbo. Mas aí saiu uma mulher na janela do outro lado, que morava na Padre de Carvalho...

Andréa: Não era limoeiro, era a cortina que ela balançava quando eles acertavam. Eles estavam atirando na cortina, eu acho.

Paulo: Essa história foi engraçada, porque foi um daqueles eventos que durou vários dias, algumas semanas na verdade, e foi... deve ter sido em 78, 79... 79. Eu, com minha espingardinha de chumbo, e o meu vizinho, Ricardo Sasso, nós fomos no quintal do fundo da minha casa, subimos no telhado e ficamos numa parte do telhado que era dividido entre a minha casa e uma oficina que tinha na Fernão Dias, que o fundo dela dava para a minha casa. A gente lá de cima conseguia ver o quintal de uma casa que a entrada era na Padre Carvalho. Era a casa do seu Oliveira, ele tinha um limoeiro lá.

E foi engraçado porque tava só eu, a Mônica e o Ricardo em casa. Nós estámos lá tentando acertar os limões na árvore, um dos chumbinhos passou, entrou na janela e acertou uma mulher que morava na casa. E a gente só se deu conta porque a mulher saiu na janela e falou: “Ei! O que vocês estão fazendo aí?! Vocês me atiraram!”. Imagina só... meio quarteirão de distância! Aí a gente tava atrás de um muro que fazia, à distância, com que a gente parece mais jovem do que éramos. Nós fugimos do telhado, entramos de volta em casa, e eu falei: “E agora? Se eu falar pra Mônica, ela vai falar pra mamãe, então eu vou ficar quieto aqui e esperar que nada aconteça”. Hehehe.

Joanna: Aí a mulher apareceu, tomou um na barriga, né? O Paulo e o Ricardo correram, se esconderam no guarda-roupa e mandaram a Mônica abrir a porta. Aí, diz a Mônica que a mulher perguntou:

— Seu irmão é o que está de agasalho Adidas?

— Meu irmão? Não, ele tá ajudando a minha avó (*imitando Mônica falando, ficando vesga e olhando pra cima*). Tá no mercado ajudando minha avó... (*risos*).

Você sabia que ela tava mentindo por causa dos olhos dela, coitada, não podia nem mentir...

Andréa: Ela olhava assim pra cima e ficava meio vesga... hehehehe.

Joanna: Hihihih. A mulher, então, falou assim: “Olha, é porque eu conheço muito a sua avó, viu? Se não, eu ia chamar a polícia”.

Paulo: Passam uns minutos, e “plim-plom”, toca a campainha. Era a mulher. Aí eu falei pra Mônica: “Fala que você tá sozinha. Fala que teu irmão tá no mercado, ajudando a tua vó”. Hehehe.

Aí a mulher falou:

— Você tem dois irmãos?

— Não, tenho um irmão só.

— Cadê ele?

— Ele tá no mercado, ajudando a minha avó.

— Você tem certeza?

— Tenho.

— Eu vou voltar aqui com a polícia mais tarde, porque ele me deu um tiro!

E mostrou o lugar pra ela... hahaha... e foi embora. Aí eu saí, estávamos eu e o Ricardo escondidos dentro do guarda-roupa no meu quarto. Esperamos um pouco, voltamos na sala, a Mônica, como se nada tivesse acontecido, comendo uma maçã — que ela comia 70 maçãs por dia — assistindo televisão. Eu perguntei: “Mônica, o que aconteceu?”. Ela falou (*imita-a comendo maçã e assistindo TV despreocupadamente*): “Ah, ela falou que vai voltar com a polícia mais tarde”. Hahahaha! Nem olhava pra mim, ela olhava pra televisão, comendo maçã: “Ela falou que você deu um tiro nela”. Hahahaha!

Aí, eu e o Ricardo começamos a planejar, né. Eu falei: “Esse negócio não vai dar certo, vai acabar mal, vamos lá pedir desculpas”. Foram os dois salames lá na casa da mulher, que era a casa do seu Oliveira, a mulher abriu a porta e nem reconheceu a gente, porque a gente era, à distância, bem menor do que ela esperava. Aí falei: “Olha, queria pedir desculpas, foi com a minha espingardinha de chumbo, nós tivemos um acidente, não foi intencional, a gente tava atirando no limoeiro e passou pra tua janela...”.

Ela na mesma hora, reconhecendo: “Ahhh, o neto da dona Concheta!”. E depois olhou pro Ricardo: “Ahhh, o neto da dona Delina!”. Isso era perto do Natal. Aí, bom, tudo bem, ela aceitou as desculpas, eu voltei para casa, falei: “Mônica, tá tudo resolvido, não precisa falar para mamãe”. Hehehe. Nessa época, o pessoal passava o menino Jesus de casa em casa. Você sabe dessa, não?

Tico: Do menino Jesus, não.

Paulo: Todas as velhinhas do bairro iam na casa de quem tivesse o menino Jesus naquele dia para fazer as rezas do Natal. A Mônica então pensou bem e ela falou assim: “Olha, eu não falo pra mamãe o que você fez, mas eu quero a tua calculadora”. Que eu tinha ganhado uma calculadora.

Joanna: E o dedinho dela pra você?

Paulo: Pois é... Aí falei: “Não. Não vou te dar minha calculadora”. Hehehe. Aí sempre que ela tinha mais audiência, a vó, a tia Célia, a minha mãe, ela ficava assim para mim ó (*repete o mesmo gesto de bater o dedo indicador de uma mão na palma da outra mão*). Hahaha! Até que eu dei a bendita calculadora pra ela. Hahaha!

Joanna: Hahaha!

Paulo: Aí chegou o dia que o menino Jesus foi na casa do seu Oliveira. A vó, a dona Delina... estavam todas lá. A mulher, então, falou assim: “Nossa, dona Concheta, dona Delina, eu conheci os seus netos!”

— Ah, que bom!

— É. Eles deram um tiro na minha filha!

Hahahaha!

A mulher ainda mostrou: “Olha só como é que ficou!”. Tava tudo roxo (*indica a parte lateral do dorso da mulher*). Aí a vó ficou... A única coisa que você não queria fazer para a vó era com que ela passasse vergonha na frente das amigas dela! Mas ela veio uma onça para a casa. Foi aí que eu perdi a espingardinha, deram para o seu pai (*Zé Carlos*) levar.

Então, depois que todo mundo já tinha ficado sabendo do “crime”, eu fui lá e tomei minha calculadora de volta da Mônica. Hahaha!

Mas essa levou uma semana que a Mônica todo dia fazia assim ó (*faz novamente o gesto de bater o dedo indicador de uma mão na palma da outra mão*). Todo dia!

Joanna: Eu via a Mônica fazer assim (*repete o gesto de bater o dedo indicador de uma mão na palma da outra mão*). O Paulo ficou na mão da Mônica até que ela me contou. Aí eu peguei a espingardinha e dei para o teu pai (*Zé Carlos*) esconder.

Paulo: Se eu discordasse dela em qualquer coisa (*repete o gesto intimidador*)... Hehehe. Ela me torturava, a Mônica. Hahaha!

Joanna: Hahaha! Ela que torturava ele, coitado. Um dia, Tico, cheguei em casa e vi um monte de cabelo, tufos de cabelo na “arinha” (*areazinha*) da frente. Eu achei que elas tinham cortado o cabelo da boneca, né?

Paulo: Hehehe.

Joanna: Quando eu vi a Mônica... Nossa Senhora! Parecia que ela tinha tido uma doença no couro cabeludo! Nossa!

Paulo: Hehehe. Eu cortei o cabelo dela com a tesourinha de papel, lembra daquelas tesourinhas de ponta redonda de papel? Hahaha!

Mônica: Numa calma tarde, estávamos só eu e o Paulo em casa. Andréa estava na escola. Ricardo, amigo do Paulo, veio visitá-lo, e os dois foram para o quarto, lá no fundo da casa. Eu estava na sala lendo gibi, provavelmente. Depois de uma hora, mais ou menos, o Paulo apareceu esbaforido na sala:

— Olha, se alguém bater na porta, fala que eu estou no mercado, trabalhando com a vó.

— O quê? Não tô entendendo, o que aconteceu?

— Depois te conto.

Nesse minuto, tocou a campainha, o Paulo saiu correndo pros fundos de novo. Abri a porta, era uma mulher:

— Cadê seus irmãos?

— Eu só tenho um, ele está no mercado ajudando a minha vó (menina obediente que eu era)...

— Tem certeza? Olha, dois meninos atiraram em mim, e eu tenho certeza de que o tiro veio dessa casa. Tô indo na polícia agora!

Quase tive um ataque do coração, nem sabia o que tinha acontecido. Aí ela levantou a blusa e me mostrou o hematoma gigantesco que tinha na barriga.

— Tô indo agora na polícia!

Eu entrei em pânico.

— Eu não sei quem foi, meu irmão tá no mercado.

— Quem é a sua avó?

— Dona Concheta.

— Ah, eu conheço ela, vou lá ver se ele está lá mesmo!

A mulher saiu puta da vida. Eu entrei em casa e fui procurar o Paulo,achei ele e o Ricardo escondidos dentro do guarda roupa. Vê se pode... a coragem do rapaz. Aí eu contei pra ele que a mulher estava indo pra polícia e ia contar pra vó também. Eles saíram correndo, não sei pra onde foram. Quando o Paulo voltou, ele me disse:

— Por favor, não conta pra mãe, ela vai me mandar embora ou me matar (alguma coisa assim).

— Não conto, com uma condição: você nunca mais pode me bater, e eu posso assistir a tudo o que eu quero na televisão!

Melhor fase da minha vida: três semanas sem apanhar e podia assistir a todas as minhas novelas! Toda vez que começava alguma briga nossa, eu fazia o gesto de que ele “estava na minha mão”, e ele tinha que ficar quieto. Foi um sossego. Até que um dia, minha mãe ficou desconfiada porque ele começou a brigar comigo, e eu fiz o gesto na frente dela. Aí ela pressionou.

Não sei quem foi que contou. Na minha memória foi o Paulo, porque ele estava cansado de ser bonzinho e assistir a novelas. Acabou o meu sossego. Voltei a apanhar e a ter que assistir ao que ele queria na TV. Muito triste...

Nunca pedi a calculadora de ninguém, nem lembro dele ter calculadora nesse tempo. Aliás, toda vez que ele aprontava, e eu era testemunha, ou toda vez que ele me machucava, era um período de paz para mim...

Paulo: Às vezes eu as trazia para as minhas coisas. Que foi até quando meu pai (*Zé Carlos*) tomou a espingardinha de chumbo que meu pai tinha me dado porque eu fazia treinamento militar no quintal. Então eu ficava dentro do quarto da empregada, tinha um buraco na janela, eu punha a espingarda do lado de fora assim (*demonstra a posição da espingarda com o cano atravessando o buraco da janela*), e a Mônica corria. Eu tinha que acertá-la enquanto ela corresse, aí vinha a Andréa... Hehehehe!

Joanna: Uma brincadeira salutar.

Paulo: Hahaha. Elas punham um monte de casacos, punham um capacete e ficavam correndo na frente da espingardinha de chumbo... hahaha!

Joanna: Quanto mais você me fala isso, mais eu me arrependo de não ter posto seu pai na cadeia!

Paulo: Mas não era chumbinho que eu punha lá, eu punha um palito de fósforo... que ainda assim doía à beça....

Mônica: Eu lembro que a gente brincava de “Guerrilheiro”. Ele tinha a espingardinha de chumbo...

Andréa: Você e ele!

Mônica: É, eu e ele. Então era assim: o quartinho do meio dava pro quintal do meio, e tinha um pedacinho de madeira que ele tinha quebrado, porque ele fazia alvo de... O meu pai também dava uns brinquedos especiais pro Paulo... era faca, era espada...

Joanna: Ele queria que eles se matassem pra não pagar pensão!

Mônica: ... negócio de “tirar ao álvaro”... hehe, de tiro ao alvo, e tinha a espingardinha de chumbo. Tinha várias coisas que não eram perigosas... hehehe. Então ele quebrou a madeira e fez um buraco. E ele inventou essa brincadeira. Era assim: um ficava dentro do quartinho com a espingardinha, e o outro se cobria todo e ficava correndo de um lado pro outro, para o que estava no quartinho acertar.

Andréa: Pausa. Na frente da janela! E quem estava no outro quartinho, na frente da janela, brincando com as bonequinhas, bem calma, tranquilinha e sossegada? Eu! Quem tomou um chumbinho no ombro? Eu!

Mônica: Você! É, a gente fazia isso. Infelizmente a Andréa foi, como que é... *casualty of war* (*vítima de guerra*), se machucou. Hehe.

Mas aí, uma vez a gente tava lá e a gente trocava de roupa, pra revezar na brincadeira. Uma vez um, uma vez outro. E como o Paulo não tinha conseguido me acertar, quando eu tava tirando a roupa bem quieta, ele foi lá e “pá!”... nas minhas costas. Obviamente eu chorei, aí a Fia pegou a espingardinha e falou: “Agora você pode atirar no seu irmão”. Fez ele ficar quieto e me deixou atirar nele. Tá vendo? A Fia foi ótima!

Joanna: Eu não sabia nada disso...

Mônica: Hahaha!

Mônica: Mas a melhor da espingardinha, coitadinha, foi a tia Anunziata. Aquela foi maldade...

Joanna: Ah, eles foram maus com ela...

Mônica: *Again (de novo)* o Paulo...

Andréa: *Again* o Paulo... Mas ela ia em todas do Paulo, você percebeu?

Mônica: A gente era internacionalmente conhecidos como “Os Irmãos Terríveis”. Ninguém queria a gente ao mesmo tempo.

Andréa: Vocês dois!

Mônica: Nós dois.

Andréa: Eu não...

Mônica: Tinha que separar. Se a gente fosse na casa de um, não podia ir na mesma casa juntos, porque a gente se matava.

Aí a tia Anunziata, tadinha, a gente tava sem empregada, não lembro o que aconteceu, alguém se demitiu, e ela veio cuidar da gente. E o Paulo: “Vamos fingir que você me dá um tiro, e eu morro?”. Olha as ideias, hein... Aí eu falei: “Ah, tá bom”. Hahaha!

Joanna: Passaram ketchup...

Mônica: A ideia era a seguinte: a espingardinha tava sem chumbinho, mas ainda fazia o barulho. A gente ia fingir que tava brigando, eu ia atirar nele, e ele ia por ketchup embaixo da camiseta. Na hora que eu atirasse nele, ele ia bater no ketchup e espirrar sangue. Aí a gente começou: “Para Paulo! Não!

Para! Não sei o quê...Vou te matar! Vou te matar!". A gente foi até a cozinha brigando e minha tia Anunziata falando: "Para com isso! Pelo amor de Deus, vou chamar sua mãe! O que vocês estão fazendo?!" Ái eu "pá!", atirei. Ele "pá!", bateu na camiseta com ketchup e caiu no chão...

Noooossa, a tia Anunziata quase teve um ataque do coração: "Você matou seu irmão!!! O que eu vou falar pra sua mãe?? Meu Deus! Meu Deus, Pau-lo!!!". E o Paulo lá fingindo que tava morto. Coitadinha. Ái ele não aguentou e começou a dar risada. Ela foi embora naquele dia mesmo. Arrumou as coisas delas e foi embora. Hahaha. Não quis nem saber das crianças boazinhas... dos amores...

Andréa: Coitadinha... coitadinha...

Mônica: Ela foi embora. Nunca mais voltou pra tomar conta da gente. Nunca mais.

Andréa: Não era louca, né?

Mônica: Tá vendo, a gente era santo...

5.4.

A adaga

Joanna: Depois o Léo levou um monte de faca...

Andréa: As adagas...

Joanna: Adaga! Sabe, ele queria mesmo que acontecesse alguma coisa, porque ele sabia que as crianças ficavam sozinhas com a empregada, que eu trabalhava. Eles eram pequenos, você vai dar faca pra criança de presente?

Joanna: Graças a Deus não se mataram, apesar de o pai querer que eles se matassem pelas armas que ele dava pras criancinhas, sabendo que elas ficavam sozinhas com a empregada. Eu devia ter posto ele na cadeia aquela vez, viu? Isso que me angustia, devia ter levado as armas pro delegado e falado: "Olha o que o meu ex-marido dá pros meus filhos!".

Tico: E era permitido naquela época?

Paulo: Ah, a espingardinha de chumbo não tem nada...

Joanna: Mas e as adagas?

Paulo: Só tinha uma, mãe.

Joanna: Só uma...

Paulo: E não é que ele me deu, eu tava de férias lá com ele, ái eu vi...

Joanna: Ele trouxe pra cá... Eu dei tudo pro tio Zé!

Paulo: Eu sei, mas eu que tava lá de férias com ele! Eu vi, quis comprar, e ele me deu. Eu lembro até que ele ficou puto, porque a primeira coisa que eu fiz com a faca foi cortar o assento do carro dele.

Joanna: Ah, que bom!

Paulo: Hahaha! Pra ver se tava bem afiada. Eu ficava assim (*mostra passando a faca no assento do carro*), hahaha!

Joanna: Que bom!

Paulo: Hahaha! Quando ele viu o carro novo dele, ele ficou puto da vida, eu lembro disso também. Eu tinha acho que uns 10 anos. "Tá bem afiada, hein!" (*repete o gesto de passar a faca no assento do carro*). Hahaha!

5.5.

Os Irmãos Terríveis

Andréa: Eu não me misturava com essa trupe briguenta. Ficava quietinha no quarto brincando com meus anjinhos, com minhas bonecas. A tia Anunziata, coitada, quase teve um troço... judiação. Eles eram terríveis, os seus filhos (*fala para Joanna*).

Tico: Você é muito mais nova que eles?

Andréa: Não, dois anos mais nova que a Mônica, quatro do Paulo.

Tico: Dois, dois e dois, a diferença entre vocês?

Andréa: É. Eu, na verdade, brincava bem... Até hoje me dou bem com os dois separadamente, entendeu? Mas os dois juntos é faísca, sempre. Por mais que você tente apaziguar, a coisa é difícil. Eu brincava muito com o Paulo e com os amigos dele, de guerra de grampo de elástico... e com a Mônica a

gente brincava de boneca, então eu circulava bem nos dois meios. Os dois se odiavam, né? Desde pequeninho que o Paulo...

Joanna: Nossa, a Mônica chegou da maternidade... o Paulo tinha um ano e meio quando ela nasceu, um ano e sete meses. Eu fiz assim (*faz um gesto de abaixar o corpo*) pra mostrar a Mônica pro Paulo, ele “pá!” (*simula um tapa*) na cara dela!

Ele tinha mãozinha que a gente falava que era mão de ursinho, né? Deu um tapão na cara dela. Um dia, também, o Léo tava sentado em frente à televisão com ela assim, em pezinho, com o pescocinho pra trás. E eu, do sofá, via que ela fazia assim com a cabeça (*mostra ela virando e mexendo a cabeça*) toda hora. Eu falei: “Léo, o que tem essa menina?”. O Paulo tava atrás do sofá cutucando a nuca dela com conta-gotas. Ela era nenezinha ainda. O Paulo morria de ciúmes da Mônica.

Paulo: Bom, eu acho que foi bem diferente para mim do que foi para as minhas irmãs. Primeiro porque, se você se lembrar, depois que os meus pais se separaram, eu fiquei sendo o único homem entre sete mulheres. Todos os dias da minha vida até os 16 anos. Era a minha mãe, a Mônica e a Andréa. Do lado, a vó, a tia Célia, a tia Cida e a nossa empregada. Quando não tinha a empregada da vó. Então era só eu de homem. Se não fosse pelos meus contatos na escola, eu realmente não ia ter muito o que fazer o que uma criança normal da minha idade tivesse fazendo. Então, a gente não passava muitas horas na escola, era sempre meio período, o resto do dia você passava em casa. Você passava talvez quatro, cinco horas fora de casa, o resto você passava em casa, então era onde você fazia as artes, né?

Eu lembro de tentar cortar o cabelo da Mônica, por exemplo... hehehe.

Joanna: Tentar não, você cortou!

Paulo: Cortar... é... hehehe. Eu lembro de tentar operar o olho dela. Hehehe.

Joanna: Com a chave de fenda.

Paulo: Com a chave de fenda. Eu lembro de gastar uma fortuna na farmácia porque eu tava fazendo uns experimentos químicos no quintal. Eu comprei muitas vitaminas, porque eu usava a cápsula, que eram aquelas cápsulas de plástico, então eu jogava o conteúdo fora e colocava sal de fruta...

Joanna: Que filho da puta...

Paulo: Hehehe... Então, tinha um monte de compra de sal de fruta e de vitaminas, que no final da história ela (*Joanna*) ficou sabendo: “Mas o que você fez com tanta vitamina e sal de fruta?”. Mas eu tava experimentando um sistema de propulsão de barco com esse negócio. Então eram essas artes. Eu tinha que achar jeito de me entreter sozinho, porque a Mônica e Andréa ficavam brincando com as bonecas delas.

Joanna: E quando... quem caiu lá de cima, que foi se jogar e caiu no chão?

Andréa: Acho que a Mônica, dessas loucuras eu não participava, tava sempre brincando com meus anjinhos, com minhas bonecas.

Mônica: Não sei se você lembra dessa. O Paulo tava com a ideia mirabolante de saltar de paraquedas da “arinha” (*areazinha*) da vovó. Então ele pegou a colcha da vovó e falou pra mim: “Vai lá e pula!”. Eu falei: “Eu não, vai você primeiro, que eu não sou trouxa...”. Hahaha.

Andréa: Hahaha, olha as ideias.

Joanna: E eu trabalhando, hein, Tico!

Mônica: Aí ele falou: “Ah, acho que aqui é muito alto, vamos lá embaixo”. A gente desceu e ele falou: “Vai lá agora e pula”. Eu falei: “Eu não, vai você primeiro!” Aí ele: “Não, eu só quero ver um negócio, sobe aí...”.

E eu, trouxa como sempre, subi. Não sei se você lembra, tinha um murinho lá, eu subi no murinho e ele me empurrou. No que ele me empurrou, eu fui de ombro. Ficou um negócio desse tamanho no ombro.

E ele: “Ai! Não fala pra mamãe, não fala pra mamãe, pelo amor de Deus!”.

Quando a gente foi pra Santos, ela viu o negócio no meu ombro...

Joanna: Ai! Eu pensei que era barata!

Mônica: Ele falou: “Olha, foi a barata que comeu ela!”. Hahaha! Cê lembra disso? Hahaha!

Andréa: Lembro, lembro.

Mônica: E ela (*Joanna*) acreditou que a barata tinha me comido... hehehe. Um tremendo negócio, e ela achando que a barata comeu. E a gente quieta, não falava nada também.

Andréa: Não, o medo de apanhar era maior.

Mônica: É, o medo de apanhar do Paulo era maior...

Joanna: Aí de vez em quando eu recebia umas ligações a cobrar de orelhão. Era a Andréa: “Manhê! O Paulo me trancou na rua e não quer abrir a porta!”.

Andréa: Ele fazia isso.

Joanna: Sabe como eu me via? **Sentada numa vassoura, voando que nem uma bruxa assim, chegando em casa e apertaaaando o pescoço deles assim** (*faz um gesto de apertar algo com bastante força*).

Andréa: Ele arrastava eu e a Mônica pra fora de casa, né, Mônica?

Mônica: Aham.

Andréa: Corria e fechava a porta, e a gente ficava na rua. Não deixava a gente entrar.

Mônica: A gente ou ia chamar a cobrar do orelhão ou ia no Augusto ligar pra ela: “Mãe, o Paulo trancou a gente pra fora”.

Joanna: E o telefone ficava direto na mesa de uma outra secretária, minha amiguinha, a Anna. Ela só fazia assim pra mim ó (*faz um gesto balançando o telefone com o punho virando no ar*), com o telefone. Já sabia que eram eles! Hehehe.

Mônica: A gente aprontou muito pouco, Manhê, nós éramos umas crianças maravilhosas... hahaha!

O Paulo era sempre o criador das histórias maravilhosas. Teve uma vez que ele resolveu... não sei se você se lembra da casa, mas era assim, a vovó em cima, e a gente embaixo (*indica como as casas eram dispostas no conjunto assobradado*). Então ele amarrava a mangueira da vovó, isso quando não tinha ninguém em casa, ele amarrava a mangueira da vovó e jogava a mangueira pro nosso quintal. E sempre falava pra mim e pra Andréa: “Desce!”. E a gente: “Não, desce você primeiro!”. Porque a gente também não era tão trouxa assim... hehehe. Aí uma vez ele desceu, lembra? Quando ele tava chegando perto do chão, cla-

ro que a mangueira soltou, mas ele não se quebrou nessa. Foi a única vez que ele fez isso, ele nunca mais fez isso.

Joanna: O Paulo, um dia, queria pegar a chave de fenda para furar os olhos da Mônica. Aí a Cidoca pegou a chave de fenda e colocou em cima do armário de aço que eu tinha. Pois o Paulo não foi em cima do armário, derrubou tudo, quebrou tudo e cortou a orelha! Aí diz que a Cidoca pegou ele pela orelha cortada, virou bem a orelha e levou ele lá no Augusto (*farmacêutico*), sangrando.

Mas era assim a minha vida. Às vezes eu tinha que largar o papel na máquina e sair correndo pra ver o que estava acontecendo. A Andréa me ligava: “Manhê! O Paulo me pôs na rua e não quer abrir a porta pra mim!”. Eu queria virar uma bruxa com uma vassoura, voar e chegar lá pra apertar o pescoço deles!

Uma vez também, eu cheguei e tinha aquela “arinha” (*areazinha*) na frente, eu vi um monte de cabelo cortado. Falei: “Ué?! O que será isso? Será que cortaram o cabelo da boneca?”. Chego lá em casa, a Mônica careca! O Paulo cortou todo o cabelo dela! O Paulo era um santo. O Paulo era louco para matar a Mônica! Hehehe.

5.6.

Quebrando as coisas

Joanna: E aquela vez que quebraram o vidro da porta da cozinha? O Paulo tava com aquele negócio de bola.

Andréa: Não, era o vitrô da sala.

Joanna: Então, da porta da sala pra cozinha...

Andréa: Porque era uma briga assim: ele, seis horas da tarde, queria assistir ao “Batman”, e ela queria assistir “Cabocla” (*risos*). Eles ficavam brigando. Um levantava do sofá, porque a televisão não tinha controle remoto, e punha num canal. O outro levantava e punha em outro. Aí o Paulo com o “bat bag” (um brinquedo que tinha duas bolas unidas num cordão, e você ficava batendo

uma bola na outra, em cima e embaixo), ele com o “bat bag” na mão, e eles começavam a se provocar. A Mônica foi e pôs na “Cabocla”.

Aí ele cantava: “Cala boca...”. E ela: “Cala boca, Paulo!”.

Aí ele falou assim: “Ó, se você se mexer um milímetro, eu atiro”.

E ela ficava desdenhando, fazendo careta, daí ele soltou o “bat bag” e foi parar atrás da porta de vidro. Era assim o tempo todo.

Mônica: Era uma tarde calma na casa da Joanna, eu estava lendo gibi. O Paulo chegou com o “bat bag”, estava girando ele na mão como se fosse um louco. Olhou pra mim e falou: “Para de respirar!”. Eu disse: “Vai cagar vai, Paulo, me deixa quieta!”. E voltei a ler meu gibi.

— Para de respirar ou eu solto isso na sua cabeça.

— Vai arrumar o que fazer, me deixa em paz.

Nesse instante, eu senti um ar passando perto da minha orelha, e o “bat bag” espatifou o vidro da porta da cozinha. Eu me levantei, larguei meu gibi e parti pra porrada. A Fia veio e mandou a gente parar, mas já era tarde. A gente só parava de brigar em certas circunstâncias:

1- Quando eu esbarrava gentilmente no nariz do Paulo, e ele começava a sangrar.

2- Quando eu gentilmente esbarrava no saco dele.

3- Quando a Fia falava que ia chamar a polícia.

Joanna: Olha, eles aprontaram, viu.

Tico: Como é que era o negócio da televisão que acontecia?

Paulo: Hehehe... Eu tava assistindo televisão e eu adorava camisa polo. Eu ganhei uma camisa polo e eu não tirava aquela camisa! Aí eu tava assistindo televisão, e a Mônica, como sempre, chegou como se eu não tivesse lá, mudou o canal e foi sentar. Eu falei: “Mônica, eu tô assistindo televisão!”. Aí fui lá, mudei o canal de volta. Sentei. Ela esperou eu sentar, levantou, foi lá, pôs no canal dela. E ficou nessa... hehehe. Até a hora que eu resolvi perder a paciência

e falei: “Ó, não põe a mão aí!” (*demonstra barrando a passagem com a mão*). Ela chegou na minha camisa e puxou. A única camisa polo que eu tinha, que era nova, abriu um rasgo daqui até aqui (*mostra um cumprimento do pescoço até a barriga*). Ah, meu Deus... hahaha... Virei um bicho, cara. Hahaha!

Mônica: Ele não tirava a camisa do corpo, acho que até dormia com ela. Um dia, como sempre, ele veio mudar o canal da televisão. Eu entrei na frente e falei: “Não começa!”. Aí ele me pegou pelo colarinho, e eu segurei na camisa dele porque eu sabia que ele ia me jogar. Quando ele me jogou, a camisa dele veio junto... puro acidente de trabalho. Nesse dia, ele virou o Hulk e eu me tranquei no banheiro por horas...

Paulo: Mas tiveram tantas! Às vezes a gente quebrava as coisas porque tava brincando, né? A Mônica e eu gostávamos de brincar de gladiador. A gente pegava a mesinha de café, que era grande, era comprida, e ficava cada um numa ponta com a almofada do sofá e se batendo *silly*...

Joanna: E as minhas estátuas todas coladas...

Paulo: *Smacking each other silly* (*batendo um no outro feito bobo*). Até que um dia, uma das almofadas saiu voando e aterrissou num abajur que a minha mãe adorava. Era um abajur laranja, nunca esqueço. Espatifou o abajur em mil pedaços. Falei: “Puta merda!”. Aí passei o resto da tarde, com a minha cola de aviãozinho, colando o abajur. Mas você não podia nem respirar perto do abajur! Hehehe. O abajur ficou num lugar lá. Falei: “Ah, tudo bem, acho que daqui a pouco seca”. Hehehe. E esqueci.

Aí a mãe chegou, ela sentava na poltrona do lado do abajur, ela foi pegar não sei o que na mesa, e o abajur desmantelou... hahaha! Mas aí a mãe não sabia o que tinha acontecido, ela ficou atordoada: “Mas como pode acontecer uma coisa dessas?!”. Desmantelou em mil pedaços. Aí ela viu que tinha resíduo de cola em todos os pedaços. Mas era brincadeira, né, eu e a Mônica brincando de gladiador na mesa de café. Hehehe. Cada uma também...

Joanna: Quebravam minhas estatuetas, colavam... E o dia em que quebraram a cama? A minha cama! Porque eles pulavam do beliche pra cama. Isso na segunda-feira que eles ficavam sozinhos até a moça chegar. Ela tinha folga de fim de semana, chegava na segunda de manhã. Então, um ia no beliche e pulava pra outra cama ou colchão no chão, né, Dé?

Andréa: Era o colchão no chão, dois colchões no chão, na verdade, que ficavam no meio. Mas a intenção era pular de cima do beliche pra cama de lá do outro lado, que era a cama dela (*Joanna*). E caso errasse a cama, caía no colchão no chão.

Joanna: Áí, um dia, as camas deles estavam todas arrebentadas já, eu falei: “O dia que vocês quebrarem minha cama, eu vou matar vocês!” Hahahaha. Bom, uma noite eu fui deitar, me deitei e, de repente, “vum!” (*uma mímica de alguém caindo no chão*). Fui pra trás! Hahaha! Minha cama tava toda cheia de esparadrapo já! Fazia tempo que tinham quebrado. Hahaha!

Paulo: Hahaha... Foi também um dos meus consertos de emergência, hahaha! Ficou lá com o esparadrapo.

Joanna: Porque as camas eram todas coladas com esparadrapo. Todas as camas quebradas. Áí uma noite eu cheguei, fui deitar, conforme eu deitei, eu caí, “tof”.

Mônica: Era “Missão Impossível”, mãe! Não é que a gente pulava, tinha toda uma história. Não é que a gente só pulava, a gente tava brincando de “Missão Impossível”. Então a gente tinha que fugir do bandido e tinha que pular da sua cama, rolar e cair no chão...

Andréa: Rolar no beliche, da cama dela...

Mônica: Rolar no beliche, da cama dela, rolar e cair no colchão no chão.

Joanna: As camas todas amarradas com barbante! Áí eu falei pra eles:

“Olha, o dia que vocês quebrarem a minha cama, eu vou matar vocês!” . Bom, chegou um dia...

Mônica: Então, a gente tava brincando de “Missão Impossível”, a sua cama era a única intacta da casa!

Joanna: Deitei. Pum! Caí!

Mônica: Não! Não foi assim...

Joanna: Não foi... Foi!

Mônica: A gente tava... lembra que segunda-feira de manhã às vezes não tinha escola, e a Fia chegava tarde? Então, ficavam só nós três em casa. E a vovó lá em cima gritando: “Para! Eu tô escutando vocês brigarem! Para!”. Aquela confusão. A gente ficava quieto cinco minutos, e a vovó se distraía. Nesse dia a gente começou a fazer “Missão Impossível”. Áí o Paulo rolou, no que ele rolou, caiu na sua cama, e sua cama se despedaçou!

Joanna: Eles puseram esparadrapo na minha cama!

Mônica: O que a gente conseguiu fazer, a gente falou: “Meus Deus, a gente vai morrer! Com certeza ela vai matar a gente, não tem jeito, é a cama dela”. Áí a gente foi atrás de esparadrapo, prego... e a gente amarrou a cama dela inteira, Tico, pôs o colchão em cima, fez a cama linda maravilhosa e fomos para a escola.

Você (*Joanna*) voltou... E a gente rezando pra que a hora que ela deitasse na cama, a cama não caísse... a cama não caiu! A gente dormiu sossegados. No dia seguinte, quando a gente voltou da escola, a Fia disse: “O que vocês fizeram com a cama da sua mãe? Porque 15 minutos depois que vocês saíram, a cama quebrou!”. Hahahaha. A cama ficou inteirinha no chão com ela dentro! Hahaha.

Joanna: Hehehe. Eles só aprontavam, era uma delícia.

Mônica: Graças a Deus a gente não estava em casa nesse momento...

Paulo: É, mas tinham tantas! Porque de segunda-feira a gente não tinha empregada em casa, era o dia de folga da empregada. Domingo e segunda, né?

Joanna: Ela chegava tarde.

Paulo: Ela chegava tarde. Então, se a gente estivesse em casa na parte da

manhã... e a vó ficava em casa de segunda-feira de manhã. O mercado também só abria à tarde. Então era sempre quando a vó estava em casa, e a gente estivesse em casa por alguma razão, acontecia alguma coisa! A vó também queria chamar a polícia! Hahaha.

Cida: E o dia que a Mônica quebrou o queixo? Caiu...

Joanna: A Cida se mandou!

Andréa: Hehehe!

Domingos: Ela caiu da escada, e eu cheguei pra pegar ela (*aponta pra Cida*), ela tava descendo. Aí vi um tumulto, falei: “Pô, vamos levar a menina...”. Ela falou: “Ah não, vamos embora, eles se viram...”. Hehehe!

Cida: Eu num falei isso!!!

Domingos: Não foi?

Cida: Ah, não me lembro...

Domingos: Hahaha... cê num lembra...

Cida: Ai... será que eu fiz isso?

Domingos: Fez!

Andréa: Hahaha!

Domingos: Eu fiquei preocupado!

Andréa: Esse dia, na verdade, a gente tava brincando na casa da frente, com aquelas meninas que moravam lá.

Joanna: Na pensão, né?

Andréa: É. E tinha uma varanda com um parapeito. A Mônica tava sentada em cima, eu me pendurei no pé dela e falei: “Me balança!”. Hehehe. Só que eu era bem gordinha, né? E ela: “Éééé... Pum！”, caímos eu e ela. E ela cortou o queixo.

Joanna: Coitada! Olha, eu peguei um táxi e fui com ela na clínica. Mas eu não entrei com ela pra costurar o queixo, não tive coragem. Ela foi sozinha. Mãezona, né? Hahaha.

Andréa: Que nem o dia que a coitada quebrou o ombro. A gente tava brincando de pega-pega na rua, eu, a Márcia, a Fernanda, que era a sobrinha da dona Delina, e a Mônica. Aí, num momento, a Mônica deu um encontrão na parede, correndo pra se esconder ela bateu o ombro.

Falou pra mim: “Ai! Tá doendo...”.

E minha mãe: “Ah, vamos fazer massagem (*imita-a massageando com força o ombro da criança*)... Mas, também, por que vocês têm que ficar correndo?” (*Imita-a e, na medida em que vai ficando nervosa, começa a passar a mão com mais e mais força no ombro da criança*).

E a Mônica: “Ai, mãe! Tá doendo!”.

E ela: “Mas por que vocês têm que ficar correndo?” (*Imita-a, massageando com mais força ainda*).

E passando pomada, porque era na época do “Vick Vaporub”, e ela adorava um “Vick”.

Domingos: Pegava no braço... (*faz um gesto de puxar o braço com força*).

Andréa: E o ombro da menina tava quebrado!

Joanna: Quando o médico me falou que era fratura, eu quase desmaiei! Hahaha!

Andréa: Depois dela ter massageando com raiva...

Joanna: Uma massagem, uns tapas...

Andréa: “Também, que tem que ficar correndo na rua!” (*Imita-a uma vez mais*). Coitada, tava com o ombro quebrado!

Joanna: Mas eu trabalhava bem no escritório, sabia?

Cida: Todo mundo te ligava...

Joanna: Eu sentava aqui (*demonstra um lugar no espaço*), e aqui tinha outra secretária (*demonstra um lugar no espaço ao lado*). Tinha um telefone direto na mesa dela, era sempre esse que eles usavam. Aí tocava o telefone, ela atendia e ficava assim pra mim ó (*demonstra a outra secretária balançando o pulso com o telefone no ar*), com o telefone. Eu falava: “Pronto, lá vem bomba!”.

Um dia me ligaram da escola da Andréa, ela estudava no Palmares, dizendo que ela tinha machucado o pé jogando bola... sei lá que ela fez... e eles estavam levando ela para o Einstein. Eu falei: “Não! Pelo amor de Deus! Você deixa ela aí que eu tô indo!”.

Domingos: Hehehe!

Joanna: Já pensou?!

Cida: Justo no Einstein... que lá era uma fortuna, né?

5.7.

As empregadas-mães

Mônica: Você lembra uma vez que a mamãe tirou férias e mandou a Fia também de férias?

Andréa: Ficou cozinhando pra gente...

Mônica: E ficou cozinhando pra gente... nem o cachorro comia a comida dela! Hehehe.

Andréa: Foi triste.

Mônica: Foi triste, acho que a gente emagreceu...

Joanna: “Só se for pra cozinhar pra Julie (*cachorra*), porque por nós, é melhor a Fia cozinhar...”

Mônica: E ela toda feliz que tava cozinhando pra gente. “Mãe, não dá... não dá pra comer isso aqui não!”. Hahahaha!

Joanna: Hahaha! E agora eu voltei à estaca anterior, eu não sei mais cozinhar.

Mônica: Teve um período na sua vida que você cozinhou mais ou menos.

Joanna: Agora eu não sei mais. Às vezes nem eu aguento a minha comida.

Mônica: Eu lembro do seu arroz! O seu arroz até o tio Zé usava assim pra por a pasta na parede pra cobrir buraco, hahahaha. Era horroroso, era o pior.

Joanna: Ainda é assim. É “unidos venceremos”!

Joanna: Eles não gostavam da minha comida, gostavam da comida da Fia. A Fia era um amor, né, Dé?

Andréa: Era.

Joanna: Foi uma mãe pra Andréa.

Joanna: Ela morava em... Até na casa dela vocês foram, né?

Andréa: Eu fiquei um fim de semana.

Joanna: Um fim de semana que quebraram a casa lá, lembra? Hahaha! E ela levava os três.

Andréa: Ela morava em Barueri.

Joanna: No fim ela ficou cinco anos comigo. Mas aí ela engravidou, casou e não trabalhou mais.

Tico: Isso quando vocês eram pequenos.

Andréa: É, eu devia ter uns sete anos.

Joanna: E ela tinha o ginásio, então ela ajudava a Andréa a fazer lição, né? Ia levar e buscar a Andréa na escola. Andréa era a queridinha.

Andréa: Porque eu sou uma boa menina, não ficava lá brigando que nem meus irmãos...

Joanna: A empregada, coitada, ela “passava os guai” com meus filhos, porque eles se trancavam no quarto do Paulo, aquele que dava saída lá pro fundo, e faziam teatro pra gravar. E era só de luta. O Paulo pegava a régua, batia na mesinha, e a Mônica gritava como se ele estivesse batendo nela. E a Fia, coitada, batia na porta: “Abre essa porta! Eu vou ligar pra tua mãe, áhn!”. Hehehe.

Lembra do “áhn” dela?

Zé Carlos: É... o “áhn” dela. “Vou ligar pra tua mãe, áhn!”.

Joanna: Coitadinha da Fia, cinco anos ela ficou comigo.

Zé Carlos: Era boazinha aquela menina.

Joanna: Levava a Andréa no Grupo (*escola*), depois ajudava a Andréa a fazer lição. Eu chegava em casa, eles estavam de banho tomado, com a lição feita.

Zé Carlos: Tudo certinho! Tudo impecável.

Joanna: Mas aí ela ficou grávida, precisou casar... e foi embora.

Joanna: A Fia me ajudou muito com eles. Foram vocês que me ajudaram a arrumar ela.

Wilson: A Fia! Lá de Barueri.

Joanna: Ela tá viva ainda? Eu queria tanto...

Wilson: Ah... morreu.

Joanna: Ah... eu queria tanto ver, agradecer tanto ela... Ela morreu?

Wilson: Eu era criança quando ela trabalhou em casa também.

Joanna: Cê tem certeza de que ela morreu?

Wilson: Claro, claro. Eu conheço o filho dela.

Joanna: Como que ela morreu?

Wilson: De morte morrida. Do coração. Foi do coração.

Joanna: Ah, sabe uma pessoa que você tem gratidão? Porque ela cuidou de três crianças durante cinco anos pra mim... Tadinha da Fia, Deus que a tenha...

Wilson: O marido tinha morrido... ele entrou numa depressão muito grande.

Joanna: E eles obedeciam a Fia!

Fernanda: E você?

Joanna: Eu? Eu podia falar o que for que eles estavam cagando e andando pra mim, entendeu? A Fia, lá da cozinha, ela podia estar na cozinha, e eles lá no fundo do quarto se matando, ela falava: "Vô aí, áhn!!". Eu achava que era o"áhn" dela. "Eu vou aí, áhn!". Eles ficavam quietinhos!

Wilson: Ela era boazinha.

Joanna: Ela levava a Andréa na escola pra mim. Ela tinha ginásial, então ela ajudava a Andréa a fazer lição. Quando eu chegava em casa, todos já tinham feito lição, tomado banho, jantado. Ela foi uma segunda mãe para os meus filhos.

Wilson: Ela ficou um bom tempo com você, não ficou?

Joanna: Cinco anos. Depois ela engravidou, precisou casar, lembra?

Wilson: É, do Cláudio. Era Cláudio o nome do marido dela.

Joanna: Ah... mas que dó...

Wilson: Morreu... morreu... E eu fiquei sabendo um tempo depois que ela tinha morrido, porque eu encontrei com o filho dela e perguntei:

— E tua mãe?!

— Ah, cê não soube?

— Não, o que foi?

— Minha mãe morreu.

Joanna: Uma pena mesmo.

Wilson: Ela vivia em casa. Meu pai, na verdade, namorava uma amiga dela, a Sônia. Então era a Sônia, a Fia, a Maura, era uma mulherada em casa, era uma beleza.

Joanna: Mas então a Fia casou, aí eu arrumei uma senhora, só pra tomar conta deles, era um velhinho...

Mônica: Ela peidava tão fedido...

Andréa: Hahaha. Eu me lembro disso.

Mônica: Ela andava e ela peidava, ela andava e ela peidava...

Joanna: Clementina o nome dela. Eu pus ela só pra tomar conta deles, ela não precisava fazer nada, a comida eu pegava da pensão da frente, levavam lá em casa. Aí um dia ela sumiu. Porque a Mônica, era tempo de São João, e antigamente as latas de lixo eram de lata mesmo. E a Mônica resolveu fazer uma fogueirinha...

Mônica: Hehehe.

Joanna: ... na lata de lixo, e começou a pegar fogo na roupa que estava no varal. A velhinha foi embora, nem pra receber ela voltou mais! Largou eles sozinhos lá e foi embora.

Mônica: A gente teve várias. As maiores mães da gente foram a Jó e a Fia, né? E a Lorinha. Foram as três que ficaram mais tempo. A Jó era a mais maravilhosa porque ela era jovem, acho que ela tinha 16, 17 anos, então ela levava 5 horas da manhã, limpava a casa inteira, e a hora que a gente acordava, a gente só fazia brincar. Ela brincava, pulava corda com a gente, jogava bola na rua, lembra? Era uma delícia!

Aí veio a Fia. A Fia era mãe, mãe mesmo. A minha mãe, pra gente parar de fazer o que tava fazendo, ela tinha que berrar, falar que ia chamar o pai, a vó vinha com a água benta... ninguém parava. A Fia falava: "Vamo vê, hein! Para com isso já-ah". Acabava. Silêncio! A gente tinha maior respeito pela Fia.

Andréa: Ela era uma gracinha mesmo.

5.8.

Passeios com os filhos

Joanna: Tudo atrapalhado... Olha, não tinha tempo tranquilo...

Mônica: Como a gente sobreviveu, ninguém sabe. É um mistério que devia ser estudado, né, Mamma?

Joanna: Uma vez nós fomos na inauguração do tobogã. Lá na Mooca.

Andréa: Moooooca.

Joanna: Moooooca. As crianças brincaram, se refestelaram. Minha comadre tinha um Fusquinha. Estavam só ela, a irmã dela, eu, os dois filhos da irmã dela, as duas filhas dela e meus três filhos. Num Fusquinha!

Andréa: Hehehe.

Joanna: Bom, aí chegou a hora de ir embora. Foi todo mundo embora, entrou todo mundo no carro. Ela tava dando a partida, e eu comecei a contar as cabecinhas. Faltava uma: era a Mônica. Nossa Senhora, que angústia, menino! Aí descemos lá correndo e anunciaram no microfone: “Pais da Mônica, ela se encontra aqui na portaria”. Hahaha. Ela tava roxa, coitada!

Mônica: Me largaram no parquinho, Tico, olha que maldade. Esqueceram de mim...

Joanna: Mas deu um sufoco, nossa Senhora!

Uma vez também, na praia, ela é louca para remover terra. Devia trabalhar com trator. A gente tava sentado assim num lugar alto. De repente ela sumiu. Eu andando a praia inteira, não achava ela. Tinha uma descidinha, ela tava lá embaixo cavucando areia.

Mônica: Hehehe. Tava quietinha.

Joanna: Uma vez também nós fomos pra praia de ônibus: eu, os três e a Adélia, né?

Mônica: A Adélia e a Cidoca, eu acho.

Joanna: Não, era só nós, a Cidoca acho que não tava. Eu dei uma sacolinha pra cada um segurar.

Mônica: Não, você deu a mala para o Paulo, com todas as roupas minhas e da Andréa...

Joanna: Pro Paulo. Aí eu vi que o ônibus parou num ponto bem perto de onde era o apartamento, eu falei: “Moço, segura aí que eu vou descer!”. A Andréa enganchou os cabelos dela no zíper da minha calça... hahaha... eu fui andando com ela com a cara aqui na minha barriga, hahaha!

Mônica e Andréa: Hahahaha.

Joanna: Aí descemos do ônibus, contei as cabecinhas, estavam todos lá. Eu falei pro Paulo: “Paulo, cadê a mochila que tava com você?”.

— Ih, mãe, acho que esqueci no ônibus!

Peguei um táxi, corri atrás do ônibus, até a rodoviária. Não adiantou nada descer perto do apartamento, entendeu? Hehehe. Tive que pegar um táxi e ir

até a rodoviária. Não achei minha mala. No dia seguinte, eles foram todos pra praia com aquele agasalho Adidas. Hehehe.

Mônica: Tava um calor! Eu e a Andréa de blusa de lá, calça comprida...

Joanna: Aí nós fomos numa loja comprar maiô, lembra?

Mônica: Eu lembro, eu lembro.

Andréa: São muitas histórias.

Joanna: Um dia nós fomos aonde? Naquele negócio dos meninos lá, que eu tirei a vértebra do lugar...

Andréa: Que você deu mau jeito na costela?

Joanna: É!

Andréa: A Cidade da Criança, em São Bernardo do Campo.

Joanna: A Laís sempre levava, ela tinha um fusquinha amarelo, ela levava a gente. Nós fomos lá pra Cidade da Criança. E o Paulo tava com uma calça nova.

Andréa: O Paulo sempre foi almofadinha, desde criança. Ele é libriano, né? Então ele adora se vestir bem desde muito pequeninho. Então ele sempre teve muito cuidado com as roupas dele, com o estilo e tal. E aí nesse dia, continua (*fala para Joanna*)...

Joanna: Eles quiseram andar naquele carrinho que cai na água, sabe? Que sobe a rampa e depois cai na água. E de longe eu via que ele fazia assim (*faz um gesto de limpar a calça*), que era por causa dos respingos que caiam na calça dele. Aí quando terminou a volta do negócio, que ele foi descer do barquinho, ao invés de ele pôr a perna na plataforma, ele “puft!”, caiu dentro da água!

Eu fui dar uma gargalhada, não sei o que saiu do lugar em mim, que eu não podia mais respirar! Hahaha! Fomos parar tudo no hospital! Hahahaha. Mas foi tão engraçada a cena dele caindo na água com a calça nova, que eu não aguentei, juro! Nós fomos lá na Vila Maria, lembra?

Andréa: E o sapato fazia “shof, shof, shof” (*reproduz o barulho do andar com o sapato encharcado*).

Joanna: Hahahaha! Ai meu Deus...

5.9.

Epílogo para uma infância de traquinagens

Joanna: As crianças até que eram boazinhas, coitadas, elas faziam as traquinagens delas, né? Mas tinha o Zé lá de ancoradouro. O Léo levava as espingardinhas de chumbo lá, eu dava para o Zé. Levava as facas, eu dava para o Zé. Não sei nem o que ele fez com tudo aquilo. Mas o Zé, acho que quando ele saiu da Eletropaulo, ele ficava lá em casa, ele não tinha telefone, nem minha mãe, então ele ficava na minha casa fazendo as ligações que ele precisava e ajudando as crianças. A Mônica até fala que ele foi o pai dela, né. Ficava lá, de manhã ele ficava lá com as crianças.

Mas apesar de tudo, de todas as traquinagens deles... eu não podia dar tudo para eles, e eles não reclamavam de nada. Nem me pediam coisas que eu não podia dar, sabe? Eles se contentavam com aquilo que eu tinha para dar para eles. Eles sabiam da minha dificuldade, então eu não posso me queixar deles, não.

CAPÍTULO 6

A FAMÍLIA ATRAPALHADA

Tempos de Guaicuí

Década de 1970

6.1.

Era uma farra!

Tico: Quem que era a gangue toda lá?

Joanna: A Cida, a Célia — que eram solteiras —, a Cidoca, a Laís, a Adélia...

Cidoca: A dona Judite.

Joanna: A dona Judite que ia muito lá, minha tia Anunziata...

Laís: Ah, é verdade, a única que não ia muito lá era a Ida, né?

Joanna: É, ela não ia muito, quem ia mais era a Anunziata. Meu tio Rafael, então, quando ele foi pintar a minha casa!

Laís: Ah, era divertido com aquele boné!

Joanna: Foi na época logo depois que eu me separei. A vó Concheta tinha uma cliente que conhecia um pai de santo lá... hahaha!

Cidoca e Laís: Hehehe!

Laís: A dona Concheta gostava... hahaha!

Joanna: E ela mandava eu ir no pai de santo. Aí o Rafael foi pintar minha casa, e eu largava ele com as três crianças. Ele tinha uma bacia pra misturar as tintas, né? Ele deixava... hahaha... bem no meio do corredor. Aí um dia, as crianças estavam correndo... hehehe... viraram a bacia dele. Mas ele ficou puto: "Eu vou embora! Eu só volto quando o Léo voltar!". Hahaha!

Cidoca e Laís: Hahaha!

Joanna: Olha, mas **era uma farra! Sabe o que era uma farra?**

Laís: Joanna, conta pra eles o dia em que a Adélia foi levar a mala! E deixou no meio da rua.

Joanna: Hahaha! Eu não lembro direito Laís...

Laís: Não sei, parece que mandaram você levar as roupas do Léo.

Joanna: Ah, as roupas do Léo pr'uma encruzilhada! Hahaha!

Laís: Numa encruzilhada. A Joanna pôs as roupas do Léo numa mala, e a Adélia pegou a mala e foi... hehehe.

Cidoca: Eu não sabia dessa história.

Laís: Onde será que ela pôs?

Joanna: Sei lá, acho que na confluência da Padre de Carvalho com a Sumidouro... hahaha!

Cidoca: Largaram a roupa na rua?

Laís: Na mala.

Joanna: É, numa mala. Tinha que pôr numa encruzilhada.

Tico: Mas porque que tinha que pôr numa encruzilhada?

Joanna: Ah, sei lá.

Laís: Ah, cabeça dos loucos, desses homens loucos, dessas mulheres loucas...

Cidoca: E aí ele ficou sem as roupas? Ficou na rua as roupas dele?

Joanna: Ficou. A malinha com as roupas. Hahaha!

Cidoca e Laís: Hahaha!

Tico: Mas quem falou pra botar numa encruzilhada?

Joanna: A mulher que eu ia, a mãe de santo.

Cidoca: Ai gente, até chorei... hehehe.

Tico: Falou pra colocar tudo dele numa mala...

Joanna: As roupas dele numa mala e jogar numa encruzilhada.

Tico: E onde que era a encruzilhada?

Joanna: A Rua Padre Carvalho com a Sumidouro.

Cidoca: Qualquer rua que faz uma cruz.

Laís: Ali não é uma rua assim e outra assim? (*Com as mãos faz o desenho de duas ruas perpendiculares que se cruzam*). Acho que ela pôs a mala ali, a gente não sabe onde ela pôs, né, Joanna?

Joanna: Eu nem lembro onde ela pôs. Hahaha.

Laís: Mas o engraçado era ela pegar a malinha e ir embora... hehehe.

Tico: Ela que levou a malinha...

Joanna: A Adélia tava sempre junto, né?

Cidoca: Tava.

Joanna: Em tudo. A Adélia é uma prima minha que já morreu, que Deus a tenha. E ela também tava sempre em casa.

Laís: Ela participava de tudo da Joanna.

Adélia

Wilson: É, ela tava sempre lá, isso eu lembro. Ela vivia com a tia Anunziata, né? E com a tia Ida.

Joanna: É. E depois sumiu e deixou a tia Anunziata ficar até com Alzheimer, coitadinha da tia Anunziata...

Wilson: É, eu cheguei a ver a tia Anunziata com Alzheimer...

Joanna: Porque a tia Anunziata amava ela, né? Criou como filha. Pegou com nove meses, né? O pai dela morreu, a mãe não prestava, já tava grávida de outro. Então ela pegou a Adélia pra criar.

Joanna: Você tava em casa no dia do filme "Os Pássaros"?

Cidoca: Nossa, era um filme chamado "Os Pássaros das Asas de Cristal".

Laís: An?!

Cidoca: "Os Pássaros"! Era só "Os Pássaros"... o "das 'Asas' de Cristal" eu assisti com a Célia e a Cida, que eu quase morri no caminho de medo...

Laís: "Os Pássaros", eu não estava nesse dia...

Cidoca: Era um filme de medo.

Tico: Do Hitchcock?

Laís: Era o filme “Os Pássaros”, do Hitchcock.

Cidoca: Daí a Adélia tava dormindo no quarto...

Joanna: Não, primeiro estourou o negócio lá fora...

Cidoca: O fio. O fio estourou na rua. Chicoteava assim encima dos carros. E era “aaaahh!!”, aquela gritaria, nós morrendo de medo. Aí não sei o que aconteceu que nós fomos correr pro quarto, e a Adélia tinha ido pra praia, ela tava toda queimada, vermeeeelha, assim (*imita-a deitada de barriga para cima*), tava deitada numa caminha...

Joanna: Num sofá de armar.

Cidoca: ... num sofá de abrir... hahaha.

Joanna e Laís: Hahaha!

Cidoca: Nós passamos correndo chamando o vizinho, como chamava o vizinho?

Joanna: O Durvalzinho.

Cidoca: “Durvalzinho, corre!”. E todo mundo... “blublablublablu!” (*onomatopeia da correria das pessoas*), a Adélia virou na cama... hahaha. É verdade!

Laís: O quê, você caiu?

Cidoca: A Adélia virou. Nós passamos correndo, ela tava naquele sofá que abre, acho que tava deitada de mau jeito, nós batemos no sofá e ela “bum!”, caiu lá pro chão, virou pro chão!

Laís: Hahaha.

Cidoca: E a gente gritava que nem louca de medo.

Laís: Um dia que a Joanna foi pra Santos com a Adélia, ela voltou tão queimada, coitada...

Cidoca: Foi nesse dia que ela caiu do sofá. Ela tava toda vermelha e assada.

Joanna: Ela andava assim que nem um monstro (*imita-a andando com os braços e pernas abertos*).

Cidoca: Ela era bem gordinha.

Laís: E a Célia de manhã cedo levantou, ela era curiosa né, quando ela viu a Adélia: “Laís, venha ver!”, mas ela ria tanto! Porque a Adélia tava inchada e vermelha! Hahaha. Nossa, ela se matava de rir! Hehehe.

Joanna: Porque a gente ia pra praia pra se queimar mesmo! Passava urucum, Coca-Cola...

Laís: Noooossa...

Joanna: ... ficava desde cedo até de tarde na praia. Levava comida pras crianças, sabe aquela farofa? Ficava o dia inteiro, só voltava na hora de dar banho neles, dar janta e eles irem dormir.

Laís: Nossa, que bom, né, Joanna? Que tempo bom. Porque não tinha a camada de ozônio!

Cidoca: Ah! Não tinha... hahaha.

Laís: Porque se tivesse não ficava nem uma hora!

Tico: Mas mesmo se tivesse ou não tivesse, passar Coca-Cola e ficar lá...

Laís: Mas todo mundo passava! Urucum!

Joanna: E as crianças junto. E sabe que eu dava banho nas crianças e depois jogava álcool neles! Hehehe.

Tico: Por que álcool?

Joanna: Pra refrescar! Hahaha.

Laís: Olha! Pelo amor de Deus!

Cidoca: Eu nunca esqueço quando ela fez isso. Uma vez ela fez isso em mim. O meu pulmão parecia que tava apertado, doía, queimava que parece que a pele ficou desse tamanho (*mostra algo em grande relevo*).

Laís: Noooossa!

Cida: Eu tinha o meu Fusquinha, daí de fim de semana a gente pegava você (*fala para Andréa*), sua mãe, a Adélia, a Mônica e o Paulo.

Joanna: Que fim de semana? Durante a semana! Eu trabalhava na GTS, era telexista (*pessoa encarregada de ligações por telex*), trabalhava meio período, e era lá em Santo Amaro. O clube também, então de manhã eu ia para o clube com eles, na hora do almoço eu ia embora trabalhar. E elas ficavam com a babá e a Cida, hehehe.

Cida: A babá era a Adélia! A Adélia não era sócia, daí a gente punha um avental branco da minha mãe, do mercado, e ela entrava como babá. Gorda, coitada... uma vez ela se queimou, ela ficou que nem um peru, né, Joanna?

Andréa: Ela sempre se queimava, né? Na praia, nos lugares todos.

Cida: Daí ela ficava deitada lá na casa da vovó, e a tia Anunziata xingando ela, né? “Como é que você foi se queimar desse jeito!?”.

Andréa: Coitada... nem existia protetor solar naquela época.

Cida: E ela era gorda, né? Ela era muito gorda e ficava toda assada, toda queimada.

Joanna: Uma vez nós fomos pra Santos com ela, a gente alugava um apartamento lá no Embaré, e o guarda-sol quebrou, ficou só um toquinho de cabo. Eu enterrei na areia, a gente tinha que entrar abaixadinho para ir pro guarda-sol. Só que a Adélia não podia abaixar porque ela era gorda. Ela ficou no sol! Hehehe.

E eu de óculos escuro na praia. No dia seguinte, ela me chamou pela “ariinha” que dava acesso à casa da minha mãe, falou: “Joanna, olha como é que eu tô!”. Ela parecia um camarão! Aí ela olhou pra mim e começou a dar risada...

— O que foi Adélia?

— Você tá com um olho queimado e o outro branco!

Parecia um panda!

Mas ela se queimava, ela não podia nem andar lá na praia. Ela andava assim ó (*demonstra alguém andando com grande dificuldade, braços e pernas afastados do corpo*). Aí tinham aquelas cortinas de plástico coloridas da sala para a cozinha. O Paulo e os primos abriam, e ela falava assim (*demonstra o mesmo caminhar de antes*): “Não solta, não solta!”. Coitada da Adélia...

6.2.

“Vão cantando, cantando...”

Joanna: Mas era gostoso naquela época! A gente ia todo sábado para Itu, eu errando o caminho, com a “Brasoca” da vó, eu passava do caminho e ia parar em Itu, em Salto (*risos*). Uma vez nós saímos com a vó, que ela queria ir para Itu. Fui eu, a Andréa, a Mônica, a vó e a Laís. Aí pegamos a estrada. Todo mundo cantando no carro, e a vó: “É... **vão cantando, cantando**, que eu não tô conhecendo essa estrada. Pra Itu não tinham esses fios!”. Hehehe.

Mônica: A gente tava indo visitar um primo da vó, não lembro aonde. Aí tava todo mundo no carro, na Brasília. A Brasília não tinha rádio, então a gente cantava. Sempre cantando na Brasília, né?

Andréa: A gente tava indo pra Itupeva.

Mônica: Não, a gente tava indo pra Itu.

Joanna: Pra Itu.

Mônica: Visitar o Séptimo Malfa.

Joanna: Com a Laís.

Mônica: Com a Laís no carro. E a gente cantando, e a vó (*imita-a*): “Ó, vocês ficam cantando, a gente vai se perder!”.

Joanna: É, minha mãe começou assim: “É, vão cantando... não tão nem olhando... Esses fios aqui não tinham na estrada de Itu!”.

Mônica: E a gente: “Ah, que fio, vó? Você nem sabe de fio!”, aquelas coisas que a gente falava...

Joanna: Nós chegamos sabe aonde? Em Piracicaba! Hahaha! Olha, mas a vó ficou tão louca! Aí minha mãe, muito... (*faz um sinal de severidade com a mão*) certa, falou: “Não, eu saí com destino pra Itu, eu vou almoçar em I-TU”. Hehehe.

Fomos pra Itu. Tava todo mundo morrendo de fome. O primeiro restaurante que nós vimos, desceram todos correndo, as crianças entraram. A primeira pessoa que eles deram de cara foi com o pai e com a família dele. Hehehe. O Léo e a família dele. Estragamos o almoço dele! Hahaha. Porque acho que ele falou: “Nossa, agora vou ter que pagar para todo mundo”. Mas eram gozadas as minhas saídas. Toda vez eu errava o caminho. E a vó falava: “É, vão cantando, vão! Vão cantando que esse caminho aqui não é pra Itu!”.

Ela era fogo a vó, era bem siciliana mesmo.

Mônica: Eu lembro que... coisas que marcam né, de você ver sua mãe fazendo umas coisas assim. Entramos numa churrascaria, meio que beira de estrada, aqueles restaurantes grandes. A gente entrou, sentou, aí de repente, quem tá sentado três mesas pra lá? Meu pai com a nova família dele. Já me deu dor de estômago, a Andréa ficou branca igual um pau, a vovó: "Ai meu Deus!". A Joanna levantou e foi lá falar com ele. Falou: "Ó, seus filhos estão aí, vai lá falar 'oi' pra eles".

Uma coisa que mostra que ela é forte. Ela não se escondeu, entendeu? Ela não falou: "Vamos embora!", ela não falou isso de jeito nenhum. Ela falou: "Vocês vão ficar!". Meu pai veio, falou "oi" pra gente na mesa, eu queria me esconder embaixo, mas ela não se atolou não. Ela levantou, foi lá, falou: "Oi, como vai? Tudo bem? Vai lá falar 'oi' para os teus filhos". Eu não lembro se o Paulo... acho que o Paulo nem tava...

Andréa: Na verdade eu me lembro dela falar assim: "Seu pai tá ali, vai lá cumprimentar ele". Aí a gente foi lá, cumprimentou, depois ele veio até a mesa, cumprimentou a Concheta, a Laís. Mas eu não lembro dela ter ido lá na mesa deles, não.

Joanna: É, eu num fui não...

Mônica: Eu já lembro diferente...

Andréa: Mônica tem uma lembrança diferente.

Joanna: Ela já tá viajando... hehehe.

Mônica: Pode ser, mas eu lembro que ela não se atolou não. Na verdade, ninguém comeu. Acho que só a Laís comeu a comida aquele dia. Hahaha. Porque ninguém ficou com fome.

Joanna: Nossa, mas tanto restaurante que tinha lá, nós fomos entrar justo no que tava o Don Cicillo... hehehe.

Joanna: A Laís tava junto, não tava?

Laís: Tava.

Joanna: Ái, minha mãe falou: "Eu saí com destino de casa, e é pra Itu que eu quero ir!". Ái eu tive que voltar pra Itu. Chegando lá as crianças todas morrendo de fome, entraram assim no primeiro restaurante, deram de cara com o pai.

Cidoca: Hmmmm...

Joanna: Lembra disso, Laís?

Laís: Lembro. Lembro. O pai. O Léo com a mulher dele.

Joanna: Com a mulher, o filho...

Laís: É... é. Lembro. Nossa, nós ficamos até sem graça... Hoje não ficaria, né, Joanna, se fosse hoje?

Joanna: Não.

Laís: Gozado, por que será que a gente... né? Eu fiquei assim (*encolhe o corpo e o tronco*).

Joanna: A gente era tonta né?

Laís: Noooooossa, que bobagem! Não sei, tem coisas que a gente faz que é errado, né?

Tico: Mas como vocês ficaram?

Laís: Bobagem... Ele tava com a mulher dele, nada demais, né? Mas... sei lá.

Joanna: Mas nós comemos bem lá, né?

Laís: Comemos. Tava cheio, né? Sua mãe gostava.

Cidoca: Vocês foram passear na casa dos parentes, depois?

Laís: Foi.

Joanna: Fomos na casa de quem? Da Lourdes?

Laís: Não sei... foi na casa de uma tia sua lá, acho que era.

Joanna: Acho que era a Lourdes. Almoçamos, fomos fazer a visita e voltamos.

6.3.

Viagens para a praia com Laís e Cidoca

Tico: E quando vocês eram mais novas, vocês todas saíam para onde?

Joanna: A gente viajava.

Cidoca: Viajava.

Laís: Ia pro Guarujá...

Joanna: A gente ia pra praia.

Laís: ... Cidade Ocian, às vezes, né, Joanna? Cidade Ocian, não, né? Era Praia Grande.

Joanna: Não, era Praia Grande.

Cidoca: Praia Grande e depois pro Guarujá. Depois a gente ia mais pro Guarujá.

Laís: É ficou mais pro Guarujá. Fomos pro Rio também.

Joanna: Ah! No Rio! Nós fomos...

Laís: Rio de Janeiro. A Joanna foi roubada, né? Antes de sair daqui.

Joanna: Eu?!

Laís: Cortaram a sua mala, a sua bolsa.

Joanna: Ah, não! Cortaram a minha bolsa. Aqui na rodoviária de São Paulo. Era lá na Luz.

Laís: Naquele tempo, olha quanto tempo...

Joanna: Eu tinha uma bolsa grande, quando chegou lá, eu vi que ela tava toda cortada atrás.

Cidoca: Mas roubaram alguma coisa?

Joanna: Roubaram nada.

Laís: Ah, não tinham roubado, eu não lembrava. Que bom, Joanna!

Joanna: Acho que não conseguiram.

Laís: Ahhhh. Que bom. Se não você ia ficar como no Rio de Janeiro, com todos os seus três filhos, né? Sua tia foi também. Eram dez no quarto, apenas...

Joanna: Hahaha!

Laís: Nós estávamos em dez.

Cidoca: Quanto?

Laís: Dez no quarto.

Joanna: Laís você lembra do Paulo? Que ele ficava escondido pra ver a mulherada se trocar?

Laís: Não.... hehehe... lembro, lembro. Também dez mulheres no quarto, né? Era só ele de homem, né, Joanna?

Joanna: Hahaha!

Laís: Hahaha. Era a Joanna, a Andréa, o Paulinho, a Mônica, a Adélia... a Adélia foi também, né, Joanna?

Joanna: A Adélia tava em todas.

Laís: A tia Anunziata, eu... quem mais?

Joanna: Aquela prima da Doroti...

Laís: ... a prima, a Doroti, e tá faltando mais uma... eu lembro perfeitamente que eram dez pessoas!

Joanna: Dez pessoas!

Tico: Num quarto só?!

Laís: Mas o quarto era grande. Era daquelas casas antigas, um apartamento.

Joanna: Era um prédio, um apartamento enorme. Era de uma mineira. Eu adorava ficar lá. Você precisava ver como ela cozinhava, aquela mulher. E em cima tinha um... era aberto, como se fosse um...

Laís: Uma varanda né?

Joanna: Uma varanda assim. E tinham mais quartos. Mas a comida dela era uma coisa assim, de comer babando.

Laís: Ela punha as mesas, né, Joanna? Era tipo uma pensão, sabe?

Joanna: Era uma pensão, né.

Tico: Entendi. Mas tinha lugar para os dez dormirem?

Joanna: Tinha quarto pra cada um.

Tico: Pensei que eram os dez em um único quarto.

Laís: Dez num quarto! Nós ficamos dez num quarto!

Joanna: Mas não na pensão da dona Coisinha...

Laís: Da Duchinha, da dona Duchinha, eu tenho certeza Joanna...

Joanna: Não, não lembro...

Laís: É que era um quarto enorme, e ela pôs umas camas por causa das crianças.

Joanna: Será que era na dona Duchinha?

Laís: É sim, era na Duchinha, sim, Joanna. Ela pôs umas camas porque o Paulinho era pequeno, a Mônica... tudo, ela pôs. Estábamos em dez. Era grande o quarto! Enorme, sabe? E **era uma farra**.

Laís: E aquela outra vez que nós fomos (*na Duchinha*) com a Joanna, a Cidinha dessa vez não foi, fomos com uma amiga dela, uma mineira. Nós saímos, né, Joanna? E a mineira, coitada, ela gostava de se engrandecer, sabe? Então quando nós...

Joanna: Elas eram sobrinhas do Walter Salles, dono do Unibanco.

Laís: Ah... é! Isso mesmo. E quando nós viemos, nós tomamos um táxi, Joanna? Não, ela tava com o namorado!

Joanna: Não, a pé!

Laís: Não! Ela arrumou um namorado, e ele quis trazer a gente!

Joanna: Mas nós fomos a pé.

Laís: Não, Joanna. Ela arrumou um namorado e...

Joanna: Lembra que nós...

Laís: Não! Não, não, peraí!

Joanna: ...fomos a pé pra lá...

Laís: Então, Joanna, mas sabe que acontece, nós saímos, e ela conheceu uma pessoa. Daí, muito “sem-vergonhinha”... “sem-vergonhinha” não... ela pegou, disse que nós estávamos hospedadas no Othon Palace. Hehehe. No Othon.

Joanna: E nós tivemos que entrar no hotel!

Laís: Daí o homem falou: “Vou deixar elas no Othon!”. Deixou a gente lá! Hahaha!

Joanna: Ah! É verdade! Hahaha! Nós entramos por uma porta e saímos por outra!

Laís: Deixou eu com a Joanna no Othon! Nós subimos a escada pra fingir (*que estavam hospedadas lá*), depois nós corremos a pé na Avenida Nossa Senhora de Copacabana pra nossa casa, a gente tava na Duchinha. E ela saiu com o moço que ela conheceu, foi... Acho que foi dançar, não sei onde ela foi.

Duas horas da manhã, eu e a Joanna correndo mais que... mas não tinha perigo...

Joanna: No Rio de Janeiro! Duas horas da manhã, duas mulheres sozinhas na rua. Isso foi na década de 70. Beleza, viu!

Cidoca: Laís, e quando ela chegou com o moço, onde que ele deixou ela?

Laís: Ah, deixou ela no Othon também! Né, Joanna? Na volta ele deve ter deixado ela no Othon também.

Joanna: Hahaha!

Laís: Ele deixou ela no Othon! Tenho certeza, é. Pode ter certeza. Ele deixou ela no Othon. Ela fez igual, né, subiu a escadinha...

Joanna: Saiu pela porta dos fundos... hehehe.

Laís: Saiu correndo “que nem” nós viemos.

Joanna: Hahaha!

Laís: Na rua de Nossa Senhora de Copacabana (*faz um gesto de velocidade*

com a mão, quando o indicador golpeia a junção do dedão com o dedo médio, soltando um som – opcional – estalado).

Cidoca e Joanna: Hahaha!

Laís: Viemos nós duas correndo.

Joanna: Eu tinha até esquecido dessa história.

Tico: Vocês correram por muito tempo?

Laís: Não, não era longe, o Othon era uma quadra de onde nós estávamos.

Cidoca: De madrugada?

Laís: É. Eram umas duas e pouco da manhã.

Joanna: Duas e pouco da manhã.

Laís: Daí nós subimos as escadas (*do Othon*), eu e a Joanna, e descemos xingando ela. Corremos lá pra dona Duchinha, abrimos a porta e subimos. Ou tinha porteiro lá, acho que era, né, Joanna?

Joanna: Aham.

Laís: Aí nós subimos, e a bonitona foi dançar com o moço, depois acho que... eu acho que ele deixou ela de novo no Othon, ela subiu e veio embora. Porque ela queria fazer parecer que não estava numa pensão, né, Joanna?

Joanna: Hehehe.

Cidoca: Quem é essa?

Laís: Uma amiga da Joanna.

Joanna: Ela trabalhava comigo na Lecco. Ela era sobrinha do Walter Salles. Ele era dono da Lecco também. E ela era do ramo pobre da família. Da ala pobre.

Laís: Era boazinha também, né, Joanna?

Joanna: Leda.

Laís: A Leda. Leda, é.

Joanna: Nossa eu gostei tanto daquela noite! Eu não tomava Lorax® ainda, a Laís e ela ficaram conversando, e eu dormi gostoooooso.

Laís: Nossa, ela contou a vida dela inteirinha pra mim! Ela contou “e não sei o quê e não sei o quê mais...”.

Cidoca: E você não dormiu Laís?

Laís: Não, não era de noite...

Cidoca: Nooooooooossa...

Laís: ... era de tarde.

Cidoca: ... mas eu durmo se alguém falar muito comigo assim.

Laís: Não, daí ela falava baixinho, e eu: “É? Não sei o quê”, e a Joanna dormiu que foi uma beleza. Depois nós levantamos, tomamos banho, nos arrumamos e fomos... nem sei aonde nós fomos, eu não lembro...

Joanna: Também não.

Laís: Eu não lembro aonde nós fomos. Só sei que nós chegamos duas horas da manhã e tivemos esse prazer de dormir no Othon. Falso! Genérico.

Joanna: Hahaha! Eu lembro, nós entramos no Othon!

Cidoca: Eu fui à praia. Eu, a Joanna e as crianças. E logo depois do almoço eles quiseram ir para a praia de novo, eu falei: “Ai, gente, vão embora, fechem essa porta que eu quero dormir, me deixem em paz”. Só que eles demoraram tanto...

Joanna: Nós fechamos ela lá dentro... ela pediu, entendeu? Aí quando eram umas quatro, cinco horas...

Cidoca: Já tinham horas que eles estavam lá embaixo.

Joanna: Não sei que andar que era, se era décimo... Ela saía na janela e via as crianças lá embaixo, andando de bicicleta. E ela chamava eles. Eles escutavam e faziam “tchau” pra ela. Ela: “Me tira daqui! Vem abrir a porta!” (*imita-a em tom de desespero*). Deixamos ela bem louca lá dentro.

Cidoca: Aí, à noite, queimada de sol, eu passei álcool em mim. Aquilo me queimava de noite, não conseguia dormir, parecia que meu pulmão tava fechando... aquele álcool parece que fez assim em mim (*mostra, num gesto, o punho de uma mão sob o peito se fechando junto com uma contração no tórax*). Olha que cabeça de vento, Joanna! Álcool na pele?!

Joanna: Falavam que refrescava...

Tico: Pra queimadura?

Cidoca: É. Olha! Na pele... Nooooossa.

Laís: Quem?

Cidoca: A Joanna mandava passar álcool no corpo quando ia pra praia.

Laís: Ah! Sei.

Joanna: Uma vez eu fui com a Neusa pra Praia Grande, não sei como é

que chamava a praia lá... só que, à noite, depois que as crianças dormiam, a gente fugia pro sambão! Aí chegava de manhã com pão, leite... como se a gente tivesse ido na padaria, entendeu? Hehehe. Ninguém sabia de nada. Oh, que louca! Largava as crianças sozinhas, né? Não tinha nem um pensamento negativo. Agora eu tenho medo de sair até no portão aqui por causa de assalto.

Cidoca: Uma vez, no Guarujá, eu tinha ido na frente pra fazer comida e tal, e a Joanna ido no mercado com uma amiga nossa. E elas não vinham, não vinham...

Joanna: Ahhh! Aquele dia também, né, Cidoca?

Cidoca: A esperta entrou no prédio do lado, que pra ela era igual, tomaram banho de ducha né, ficaram na grama tomando sol pra poder se secar...

Joanna: Esperando vocês chegarem.

Cidoca: E ninguém chegava, né.

Laís: Porque, naturalmente...

Joanna: E depois que eu fui descobrir que não era aquele prédio. Era o outro.

Cidoca: Olha como não tinha perigo.

Joanna: Aí eu cheguei lá, a Cidinha tava com uma vassoura na mão pra me matar, né?

Cidoca: Eu esperando o requeijão pra fazer... alguma coisa que eu tava cozinhando.

Joanna: E eu com o requeijão. Ele ainda escapou da minha mão e quebrou em mil pedaços no chão!

Laís: Hehehe.

Cidoca: E a Massumi.

Laís: Há?

Cidoca: Tava ela e a Massumi.

Laís: A Massumi.

Cidoca: Ai gente, que horror...

Joanna: A Cidoca acho que até falou japonês aquele dia... Hehehe.

Cidoca: Hahaha! Queria bater nela!

— Onde vocês estavam?

— Ah, estávamos tomando um sol lá na grama, no prédio vizinho, nós erramos de prédio.

Olha, antigamente entravam nos prédios, ninguém falava nada, nem o porteiro.

Joanna: Hahaha! Tava esperando vocês chegarem, né?

Cidoca: Então!

Joanna: Porque vocês iam ter que lavar os pés.

Cidoca: Eu tava lá em cima cozinhando, e você lá tomando sol.

Joanna: Hahaha!

Cidoca: Áí a gente saía de noite pra passear com a Laís... ela parava assim nos prédios... na avenida...

Joanna: No meio da avenida ela parava! Em Santos, lembra? Quando a gente foi pra Santos.

Laís: Era.

Joanna: Sabe aquela avenida onde tinham aquelas coisas do tempo do café, essas coisas bem antigas da cidade, ela parava e ficava olhando os prédios...

Cidoca: Todo mundo buzinando, e ela lá parada.

Joanna: Os carros todos buzinando atrás da gente.

Laís: Hahaha. Era divertido, né, Joanna? A gente se divertia bem lá naquela época.

Cidoca: Era gostoso.

Joanna: “**Nóis era pobre, mas nóis era feliz!**”. Aproveitava mesmo.

Cidoca: Com pouca coisa a gente se divertia, né?

Laís: É, mas era diversão, hoje não tem mais isso. Não dá nem pra fazer nada disso.

Joanna: E sem encucar. “Ai, não, é perigoso...”

6.4.

Perseguindo Roberto Carlos

Laís: Ah Joanna! A coisa mais linda que aconteceu conosco...

Joanna: O que Lalau?

Laís: A Cidinha infelizmente não foi...

Joanna: Fala alto!

Laís (falando mais alto): Nós fomos no show do Roberto Carlos, pra ver ele na porta, umas três vezes...

Joanna: Meu Deus!

Laís: Toda semana!

Joanna: Nós não fomos! No show não fomos!

Laís: Não, mas a gente ia assistir lá fora. Ia ver quando ele saía. A gente acompanhava ele. Uma beleza.

Joanna: Nós fomos com o fusquinha da Laís, ficamos do lado dele. Ele com o cachimbão na boca e fez assim pra nós (*faz um gesto de aceno*).

Laís: Nossa, que delícia! Daí ele seguiu pro hotel onde ele ficava.

Joanna: A Andréa ia até com o caderno pra pegar autógrafo dele, coitadinha.

Laís: Não, mas olha, não tinha exame, não tinha ninguém. Ele saía com a mãe dele, as meninas dele lá, saía, ficava conversando, entrava no carro dele, que era um Chevrolet 57 mais ou menos, eu acho, tinha o chofer dele, ele subia, e eu já deixava o carro até perto, já conhecia o caminho dele, né, Joanna?

Cidoca: Olha só!

Laís: Daí ele entrava no carro, eu pegava com o meu carro e ia atrás: “fuuuuuuuuuuu!!”. Quando chegava no Pacaembu, a gente virava e ele ia embora lá para a Rua das Palmeiras, no hotel que ele ficava. Nós fomos uns três sábados, né, Joanna? A gente ia na sexta-feira ou no sábado. E na semana seguinte a gente ia de novo: “Ah, vamos embora pro Roberto”. Encontrei com a Eliana uma vez, ela com o marido dela, você lembra?

Joanna: Eliana?

Laís: A Eliana, sobrinha da Carmen. Ela tinha ido ao show:

— Nossa, o que vocês estão fazendo aqui?

— Ah, nada...

Não falamos, não...

Cidoca: Hahaha!

Joanna: “Nós estamos querendo um autógrafo do Roberto!”. Hahaha!

Laís: Muito legal era. Não era como hoje. Hoje em dia a pessoa até mata! Ele não. Não tinha essa loucura da pessoa grudar.

Joanna: Não tinha segurança, não tinha nada.

Laís: Não tinha nada. Acabava o show, todo mundo ia embora naquele silêncio, aquele monte de gente. E lá fora a gente escutava as músicas dele, né? Daí ele ia embora, pegava o carro dele no pátio, sem ninguém, nada, nada. Acho que as mais xeretas éramos nós três: eu, a Andréa e a Joanna.

Joanna: Mas ele deu “tchauzinho” pra nós.

Laís: Deu! Deu, deu, deu. Legal essa do Roberto Carlos, viu...

Joanna: Eu fui ver o Roberto Carlos no Canecão do Rio de Janeiro. Fui eu...

Laís: E eu.

Joanna: Com você. E a Missono.

Laís: Não, a Missono não foi, era uma mulher da Duchinha que ficou com a gente.

Joanna: Essa Duchinha era baratinha, a gente sempre ficava lá, né, Laís?

Laís: Daí nós fomos no Canecão, uma beleza. “Ah, vamos pro show do Canecão?”. Daí a gente foi, não tinha nada de comprar ingresso, aquela multidão... nada, nada, nada. Noooossssa... Hoje em dia parecem uns loucos, né? Hoje em dia... não me conformo do Roberto, como ele saía...

Cidoca: Elas iam atrás dele, olha...

Laís: ... a Laura, que não largava ele, aquela menina que morreu. Ele tava sempre com a menina que era mulher dele, não sei se o filho dele também estava, isso eu não lembro, mas ele saía, o chofer já tava no carro, entrava no carro, tchau.

6.5.

Acontecia na Guaicuí

A oficina mecânica e a lotérica

Joanna: Uma vez também eu fui com a Laís para a delegacia... não... Aonde que nós fomos?... Nós fomos na oficina mecânica! A noite inteira eu escutei um barulho assim: “teiiiiinnnnn, teiiiiinnnnn...”.

Sabe esses pássaros? É o pássaro preto! Eu achava. E deve ser dessa oficina

mecânica que tinha na Fernão Dias! Dava de fundos para a minha casa. Aí eu acordei, falei: “Laís, vamos lá comigo?”. Hahahaha.

Nós fomos lá, eu comecei a falar para o homem: “Você tem um passarinho aí que não me deixa dormir!”. Ele falou: “Dona, eu não tenho nenhum passarinho aqui! (*Risos*). Pode entrar e procurar, se a senhora achar o passarinho...”.

Hahaha! Depois eu descobri que era a calha... a calha não, o cano da água, que acho que tava velho, então a gota d’água caía e fazia: “teiiiiinnnnn, teiiiiinnnnn...”. Hahahaha! E eu fui que nem uma louca lá brigar com o homem...

— Dona, eu não tenho nenhum passarinho preto aqui não!

Hahaha! Era eu e a Laís. A Laís dormia em casa. Era muito engraçada aquela época. Graças a Deus ninguém me matou! Hahaha!

Uma vez também, na Padre de Carvalho, logo depois da farmácia, tinham uns sobradinhos assim e aí o pessoal começou a mudar, virou uma lotérica. No tempo que não tinha computador ainda. Então, no dia que eles faziam a contagem, eles iam lá para o fundo que dava beeeeem no meu quarto. Ligavam o rádio, ficavam falando, cantando, e a gente não conseguia dormir. Aí eu peguei, fui reclamar.

Subi no muro e falei: “Escuta, vocês estão trabalhando, tudo bem, mas nós queremos dormir, porque eu tenho que trabalhar de manhã! Não dá para vocês pensarem na gente?”.

Aí o homem falou assim: “Já viu tomate pelado?”.

Eu falei: “Ah é, você quer ver o tomate pelado?! Espera um pouco...”.

Então, o Durvalzinho, não sei se você se lembra dele, era filho da Dona Cida, ele não dormia também. Ele me viu xingar os homens, eu não tinha telefone na época.

Ele falou: “Joanna, quer que eu chame a polícia?”.

Eu falei: “Chama!”. Hahaha.

Era de madrugada. Os caras entraram na minha casa, todos de capotão, subiram no muro, levaram todo mundo preso. Olha, eu não morri por um milagre. Porque não era essa época de hoje. Eu chamava a polícia!

Tico: Mas prenderam o pessoal mesmo? Por quê?

Joanna: Levaram tudo em cana. Não sei se na época era proibido, sei lá se era jogo de bicho, sei lá que porcaria que era... Só sei que eles faziam a maior algazarra lá no fundo. E eu queria dormir. Tinha que trabalhar no outro dia.

Tico: Mas depois desse dia...

Joanna: Nunca mais teve. Aí fechou a lotérica lá.

Tico: Será que era lotérica mesmo?!

Joanna: Hahaha... eu tô viva por milagre, viu! Alguém podia me pegar numa emboscada, né? E me matar... hahaha.

Durvalzinho

Zé Carlos: Aí numa época mudavam de baixo pra cima (*na casa da Guai-cuí*), e sobe cama... e desce cama... hehe. Porque a Joanna morava embaixo, dona Concheta em cima, e às vezes tinha que mudar a cama.

Joanna: Não. Às vezes não, foi quando o Durvalzinho se matou que nós te chamamos.

Zé Carlos: Mas depois eu também lembro...

Joanna: Tinha um vizinho que se pôs fogo.

Tico: Quem era o vizinho?

Joanna: Tinha quatro casas: duas embaixo, duas em cima. A minha vizinha era a dona Cida, ela tinha um filho que sofria de depressão, o Durvalzinho. Ele não trabalhava... ele vendia alguma coisa...

Zé Carlos: Vendia alguma coisinha...

Joanna: Eu lembro que eu comprava reloginho dele e tudo...

Zé Carlos: É, é.

Joanna: Aí numa manhã, eram umas cinco horas da manhã, eu comecei a escutar uns berros: “Jesus, perdão, Jesus!”. Falei: “Nossa, parece o Durvalzinho”. Aí, no outro quarto que tinha a sacada, você saía e tinha mais um quarto no fundo. Eu olhei pra cima e vi saindo fumaça. Chamei o vizinho, que era o filho do dono da casa, nem lembro o nome dele... Miguel.

Zé Carlos: Miguel.

Joanna: “Miguel! Miguel! Tá pegando fogo aí em cima!”. Aí eu saí de camisola na rua, eu e o Miguel, batemos lá, a dona Cida tava viajando. E a empregada dormia no quartinho do meio, então ela não escutava. Nós fomos lá, batemos na porta, tocamos a campainha, aí ela abriu.

O Miguel falou: “Joanna, liga para os bombeiros da cozinha, que eu vou lá ver o que tá acontecendo”.

Eu liguei pros bombeiros e eu tava indo para os fundos da casa, quando ele voltou e falou: “Não vai lá...” (*imita-o com desalento e tristeza no rosto*). Ele tinha se matado, botado fogo nele.

Zé Carlos: Se deu um banho de álcool e tacou fogo...

Joanna: E de manhã nasceu o Vicentinho! A Cida tava na casa da minha mãe, no dia seguinte o Vicentinho ia nascer. Foi até ela que me acordou, com aquele barulho e tudo. Foi pra maternidade. Aí os bombeiros chegaram, apagaram o fogo, chamaram a ambulância, a polícia, tudo. Eu fui trabalhar. Depois, à tarde, enterraram ele. Naquele dia mesmo, sabe. Eu fui pro enterro dele...

Aí eu cheguei em casa e fui pôr minha camisola, a mesma que eu tava anteriormente, a Fia não tinha colocado pra lavar. Eu pus a camisola e senti aquele cheiro de fumaça... aaaaai....

— Mãe!

Hahaha.

— Deixa eu dormir aí hoje!

Aí chamamos o Zé. Hehehe.

Zé Carlos: Sobe as camas!

Joanna: Ele subiu três camas! Nós dormíamos em nove dentro de um quarto: a Laís, que tava sempre com a gente, a Adélia (minha prima), o Paulo, a Mônica, a Andréa, eu, a empregada, a Célia e a minha mãe. Éramos nove, tudo num quarto só!

Eu fiquei com medo. Eu tinha medo de ver ele, sabe?

Tico: E quanto tempo durou isso?

Joanna: Um mês! Hehehe...

Zé Carlos: Aí depois desce cama de novo...

Tico: Aí chamava você pra fazer a...

Joanna: ... a mudança! Hahaha.

Zé Carlos: Ia com a cordinha (*faz um gesto de manejo de corda*). Desmontava as camas, amarrava e descia na cordinha (*repete o mesmo gesto*). Na rua ninguém sabia que cama subia e descia, ninguém sabia de mudança, a mudança era interna.

Joanna: É. Pois é. Foi um mês dormindo lá na minha mãe.

Tico: E como é que coube as nove pessoas num quarto só??

Joanna: Num quarto! No quarto grande.

Tico: E cabiam as nove pessoas com nove colchões??

Zé Carlos: Opa!

Joanna (*balançando afirmativamente a cabeça*): Foi, né, Zé?

Zé Carlos: Foi, foi. As camas ficavam todas coladas umas nas outras pra dar espaço.

Joanna: Nossa, mas foi horrível também, né?

Tico: Mas você não chegou a ver ele queimado?

Joanna: Não vi, o Miguel não deixou. Menino, se você visse os gritos que dava: “Perdão, Jesus, perdão!”, ele falava... Nossa, dá vontade até de chorar, parece que eu tô ouvindo ele...

Joanna: E ele era um amor, sabe, um amor de menino, o Durvalzinho.

Zé Carlos: Era, era. E gozado como é que ficou daquele jeito... não dá pra entender, não.

Tico: Depressão é doença mesmo... se não tratar...

Joanna: E ele conversava, ele era inteligente, sabe?

Zé Carlos: É.

Joanna: Durvalzinho.

Tico: Mas a parte da mudança foi só esse momento pontual ou teve outros momentos depois?

Zé Carlos: Depois foi uma ou outra coisinha, não teve mudança assim pesada, não, era mais uma ou outra coisa, e o pessoal queria fazer por fora, eu falava: “Não! Joga a cordinha, puxa daqui que é mais fácil!”.

Joanna: Tinha uma cordinha que a gente descia e subia as coisas.

Zé Carlos: As coisas todas. Aí amarrava num baldinho. “Sobe não sei o quê!”. Aí subia. “Desce não sei o quê!”. Descia...

Joanna: Hahaha!

Zé Carlos: Aí ficou fácil!

Joanna: A gente não ia pra rua, bater na porta, né?

Zé Carlos: Não! Não precisava sair na rua... era um elevadorzinho.

Tico: E os seus serviços eram muito requisitados na casa?

Zé Carlos: Mais ou menos...

Joanna: Ah, ele era! Você ia todo dia na minha casa, não ia? Quando você saiu da Light (*empresa de fornecimento de energia elétrica*)?

Zé Carlos: Ia! Ia todo dia!

Joanna: E eu ia trabalhar sossegada... achava que iam ficar todos uns anjinhos lá... Se soubesse naquela época que ele ia lá e aprontava com meus filhos, não teria deixado... hehehe.

Derrubaram meu muro

Joanna: Na Guaicuí tinha dois sobrados em que moravam duas famílias. Aí as famílias se mudaram. O japonês comprou aquilo, juntou tudo, fez um pombal! Sabe quando juntam as duas casas, fecha a frente, só põe umas janelas? E ele alugava pra prostituta e pra PM. A noite inteira era aquele inferno, sabe? Carro de polícia que chegava, as mulheres andando só de toalha na rua. Então eu descobri o telefone do japonês e ligava para ele. Eu falava: “Olha, seu filho da puta! Você não vai dormir enquanto você não deixar a gente dormir aqui na rua! Toda noite esse bordel com esse pombal que você fez aí na frente!”.

Toda noite eu ligava para o japonês, mas não adiantava. Aí um dia, a Mônica levantou para ir pra escola e voltou para o quarto falando:

— Mãe, nós não podemos sair porque o portão tá emperrado, caiu o muro!

Falei: “O quê?!”. Levantei, fui lá, tava o muro caído, e o portão não abria. Sabe quando fica preso? Eles tiveram que pular o muro.

Mônica: Nessa época, eu dormia na casa da vó Concheta. A tia Célia tinha se casado, aí toda noite eu subia pra dormir na vó, e de manhã descia pra mãe pra me aprontar pra escola. Uma certa manhã, eu desci e fiquei admirando o portão e o muro da casa de baixo. Tava fora do eixo e eu não conseguia abrir. Aí fiquei tocando a campainha pra alguém acordar e abrir a porta pra mim.

— Você não tem mais o que fazer, em vez de tocar essa campainha de manhã? Minha mãe “feliz” por ter sido acordada.

— Mas Manhê, o portão!

— Que portão menina? O que tem o portão?

Aí ela viu o murinho todo torto. Ela teve que subir no portãozinho e sair pra ver o que tinha acontecido. Nisso já veio todo mundo olhar, até a vó. Ela ficou louca. Lalau, como sempre, estava em casa e foi a detetive que descobriu a marca da tinta do carro no portão. Era igual à da perua da Rota.

Joanna: A Laís tava em casa nesse dia, eu falei: “Laís, vamos na delegacia comigo?”, que era lá na Lacerda Franco. Tava um frio! Nós vestimos nossos casacos, parecíamos duas investigadoras... hehehe.

Laís: No dia que nós fomos na 14^a (*delegacia*). Nós fomos juntas.

Joanna: Nossa... fui lá na frente de casa, menino, tudo caído, desmoronando. Aí eu olhei... eu sou detetive... eu vi lá tinta vermelha e preta. Os carros de polícia antigamente eram vermelhos e pretos.

Laís: É. É mesmo.

Joanna: Falei: “Foram os polícias aí da frente!”. Virei pra Laís: “Vamos comigo na delegacia”. Nós fomos. Subimos aquela (*Rua*) Cardeal que nem dois soldados!

Laís: É. Hehehe.

Joanna: Chegamos lá na delegacia...

Laís: Batemos na 14^a!

Joanna: Subimos aquela Cardeal que nem um foguete. Cheguei lá, falei com o delegado... foi em mil novecentos e nada. Naquela época ainda não tinha computador. Aí eu falei com o delegado: “Olha, eu moro assim na Guaicuí, na frente tem uma casa que tem prostituta, que mora PM lá, e a noite inteira é um bordel na rua. E hoje cedo derrubaram meu muro...”.

Antigamente os carros de polícia eram preto e vermelho, então tinha a listra preta e vermelha assim no muro, e eu falei: “Eu tenho certeza de que foi um carro da polícia!”.

Ele mandou procurar lá os carros que tinham que voltar às seis horas e faltava um. Então mandaram — tudo sem computador naquela época, hein! — mandaram procurar, encontraram o carro numa oficina mecânica lá na Vila Madalena. Aí ele foi pegar a ficha de quem era o motorista daquele carro, onde ele morava? Na Guaicuí! Nem lembro o número... Sabe o que ele fez? Pedi para o guarda me levantar um muro! Eu chegava de noite em casa, ele tava levantando o muro.

Laís: Eram eficientes, viu! Você vê, ele na hora: “Ah, tá faltando o carro tal”. Chamaram o que estava... Olha, por isso que quando eles querem... chamaram quem estava dirigindo, o PM da noite, chamaram, e ele: “É, realmente nós batemos o carro, está na oficina”. Na oficina lá na Vila Madalena. Daí o delegado falou: “Tá na oficina. Então vocês vão consertar o muro dela. Fazer tudo perfeito! Quando vocês acabarem de fazer o turno de vocês, pode ser na parte da manhã ou pode ser na parte da tarde, vocês vão lá fazer o outro serviço”. E fizeram o serviço tudo bonitinho. Hoje você ia ser morta, assaltada, ia ficar com medo. Antigamente não. Trabalharam tudo bonitinho, né, Joanna?

Joanna: Eu chegava do serviço, o rapaz falava: “Boa noite, senhora”.

Laís: Boa noite. E colocou um muro, consertou depois o portão, tudo bonitinho. Vai fazer isso nos dias de hoje? Isso foi uma das coisas que eu tava com a Joanna quando nós... muitas coisas né? Lá na 14^a, nós duas. Eu coloquei um casaco de couro, acho que tava meio frio... hahaha. Falei pra Joanna: “Nós parecemos aqueles detetives...”. O casaco de couro, a Joanna também toda com lá. Hahaha. Até que foi divertido aquele dia, viu! Mas eram uns homens de presença, sabe? Não é essas porcarias de hoje. Eram aqueles homens que tinham estilo. Eles atendiam você com aquela classe, com aquele jeito educado. Nossa, era diferente, era diferente. Vai você hoje na delegacia dar parte de alguma coisa! Você chega lá, você fica dez horas ou no dia seguinte vem um:

"Você ficou dez horas, mas hoje não vai dar, viu, quebrou um... Volta amanhã!". Uma falta de respeito, né?

Joanna: Você vê como que era diferente naquela época? Fosse hoje eu já tava morta, né? Meus filhos também. Mas ele não, ele ainda fala: "Boa noite, senhora". Hahaha!

Tico: Era jovem o cara?

Joanna: Não era velho, mas também não era mocinho mocinho, entendeu? E olha, menino, sem computador... Na hora o delegado me atendeu, resolveu o meu caso. Vai fazer isso hoje!! Eles nem te atendem, né? Que é tudo por computador hoje em dia. Ave Maria!

Tico: E depois que fim deu esse pombal lá da frente?

Joanna: Ah, acabou, graças a Deus!

Tico: Mas levou um tempo ainda?

Joanna: Levou um tempo. Tanto que eu quis mudar de lá por causa disso. De noite era um inferno. Aquela radiopatrulha, que a gente falava radiopatrulha, com sirene ligada, aquela mulherada andando... Ele deixou os dois portões, mas era uma coisa só lá dentro. Então elas ficavam lá na rua, na frente, só enroladas na toalha, sabe? Um barulho infernal. Ele acabou... começou a acabar com a Guaicuí... hehehe. Porque agora virou um cocô ali, né?

Joanna: E era uma rua tão boa, tão sossegada. Nossa... era um sossego aquela rua. Era tudo gente de família que morava nas casas, sabe? Depois viu aquela bagunça lá. O japonês que começou com a bagunça lá. Que raiva que eu tinha desse japonês, viu! Como que faz isso, né? Numa rua residencial?

Filho da mãe, mas eu ligava toda noite para a casa dele. Falava: "Você está dormindo, filho da puta?! Nós aqui não 'tamo!'". Infernizei bem ele.

Joanna: Eu era briguenta também. Acho que eu puxei a minha mãe. Gozado foi, viu. Ninguém ligava. Eram outros tempos, né? Só do cara levantar meu muro, um policial, e as minhas crianças ficavam sozinhas durante o dia. Ele podia fazer alguma maldade. Se fosse hoje em dia, eu não ia passar em branco dessa, não. Hoje em dia você tem medo até da pessoa comum. Vai mexer com policial! Mas eu não tinha medo, não, eu enfrentava, viu? Eu e a Laís! A Laís tava sempre junto... hehehehe... ah, Laisinha. Era eu e a Laís, sempre. Porque ela dormia muito lá em casa, ela vivia em casa.

CAPÍTULO 7

SE NÃO TIVESSE UMA AJUDA HUMANA, A DIVINA NÃO VINHA

Final dos anos 1970 e Década de 1980

Cerro Corá

7.1.

Ida para a Cerro Corá, filhos crescendo

Joanna: Aí foi quando a minha vida virou uma merda. Eu morava aqui (*mesmo prédio onde foi gravada a entrevista, na Rua Cerro Corá*)... agora que eu vou entrar na história, tá ligada a câmera?

Tico: Opa! Peraí, deixa eu ver... está! Hehehe.

Joanna: Hahaha.

Foi assim, quando eu vim morar aqui, em 1980, eu morava em cima, no décimo quarto andar neste mesmo bloco. O Paulo estudava lá no Liceu Coração de Jesus, e o padre me ligava todo dia pra dizer que ele ia com uniforme errado, que ele derrubava os outros na fila de oração...

Ele nunca assistia à aula, não sei como, toda vez que eu ia lá nas nossas reuniões pegar a caderneta, o padre Lecir mandava eu esperar porque precisava falar comigo. Aí um dia eu fiquei lá esperando e falei: “Quer saber de uma coisa? Vou trabalhar, não vou esperar esse padre falar mal do Paulo para mim, não...”. Fui embora.

Porque era assim, ele chegava de manhã no meu quarto e falava:

— Mãe, vai ter um passeio, uma excursão chata, eu não quero ir, assina para mim...

E eu dormindo, sem óculos, assinava. Um dia, eu tô trabalhando, toca o telefone, era a diretora da USP:

— Dona Joanna, a senhora sabe que o Paulo tá suspenso, né? Por uma semana. E é a terceira suspensão dele.

Ele saía de manhã antes de mim, ficava escondido ali no bar da Guaicuí. Quando ele via que eu ia trabalhar, ele voltava para casa, eu não sabia que ele tava de suspensão. Caiu minha cara, né?

A professora falou:

— Olha, eu preciso falar para senhora que eu gosto muito do Paulo, eu adoro ele, mas eu não posso ficar com ele aqui.

Não sei o que ele fazia. Então o pai dele pôs ele pra estudar no Palmares. Mas não sei, ele não gostou, ele repetiu a terceira série. Fez de novo no Palmares, mas ele não gostou da escola porque era de gente muito grá-fina, sabe? E a gente morava na Guaicuí, ele não podia convidar os amiguinhos dele. Foi quando eu coloquei ele lá no Liceu. Foi pior ainda. Porque todo dia o cara me ligava de manhã. Ele saía de casa com o tênis que era cor de vinho, no caminho ele tirava e punha o branco. Ele não gostava da cor do uniforme... (*risos*).

Paulo: Foi, quando nós mudamos pro prédio, eu já tava na oitava série...

Joanna: Já namorava sério...

Paulo: Não, não... eu já tava na oitava série, lá no Liceu, e a Mônica e a Andréa iam para o Palmares, né? Não, elas foram depois... elas foram depois.

Joanna: Não, foi quando a gente morava aqui, que teu pai não pagou a escola, teve que vender o telefone...

Paulo: É. Não, nessa altura já tinham outras coisas...

Joanna: Ele tinha outros interesses...

Paulo: É... é.

Tico: Depois de ficar um pouco mais crescido, chegou um outro momento da vida...

Joanna: Foram os momentos de afetar só a mãe.

Paulo: É.

Joanna: Não é?

Paulo: (Balança a cabeça afirmativamente.)

Tico: Em que sentido?

Paulo: Ah, é que como adolescente você fica interessado em outras coisas. E são mais oportunidades pra você, no processo de descoberta, ficar fazendo cagada. Hehehe.

Paulo: Uma vez, acho que eu já tinha 15 anos, a gente morava aqui no prédio, e eu fui passar o fim de semana na casa da avó do Bill e do Helinho, lembra deles?

Joanna: Lembro, que você foi de caminhão.

Paulo: Não, eu fui de carona, não só de caminhão, nem sei quantos caminhões tomamos! Mas fiquei na estrada 13, 14 horas. Sem um puto no bolso. E eu nem me lembrei que fosse alguma coisa que eu tivesse que pedir para ela (*Joanna*), só avisei a empregada. Isso era uma sexta à tarde. Falei: “Ó, fala para a minha mãe que domingo à noite eu volto”. E passei 12 horas na estrada, para chegar em São José do Rio Pardo. Acho que era São José do Rio Pardo...

Joanna: Eu lembro disso...

Paulo: Mas aí pra voltar, voltamos de ônibus, o Bill pegou emprestado o dinheiro da vó dele e comprou as passagens de ônibus. Hehehe. É, eu lembro de matar aula na oitava série e ir para o Guarujá, passar o dia no Guarujá.

Joanna: E eu mandando a polícia rodoviária atrás dele...

Paulo: Hahaha.

Joanna: É, porque um dia ele não vinha da escola, eu liguei pra casa, e a Lorinha falou:

— O Paulo ainda não chegou da escola.

E era tarde já. Peguei, liguei pra escola. Aí o Padre Lecir, a quem eu prezava muito, falou:

— Seu filho não veio à aula hoje.

Nossa, aí eu desesperei, né? O namorado da secretária que trabalhava do meu lado, que conhecia todo o meu drama, era delegado. Ela falou:

— Deixa que eu vou falar com ele.

Pôs a polícia rodoviária atrás do Paulo.

Paulo: Mas é mais pra ilustrar. Eu fiz várias vezes essa merda. Um dia chegava em casa cheio de areia, a empregada:

— Paulo, onde você arrumou essa areia toda na escola? Com o uniforme da escola.

— Não, nós fomos jogar vôlei depois da aula.

Ou alguma história bem mal contada assim. Mas isso era antes da minha mãe chegar em casa do trabalho, então na hora que ela chegava em casa, a história já tinha morrido.

Mônica: Quando... ah... hahaha... quando eu tava na oitava (*série*), a Andréa tava na sétima, a gente já tinha mudado para a Cerro Corá, eu e Andréa, às vezes, a gente fazia assim:

— Ah, você fez a lição de casa?

— Não.

— Então não vamos para a escola!

Porque a escola não ligava para falar “seu filho não veio na escola hoje”. Ela (*aponta para a mãe*) nem sabia que a gente cabulava aula. Mas a gente não podia voltar para casa, porque ela tava em casa até as nove horas. Ela saía para trabalhar às nove. Então a gente pegava o ônibus... a gente levantava, pegava o ônibus...

Joanna: Olha que filhos da puta! Gastavam o dinheiro de passagem. Eu tinha que ter lá o dinheiro todo dia para dar pra eles...

Mônica: ... sentava na igreja de Pinheiros até as nove da manhã. Pagando nossos pecados. Aí a gente voltava pra casa. Hahaha.

Joanna: Olha que sem-vergonha! Agora que eu tô sabendo disso, viu! O Paulo foi suspenso várias vezes na USP. Ele chegava de manhã, quando eu tava dormindo sem óculos:

— Manhê, tem um passeio chato aqui, não quero ir. Assina pra mim?
Eu assinava. Até que um dia eu recebi uma ligação da diretora da USP:

— Dona Joanna, aqui é...

Como era o nome dela?

Mônica: A dona Ondina.

Joanna: Dona Ondina!

— Oi aqui é dona Ondina, da USP. Tudo bem?

— Tudo bem.

— Então, a senhora tá sabendo que o Paulo foi suspenso pela terceira vez, por UMA SEMANA?

Já tava no quarto, quinto dia que ele tava suspenso. Ele saía de casa de manhã, se escondia naquele bar da esquina que tinha na Guaicuí.

Mônica: Hehehe... tá vendo? Eu ia pra Igreja!

Joanna: Á ele via que eu saía de casa, ele voltava pra dentro, e a empregada não me falava nada. E a minha cara pra diretora... eu falei: “Olha (*faz cara de espanto*), eu não tô sabendo, não...”.

Aí ela falou: “Pois é, e infelizmente por causa dessa terceira suspensão ele não vai mais poder continuar aqui na USP. Ele vai ser expulso”. E eu trabalhando...

Mônica: Hehehe... Todas as palavras que uma mãe quer ouvir sobre o filho.

Joanna: Depois, ainda, meu chefe falava que eu precisava fazer meditação transcendental... hehehe. Entende?

Mônica: Hehehe.

Joanna: Hehehe. Entende?

Tico: Isso ele tinha o quê, uns 15 anos?

Joanna: Não, tava no ginásio.

Mônica: Ele repetiu a sétima série e depois foi expulso da USP em 1978. Daí ele foi pro Palmares por um ano, em 1979, não gostou, e depois foi pro Liceu pra fazer a oitava série em 1980.

Tico: E quando vocês iam pra igreja, vocês tinham quanto?

Mônica: Eu tinha uns 14, eu tava na oitava já. Era sempre lição de Artes, eu não era muito boa.

Joanna: Ó, dessa da igreja eu não tava sabendo...

Mônica: Então, eu tinha que fazer um desenho de não sei o quê, eu não fazia, falava:

— Andréa, a gente tem que matar aula hoje!

Aí ela falava: “Ah, eu não tenho prova, vamos matar aula!”.

Joanna: Aí sabe o que eu fiz com o Paulo? Porque ele fazia isso, ele saía de manhã e voltava. Eu levava ele todo dia pra trabalhar comigo. Tinha um sofazinho na frente da minha mesa, ele ficava sentado lá.

Mônica: Hehehe, olhando pra sua cara.

Joanna: Assim (*imita-o com cara de poucos amigos*), olhando pra mim. O dia inteiro! Falei:

— Você não vai ficar por aí zanzando, não! Você vai trabalhar comigo.

Mônica: Então, suas crianças sempre foram criativas, né? Sempre conseguiram fazer o que precisavam.

Joanna: Era tudo com emoção! Sabe, quando eu ficava sabendo das coisas... tudo emoção! Porque às vezes você prevê alguma coisa, né? “Ah, eu acho que ele não tá indo”, mas ele saía de casa, sem-vergonha! Na hora certa. E ficava escondido lá no bar. Depois ele me contou.

Mônica: Mas a gente não fez isso muitas vezes porque era um saco você ter que ir na igreja por uma hora e ficar assistindo missa, entendeu? Depois voltava pra casa, e a Lorinha fazia a gente limpar a casa. Falava:

— Ah, vocês não foram na escola, vocês vão limpar a casa!

Entendeu? Então, não era...

Joanna: Mas pra mim ela nunca contou!

Mônica: Não. Não, porque ela fazia a gente limpar a casa! Entendo...

Joanna: Bom... melhor, né? Eu pelo menos trabalhava sossegada... hehehe, sem saber de nada, não é?

Tico: Tem coisas que é melhor nem saber, né?

Joanna: Não é? Se não, eu ia pedir as contas!

Andréa: A gente às vezes cabulava aula. Às vezes. Assim, só acontecia isso quando a MÔNICA não fazia a lição de casa...

Mônica: Lição de Artes... sempre Artes!

Andréa: A gente tomava dois ônibus pra ir pra escola. A gente morava aqui na Cerro Corá. A gente tomava um ônibus até a (*Avenida*) Dr. Arnaldo e depois outro ônibus. A Mônica ia pra USP, e eu ia, às vezes a pé, até a “Chico Porquinho” (*Rua Francisco Leitão*). Eu estudava no Santa Luzia e descia até a Cônego Eugênio Leite a pé.

Aí ela dizia assim: “Putz, eu não fiz o trabalho de Artes, vamos cabular?”. Pra mim, se ela tinha feito ou não, eu ia, mas ela fazia eu pagar o pato. A gente parava na igreja e ficava assistindo missa até dar a hora da minha mãe sair de casa e a gente poder voltar. Hehehe.

Mônica: Hahaha.

Andréa: Então a gente cabulava aula, mas a gente já se penitenciava.

Mônica: Já pagava.

Joanna: Vocês não ficavam com dó de gastar dinheiro de ônibus sem necessidade?!

Andréa: Mas era raramente, isso aconteceu umas duas ou três vezes...

Mônica: É, não foi assim uma coisa...

Andréa: Logo ela (*aponta para a Mônica*). Porque assim, se EU não quisesse ir à aula, ela dizia: “O problema é da senhora, eu não posso perder aula hoje”. E vamo que vamo. Mas daí quando ela me pedia... enfim...

Mônica: É, imagina, eu era super CDF, você acha que eu iria perder aula assim? Só a aula de Artes que não servia pra... quer dizer, não é que não servia pra nada, mas o professor não vinha com... ele era bem exuberante, meu professor de Artes. Ele queria assim: se ele te desse um projeto pra você desenhar uma casa, ele queria uma casa na árvore, umas coisas assim, bem imaginativas. E a minha imaginação não era muito grande.

Andréa: Já eu, adorava Artes.

Mônica: Eu era sempre pé no chão. Então eu desenhava uma casa, e ele falava assim:

— Zero! Isso não é uma casa.

E eu falava: “Mas é uma casa!”. Hahaha... Você entendeu?

7.2.

Vida na Cerro Corá e com a família da Cida

Das mudanças de casas

Tico: Quanto tempo vocês ficaram na Cerro Corá?

Cida: Catorze anos! Catorze anos na (*Rua*) Bartira, e agora aqui (*no apartamento atual*) 17 anos.

Andréa: Aqui neste atual eu sei que é o mesmo tempo que eu moro na minha casa. Eu tinha acabado de me mudar pra lá.

Vicentinho: Foi um mês antes do Lu (*Luis Fernando*) nascer.

Joanna: E eu já faz 20 anos que me mudei pra Cerro Corá (*a segunda e última vez*).

Tico: Quando vocês (*Cida e Joanna*) moraram concomitantemente na Cerro Corá, nos anos 80, quanto tempo durou?

Joanna: A gente ficou dois anos em cada apartamento.

Andréa: Quatro anos, então.

Joanna: A gente saiu de lá em 84. Eu primeiro aluguei um apartamento no 14º andar. Quando eu fui alugar, o cara tava de aliança na mão direita, eu falei pra ele:

— Eu tô vendo que você tá noivo... você não vai, quando acabar o contrato, me pedir o apartamento não, né? Porque eu moro há dez anos em uma casa, eu não vou me mudar agora pra depois ter que me mudar de novo...

O cara: “Não, negócio é negócio, pode ficar sossegada”. Passou dois anos, o filho da puta pediu o apartamento pra casar. Sorte que eu encontrei um apartamento no outro prédio, no 12º andar. A Lorinha pegou os irmãos dela, fizemos a mudança pela garagem e eu fui morar no outro prédio.

Cida: Então, quantos anos você morou na Cerro Corá?

Joanna: Quatro anos ao todo.

Cida: Só quatro anos vocês moraram lá?

Joanna: Dois anos no 144 e dois no 122.

Cida: Então, quando vocês mudaram, eu tava lá ainda? Daí vocês foram morar na Guaicuí?

Andréa: Daí a gente voltou pra Guaicuí.

Cida: Ahhhhh.

Joanna: E da Guaicuí eu fui pra Osasco, fiquei três anos, e em 2001 eu vim pra cá (*de novo para a Cerro Corá, a segunda vez*).

Os sobrinhos

Tico: E desse tempo da Cerro Corá, que vocês eram vizinhas, o que vocês aprontaram juntas?

Cida: Ahhhh...

Joanna: Eu trabalhava, né...

Cida: Era um tal de subir e descer, os meus filhos, subir e descer: “Vou na Jô, vou na Mônica...”.

Joanna: Quando eu chegava do serviço, era umas sete, sete e meia da noite... eu passava de elevador pelo 5º andar, todo dia era a mesma ladainha: “Deixa meu pai chegar! Vocês vão ver!”.

Andréa: Hehehe!

Joanna: Era todo dia, Domingos!

Domingos: Hehehe.

Joanna: Eu falava: “Nós estamos passando pelo 5º andar”.

Cida: Eles eram terríveis, né? Brigavam. Brigavam lá embaixo os dois, o Fábio e o Vi. A Vivian sempre foi uma santa. Aquela menina, olha, não me deu trabalho. Nunca. Ela gostava muito de vocês, né?

Andréa: É.

Cida: E vocês me ajudaram muito quando a Vivian nasceu.

Andréa: É, eu lembro dela com catapora, tadinha...

Cida: Ah, os três tiveram catapora...

Andréa: Mas o da Vivian foi bravo.

Cida: Foi daquela de dar bolha. A pior. Eu fiquei quase louca.

Andréa: A bundinha dela ficou tomada. Era uma casca só, judiação.

Cida: Ela tinha nove meses. Você que me socorriam. A Lorinha, você, a Mônica. Eu lembro que uma vez eu fui no médico com os três, o Domingos tinha uma secretária, ele não podia sair, mandou a secretária ir comigo no médico com os três. Eu não sei como eu me virei com os três, apesar de vocês terem me ajudado muito. Mas era banho de permanganato neles três vezes por dia. A Vivian com nove meses. Deus ajuda...

Tico (para Andréa): Vocês já eram adolescentes quando isso aconteceu?

Andréa: Sim. Quando o Vi nasceu eu ainda era criança. Tinha uns sete anos.

Cida: Eu tenho foto de vocês...

Andréa: É... eu segurando ele no colo, né?

Cida: É.

Andréa: Depois, quando chegou o Fábio, eu tinha uns nove, e a Vivinha é que eu era um pouquinho mais velha.

Cida: A Célia, quando eu tava grávida do Vi, falava: “O Gugu que tá na sua barriga”. Chamava o Vi de Gugu.

Tico: Por que Gugu?

Cida: Não sei! Daí ele nasceu, e ela sempre: “Ó, o Gugu... o Gugu... o Gugu...”.

Zé Carlos: Gostava de dar apelido em todo mundo...

Cida: É. Ela mandava, às vezes, foto: “Olha você e o Gugu que tá na sua barriga...”. Chamava ele de Gugu.

Cida: Daí eu me lembro, Zé, que quando a Vivian nasceu, eu não tinha leite, e a Célia tinha muito leite. Então, uma vez ela foi na minha casa, lá na Cerro Corá, com a Priscilla bebê, e ela deu de mamar pra Vivian. E a Vivian se esbaldou no leiteiro que a Célia tinha! Porque ela tomava mamadeira. A tia Célia deu de mamar pra ela quando foi lá, porque elas eram do mesmo tempo, né?

Joanna: Lembra do dia em que eu caí, quando o Fábio nasceu?

Cida: Também.

Joanna: Queriam me levar lá pra tirar raio X, eu falei: “Não, obrigada, não foi nada...” (*fala com voz de dor*). Hehehe.

Andréa: Que eu caí em cima de você, e você escorregou.

Joanna: É, eu quebrei a costela.

Andréa: Hahaha! A gente escorregou no corredor de mãozinha dada, ela caiu, e eu caí em cima dela, aí quebrou a costela...

Joanna: Foi quando o Fábio nasceu.

Andréa: Foi. Hehehe!

Joanna: E a enfermeira queria me levar para o raio X, eu falei: “Não, não, obrigada, já passou, não dói nada...”. Hahaha!

Cida: E foi a Joanna quem deu ideia, porque o Fábio ia ser só Fábio, e ele nasceu no dia de São Judas.

Domingos: Ele nasceu dia 28.

Cida: Dia 28, é. Aí a Joanna tava no carro comigo, eu já tava com dores, ela falou: “Hoje é dia de São Judas, porque você não pôe Fábio Tadeu?” Daí eu falei: “Ah, então eu vou pôr Fábio Tadeu”. E ficou Fábio Tadeu.

Andréa: O Fábio sabe disso? Hehehe!

Cida: Ele sabe.

Andréa: Ele gosta do “Tadeu”? Hehehe!

Cida: Porque às vezes eu chamava ele de Tadeuzinho, né?

Domingos: Hehehe.

Cida: Ele não liga. Mas o Fábio com os amigos na escola, como é que é o apelido dele?

Domingos: Ruffus.

Cida: Ruffus. É... por causa do Rugby. Então era só Ruffus, Ruffus... mas de vez em quando, quando eu tô brava, eu falo: “Fábio Tadeu!”. Daí ele sabe que eu tô brava. Sabia quando eu tava brava porque eu chamava ele de Fábio Tadeu. Mas foi a Joanna que batizou ele de Fábio Tadeu.

Joanna: Mas eu não mandei ela pôr nome, ela que quis...

Andréa: Hahaha!

Cida: Ela deu a ideia! Mas eu achei bonito!

Domingos: A Joanna foi com a gente no nascimento do Fábio e do Vicentinho.

Cida: Do Vi foi todo mundo!

Joanna: Do Vi não.

Cida: Do Vi foi!

Joanna: Dá licença... Eu fui na hora do almoço pra ver o Vi. Por conta

do negócio que aconteceu com o vizinho (*Durvalzinho*), eu tive que ficar lá, esperar o bombeiro, depois eu fui trabalhar, porque eu tinha que ir trabalhar. E só na hora do almoço que eu fui pra ver o Vicentinho.

Domingos: Ah! É verdade!

Cida: Então, mas foi a minha mãe, a Célia...

Domingos: Bom, o médico, pra ter ideia, ele teve que pedir licença no corredor pra poder entrar na sala de cirurgia. Metade do Metrô (*onde Domingos trabalhava*) tava lá! Hahaha!

Cida: ... o seu Vicente, a dona Luiza... Daí o meu médico, eu tinha pegado ele nos últimos dias, um médico meio antipático...

Joanna: Você pegou com quem?

Cida: Era o doutor Périco. Ele chegou e falou: “Nossa, foi difícil entrar aqui na sala com toda essa gente que tá aí!”. Quando falou que era um menino — porque a gente não sabia naquela época —, pareceu que tinham falado “Gol!”. Todo mundo tava lá. Só faltou... a Célia que falava isso, “só faltou o passarinho da minha mãe estar lá na maternidade”. Ele nasceu lá na Gastroclínica.

Domingos: E ele nasceu feio, com o olho inchadinho, né? Eu olhei e falei pra todo mundo: “Não é meu não, hein!”. Hehehe. Todo enrugadinho, parecia um velhinho.

Cida: Saiu feio, coitadinho... ele passou do tempo (*de nascer*). Eu tratava com um médico, o Dr. Maciel, que era médico da mamãe e que auscultava com aqueles aparelhos ainda (*demonstra um antigo aparelho de auscultar*). O menino tava sentado, e ele não descobria. Daí quando eu fui nesse médico, que era do Metrô, o Domingos tinha acabado de entrar no Metrô, ele mandou tirar uma radiografia e descobriu que o Vi tava sentado.

Ele falou assim: “Amanhã, seis horas, a senhora na maternidade!”.

Eu me assustei, falei: “Mas doutor, é grave?”.

Ele falou: “Olha, até pra arrancar um dente é grave!”.

Andréa: Simpático, né?

Domingos: Ele era muito seco.

Cida: Mas um ótimo médico. Ele falou: “Precisa tirar rápido essa criança”. Ele nasceu com 41, quase 42 semanas, todo enrugadinho...

Joanna: Nossa! Mas por que demorou tanto?!

Cida: Porque ele tava sentado, e eu não tinha dor! Não sentia nada.

Joanna: E naquele tempo não é como agora, né, que vai todo mês no obstetra...

Cida: É, foi antes de existir tudo isso. É Deus, né? Tudo por Deus, porque se passasse mais uns dias, o Vi ia morrer dentro da minha barriga...

Andréa: Mas por que é que você foi no médico da vovó?

Cida: Ahhh, porque era o médico da vovó. O Dr. Maciel, que também fez os partos da mamãe, né?

Joanna: Fez a minha apendicite...

Domingos: É... Ele tinha só 120 anos...

Andréa, Cida e Joanna: Hahahaha!

Andréa: Era um homem bem experiente. Hahaha!

Domingos: Ainda mais com aquele trombone no ouvido... (*refere-se ao antigo aparelho de auscultar*) Hahaha.

Cida: Acho que a Célia também conhecia o Dr. Maciel. Qualquer coisa a gente ia lá. E esse médico, o Dr. Pérsio, foi o médico que fez o parto deles também (*refere-se a Priscilla e Tico*), eu indiquei pra Célia. Doutor Pérsio.

Domingos: O Dr. Pérsio que pegou o Tico depois?

Cida: Foi, pegou o Tico e a Priscilla.

Passeando de Brasília com os sobrinhos

Cida: Outro negócio que a gente precisa contar de você é quando a gente morava na Cerro Corá, e você levava o Fábio e o Vicentinho passear de Brasília. Passeava aí na (*Rua*) Ricardo Medina, pra ver as flores.

Joanna: Eu queria ver as flores porque tinha aqueles ipês. Então, no inverno, caía tudo no chão, ficava um tapete, e era onde eles queriam ir. E... não fui eu que ensinei, porque eu estudei no Sacré-Coeur de Marie, colégio de freiras, por 12 anos...

Andréa e Domingos: Hehehe.

Cida: Eu também!

Joanna: Eles iam com a cabeça de fora: “Ô filho da puta! Vai tomar no seu cu!”. E eu morrendo de vergonha, né?

Andréa: Aham... sei...

Joanna: Mas eles adoravam!

Cida: É... não sei com quem eles aprenderam...

Joanna: Eles tinham os cabelinhos tudo loiro, ficavam esvoaçantes com a cabeça fora da Brasília, xingando os outros... hehehe.

Cida: Ele era loiro! Acho que ele era loiro de tanto tomar sol. Porque eles iam para Itupeva e moravam na Cerro Corá. Viviam na piscina, e também por conta do cloro, eles passaram uma temporada com o cabelo branco! Olha essa fotinho (*pega uma fotografia que estava na mesa ao lado do sofá*).

Vicentinho: Essa foto já tá desbotada!

Tico: Haha! A foto toda tá branca!

Andréa: Hahaha!

Vicentinho (*mostrando a foto toda desbotada*): 42 anos já!

Cida: Era branco o cabelo deles! Pareciam uns capetas, né?

Tico: Isso quantos anos eles tinham?

Cida: Ah, eles tinham acho que uns...

Joanna: Seis anos.

Cida: O Fábio seis, o Vi uns oito ou nove, uma coisa assim. Ou até menos, porque a Vivian era pequeninha.

Joanna: É. Eles adoravam passear na Brasília.

Cida: É o ipê que cai, né, Bem?

Domingos: Ipê. Ipê.

Joanna: Mas a rua era linda. Era roxo, amarelo, lindo, lindo que era lá.

Vicentinho: Todos os palavrões eu aprendi com a Jô, né? Hehehe.

Joanna: Mandava os cumprimentos para os transeuntes...

Vicentinho: “Manda aquele praquelé lugar!”. Hehehe.

Tico: Quer dizer que era ela que incentivava?

Vicentinho: Ela que incentivava.

Tico (para Joanna): E você morrendo de vergonha?

Joanna: Morrendo de vergonha... hehehe.

Vicentinho: Grande vergonha pra tia Joanna.

Andréa: Hehe, cara de pau!

Vicentinho: Meu vocabulário, ó!

Cida: E eles adoravam passear com a Joanna, né?

Vicentinho: Bons tempos!

Cida: A Joanna, também lá na Cerro Corá, era a **mãe de todos**. Os meus filhos jantavam na minha casa, principalmente o Fábio, depois ele subia: "Vou na Jô". Tudo era "vou na Jô". Nunca chamavam ela de tia.

Joanna: E a Cida falava: "Não é Jô, é tia Jô".

Cida: "Vamos na Jô", eles falavam. E o Fábio chegava lá, sentava e comia arroz, feijão e banana picada com a Mônica. Agora o Vi, não, né?

Joanna: O Vi queria torrada. Uma vez você deixou ele lá, eu falei:

— Vi, você quer comer alguma coisa?

— Tem uma torradinha? (*Imita-o no seu pedido.*)

Andréa e Domingos: Hehehe.

Cida: Até hoje é assim! Ai que coisa, viu! Então era assim. Foi tempo bom lá na Cerro Corá, né?

Joanna: Foi...

Cida: O Luis Fernando também, você fala da Joanna, os olhinhos dele acenadem: "Você vai lá, vovó?". Uma vez ele falou que ia na sua casa para te ver, né?

— Vamos lá ver a tia Joanna! Você vai lá, vovó?

É louco para ir lá.

Joanna: Ele ia lá, eu tinha que mostrar tudo o que tinha na geladeira. Ele adorava o pianinho, lembra?

Andréa: Ah é... os ímás de geladeira.

Domingos: A Joanna atrai a atenção das crianças.

Cida: É! O Fábio, o Vi, a Vivian também, depois...

7.3.

Paulo começa a ter outros interesses

Arruma uma namoradinha

Joanna: Áí, quando a gente morava na Cerro Corá, o Paulo arrumou uma namoradinha no prédio. Eu trabalhava, saía de manhã, voltava de noite. A Cida morava no mesmo condomínio, eu morava em um prédio, ela morava no outro, e ela ia todo dia lá na minha casa xeretar. Um dia ela ligou para mim, falou:

— Joanna, fui na sua casa, a Inês tava dentro do quarto do Paulo, fechada com ele!

Bom, aí eu cheguei, fiz um escândalo! Falei pro Paulo:

— Eu não quero ninguém aqui, porque aqui não é motel! Você tem duas irmãs mais novas, você respeita a minha casa!

Paulo: Teve um monte dessas. Mas foi quando eu comecei a namorar a Inês, a gente já morava no prédio fazia uns meses.

Joanna: Você tinha 16 anos. Mas eu só sabia das coisas através da Cida, que ela ia fazer a vistoria lá em casa.

Paulo: Hehehe.

Joanna: Eu trabalhava tão tranquila... E ainda tinha um advogado que mandava eu fazer meditação transcendental: "Você é muito nervosa, você deveria fazer meditação transcendental".

Paulo: Hehehe. Foi. Mas nessa época, mãe, acho que foi quando deu aquela história com a Inês, né?

Joanna: É, uma história bem suave...

Paulo: Hahaha. Essa história foi engraçada, Tico...

Joanna: Engraçada...

Paulo: A tia Cida vinha às vezes pedir para eu ser babá dos filhos dela. Eu chegava da escola mais ou menos na mesma hora, e eu tinha as minhas amiguinhas do prédio, que eu ensinava matemática para elas...

Joanna: Ensinava matemática... no quarto dele...

Paulo: Então, a minha empregada, a Lorinha, já estava acostumada com a rotina. A gente ia para o meu quarto, fechava a porta, para ela saber que não era para interromper, porque tinha estudos em progresso. Um dia, a tia Cida chegou lá... 1980. Acho que a Vivian ainda nem tinha nascido. Era o Fabinho e o Vi, que eram pequeninhos.

A tia Cida foi direto pro meu quarto, e a porta não estava trancada. Ela abriu e deu um flagrante com a minha namorada lá, que era quase três anos mais velha que eu. Aí a tia Cida, tava tudo escuro, né, ela... não tinha certeza do que ela tava vendo... hehehe... achou melhor acender a luz pra ter certeza. Hahaha! Aí ela fez uma tamanha cara de horror, que em uma questão de segundos tinha cinco cabeças, uma em cima da outra, no canto da porta, assim (*faz o gesto das cabeças aparecendo uma em cima da outra na entrada da porta*). Hahaha.

Joanna: Hahaha.

Paulo: O Vi, o Fabinho, as minhas irmãs, a tia Cida e a empregada:

— Nossa!

Eu falei: “Fecho a porta! Sai daqui!”.

Aí a menina não queria sair do quarto:

— Ai! Eu vou me jogar daqui, não tenho coragem de ver ninguém.

Eu então fui pedir pra eles evacuarem o apartamento pra menina poder sair, porque ela tava com vergonha. Mas Tico, quando eu te conto que não deu três minutos, o telefone tocou: era a minha mãe já. Porque a tia Cida tinha saído e já foi contar pra ela. Hehehe.

— Você não tem vergonha de fazer isso na minha casa?! Na frente das suas irmãs, das minhas filhas! Que exemplo! Espera eu chegar em casa!

Hahaha. Mas aí meu pai ligou, cinco minutos depois: “O que aconteceu?”. Eu falei, meu pai falou: “Tudo bem, depois a gente conversa”.

Joanna: É, pra ele...

Paulo: É, você que ficou toda abalada...

Joanna: Olha, eu tinha as meninas pequenas ainda, era local pra ele trazer mulher? Pra dentro de casa? Fala se é lugar?

Paulo: O que um menino de 15 anos vai fazer? Hehehe.

Joanna: Minha casa não era motel!

Paulo: Ela falava isso: “Minha casa não é motel!”. Hahaha.

Joanna: Nunca pus um namorado meu dentro de casa! Agora ele ia trazer a mulherada? Fiquei brava mesmo!

Paulo: Mas foi gozado esse dia, puta merda. A mãe tava uma arara aquele dia, ela ficou tão brava! Aí o pai veio falar comigo, ele disse: “Ah, tudo bem, tudo bem, ela tá chateada mas tá tudo certo”.

Joanna: Vontade de dar uma martelada na cabeça dele!

Paulo: Hahaha!

Joanna: Ao invés de aconselhar o Paulo, né? Dar um exemplo pras irmãs. Já pensou se elas começassem também a trazer rapazinho pra dentro de casa?

Tico: Aí ia virar uma casa diferente...

Joanna e Paulo: Hahaha!

Joanna: Nossa, fiquei louca, não dormia até... E por que que eu vim morar aqui? Eu vim morar aqui por causa dele. Ele vinha passar o fim de semana com a Cida e adorava aqui, não sei por quê... depois eu descobri por quê, né?

Paulo: Hehehe!

Joanna: Aí eu falei: “Pô, fiz tanto sacrifício pra vir pra cá, pra você aprontar logo de cara uma dessas?”. Não tô certa? (*Pergunta para Tico.*)

Tico: Eu sou neutro aqui, sou só o documentarista.

Joanna e Paulo: Hahahaha!

Joanna: E quando foi essa última vez, quando eu fui na reunião lá no Liceu, o comportamento dele era “P”, eu falei: “Olha Paulo, você é ‘P’alhaço, então você vai trabalhar no circo, você vai ganhar dinheiro, porque no ano que vem, se você quiser continuar seus estudos, você vai procurar a escola, você vai se matricular e você vai arrumar um emprego, porque eu não quero mais saber de você. Chega！”, falei para ele.

Aí ele arrumou um emprego no Bradesco, na Consolação, se matriculou

aqui no Ciridião, para fazer o... era... qual que era depois do ginásio? Colegial. Ele fazia aqui no Ciridião. Logo depois ele comprou uma Brasília e ia de sexta-feira direto para Campinas, para a casa da Inês. Voltava na segunda direto para ir para o banco.

Casa e vira pai

Tico: Você casou logo depois disso?

Paulo: Não, foi uns dois anos depois. É... esse foi o pior dos períodos da minha vida. Era um período triste mesmo. Eu sabia que tinha feito cagada, mas eu achava que tava fazendo a coisa certa... mas sabia que era cagada. E não conhecia a menina... Coisa de criança, né.

Joanna: Ele tava noivo da Inês, ia todo fim de semana pra Campinas. Chegou em casa um dia dizendo que ia casar, que ia ter um filho.

Paulo: A Carmen ficou grávida.

Joanna: “Não, não é a Inês, é a Carmen”.

Paulo: Mas foi o período mais difícil da minha vida. Foi esse período que eu tava casado com a Carmen.

Tico: E muito novo, né?

Paulo: (Assente com a cabeça.)

Joanna: Quando ele fez 18 anos, eu fiz um bolinho para ele. Ele convidou os amigos do banco. Entre eles, veio a Carmen. Isso foi em outubro. Quando foi em novembro, ele falou:

— Mãe, eu preciso casar porque eu vou ter um filho.

— Mas é com a Inês? Você não tá noivo da Inês?

— Não, é a Carmen, a que trabalha no banco comigo...

Hehehe. Eu falei: “Mas você não tá noivo da Inês?”

Ele falou: “É, mas agora eu preciso casar com a Carmen...” Hehehe.

Bom, foi uma reviravolta na minha vida, né? Eu cheia de pepino para pagar, tendo que trabalhar. Ele pediu autorização para mim porque precisava, o homem naquela época só era maior de idade com 21 anos, ele tinha 18. Aí eu falei:

— Não, eu não vou dar permissão para você, porque um dia você vai me xingar dizendo que eu corroborei pra tua desgraça. Eu sei que esse casamento não vai dar certo.

Então, eu fui no cartório e fiz a emancipação dele. Dei o papel para ele, falei: “Tá aqui o papel, você faça da sua vida o que você quiser!”. E ele foi. Ele que arrumou o casamento, casou aqui na Lapa.

Foi em janeiro que ele casou. Falou que ia morar com ela na república que ela morava lá na Rua Maria Antônia, eu acho. Passou uma semana, ele voltou:

— Ó, mãe, não dá para ficar lá... (risos). Você não deixa eu voltar?

Eu falei: “Teu quarto tá aí, é só você comprar uma cama de casal”.

Aí ele veio. Veio ele e ela.

Joanna: Bom, eu só sei que daí o Paulo trabalhava no Bradesco, e ele foi tomar conta de uma agência numa firma na Vila Jaguara, perto da Lapa. De manhã, ele ia pegar o malote na Consolação e ia para lá com o malote. Não pode isso, né, mas naquela época podia tudo. Um dia o banco foi assaltado. Ele disse que tava num... que nem um aquário, assim, no meio da fábrica, e não tinha aberto ainda. Ele tava pondo dinheiro no cofre.

Aí veio o guarda lá da firma com três homens, e disse que ele falou: “Ainda não é hora de abrir, abre só às dez”. Começaram a atirar. Ele teve que se esconder embaixo da mesa. O Bradesco mandou ele embora porque ele tava com o cofre aberto na hora do assalto. Porque o cofre tinha que estar fechado. Aí ele ficou sem emprego, e eu com todas as contas da casa para pagar: aluguel, condomínio, a empregada, comida... Eu tava que nem uma louca devendo para Deus e todo mundo.

Entrei com uma ação contra o pai dele

Joanna: Foi quando eu entrei com uma ação contra o pai dele. Falei: “Não, esse desgraçado agora vai ter que me pagar!”. Porque ele nunca deu pensão para mim. Ele começou a dar no começo, quando eu paguei o desquite, para ver se ele me dava a pensão. Ele trabalhava como empregado numa firma

aqui em São Paulo. Então, eu recebia. Depois que eu fiz o desquite, que eu paguei, ele começou a dar pensão.

Mas aí um mês eu fui lá receber, falaram: “Ele não trabalha mais aqui, pediu demissão”. Então nunca mais vi o dinheiro dele. Ele abriu uma firma lá em Campinas, acho que tava em nome de laranja, sei lá, só sei que eu nunca mais vi dinheiro dele.

Assim, quando aconteceu isso com o Paulo, que eu fiquei na merda, eu comecei a abrir um processo contra ele. Falei: “Não, agora chega! Tudo tem seu limite”. Aí ele veio e convidou o Paulo para trabalhar com ele, sabe? Mas quem tinha que dar dinheiro para condução do Paulo, para ele ir pra lá, era eu. Porque o Paulo disse que ele não pagava corretamente. Ele só fez isso mesmo para ver se eu retirava a ação contra ele.

7.4.

Por isso que eu tomo Lorax®

Joanna: Cada um depende dele mesmo pra sobreviver, não é? Não adianta você ficar rezando, fazer uma novena que nem eu fazia, para Deus me dar uma solução para os meus problemas... hahaha!

Eu ia no ônibus, juro por Deus, eu ia trabalhar rezando: “Meu Deus, aonde que eu vou arrumar dinheiro hoje?”. Porque eu tinha que ter dinheiro em mão todo dia, entendeu? Para dar para eles irem para escola, para lanche, para comida. Então, todo dia eu tinha que pesquisar aonde que eu ia... não sei como eu não fiquei louca... ou eu sou e não sei também, né? Hahaha!

Porque olha, viver dia e noite pensando em dinheiro não é fácil. Quando você não tem e você precisa ter. Eu empenhava joia na Caixa, eu tirava dinheiro de financeira... tinha o gerente do Unibanco, seu Comparínio, eu nunca vou esquecer o nome dele, ele me via e já até sabia. Ele falava assim para mim:

— Espera... (*diz isso fazendo um gesto com a palma de uma das mãos aberta e num balanço para baixo*).

Hahaha. Era eu e uma outra lá que trabalhava na Deltec. Quando ele via as duas, ele falava assim:

— Um momento (*repete o gesto de “espera” com uma das mãos*).

Hahaha. Já sabia que a gente queria dinheiro.

Pegava de agiota. **Uma vez eu queria vender meus rins.** Lembra da La-dir, a cunhada da Laís? Ela era metida com político. Ganhava cinco mil para vender um rim! Aí na hora que eu comecei a dar prosseguimento... hehehe... cortaram a história de vender rim... hahaha. Não pude mais vender o meu rim... hihih. Era “cinco pau”! Não lembro que dinheiro que era, se cruzeiro, cruzado, caralho, sei lá... mas eu ia vender meu rim! Cortaram o negócio bem quando eu decidi tirar... hehehe. Ela tinha conhecido lá nas Clínicas, sabe?

Tico: Caramba! Que história!

Joanna: É... desse mundo tem história viu, Tico. **Por isso que eu tomo Lorax® pra dormir, sabia?** Hehehe. Porque eu só ficava fazendo conta de noite... Aí um dia eu cheguei no Augusto, eu adorava o Augusto!

— Augusto, você não tem remedinho aí para dormir de noite?

Ele me dava. Sem receita, sem nada, olha que tempo bom! Agora você precisa esmolar para o médico te dar receita de Lorax®. Eles não dão mais, sabia? Acham que a gente tem que ir para o psiquiatra, que ele vicia. Outro dia eu falei para o médico:

— Eu tomo isso há 50 anos, você acha que AGORA eu vou viciar?

Hahaha! Não é cretino esse médico, fala a verdade? Hehehe. Olha... só rindo das minhas peripécias.

Joanna: Eu morava na Guaicuí quando eu comecei a tomar, meus filhos eram pequenos ainda. Eu tinha quantos anos... 30 e poucos anos, estou com 80.

O Augusto que me... que me... como é que se diz... que me viciou! Ele foi o traficante. Hehehe. Porque parece que a gente tá pedindo droga, pra pedir receita de Lorax®. Mas se você já está acostumada a tomar para dormir... se eu não tomar, eu não durmo.

E não é psíquico porque, olha, outro dia eu tomei um remédio, eu tomo Vertix para labirintite e o Lorax® para dormir. Aí eu tomei o remédio, ou achei que tinha tomado, eram três horas da manhã eu tava olhando na janela, não tinha sono. Eu fui olhar o que eu tinha tomado, eu tinha tomado

Vertix ao invés de Lorax[®]. Então é psicológico? Não é, é? Porque se fosse, eu teria dormido.

E eu não dormia pensando nas dívidas. Em vender o rim... hehehe. Ó, que louca! Mas não tinha saída. Não tinha saída porque o meu salário, eu ganhava um salário de secretária, eu tinha que pagar o aluguel, tinha que pagar tudo!

Quando foi em 74, que eu comecei a trabalhar na Deltec, eu paguei uma advogada para fazer o meu desquite. Até então ele pagava a pensão das meninas. Então, tava tudo bem. Porque o meu salário era um salário que acabava. Você paga tuas contas, eu tinha que ter empregada em casa, tinha que pôr comida em casa, tinha que pagar a luz, água, telefone, IPTU, e tinha que ter dinheiro para as crianças de lanche, tinha livro para comprar, tinha sapato, tinha roupa.... Eu ganhava um salário de secretária, não era de um cargo de diretora nem de nada, entendeu? Então o dinheiro acabava. E você tinha que pensar aonde que você ia buscar, né? Aí ficava aquele bolo que não tinha fim. Aquele rolo. Rolo compressor. Era dívida em cima de dívida, fazia uma para pagar outra... é por isso que eu tomava Lorax[®].

Porque eu não podia passar a noite sem dormir. Eu ia trabalhar, meu olho ardia, menino! Eu tinha que ter cabeça para trabalhar também, né? E eu ia no ônibus rezando todo dia, por isso que eu tenho raiva! Hehehe. “Ai meu Deus me dá uma luz, onde eu vou arrumar dinheiro hoje, meu Pai do céu, ‘Pai nosso que estás no céu’...”.

Eu ficava rezando o caminho inteiro do ônibus até eu chegar lá na cidade (*no centro da cidade*). Hahaha. **Mas se não tinha uma ajuda humana, meu filho, a divina não vinha, viu.**

7.5.

Estourou a bomba

Tico: E quando chegou esse momento de revelação, como isso bateu em você? No sentido de entender o lugar da família e entender ela (*Joanna*) mais?

Mônica: A gente nunca foi rico, né? E minha mãe nunca deu ares de que você poderia fazer isso, fazer aquilo... A gente sempre soube que a gente tinha

uma calça jeans a cada ano. Eu e a minha irmã, a gente repartia as coisas. Então a gente sabia que a gente não era rico e que não podia ter tudo que a gente queria. Isso sempre foi claro. A gente tinha presente no Natal, aniversário e talvez no dia das crianças. E ainda tinha que dividir. Os presentes meus eram da Andréa, eram para as duas.

Eu acho que o que pegou... foi um ano que pegou muito, foi quando eu já tava com uns 13, 14 anos. Foi quando eu pedi para a vovó para trabalhar com ela, foi um ano que tava bem, bem, bem ruim. E ela falou assim:

— **Neste ano não vai ter presente de Natal.**

E eu lembro que, no fim das contas, ela ainda me deu um disco. Porque foi só o que ela conseguiu comprar. Aí ela falou: “A situação não é boa, eu não tô conseguindo pagar as contas”. Eu já tava na oitava série, eu acho, tava indo para o colegial.

Mas a minha sensação, talvez por causa do exemplo dela, foi correr atrás, entendeu? Não foi me sentir: “Ah, coitada de mim...”. Foi: “Vou trabalhar com a vó e fazer um dinheiro”. Porque a vó sempre, do jeito dela, estimulou a gente a trabalhar. Se a gente precisasse de alguma coisa, a vó falava assim: “Vem no mercado, me ajuda, e eu compro um sapato para você. Vem no mercado, me ajuda, e a gente compra esse livro”, entendeu?

Então a vó também nunca foi uma pessoa de dar dinheiro para a gente. Ela falava:

— Você quer alguma coisa? Você trabalha, e eu te pago.

Então, eu acho que, talvez pelo exemplo, eu não me sentia menos nem nada, só fui correr atrás, entendeu? Entendi que meu pai realmente não contribuía. Foi quando realmente surgiu dela: “O seu pai não contribui com nada, eu pago todas as contas”. E foi só correr atrás. Foi mesmo aquela realização. Foi nessa época que eu decidi que eu ia fazer Medicina, e aquela realização, “será que eu vou conseguir fazer Medicina?”, sabendo da situação financeira...

A única coisa boa que eu acho que meu pai fez foi pôr a gente no Palmares.

Joanna: Que não pagou!

Mônica: Não pagou, mas pelo menos ele me pôs num colégio bom que talvez me preparasse para entrar para Medicina. Mas eu nunca me senti desapontada porque, na verdade, a gente nunca viveu uma realidade falsa. Foi só uma realidade “tem que correr atrás”. Se eu quiser comer maçã e se eu quiser

ler meus gibis, eu preciso correr atrás, eu preciso trabalhar. Foi quando eu comecei a trabalhar no mercado com a vovó. Eu ia lá depois das aulas, ficava sábado e domingo, e depois das aulas. E meio que contribuía na casa, dava dinheiro para fazer feira, umas coisas assim, comprar umas roupinhas para mim, essas coisas assim.

A gente tinha também essa rotina de quando a coisa tava muito feia, a gente roubava o Buda. Hehehe. A gente tinha um Buda cheio de moeda, e todo dia eu ia comprar pão. Pão e leite. E às vezes não tinha na carteira dela. Eu acordava primeiro, ia na carteira dela, não tinha dinheiro, ia no Buda. Então a gente roubava o Buda. E todo mundo reabastecia o Buda. O Buda era importante, era o setor de emergência, “não tem dinheiro na carteira da mãe, vai pro Buda!”.

Então era mais ou menos essa medida. Mas nunca foi uma coisa triste, nunca foi uma coisa “ai meu Deus, eu sou pobre!”, nunca foi isso. Talvez por causa do humor dela. Ela sempre tinha uma coisa: “É... a gente é pobre mas a gente é feliz!”.

Do jeito dela, ela sempre proporcionou algumas coisas. A gente ia para a praia, a gente passava umas duas semanas lá, umas viagens aqui. A vó também levava eu e a Andréa para Lindoia, quando ela tirava férias. Então a gente tinha esses pequenos luxos.

Mas eu lembro também que a gente já tava morando aqui (*no mesmo prédio onde a entrevista foi gravada*), foi quando realmente a situação econômica ficou horrível.

Joanna: Que estourou a bomba.

Mônica: Estourou a bomba. O Paulo tava aqui com a família, tinha casado, ela tava sustentando a casa inteira, eu tava naquela época de colegial me preparando para o vestibular e tudo.

Joanna: Aí eu soube que seu pai não pagou a escola.

Mônica: Aí foi quando a gente descobriu que meu pai não tinha pagado a escola. Eles ligaram para mim e falaram:

— Você não vai poder sentar (*fazer*) suas provas porque seu pai não pagou a escola.

Eu liguei para mãe, falei: “Mãe, vou precisar mudar de escola”.

Aí a gente correu atrás, vendemos todas as joias.

Joanna: Não, o telefone!

Mônica: O telefone! É, o telefone.

Joanna: Saí com o telefone debaixo do braço de manhã, fui lá na companhia telefônica, vendi meu telefone, paguei minhas dívidas e aí eu entrei com a ação contra o teu pai.

Mônica: É, mas também teve uma época que a gente teve que vender todas as joias, lembra?

Joanna: Ah, as joias viviam penhoradas!

Mônica: Hahaha!

Joanna: “Ah, este mês não tenho dinheiro pra pagar o condomínio!”, pega as joias... hahahaha. Vai lá na Caixa. A Caixa de Pinheiros. Ficamos mais conhecidas do que... hehehe...

Mônica: Aí teve uma época que o bicho pegou. Ela mandou a Lorinha embora. O Paulo foi...

Joanna: Seu pai soube que eu abri a ação, veio correndo buscar o Paulo pra trabalhar com ele.

Mônica: Faltava comida aqui em casa. A Andréa tinha bastantes amigas, né, então ela pegava a janta em algum lugar, sempre meio que se convidava pra jantar na casa dos outros. Hahaha!

Joanna: E a Mônica ficava comendo batata amassada com sal, olhando as novelas. Tinham aqueles copos de suco, a atriz dava só um golinho e punha de volta, a Mônica falava:

— Toma tudo, sua filha da puta! Toma tudo!

Hehehehe.

Mônica: Hehehe! Eu lembro que teve uma novela lá uma vez... e tava tendo um banquete. A gente comendo batata amassada com óleo e sal, que era a única coisa que tinha dentro de casa, e aí... como era o nome daquela mulher lá? Daquela que você até falou outro dia para mim?

Joanna: Ah, não sei...

Mônica: A mulher decide jogar toda a comida fora, eu falei:

— Não joga a comida fora, dá para mim! Dá para mim!

Mas mesmo assim, que isso eu lembro, de ter sido duro, a gente tava dando risada, entendeu? A mãe falou assim: “Ah, vamos fazer um banquete!”, enten-

deu? Ela não deixava... Minha mãe, na verdade, nunca deixou a gente ficar deprimida por causa do que aconteceu.

Joanna: Ah, nunca viu.

Mônica: Isso nunca ela permitiu. Você ficava triste perto dela, ela falava: "Sai de perto de mim!". Porque não era...

Joanna: Nunca me cobraram nada que eu não podia dar. Aceitavam numa boa só o que eu dava, entendeu? Aí a Mônica logo correu atrás, começou a fazer uma poupança na Bíblia... hahaha. Mas aí o Paulo descobriu onde que era...

Mônica: Toda vez que a vó me dava dinheiro, que eu trabalhava com ela, eu guardava o dinheiro. Marcava tudo o que entrava e saía. E o Paulo corria atrás da minha poupança, porque eu era criança, não tinha poupança. Então eu punha todo o meu dinheiro na Barsa. Mas todo dia eu tinha que mudar de lugar porque ele ficava procurando onde tava o dinheiro.

Mas eu sempre fui assim, **sempre corri atrás.**

7.6.

Paulo tem seu aprendizado

Tico: E como aquele momento seu de infância, pelo que você contou, onde as trocas eram bastante ricas e intensas, e esse espírito de família forte e unida era bastante grande, quando isso começou a mudar?

Paulo: Esse aspecto da família foi íntegro até um certo momento. Quando eu me casei com a Carmen foi quando eu perdi contato com a maior parte da família. Ficou bem limitada à família imediata, que era a minha mãe, a minha avó, a tua mãe (*Célia*) e a tia Cida de vez em quando. É aquele momento em que todo mundo chega aos 18, 19, 20 anos e vai fazer alguma coisa diferente, né? Eu acabei mudando para Campinas onde eu fiquei por vários anos. Nesse período o contato ficou bem restrito à mamãe, à tia Célia, à tia Cida e à vovó. A tia Cida nem tanto no começo, mas depois, por causa da casa de Itupeva que a vó tinha, e a tia Cida tinha, a gente se encontrava sempre lá de fim de semana. Itupeva era no meio do caminho entre São Paulo e Campinas, então a gente ia para lá de fim de semana, o Daniel era pequenininho também, você era pequenininho.

Mas, desse momento em diante, eu perdi o contato com uma boa parte da família, que era a família da vó Concheta. O tio Vitório, o tio Salvador, os filhos deles, um pouco antes disso a vó Judite morreu, que também era uma parte da história da família, tem muita história engraçada com ela. Mas também é uma daquelas coisas que você... Eu me lembro quando eu me mudei para Campinas e eu senti na hora a separação com o meio familiar que eu tinha crescido, pô, chorei aquela noite inteira! Chorei a noite inteira. Porque tinha sido uma... quando cai um raio na tua cabeça, é um ato de Deus, né, paciência. Mas quando uma cagada tão grande é por tua própria obra, o negócio é diferente, entendeu? E eu sabia que a responsabilidade era minha, que eu era o autor da minha própria tragédia e senti muito quando eu fui para Campinas. Senti muito a falta de todo mundo, senti muita falta da casa onde a gente tinha morado por vários anos. Nesse momento foi difícil. E eu fui trabalhar para o meu pai que fez as coisas serem ainda mais difíceis, porque meu pai é um cara muito... *unreliable*. Não sei se tem uma palavra que traduz diretamente para o português...

Tico: Não confiável.

Paulo: Não confiável. Então, às vezes o pagamento vinha, às vezes o pagamento não vinha. E foi quando eu comecei a faculdade que as coisas começaram a melhorar, apesar da dificuldade logística de ter que me assegurar que Daniel estivesse recebendo tudo o que ele precisava, de trabalhar... Eu já não trabalhava com meu pai, trabalhava em São Paulo, então tinha que vir de Campinas para São Paulo, era difícil do ponto de vista logístico, mas foi quando eu comecei uma rotina que eu sabia que era uma rotina feliz, era uma rotina de projeto, uma rotina de esperança, uma rotina de futuro. E foram, acho que dois anos... eu mudei para lá em 84, quer dizer, o ano de 84 inteiro foi um horror.

Aí em 85 eu comecei a faculdade, as coisas começaram a ficar um pouco melhor, fiz bons amigos nessa época, amigos que até hoje eu tenho muito contato. Mas foi quando eu perdi contato com uma boa parte da família, quando fui para Campinas.

Paulo: Depois eu me separei da Carmen, ela foi pra São Paulo.

Joanna: Foi morar naquela travessinha lá, uma travessinha depois da Sumidouro. Ela morou lá quando você foi embora pros Estados Unidos.

Paulo: É, tá certo, ela morava lá. Que o Pedro vivia na casa da tia Célia.

Joanna: É, ele esperava a tia Célia na janela, ela passava, e ele: “Tia Célia, posso ir pra sua casa?”. Que eles adoravam comer a sopa que o Tico não gostava...

Paulo: A sopa! Hahaha!

Joanna: Ele e o Daniel iam almoçar na tia Célia. O Daniel estudava no Stella Maris. Ele ia e voltava com o tio Zé.

Paulo: É, mas esses foram os seis piores anos da minha vida. E foi uma das coisas que durou 20 anos para eu poder arrumar. Enfim.

7.7.

O dia da audiência

Joanna: Daí minha vida foi rolando cada vez mais, cada vez mais... eu peguei e pedi demissão lá de onde eu tava. **Voltei para a casa da minha mãe só com a roupa do corpo** e as meninas. O Paulo, o Léo pegou e levou. Quando ele soube que eu tinha entrado com a ação, ele levou o Paulo para Campinas com a família. Porque era assim: o Paulo morava aqui (*em São Paulo*) e trabalhava lá (*em Campinas*), tinha que gastar ônibus todo dia, e o Léo não dava dinheiro pro Paulo para a condução. Era eu quem tinha que dar para não ver ele sentado no sofá o dia inteiro, entendeu? Aí eu peguei e saí da firma, recebi um tutuzinho, e falei:

— Vou morar com a minha mãe mesmo.

No primeiro mês ela ainda pagou aluguel, depois eu comecei a pagar. Eu que pagava o aluguel lá. Logo arrumei um outro emprego de... Sabe um laboratório que tinha, ou tem, não sei, perto da Igreja do Calvário? Era um laboratório grande. Bom, só sei que eu fui lá como temporária para substituir as férias da secretária do homem. Depois eu liguei para a Anna, a secretária lá da Deltec, ela falou que o Lelivaldo tava atrás de mim. Lelivaldo era um dos diretores. A Deltec era um grupo e entre as empresas tinha a companhia Citi. Ele era diretor da Citi. Ela disse: “O Lelivaldo tá atrás de você”.

Eu falei: “Opa, me dá o telefone dele!”. Ele tava como presidente da Cohab e precisava de alguém pra trabalhar meio período só para cuidar das contas dele. Eu falei: “Ah, lógico, eu vou!”. E fui pedir demissão no laboratório. O médico falou: “Mas a senhora vai trabalhar o período integral?”. Eu falei: “Não, eu entro às duas horas e saio às oito horas”.

— Então a senhora não quer vir trabalhar de manhã? A senhora ajuda um pouquinho por aqui.

Aí eu tinha dois empregos! Para quem antes não tinha nenhum, agora eu tinha dois! Eu ia para o laboratório, de lá eu ia para a Cohab. Depois a chefe de gabinete saiu porque ela já estava velha, lá na Cohab, e eu fiquei no lugar dela. E minha vida começou a melhorar.

Tico: Trabalhou muito, né?

Joanna: Trabalhei bastante. O cara tinha conta em dez bancos! Eu fui lá para controlar as contas dele. Depois, quando ele saiu, eu continuei como chefe de gabinete e eu só controlava as contas dele, entendeu? Tinha uma secretária para fazer o serviço da Cohab. Nessa época foi tão bom! Eu coloquei o Paulo, a Mônica, a Andréa... tudo para trabalhar na Cohab!

Tico: Isso que ano era?

Joanna: Oitenta e... oitenta e quatro. A Andréa tinha 16 anos, ela foi ser recepcionista, a Mônica trabalhava num setor lá, numa gerência, e o Paulo trabalhava na engenharia. Ele vinha de Campinas para cá, aí ele tomou juízo, ele chegava na Cohab antes que eu. Ele vinha de ônibus fretado e depois da Cohab ele ia direto para a faculdade, coitado. Lá em Campinas, na PUC, onde ele fez matemática. Ele chegava em casa meia-noite, uma hora, e às seis horas da manhã ele já tava voltando para São Paulo. Mas aí, graças a Deus, a minha vida começou a entrar no eixo. Não tinha mais dívida. Ah, e eu ganhei ação! No dia da audiência... eu já te contei?

Tico: Não.

Joanna: Foi assim: chegou o dia, o dia da audiência. Fui eu, meu advogado, ele e a advogada dele. Entramos só nós dois, o juiz com uma pasta deste tamanho (*faz um gesto de algo de grande volume com as mãos*), com a maquininha na mão, fazendo conta.

Aí falou: “O senhor deve 12 milhões* para ela” (* *em Cruzeiros, moeda corrente da época*).

— Ah, seu juiz, eu já falei para ela que eu só posso dar um milhão, em duas vezes.

Eu falei: “Eu não aceito!”.

Aí ele falou assim... ele fez assim com a mão, abriu a mão que nem um coitado (*mostra o gesto, com as mãos e braços abertos e esticados*):

— Então, senhor juiz, eu tô pronto para ser preso.

O juiz falou: “Ah, é?!” . Falou pra secretária: “Vai lá buscar a carceragem!”.

Nisso a advogada dele entrou falando: “Não, não... vamos contemporizar, ver o que dá para fazer...”.

O juiz nem levantava a cabeça da pasta:

— O senhor tem carro?

— Tenho.

— Que carro que é?... A senhora aceita o carro dele?

Eu falei: “Aceito!”

— Não, seu juiz, o carro é meu instrumento de trabalho!

O juiz falou assim (*imita o juiz de cabeça baixa, olhando para a pasta, de maneira direta*): “Vai trabalhar de ônibus!”.

Hahahahaha! Nossa... **aquele foi o dia mais feliz da minha vida**. Hahahaha! Foi o dia mais feliz da minha vida, Tico. Aí eu peguei um carro dele, uma moto, um pouco em dinheiro, e ele nunca mais parou de pagar a pensão da Mônica e da Andréa. Do Paulo não tinha porque aí ele já era maior, já era até pai...

Mas, olha, a minha vida foi... esse cabelo em pé, viu... é por isso! Hahaha.

Por isso que eu tenho os cabelos em pé! Hahahaha.

7.8.

Mônica correndo atrás

Joanna: Depois você foi trabalhar no Bradesco, lembra?

Mônica: Sim, comecei logo depois que eu saí do colegial. Você, eu acho que você também tava meio mal quando eu saí do colegial, que foi quando

você perdeu um emprego, ou você tava procurando outro emprego... Aí eu fui trabalhar no Bradesco, em vez de fazer faculdade.

Joanna: Mas você começou a fazer faculdade no Mackenzie, lembra?

Mônica: Isso foi anos depois. Eu prestei para Medicina, na segunda fase... eu nem fui fazer a segunda fase. Ela acha que eu fiz a segunda fase, eu nunca entrei para fazer a segunda fase. Passei na primeira, falei:

— Não vai dar pra eu fazer Medicina, preciso trabalhar.

E aí eu nem fui. Saí de casa no dia, falei que tava indo, mas não fui. Fui trabalhar no Bradesco. Comecei a trabalhar no Bradesco. Aí fui fazer cursinho...

Tico: Você tinha...?

Mônica: Dezoito anos.

Mônica: Não fui fazer a segunda fase do vestibular, decidi que não ia dar certo, que eu ia perder meu tempo. Eu passei na primeira, qualifiquei para a segunda, mas aí pensei: “Eu não vou conseguir fazer faculdade mesmo...”. Porque precisava trabalhar, o negócio tava feio.

A gente tava morando aqui (*na Cerro Corá*), tivemos que mudar, ir morar com a vó, na época que o negócio ficou feio, quando a gente tava comendo só batata com óleo. A mãe decidiu que ia entregar o apartamento, vendeu todos os móveis, e a gente foi para a vó só com a roupa do corpo. E as duas caminhadas... hehehe... que a gente tinha no quarto. Não ia ter como (*manter o apartamento*), e a vó tava morando sozinha na época, aí a gente voltou para a casa da vó.

Pra falar a verdade eu acho que isso foi o mais difícil para minha mãe: voltar para a casa da vó. Ela ficou tão deprimida que eu que tive que empacotar e desempacotar tudo o que a gente levou. Ela ficava me perguntando: “Cadê as minhas roupas? Cadê as minhas calcinhas?”, porque ela não queria nem saber onde tava. Eu acho que aí ela ficou um pouco deprimida. Mas logo ela arrumou um outro emprego, não foi?

Joanna: Arrumei dois!

Mônica: É... assim que a gente mudou.

Joanna: No laboratório e na Cohab. Trabalhava de manhã no laboratório, de tarde na Cohab. Até o Lelivaldo me pegar o dia inteiro, porque eu trabalha-

va só meio período pra ele. Depois a chefe de gabinete foi embora, e eu fiquei no lugar dela período integral. Aí as coisas começaram a melhorar.

Mônica: Eu acho que na verdade ela perdeu a independência dela, né? E para ela acho que foi mais difícil do que para mim e para Andréa. Porque voltar para a casa da vó, pra mim e pra Andréa foi fácil, não foi difícil. A gente já tinha morado lá. A gente morou aqui na Cerro Corá o quê? Três anos?

Joanna: Não, dois em um (*apartamento*) e dois no outro (*apartamento*).

Mônica: É, quatro anos. Mas eu acho que ter que pedir “Mãe, posso voltar para casa?”, para ela foi bem difícil. Eu lembro que ela não tava muito feliz por um bom tempo. Particularmente porque ela e a avó se batiam muito... de cabeça, não que elas se batiam... mas se batiam — conflitavam — muito de cabeça.

Joanna: A minha mãe... Eu vou fazer um aparte: ela achava que eu tinha que ser “que nem” ela. Eu saía muito, e às vezes ela até me xingava de vagabunda. Porque ela falava que ficou viúva com 33 anos e nunca mais saiu de casa, só cuidou dos filhos. E eu não, eu saía, entendeu? Voltava de madrugada. E ela não aceitava isso.

Mônica: Nasci para bailar, por que negar?

Joanna: Aí eu fui num centro espírita que a Ladir me indicou. O negócio lá começava às sete horas, e eu trabalhava na Cohab, só podia sair depois que o Lelivaldo saísse. Às vezes ele saía às nove horas. Mas naquele dia ele saiu cedo. Eu peguei aquele CMTC, que tinha aquele relogião, quando o ônibus passou na Rua dos Pinheiros, eram quinze para as sete, eu corri, falei pro motorista: — Moço, para aqui pra mim, por favor!

Ele parou na Rua dos Pinheiros, e eu fui, ainda deu para entrar. A mulher de lá já estava falando. Ela falou que: “Neste mundo nada nos pertence, tudo é emprestado”. “Nada é seu”, ela falava.

Pra gente não se apegar a nada, porque nada era da gente. E aquilo me melhorou. Aí eu fui caindo na real, que eu precisava morar lá com a minha mãe, e foi isso que me ajudou.

Mônica: É, mas eu lembro que foi um período difícil para a minha mãe. Ela mudou por um tempo. A gente notava que ela tava muito triste porque ela teve que voltar, morar com a mãe, pedir ajuda da mãe. Eu acho que pra ela isso foi bem difícil.

Joanna: Se bem que a vó, só o primeiro mês que ela ajudou, porque depois eu comecei a ganhar, pagava todas as despesas lá da casa: aluguel, alimentação, a empregada pra vó, pra ela não ter mais que fazer o serviço da casa, que ela fazia sozinha.

Mônica: A vó tinha vendido a banca nessa época, não foi?

Joanna: Ela vendeu a banca em 84, foi quando a gente...

Mônica: Voltou pra lá... Não, a gente voltou pra lá eu tava no segundo colegial, não foi? Terceiro, eu acho...

Joanna: Não lembro...

Mônica: Eu acho que quando a gente voltou para lá eu tava no terceiro colegial.

Joanna: Eu sei que você comia na casa da Carmen, lembra?

Mônica: Não, isso foi no primeiro colegial. Tinha aula à tarde no Palmares, e eu comia na casa da Ca, na pensão. Porque no segundo colegial foi quando deu pau lá com o colégio, que você foi e falou: “Vamos tirar vocês”. E no terceiro foi quando a gente mudou pra casa da vó. Porque quando eu comecei a trabalhar no Bradesco, em 84, vocês já estavam em Pinheiros, e eu trabalhava lá...

Joanna: Foi em março de 84.

Mônica: Mas aí, como ela falou, de repente deu um (*faz um estalo com os dedos e um aceno com a cabeça*), e ela falou:

— “Vambora”! É o que é, tem que fazer o que tem que fazer!

E correu atrás. Mas ela, como eu falei, **você não podia ficar deprimida perto da minha mãe**, isso não era aceitável. E a vó também, né. Não podia ficar deprimido perto da vó porque ficava pior. Não só ela te jogava água benta, porque ela achava que você tava possuído por algum demônio... hehehehe... como ela começava a te contar da história da vida dela. Então você nunca queria ficar deprimido perto da vó! Hahaha.

As duas tinham essa personalidade “não chega perto de mim deprimido, porque não vai dar certo!”.

Joanna: Eu tinha uma mágoa da minha mãe porque quando eu mudei pra Cerro Corá, em 80, eu tinha uma empregada, a Lorinha, e aí diz que minha mãe chamou a Lorinha na área de baixo, bateu com a mão (*faz o gesto de bater a mão em alguma superfície*): “A Joanna vai me deixar aqui sozinha mas deixa estar, que praga de mãe há de pegar”.

Aí eu voltei lá e falei: “Foi a sua praga! Você num praguejou que eu ia pagar?! Porque eu ia te deixar sozinha aqui? Ó, tô de volta!”, eu falei pra ela.

Mônica: Como você pode ver, elas se batiam. Bastante. As duas têm uma personalidade forte, independente, então... difícil. Mas para mim e pra Andréa não fez diferença. Pra Andréa, não sei, para mim não fez diferença, porque eu tava trabalhando lá com a vó, o Palmares era lá perto. Na verdade, para mim, fez a minha vida mais fácil.

Joanna: Eu acho que você já tava no terceiro colegial quando o seu pai deixou de pagar, porque o...

Mônica: Segundo, segundo...

Joanna: ... terceiro...

Mônica: ... porque o terceiro eu fiz de graça...

Joanna: ... você já tinha feito inscrição pra Fuvest...

Mônica: Não, era pré-Fuvest, a gente sempre fazia um treino no segundo ano.

Joanna: ... porque olha: a Andréa também estudava lá, tava no primeiro ano...

Mônica: Não, a Andréa entrou lá na oitava série, amor...

Joanna: Oitava série, isso. Aí aconteceu essa coisa. Terminou o ano...

Mônica: Eu tava no segundo colegial, o terceiro colegial eu fiz inteirinho de graça...

Joanna: Aí a Andréa... Eu falei: “Você não vai voltar mais para o Palmares porque eu não posso pagar”. Aí ela se matriculou no Ciridião.

Mônica: Não, a Zilda deu bolsa pra gente.

Joanna: Ela me chamou, ligou no escritório e falou: “Cadê a Andréa?”.

Eu falei: “Zilda, você vai me desculpar, mas eu não tenho condições de pagar a escola”. Já tive que vender o telefone pra pagar a dívida que o Léo deixou. E a Zilda, dona da escola, era tia da mulher do Léo. Pra você ver como ele é canalha. Aí ela falou: “Não, Joanna, eu vou dar bolsa pra suas filhas”.

Mônica: Então, meu terceiro colegial foi com bolsa, e a Andréa ficou o colegial inteiro lá de bolsa.

Joanna: Eu falei: “Assim eu agradeço”. Eu fui lá na escola, eu lembro que ela me chamou lá na escola. Ela falou: “Eu vou dar bolsa pra elas”.

Mônica: A gente fez bolsa integral.

Joanna: Aí a Andréa voltou pro Palmares, terminou o colegial lá, né?

Mônica: É. Eu não posso me queixar porque a Zilda realmente... Eu tava

no segundo colegial quando isso aconteceu, eu tenho certeza, porque o terceiro colegial eu fui de bolsa integral. Tenho certeza disso.

Tico: E a Zilda era a...

Joanna: Tia da mulher do Léo.

Mônica: Da segunda mulher do Léo. Porque quando eu fui fazer colegial, tava nessa época que eu queria fazer Medicina mas, tipo assim, Medicina...

Porque assim, se você for ver: a vovó imigrante, mamãe nunca fez faculdade, a única que fez faculdade foi a tia Cida, que foi bibliotecária. Então, na verdade, sempre teve esse... e que eu não acho que seja só isso, mas tinha aquela “a sua profissão ou vai ser secretária ou professora, ou uma coisa assim, não uma coisa muito fora desse padrão”.

Então Medicina não é uma coisa que a família iria falar: “Yeah! Você vai fazer Medicina, claro, a gente vai fazer tudo pra você chegar lá”. Era Medicina! Então não era uma coisa assim próxima da gente. Tanto é que falavam: “Ah, vai fazer técnico de secretaria, como fez sua mãe”, a vovó falava. “Imagina... que fazer Medicina nada, isso é sonho, isso não dá certo... Vai ser professora, alguma coisa que pague as dívidas, ou alguma coisa assim”.

Então, quando chegou pra eu fazer o colegial, eu tava decidindo se eu ia fazer o técnico, ia até pro Sagrado Coração, que eu ia fazer um técnico de secretariado lá. Aí o pai falou: “Não, vai lá, eu falo com a Zilda — que era a dona do colégio —, ela te dá uma bolsa de 20% e você estuda lá (*no Palmares*). Vai. Se você realmente quiser fazer Medicina”.

Foi a única vez que meu pai se esforçou pra dar...

Joanna: Pra você ir pra onde?

Mônica: Pro Palmares. Ele arrumou pra eu ir pro Palmares. Na verdade, o primeiro a ir pro Palmares foi o Paulo, né?

Joanna: Ah é, que não deu certo.

Mônica: Que não deu certo porque o Paulo só arrumava briga no Palmares, foi quando ele foi expulso da USP; aí ele foi pro Palmares. Eu tava na oitava série, quando eu fui pro primeiro colegial, o pai falou: “Vamos tentar ver o Palmares pra você”. Eu sempre fui boa aluna né, CDF, não sei o quê, então sempre fui bem no colégio.

Joanna: Quer dizer que ela já deu a bolsa pro teu pai?!

Mônica: Ela deu uma bolsa de 20% pro pai, ela não cobrava o preço integral.

Joanna: E assim mesmo ele não pagou.

Mônica: Assim mesmo ele não pagou.

Joanna: Que filho da puta!

Mônica: Hahahaha!

Joanna: Desculpa... *I'm sorry!*

Mônica: Mas aí quando eu terminei o colegial, a gente tava meio que completamente quebrados, né... Aí eu falei: "Foda-se, vou trabalhar no Bradesco". Foi até a Doroti que arrumou pra mim no Bradesco, lembra?

Joanna: Não lembro.

Mônica: Foi. Eu trabalhava lá na Cardeal, no Bradesco da Cardeal.

Joanna: Na Benedito Calixto.

Mônica: Isso, lá na Benedito Calixto. Eu trabalhei mais ou menos um ano, depois fui trabalhar na Cohab com você, lembra? Aí comecei a fazer cursinho de novo, pra ver se eu conseguia entrar na faculdade. Eu falei: "E aí, pai? Vai me ajudar a pagar a faculdade?".

Ele falou: "Entra no Exército que dá mais certo". Que tinha sido a primeira vez que abriram o Exército pra mulheres.

Ele falou: "Não vou pagar faculdade não, entra pro Exército que dá mais certo", Marinha... nem lembro o que ele falou, alguma bobagem assim. Aí eu fui fazer Biologia no Mackenzie. Falei: "Bom, Medicina não vai dar, vamos tentar outra coisa". Fiz um ano de Biologia no Mackenzie, mas era puxado porque eu trabalhava de manhã e ia pra escola à noite, então eu larguei. Depois fiquei só trabalhando. Aqui, ali, ali, ali.

Joanna: E você entrou na USP, lá na Enfermagem.

Mônica: A Enfermagem foi bem mais tarde, eu já tava com quase 30 anos quando eu entrei na Enfermagem.

Tico: Então você passou dos anos do colégio até quase os 30 trabalhando.

Mônica: É, só trabalhando.

Tico: Teve esses cursos e tentativas.

Mônica: É, meus cursos aqui e ali. Na verdade, foi a Andréa quem inventou da gente fazer um curso de instrumentação.

Joanna: Ah, é verdade!

Mônica: Ela que inventou, eu falei: "Ah, vamos ver". No final eu que consegui arrumar um emprego com o Dr. Rubens. Trabalhei com ele seis anos, e ele falou:

— Você tem que voltar para a faculdade! Você tem que fazer faculdade. Você não pode só fazer isso.

Foi aí que eu voltei e falei: "Bom, vou tentar para Enfermagem". Já estava com 30 anos.

Falei: "Meu, não vou fazer faculdade de Medicina com essa idade".

Aí eu passei.

7.9.

Das dificuldades até o “dia da libertação”

Tico: Mas agora você acha que, olhando em retrospecto, tudo o que aconteceu, a gente pode falar que...

Joanna: Não, deu certo... graças a Deus!

Tico: Claro que eu imagino todas as dificuldades e sofrimentos no caminho, mas no final das contas...

Joanna: ... acabou tudo bem. Final feliz.

Tico: É possível dizer isso? Ou não?

Joanna: Ah, sim. Porque hoje, olha, eu não perco mais meu sono para pensar em dinheiro, graças a Deus! A Mônica e o Paulo não me deixam faltar nada, entende? A Andréa também tá sempre comigo, mesmo que eu precise de alguma coisa extra. Então eu não posso me queixar mais, graças a Deus. Tô quieta aqui na minha casa, sossegada, não tenho que dar satisfação da minha vida para ninguém.

Tico: Então, no final das contas, a sua oração (que você fazia no ônibus) deu certo?! Hehehe...

Joanna: Hahahaha. Mas demorou hein! Hahaha! Demorou... tá louco! Nossa Senhora da Penha. Mas eu não deixava me abater, sabia? Eu ia para os bailes. Acho que era o meu refúgio. Se não eu ficava louca. Eu era louca mansa (*risos*). Eu acho que eu era louca mansa. Porque eu não sei se outra pessoa, no meu lugar, aguentaria o que eu passei não. Ter que continuar vivendo, sabe, e a cabeça à milhão. Você tem que ficar sorrindo, aguentando os trancos da vida. Mas é isso aí. Demorou, mas... (*risos*) ainda bem que não demorou muuuuito mais, né? Hahahaha.

Tico: No começo dos anos 80 foi a fase mais complicada, né?

Joanna: Foi muito!

Tico: Começou a melhorar em que época mais ou menos?

Joanna: A bola de neve acabou quando eu ganhei a ação. Que eu paguei todos os meus amigos que me esperavam na porta do trabalho no dia do pagamento, entendeu... eles iam lá me cumprimentar, hehehe. Graças a Deus! Isso foi em 1985. **Foi o dia da libertação!** Hahaha. Ah, mas era gozado o dia do pagamento. Eu tava na Cohab ainda. Tinha uma mulher que entrava lá, ela sentava na minha mesa para fazer o cheque. Porque você ia pagando os juros, mas o principal você tinha que pagar também. E eram 10% de juros. Dez por cento. Você pedia 200, pagava 20 por mês...

Tico: E o principal...

Joanna: O principal eu não tinha para pagar, né. Ou eu pagava os juros... eu só pagava os juros. O principal, graças a Deus, quando eu ganhei ação, eu me livrei de todos os meus amiguinhos que me esperavam no dia do pagamento para me ver. Dei “tchau e bença”! Eu punha joias na Caixa. Eu ia na Caixa, punha as joias, depois quando eu tinha um dinheirinho, eu ia lá e tirava... depois eu punha de novo... Elas passaram a maior parte da vida delas na Caixa, sabia? Hahaha. Uma leva eu não consegui tirar. Mas não faz falta mais.

CAPÍTULO 8

DE VOLTA À GUAICUÍ

Anos 1980 e 1990

8.1.

Sabe casa de louco? Era a minha casa

Vida nova na velha Guaicuí

Andréa: Eu acho que o único momento, que me marcou mais, que eu fiquei preocupada, eu tinha uns 15, 16 anos... que você realmente percebe que tem alguma coisa grave acontecendo ou que você via ela triste, foi quando a gente teve que sair da Cerro Corá e voltar pra Pinheiros. Foi um momento em que eu vi a minha mãe triste, que eu via ela chorando, que eu via ela sem atitude, sem ação.

Mas foi rápido também, logo a coisa engrenou: tropeçou, caiu, levantou e “vamo que vamos”! E depois foi muito engraçado todo o período que a gente ficou na Guaicuí.

Mônica: Engraçado pra quem? Pra vocês, não pra mim, porque vocês ficavam me perguntando cinquenta vezes por dia onde estavam as coisas... hehehe.

Andréa: Não, tô falando anos depois, não tô falando do período pós-mudança. Tô falando assim... depois foi muito bom, porque aí a gente tava perto da família da tia Célia, então todo sábado a Titi (*tia Célia*) passava lá: "Quais as nês?". E eu acho que tudo acontece sempre por uma razão, e sempre, apesar da turbulência, as coisas ficam melhores depois de um tempo. Então eu acho que foi bom.

Mônica: Eu acho que, na verdade, foi um período muito feliz no fim das contas.

Andréa: É o que eu tô dizendo!

Mônica: Porque a casa da Concheta virou a casa da Mãe Joanna num sentido, né? Tava sempre todo mundo lá. O Daniel acabou indo morar lá, você ficou um tempo lá, tiveram os cachorros... então era um tumulto a casa.

Andréa: A gente movimentou a vida da Concheta, né?

Mônica: Tinha sempre alguém tocando a campainha, tinha sempre alguém gritando: "Ó, vai pegar isso!"

Andréa: Ou era a tia Célia também ligando pra gente, pra chamar o tio Zé na banca de jornal! Hehehe.

Joanna: Ah, é! Hahaha!

Mônica: Hahaha.

Andréa: "Oh, vai lá, grita pra ele ali!". Hahaha.

Joanna: Ou então ela mandava ver se o tio Zé tava no estacionamento, que eu quase caía da sacada pra olhar lá!

Andréa: Hehehe.

Mônica: Tinha sempre alguma coisa acontecendo. Eu lembro que tinha a loja do vídeo lá, que a gente sempre ia pegar vídeo.

Andréa: A "Surprise", a locadora.

Mônica: Aí eu liguei pra lá, o cachorro latindo, o Daniel gritando... porque teve um época que tava morando eu, a minha mãe, a vó, o Daniel, o Pedro, a Carmen, você (*fala para Andréa*) vinha assim...

Andréa: Eu já tava casada.

Mônica: Já tava casada, mas vinha assim, entrava e saía... porque todo mundo tinha a chave! Tia Célia tinha a chave, tio Zé tinha a chave, todo mundo entrava e saía. A gente nem sabia quem tava ali!

E eu tava falando com a menina da locadora no telefone, ela falou assim:

— Nossa, mas você tá no mercado? Onde você tá?!

Eu falei: "Não, é a minha casa!". Hahaha.

Então, era uma coisa assim muito comunitária, virou uma comunidade aquela casa.

Vivência comunitária

Daniel (neto): Eu acho que o mais importante é recordar e saber que você realmente foi uma mulher batalhadora por ter que criar três filhos, criou os três filhos sempre da melhor forma possível. Trabalhou muito, muito batalhadora, muito guerreira. Então isso é realmente louvável, e temos que reconhecer isso, todo esse esforço que você fez. Ajudou também a cuidar de mim e do Pedro. Teve muitos momentos quando a gente morou juntos também ali na Guaicuí. Ficamos com você, e era todo mundo na Guaicuí, lembra? Era a vó Concheta, era você, eu, Pedro, minha mãe, tinha o Bernardo... não sei se naquela época a Mônica morava também... ou a Andréa. Então realmente aquela casinha na Guaicuí em algum momento ficou pequena para todos nós. Mas com certeza era muito engraçado, muito barulho, muita risada e muita diversão, né? Com certeza vou guardar esses momentos com muito carinho aqui na minha memória.

Joanna: Uma vez eu liguei lá, Tico, tava uma gritaria, um latido de cachorro, parecia uma... aí eu desliguei o telefone, falei pra uma amiga minha:

— Liga lá, fala que você é do juizado de menores, que deram parte da casa porque tem muita criança gritando!

Aí ela ligou! A menina ligou. Hahaha! Falando que era do juizado, perguntando o que tava acontecendo lá, que os vizinhos estavam reclamando. Eu não conseguia falar no telefone de tanto barulho! Era o Bernardo latindo, minha mãe gritando com o Bernardo, as crianças brigando... a Mônica fala baixo, né? Graças a Deus... hehehe...

Mônica: Uma voz de anjo aqui... hehehe...

Joanna: Você não sabe o que era aquilo.

Mônica: Era sempre uma comoção. E seu pai sempre ali:
— Zé, vem consertar o lustre! Zé, vem instalar o telefone!

Priscilla (sobrinha): Eu lembro muito que, de pequeninha, eu gostava de ir no banheiro da Joanna e passar o perfume Paris. Hehehe. Adorava passar aquele perfume Paris!

Tico: Acabava com o perfume dela?

Priscilla: Acabava com o perfume. Eu sempre ia lá no banheiro, via que tinha o Paris e passava (*faz a mímica de passar o perfume quase como que em segredo*).

Joanna: Você sempre gostou de perfume, né?

Priscilla: Eu sempre gostei de perfume. E eu adorava ir lá porque o banheiro da Joanna era cheio daqueles perfumes com frascos bonitos. Eu adorava ir lá! Eu pegava sempre o Paris e passava. Adorava aquele banheiro!

Tico (para Joanna): Você sabia dessa ou você só via o seu perfume se acabando por razões misteriosas?

Joanna: Hahaha! A Cida com a Vivian fazem isso quando vão na minha casa também. Eu tenho um que chama-se Intimissi, um negócio assim, Intimissimi... elas adoram! Acabam com meu perfume... hehehe.

Priscilla: E outra coisa que eu gostava de lá eram os colares de pérola... de pérola não, de pedrinha, da Joanna. Eu sempre colocava todos. Porque a gente ia lá e passava o dia. Eu lembro que eu pegava os colares da Joanna e os sapatos de salto alto de que eu gostava.

Mônica: Você sentia que era parte de uma grande comunidade, de uma grande família. Ia lá na casa da sua vó Edith (*mãe de Zé Carlos*), ia fazer farra na vila.

Andréa: Eu vivia na casa da dona Edith! Eu ia lá pra comer os bolinhos de batata dela. Sempre tinha uma gelatina pra mim. Ela me chamava de Andreinha. Eu ia lá também porque a Samantha começou a namorar um sheepdog de lá. Tanto é que o Bernardo era filho da Samantha com um sheepdog da vila

da sua vó Edith. Eram, acho, que dois vizinhos pro lado direito, ali na casa de frente. Então eu tava sempre lá. E passeando por lá também.

É o que eu falo, apesar da tristeza, da gente ter que sair da Cerro Corá e ir morar com a vó, que é uma coisa meio assim “você perdeu sua casa, você tá meio sem lar”, mas tudo rapidamente virou uma coisa boa. Uma convivência da família toda.

Joanna: Eu arrumei emprego para os três na Cohab, lembra?

Mônica: Você parou de mudar de móveis a cada seis meses, porque a vó não deixava, você lembra?

Joanna: Ah, é... hehehe.

Mônica: Minha mãe tem uma mania: mudar de móveis! Sempre, a vida inteira. A cada dois, três anos: “Ah, tô de saco cheio dessas coisas, vamos comprar tudo novo!”.

Joanna: Não, eu comprei tudo novo quando a gente mudou pra Cerro Corá, Mônica.

Mônica: Então, mas você também teve uma época na Guaicuí...

Joanna: Ah, na Guaicuí eu vendi os móveis que eu tinha do casamento.

Mônica: A gente vivia redescendo: o sofá pra cá, o sofá pra lá. O tio Zé ia lá, fazia o projeto, lembra? Botava as coisinhas no papel pra gente ver como ia ficar. Tinha o tio Rafael pintando.

Joanna: Quando a gente mudou pra Cerro Corá, eu comprei os móveis todos na Mesbla. E comprei uma estante modular. Cada dia a sala tava de um jeito!

Mônica: Hehehe.

Joanna: Até que um dia, eu subi no elevador, tinha um monte de criança. Aí uma foi descendo num andar, outra noutro... acabou a criançada. Quando ele parou, eu morava no 14º, o último andar, o elevador parou, eu achei que era o meu. Fui direto pro meu apartamento. Tinha um lindo tapete de crochê branco na frente, eu abri a porta, minha porta tava sempre aberta, e a minha empregada era a Lorinha, eu gritei:

— Lorinha! Onde que você descolou esse tapetinho?

E fui entrando na sala. Fui achando tudo muito diferente... Aí tinha a Simone, que era minha amiga e a dona da casa mesmo, tava sentada olhando assim pra mim (*imita a mulher com uma cara semiparalisada*). Ela falou:

— Você não vai me perguntar o que eu tô fazendo aqui, né?

Hahahaha. Daí que caiu a ficha que eu tava no apartamento errado, entendeu? Porque cada dia que eu chegava lá, aquela estante modular tava num lugar... hahahaha.

Olha, sabe casa de louco? Era a minha casa!

Mônica pulando de paraquedas

Mônica: Você lembra quando eu fui pular de paraquedas?

Joanna: Nossa, ela pulava de paraquedas! Eu nunca fui ver!

Mônica: Foi engraçado que eu falei: "Mãe, eu vou pular de paraquedas!". E ela: "Ah, tá... eu quero ir nessa escola, quero saber direitinho!", não sei que, não sei que lá... Ela foi comigo na escola. Me ajudou a fazer o registro, falou com o professor, o professor mostrou tudo, blá-blá-blá.

Aí a gente fez o treinamento de uma semana, eu falei:

— Mãe, eu pulo amanhã! Você vai ver?

— De que prédio você vai pular?

— Não, mãe, eu vou pular do avião.

Ela olhou pra Andréa: "Você não volte pra casa sem a sua irmã! Se ela morrer, você nunca mais volta pra casa!". Hahaha!

Joanna: Hahaha! Louca...

Tico: Quantos anos você tinha, na época?

Mônica: 24.

Joanna: Esporte radical.

Mônica: Esportes radicais. Você falou: "Eu não quero ver nada! Só quero que você volte aqui. E Andréa, se ela morrer, você também não pode voltar pra casa!".

Minha irmã: "Mas o que eu tenho a ver com isso?". Hehehe.

Bernardo

Joanna: Os meus filhos, quando eram crianças, iam lá no mercado para ajudar a vó, só para ganhar um dinheirinho. E a Andréa, a cada dinheirinho que ganhava, comprava um cachorrinho... que eu mandava embora logo, né...

Tico: Tadinhos...

Joanna: Tadinhos... Eu deixava os três na mão de empregada, e os três não eram fáceis... ainda ela queria arrumar cachorro... não dava, né? Nossa, era uma bagunça! O cachorro correndo dentro de casa com as crianças, sabe? Não dava. Acho que ela arrumou uns três, quatro cachorros, e eu mandava de volta. Aí quando ela começou a trabalhar, ela falou: "Mãe, eu posso agora comprar um cachorro?".

Eu falei: "Você cuidando, né?". Ela comprou a... Você lembra da mãe do Bernardo? Bernardo você lembra?

Tico: Sim.

Joanna: A Samantha, ela comprou a Samantha.

Tico: Foi a primeira?

Joanna: Foi. Depois o Bernardo eu fiquei com ele mais por causa do Daniel e do Pedro, porque eles moravam lá comigo. A casa da Guaicuí era um terror, né? Aí eu falei pra Andréa: "Deixa esse cachorro para as crianças". Ele foi o único que sobreviveu de cinco da Samanta. Então ele ficou lá.

Depois os meninos mudaram para a Padre Carvalho ou Ferreira de Araújo, sei lá onde eles moravam, e a Mônica tinha ido embora para os Estados Unidos. Eu chamava o Pedro para dar banho, tinha que pagar dez paus pro Pedro, senão ele não dava banho... hahaha. Chamava o Daniel para levar ele passear:

— Ah, não posso, agora eu tenho trabalho da escola para fazer...

Aí eu peguei e mandei embora o Bernardo também. Porque não dava.

Tico: Mas ele ficou um tempão, né?

Joanna: Ficou, ficou.

Tico: A vó cuidava dele também, né?

Joanna: Coitada, ela gostava dele. Quer dizer, gostava modo de dizer, né? Ele dormia na porta do quarto dela. Ela punha a toalha na porta, ele dormia lá. Mas eu não podia ficar com ele. Não tinha como dar banho, eu dava banho de esguicho nele, coitado, naquela "arinha" (*areazinha*) de lá pequenininha. Precisava levar pra passear. Quem que ia levar aquele cavalo? Era um cavalo aquele cachorro.

Aí eu dei pra dois amigos da Cidoca, dois rapazes. E eu acho que foi melhor, porque os rapazes disseram que ele era a atração de Presidente Altino (*bairro de Osasco*). Eles faziam questão de levar pra passear, davam banho, escovavam... ficou melhor que na minha casa, né? Só eu e a vó com ele trancado. E assim foi o fim do Bernardo... e de todos os cachorros, graças a Deus! Hahaha.

Mas Andréa ainda adora. Ela tem três, né? Ela tem duas, desses que pasto-riam carneirinho. São uns peludões bonitos. Ela tem esses dois e uma vira-lata. E três gatos! Hehehehe. Deus me livre, credo! Eu gosto de cachorro de longe... Tenho uma raiva dessa gente que vai em shopping e leva o cachorro! Porque outro dia, eu fui almoçar no shopping, eu tava sentada numa mesa, e uma mulher na outra. Ela pegou e pôs o cachorro sentado no banco. Sabe aquelas mesinhas que tem banco? E o cachorro latindo... lá no restaurante. Pensa bem! Levar cachorro no shopping? Não pode deixar em casa?

Zé Carlos: Teve uma vez com o Bernardo. Ele era grandão. E a porta da (*casa da*) dona Concheta tinha um trinco. A gente, quando ia sair, pra não deixar a porta muito vulnerável, punha o trinco de pé, puxava a porta bem devagarzinho, e quando a porta tava quase fechando, a gente “pá!” (*faz uma mímica puxando e batendo a porta com força*). Quando batia a porta, o trinco caía, “tluc!” (*mostra o trinco, que estava na vertical, tombando para a horizontal*).

Aí ninguém mais abria a porta, nem com chave, do lado de fora. Isso era pra dar segurança pra quem estivesse dentro da casa, porque a porta era pra rua, né?

Um dia... foi você que saiu, não? (*pergunta para Joanna*).

Joanna: Não lembro...

Zé Carlos: Não lembro quem saiu. Alguém saiu e bateu a porta...

Joanna: Foi durante o dia.

Zé Carlos: É. E a porta fechou, e não tinha ninguém lá dentro. Ninguém conseguia entrar, e o Bernardo ficou lá, doidinho. Pra lá, pra cá, descia, subia, aquela confusão toda.

Joanna: Porque o Zé tava mexendo na porta.

Zé Carlos: É, eu tava mexendo na porta, e ele ficou ouriçado! Eu não conseguia abrir, não tinha jeito. Pensei em quebrar o vidro e destrancar a tranca, mas aí me deram uma ideia: ir no vizinho, era a dona Iracema, pular o muro dela e entrar pelo quarto da dona Concheta.

Foi uma dificuldade pular porque era um perigo lascado! O muro tem uma curva que separa uma casa da outra, então eu tinha que vir na beirada do

muro e tentar pular. Se escorregasse e caísse lá embaixo, já era. Uma dificuldade, mas consegui! Entrei no quarto da dona Concheta...

Joanna: Hahaha!

Zé Carlos: Quem é que conseguia abrir aquela porta? Quando eu fui ver, a chave (*do quarto*) também tava do lado de dentro. Me deu uma ideia, não lembro se eu pedi pra dona Iracema ou alguém me arrumou...

Joanna: Acho que foi (*o muro*) da dona Cida que você pulou, porque o da dona Iracema você tinha que subir...

Zé Carlos: Ah, não! Foi da dona Cida! Tem razão. Não era dona Iracema, era dona Cida. Exatamente. Subi pela casa dela e fui lá. Aí me deram um martelo e uma chave de fenda para eu tirar os pinos da porta, porque a porta não abria...

Joanna: Hehehe.

Zé Carlos: Então tinha que tirar os pinos da porta. Tirei o primeiro pino, bati, o cachorro ficou doido! E eu falando: “Bernardo, sou eu, Bernardo! Ô, Bernardo!”. Falava assim, aí ele vinha perto da porta, cheirava, eu falava: “Sou eu! Calma, já vamos dar comida”, enganando ele, mas vendo que ele tava muito ouriçado.

Tirei o primeiro pino, tirei o segundo pino, quando tirei o terceiro pino, eu falei: “Vou puxar a porta e aí eu consigo entrar”. Quando eu puxei a porta que eu abri... e ele tava ali (*aponta para o cachorro na sua frente*), rapaz.... ele tomou um susto! Esse cachorro saiu correndo, começou a gritar!

Joanna: Hahaha!

Zé Carlos: Gritar assim como se estivesse matando ele! Entrou debaixo do sofá, o sofá fazia assim, ó (*imita com uma mão, o tremelicar do sofá*), e quem que tirava ele debaixo do sofá? Ficou acho que uns dois dias debaixo do sofá, ninguém tirava o cachorro! De medo... do susto!

Joanna: Ele era medroso.

Zé Carlos: Ele era muito medroso.

Joanna: Só tinha tamanho, né?

Zé Carlos: Aí eu consegui ir lá e abrir a porta (*da rua*). Tirei o trinco. E depois tive que encaixar a porta (*do quarto da Concheta*) tudo de novo. Eram as peripécias que a gente fazia, né, Jojoca?

Joanna: Hahaha!

Tico: E ele ficou lá dois dias debaixo do sofá?

Zé Carlos: Dois dias é modo de dizer... mas ele não saiu fácil, não. Assustou. Levou um susto na hora que eu tirei a porta.

Joanna: O Bernardo era um cachorro gozado. Você lembra dele?

Tico: Lembro! Você chegava na sua casa, e ele ia logo enfiando a cara quase dentro da sua bunda...

Joanna: Hahaha.

Tico: Mijava quando chegava gente...

Joanna: Uma noite, o Bernardo... eu tinha ido para os Estados Unidos, e minha mãe ficou sozinha lá na casa, com o Bernardo, e ela não gostava de cachorro dentro do quarto dela. Então ela punha uma toalha na porta do quarto pro Bernardo dormir. Uma noite, a dona Linda foi lá fazer uma visita e nunca que ia embora, nunca que ia embora...

E ele tava esperando a minha mãe também, porque ele queria dormir. Aí aparece ele na sala com a toalha na boca fazendo assim pra ela: "Uh! Uh! Uhuhuh!" (*imita o cachorro balançando a toalha em um movimento de baixo para cima com a cabeça*). Como quem diz "vai embora ou não vai?". Hahaha! Aquele Bernardo era uma farra.

Laís: Era. E no fim foi um grande companheiro da sua mãe, né, Joanna?

Joanna: Foi. Ela nem queria que eu desse ele mais... ficou só ela e ele.

Célia sempre à caça de sua família

Tico: E quando tinha o estacionamento lá perto da casa da Joanna? A minha mãe ficava fiscalizando a hora que você chegava?

Zé Carlos: É! Ficava de fiscal.

Joanna: Eu falava pra Célia que não dava pra ver, porque da área da minha mãe dava pra ver só um pedaço do estacionamento onde o Zé guardava o carro. Um dia eu falei pra Célia:

— Você quer que eu me jogue daqui pra ver se o Zé tá lá?

Ela enchia o saco. Acho que era todo dia a mesma coisa.

Zé Carlos: Todo dia.

Joanna (imitando-a): "Olha pra mim se o Zé tá no estacionamento?"

Tico: E você chegava tarde, né? Ou não?

Zé Carlos: Mais ou menos.

Joanna: Ela te chamava de novelo de lá. Que onde ia, enroscava... hahaha.

Priscilla: A gente fala que a minha mãe queria ficar vigiando a vizinhança, esse hábito de ficar preocupada com todo mundo. A gente tinha ido: eu, a Mônica e a Joanna pra uma escola de dança. Lembra daquela vez na escola de dança?

Joanna: A Sherlock Holmes te achou!

Priscilla: É... hehehe. A gente lá dançando, todas felizonas o samba, daqui a pouco a gente sai da escola, tinha uma vizinha: "Ei! Ei! Alguém de vocês aí é a Joanna?".

Aí a Joanna: "Ah, não! Não acredito! O que é?"

— Tem uma tal de Célia procurando a filha dela!

— Ah, não! Fala que a gente já tá indo embora!

Joanna: Olha... era naquela rua da Sumidouro, aquela escola... ela achou o telefone de lá...

Priscilla: Da vizinha!

Joanna: Tua mãe não me achou o telefone e ligou pra vizinha!?

Priscilla: Era da vizinha, porque a hora que terminou a aula de dança, começou a sair todo mundo, e a vizinha gritava pra cada um que passava:

— Ei! Alguém aí é Joanna? Priscilla? Mônica?

E a gente lá, pensou: "Não acredito!", todas felizes dançando.

A Joanna: "Ah! Fala que a gente já tá indo embora, cacete!".

8.2.

Andréa & Ricardo

Joanna: A Andréa quis casar logo. Ela tinha entrado numa faculdade de Biologia Marinha lá em Santos. Mas ela já namorava o Ricardo e ela tra-

lhava na Columbia comigo. Era uma empresa de armazenagem e tinha um escritório lá em Santos. Eu consegui a transferência dela para o escritório de Santos, arrumei um lugar para ela ficar, mas ela namorava o Ricardo, não podia ficar sem ele... voltou, não estudou. Acho que nem aula ela frequentou, viu. Ficou um mês, eu acho, se muito.

Tico: E logo depois eles casaram?

Joanna: Não... demoraram para casar... hehehe. Eles se conheceram em 87, 86... casaram em 91. Cinco anos! Bastante tempo, né? Hehehe.

Tico: Mas o Ricardo estudava na época?

Joanna: Ele fazia exército. Ele ia lá buscar ela, quando ela trabalhava comigo, de farda. **Soldadinho de Chumbo.** É, o Ricardo eu conheço de longa data.

Ricardo

Ricardo (genro): Meu nome completo é José Ricardo Baptistella, filho de Moacir... hehehe... criado na Mooca, nascido no Jabaquara.

Andréa: Comece do começo, José.

Ricardo: E o começo é onde?

Tico: O momento que você entra na história, sua entrada triunfal, é quando você conhece a Andréa, que a Joanna falou que vocês eram muito novinhos e que ela até fala: “O Ricardo eu conheço de muito tempo, desde que ele era novo, soldadinho de chumbo...”.

Ricardo: Soldado do Exército. É isso aí. O começo foi assim... bem interessante, porque um detalhe interessante da Andréa é que ela não tinha pai. Então era um ponto de... como fala?

Tico: Similaridade?

Ricardo: Não, não, era um ponto de discórdia a menos, né? Porque pai é sempre mais chato num relacionamento. O pai, talvez, o sogro, é sempre mais...

Andréa: Impõe medo... o sogro impõe medo.

Ricardo: Impõe, né, talvez um...

Joanna (*saindo da mesa de jantar e indo em direção à poltrona onde Ricardo está*): Deixa eu sentar mais perto pra ouvir...

Andréa: Hahaha!

Ricardo: Você tem alguma coisa comprida aí com você, não?

Joanna: Hahaha... não...

Ricardo: Bolinha, pedra...

Joanna: Não...

Ricardo: Não? Que bom... hehehe. Então, na verdade eu sempre fui muito bem recebido, a Joanna é uma pessoa querida... sempre foi... não tenho nada...

Joanna: (*Força uma tosse.*)

Ricardo: Ainda mais que ela tá na minha frente com uma pedra na mão...

Andréa e Joanna: Hahaha!

Ricardo: ... é que você não consegue filmar a pedra agora, mas ela tá com uma pedra na mão, então... é meio arriscado tentar...

Andréa: Falar a verdade!

Ricardo: Não... falar a verdade, eu tô falando a verdade, a Joanna sempre foi uma pessoa querida, sempre fui muito bem recebido realmente.

Joanna: O Ricardo parecia que morava com a gente, né? Até dormir tudo junto no quarto a gente dormia, lembra?

Tico: Tudo junto quem?

Ricardo: Que fique bem entendido, né... não era assim...

Andréa e Joanna: Hahaha!

Joanna: Mas era que nem um moleque a mais na família, entendeu?

Ricardo: Eu dormia muito na casa da Andréa, eu frequentei muito o colchão no chão da sala.

Andréa: Por quê? Explica por quê. Você morava na Mooca e dormia lá porque perdia o último ônibus, geralmente... e aí ele acabava ficando.

Ricardo: É, dependia de condução e ficava até o último ônibus partir. Às vezes, o último ônibus não partia e eu acabava ficando por lá. Como acabamos ficando até depois de casados. Depois de casados, na verdade, a gente alugou uma casa em Itupeva, mas o deslocamento diário era muito difícil, a Andréa também não gostava de ficar lá sozinha. Então, mesmo depois de casados, a gente ainda continuava frequentando um colchão maior na sala. Mas aí, com a devida companhia da Andréa, eu continuei dormindo na Rua Guaicuí, 60, que hoje já nem existe mais... quer dizer, existe, mas não é mais uma casa...

Na verdade, a Joanna foi quase uma substituição de mãe. Eu passei um período grande onde meus pais moravam em Curitiba e eu no quartel, servindo

no quartel. Meus pais morando em Curitiba, e eu em São Paulo. Continuava na Mooca, quer dizer, mais em Pinheiros do que na Mooca eu passei a morar. A não ser quando eu tava no quartel efetivamente. E aí ela foi uma mãe substituta no período de um ano que meus pais estiveram fora. Ela foi praticamente uma mãe. Eu não tenho realmente queixa nenhuma, não posso falar nada da Joanna, ela sempre foi...

Joanna: Fala... (*faz um gesto girando um punho fechado*).

Ricardo: Hehehe... não, principalmente por conta da pedra na mão... tá difícil... tô assim meio... (*faz um gesto de quem está engasgado sob pressão*).

Joanna: Hehehe.

Ricardo: Mas é isso aí. A Joanna é uma pessoa superquerida. Vivemos várias aventuras juntos, de ir pra Itupeva, e ela ir me buscar lá em casa. Isso um pouco antes, até na época que eu trabalhava na IBM, a gente ia muito pra Itupeva, né? Era bem recente Itupeva, né?

Joanna: Todo fim de semana.

Ricardo: A gente ia praticamente sempre. Teve uma ocasião que eu tava com a Joanna, e era engraçado... a ponte do Tatuapé, e eu cismava que o negócio era pra direita, e ela cismava que era pra esquerda, ou vice-versa, e a gente ficava dando volta na ponte...

Joanna: Ficava dando volta...ahaha.

Ricardo: ... descia, subia, descia, subia a ponte.

— É pra lá!

— Não, é pra lá!

No fim das contas conseguimos chegar em Itupeva. A gente ia muito pra Itupeva com a nossa Brasília amarela. Com a nossa não, com a dela, né? E passamos muitos momentos juntos... há quantos anos que você me aguenta, Jô?

Joanna: Trinta, né?

Ricardo: Mais, não?

Joanna: Foi em 86!

Ricardo (*fazendo a matemática nas mãos*): 86, 87... 90... 92... 36 anos, né?

Joanna: A idade do Daniel quase.

Ricardo: A idade do Pedro na verdade.

Joanna: A idade do Pedro! O Daniel vai fazer 39.

Ricardo: Porque quando o Pedro nasceu, eu tava de guarda no quartel. E eu conheci a Andréa um ano antes do quartel, então é um ano a mais que o Pedro (*tem de idade*) que a gente se conhece.

Boy meets girl

Tico: Você e a Andréa se conheceram como?

Ricardo: Numa casa de show, né? No Eldorado. Chamava "Show Days Saloon". Era uma danceteria, uma discoteca, não sei hoje em dia como chama... uma balada, hoje em dia. Na época era uma danceteria, né, Dê?

Andréa: (*Assente com a cabeça*.)

Ricardo: Foi lá que a gente se conheceu.

Tico: E você tinha quantos anos nessa época?

Ricardo: Dezessete.

Tico: Dezessete anos?

Andréa: Tínhamos.

Ricardo: Tínhamos.

Andréa: Que dia foi? Vamos ver... O que estava acontecendo no mundo naquele dia?

Isabella: Nossa, que prova de fogo isso aqui, hein... hehehe...

Ricardo: Pera aí, cadê meu celular? Hahaha... 12 de abril de 86. Estava passando um meteoro, era o...

Andréa: ... o Halley, o cometa Halley.

Ricardo: O cometa Halley.

Tico: E quanto tempo levou entre conhecer a Andréa e ser apresentado à sogra?

Ricardo: Foi uma semana...

Tico: Uma semana?! Foi rápido, então...

Joanna: Ah, porque a Andréa trabalhava comigo, e ele ia todo soldadinho de chumbo, toda tarde buscar ela no trabalho.

Ricardo: Mas isso foi depois de eu ter conhecido ela, quando eu conheci, ela estudava ainda.

Joanna: Depois foi que você entrou no quartel?

Ricardo: Um ano depois que eu entrei no quartel. Eu conheci a Andréa em

abril. Em abril do ano seguinte, um ano depois, eu entrei no quartel. E saí do quartel um ano depois. Fiquei um ano no quartel.

Joanna: Eu lembro dele de farda, sentado na recepção, esperando a Andréa.

Tico: Mas então você não dormia lá no quartel? Você podia sair.

Ricardo: Não, era a guarda, a gente fazia... 24 por 48, a gente ficava um dia no quartel e 48 horas fora. Então só dormia lá quando tirava a guarda. Aí, bem nesse período que eu tava no quartel, meus pais moravam em Curitiba. Aí sim que eu não ia mesmo pra casa. Já ia direto pra Andréa. E não pagava ônibus ainda, então, pra ir eu ia de graça e pra voltar é que muitas vezes eu voltava andando, era uma aventura voltar... e quando eu não voltava andando, eu pernoitava no quartel da dona Joanna.

Joanna: Hehehe.

Ricardo: Ficava “quartelado” na Joanna.

Tico: E isso durou até...

Joanna: Até eu enfiar o revólver nas costas dele e falar: “Ou você casa ou você morre!”. Hahaha!

Andréa: Hahaha!

Ricardo: Na verdade... quanto tempo depois... preciso consultar os universitários...

Andréa: Cinco anos depois.

Tico: Que vocês vão casar... mas até lá, essa dinâmica de ficar na Guaicuí continuou ou mudou um pouco?

Ricardo: Na verdade, mudou muito pouco, mas aí meus pais voltaram, e eu passei a frequentar mais a minha casa. Meu pai era um cara que não gostava que a gente ficasse muito tempo fora. Ele tinha algumas ressalvas sobre isso. Ele não gostava. Às vezes, eu chegava em casa, e ele chegava com o travesseiro (*imita-o entregando o travesseiro com as duas mãos, em gesto de imposição*): “Tô o travesseiro, pode levar”. Ele tinha umas coisas assim meio... possessivas...

Namoro de portão no embalo do tic-tic da lâmpada

Tico: Como era o tic-tic da lampadinha?

Ricardo: O tic-tic é o seguinte: às vezes, na Guaicuí, a gente ficava namorando na porta de casa. Naquela época, antes de eu poder frequentar efetiva-

mente a casa, a gente ficava namorando na porta. E o interruptor da luz da escada ficava lá em cima. Então, ela (*Joanna*) ficava apagando e acendendo o interruptor, pra mostrar que era a hora de eu ir embora.

Andréa: Que era a hora que eu tinha que subir.

Tico: Mas então vocês ficavam muito na escadinha de baixo, na Guaicuí?

Ricardo: É, era o nosso ponto de encontro.

Andréa: Era o ponto da despedida, né? A despedida oficial... dos beijos, era na rua próximo da porta.

Joanna: Só que era mais de meia-noite, entende? Eu tinha medo de ladrão, eles ficavam lá fora com a porta fechada. E a minha única arma ela, a luz. Apagava, acendia... (*faz um gesto de “liga e desliga” de interruptor*). Pra ver se eles se tocavam! Cê se tocava? Eles se tocavam?

Ricardo: Muito!

Andréa e Ricardo: Hahaha!

Ricardo: Na verdade a gente já estava se tocando, esse que era o problema, você não queria que a gente se tocasse!

Andréa: Era pra uma despedida... uns beijos acalorados...

Joanna: Não precisava ficar na rua, ficasse embaixo da escada, tava todo mundo dormindo mesmo...

Ricardo: Mas aí ficava todo mundo “oiando”, a gente não gostava de “prateia”. Hehehe.

Andréa: Hehehe.

Joanna: Mas tava todo mundo dormindo já!

Andréa: Não, você tava lá... “tic-tic-tic-tic!”.

Joanna: Lógico! Eu não dormia enquanto vocês não entrassem e fechassem a porta.

“Ela foi dar, mamãe...”

Andréa: Eu lembro uma vez que eu saí... eu tinha horário, tinha que chegar meia-noite, não podia me atrasar. Nesse dia eu cheguei, acho que era uma e

meia da manhã... e ela tava louca lá em cima da escada, me esperando. Até me deu uns tapas! E a Mônica cantando assim (*imita-a*):

“♪ Ela foi dar, mamãe! Foi dar, mamãe, foi dar um serão extra! ♪ ”

Joanna: Hahahaha!

Andréa: E ela (*Joanna*) puta, me batendo, e a Mônica cantando “♪ Ela foi dar, mamãe ♪ ”.

Você vê? Em vez de me dar um suporte, falar: “Calma mãe, ela tá aqui... não foi nada...”. Ela ficou é jogando uma pilha! Mas esses foram os anos de namoro, depois tiveram os anos de casado, que também foram na casa da Joanna. Só que daí já era oficialmente “estar lá”, com um colchão de casal. Depois os meus móveis ficaram na sala um tempo, lembra? Quando eu vim de Itupeva? Hehehe.

Joanna: Aquela casa parecia o cu do mundo! Hahaha...

Andréa: Hahaha! E cê gostava vai, bem que cê gostava!

O saco de dólares

Andréa: Ah, conta a história do saco dos dólares!

Joanna: Puta que pariu, o saco! Você não estava casada ainda?

Andréa: Não, eu namorava.

Joanna: E eu trabalhava na Presidente Wilson, no armazém lá da Deltec... da Columbia... da Columbia. Eu trabalhava numa firma de armazenagem: Armazéns Gerais Columbia. Eu era secretária do presidente, era coisa fina lá. Aí, da (*Rua*) Líbero Badaró ele resolveu ir para a (*Avenida*) Presidente Wilson. Eu falei que não ia, que era longe, ele pôs uma perua para pegar a gente no centro da cidade e levar até lá. Bom, aí eu continuei lá. Depois de um tempo, ele resolveu voltar para a Vila Olímpia. E falou assim para mim, um dia:

— Joanna, tira as coisas da minha mesa e leva para a sua casa, que amanhã eu mando o motorista te pegar, e você já deixa lá na Columbia.

Era na (*Avenida*) Doutor Cardoso de Melo, ali na Vila Olímpia.

— Tá bom.

Tinha dólares, tinha tudo quanto era espécie de dinheiro na mesa dele, tinha passaporte... Aí eu peguei, armazenei tudo, pus num saco preto. Peguei todas as coisas que estavam em cima da mesa e pus num saco preto.

Andréa: Saco de lixo!

Joanna: Saco de lixo preto...

Andréa: Saco de lixo... hehehe.

Joanna: E aí, para não ter que subir e depois descer com aquele saco, eu deixei lá embaixo na escada, sabe? Engraçado que todo o santo dia era a mesma reza, a vó:

— Olha o lixo! O lixeiro vai passar!

Ninguém punha o lixo. Ninguém punha. Aí nesse dia, era uma sexta-feira, eu tava com sono, fui dormir, tava cansada. Ela (*Andréa*) tava com o Ricardo, e saíram. E eu fui dormir.

Ricardo: Outra coisa engraçada é que numa dessas idas ou desses namoros na porta debaixo da escada, a gente olhou, estávamos sentados no último degrau da escada, olhamos pro lado e vimos um saco de lixo lá. Então a gente falou: “Pô, alguém não botou o saco de lixo pra fora”.

O que a gente fez? Simplesmente pegou o saco de lixo e botou pra fora. Só que o saco do lixo não era lixo. Tava tendo uma mudança no escritório da Joanna, e todos os documentos estavam naquele saco.

Joanna: Os dólares! As libras!

Ricardo: Os dólares, os documentos, e tudo...

Andréa: Os passaportes!

Isabella: Tudo dinheiro ilegal dos gângsteres pra quem ela trabalhava, né? Hehehe.

Joanna: Ainda bem que eu tinha um amiguinho, que a gente toda sexta-feira ia no baile. Naquela sexta-feira eu achei que ele não vinha porque era tarde, eu fui deitar. Eles foram embora, eu fui deitar. Sorte que ele veio! Tocou a campainha, eu tava sem cigarro, falei:

— Rui, corre lá no bar e compra cigarro pra mim? Eu te espero aqui embaixo.

Sentei no degrau da escada. Eu tinha colocado o saco preto bem aqui assim (*indica o canto onde o saco foi colocado*), porque tava pesado, tinha livros, tinha tudo... pra que eu ia subir (*com o saco*), se eu ia descer no dia seguinte, né?

Ricardo: Imagina um saco preto pesado. O que é? Não é nem lixo reciclável, é lixo orgânico!

Andréa: Hahaha!

Joanna: Daí, olha, eu sentei na escada assim (*reconstitui a cena*), olhei pro lado, falei: “Caralho! Cadê o saco?!”. Corri lá em cima, rodei a casa, não achei o saco. Falei: “Aqueles dois filhos da puta!!!”. Meus cabelos já ficaram... por isso que meus cabelos ficam em pé, você entende? Hahaha. Falei: “Cadê o saco??”.

Ricardo: E pergunta se tinha celular naquela época? Não existia, não havia nenhuma possibilidade de contato.

Joanna: Minha mãe, toda noite era a mesma ladinha, ela falava assim:

— Olha o lixo! Desce o lixo! O lixeiro passa!

Ninguém levava o lixo, mas como já tava lá embaixo, entendeu? Eles simplesmente pegaram o pacotinho... Eu saí na rua que nem uma louca, acho que eu tava de camisola até... Aí o Rui veio, eu falei: “Rui, pelo amor de Deus!”. Eu e o Rui fomos pra lá e tivemos que desembrulhar todos os sacos. Se você soubesse a raiva que eu tava deles! Antigamente os lixeiros pegavam todos os sacos de lixo e punham no meio da rua, no começo da rua, pra quando viesse o caminhão, já jogava tudo direto no caminhão. Eu falei:

— Rui, pelo amor de Deus! Eu tenho que achar o saco que tem as coisas do meu chefe! Tem dólar, tem passaporte! Aqueles filhos da puta me puseram no lixo para fora!!!

Hahahaha. Abrimos tudo quanto foi saco de lixo que tinha no meio da rua, até achar o bendito saco do homem...

Andréa: Com os dólares e todos os documentos...

Joanna: Nós achamos, sabia? Olha, mas a vó cansava de falar. Não era uma nem duas: “Olha o lixo! Vamos por um lixo!”, ninguém ligava, ninguém ouvia.

Andréa: Eu tô descendo, ia pra fora...

Joanna: Eles viram o saco preto lá embaixo e levaram...

Andréa: ... vi o saco preto lá embaixo, “vou ajudar a vovó, fazer uma boa ação”... hehehehe, entendeu?

Joanna: Hahaha! Nossa, eu queria matar eles! **Eu me via matando eles...** hahaha... enquanto eu abria os sacos de lixo na rua. Porque os sacos eram todos pretos, né. Nossa, mas que susto, Isabella, que eu tomei. “Amanhã eu tô na rua!”, eu pensei. Ele ia me mandar embora com certeza.

Isabella: Nossa, ia fazer a alegria de alguém encontrar esse saco...

Ricardo: Aí só no dia seguinte a gente veio saber dessa história.

Andréa: Hehehe. É, porque a gente já tinha ido dormir quando ela chegou com o Rui e se deu conta que o saco de lixo não tava lá. Mas conta que você achou rápido.

Joanna: Ainda bem que meu santo é forte, nós não precisamos abrir todos os sacos... só uns dez... hehehe. Tinham lá todos os lixos de todas as casas da Guaicuí. Mas eu queria matar eles. Falei: “Filhos da mãe, só porque o saco tava aí, era fácil pôr na rua, né?”.

Tico: E vocês achando que estavam fazendo uma boa ação...

Ricardo: Ainda bem que não se perdeu!

Andréa: Todo dia a vó pedia pra levar o saco pra fora, e o saco lá, eu pensei: “Vamos botar o saco na rua, caramba... Olha o lixo aqui (*mostra a proximidade que estavam do saco*), vamos botar o saco na rua, amor”.

Joanna: Era todo dia minha mãe falando: “Não esquece o lixo! Olha o lixo!”.

Tico: Mas aí vocês colocaram e foram embora?

Ricardo: É, a gente saiu.

Andréa: A gente saiu. Foi comer, foi em algum lugar e eu voltei de madrugada, minha mãe já tava dormindo. Aí no dia seguinte, de manhã, ela quase me matou...

Ricardo: Onde a gente foi? Provavelmente no Eldorado, né? Porque a gente não saia de lá.

Tico: Aí a bronca veio?

Andréa: Veio no dia seguinte. Só no dia seguinte.

Tico: E ela quis te matar...

Andréa: É. Eu, né? Sempre eu... hehehe.

Tico: E não sobrou essa bronca pra você, Ricardo?

Andréa: Não porque ele não tava lá, já tinha ido embora. Me deixou em casa, eu subi, ele foi embora. No dia seguinte, de manhã... (*faz um gesto de alguém falando bastante no ouvido*).

Joanna: Lógico!! Não é pra ficar nervosa, Tico? Fala a verdade! Meu chefe ia me mandar embora: “Você é uma incompetente! Vai embora!”, ou então ia achar que eu tinha roubado os dólares dele, né?

Noivado e (tentativa de) vida em Itupeva

Ricardo: Aí quando a gente resolveu casar, antes de tudo a gente alugou uma casa em Itupeva, de uma pessoa próxima da vó, até. Você vê que eu falo “vó”, parece até a minha vó. Não, é a vó dela (*da Andréa*). Mas a vó Concheta é como se fosse minha vó também. Tem até mais essa coisa do que a Joanna. A Joanna eu não podia chamar de mãe porque eu já tinha uma, mas vó eu não tinha mais nenhuma, então a vó Concheta passou a ser minha vó também. E a vó Concheta era uma pessoa superquerida. Ela falava que eu... uma vez acho que eu tava varrendo a casa, ela falava: “O Ricardo é o cara certo porque ele varre até atrás da porta”. A vó tinha umas coisas assim, porque eu abria a porta pra varrer atrás da porta...

Ricardo: Aí resolvemos alugar uma casa em Itupeva, antes de casar.

Joanna: Casa de veraneio!

Ricardo: A gente resolveu alugar pra poder morar... em teoria, morar em Itupeva. Mas era complicado. A gente tinha o nosso possante, mas imagina hoje você pagar pedágio pra vir trabalhar, ir e voltar, a logística era muito complicada.

Tico: E de onde surgiu essa vontade de morar em Itupeva?

Ricardo: Ah... a gente sempre gostou do meio do mato. A gente sempre gostou. E era uma casinha legal, toda avarandada. Na verdade, o pedido de casamento foi feito lá.

Joanna: Ah! É verdade!

Ricardo: A gente fez até uma festinha. E olha que gozado, até meu pai fez

questão de mostrar a aliança... não lembro o que tinha com meu pai... mas eu sei que a gente acabou noivando em Itupeva e logo depois casou.

Joanna: Logo depois?

Ricardo: Logo depois...

Andréa: A gente noivou em agosto e casou em novembro.

Joanna: É?!

Ricardo: É!

Andréa: O noivado foi pró-forma, na verdade, porque a casa já tava até mobiliada no dia do noivado.

Ricardo: É, já tava tudo arrumadinho.

Andréa: A gente já tava com os móveis todos lá. Tudo arrumadinho já. Era só pra ter uma festa de noivado.

Ricardo: E a gente acabou frequentando mais lá de fim de semana efetivamente do que de dia de semana. Eu trabalhava no Jaguaré, e aí realmente era complicado você sair do Jaguaré para ir pra Itupeva e voltar. Então... Pinheiros era mais perto, né.... aí acabou que a gente ficou o quê, um ano, amor?

Andréa: É, depois também ela pediu a casa porque... é, acho que um ano depois... ela pediu a casa porque ela acabou voltando de Belém. Era uma amiga da vó Concheta que morava em Itupeva. Ela resolveu alugar a casa porque foi morar com a filha em Belém do Pará. O marido ou ela não se adaptou em Belém, e resolveram voltar um ano depois. E a gente devolveu a casa e fomos morar em Osasco, em um apartamento que ele tinha comprado lá.

Domingos: E aquele pessoal daquela casa que você alugou em Itupeva?

Andréa: A dona.... o seu Nelson e a dona Isabel... eu sempre esqueço o nome dela, o seu Nelson e a dona Isabel. Então, eu fiquei com a casa alugada acho que dois anos, se não me engano, depois eles pediram de volta porque eles iam voltar de Belém.

Joanna: Era a casa de veraneio da Andréa.

Andréa: É, porque na verdade eu morava na sala da casa da minha mãe... hehehe... meu colchão ficava lá, né?

Cida: Vocês só iam de fim de semana.

Andréa: A gente só ia de fim de semana, quando ia todo mundo, né?

Domingos: Também era uma casa boa, né?

Andréa: Era.

Cida: Casa gostosa.

Andréa: É, era uma casa boa.

Cida: Tinha uma cozinha enorme!

Andréa: A gente tem vídeos, né? A gente pegou do tio Zé, quando ele filmava em Itupeva.

Cida: Eu nunca me esqueço que o Domingos ganhou do Metrô um negócio de uísque, né?

Andréa: Sim, era o balancinho do... Grants, o whisky, você me deu o whisky escocês.

Domingos: É.

Andréa: Que eu tinha um bar enooooooooorme que eu comprei lá no Embu.

Cida: Daí, lá na Cerro Corá, a gente não tinha lugar, nós demos pra você colocar na sua casa.

Andréa: E nós ficamos com ele lá, até acabar.

Andréa: E quando a gente começou a namorar, o Ricardo lembra, como é que era o aperto de mão do Vitório?

Ricardo: Ele apertava a mão, e você tinha que retribuir, se você não retribuisse, ele esmagava a sua mão. Era meio assim (*simula um forte aperto de mão*), acho que ele media força (*hiperboliza ainda mais a simulação do aperto*). Acho que talvez ele medisse a índole das pessoas pelo aperto de mão. E eu fazia questão de retribuir... tentar (*mais uma vez simula o aperto com bastante força*), mas ele tinha um aperto de mão bem forte. Ele tinha perdido um dedo, né?

Andréa: Ele não tinha perdido, ele tinha paralisado num choque que ele levou, eu acho. Ele também trabalhou com elétrica um tempo, eu acho, na prefeitura de Barueri, se não me engana a mente. Ele tinha acho que os dois últimos dedos (*anular e mínimo*) paralisados.

Ricardo: Gozado, eu lembro do Vitório só quando a gente era solteiro, não

lembro quando a gente já tava casado, ou ele já tinha morrido, ou eu não me lembro dele depois de casado.

Andréa: Não sei, também... acho que ele foi ficando mais velhinho, saindo menos, né? E era ele quem dirigia, aí a Nani também casou, foi morar com o marido, e aí não sei. Eu lembro também pouco dele nesse período.

Porque aconteceu um afastamento meu natural também. A gente casou, então tinha a família dele (*Ricardo*) para dividir. Tanto é que tem um Natal que foi filmado, que a Joanna fala assim:

— Vai, Paulo, vamos logo que a Andréa tem que ir embora.

Porque a gente passava até as 23 horas na minha casa e depois tinha que chegar na casa dele até a meia-noite do dia 24. Aí a gente acabou passando menos tempo. Talvez por isso você lembre menos do Vitório lá também.

Eu sei que o tio Vitório também sofreu uns acidentes de carro, sofreu um atentado, não sei se foi porque ele era amigo do prefeito, se foi assalto, ele levou um tiro na perna. Ele ficou bastante tempo afastado. E aí ele ficou velhinho, né? Acho que foi por isso.

Casamento e lua de mel

Joanna: Aí casaram. Com 24 anos. Mas não casaram logo, né... hahaha... foram seis anos! Mas o Ricardo ficava em casa, era que nem um filho, sabe? Ele dormia lá com a gente, ficava em casa porque quando ele tava servindo exército, os pais dele foram morar em Curitiba.

Aí primeiro eles foram morar em Itupeva, mas praticamente eles iam para lá só de fim de semana junto com a gente (*risos*), porque o resto da semana ela passava lá em casa. Então o Ricardo comprou um apartamento em Osasco, num lugar onde eu morei também depois. Foram para Osasco.

Mônica: Mãe, você lembra o dia do casamento da Andréa? Você já contou essa história pro Tico?

Joanna: Não.

Mônica: Bom, o casamento da Andréa era pra ser às seis, sete horas da

noite, uma coisa assim. Então elas foram pegar as roupas, quando abriram as caixas, a roupa da Joanna não estava na caixa. Você lembra disso?

Joanna: Só veio a blusa.

Mônica: Só veio a blusa, não veio a calça.

Joanna: A saia.

Mônica: A saia. Ligaram para a loja, mas a loja já...

Joanna: Você foi lá comprar!

Mônica: Então, a loja já estava fechada. Você me mandou ir lá de carro e bater na porta. Eu fui. Olha só que menina simpática. No dia do casamento, eu toda preparada, fui lá, bati na porta, por coincidência tinha um cara lá que trabalhava na loja e tava na loja do lado, ele falou:

— Olha, não sei onde está a saia dela, a gente pode abrir a loja e procurar.

Procuramos na loja inteira, não encontramos a saia da Joanna. Aí voltei pra casa sem a saia da Joanna, a Joanna louca. O que aconteceu?

Joanna: A Laís chegou em casa com uma saia plissada preta, eu falei:

— Me empresta sua saia?

Hehehehe. A coitada teve que voltar na casa dela pra trocar de roupa. Hahaha. Pegar outra roupa.

Mônica: Hehehe. E você roubou a saia da Lalau. Hahaha.

Joanna: Hahaha. Porque a minha saia, que eu tinha mandado fazer, era toda plissada, né? A Laís chegou justo com a saia plissada... falei:

— Ó, Laís, vai tirar essa saia e dar pra mim!

Hahaha. Nossa, aquele dia foi...

Mônica: Foi terrível. E a Andréa se atrasou quase quatro horas para o casamento!

Joanna: Nossa, tava um calor!

Mônica: A Andréa tinha um véu comprido, e os caras foram dentro de casa, fazer a maquiagem dela. O véu tava muito comprido, ela resolveu que queria cortar. Cortaram o véu, lembra? Aí ainda não estava satisfatório, cortaram mais um pouquinho... e o Paulo que tava levando ela para a igreja.

Joanna: E errou o caminho!

Mônica: Não... e aí ele falava: "Andréa, vamos embora, a gente já tá atrasado!" Porque o casamento dela acho que era às seis (*horas*). A Andréa chegou na igreja às sete da noite...

Joanna: O padre não tava nem no altar...

Mônica: O padre já tinha ido lá para sacristia, tinha saído da igreja. Tiveram que caçar o padre, entendeu? Porque o padre deve ter falado: "Ah, essa noiva não vem, já deve ter desistido do casamento..." . Hehehehe. Lembra disso?

O padre terminou o casamento dela muito rápido, porque tinha mais duas noivas esperando a Andréa pra elas poderem se casar, entendeu? Aquelas coisas de família...

E a Andréa contou que, no carro, porque tinha uma questão com o véu, o Paulo falou:

— Cala a boca! O véu vai ficar do jeito que tá, ninguém mais corta o seu véu! Hahahaha!

Joanna: Hahaha!

Mônica: Ela não tava satisfeita com o véu...

Andréa: E eu fui pra lua de mel, pra Florianópolis, você foi comigo!

Joanna: Pois é... hehehe.

Andréa: Hehehehe!

Tico: Levou a mãe pra lua de mel!

Mônica: Hehehe... meio disfuncional, mas tudo bem... brincadeira...

Andréa: Não, não é...

Mônica: Não, eu acho que é... hehehe.

Tico: Então, na sua lua de mel, foram você, o Ricardo e a Joanna?

Andréa: Não, na verdade, foi assim: primeiro fui eu, Ricardo e a Samantha. Ela foi com a gente, a minha cachorra. Porque ninguém quis ficar com a Samantha: "Ah, não, problema seu. Resolveu ter um cachorro, agora vai cuidar, vai com ela...". E a gente botava ela no carro, e ela ia junto porque ela era muito educada, muito boazinha. Eu fiquei uma semana com o Ricardo, e a minha mãe foi passar acho que o Natal com a gente. Porque eu casei no dia 30 de novembro, mas a gente só foi viajar depois do dia 15 de dezembro porque o Ricardo tava trabalhando. Aí a minha mãe foi, passou o Natal com a gente em Floripa, acho que você ficou uns quatro, cinco dias.

Joanna: Eu tava trabalhando ainda.

Andréa: É. Você ficou só o período do Natal, e foi só você que ficou com a gente lá. Até que a gente se esqueceu de você um dia na praia, lembra? Hahaha!

Joanna: Ahhh, que aflição meu Deus...

Andréa: Não, a gente não esqueceu, a gente foi buscar um negócio em casa, e como era lua de mel... a gente demorou um pouco pra voltar, e ela ficou na praia.

Joanna: Lá no bar. Eles colocavam a música do Fagner. Eu sei todas de cor! Hehehe. Porque acabava uma, começava outra, acabava uma, começava outra... e nada da Andréa. É sempre aquela mesma “suspensão”. Eu não sei onde eu tô, eu não sei pra onde eu vou, eu não tenho endereço, eu não tenho dinheiro, entendeu? Aí fiquei naquela preocupação. Na praia, escurecendo, e nada dos dois voltarem.

Andréa: Aí a gente chegou, os dois pombinhos chegaram e tal, e ela ficou com a gente nesse feriado. Mas a gente não tinha muito essa preocupação de querer estar sozinhos na lua de mel.

Tanto é que ela foi embora, e quem chegou depois foi a família do Ricardo. Os irmãos, o pai, a mãe, um casal de amigos, o Groto e a Gisa também foram, e a gente passou o réveillon lá. Todo mundo. Depois seguimos em viagem. A gente foi pra lá pelo dia 15 de dezembro e acabou voltando no começo de janeiro.

8.3.

De salto 15 (os causos de escritório)

Joanna: Eu usava salto 15! Agulha!

Priscilla: E eu pegava todos os sapatos dela.

Joanna: Ia trabalhar com eles. Tomava ônibus, ficava em pé lá no degrau do ônibus, de salto 15. Agora, olha o que eu uso (*acena, com a cabeça, o sapatinho leve e ortopédico que está usando no momento*). Hehehe.

Tico: Mas você usava porque gostava do salto alto ou por alguma outra questão de etiqueta?

Joanna: Era costume.

Tico: Então, você não se incomodava tanto com o salto?

Joanna: Não, eu andava bem. Eu corria! Nunca caí.

Tico: Corria com o salto 15?

Joanna: É, porque eu tava sempre atrasada, né? Um dia eu caí! Na (rua) São Bento. Hehehe. Tava chovendo, e na São Bento ficava o Moinho Santista, onde eu trabalhava. Eu virei na Praça do Patriarca... eu fui derrapando com a bunda. Da Praça do Patriarca até a outra esquina da São Bento. Hehehe. E aí eu comecei a dar risada porque eu rasguei a minha saia e quebrou o salto do meu sapato, sabe? Eu cheguei no Moinho Santista e tive que ligar pra Cida pra ela me levar uma saia e um sapato. Hahaha. Foi a única vez que eu caí de salto.

Ia dançar com o salto! Agora sem salto mesmo, eu caio. Hahaha! Mas eu adorava. Era a sandália da Czarina, lembra? Você conheceu a Czarina (*para Priscilla*)?

Priscilla: Não.

Joanna: Não? Era assim, ó (*mostrando, com as mãos, um salto de tamanho bem grande*), e aqueles saltos fininhos!

Priscilla: É, você tinha uns saltinhos bem altos mesmo, que eu adorava pegar e ficar andando com eles. Mas eu não sabia qual era, só colocava no pé. Hehe. E ficava andando. Eu gostava de ir lá na sua casa por causa disso.

Joanna: Agora eu acho que não sei nem mais andar de salto...

Priscilla: Nem eu sei mais andar de salto... fico o dia inteiro de chinelo... hehehe (*por conta de ficar em casa cuidando do filho ainda bebê*).

Joanna: Era chique! Era chique no “último” andar de salto alto, né, Priscilla?

Priscilla: Era chique!

Joanna: Saia, meia de nylon...

Priscilla: E o saltão alto.

Joanna: Priscilla, eu sou tão assim... eu me lembrei de um fato que eu pedi praquela minha amiga (*Anna*) escrever. Eu fui trabalhar sem meia... hehe... E aí eu mandei o (*office*) boy comprar uma meia pra mim. Fui ao toalete, tirei a calça, pus a meia e saí fora. Aí senti um ventinho assim... hehe. Eu tava só com a meia calça! Hahaha.

Sapato! Já fui trabalhar com sapato trocado. Um tinha salto o outro não tinha. Hahaha! Só quando eu fui no banheiro que eu sentei e olhei pro meu

pé... era da mesma cor: marrom. Mas eu falei: "Meu Deus do céu! E agora?... Agora vou ficar assim mesmo...".

Uma vez, eu tinha um vestido de abotoar, de botãozinho de abotoar. Eu sempre ia de pé no ônibus, tudo bem. Sobrou um lugar, eu sentei. Mas eu ficava me achando toda torta (*faz a mímica de estar sentada com desconforto*). Quando eu dei uma olhada assim (*indica, olhando para si, para o próprio busto*), eu tinha abotoado tudo errado! Aí não podia fazer nada, né? Precisei chegar no escritório pra poder abotoar o vestido direito... hehehe. Eu já saí com o vestido do avesso de casa...

Zé Carlos: Com a bolsa cheia de frutas...

Joanna: Ah! O teu pai!

Zé Carlos: Hehehe.

Joanna: Sabe o que ele fazia comigo? Lembra daquelas frutas de plástico que a vó tinha?

Zé Carlos: Não, era de cera!

Joanna: Ah, de cera! Pesava pra burro! Um dia eu não achava a minha carteira, eu pus a bolsa na mesinha do cobrador, e conforme eu fiz assim (*mostra puxando a mão de dentro da bolsa*), caiu laranja, banana, abacaxi, tudo na mesinha do cobrador! E ó quem pôs (*aponta para Zé Carlos*).

Uma vez, no escritório, puseram um grampeador deste tamanho (*indica um grande grampeador com as mãos*) na minha bolsa. Eu só fui ver uma semana depois!

Priscilla: Nossa! Hehehe.

Joanna: Eu achava a minha bolsa pesada, mas não tinha o hábito de olhar, sabe? Hehe. E toda vez que eu chegava ou saía, eles ficavam olhando pra mim. Eu achando que eles estavam me achando bonita.

Priscilla: Hehehe.

Joanna: Mas eles queriam ver a minha reação, né? E eu levei uma semana pra achar o grampeador na minha bolsa! Aqueles de ferro bem antigo, deste tamanho assim, ó (*indica novamente o grande grampeador com as mãos*). Eu sou muito desligada.

Priscilla: Doidinha... hehehe.

Joanna: Hehehe.

Sobre meus muitos empregos

Tico: Sobre as suas várias mudanças de emprego...

Joanna: Mudei mesmo viu... (*risos*)... mas foi bom, porque você adquire experiência, né? Você aprende um pouquinho em cada firma.

Você sabe que, uma época, acho que durante uns seis meses, eu trabalhei na Hidroservice, sabe a Hidroservice? Era na Paulista. Tinha um grupo de engenheiros franceses fazendo o controle do tráfego aéreo, então eles escreviam em francês, eu datilografava para mandar para o tradutor. Naquela época eu ganhei muito dinheiro porque eu trabalhava bastante, entende? Ganhava por hora. Então quanto mais horas eu fazia, mais eu ganhava, né? Eu lembro que eram três dólares a hora, mas naquela época era bastante, sabe? Não lembro que moeda que era. Trabalhava umas 12 horas por dia, ganhava uns 40, 50 paus, mais ou menos. Aquela época foi boa. Até minha televisão eu aluguei para um francês que trabalhava comigo. Ele tinha alugado um apartamento e não tinha televisão, aí ele alugou a minha. Ganhei um dinheirinho extra. Mas era bom fazer temporário, sabe? Ganhava mais, ganhava por hora.

Eu tinha feito já um temporário na Roche farmacêutica, era ali na (*rua*) Basílio da Gama, e depois de um tempo eles me chamaram de novo para substituir uma secretária que tinha saído. Então eles me efetivaram, fiquei trabalhando como funcionária da Roche. Mas trabalhei um ano só lá... acho que foi um ano... depois eu fui para Lecco. Depois da Lecco eu fui pra Deltec, da Deltec eu fui trabalhar na Cohab e trabalhava no laboratório aqui na (*Rua*) Cardeal (*Arcoverde*), depois da Cohab eu fui trabalhar na Columbia, onde eu fiquei até parar de trabalhar.

E trabalhei também no comitê do (*político José*) Serra, mas aí vendo as falcatruas que tinha lá dentro, tava quase chegando a época de eleição, tinha que fazer boca de urna... falei:

— Eu que não vou fazer boca de urna para esse cara, nem morta.

Aí que eu resolvi ir para o Estados Unidos.

Joanna: Foi assim: meu primeiro emprego fixo foi na Roche, em 72. Em 73, eu já tava na Lecco (*risos*). Em 74, eu tava na Deltec, onde eu fiquei por dez anos. Da Deltec, quando eu saí, que eu pedi demissão, fui trabalhar no Laboratório. Mas era temporário. Depois eu fui para a Cohab. Fiquei também três anos na Cohab, porque aí mudou o governo e eu tinha cargo de confiança, então eu tive que sair. Aí da Cohab eu fui para a Columbia, onde eu fiquei dez anos. Depois eu fui para os Estados Unidos, fiquei lá seis meses...

Tico: Quando você saiu da Columbia, que ano era?

Joanna: Noventa e... seis. É, 96.

Tico: E nessa última época toda, você morava na Guaicuí?

Joanna: Morava na Guaicuí. Quer dizer, quando eu fui embora da Cerro Corá, que eu fui morar com a minha mãe, eu tava na Deltec ainda, foi 84. Foi o ano que eu saí de lá. Eu falei: “Agora que eu perdi minha casa, perdi tudo... eu também vou mandar aquele emprego à merda!”, que era a Deltec.

Porque eu trabalhava para cinco advogados, todos folgados. Tinha que apresentar um negócio no fórum às cinco da tarde, eles começavam a me dar às três horas da tarde, para datilografar para eles protocolarem. Aí também me enchi. Depois que eu perdi tudo, eu falei: “Tô na merda mesmo, eu vou acabar de ficar na merda, eu vou para casa da minha mãe”. Saí de lá.

Joanna: A Cohab que eu gostava, eu tive que sair, você vê. Na Cohab era bom de trabalhar. Era um pessoal legal, sabe? Toda noite tinha lá na (*Rua*) Líbero Badaró... sabe onde é a Cohab? No edifício Martinelli, na Líbero Badaró. Era da Secretaria de Habitação. Aí a turma saía. Eu saía só depois que o chefe saía, e às vezes ele saía oito, nove horas. A turma saía e falava: “Ó, nós estamos lá no Lírico”. O Lírico era uma choperia que tinha na Líbero Badaró. Eu ia encontrar com eles. Depois, às vezes, a gente ia pro baile... Foi um lugar gostoso de trabalhar, sabe. Acho que foi o melhor lugar. Levei todos os meus três filhos pra trabalhar lá. Não era nepotismo não... hehehe. A Andréa era recepcionista da presidência, a Mônica trabalhava no departamento de vendas, e o Paulo na engenharia.

E lá era bom porque eu trabalhava assim, sem muita agitação, sabe? Agi-

tação de chefe enchendo o saco, da mulher do chefe te ligando para comprar comida... porque meu chefe da Columbia era muito chato. Ele gritava meu nome e já queria que eu aparecesse na frente dele, sabe? E tinha mil ligações, porque ele não atendia todo mundo, eu tinha que fazer o rescaldo... hehehe. Anotar, saber qual era o assunto pra depois passar para ele. Aí ele gritava lá: “Joanna!!!”. Às vezes eu tava no telefone, eu não podia nem fazer xixi lá, sabia? Lá foi porreta! Mas eu aguentei dez anos porque o salário era bom. Mas que eu pastei lá, pastei, viu...

Às vezes ele também era folgado... Todo advogado é folgado, sabia? Às vezes, chegava cinco horas da tarde, ele falava:

— Joanna, amanhã tenho que ir para Brasília, prepara os negócios aí, depois deixa na minha casa.

Ele se mandava, ia embora. Eu tinha que ficar lá fazendo as coisas. Depois tinha que chamar um táxi, passar na casinha dele e deixar as coisas.

Uma vez fiquei com um ódio! Ele deu um negócio grande para digitar, que ele ia levar para Brasília. Eu saí de lá da Columbia, porque era na Líbero Badaró, ele cismou de ir para onde eram os armazéns, lá na Presidente Wilson. Avenida Presidente Wilson. Só tem armazéns ali, perto da Mooca, São Bernardo, sei lá. Era longe para burro. Aí ele foi embora, eu fiquei até às onze horas fazendo as coisas, deixei na casa dele. No dia seguinte, quando ele voltou de Brasília, ele passou e jogou o envelope na minha mesa:

— Oh, não deu tempo de falar com o cara. Guarda aí, depois eu...

Sabe aquela pessoa bem folgada que você tem vontade de mandar tomar no cu? E você não pode? Nossa, como ele era chato! Ele e a mulher dele... nossa Senhora...

Eu cuidava até da comida que a mulher queria que comprasse, sabia? Elas pensam que secretária é ama-seca! Nossa, eu tinha uma raiva daquela mulher. Eu era secretária do presidente, eu tomava conta das coisas dele, do que tinha que pagar, os pagamentos do banco, e às vezes eu tava... tinha sempre muita coisa para bater, ele era advogado, então tinha laudas e laudas pra datilografar. Como é que fala agora? Digitar! Digitar. A mulher dele ligava: “Joanna, anota meus cheques que eu passei...”.

Um dia, ela teve a coragem de me ligar dez e meia da noite querendo encanador, porque a torneira dela não fechava... não é... (faz um gesto que representa

algo como “coisa absurda”, com as mãos). Nossa... por isso que eu saí de lá. Um dia me encheu, falei: “Sabe de uma coisa? Não vou trabalhar aqui mais, não”.

Tico: Então você praticamente cuidava da vida dele?

Joanna: Cuidava da vida dele! Ela falava: “Joanna, você liga para não sei quem” — do restaurante lá que tinha — “e encomenda isso, isso, isso, isso, isso...”.

Ela não podia fazer isso? Ela pensa que secretária é o quê? Nossa, eu ficava com uma raiva, menino! Aí eu enchi meu saco, o Paulo tava precisando de alguém lá para cuidar dos filhos dele, eu falei: “Eu vou embora!”. Hehehe.

Assédio e mulheres no trabalho

Joanna: Olha, quando eu era mais nova, criança pequena lá em Barbacena... hehe... no escritório, tinha um advogado que toda vez que ele me via, ele falava assim:

— Você não quer ser “teúda e manteúda”, em vez de secretária? .

Eu levava na boa, sabe? Na brincadeira. Eu não levava a sério.

Tico: O que é “teúda e manteúda”?

Joanna: Ah, se eu não queria ser amante dele, qualquer coisa assim. “Teúda”, tesuda. “Mateúda”, mantida, né?

Tico: Entendi. E você ignorava?

Joanna: Eu me fazia de tonta, que eu não entendia. Se não eu ia brigar com todo mundo? Eu precisava trabalhar! Me fazia de tonta. E nunca xinguei e nem falei: “Olha, esse cara aí tá fazendo assédio sexual!”. Podia falar, né? Se fosse hoje...

Tico: Mas essas falas dele foram o máximo que chegou desse tipo de aproximação, ou foi além?

Joanna: Ah, não. Ele gostava de mim. Eu espirrava, ele abria a porta: “É seu espirro, Joanna?”

Eu falava: “É sim, Dr. Mário”.

— Delicado, né?

Hehe. Porque eu, quando espirro, eu falo: “atchimm!!!”. Hehehe.

E uma vez ele me deu presente, no dia da secretária, me deu uma roupa lá de uma boutique finíssima que tinha na (*Rua*) Dom José de Barros. Eu ia levar

pro outro lado? Eu andava do meu jeito, séria, você entendeu? Como é que é? “Onde se ganha o pão não se come a carne”, você conhece esse ditado? Então, eu nunca liguei pra esses assédios sexuais. Me fazia de tonta. Tinha um cara na Roche também, sabe? Ficava jogando indireta. Eu me fazia de tonta.

Joanna: Eu também não acredito muito em mulheres.

Tico: Por quê?

Joanna: Porque... olha, eu acho o seguinte: a mulher, não todas, não tô falando de todas, mas tem mulher que não sabe se pôr no seu lugar. Mulher é falsa. Eu não gosto de trabalhar com mulher. Eu acho que se elas puderem te passar a perna, elas te passam, sabe?

Tinha uma secretária que trabalhou na Columbia. Eu era secretária do presidente, ela era do diretor. Mas ela era amante desse diretor. Ela tinha sido babá dos filhos dele. Falava tudo errado. Ficava (*sentada*) na minha frente, assim. Aí um dia, tinha uma concorrência que ia ser em Belo Horizonte, e o Dr. Luís Augusto falou:

— Joanna, amanhã nós vamos pra Belo Horizonte. Eu vou precisar de você. Sabe o que ela teve a audácia de falar? Eu não liguei pra nada, ela disse:

— Ah, ela é velha, ela tem medo de avião! Deixa que eu vou, Dr. Luís Augusto!

Sabe? Depois não quer que o homem cante a mulher? Dando uma dessa em cima do cara!?

“Leva eu!”, ela falou. Eu não gosto de trabalhar com mulher. Chefe, então! Não presta. É verdade.

Cuspe no café do chefe

Joanna: Aliás... de chefe... hehehe... quando eu trabalhava na Deltec, eu cuspi no café do meu chefe, hahaha. Era assim, eu trabalhava para o diretor e os cinco assistentes dele. Sabe como que é advogado, né? Aquelas laudas enormes pra datilografar... e era máquina elétrica, ainda bem que era elétrica. Eles tinham que dar entrada no fórum às cinco horas, às três horas eles começavam

a trabalhar... tinha vontade de matar eles. Aí tinha um deles, um advogado, que qualquer pessoa que entrasse na sala dele, ele pedia um café. E não tinha copeira no andar, a gente tinha que ir e fazer o café, numa máquina. Entrava um, ele pedia um café. Um dia, entraram 5 na sala dele. Ele pediu: "Joanna, cinco cafezinhos aqui!". Falei: "Ah, filho da puta, você vai tomar café hoje...".

Escolhi a xicrinha dele, dei uma cusparada! Ficou aquela espuma, sabe? E dei o café pra ele. Homem chato! Deus que me perdoe! Ele falava que eu era muito agitada, na época que meus filhos ligavam o dia inteiro pra mim... hehehe... que eu tinha que fazer meditação... como é?... meditação transcendental, hahaha!

Eu tinha uma raiva dele! Dr. Mário. Já morreu. Tá azucrinando Jesus Cristo lá. Mas eu tinha ódio quando ele pedia café! Não era um só pra ele, entendeu? E você tinha que ir na cozinha, fazer o café, levar na bandeja, cheia de serviço que eu tava... nossa, mas eu odiava aquele homem. Ah, e o meu espirro! Hahaha. Quando eu espirro, eu faço "atchiiimmm!", né? Hahaha. Toda vez... olha, toda vez que eu espirrava, ele abria a portinha dele e falava:

- Foi seu espirro, Joanna?
- Foi sim, Dr. Mário.
- Educado, né?

Sabe aquele chato? (*risos*). Mas que ele tomou café com o cuspe, ele tomou. Deve ter achado gostoso ainda...

Tico: Você ficou muito tempo trabalhando com ele?

Joanna: Dez anos! Dez anos. Tinha alguns advogados que eram legais, brincalhões, levavam tudo na esportiva. Mas ele, menino, eu tinha vontade de datilografar um papel só de vírgulas porque não era computador, se ele alterasse alguma coisa eu tinha que escrever tudo de novo, né? E ele ia lá, punha uma vírgula aqui, punha um ponto ali (*faz a imitação dele colocando as pontuações no papel*).

Eu falava: "Qualquer dia, Dr. Mário, eu vou bater uma folha cheia de ponto e vírgula pro senhor saber onde o senhor vai enfiar...". Hahahaha!

É duro trabalhar pros outros, né? Nossa Senhora...

CAPÍTULO 9

PODIA ACABAR O MUNDO QUE A GENTE RIA

Final dos anos 1980 e anos 1990

9.1.

Viagens em família

Acampamento Quedasagua

Andréa: Eu lembro quando a gente ia acampar no Quedasagua, tio.

Domingos: Ah é! Verdade!

Andréa: Você tinha uma barraca que deixava montada lá, né?

Domingos: Deixava.

Cida: Era chique, tinha até carpete a barraca.

Andréa: É, eu me lembro.

Cida: Era uma barraca que tinha em cima uma cobertura que o Domingos mandou... conta, Bem.

Domingos: Bom, a gente recebia muito equipamento no Metrô, e tinha

a madeira das embalagens, né? Então eu mandei separar e fiz um tablado. A barraca não ficava no chão. Eu pus a barraca em cima do tablado. Mandei uma lona de 10x9 com perfilados, e fizeram uma cobertura em cima da barraca. Então, tinha o tablado acarpetado, tinha a barraca, e tinha a cobertura em cima. Era um espetáculo a barraca! Barraca com três dormitórios.

Andréa: Era grande...

Domingos: O Paulo passou a lua de mel lá!

Cida: O Paulo pediu a chave da barraca.

Domingos: Hehehe!

Cida: Ele chegou pro tio, falou: “Ô tio, você empresta a chave da sua barraca pra eu passar a lua de mel?”.

Domingos: Hehehe!

Cida: E foi lá no Quedasagua. Porque era uma barraca chique!

Andréa: Era uma delícia lá. Era maravilhoso.

Domingos: Era muito gostoso.

Cida: E olha, também ia a dona Luiza, o seu Vicente...

Domingos: Era na frente de um lago, meu pai saía e ficava pescando.

Cida: A Dona Luiza que fazia a comida lá.

Vicentinho: Eu voltei lá em 2012, quando namorava a Camila. Fechou aquela parte onde tinham as barracas, sumiu o lago. Ainda tem a piscina, e o restaurante é mais afastado.

Andréa: Tinha um escorregador lá...

Vicentinho: Tinha o tobogã e a piscina.

Andréa: Mas tinha uma cachoeira também, não tinha?

Domingos: Era do lado da barraca.

Vicentinho: A cachoeira artificial. Mas sumiu tudo, aquilo lá não existe mais. Aquilo lá ficou uma porcaria, ficou tudo abandonado. Mais pra frente eles fizeram uma rede de hotéis. Bem grande. Dizem que é superbom lá.

Cida: Andréa, lá no Quedasagua tinha um lugar praqueles... carros que viram casa... como é que chama?

Andréa, Tico, Vicentinho e Zé Carlos: Trailer!

Cida: Trailer! Você lembra?

Andréa: Não.

Cida: Tudo bonitinho, com flores...

Andréa: Não, eu lembro da tua barraca, eu lembro que a Vivian dormia na banheirinha.

Domingos: Tinha a churrasqueira do lado, meu pai fez uma churrasqueira.

Cida: E a Vivian adorava! Chegava (*em casa*) na Cerro Corá ela até chorava...

Domingos: É, a Vivian começou a engatinhar lá.

Cida: Eu punha ela pra dormir debaixo das árvores... Três meses ela tinha, eu ia acampar!

Andréa: Ela dormia na banheira, eu lembro.

Cida: A gente tinha uma Belina... ia com três...

Domingos: Meu Deus do céu! Sexta-feira ia para o camping. Bom, eu falei: — Prepara tudo aí que eu tô chegando!

Cheguei, aí começou a pôr as coisas no carro, eu esperando... “Pronto!”. Desci no carro:

— Agora eu quero saber onde é que eu sento!!

Cida: Hahaha.

Domingos: Porque... pô, eu tinha que dirigir, não tinha retrovisor, não tinha nada... e eu pondo a cabeça pra fora pra tentar olhar... Terrível! O que tinha naquela Belina você não faz ideia!

Cida: Era banheira, chiqueiro, carrinho, colchão...

Joanna: Pra que levar tanta coisa? Levava só chiqueiro... não precisava nem do bercinho...

Cida: O carrinho que ela tinha que andar.

Andréa: Mas não tinha bercinho, ela dormia na banheira.

Cida: Eu dava banho na Vivian lá! Eu não sei... se fosse hoje. Mas era uma delícia! Tinha um colchão. Dormíamos muito bem. Tinha três quartos.

Domingos: Meu pai e minha mãe usaram muito também.

Cida: A dona Luiza levava o fogãozinho dela, fazia arroz, feijão, todas as comidas que ela costumava fazer, e a gente comia muito bem.

Domingos: Tinha os dormitórios e tinha a antessala que era grande, depois tinha a cobertura ainda na frente.

Andréa: Eu lembro. A varanda.

Cida: As cadeiras ficavam lá. Nossa, nós deixamos muita coisa lá!

Domingos: Eu dei tudo lá.

Cida: Tudo. Cadeira...

Domingos: Aí decidimos fazer sítio, falei: “Vou pegar tudo aquilo lá, vou ficar louco”. Deixei lá. Não sei o que fizeram.

Zé Carlos: Mas você não vendeu nem nada?

Domingos: Nada, deixei lá.

Cida: Deixou lá, abandonou.

Joanna: Abandonou lá?!

Domingos: É. Época boa também.

Cida: Foi época. Olha, nós curtimos viu. **Antigamente foi uma época feliz.** Ia lá acampar, as crianças adoravam, ia a Andréa, a Mônica, todo mundo. A Joanna acho que nunca foi.

Joanna: Eu nunca fui.

Cida: Por que será que você nunca foi?

Joanna: (*Faz um gesto de dúvida.*)

Cida: Acho que porque não cabia no carro...

Joanna: Não cabia no carro.

Domingos: Hehehehe!

Cida: Porque iam um monte no carro. Iam os três: a Andréa, a Mônica, o Paulo...

Domingos: Que sei eu... Não entendo como essa família consegue se agrupar tanto! Hehehe.

Andréa: Antigamente todo mundo andava no chiqueirinho.

Cida: Ia gente no porta-malas.

Joanna: Eu punha chiqueirinho no carro.

Cida: Antigamente sempre tinha um lugarzinho pra todo mundo, né? Como nas casas, né? Até na barraca tinha lugar pra todo mundo dormir! Na casa da praia, na casa da vovó. Então, **sempre se dava um jeitinho.** Tinha um cantinho pra cada um.

Praia Grande

Andréa: A gente queria que você contasse, tio, a história do buraco lá na Praia Grande. Vocês ficavam jogando buraco...

Domingos: Pô, é mesmo... tempo bom!

Cida: Tempo bom! E lá de Itupeva também, né?

Andréa: Itupeva também!

Cida: Que ia o Paulo...

Domingos: Itupeva foi mais do que na praia...

Cida: Não, Bem, é que na Praia Grande ficava você e a Joanna só. Varavam a noite...

Domingos: Itupeva era todo mundo.

Cida: Era você, o Paulo... quem mais?

Domingos: Mônica.

Cida: Mônica... bons tempos, né?

Andréa: Sim!

Domingos: E ela (*refere-se a Cida*) na janela, né?

Joanna (imitando Cida): “Benhê! Você não vem dormir, Benhê?”

Domingos e Cida: Hehehehe!

Domingos: Exatamente!

Cida: Aaaaai, que tempo bom, né?

Andréa: Foi maravilhoso, a gente se divertiu muito! Na Praia Grande também a gente tem bons casos...

Cida: Ah! Tem também!

Andréa: Do réveillon que a gente passou sem água...

Cida: É, aquele réveillon foi...

Andréa: Lembra que acabou a água?

Cida: É, parece uma novela, né? Da Dona Xepa. Não parece?

Andréa: Aquele a Isabella já tava, né?

Cida: Tava.

Andréa: Eu tava grávida do Lucca.

Cida: Cê tava grávida do Lucca. Nossa, até hoje, ele também (*faz menção a Domingos*) outro dia perguntou: “Como é que dormiu tanta gente naquele casa?”.

Andréa: Hahahaha!

Cida: Tinha três quartos...

Domingos: Na época eram dois!

Cida: Ah é! Eram dois!

Domingos: Nós não tínhamos reformado.

Cida: É! Dois! Foi no começo da casa.

Domingos: É.

Cida: Ainda estava com os móveis que a Célia tinha dado: fogão, geladeira... tudo amarelo.

Domingos: É. E sem água, né?!

Cida: Sem água! Eu não sei... e tudo numa boa...

Andréa: E a gente ria muito!

Domingos: É!

Cida: Sem estresse, né? Sem estresse... como é que podia, né?

Joanna: Podia acabar o mundo que a gente ria, né?

Cida: Só ria!

Domingos: É verdade! Verdade.

Cida: Que delícia, viu!

Domingos: A gente levava a vida de forma mais leve.

Cida: É. A gente às vezes ia ficar lá no portão da casa de praia... Eu tenho saudades, quando a gente sentava tudo lá na garagem ou na rua mesmo, na calçada. Tinha a minha vizinha também que era excelente, e a gente ficava batendo papo até altas horas...

Cida: Foi muito gostoso! Nós curtimos bastante!

Andréa: Sim. A gente ria demais!

Cida: Ria! E a vovó também só ria, né? A vovó só ria. Também não tinha tempo ruim pra ela.

Domingos: Não tinha, pra ela não tinha tempo ruim.

Cida: Tava sempre numa boa, fazendo comidinha, dando risada, falando pau-sa-da-men-te.

Andréa: Hehehe!

Domingos: A única coisa ruim da praia é que não deixavam a gente cozinhar, né, Joanna?

Cida: Hehehehe!

Domingos: Foi terrível, né?

Joanna (*imita Cida olhando em volta e recolhendo coisas do chão*): Era assim mesmo! A gente picava pimentão pra fazer... o que a gente fazia? Como

que chama aquele prato? Paella... paella! Então, tinha que picar as coisas... lá fora, hein!

Domingos: Na edícula!

Joanna: Na “rrridícula”! E a Cida lá atrás de nós dois, olhando o que a gente derrubava no chão (*faz um gesto com a mão pinçando coisas com os dedos*).

Domingos: Caia um pedacinho de pimentão, ela ia e pegava (*repete o gesto de Joanna de pinçar com os dedos*).

Andréa: Hahaha!

Cida: Vai, seus fofoqueiros!

Andréa: Mas o que eu queria saber é se você lembra da cartinha que caiu... Lembra da cartinha da minha mãe? No dia que a gente tava jogando buraco, tava eu, você, a Priscilla...

Domingos: Ah lembro! Hahaha!

Andréa: Hahaha!

Cida: O que é que foi? Não lembro!

Domingos: Foi uma reação sonora, né?

Andréa: Foi!

Joanna: Hahahaha!

Cida: Ahhhhh! Lembrei!

Andréa: A gente tava jogando buraco, e aí, em determinado momento...

Joanna: A Priscilla lá perto de mim, ela afastou e fez (*imita uma cara de espanto com o corpo reclinado para trás*).

Andréa: Hehehe... ela fez só uma carinha assim (*imita uma cara que transparece uma mistura de desconforto com não saber exatamente o que fazer*). A Joanna foi pegar assim a carta (*demonstra Joanna abaixando até o chão para pegar a carta*) e fez um “prrrruuuu!”. Ah, nossa Senhora, a mesa toda caiu (*de rir*)!

Domingos: Acabou o jogo!

Andréa: Acabou o jogo! Todo mundo rindo de montão ali. A Priscillinha ficou toda sem graça, ela tava bem do lado da Joanna!

Joanna: Hahahaha! Você vê ela fazendo assim, ó (*imita-a virando vagarosamente a cabeça para o lado, com cara de espanto*).

Cida: E a Priscilla era toda delicada, né? Toda educadinha.

Andréa: Ela não tava acostumada com essas coisas...

Cida: É, ela não tava acostumada com essas coisas.

Domingos: Ela ficou assim, ó (*demonstra, pela face, uma reação combinada de incômodo com inação*). Hahaha!

Andréa, Cida e Joanna: Hahahaha!

Andréa: Mas essa é uma recordação histórica.

Joanna: E o dia em que a cadeira quebrou na praia?

Domingos: Eu olhei...: “Ué, o que você tá fazendo aí, Joanna?”.

Joanna: Hahaha!

Cida: Lá também era gostoso. A gente ia pra praia, sentava lá, passavam quinhentos carrinhos de sorvete, e nós (*faz um gesto de tomar sorvete*). Passava camarão, esse aí (*aponta para Domingos e mantém o gesto de comer*)...

Domingos: Passava uma ave, a outra (*aponta para a Joanna*):

— Domingos, que ave é essa?

— Eu lá vou saber que ave é essa, pô!

Andréa: Hahaha!

Domingos: Hehehe... não podia posar uma lá...

Andréa: Hehehe.

Cida: Daí, eu ia atrás do carro do milho, porque esses adoravam comer milho. Vinha o carro lá embaixo, o Domingos: “Vai lá chamar o cara!”. Ele encostava lá nas nossas cadeiras e fazia o milho, tirava o milho da panela, preparava com manteiga e... nossa! O que comiam na praia!

Domingos: Tinha queijo, tinha camarão... tinha de tudo.

Cida: Queijo! Camarão, sorvetes...

Joanna: Não precisava nem fazer o almoço.

Cida: Que sorvetinhos gostosos, aqueles de palito!

Cida: E lá na praia, eu sei que ficou um quarto pra você (*falando para Zé Carlos*), pro Tico, pra Priscilla, pra Célia e pra minha mãe. E a Célia não deixava minha mãe dormir. Diz que ia cutucar ela toda hora.

Joanna: Que nem ela fazia em Itupeva comigo!

Cida (imitando Célia): “Mãe? Cê tá dormindo?”

Joanna: É assim mesmo que ela falava!

Zé Carlos: Porque ela tava roncando!

Cida: Ah! Ela roncava?

Zé Carlos: (*Assente com a cabeça*.)

Joanna: Mas eu tava na sala, ela tava no quarto, lá no fundo. Por que é que ela tinha que vir perguntar pra mim se eu tava dormindo?

Andréa: Hehehe!

Joanna: Lá na sala!

Zé Carlos: Porque você tava roncando...

Joanna: Ah... tá bom... hehehe.

Cida: Ela não dormia! Ela ficava vendo tudo o que acontecia à noite. Eu me lembro também que às vezes ela ia com você (*fala para Zé Carlos*) e com as crianças pra ficar uns dois, três dias. Depois ela queria ir embora, não era isso?

Zé Carlos: Nem ficava dois, três dias, não. Um dia só, e olhe lá!

Cida: Até a gente falava “Puxa vida!”.

Joanna: O passarinho, Zé! Lembra? Ela falava que tinha que voltar por causa do passarinho.

Cida: Vocês chegavam, dormiam uma noite, no dia seguinte ela queria ir embora.

Domingos: É.

Cida: Levavam tanta coisa! E ela não ficava. Ela nunca foi de querer dormir na casa dos outros.

Zé Carlos: Não gostava, não. E quando a gente ia para Itu, ela também ficava uma noite só, e dormia no hotel...

Joanna: Onde?

Zé Carlos: Em Itu.

Cida: Você chegou a ir também.

Joanna: Fui uma vez. Fui eu, a Priscilla e ela. Hahaha...

Zé Carlos: Era uma noite só, ela dormia no hotel, não queria dormir na casa do pessoal. Ainda eles ficavam: “Vem dormir aqui em casa!”. Não ia.

Joanna: No dia seguinte, nós cedinho puxamos o carro.

Cida: É, ela não gostava.

Joanna: Foi aniversário de 80 anos da Esther, lembra?

Zé Carlos (*assente com a cabeça*): Mas teve uma vez que você foi, e a gente dormiu no hotel também.

Joanna: No carnaval?

Zé Carlos: É.

Joanna: Eu lembro. Mas... na vida tudo passa, né? Nos bondes tinha assim, aquelas placas: "Nesse mundo tudo passa, menos o condutor e o motorneiro". Lembra?

Cida: Tinha a música de um baixinho que cantava: "♪ Mas tudo passa, tudo paaaassará... ♪ "

Joanna: Um baixinho não, um anáozinho, né?

Domingos: Não é da minha época... (*dá uma leve piscada*).

Cida: Como não... era o...

Tico: Nelson Ned.

Cida: Nelson Ned! Cantava pra caramba aquele cara.

Joanna: Ele morreu já, né?

Vicentinho: Morreu...

Cida: Morreu... mooooorreu... e é isso, tudo passa...

9.2.

Itupeva

Entre amigos

Domingos: Lembra do Augusto?

Andréa: Eu lembro.

Joanna: Nossa...

Cida: Ah! Outro!

Joanna: O que ele recebia mesmo? Um índio?

Domingos: Como era mesmo o nome?

Andréa: Não era o Exu Tranca-Rua?

Domingos: Não, não era...

Joanna: Era um índio que ele recebia.

Domingos: Era um índio. É. Tinha outro nome.

Cida: Ai! Quanta risada!

Domingos: Eu sei que uma época, eu tava com uma dor nas costas, ele apareceu tomado, falou: "Deita!". Eu falei: "Vamos ver, né?". Deitei, ele pulou nas minhas costas...

Joanna: Hahaha!

Domingos: Depois olhei bem pra ele, falei: "Esse filho da puta tá bêbado!".

Andréa e Domingos: Hahahaha!

Domingos: Eu falei: "Já tô bom! Pode parar!". Hehehe.

Cida (para Andréa): Você ia também no Augusto, né?

Andréa: Acho que umas duas vezes.

Domingos: Foi uma época sensacional com o Augusto.

Cida: Quanta risada... Ele fazia pizza!

Domingos: Uma madrugada, dormindo, eu ouço lá fora: "Domingos!". Eram umas duas horas da manhã, né?

Cida: Eram.

Domingos: Falei: "Nossa, parece que é o Augusto".

Aí eu saí, falei: "O que foi Augusto?". Ele falou: "Vamos apagar o incêndio!". Eu olhei praquela montanha que tem lá, a montanha tava todinha pegando fogo! E ele com uma pá, bêbado feito uma vaca! Queria apagar o fogo... Eu olhei, falei: "Augusto vai dormir, vai! Não enche o saco! O que você quer apagar aí, meu?!".

Andréa, Cida e Joanna: Hahaha!

Domingos: Mas foi tão forte o incêndio que queimou até os postes da rua! Eram postes de madeira. Mas um sarro... bêbado que tava até caindo, com uma pá queria apagar o fogo.

Joanna: Hahaha!

Tico: E o que ele era, o Augusto?

Andréa: Ele era vizinho.

Cida: Era um vizinho de Itupeva, morava em frente à nossa primeira casa.

Domingos: É. Nós começamos a construir lá, depois de um mês ele começou a construir...

Cida: Oitenta e dois, foi.

Domingos: ... em frente. Foi 82, isso. Eu fui o quarto a construir, e ele foi o quinto a construir lá. Mas bem em frente mesmo. E a gente criou uma amizade violenta, né? Porque naquela época só tinha café lá, não tinha ninguém. Mas foi muito bom, uma amizade muito legal.

Cida: Ele chamava todo mundo, fazia pizza. Ele cozinhava muito bem...

Domingos: Feijoada!

Cida: ... a esposa dele também era um amor.

Joanna: Churrasco!

Cida: Ia toda a “trempa”: Andréa, Paulo, Carmen, Daniel, Mônica.

Andréa: Tem até foto, acho que no álbum da minha mãe, da gente descendo a escada da piscina dele.

Joanna: Ah, eu tenho essa foto.

Domingos: Tinha o cunhado, o... Toninho. Pulava na piscina de guarda-chuva e pé de pato, você lembra?

Andréa: Hehehe... não...

Domingos (*imita o homem com um guarda-chuva aberto, fazendo menção de pular na piscina*): Punha o biquíni da mulher dele... hehehe.

Cida: Essa época não tinha piscina na minha casa, então ele chamava todo mundo. Eles eram muito legais!

Domingos: A gente aproveitava direto!

Cida: Ia a família inteira lá na piscina dele, e eles não estavam nem aí. Adoravam.

Cida: Eu sei que ele também fez parte da nossa vida.

Domingos: Ah, fez!

Cida: Foi uma fase bem feliz, a Joanna também tava sempre junto.

Andréa: Sim, eu me lembro da casa do Augusto.

Cida: A Sônia, a mãe dele, era um amor.

Domingos: Ele tinha a varanda que era um deck, né? E era com madeira e tinha espaço. Embaixo, tinha o pessoal com as cadeiras, com a poltrona pra ficar deitado. Deitava um lá, ele pegava um balde de água... hahaha...

Cida: Era o primo dele.

Domingos: ... pegava um balde de água e jogava... hahahaha... não deixava ninguém quieto, era terrível!

Cida: Era só folia! Só risada também com o Augusto. Jogava tômbola, né? Você também jogava tômbola com o Augusto (*fala para Joanna*).

Joanna: Lembro.

Cida: Era também só risada!

Domingos: Ele fazia pizza e jogava tômbola.

Joanna: Ele era muito animado.

A Casa da Vó

Andréa: E a casa da vó foi quanto tempo depois disso? A casa da vó Concheta?

Joanna: Ela já tinha a casa quando a Cida ainda morava na primeira casa dela.

Andréa: Sim, primeiro foi a tia Cida, depois foi que a vovó comprou o terreno e a casa.

Cida: Foi! Ó, não é pra me gabar, mas foi por causa do Domingos que a vovó comprou a casa lá, né?

Domingos: Foi.

Cida: Você que arrumou o negócio da casa de madeira, pra fazer...

Domingos: Foi. Entusiasmei ela, porque achei o lote muito bom, né?

Andréa: E era bom.

Domingos: Falei: “Dona Concheta, por que a senhora não pensa em vir pra cá?”. Eu via que ela adorava aquilo, né? Ela decidiu comprar. E ela usou bem aquilo.

Cida: Ela amava aquilo.

Andréa: A gente usou muito, né?

Domingos: Eu acho que foi a melhor coisa que fizeram pra ela.

Cida: Tanto é que depois que vendemos a casa, pra comprar o apartamento dela, ela entrou em depressão. Não andou mais.

Domingos: É porque ela tava querendo ir sozinha, não dava mais...

Cida: Não dava mais... E a gente também não podia ir muito mais pra lá, né?

Domingos: Outra coisa que eu nunca esqueço dela: toda sexta-feira a gente ia, quando a gente tava sem chácara. Porque eu comecei a montar a casa de madeira, mas a gente ficava lá, né? Chegava sexta-feira, eu buzinava, ela saía com um sorriso! Não esqueço até hoje. De gostar mesmo!

Cida: Aquela alegria!

Andréa: Nossa, ela adorava!

Cida: Daí tinha: a torta de banana, o pudim, que diz que a Joanna vai fazer — até hoje não fez — de laranja...

Joanna: Hahaha... ah, o de laranja...

Cida (*imita a mãe falando*): “Ai, Domingos, eu fiz sua torta de banana!”, que o Domingos adorava.

Domingos: Ela ficava muito feliz!

Cida: Ela ficava feliz quando ia gente! Queria ver ela feliz, era ir um monte de gente na casa dela. Ela ficava feliz!

Joanna: Mas olha, aquela casa tinha dois quartos, sala, cozinha e banheiro.

Andréa: A gente ocupava todos os cômodos! Hehehe.

Joanna: Olha, teve aniversário da minha mãe que estavam: a Andréa, o Ricardo...

Andréa: A Mônica dormia no banheiro sempre.

Tico: Como ela dormia no banheiro?

Andréa: Ela punha um colchão e dormia ali porque ela não aguentava o barulho dos roncos.

Domingos: Bom, isso é uma coisa que eu não entendo até agora, **como é que vocês conseguem se acomodar em espaços tão pequenos?** Hehehehe!

Joanna: Eu lembro que uma vez a Célia dormiu lá. E eu dormia no sofá da sala. Aí ela veio, sentou bem perto de mim e falou: “Joanna, você tá acordada?”. Eu falei (*faz como num rompante de susto*): “Ah! Agora tô, né, Célia!”.

“Ai, não consigo dormir...”. Hahahaha!

Ai, a tua mãe (*fala para Tico*) era um inferno, viu? Bem assim na minha cara. Eu acordei, e ela lá na minha cara! “Tá dormindo?”. Hehehe. Falei: “Tava, né, Célia!”. Hahahaha.

Cida: Tinha um colchão que a sua irmã (*para Domingos*) deu. Um colchão de mola...

Domingos: Nós levamos para lá.

Cida: Levamos pra lá. Quando ia na minha mãe, eu e você dormíamos na sala.

Domingos: É.

Cida: No colchão. Aquele colchão não sei onde que minha mãe punha. Um colchão enorme.

Domingos: Era de casal.

Cida: De mola! Pesava pra caramba. E tava lá porque a minha cunhada deu. Até a sua mãe (*para Domingos*) dormiu lá uma vez. Ela disse que tava com o seu Vicente no cafezal 6, naquela edícula que a gente tinha, daí ela escutou um barulho, ficou com medo, pegou o carro (*faz um gesto de “se mandar”*), chegou na minha mãe:

— Ah, tem um lugarzinho pra dormir?

E como sempre, tinha, né?

Andréa: Coração de mãe.

Cida: Daí como tinha o colchão, eles dormiram no colchão, sua mãe e seu pai (*fala para Domingos*).

Joanna (*imitando Cida*): “Benzoco, cé não vai entrar? Cê não vai dormir?”

Cida: Ah... é... quando vocês ficavam jogando. Eu ficava com o Pedrinho. O Pedrinho era nenê...

Joanna: Pedrinho não era nenê, era o Daniel.

Cida: Eu sei que eu ficava tomado conta do... do... do... do... não sei se era o Daniel ou o Pedro, enquanto vocês jogavam. E eles ficavam dormindo. As crianças todas dormindo, eu tomado conta delas, e eles jogando. O Paulo tocando violino... ele só tocava uma música, né?

Joanna: “As Quatro Estações”, de Vivaldi.

Cida: Ele ia pra Itupeva e levava o violino.

Andréa: Na verdade o violino segurava o banco da Variant dele. A caixa do violino tinha que estar sempre ali, porque se não, o banco dele caía para trás.

Domingos: Hehehe.

Andréa: Então por isso que ele tava sempre com o violino no carro.

Domingos: A gente usava muito a casa da dona Concheta.

Joanna: A gente cortava lá por trás, né?

Domingos: É, descia pelo lado da minha chácara.

Cida: A Joanna chegava de Brasília e vinha buzinando. De longe a gente escutava a buzina. Os meus filhos saíam correndo pela picada (*rua*) que dava pra casa da minha mãe, pra ir encontrar a Jô. Que eles adoravam vocês (*fala para Andréa*) também, né? A Mônica, a Andréa e o Paulo.

Andréa: Era bagunça, né? Hehehe.

Cida: Aí iam por uma picada. Uma picada que tinha atrás.

Andréa: Eu lembro dessa picada. Mas a picada não era da primeira casa?

Domingos: É.

Cida: Da primeira casa!

Andréa: Ah, sim! Eu me lembro porque era bem na rua de baixo.

Cida: Era na rua de baixo da vovó. Era.

(*Um tempo de reflexão.*)

Cida: Olha, **foram os tempos mais felizes da nossa vida!**

Zé Carlos: A gente ia direto lá de fim de semana. Na sexta-feira já se preparava. Muitas vezes se desse pra ir na sexta, a gente ia na sexta, se não, ia no sábado de manhã cedinho. Aí ficava lá e domingo de tarde vinha embora. Direto, durante muitos anos.

Tico: Alguma memória específica de Itupeva que você lembra?

Zé Carlos: De Itupeva era muita brincadeira, muitas coisas que a gente fazia. A dona Concheta sempre pedia pra fazer alguma coisa, arrumar algum negócio. Arrumava, e do resto ficava lá brincando. Só que eles (*os filhos de Joanna*) já eram um pouco maiores, então já era outro tipo de coisa, não era mais brincadeira de criança.

A gente saía pra dar uma volta, que era mais sossegado, você podia sair, as portas ficavam todas abertas, não tinha perigo nenhum. E passava o tempo.

Tico: E lá você filmava a família. Como começou isso e como era pra você?

Zé Carlos: A partir de um serviço que eu fiz, em um estúdio de gravação, eu arranjei a câmera. Comprei a preço de custo. Aí comecei a filmar. Comprava os rolos de filme pra ficar filmando as coisas.

Tico: O que você gostava de filmar lá?

Zé Carlos: Tudo. Tudo o que podia filmar, eu filmava. Pra mim era tudo

novidade, então eu tava lá (*faz um gesto de apontar a câmera*), com o negócio pra baixo e pra cima. Até a formiga que passava na rua eu: “Opa! A formiga tá passando! Vamos filmar a formiga”.

Joanna: E a gente assim, ó (*balança a cabeça de um lado pro outro, vira os olhos e simula uma vertigem*), vendo os vídeos dele... Nossa, dava tontura até!

Zé Carlos: Hehehe.

Joanna: Mas foi uma boa época, né, Zé?

Zé Carlos: É, foi.

Joanna: “**Nóis**” era pobre mas se divertia, né?

Zé Carlos: Se divertia. Era legal. Muito legal.

Joanna: Lá em Itupeva, a tua mãe (*Célia*)... eu dormia na sala, e vocês dormiam no quarto, eu tava dormindo, ela ia lá (*imita-a cutucando com o dedo*): “Joanna, cê tá dormindo?”.

Eu falava: “Eu estava, Célia! Que você quer?”.

“Não, é que eu não consigo dormir...” Hehehehe. Eu queria matar a Célia!

Zé Carlos: Quando mudava de rotina era difícil pra ela dormir. Não sei por quê, mas ela não dormia...

Joanna: É, e ela ia lá me cutucar (*repete o gesto com o dedo*).

Zé Carlos: Tanto é que quando a gente ia pra Itu... gozado... em casa dormia junto, quando chegava em Itu, ela queria que dormisse separado. Porque tinha quarto que tinham duas camas de solteiro, às vezes chegava lá e falavam que não tinham quarto de casal e sugeriam juntar as camas. Quando chegava no quarto, ela dizia: “Não junta, não!”.

Joanna: Hahaha!

Zé Carlos: Não sei por que ela não conseguia dormir em outro lugar... acho que era tudo novidade, né? E aí não conseguia dormir, então tinha que dormir separadinha.

Priscilla: Os nossos passeios não eram nunca passeios tranquilos. Sempre tinham um caso, alguma confusão. No final, no começo, sempre tinha.

Joanna: Mas era gozada aquela época, viu.

Priscilla: A gente se divertia.

Joanna: A gente se divertia com tão pouco, né?

Priscilla: Tão pouco. Em Itupeva mesmo a gente não tinha nada, lembra que tinha só aquela piscininha regando...

Joanna: A piscininha...

Priscilla: Todo mundo ficava três horas esperando pra encher a piscina, daqui a pouco pulavam o Bernardo e a Samantha!

— Ai!!! Bernardo! Ai, Samantha!

Joanna: Hahaha. É verdade! E quando o Bernardo pegava a bola? Ele e a Samantha, vocês ficavam putos!

Tico: A molecada queria brincar, e os cachorros não deixavam...

Joanna: Hahaha. Muito engraçado.

Priscilla: A gente se divertia com muito pouco mesmo. Não tinha nada...

Joanna: Mas a gente se divertiu, sim.

Priscilla: A gente bagunçava um monte.

O quadro de Itupeva

Laís: Tinha um quadro em Itupeva que a dona Concheta tinha mandado pintar, um senhor português amigo dela, né Zé, você lembra?

Zé Carlos: Lembro.

Laís: Daí o quadro era bonito... e era... parece que era uma rua, e tinha uma casa e três pessoas na janela, assim, olhando a rua. O seu José Carlos, muito sagaz... hehehe... pegou e cortou a fotografia de cada uma delas — da Cida, da Célia e da Joanna — e colocou no quadro. Colou! Colou lá no quadro, na carinha das três fofocaquinhas que tavam ali olhando, né? Daí, parece que um dia a dona Concheta ficou olhando:

— Gozado... parece a cara delas, não?

Hahaha! A dona Concheta:

— Parece a Joanna... parece a Cida...

Hahaha! É uma pena que esse quadro ninguém sabe... onde foi parar.

Zé Carlos: Então, sumiram com o quadro.

Laís: Que falta de atenção! Que eu também fiz na minha casa... mas como a gente faz coisa errada...

Zé Carlos: Duas coisas que eu senti muito que eu não sei... sinceramente

não sei se a gente tava com a cabeça avoada ou não sei o quê, é o quadro e o relógio.

Laís: Esse relógio que você tá falando, eu não sei qual é... (*pensa por um tempo*). É um estreitinho assim (*faz um gesto demonstrando a estreiteza do relógio com as duas mãos*):

Zé Carlos: É, é, é...

Laís: Que tinha aquela coisa assim pequeninha...

Zé Carlos: ... aquele que ficava...

Laís: ... ah, sei, sei! Eu lembro! Tô lembrada.

Zé Carlos: Inclusive tem fotografia da sala que ele aparece, mas acho que tem até nas gravações que foram feitas no aniversário da dona Concheta, ele aparece lá.

Laís: Aaaaaah! Então... e outra coisa era esse quadro.

Zé Carlos: Eu cortei as fotos delas e comecei a colar, uma foto numa janelinha que tinha uma casinha...

Joanna: Eu tô andando na rua!

Zé Carlos: A Joanna andando na rua.

Joanna: A Célia e a Cida tão na janela.

Zé Carlos: Na janelinha, as duas na janelinha e a Joanna no meio da rua. Aí o pessoal: “Nossa, gozado, não tinha reparado nesse quadro, parece a Joanna...”. Hehehe...

Joanna: Engraçado aquele quadro sumir, né?

Zé Carlos: Então... e sumiu! Não sei que fim levou.

9.3.

A Brasília amarela (e outras histórias com carros)

“Você não sabia que não tem gasolina?!”

Andréa: Você tem tantas histórias engraçadas.

Joanna: Os carros que quebravam no meio do caminho...

Andréa: Conta essa do Paulo, com a Brasília amarela. Minha mãe tinha uma Brasília amarela...

Joanna: ... e o Paulo tinha uma branca. Bom, aí eu tinha uma amiga que trabalhava comigo na Deltec, ela quis se desfazer da sala de jantar dela. E como eu não tinha mesa nem cadeiras, eu falei:

— Se você quiser me dar, eu quero.

Então a mesa eu mandei buscar de caminhonete, aí ela falou:

— Só que eu não vou dar as cadeiras agora, porque eu preciso comprar.

Quando ela comprou, ela falou:

— Pode vir buscar as cadeiras.

Fui eu e o Paulo. Ele tinha uma Brasília branca, nós fomos lá buscar as cadeiras. Ela mora na São Vicente... morava, ela morreu, tadinha... na (*Rua*) São Vicente de Paula, ali em Higienópolis.

O Paulo ficou procurando lugar para estacionar, estacionou bem em frente a uma garagem onde estava escrito “É proibido estacionar”. Eu falei:

— Paulo, você tá vendo a placa?!

— Ah, mas a gente vai só subir e pegar as cadeiras, a gente vai descer logo...

Bom, subimos... Conversa vai, conversa vem, cervejinha daqui... nós saímos de lá quase duas horas da manhã. Com as cadeiras na mão, eram quatro cadeiras. Ajeitamos na Brasília dele, entramos no carro, ele foi dar partida... dois pneus furados! O cara da garagem furou os pneus dele.

Tico: Porque demorou muito pra tirar.

Joanna: Lógico, nós chegamos acho que eram umas seis, sete horas, saímos de lá duas horas da manhã! Na porta da garagem onde eu tinha dito: “Paulo, não para aí!”. Aí ele falou:

— Puta que pariu! Que merda! Agora eu só tenho um estepe! Mãe, pega um táxi, vai lá para casa e traz o estepe da sua Brasília. Você volta com a tua Brasília.

Hahahaha. A gente era bem duro na época, né. Minha Brasília, ela andava assim, só com o cheiro da gasolina. Eu peguei um táxi, vim até em casa, peguei minha Brasília e fui para lá (*risos*). Ele tava nessa rua assim (*mostra a localização da rua com as mãos*). Quando eu cheguei na esquina para virar para cá (*mostra a esquina da rua onde ele estava*), a Brasília morreu. Acabou a gasolina! Hahaha. O Paulo viu que eu fiquei parada lá longe, ele falou:

— O que a mãe... (*risos*) Por que que ela não vem para cá?

Sabe como é quando ele fica nervoso. Bom, até que ele foi lá me encontrar, e ele falava:

— Que você pensa? Por que você ficou parada aí? Você não sabia que eu tava lá? Eu falei: **“Você não sabia que não tem gasolina?!”**. Hahahaha!

Bom, aí tivemos que parar um táxi, pedir para ele fazer uma chupeta lá na Brasília... (*risos*). Ou pegar um pouco de gasolina dele, sei lá, isso tudo de madrugada. O Paulo todo sujo de graxa... hahaha. Chegamos finalmente em casa, com as quatro cadeiras, às três horas da manhã!

Laís empurrando a Brasília

Joanna: Ah! O dia que a Laís atravessou a (*Avenida*) Pedroso (*de Moraes*) empurrando a Brasília cheia de gente.

Andréa: Hehehehe.

Joanna: Quando tava chegando em São Paulo, não sei o que aconteceu no meu freio, eu afundava o pé, e o acelerador afundava junto. E o carro ia se arrastaaaaando, assim, que nem uma tartaruga... hahahaha! Aí chegou na Pedroso, eu falei:

— Puta merda, os caras vão bater em mim, porque o farol vai abrir, vai fechar dez vezes, e nós ainda vamos estar atravessando a Pedroso.

A Laís falou: “Ah, eu tenho uma ideia!”. Desceu da Brasília e ficou insinuando que ela tava empurrando a carro. Hahaha! O carro cheio de gente. Acho que levou uns 20 minutos para atravessar, porque eu vinha da paralela, da Diógenes, e entrava na Pedroso, depois entrava na Coropés.

Ó, demorou viu... E a Laís empurrando o carro assim, ela fazia até cara de quem tava fazendo força. Hahaha! Como se os outros fossem acreditar, né, que ela tava empurrando o carro cheio de gente.

Joanna: Tava a Laís lá, salvadora da pátria, a Superman!

Cidoca: Hahaha! A Laís empurrou o carro!

Laís: Mas eu tinha força mesmo, não era falso, era verdade. Hehehe.

Joanna: Nossa, ela quebrou meu galho aquele dia.

Laís: Eu nem lembro, a Joanna que sabe contar melhor porque... eu me lembro da história assim:

— Pode deixar que eu empurro o carro!

Hahaha. Né, Joanna?

Joanna: Não, porque eu falei: “Esse farol vai abrir, vai fechar, vai abrir, vai fechar... e a gente ainda tá no meio da Pedroso”.

Laís: Ah, é.

Joanna: E vão bater na gente. A Laís chegou: “Ah, eu tenho uma solução!”.

Ela desceu e ia assim no carro, segurando por fora (*imita o que seria a posição dela, com as duas mãos segurando a lataria do carro*)... O carro assim de gente, ó (*faz um gesto com a mão, indicando grande quantidade*). Hehehe.

Cidoca e Laís: Hahaha.

Joanna: E ela empurrando o carro...

Laís: Assim, eu ia empurrando (*faz o gesto de empurrar*).

Joanna: E o carro indo que nem uma tartaruga, “tsssssss”, deslizaaaaando.

Laís: Porque tava no ponto morto, era descidinha, né, Joanna? Então dava a impressão, quem via falava: “Nossa, o carro tá quebrado, e ela tá empurrando”, né? E respeitaram. Deram uma parada... hahaha.

Joanna: A Laís... hahaha.

Laís: Mas eu era forte mesmo, não é? Eu tinha força, empurrei sozinha o carro... hahaha.

Joanna: Ela só pôs as mãos assim (*repete o gesto das mãos segurando a parte externa do carro*).

Laís: Só fingi que tava empurrando atrás pra dar a impressão pras pessoas que vinham atrás. Pra respeitar, né, parar o carro e esperar a gente passar.

Joanna: E respeitaram, hein. Se fosse hoje... passavam por cima.

Laís: Nossa, é. Passavam por cima, é verdade. E eu lá atrás empurrando...

Joanna: Foram belos tempos, né, Laís?

Laís: E daí eu não sei como que a Joanna chegou da Pedroso de Moraes até a Guacuí. Com o carro sem o...

Joanna: Acelerador.

Laís: Não, o cabo do acelerador.

Cidoca: Cê não tava junto?

Laís: Tava, eu tava.

Joanna: Ela tava. Ela não empurrou o carro???

Cidoca: Mas depois como que você não lembra como chegou?

Laís: Eu não lembro... Claro que nós chegamos, mas eu não lembro...

Joanna: Nós chegamos. Deu pra pôr o carro no estacionamento. Tinha aquele mecânico, aquele japonês na Guaicuí, lembra? Que ele sempre corria pra me ajudar?

Laís: Olha só, era de noite. Que coisa, né, Joanna, o carro veio, você fez a manobra (*faz um gesto do carro descendo uma rua e virando para o lado*), eu não sei... não dá pra entender tudo isso. Como o carro chegou bonitinho na...

Joanna: Aquela Brasília só faltava falar!

Laís: Nossa... é verdade. Quanta coisa, né, Joanna?

Joanna: Aquela Brasília tem história.

Roubaram a Brasília (e depois me fundiram o motor novo...)

Joanna: Ah, é! Roubaram a minha Brasília uma vez, sabe? Eu cheguei do baile e eu punha no estacionamento ali onde ficava o jornaleiro. Só que eu tinha que esperar o cara abrir a porta, né. Eu fiquei com preguiça, larguei na Guaicuí e subi. Foi o tempo de tocarem a campainha. Eu fui olhar, era o Paulo. Aí eu olhei, a Brasília não tava lá. Eu falei: “Você guardou meu carro?”

Ele falou: “Que carro, mãe? Tô chegando agora, que carro?”

Eu falei: “Eu dei o carro aqui na porta, agora”.

Tinham levado a Brasília. E era da minha mãe, como que eu ia falar pra minha mãe que tinham roubado a Brasília dela? Ela tava em Itupeva. Menino, no dia seguinte... eu não acreditava que tinham roubado a Brasília. Eu ligava pra Mônica:

— Vai no estacionamento, vê se eu não fui guardar o carro!

Não acreditei. Aí eu fui fazer o B.O., o Paulo foi comigo para a delegacia com o carro da polícia, tivemos que voltar à pé. Eu escutando o Paulo falar no meu ouvido... bastante... hehehe. Aí quando foi de noitinha, a delegacia de Caieiras me ligou. Tinham achado o carro num terreno baldio. Mas que era pra eu ir lá logo porque já tinham tirado o motor. Aí eu falei:

— Escuta, mas tem guincho aí? Como é que eu faço?

— A gente conversa.

Aí tava o amigo dele (*aponta para Ricardo*) lá, graças a Deus, que tinha carro. Em dez minutos nós chegamos em Caieiras! O carro já estava na delegacia, a delegacia estava fechada. Eu nem dormi naquela noite. No dia seguinte, o cara me trouxe a Brasília no guincho. Sabe aquela música: “♪ Estou de volta pro meu aconchego... ♪”. Deu vontade de cantar quando veio a Brasília!

Então eu pus um motor, né? Eu só podia comprar aqueles de segunda mão, porque eu não tinha o outro pra dar em troca. Aí comprei. Uma semana depois, a gente ia pra Itupeva, o Paulo quis ir dirigindo a Brasília. Eu falei:

— Paulo, não vá correndo, porque o motor está amaciando!

O que aconteceu? Ele fundiu o motor! Tava a dona Gioconda, nós todos, as crianças do Paulo, a Carmen, um monte de gente no carro. Ficamos na estrada. Aí tive que, de novo, comprar outro motor! Hehehe.

Sem placa nem Renavam

Joanna: Outra vez foi por causa da placa. O Paulo quis ir dirigindo a Brasília, eu tinha perdido a placa da frente. Tinha caído, não sei. Eu andava assim mesmo. Hehehe. Aí o Paulo foi dirigindo e ele dirige feito o capeta, né? E quando tem posto rodoviário na estrada, os carros diminuem a marcha. Eu falei: “Paulo, você fica na fila do meio porque eu tô sem a placa!”. Foi a mesma coisa que falar: “Paulo, vai para lá! Mostra pro guarda que não tem placa na Brasília!”.

Dito e feito. Ele foi para a direita, o guarda: “Encosta!”.

Veio o guarda na janelinha, o Paulo com cara de inocente, né. O guarda:

— O senhor está sem a placa dianteira.

O Paulo: “Mae! Cadê a placa do carro?!” (*Imita-o como que num rompante, agitado*). Hahaha.

Eu falei: “Não sei, Paulo, acho que caiu...”. Hahaha... E eu querendo matar ele... “Acho que caiu no caminho, você não viu? Você não notou?”. Hahahaha.

Aí o cara: “Me passa o Renavam”.

— Mae! Cadê o Renavam?! (*Imita-o novamente no rompante agitado*).

Hahahaha. Eu nem sabia o que era aquilo... só sei que o cara falou:

— Vou ser obrigado a apreender o carro.

Tava todo mundo na Brasília! O Daniel...

Andréa: A vó Concheta...

Joanna: ... a Carmen, vocês...

Andréa: Não, eu acho que dessa vez eu não tava.

Tico: Cabia bastante gente no carro, né?

Andréa: Cabia! Hahaha.

Joanna: Hahahaha... Eu falei pro guarda: “Olha, seu guarda, pelo amor de Deus, eu tô com criança, tô com uma senhora de 80 anos aqui... O senhor não vai fazer isso comigo, né?”

Ele falou: “Tá bom, então se alguém mais parar vocês, falem que eu já te multei”. E deixou a gente ir embora. Mas eram as coisas que saiam fora do contexto assim, quase que diariamente, entendeu?

Andréa: A Brasília tem história...

Vó passando momentos de apuros

Joanna: Você lembra uma vez que tinha aquele lá, o Tonhão, que vendia verdura? E os carros do Paulo eram todos meia-boca. Aí a vó quis que o Paulo levasse ela lá no Tonhão. Tava um primo dela lá, o Séptimo, e a Lourdes. Você lembra deles, né (*para Priscilla*)?

Priscilla: Aham.

Joanna: Estavam a minha mãe, o Séptimo, a Lourdes e o Paulo. Lá a vó comprou uma melancia, melão... tudo que era bem pequeno, né? E pôs no carro do Paulo. Só que o carro do Paulo era uma porcaria, lembra? E tinha uma subida na rua. Acho que eles não fecharam direito o porta-malas, na hora que arrancou... hehehe... o porta-malas abriu, caiu tudo na estrada! Hahaha. E a vó: “Ai! Minha melancia!”. Haha. Aí todo mundo que tava na rua ajudou a catar as frutas, sabe?

Uma vez também, ele tinha um fusquinha e ele tava esperando uma pessoa. Combinou com ela lá em Itupeva, porque ele trabalhava numa construtora, e o cara queria olhar as casas por lá. E ele querendo ganhar algum dinheirinho. Foram ele e a minha mãe pra Itupeva. Aí diz que tava quase chegando na cidade, o Paulo viu — porque eles se atrasaram — o carro passando pra ir embora. Então o Paulo começou a correr atrás dele. Aí o Paulo falava: “Vó, se segura!”. Hahaha!

A vó ficou quieta. Aí ela disse:

— Paulo, por que você não dá sinal de luz pra ele?

— Não tenho farol.

— Buzina!

O Paulo falou: “Não tem buzina!”.

A vó falou: “Nossa...” (*imita-a como que em desalento*). Hehehe. Diz que foi a última palavra que ela falou... “nossa”... hahaha! Os carros dele... uma vez, ele tinha uma Brasília branca que ele queria vender. E eu tinha uma amiga que o namorado tinha uma concessionária lá na Consolação. Como eu trabalhava lá no centro, eu falei:

— Deixa que amanhã cedo eu pego. Vamos deixar na casa da Carmen, o namorado dela encontra comigo lá e a gente vai.

Bom... não tinha freio de mão. Até quando o Paulo deixou o carro estacionado lá, ele pôs assim, numa ribanceirinha na casa dela, era um sábado, e ela atendia no salão. Aí tinha uma cara que foi lá fazer o cabelo, e ela viu o carro saindo de ré... hehehe. Ela chegou lá dentro e falou:

— Olha, eu nem bebi ainda... mas não tinha ninguém naquele carro!

Hahaha! O carro saindo de ré sozinho... Olha, sorte que não tinha ninguém passando na rua, menina. No dia seguinte eu fui levar pra vender, né. Tô assim, no meio da Consolação, de repente “puuuuufffl!!”. Sabe o negócio da frente, como que chama? O capô abriu! O cara falou:

— Meu Deus! Vamos lá vender logo esse carro!

Hahaha! Eu não tinha visão, menina. E não tinha como parar na Consolação pra baixar aquilo. Os carros dele eram todos assim. Tudo detonado. Hoje ele só anda de carrão (*dá uma piscadinha*).

Domingos: Uma vez, eu tinha um Fusquinha, aí estámos voltando de Itupeva... uma chuva que o limpador do para-brisa não dava conta! A dona Concheta lá atrás:

— Nossa, tô sentindo meu pé molhado...

Eu olhei no chão, tinha um furo... hahaha... era só água no chão!

Cida: Alagou o carro! Coitada. E ela ia que nem uma santa!

Joanna: Ela não tinha sorte, nem com a Brasília nem com... sei lá que carro que o Paulo arrumou...

Vicentinho: A Variant.

Joanna: Lembra? Uma Variant, é.

Cida: A vovó ia sempre com a gente também. Ia no banco de trás com os três (*filhos de Cida*). E ia que nem uma santinha. A felicidade dela era chegar em Itupeva. De qualquer maneira. Ela me ligava:

— Cida, vocês vão pra Itupeva?

Ela vinha de ônibus pra casa.

Domingos: Verdade.

Cida: Porque o ônibus parava na porta do prédio. Daí ela vinha cedinho de sábado, né, Bem?

Domingos: Mas coitada, com o pé todo encharcado... hehehe. Tinha um palmo de água!

No Uninho da Andréa

Priscilla: As idas com a Brasília e o Bernardo lambendo a cabeça da gente...

Joanna: Lembra como que ia aquela Brasília?

Priscilla: Ah! Lembra uma vez que a gente foi, nem era com a Brasília, era com o Uno da Andréa, que a gente foi lá pro Wet'n'Wild. O Uninho era periquetítico. Você tava junto também, não tava (*pergunta pra Tico*)?

Tico: Tava.

Priscilla: Entrou a gente, entrou todo mundo, aí a Joanna entrou. Ela grudou a cara no vidro assim (*imita-a paralisada com a cara espremida no vidro do carro*), a Andréa: “Podemos ir?”.

E ela: “É, né, agora pode!”. Ela nem respirava!

Joanna: Hahaha!

Priscilla: Ela grudou a cara assim no vidro. Tava a Andréa e o Ricardo na frente, tava a Joanna, eu, você (*Tico*), o Daniel, o Pedro...

Joanna: A Isabella e o Lucca.

Priscilla: E o Pedro foi no porta-malas.

Joanna: Ele e o Daniel.

Priscilla: E a gente empurrava eles pra dentro do porta-malas quando tava na estrada.

Joanna: É, tinha que esconder ainda! Dos guardas.

Priscilla: Tinha que esconder eles! Mas foi engraçado que a minha mãe quase se mijou de rir na calça porque todo mundo entrou, entrava um, aí entrava o outro e o outro. Aí a Joanna grudou a cara no vidro (*imita-a novamente paralisada com a cara espremida no vidro do carro*). Ficou assim que nem uma cachorrinha grudada no vidro.

Joanna: Hahaha!

Priscilla: A Andréa: “Então, vamos embora?!”. E ela: “Vamos, né!” Hehe... nem respirava. Grudou igual um cachorrinho no vidro.

Joanna: Nossa Senhora!

Priscilla: A gente fazia milagre com os carros também! A Brasília nem se fala...

Joanna: Ainda levamos lanche pra comer lá, lembra?

Priscilla: Levamos lanche pra comer lá. Pareciam os farofeiros lá, abrindo a marmita com lanche, e o lanche e as crianças correndo... hehehe.

No Chevette da Cidoca

Laís: Viu Cidinha, conta pra ele do seu Chevette.

Cidoca: Nós fomos pra Itupeva, nós saímos daqui à noite, porque até a Joanna chegar do trabalho, arrumar as coisas... então, enfim, nós arrumamos as crianças no carro: o Diego, o Daniel, o Pedro, a Mônica e a Joanna; no banco de trás do meu Chevette.

Laís: E a Andréa?

Cidoca: Andréa não.

Joanna: Andréa não... e a minha mãe, né?

Cidoca: E a tia Concheta no banco da frente. À noite. Pegamos a estrada. Quando foi chegando lá naquela estradinha que você sai já da Bandeirantes pra

ir pra Itupeva, uma comrepidona que vai que eu esqueci o nome... furou o pneu do meu carro! Furou o pneu, era um frio, eu peguei o edredom, tinha jogado em cima deles no banco de trás. “E agora?? E agora??”, a gente não sabia trocar o pneu. Aí passou um coitado lá, de bicicleta, olha como não tinha perigo, né...

Joanna: Acho que você tava sem estepe.

Cidoca: Não, tava com o estepe sim.

Joanna: Ele foi no posto de gasolina encher o pneu...

Laís: Tava vazio o estepe.

Cidoca: Sabe que eu não encho o estepe? Até hoje faço isso... aí ele foi no posto, tadinho, ele voltou com a bicicleta... nesse momento a vó Concheta queria fazer xixi. E queria, queria, não conseguia se segurar e ela foi lá fora e... hehehe... a gente teve um ataque de riso!

Joanna: Abriu as pernas...

Cidoca: E fez “pchiiiiii...”

Laís: Hahaha.

Cidoca: As crianças lá todas encolhidas no banco de trás, no frio, e a gente morrendo de rir! Aí o homem veio colocar o pneu e nós fomos embora. Olha como não tinha perigo! Chegamos em Itupeva, aí foi uma festa, e no outro dia fomos pra Jundiaí.

Joanna: Aí ela levou mais meia hora pra abrir aquele portão, lembra?

Cidoca: Tinha sete cadeados, né?

Joanna: Quantos cadeados tinha? Em cima, embaixo, no meio, do lado... aí ela mijou outra vez lá no portão... hahaha!

Laís: Hahaha. Mas cadê a Andréa, onde ela estava?

Cidoca: Na casa dela! Com marido dela.

Joanna: Ela já era casada.

Laís: Aaaah, ela já era casada...

Cidoca: Olha, aquele Chevette foi embora com duas adultas e três crianças no banco de trás.

Laís: Olhaaaa... e de noite, né.

Cidoca: De noite. Na estrada. Como não tinha perigo, não?

Laís: Furar o pneu... Como ninguém tinha medo, não?

Cidoca: E uma vez que nós tivemos que levar o Paulo pra... Campinas, né? (*Confirma com Joanna*). Nós saímos daqui, e não tinha gasolina o teu carro.

Fomos no posto, tiramos um quarto de gasolina do meu carro e pomos no carro da Joanna.

Laís: Nossa, meu Deus do céu...

Cidoca: ... e não tinha posto aberto de domingo naquele tempo.

Joanna: Ainda tirei do teu carro.

Cidoca: Do meu carro. Fomos lá no posto, tiramos do meu, pusemos no teu e fomos na banguela embora pra Campinas.

Laís: Nooooossa...

Cidoca: Como que nós voltamos sem gasolina, Joanna?

Joanna: Sei lá, eu voltava sempre sem gasolina de Itupeva...

Cidoca: (*Balança a cabeça afirmativamente, de modo proeminente.*)

Joanna: ... só no bafo assim... (*faz um gesto de deslizar com a mão.*)

Cidoca: Ó o perigo!

Laís: Meu Deeeeeus do céu...

Joanna: ... era descida a Bandeirantes, lembra? Eu punha no ponto morto e ia “shhhhhhhh!”.

Laís: Meu Deus, mas cada coisa que não dá. Hoje não pode fazer mais isso!

A caixa do violino segurava o banco do motorista

Isabella: Não era com a Brasília também que você segurava o encosto com a caixa do violino?

Andréa: Não, essa era a Variant do Paulo, que ele chamava de Gabriela.

Joanna: Variant não, era um fusca.

Andréa: Não, era a Variant dele, a Gabriela.

Joanna: Uma vez a Carmen foi em casa com as crianças, passar uma semana, e no domingo o Paulo foi pra buscar eles. Começaram a organizar as coisas que eles levaram para passar a semana lá na sala, né. Aí a Mônica queria comprar pão italiano que tinha numa padaria lá na Rua Pinheiros. O Paulo falou:

— Vai com meu carro, vai com meu carro.

Deu a chave do carro, a Mônica foi. E eu fiquei olhando. Tinha lá: chiqueirinho, banheirinha, carrinho e o violino do Paulo. Falei:

— Paulo, com tanta coisa para levar, você precisava trazer o violino hoje?

Ele falou: “Puta merda, a Mônica!”. Hahaha! Eu falei:

— O que a Mônica tem a ver com o violino?

— O violino segura o banco do carro!

Hahaha! A Mônica disse que quando parou no farol da Cardeal, que ela deu a primeira pra sair, ela foi parar lá atrás... hahaha. Eles já não tinham motivos pra brigas, os dois... diz que ela teve que dirigir ajoelhada! Hahaha.

Andréa: Ajoelhada não, mãe, ela teve que ficar sem apoio, né?

Joanna: É, então, ajoelhada... hahaha.

Andréa: Hehehe... não tinha banco.

Joanna: Ah, meu Deus, mas era tanta peripécia...

Andréa: É, sempre tinha uma história.

Joanna: Sempre tinha uma história.

Eu deslizava o carro a favor do vento

Joanna: História tem... Nunca tinha gasolina porque eu não tinha dinheiro para pôr. A Brasília era da vó, mas ela deixou comigo. E eu tinha dinheiro para pôr uns 20 paus de gasolina. Um dia, nós voltamos de Itupeva, e o carro sempre cheio, era o Daniel, o Pedro, minha mãe, a Laís, Mônica, Andréa, às vezes os cachorros da Andréa. Hahaha! Cada viagem era uma aventura, sabia? Já te falei de quando acabou a gasolina com o Paulo?

Tico: Já. Mas já aconteceu de acabar gasolina em viagem, na estrada?

Joanna: Na estrada, não, porque eu vinha na banguela na volta, né? Quando eu saía de Itupeva, desligava o carro e **vinha só a favor do vento...** hahaha. Tinha os meus macetes com a Brasoca.

Tico: Vivia perigosamente... porque você não consegue frear, né? Quando tá na banguela, você consegue frear?

Joanna: Nem sei, nunca tentei. Hahaha! Era uma descida só, né, quando você vem na Bandeirantes. Era uma aventura! E eu sempre me perdia, eu ia virar... em vez de virar, para fazer a volta e passar do outro lado, eu seguia em frente e ia parar em Salto de Itu... Nossa... A vó ficava louca! A vó no carro: “É, vão cantando, vão cantando... vão se perder outra vez!”, ela falava.

Mas era gostosa aquela época. A gente ia todo sábado passear, eu errando o caminho... mas era boa aquela época.

Essas foram as aventuras da Brasília.

CAPÍTULO 10

MERICA, MERICA

Final dos anos 1990 e início dos anos 2000

10.1.

Paulo vai para os EUA

Paulo: Não muito tempo depois, nem dois anos depois de eu ter terminado a faculdade, eu fui para os Estados Unidos pela primeira vez. Em abril de 1990. Eu casei em 1983 e... tem alguns momentos da minha vida, eu não sou muito de chorar, então eu me lembro das ocasiões em que eu chorei. Quando eu fui para lá, que eu tive que me despedir do Daniel e do Pedro... Nossa, cara, parecia que alguém tinha morrido! Mas era uma oportunidade que eu precisava tomar. O país tava passando por um momento muito difícil, não sei se você lembra, você não deve lembrar mas você deve ter estudado na faculdade, quando o Fernando Collor congelou a poupança. Oitenta por cento do dinheiro de todo mundo ficou preso por 36 meses, então você não tinha dinheiro para nada. Ele acabou com a inflação tirando dinheiro do mercado... quer dizer... não funciona, né?

A gente não tinha nenhuma perspectiva, e eu tinha um amigo lá. Meu pai me bancou para a viagem, para fazer um curso na Universidade de Nova York,

e eu peguei um amigo de faculdade meu, meu amigo mais próximo, e nós fomos juntos para lá.

Essa viagem mudou a minha vida inteira em todos os aspectos. Foi um pouco mais de um ano que eu fiquei lá, e quando eu voltei, a minha vida já era outra. Foi quando as coisas começaram a ficar mais felizes para mim, que a minha vida realmente estava feliz. Tinha algumas dificuldades, mas é quando você tem que se dar conta de que você não tem como controlar tudo. Você tem que fazer o melhor que você pode, sabendo que você não vai conseguir controlar tudo. Acho que é parte do crescer.

E foi nesse momento que uma boa parte da família, *the extended family* (*a família maior*), começou a morrer. O Salvador, o tio Vitório... aí a tia Ida, a tia Anunziata. Tudo nesse período entre eu estar no fim da faculdade e logo depois quando eu fui para os Estados Unidos. A vó também ficava muito triste, porque ela era uma entre sete irmãos, e ela mais o tio Salvador e o tio Rafael que tinham sobrevivido nessa altura. Cinco já tinham morrido, e eu conheci todos eles. De um jeito ou de outro, uma boa parte da minha infância foi com eles por perto. Mas isso é o que eu me lembro desse momento de separação da família mais estendida e, ao longo dos anos, de ficar cada vez menos próximo daquele *core* (*núcleo*). Porque aí, quando eu acabei me mudando para os Estados Unidos, eu vinha e venho para cá uma vez por ano, por poucos dias, você vê menos e menos as pessoas queridas, né?

Paulo: Na minha primeira estadia nos Estados Unidos, com o Sérgio, a gente trabalhava num restaurante próximo de onde a gente morava. Isso foi no verão, as nossas aulas estavam paradas no verão. O Sérgio fazia uns cursos de programação na Universidade da Columbia, e eu fazia uns cursos de finanças na Universidade de Nova York. Então, no verão não tinha nada, e a gente trabalhava. Se divertia também, mas trabalhava.

Um dia, nem era meu dia de trabalho, um amigo do restaurante pediu para eu cobrir ele no almoço. Não tinha nada acontecendo naquele dia lá, e de repente chegou um pessoal e ocupou uma mesa, umas seis ou sete pessoas. Sentaram lá na minha área, e quando eu passei por perto deles, eu escutei eles falando

português brasileiro. Aí servi todo mundo, conversei com o chefe da família lá, e como eles moravam por perto, ele voltou algumas vezes lá no restaurante, às vezes sozinho, às vezes com a família. Nessa altura ele já sabia o que eu fazia lá, e eu não sabia muito bem o que ele fazia, mas de repente ele falou:

— Olha, Paulo, eu sei que você estudou matemática, que você tá fazendo uns cursos extras de finanças aqui, e eu falei com a diretora do banco, de recursos humanos no Brasil, falei com ela de você! E ela pediu para você mandar o seu currículo para lá.

E eu mandei o currículo, uns dias depois esqueci da história. Passaram umas semanas, a minha mãe me liga e fala:

— Paulo, quando você saiu do Brasil, você devia dinheiro para algum banco? Você sabe dessa, não?

Tico: Não.

Paulo: “Você devia dinheiro para algum banco?”

Eu falei: “Não, por quê?”.

— Porque tem um banco aqui que fica te ligando todo dia!

Eu falei: “Que banco é?”

Ela falou: “Banco Morgan”.

Eu falei: “Não, nunca escutei...”

Tá bom. Nem me dei conta de que eu tinha mandado o currículo pro banco! Depois que eu falei:

“Ah! É o banco que eu mandei o currículo!”.

Liguei de volta pra mãe. Falei:

— Mãe, o que eles falaram?

— Ah, eles só querem falar com você, eu achei que eles estavam querendo te cobrar alguma coisa.

Eu falei:

— Não, eu mandei um currículo pra eles... Deixaram o número?

— Ah, tem que procurar...

Passou um dia, ela ligou de volta com o número, e eu liguei pro banco.

Ela (a moça do banco) falou: “Nossa, Paulo, estávamos tentando falar com você há semanas!”.

Aí eu falei: “Ainda tô nos Estados Unidos”

Ela falou: “Quando você volta?”

Isso era em agosto.

Eu falei: “Voltei em novembro”, que era o casamento da Andréa também. Voltei em novembro para o casamento da Andréa, fiz dois meses de entrevis-tas, em fevereiro de 92 eu comecei a trabalhar no banco. Vai fazer 30 anos agora. Dia 3 de fevereiro vai fazer 30 anos*. Foi assim. Caiu na minha cabeça, né? Uma loteria!

10.2.

Uma iluminação divina

Joanna: Eles mudaram pra lá foi quase no final do ano. Foi em dezembro, dia 5 de dezembro. E eu fui junto, tirei férias.

Foi assim, eu fui trabalhar... pegava duas conduções, uma de Pinheiros até a... Lá na Vila Olímpia... e pegava outro ônibus para ir até a Columbia. Um dia, eu entrei no ônibus, ainda pagava passagem, não tinha 60 anos, encostei na roleta pra pagar a passagem, o ônibus deu uma brecada. Bem no instante em que ele brecou, eu caí de costas e senti uma dor muito grande. Depois ele deu outra brecada. Eu bati com a cabeça no ferro, aí eu me senti descendo as escadinhhas do ônibus e fui parar lá na rua. Eu vi que quatro homens me pegaram e me puseram de volta no ônibus. Eu tava tonta, acho que eu tinha desmaiado. Começaram a gritar na rua: “Olha a bolsa da mu-lher! Olha a bolsa!”.

Eu tinha até largado a bolsa na rua... mas por que eu tô contando essa his-tória? Ah! Eu sei... (*risos*) ... aí eu fui trabalhar. O cara queria chamar a polícia, eu falei:

— Não, eu tô bem, eu tô bem. Pode me levar porque eu desço em frente ao escritório.

Você acredita que o motorista pegou meu telefone e ligou para mim para saber se eu tava bem? Bom, aí desse dia em diante, o Paulo sempre me convi-dava para ir para os Estados Unidos, e eu nunca que ia, porque tirava minhas férias sempre em dinheiro. Então, eu fiquei pensando: “Poxa, eu podia ter morrido... Quer saber de uma coisa? Eu vou!”.

Peguei, comprei a minha passagem e fui com as crianças para os Estados Unidos. Foi por isso que eu contei a história do ônibus.

Andréa: Você pediu demissão daí?

Joanna: Não, ainda não.

Andréa: Não, você só pegou férias, tá...

Joanna: Aí eu fui. Só pra ajudar na viagem. No dia em que eles foram pra lá...

Tico: Mas aí, a partir desse momento, você teve uma...

Joanna: ... iluminação divina. Na minha cabeça, depois disso, eu tinha que ir porque... vai que eu morra?! Nem ia conhecer os Estados Unidos, né? Aí eu fui com as crianças.

Andréa: E você ficou lá?

Joanna: Não, eu voltei. Ainda passei o réveillon aqui, nós fomos todos pra Itupeva. Depois, quando foi em abril, eu pedi demissão e fui para lá para ficar com eles. Estava na Columbia, enchi meu saco, pedi as contas e saí. Porque eu era louca, quando me enchia o saco, eu pedia demissão sem ter outro emprego.

10.3.

A vida no subúrbio americano

Joanna: Fui para os Estados Unidos para tomar conta dos filhos do Paulo, mas não aguentei. Fiquei lá uns seis meses tirando neve da calçada. Como era o banco que pagava a casa para ele, ele alugou uma casa de esquina. A casa fazia “assim e assim” (*indica, com a mão, o quarteirão e a dobra da esquina*), e aí, quando nevava, a gente fazia “assim e assim” (*indica novamente o quarteirão e o dobrar da esquina*) para limpar... hahaha!

Desde a garagem, eram duas garagens, eu vinha por aqui (*mostra com as mãos o caminho que fazia para limpar a neve do quarteirão*)... mas todo dia, sabia? TO-DO santo dia. Nevava, e você tem que tirar a neve na hora que cai, se não você não consegue tirar, ela vira gelo. Logo que eles mudaram para lá, eles não sabiam que tinha que limpar a neve, e baixou a polícia e tudo. Deram 24 horas para limpar a calçada. Porque se cai alguém, eles metem um processo. Você tem que deixar o passeio limpo.

Dificuldades com o frio e a neve

Joanna: Um dia, o Paulo falou pra mim:

— Mãe, olha, não precisa tirar a neve. Vai esquentar!

— Tá bom...

Aí eu não vi neve mesmo, e eles jogam o jornal no jardim. Eu, mais que depressa, fui pegar o jornal que tinham atirado lá... olha, nunca patinei tanto na minha vida!

Paulo: Hahaha.

Joanna: Mas eu patinei! Tinha assim uma entradinha de cimento, eu patinei, patinei, patinei... pra cair lá na rua! De bunda no chão. Porque forma uma camada de gelo que você não vê. Era isso a vida lá.

Paulo: Hehehe... É, mas teve um monte de aprendizado lá, pra mim também. Eu nunca tinha morado no subúrbio americano. Você é responsável por tirar a neve da parte da calçada em frente à tua propriedade, se você não tirar, a polícia vai lá.

Joanna: A polícia foi lá, né?

Paulo: É, mas eu não sabia, né?

Joanna: Brasileiro... achou que o lixeiro iria passar lá pra limpar, entendeu?

Paulo: Um dos vizinhos de lá chamou a polícia. A polícia foi lá na minha casa. A coitada da... Edilaine, né, que chamava a empregada?

Joanna: (*Acena com a cabeça afirmativamente*.)

Paulo: Não falava uma palavra de inglês, e não sei por que ela se referia a mim como Doutor Paulo. Hehehe. O cara achou que eu era médico. Hahaha! O policial achando que eu era médico, me ligou no banco, falou:

— Doctor Peres?

Eu disse: “Yes?”. Hehehe. Aí ele se identificou e falou:

— Eu sei que vocês acabaram de se mudar, mas é sua obrigação limpar a calçada.

Eu falei: “Não tem problema!”.

Eu sabia que tinham umas pás na garagem de lá, eu falei assim:

— Resolvo isso já. Põe a babá no telefone de novo.

Ele botou ela no telefone, eu falei assim:

— Ó, as crianças estão em casa, né? Tem duas, talvez três pás na garagem. Cada um de vocês pega uma pá, vai lá e limpa a caçada.

Joanna: Mas já tava duro o negócio! Isso ele esqueceu de falar...

Paulo: Hehehe! O Pedro detestava. Detestava! Eu até comprei umas botas bem legais, altas, de borracha e forradas por dentro pra ficar mais confortável, porque ele reclamava:

— Eu tô de tênis! Meu pé fica gelado!

Aí eu comprei as botas, sabe o que o puto fez? Pegou um tesourão, cortou a bota assim, deixou ela cheia de buracos (*faz o gesto da tesoura cortando a bota*), para ele não ter que tirar a neve. Eu falei:

— Ah, tudo bem, você cortou a bota? Põe a bota com os furos e vai tirar igual. Hehehe. Voltou com os dedos todos pretos.

Meu agasalho de presidiária

Joanna: Eu fui para lá em janeiro... parou de nevar em abril! Era todo dia. Sabe o que é todo dia? Me deu uma depressão! Porque quatro horas da tarde já era noite lá. Seis meses que eu fiquei lá, seis meses que eu fiquei tirando neve. Depois, na primavera, muda tudo. Assim, da água para o vinho! Lá não é como aqui, sabe? Lá as estações são bem determinadas.

Eu acordava de manhã, levava o Paulo de carro até a estação, vinha, pegava os meninos, ia no supermercado, levava para escola. E o Daniel... hehehe... o Daniel era triste, porque eu levei dois agasalhos para lá, sabe, era **meu agasalho de presidiária**. Quando eu não tava com um, eu tava com o outro, hahaha. Eu levava o Daniel, e o Daniel é igual ao Paulo, todo riquinho, né?

— Vó, não precisa me deixar na porta, me deixa na esquina...

Hehehe! “Vó” não, porque eles não me chamam de vó, né:

— Ô Jô, me deixa na esquina!

Acho que ele tinha vergonha do meu uniforme. Hahaha. Ai, ai!

Daniel: Um outro momento interessante foi quando nós moramos juntos nos Estados Unidos, na cidade de Summit, New Jersey. Lá nós tínhamos algumas atividades bem interessantes, bem interessantes. Fazer toda aquela limpeza que a gente fazia, de retirar neve da garagem, lembra? Tinha que limpar toda a

garagem, tinha que tirar a neve toda da calçada. E nós fazíamos aquilo sempre, né? Sempre quando tava tudo congelado, porque ninguém queria tirar aquela porcaria daquela neve lá. Meu pai também não queria comprar a maquininha para tirar neve, então ele deu algumas pás para a gente, e nós tínhamos essa missão, de limpar aquela neve toda, todo dia, toda hora, naquele frio. E acho que depois disso você nunca mais foi a mesma naquele lugar. Você começou a usar aquele moletom cinza maravilhoso, você lembra? Hahaha! Você lembra daquele moletom, Jujuba? Aquele moletom lá tava junto com você todo dia, de manhã, de noite, você tava com aquele moletom cinza.

Sem televisão você não é ninguém

Joanna: A televisão só em inglês, não podia ver minhas novelinhas nem nada. Tirando neve, a manhã inteira tirando a neve de fora de casa. Aí eu fazia comida para os meninos... era sossegado..., mas muito sossegado! Hahaha. Eu ficava, às vezes, jogando no computador, mas ai meu Deus, você **sem televisão você não é ninguém, né?** Jesus do céu! E o Paulo não queria que a gente visse canal hispano — porque tinha uns canais hispanos lá —, para os meninos aprenderem inglês. Mas aí, de sábado e domingo, às vezes o Paulo não estava, a gente dava graças a Deus... era só canal hispano! Hahaha! De manhã até de noite! Era uma festa. Mas se ele soubesse, ele ficava um bicho! Era bom para os meninos, para eles aprenderem, né? Mas eu não fazia questão... hahaha.

Daniel: Também tínhamos os nossos momentos de descontração, né? A gente assistia aqueles canais engraçados ali, aqueles canais hispânicos. O Don Francisco, aquele programa de auditório, tipo um Silvio Santos da vida. A gente ouvia tudo aquilo em espanhol. O espanhol era banido da casa, né, meu pai não gostava. A gente não falava inglês ainda, então a gente gostava de ver aqueles programas hispânicos, e obviamente que nós fazíamos isso.

Joanna: Quando o Paulo não tava lá, a gente assistia o Don Francisco, que era como o Programa Silvio Santos daqui, sabe? De sábado a gente pedia uma pizza, e era o nosso fim de semana. Os meninos pegavam os colchões deles, punham todos no meu quarto. Tinha cinco quartos lá, mas quando o Paulo não estava, a gente dormia tudo junto! Aí o Paulo veio um dia, de surpresa, viu aquilo e falou:

— Puta que pariu, eu vou pôr vocês para morar numa favela! Todo mundo num quarto só? Tem cinco quartos aqui, vocês ficam dormindo tudo num quarto só!

Hahaha!

A caminhada da Sibéria

Joanna: Quando eu fui visitar o Paulo no Natal, nós saímos de manhã um dia, ele não tinha carro ainda, tinha acabado de chegar...

Paulo: Hahaha! Essa foi ótima!

Joanna: ... resolveu ir no barbeiro. Lá na cidade. Tinha que andar acho que... quantos quilômetros?

Paulo: Não... só um quilômetro...

Joanna: Nããããã... não. Até a cidade. Aí ele foi no barbeiro, depois passou numa casa, comprou dois sacos de... que jogava... como que era? Sal! Que jogava na neve. E três pás. Então, ele falou pro homem: “Deixa aí, eu vou até o supermercado”, que era numa outra cidade...

Paulo: Não era numa outra cidade...

Joanna: A gente tava sem carro...

Paulo: Mas era longe. Esse aí acho que eram uns 3 km. A pé. Hehehe.

Joanna: Nós fomos, tudo bem. E na volta? Voltando carregados com os pacotes, que a gente não podia nem por a mão no bolso, de frio?

Paulo: Hahaha!

Joanna: Até que eu me revoltei, sentei na guia, falei:

— Você vai chamar um táxi porque eu não vou dar mais nem um passo!

Paulo: Mas cê tinha que ver a ladainha, cara! Porque eu só queria resolver o problema. Nós tínhamos que levar as compras pra casa, eu ainda não tinha carro, já tinha pedido o carro mas não tinha saído. Neve em todo lugar, e uns

três... pelo menos três, talvez quatro quilômetros de casa que era o supermercado. Na subida! O Pedro e o Daniel:

— Eu tô cansado! Eu tô cansado!

E essa daqui reclamando. Eram os três reclamando!

Joanna: E ele todo firme e forte!

Paulo: “Vamos marchando! Marcha, marcha!”. Hahaha.

Joanna: Aí eu sentei na sarjeta e falei: “Você vai arrumar um táxi, que eu não vou sair daqui!”.

Paulo: Eu tive que entrar numa loja, pedir pra usar o telefone do cara... hahaha... pra pedir um táxi pra buscar a gente lá. Hehehe.

Daniel: Eu lembro também, logo quando a gente chegou lá nos Estados Unidos e tal, meu pai falou: “Ah, vamos pro centrinho da cidade, vamos dar uma olhada. Vou cortar o cabelo dos meninos e tal, e a gente faz algumas comprinhas para a casa”.

Aproveitou também para comprar as pás, obviamente para a gente limpar a neve, a gente não sabia ainda o que nos aguardava com essas pás e tudo... Mas enfim, fomos caminhando até o centro. Naquele período tava um frio absurdo, dez, vinte graus negativos. E aí o que aconteceu? Passamos o dia lá, fomos no supermercado, compramos algumas coisinhas para a casa. Tava todo mundo com sacola na mão, com um monte de coisas pesadas na mão, e teríamos que voltar para casa. Naquela época meu pai ainda não tava com carro. Então, a gente já tinha caminhado para chegar até lá uns 3 km, eu acho, e depois na volta, não sei por que também, mas meu pai decidiu fazer essa volta caminhando. Aí em um determinado momento, minha vó com toda a sua calma, a sua tranquilidade, sua paciência, chegou lá e falou:

— Paulo, daqui eu não saio mais!

Parou tudo, deixou a sacola no chão e falou:

— Paulo, vamos pegar um táxi porque não tem condições! Você não tá vendo aqui que tá frio, que tá de noite, que tá todo mundo cansado?

Acho que nesse momento meu pai realmente se conscientizou com tudo

aquilo, deve ter pagado ali uns cinco, dez dólares no táxi, e voltamos alegremente pra casa. Lembra dessa, Jujuba? Essa **caminhada da Sibéria** aí?

Com as crianças ao dentista

Paulo: Quando eu mandei ela levar as crianças no ortodontista, eu falei:

— Você vai no ortodontista, põe o aparelho dos dois aqui, e a gente continua a manutenção deles lá no Brasil.

Você levou eles no ortodontista? Não. Ela também não levou, só me contou depois!

Joanna: Como não levei, Paulo?

Paulo: Levou nada, mãe.

Joanna: Você tá contando a história toda errada...

Paulo: Você levou no ortodontista, mas falou: “Olha, eles vão voltar pro Brasil”.

O cara falou: “Ah, então não vou pôr nada!”.

Joanna: E foi bom porque qual o dentista que ia pôr a mão num aparelho que foi feito nos Estados Unidos? Fala pra mim, quem que ia dar manutenção?

Paulo: Eles não são nada diferentes, por isso que eu falei: “Vai lá, é o mesmo aparelho, a manutenção, que é só trocar as borrachinhas, você troca no Brasil”.

Mas eu falei assim: “Não fala nada pro dentista, só vai lá, põe o aparelho nos dois”.

Aí ela vai lá, o que ela faz? Fala pro dentista: “Olha, eles vão voltar pro Brasil daqui a dois meses”.

Ele fala: “Ah, então não vou pôr”.

Joanna: Ele é assim, ele mandou ir na outra cidade, me deu um papel, o Daniel sentou na frente de copiloto, o Daniel com 12 anos, copiloto, a dona Gioconda, uma senhora de...

Paulo: A vó Gioconda tava lá, é...

Joanna: ... quase 80 anos, e o Pedro. E o Daniel falando onde que eu tinha que entrar, onde que eu tinha que sair numa rodovia nos Estados Unidos!

Paulo: Hehehe.

Joanna: Eu sou é muito boa, sabia? Cheguei direitinho no dentista e voltei direitinho.

Paulo: É, mas sem o aparelho! Hahaha. Não entendi pra que o esforço... hehehe.

Joanna: A mulher pediu o histórico dele, e aí ela marcou um dia, eu falei:
— Não, eles precisam pôr logo porque eles vão voltar pro Brasil.

A mulher: “Ah, então não vou nem passar pro dentista, se eles vão voltar pro Brasil...”.

Nem passou pelo dentista.

Paulo: Porque eu tinha convênio, o aparelho era praticamente de graça. Aqui tive que pagar tudo. Falei: “Vai lá, você põe o aparelho aqui, lá você só faz a manutenção”.

Não tem nada de diferente. Mas não...

Eu chorava todo dia

Joanna: Fiquei seis meses só... eu chorava todo dia! Eu ia buscar o Paulo de tardezinha na estação com os olhos inchados, o Paulo: “Chorou de novo hoje, né?”. Hehehe. Nossa, mas que depressão que me deu, menino do céu. Nossa senhora, que sufoco... como é horrível! Você sabe que a gente não via ninguém na rua? Era lindo o lugar, mas não se via ninguém. A gente sabia que tinha pessoas nas casas por causa do abajurzinho ligado. No inverno... Mas mesmo no verão, o americano não é de ficar papeando com vizinho não, sabe? Eu nem sabia quem era meu vizinho. E às quatro horas já era escuro. A noite era muito longa.

Paulo: Esse ajuste foi difícil pra ela. Eu já tava lá, já tinha passado um ano e meio antes, e esse seria quase o terceiro no total. Então, eu já tinha mais ou menos me acostumado com a rotina, mas para ela foi difícil. Porque ela chegou lá numa área de subúrbio, não é uma área urbana, você não sai, não vê padaria, você não vê nada: é casa, casa, casa... você precisa de um carro para sair e chegar lá no centro da cidade.

Joanna: A única coisa boa lá é que eu dirigia uma BMW. Hehehe.

Paulo: Mas no final da história, a razão pela qual ela tava lá quereria que

ela me ajudasse e não criasse outro problema. Hehehe. Então, um dia, cheguei em casa, ela com os olhos vermelhos...

— O que aconteceu, mãe?

— Nada...

— O que aconteceu, mãe?

— Ah, eu tô com saudade de todo mundo! Tô com saudade da Mônica, saudade da Andréa...

— Tudo bem. Quer voltar, volta.

Não, ela esperou e ficou. Passaram três semanas com essa novela! Eu chegava do trabalho, todo dia tinha alguma história. Aí eu vi a conta de telefone no final do mês. Ela gastou 600 dólares de telefone naquele mês, falando com a Mônica e a Andréa...

Joanna: A Mônica já tava nos Estados Unidos!

Paulo: Não tava ainda!

Joanna: Ah!

Paulo: A Mônica foi pra lá na segunda ou terceira vez que eu te mandei de volta.

Joanna: Não, eu tô falando da época que eu passei seis meses lá. Aquela primeira vez foi uma visitinha de um mês que depois eu me mandei.

Paulo: Enfim... pra ela foi difícil. Mandei ela pro Brasil: "Vai embora!". Passou um mês aqui (no Brasil), ela me liga chorando, dizendo que tá com saudade do Daniel e do Pedro. Falei:

— Pô, mãe, quanto você acha que custa a brincadeira de ir e voltar para o Brasil toda hora?

— Não, eu juro que agora não vou dar mais problema, eu juro, eu juro, eu juro...

Tá bom. Levei ela de volta. Não deu duas semanas, começou a choradeira de novo! Aí eu já tava com a paciência esgotada, falei:

— Agora você vai ficar aí! Você não tinha nada que me ligar dizendo que queria voltar. Agora você vai ficar aí até eu arrumar uma ajuda.

Paulo: Passou um tempo lá, mas era sempre essa história, gastando um dinheiro ridículo de telefone todo mês, foi quando eu falei:

— Tá bom, vai embora.

Mandei ela de volta. Foi a última vez que ela... e eu levei a Mônica para lá (*EUA*) nessa época. Porque a escola dela tava em greve aqui, não tinha o que fazer, falei:

— Ah, vem pra cá.

Eu já tinha começado um projeto em Londres que, em teoria, eu devia ter mudado para lá, mas como as crianças tinham acabado de começar a escola uns poucos meses antes, eu não quis mudar eles de escola de novo. Então o banco me acomodou, eu passava três semanas em Londres e uma semana em Nova York, três semanas em Londres e uma em Nova York. Por um ano foi assim. E a Mônica gerenciava a minha casa, ia no supermercado, ela fazia tudo, dirigia os meninos...

10.4.

Mônica vai para os EUA

Joanna: Eu tinha ido um ano antes, logo que eu saí da Columbia, eu fui (*para os EUA*). A Mônica estava de greve da faculdade, da federal que ela fazia, era 1996. A faculdade entrou em greve, eu falei:

— Mônica, vamos comigo?

Foi em abril que ela foi. Mas aí eu vi como era o sistema lá, eu falei:

— Ah, Mônica, eu vou embora, você não quer ficar aqui no meu lugar?

Hahaha. Ela falou: "Ah, tá... eu prenho a minha matrícula". Daí ela ficou lá com o Paulo.

Mônica: A primeira vez que eu fui pra Nova York, eu tava na faculdade de Enfermagem, minha faculdade tava de greve. Minha mãe inventou de passar umas férias lá, porque os meninos (*Daniel e Pedro*) já estavam lá, e ela tava com saudade deles.

Ela falou: "Vamos para lá!".

Eu falei: “Ah, minha faculdade tá de greve mesmo...”.

Joanna: Não, eu fui porque era pra eu ficar!

Mônica: Não, não foi nessa vez ainda... essa foi antes. Essa foi a primeira vez que a Cacá foi com a gente. A Carmen (*Alexandre, prima*) foi com a gente.

Joanna: Então, eu fui embora e larguei você lá.

Mônica: Não, mãe. Eu fiquei lá dois meses... dois, três meses, mas você tava trabalhando ainda.

Joanna: Já tinha saído da Columbia, Mônica...

Mônica: Bom, não lembro direito, o seu pedaço eu não lembro. Eu lembro que eu fui, a gente foi em maio, e minha faculdade tava de greve, e eu fui. Fiquei uns três meses com as crianças, gostei muito e comecei a ver faculdade para transferir, para fazer um ano lá meio de intercâmbio. Até a vizinha, a Jane, me deu o local da faculdade, mas fiquei olhando e falei: “Sem chance”.

Voltei (*para o Brasil*) em julho. Minha faculdade ia começar em setembro, mais ou menos, mas minha mãe falou:

— Você vai voltar para a faculdade?

Porque eu acabei perdendo algumas aulas, tinha um problema com a faculdade, e eu teria que fazer umas aulas extras. Eu falei:

— É, eu acho que vou trancar, vou passar mais seis meses nos Estados Unidos, depois eu volto.

A ideia inicial era eu ficar com o Paulo e cuidar das crianças. Então eu fui para lá e durou exatamente duas semanas isso, porque sabe como eu e o Paulo nos amamos muito... não deu muito certo.

Entre idas e vindas

Joanna: Eu voltei porque eu não aguentei. Larguei a bomba lá com a Mônica e fui trabalhar no comitê do (*político José*) Serra, daquele ladrãozinho. Fui trabalhar lá no comitê dele mas pedi demissão. Fiquei enojada de ver a roubalheira. Nossa Senhora da Penha! Uma vez, ele deu um jantar em Pinheiros lá para a turma, gastou trezentos mil reais! Naquela época. Tudo de dinheiro roubado, sabe? Nossa... Eu tinha que fazer boca de urna, eu falei:

— Eu que não vou fazer boca de urna para esse cara não.

Aí eu pedi demissão e fui embora de novo para o Estados Unidos.

Mônica: Depois que eu e Paulo brigamos, eu chamei a minha amiga Edilaine, que eu conhecia, falei:

— Didi, tô *homeless* (*sem teto*).

Aí ela falou assim: “Tô chegando”.

Ela foi me acolher. Eu fui embora (*da casa do Paulo*) e fiquei na Edilaine mais ou menos um mês. Eu ainda tava fazendo *babysitter* (*babá*) por umas casas lá em Summit, onde o Paulo morava, mas depois de um mês não tava dando, o dinheiro de babá não era suficiente. A Edilaine morava num apartamento muito pequeno, e então eu comecei a trabalhar de modelo. Um amigo do Paulo, que eu tinha conhecido, falou: “Vem embora pra Nova York”.

Então eu fui morar no Queens com o Carlos, que era amigo do Paulo e também trabalhava na escola, era modelo. E comecei a trabalhar de modelo na escola, na School of Visual Arts. Comecei a trabalhar, o gerente, que era o Vincent, adorava brasileiro porque ele falava que o brasileiro gostava de trabalhar, e o americano não gostava muito. Porque eles marcavam a aula, e o americano não aparecia. Então a gente ficou meio que fixo na escola. Tinha sete modelos, e o Vicent mandava a gente para todas as aulas. Aí eu comecei a trabalhar 12 horas por dia, seis dias por semana lá na escola. Direto, direto.

Isso foi em 1996, até dezembro. Aí a minha mãe chorando muito porque ela queria que eu voltasse, não sei o quê, não sei o que lá, em dezembro daquele ano eu voltei. Mas eu fiquei aqui (*no Brasil*) só um mês. Eu falei: “Eu não vou voltar para a faculdade aqui, eu vou ir para Nova York, não quero mais ficar no Brasil”. Já tinha decidido. Porque o dinheiro que eu fiz naqueles quatro meses foi um dinheiro que, não só eu me sustentei, como sustentei a Joanna e consegui, naquele mesmo período, entrar na faculdade de lá, fui aceita na faculdade. Então eu falei: “Não volto mais pro Brasil”. Fiquei aqui (*no Brasil*) só um mês, e aí quando eu voltei, que acho que foi 97, a Joanna veio comigo e ela passou uns seis meses lá com o Paulo. Janeiro de 97 a gente foi de novo.

Joanna: Noventa e sete, é.

Mônica: Noventa e sete que você pediu as contas mesmo da Columbia? Não lembro.

Joanna: Já tinha pedido as contas. Na primeira vez que eu fui lá eu já ti-

nha pedido demissão. Eu fui pra lá pra ficar com as crianças, é que a Mônica inverteu um pouco as coisas... hehehe. Eu levei a Mônica porque ela tava de greve da faculdade, eu falei: "Vamos Mônica, vamos comigo! " Até a Carmen Alexandre, que é minha prima, foi também. Mas não aguentei ficar lá e como a Mônica já tava lá, eu falei: "Mônica, fica aí que eu vou embora". Você ficou, você não veio embora.

Mônica: Não, não. Fiquei só até julho, eu voltei...

Joanna: Ai, Mônicaaaaa...

Mônica: Ai, maaaaaae, eu voltei, eu lembro dessa sequência...

Joanna: Não voltooooo... você mandou eu...

Mônica: Você tá lembrando da segunda parte, a primeira parte quando a gente foi pra lá, com a Cacá, eu fiquei dois meses também...

Joanna: A Cacá foi lá depois, acabou ficando lá com você...

Mônica: Então, aí eu voltei com a Carmen...

Joanna: Voltou com as crianças porque elas entraram de férias...

Mônica: Naaaaaa... não, as crianças nem voltaram comigo, nem podia viajar com filho dos outros, mãe!

Joanna: ... Mônica, você tá comp...

Mônica: Bom! De qualquer maneira, foi em 97 que você foi e ficou lá seis meses.

Joanna: Foi assim: fui em 96 e voltei. Aí deu as férias de agosto, de julho, dos meninos, ela veio embora com eles, porque eles passaram as férias aqui (*no Brasil*). Aí eles tinham que voltar (*depois das férias escolares*), e você voltou junto.

Mônica: Sim! Então, foi essa história que eu contei! Já tô na segunda parte, quando eu fui em dezembro daquele mesmo ano, aí eu voltei em janeiro quando eu falei pra você: "Não vou mais ficar aqui, vou voltar pros Estados Unidos e tentar a vida lá". Eu fui e você foi comigo dessa vez, que você ficou seis meses lá com as crianças, você lembra? Foi em 97.

Joanna: E quando eles entraram em férias, eu vim embora com eles...

Mônica: E trouxe as crianças de volta pro Brasil. Então, eu tô nessa parte já da história.

Joanna: Ahhhh.

Mônica: Entendeu?

10.5.

Volta definitiva para o Brasil

Joanna: Quando foi em junho, o Paulo tinha que entregar a casa, porque ele tinha sido admitido no banco, já tinha o salário dele, então o banco não ia pagar mais. Então ele foi me levar pra ver um apartamento numa outra cidadezinha. Era bonitinho lá, tinha a cidadezinha, eram só casas, para ir para o centro tinha que pegar uma estradinha. Era que nem interior. E ele queria alugar um apartamento num outro condomínio. Mas estava nevando, era de noite, não sei se ele me levou lá de noite para eu não enxergar direito... (*risos*). Mas eu fiquei pensando... devia ter uns 200 prédios de apartamentos lá... Eu falei:

— Não, eu não vou ficar aqui, Paulo, porque as crianças vão se meter na casa de um, de outro, eu não vou saber onde eles estão.

Eu tinha medo de eles se envolverem com drogas. Aí eu falei:

— Então eu vou embora e levo os meninos embora comigo.

Choraram... porque o Daniel não queria vir... o Paulo chorando, mas eu falei:

— Não, eu vou embora! Eu aqui não fico mais.

E vim embora com as crianças. A mãe deles alugou um apartamento ali na (*Rua*) Ferreira de Araújo, uma travessa que tinha por ali. Eu fui para os EUA porque empregada lá não é que nem aqui. Empregada não faz caridade, elas vão lá para ganhar dinheiro. O Paulo viajava. Imagina, eu viajei com eles na mudança, no dia que eu vim embora, o Paulo falou que uma vez por mês ele tinha que passar uma semana em Londres. Eu quase quebrei a cabeça dele! Falei:

— Como que os meninos vão ficar sozinhos, numa terra estranha, sem parente?

Geralmente eles cobram 100 dólares para fazer uma faxina, e eles fazem quatro, cinco por dia. Porque lá eles não lavam chão que nem a gente aqui, só passa aspirador, um pano, quando muito, não se limpa vidro... porque seis meses de neve... lá vidro não suja, não tem poluição. Onde a gente morava, né... Nova York é outra coisa.

Eu resolvi ir para lá, quando saí do meu emprego na Columbia, mais por causa dos meninos. Eu queria que eles ficassem lá, mas não tinha estrutura. Como que eu ia deixar os dois? O Daniel tinha 14 anos, o Pedro dez, quando

eu vim embora. Não dá para deixar dois meninos sozinhos, né? Pode pegar má companhia, e aí já viu!

E foram os seis meses que eu fiquei lá chorando. Viemos embora, e o Domingos arrumou um emprego para mim no Metrô, como terceirizada. Trabalhei dois anos no Metrô, mas lá também tava mal das pernas, mandaram todos os terceirizados embora e fizeram aquele pedido de demissão voluntária também, sabe? Então eu não trabalhei mais porque eu já tinha 60 anos, onde eu ia arrumar emprego? Ficava difícil para mim.

Paulo: Acho que quando eu voltei de Londres... não, eu ainda tava em Londres, a gente teve um problema com uma babá antes da Mônica ir para lá. A babá falou: “Esse cara aí é pai solteiro, ele vai, passa três semanas em Londres, ele precisa de mim aqui”.

Um dia, tô indo para o aeroporto, o marido dela toca campainha:

— Paulo, preciso falar com você antes de você ir para o aeroporto.

— Fala que o carro já tá aí.

Ele me pediu o dobro do salário! Aí entendi, o cara sabe que eu tô indo para o aeroporto, uma hora que eu não posso falar “não” para o cara, então vou surpreender ele. Falei assim:

— OK, tudo bem, tá demitida!

Os dois ficaram espantados. Falei: “Pode ir embora”.

Mandei eles embora, liguei pro meu chefe, dispensei o carro, falei: “Ó, tive um problema de família, não posso ir pra Londres agora. Preciso de mais uma semana aqui”.

E foi quando eu arrumei uma outra empregada, que também não durou muito, aí depois eu trouxe a Mônica. A Mônica chegou quando eu já tava no fim do meu projeto em Londres. O banco então falou:

— Você quer ficar em Londres, quer voltar pro Brasil ou quer voltar pra Nova York?

Eu falei: “Quero voltar pra Nova York”.

E a Mônica tava lá. Não sei quanto tempo ela ainda ficou lá quando eu voltei de Londres... Mas foi um monte de dificuldades logísticas aqui e ali.

Contudo, eu achei que a oportunidade para o Pedro e o Daniel de passar dois anos lá seria boa. Aprender a língua, entender um país como os Estados Unidos, ter a oportunidade de estudar lá, talvez ficar... Mas eles não quiseram ficar porque ficava todo mundo:

— Ah, você deixa eles sozinhos, você vai viajar...

Meu trabalho né, não posso não trabalhar. Não tenho esse luxo. Então eles voltaram para o Brasil. Eu ainda tentei depois levar o Pedro para fazer colegial na Inglaterra. Nós fomos lá: eu, o Pedro e a Ann (*esposa de Paulo*). Cada escola bárbara, mas ele não quis. Paciência... Eu ainda paguei para garantir a vaga dele lá, isso foi em abril, a escola começava em setembro. Quando foi em agosto, ele disse: “Não quero ir”. Falei: “Tá bom, não quer ir, não quer ir”. Mas acho que ele perdeu uma oportunidade bárbara lá também.

Tico: A cronologia da ida e vinda da Joanna nos EUA é qual exatamente?

Paulo: Foi em 96.

Tico: Você falou que foi visitar, que tirou férias.

Joanna: Eu fui... em 96, eu saí da Columbia e fui pra lá.

Tico: Foi a primeira vez?

Paulo: Foi. Foi quando o Daniel e o Pedro foram pra lá, se mudaram pra lá. Eu já tava lá, ela veio com eles.

Joanna: Não, Paulo, eles já estavam lá também...

Paulo: Não, mãe...

Joanna: Foi quando a Edilaine foi embora!

Paulo: Mãe, você chegou lá com o Pedro, o Daniel e a Lana, você não lembra disso?

Joanna: Ah! Fui passar o Natal e o Ano-Novo.

Paulo: Então, foi a primeira vez. Você ficou um mês lá.

Joanna: Entendo isso foi em 95.

Paulo: Dezembro.

Joanna: Em 96 eu pedi demissão da Columbia e fui pra lá. Nem um mês fiquei, não gostei... a Mônica tava de greve da faculdade, falei: “Mônica, você fica até junho?”. Junho eles também vieram para o Brasil de férias. Ela veio

e depois voltou com eles. No final do ano, não deu certo, eu peguei e voltei pra lá em fevereiro porque eu não arrumava emprego. Voltei em fevereiro e fiquei até junho, quando terminou a escola dos meninos. O Daniel terminou o ginásio, o Pedro tava com 12 anos e aí eu vim embora com os meninos. Mas eu fiquei seis meses lá no frio, limpando calçada todo dia, tirando a neve! Por isso que eu chorava!

Paulo: Hahaha.

10.6.

Mônica se estabelece em definitivo nos EUA

Mônica: Nesse meio tempo eu conheci o Donald. A gente começou a namorar, eu morava no Queens e trabalhava de modelo. Comecei a fazer um curso de faculdade, só o inglês deles, que eles pediram.

Foi depois que o Carlos pediu pra eu sair do apartamento, que eu me mudei pro Brooklyn. Lembra que vocês me ajudaram a fazer a mudança? Que eu enfiei todas as minhas coisas num saco de lixo e aí eu mudei para a casa da menina. O Daniel morrendo de vergonha porque a gente tava no metrô cheios de saco de lixo. Eu fazendo a mudança no saco de lixo, aquelas coisas bem de brasileiro... E ele fingia que não conhecia a gente no metrô, lembra?

Joanna: E nem quis entrar num restaurante pra almoçar com a gente.

Mônica: Um restaurante chinês, porque a gente tava com o saco de lixo. Hehehe.

Joanna: Eles acharam também um aparelho de som na rua, e o Pedro quis pegar. E o Daniel era todo o riquinho...

Daniel: Uma outra passagem interessante foi quando nós estávamos acho que ajudando a Moniquinha a fazer a sua mudança, lembra? Acho que ela morava... não sei se ela morava no Brooklyn e tava indo para Manhattan, enfim. Aí acho que faltaram algumas malas, e nisso tudo a gente acabou ali sendo um

pouquinho criativos e tal, e pegamos algumas sacolas que tinha e levamos o resto da mudança nas sacolas. Tudo aquilo caminhando e indo de metrô. Chegou uma hora que eu já tava cansado daquilo tudo, queria voltar logo, queria chegar no destino final, e vocês ainda queriam parar pra ir no restaurante... e leva a mala... e com sacola e tudo... realmente ali eu estava um pouco irritado com aquela situação toda. Mas enfim, foi muito curioso, muito interessante.

Mônica: Aí a gente foi pro Brooklyn e depois eu voltei com vocês pra Summit pra levar o som de vocês e tudo. Eu fiquei morando no Brooklyn, naquele quartinho lá, quase dois anos. De 97 atééééé o fim de 98, mais ou menos.

Joanna: Você casou em 97!

Mônica: Em 99, Mamma.

Joanna: Ah é, 99.

Mônica: 99.

Joanna: Eu tava trabalhando no Metrô.

Mônica: E eu levava vocês de vez em quando. Como eu não podia vir (*para o Brasil*), porque nesse período eu tava ilegal, aí era você que vinha, lembra? Você veio uma vez, até conheceu o Donald. Você ficava no apartamento do Brooklyn com o Paulo. Você vinha visitar, e daí eu comecei a fazer as faxinas, e você vinha comigo fazer as faxinas.

Casamento

Mônica: Eu casei em julho de 99. Foi uma história interessante, porque não era pra eu casar, na verdade. O Paulo me ligou uma vez, como sempre o Paulo com as ideias maravilhosas, e falou assim:

— Eu quero trazer a Andréa para cá porque eu acho que ela precisa viajar.

Eu não discuto. Ele falou: “Bom, eu vou falar que você tá doente, que você tá no hospital, e que ela precisa vir para cá”.

Eu falei: “Pô, não fala assim, vai dar um ataque do coração na menina, não precisa falar isso. Deixa comigo que eu invento alguma história”.

Aí liguei pra Dedé:

— Ah, “não sei o quê”... Por que você não vem para cá?

— Não, tenho medo de viajar.

— Pô, Dedé, se você viesse eu casava, o Donald tá querendo casar mas eu queria alguém da família aqui.

— An?! Você vai casar?! Fala sério?

— Se você vier, eu caso!

— Tô indo, tô indo!

O problema é que eu falei isso pra ela, mas eu não falei pro Donald. Não contei pro Donald que eu tinha mentido pra ela e, numa dessas, ela ligou pra falar que tava vindo, que a Vivian tava vindo, mas eu não estava em casa. Não existia celular, era só o telefone de casa. Aí ela falou:

— Ai, Donald, estou tão feliz que vocês estão casando!

O Donald virou pra mim: “Então... a gente tá casando?”.

Hehehe. Aí eu falei: “Não, inventa... inventa...”.

E ele falou pra ela: “Sim, então, vem pra cá...”.

Aí ele desligou, virou pra mim:

— Que história é essa que a gente vai casar?

— É só pra trazer minha irmã pra cá, não se preocupe. Assim pelo menos ela vem.

— Tá bom, tá bom.

No dia seguinte, ele falou: “Ah, vamos casar, vai!”.

Foi assim. Foi assim que eu casei. Ele topou rápido. A Andréa veio. Acho que foi o casamento mais rápido do planeta. A Andréa foi para lá (EUA) só por duas semanas porque o Lucca era pequenininho ainda.

Ela veio com a Vivian, chegaram numa segunda-feira. Na quarta-feira, eu fui fazer faxina, foi uma confusão, porque ela falou: “Você vai casar com o quê?”

E eu disse: “Eu pego um vestido qualquer”.

E a Andréa: “Não! Você tem que comprar um vestido”, não sei o quê, não sei o que lá.

Eu falei: “Mas eu não vou casar de noiva...”.

Aí a gente foi numas bodegas lá da vida, numas lojinhas chinesas, e a gente achou um vestido de festa. Tudo bem, comprei o vestido de festa. No dia do meu casamento, quarta-feira de manhã, eu fui fazer faxina. Eu fazia faxina

para um salão de cabeleireiros, a menina falou: “Vem, eu faço seu cabelo”. Ela fez o meu cabelo.

Às duas horas da tarde, a gente saiu para ir para o cartório, que fechava às quatro horas. A gente chegou lá às três e meia, os últimos a entrar, e fomos os últimos a sair. A mulher tava tão de saco cheio, que ela casou a gente em menos de cinco minutos. Ela virou para o Donald, falou assim:

— Cê aceita?

Virou pra mim:

— Cê aceita? Tá bom, vocês estão casados. Tchau, gente!

Saiu, largou a gente... A gente se olhando: “Já estamos casados???”.

Foi o casamento mais rápido do mundo. Então, o marido da mulher do salão era fotógrafo e ele falou que faria as fotografias para a gente. Tudo bem. Ele falou assim:

— Vamos caminhar na ponte do Brooklyn.

Tava 40 graus naquele dia. A Andréa já tirou o sapato, a Dona Xepa, porque não conseguia mais andar, a gente foi caminhar, todos suando... O Paulo falou:

— Eu tô com dor de dente, não posso ir.

Hehehe. Ficou sentado, esperando a gente voltar. A gente foi, tiramos um monte de fotos e voltamos. Depois fomos para um restaurante marroquino que tínhamos reservado. E foi isso. A mãe não conseguiu vir, você tava trabalhando no Metrô, né? Você tinha começado a trabalhar, né?

Joanna: Eu já tava de partida do Metrô.

Mônica: E foi a primeira vez que a Andréa foi para os Estados Unidos. A segunda vez foi para o casamento do Paulo.

Joanna: Que mês você se casou?

Mônica: Julho. Dia 30 de julho. Dois meses depois, por sorte, o Donald foi diagnosticado com câncer no pulmão. Ele ficou doente umas duas semanas depois do casamento. Ele ficou bem ruim. Não foi tosse, não foi nada, ele só ficava cansado, com dor no corpo. Foram só os sintomas que ele teve.

Foi para o cardiologista, foi para não sei quê... Ninguém conseguia encontrar nada que estivesse errado com ele. Aí falavam: “Ah, você tá com depressão...”.

Aí ele falou: "Vou ver meu doutor primário".

O doutor primário falou para ele tirar uma chapa do pulmão. Um tremendo tumor apareceu. O médico então falou: "Não preciso nem te falar o que é isso. Você é fumante."

Ele mandou a gente ver um cirurgião, isso já era setembro. O cirurgião marcou a cirurgia para outubro, foi em outubro que ele fez a cirurgia. Foi a primeira cirurgia. Na época, o cirurgião falou: "O tipo de câncer que você tem não tem cura, não tem quimioterapia. Se você quiser fazer radiação... mas já está no estágio 4. Então vai e aproveita a vida. Não vou te dar seis meses ou um ano, porque eu não tenho esse tipo de poder. Ele ficou bem quase três anos. Foi no terceiro ano que o câncer voltou. Aí foi quando ele tentou fazer radiação e radioterapia.

Joanna: Ele morreu em que ano?

Mônica: Ele morreu em 2003, mas ele teve quatro anos em que esteve bem. Ele ficou muito bem depois da cirurgia. Aí, um ano depois que ele morreu, mais ou menos, ele começou a ter tosse, a gente viu que voltou mesmo... a gente falou: "Agora tem que correr atrás".

Joanna: Um ano DEPOIS que ele morreu???

Mônica: Um ano ANTES dele morrer...

Joanna: Ele ressuscitou... hehehe...

Mônica: Hehehe... E nesse meio tempo, eu parei de trabalhar na escola, comecei a trabalhar só de faxineira, comecei a fazer as faxinas. As minhas duas primeiras faxinas eram para duas judias alemãs sobreviventes de um campo de concentração. Uma era... não sei o que era... patinadora... e a outra era uma médica. Eram umas velhinhas assim, acho que eram mais velhas que a vó Concheta.

A médica não ligava se você limpava a casa dela ou não. Ela falava assim:

— Passa um paninho aí, tira o pó e tudo bem.

Duas vezes por semana. A outra, eu tinha que passar a roupa.

Joanna: Você passando roupa???

Mônica: Então... porque assim, o trabalho nessa casa era de uma outra menina, que estava indo de férias para o Brasil e precisava de alguém para cuidar delas enquanto ela estivesse no Brasil.

Aí ela falou:

— Olha, ela vai te perguntar se você sabe passar roupa...

— Mas eu não sei passar roupa!

— Tudo bem, fala que você sabe!

Hehehe. Então eu fui lá passar roupa... A velhinha lá (*imita a senhora espiando-a sorrateira pelo ombro e fazendo uma cara de contragosto*):

— Você não sabe passar roupa, né? A sua avó não te ensinou isso não?

— Não, na verdade tinha gente que passava roupa pra mim...

— Não tem problema, peraí que eu vou te ensinar...

Ela passou duas horas comigo, me ensinando a passar roupa, a engomar... hehehe. Mas elas eram boazinhas. E eu tinha que comer na casa delas, não podia sair sem comer. Era um insulto horrível. Então, essa daí que me fazia passar roupa, ela sempre me servia queijos e pão. E ela me ensinava quais eram os tipos de queijos que ela servia. Foi assim que eu comecei a conhecer queijo. A outra era sempre café com leite e bagel. Era sempre a mesma coisa que ela me servia. Depois eu ia para a escola, ia fazer o que eu tinha que fazer. Mas elas foram as minhas duas primeiras clientes. Trabalhei com elas por quase quatro meses, então a menina voltou e pegou as casas de volta.

Depois disso eu pus um anúncio no jornal, lá no Village Voice, que é o jornal local de Nova York, para pegar mais cliente, e comecei a pegar bastante.

Prendendo o ladrão

Joanna: Conta daquela vez que você prendeu um ladrão.

Mônica: Ah, o ladrão... hehehe.

Joanna: Essa mulher é louca!

Mônica: Hehehe! Eu tinha ido fazer faxina. Era um dia antes do *Thanksgiving* (*Dia de Ação de Graças*), foi na quarta-feira, eu fiz umas cinco faxinas, e eu tava trabalhando com uma ajudante naquele dia. Ela era uma salvadorenha e era deste tamanho aqui (*levanta-se e mostra, com as mãos na altura de sua cintura, o tamanho da colega*). Tô te falando de verdade, ela era beeeeeem pequeninha.

Joanna: Quem era?

Mônica: Não lembro... era uma amiga da Rosa, a faxineira do Donald. Aí a gente fez bastante faxina, colocamos o dinheiro na bolsa, falei: "Vamos embora, te pago quando chegar em casa".

A gente tava perto da Columbia University, tava muito escuro já. De repente, eu vejo que minha bolsa já não estava mais comigo. Eu entrei em pânico: "Êta! Perdi meu dinheiro inteiro!".

Meus cabelos já subiram... O sangue da Joanna já virou em mim... E saí correndo atrás da bolsa. Eu vejo um cara, um negão 3x4, daqueles bem grandes, com a minha bolsa na mão, tirando o dinheiro.

Eu falei: "A bolsa é minha! Pode me dar?"

Ele falou: "Claro!", puxou o dinheiro e deu a bolsa para mim.

Eu falei: "Não, mas eu quero o que tava dentro da bolsa também!"

Ele falou assim: "Não. Quem vai provar que a bolsa é tua?".

— Meu documento está dentro da bolsa.

— Não, não vou te dar...

A menina ficou nervosa, porque ela já imaginou que não ia ser paga com o dinheiro todo indo embora, ela agarrou no cinto do cara! E eu discutindo com ele. Eu falando que queria meu dinheiro de volta, e a pequeninha agarrada no cinto do cara! Hahaha! Então o segurança do pessoal da Columbia viu a confusão. Eles vieram, eu falei o que tava acontecendo, não sei quê, não sei que lá... os seguranças pegaram o cara, levaram lá na guardinha deles e falaram: "Bom, vamos chamar a polícia".

Eu falei: "Eu só quero meu dinheiro de volta, eu não quero saber do que acontece com ele, só quero meu dinheiro de volta".

Tava preocupadíssima com meu dinheiro. A polícia veio, contei a história, não sei quê, não sei que lá, o policial falou pra mim (*imita-o com sério semblante e tom firme de voz*): "Você é louca?".

Joanna: Hahahaha.

Mônica: (*segue imitando a fala do policial*) "Você sabia que você poderia ter sido morta nesse momento??? E se ele tivesse uma arma?".

— Mas eu queria meu dinheiro de volta...

— Dinheiro não ia te trazer de volta!

Me deu um esporro aquele policial! Mas um esporro muito grande. Aí a policial feminina veio com o cara e falou assim:

— Se ele te der o dinheiro de volta, você deixa isso passar? Porque eu não quero fazer o registro disso hoje.

Olha a policial preguiçosa, né... hehehe. E os guardinhas: "Não! Não faça

isso, porque tá tendo muito roubo aqui, não deixa ele falar isso com você..." , não sei quê, não sei que lá... aquela confusão...

A policial assim: "Olha, meu sargento não vai ficar feliz com isso, por favor, se ele te der o dinheiro de volta, a gente deixa ele ir embora".

Eu falei: "Você é a policial, você quem manda, se ele me der o dinheiro de volta... qualquer coisa".

Aí o cara, o negão, veio com a policial do lado, me deu meu dinheiro de volta, e a policial falou:

— O que mais você tem pra falar para ela?

Ele fez assim (*dá de ombros*): "Nada".

Ela deu um tapa na cabeça dele: "O que mais eu falei que você ia falar para ela?"

Joanna: Hahaha.

Mônica (*imita o homem*): "Desculpa".

Aí ele me deu o dinheiro, "então tá, muito obrigada...", não sei quê, os guardinhas todos nervosos porque o cara foi embora, o policial falou:

— Onde você mora?

— No Upper West Side, vou pegar o metrô.

Ele: "No, no, no, no. Você entra no carro". Ele fez eu e a menina entrarmos no carro e falou assim:

— Eu vou te deixar no metrô, do metrô você vai pra casa e você não vai mais arrumar confusão com mais ninguém, você entendeu?

Hahaha!

Joanna: Hahaha!

Mônica: Aí eu fui pra casa, contei essa história pro Donald, o Donald falou: "Cadê o dinheiro?"

Falei: "Tá aqui". Ele pegou o dinheiro e pôs num quadro. Hahaha.

Joanna: Hahaha.

Mônica: Ele falou: "Você é louca, né? Poderia estar morta nessa altura do campeonato".

A gente não pensa, né? Não pensa.

Uma outra aventura de faxineira

Mônica: A outra aventura de faxineira que eu tive, foi um cara que me chamou para fazer faxina no apartamento dele. Eu cheguei lá, abri a porta, ele tava de toalhinha. Só com uma toalhinha enrolada na cintura. Eu falei:

- Você não vai pôr roupa?
- Ah, você se incomoda?
- Um pouquinho.
- Achei que você era brasileira, que não se incomodava.
- Mas eu sou brasileira de São Paulo, a gente se incomoda.

Hehehe. Aí ele foi lá, pôs roupa, eu não entrei. Depois eu entrei, ele disse: “Eu tô me mudando deste apartamento, preciso dar uma geral nele”, não sei quê, não sei que lá.

Então, ele começou com uma história de que era um ginecologista. Ele falou assim:

— Ah, eu gosto muito de mulher brasileira, eu fui para o Brasil, vocês são muito... como se fosse... como é...

Joanna: Dadas?

Mônica: É, dadas. Eu pensei: “Ai meu Deus do céu... isso é fria! Melhor eu sair disso aqui já!”.

Mas eu tinha pedido 300 dólares para limpar o apartamento do cara, então tinham 300 dólares aí na linha... no balanço.

Ele falou: “Ah, quero te mostrar as fotos de quando eu fui pro Rio”, não sei quê, não sei que lá...

E eu: “Então tá, né... me mostra as fotos...”

Aí ele falou: “Vem aqui no meu quarto, senta aqui na cama...

— Ah não, eu tô bem aqui de pé.

Ele mostrando as fotos: “Você não quer sentar mesmo?”

— Não, tô bem de pé.

— Não quer beber nada?

— Não... Onde está o banheiro pra eu começar a limpar?

— Não, espera, eu te falei que era ginecologista, você não está precisando de exame ginecológico?

— Não, não estou precisando de exame ginecológico. Onde é o banheiro?

Que eu vou começar a limpar.

Aí acho que ele se tocou que não ia rolar nada, ele falou:

— Então tá, vou fazer umas coisas e daqui a pouco eu volto.

— Tá bom.

Eu limpei metade do banheiro e falei: “Quer saber? Eu vou embora!”.

Catei o dinheiro, fui embora e o cara nunca mais me ligou. Hehehe.

Joanna: E você não acabou a faxina?

Mônica: Nem! E o cara nunca mais me ligou. Ele deixou o dinheiro lá, catei ele e fui embora.

10.7.***Indo para os EUA agora só como visitante***

Tico: Mas você continuou indo para lá (*EUA*) bastante ainda, né?

Joanna: Ah, sim, eu ia muito no final do ano lá passar com a Mônica, ficava em Nova York. Também ficava um pouco com o Paulo. Onde o Paulo mora hoje também é assim, só tem a casa dele e uma outra na rua que ele mora. É no interior do interior de New Jersey. Se você quiser comprar alguma coisa, você tem que pegar o carro.

Uma vez, quando os meninos deles (*os gêmeos Thomas e Phillip*) nasceram, eu fiquei 40 dias lá com eles. A Ann morava num apartamento antes; ela e o Paulo, em outro lugar. Eu não saía de casa porque era muito frio, eu fiquei fechada dentro do apartamento por 40 dias! Aí um dia, veio uma faxineira, eu falei: “Deixa eu tomar um pouco de ar”.

Você sabe que eu caí na rua! Me deu que nem um desmaio! De receber o ar. Porque eu ficava fechada no apartamento, eu quase desmaiei!

Joanna: Uma vez eu fiquei com o Paulo lá no Brooklyn. Uma tarde, ele resolveu sair pra comprar uma árvore de Natal. Só que o cabeçudo comprou uma árvore já toda montada. E o prédio dele não tinha elevador, ele morava

não sei em que andar. Bom, lá foi ele subindo com a árvore já toda montada. Hahaha! Aí ele falou: “Mãe, abre a porta!”

Eu empurrei a porta e larguei... não sabia que tinha uma mola... hahaha. A porta voltou, pegou ele e a árvore, estraçalhou a árvore! Hahaha. Ele queria me matar, eu falei: “Eu ia saber que a porta tinha mola?”

Mas deu bem na cara dele, veio com tudo pra cima dele. Os dois atrapalhados...

Joanna: Aí aconteceu que a Mônica foi passar o Natal lá na casa do Paulo, com a gente, e ela era casada com o Donald na época. O Donald não tinha ido pra casa do Paulo, ela ligou para o Donald e então começou a falar assim no telefone: “*What!? Noooo... are you kidding?! Noooo*”.

Eu falei:

— Quê que foi, Mônica?!

— Nada não, nada não...

E ela vira os olhos, né, quando ela mente...

— Ai, fala logo, Mônica, o que aconteceu?

A Andréa tinha sofrido um acidente no Rio. A Isabella... você viu que ela tem uma cicatriz na testa? E o Lucca abriu a cabeça. Eu aproveitei a deixa e falei:

— Ah Paulo, agora eu vou embora! Você arruma uma babá aí, eu vou me embora. Eu não quero saber, eu quero ver o que aconteceu com os meninos.

Fui embora com a Mônica pra casa dela no mesmo dia. Passei o Ano-Novo com ela, em Nova York, no dia seguinte eu voltei para o Brasil. Mas eu fiquei 40 dias sem pôr a cara fora de casa lá. Porque era no inverno, eles nasceram em novembro. Quando eu saí, eu quase desmaiei na rua, quase que eu caí.

Tico: E ainda com o frio...

Joanna: Tava, tava muito frio.

Tico: Frio não é contigo, né?

Joanna: Ah não, pelo amor de Deus, eu detesto! Mesmo aqui na minha casa eu não gosto quando faz frio. Lá, quando venta, nossa Senhora! Porque o vento é que dói. Parece que você tá todo congelado, sabe?

Mas acho que foi o ar, né? O ar que eu não recebia. Eu ficava só fechada lá dentro, não ia lá fora. Foi muito ar na minha cara! Hahaha. **Fiquei embriagada do ar.** Foi gozado aquele dia.

Joanna: Outra vez que eu fui pra lá, o Paulo me deu umas das milhas dele, então eu tive que fazer troca de avião em Miami. Saí daqui (*do Brasil*) dez horas da manhã, cheguei em Miami cinco e meia, seis horas, e meu voo para Nova York era às sete horas. Tinha só eu e o mundo inteiro naquele aeroporto de Miami. Até eu achar onde era o check-in, despachar a mala... Mandaram eu ir no portão “não sei das quantas”, eu fui. Cheguei lá, não tinha ninguém. Só eu e um homem. Aí eu falei assim:

— O senhor tá indo para Nova York?

— Não, estou indo para Dallas.

Aí eu já fiquei preocupada. Saí no corredor, encontrei uma moça de uniforme, falei:

— Moça, onde que é o portão para Nova York?

Ela falou: “Que horas era o seu voo?”. Eu falei: “Agora, às sete horas”.

Ela falou: “Já foi”. Hehehe. Aí comecei a chorar.

— E agora, o que eu faço???

Ela falou assim: “Vamos com calma! Vem aqui comigo que eu vou achar um voo que vai levar a senhora para Nova York”.

E o Paulo estava me esperando no (*aeroporto*) Kennedy. Ela falou pra mim:

— Só que esse voo vai descer em La Guardia.

Bom, depois que ela me deu a passagem e tudo, peguei um telefone e liguei para o Donald. No meu inglês espetacular, falando com ele, que não entendia português, eu falei:

— Por favor, o Paulo tá no Kennedy me esperando, fala que eu vou descer no La Guardia.

Consegui me explicar, fiquei sossegada. Estou lá viajando, o comandante fala não sei o que no rádio, não ouvi, perguntei para a menina do meu lado o que foi que ele falou.

— Ele falou que o La Guardia já fechou, então nós vamos descer no Kennedy.

Hehehe. Eu queria me jogar de lá de cima! Falei: “Bom, agora seja o que Deus quiser, né?”

Desci lá no Kennedy, duas e meia da manhã, não tinha ninguém. Aí tinha uma moça negra no balcão, eu falei pra ela:

— Olha, eu perdi o voo, minha mala veio, como é que eu posso fazer para recuperar a minha mala?

Não via Paulo, não via ninguém, não tinha ninguém no aeroporto.

Ela falou: “Ah, já sei quem é você. Vem comigo que eu vou te mostrar onde estão suas malas”.

E eu, “peninha” aqui, fui. Quando a gente tava voltando, o Paulo desce do carro dele, todo nervoso:

— Porra! Onde você tava? Tava perdida no ar? Liguei para tudo quanto era companhia e não te achava!

Aí a mulher olhou bem pra ele e falou:

— Você vai me xingar agora na frente da sua mãe?

E eu não sabendo de nada, a “peninha” aqui. É que o Paulo ligava para a companhia, e ela batia o telefone na cara dele.

Mônica: Não é que ela batia o telefone na cara dele, ele ficava xingando ela pelo telefone, chamando ela de fanha. E no fim ele falou:

— Sua fanha, com esse sotaque eu te encontro até no inferno!

Ele desligou.

Joanna: Ele falou: “Você vai ser mandada embora, eu vou te tirar daí”.

Ela falou: “Você não sabe quem eu sou”.

Ele falou: “Com esse seu sotaque filho da puta, eu te acho até no inferno!”.

E a mulher tinha lábios leporinos, então ela falava assim, fanho. E eu no meio dos dois, ele queria me matar: “Justo essa mulher você foi pegar?”.

Eu falei: “Paulo, não tô sabendo de nada... tô chegando agora...”. Hehehe.

Mônica: Porque ele ficava ligando no aeroporto e perguntando se a Joanna estava no voo, e ela não podia falar nada, porque essa informação é confidencial. Ele ficava ligando, e ela desligando na cara dele. Hehehe.

Faxinando com Mônica

Mônica: A gente ia fazer faxina junto, mas minha mãe não fazia nada, por-

que senão ela fazia mais bagunça do que ela fazia faxina!

Joanna: Você não sabia nem o que limpar lá. Eu falava:

— Mônica, não dá nem pra saber o que limpar aqui!

Você queria tirar o pó, não podia porque tinha um livro aqui, um jornal ali, uma foto aqui, um prato aqui, sabe? Eu falei: “Não vou fazer nada...”, hehehe.

Mônica: Eu falava pra ela: “Não toque em nada, não mexa em nada!”.

Mas sabe como é a Joanninha, ela sempre ia fuçar nas coisas dos outros, ela abria todos os armários... ela falava: “Não quer que eu limpe o armário?”. Eu respondia: “Sai fora dos armários! Não se limpa armário aqui!”

— Não quer que coloque os livros?

— Não, não...

Joanna: Ela trabalhava num apartamento bonito, né? Aquele que tinha uma sacada, perto do Central Park. A Mônica tinha que lavar roupa, secar, dobrar e pôr em cima duma cama. Só que essa tal cama, tinha roupa que ela já tinha dobrado na semana retrasada, misturada com roupa suja deles...

Mônica: Era o Michael.

Joanna: Nossa Senhora!

Mônica: O Michael era engraçado. Eu ia lá uma vez por semana, ele tinha um apartamento lindo perto do World Trade Center, com terraço grande, é desse que você tá falando. Ele usava duas toalhas por dia. Então, toda vez que eu chegava lá, tinham 14 toalhas. Não dava tempo de limpar o apartamento e fazer a lavanderia inteira. O que eu fazia era pôr as toalhas na secadora, eu não lavava as toalhas, só lavava as roupas, aí dobrava as toalhas e punha de volta no armário. Hehehe. Como faxineira a gente fica esperta lá. A gente faz a metade das coisas que faz no Brasil. Eu lembro que tinha um cara que eu fazia faxina para ele, aí uma vez ele veio para o Brasil e inventou que eu ia passar a roupa dele. Eu falei:

— Eu vou te avisar que eu não sei passar roupa.

— Mas como?

— Eu tinha alguém que passava roupa para mim.

— Mas tenta passar umas camisas...

Nossa, mãe, eu acabei com as camisas dele! Ele nunca mais me chamou de volta.

Joanna: Dava pro tintureiro! O Paulo quando me chamou pra trabalhar lá com ele também, queria que eu lavasse roupa e passasse as camisas dele. Aí ele olhou assim e falou:

— Mãe, não dá pra você passar um pouquinho melhooor a minha camisa?

Eu falei: “Ah, Paulo, é o seu ferro que tá quebrado, ele não esquenta! Compro outro”.

Aí ele: “Tá, enquanto eu não comprar, tem uma lavanderia perto da estação de trem. Quando você me levar, a gente deixa as camisas lá”.

Eram dez dólares para cinco camisas, lavadas e passadas. Nunca mais lavei nem passei camisa dele. Toda sexta-feira eu deixava na lavanderia, na segunda eu pegava.

Mônica: É, passar não faz parte da minha carreira. Eu falhei miseravelmente nesse aspecto.

Joanna: Nem eu sei passar roupa mais. Aliás, eu nunca soube.

Mônica: Hehehe. Não, você também não. A gente tem esse problema. Genético.

Mônica: A vó Concheta punha a gente pra limpar a casa e dava um dinheirinho em troca. Quando você acabava e mostrava pra ela, ela passava a mão, via onde você não tinha limpado e falava:

— Pode limpar tudo de novo! Você perdeu um espaço, perdeu tudo!

Ela fazia limpar de novo e falava:

— Um dia você vai precisar disso!

E toda vez que eu fazia limpeza, eu falava:

— Olha a vó aqui, ó!

Precisei mesmo!

Joanna: A Mônica pegava cada muquifo pra limpar! Nossa Senhora!

Mônica: Mas não era faxina. A gente não faz faxina brasileira nos Estados Unidos, é faxina americana. É aquela assim, quando alguém liga “tô chegando”, aí você limpa a casa rapidinho só pra falar que limpou, sabe como é?

Joanna: Nossa, você não sabe por onde começar. Porque assim, minha mesa... (*aponta para a sua mesa de jantar*) tá assim agora, tá parecendo lá. Mas lá tinham muito mais coisas, então não dava pra você saber onde pôr as coisas pra você tirar o pó, entendeu? Um dia eu fui com ela e falei: “Ah Mônica, não vou fazer nada aqui não!”, hehehe.

Mônica: Hahaha!

Joanna: Tinha uma menininha lá, fui fazer a menina dormir, dormi junto com a menina! Hahaha.

Mônica: Hahaha!

Joanna: Lembra? A mulher saiu, se você visse a mulher na rua, parecia uma artista de cinema. A casa podre! Podre! Sabe o que é podre? Louça suja com comida na pia... um horror!

Mônica: Americano não é a coisa mais limpa do mundo. Isso não é. Eles são muito bagunceiros.

Joanna: Nossa, um dia nós fomos no apartamento de um advogado, tava cheirando a rato morto! Era resto de comida que ele jogava, os pratos com resto de comida na louça, e esperava uma semana pra ela ir lá pra fazer a faxina!

Mônica: Uma semana até eu ir lá pra limpar a louça pra ele.

Joanna: Você vê eles na rua, todos... (*faz uma pose de elegância*), né? Pensa que é artista de cinema...

Mônica: Chega em casa, acabou! Acabou a glória.

Joanna: Não é, Moniquinha?

Mônica: É, mas é assim.

Joanna: Mas então, ela pastou né? Pastou bastante. Até chegar onde ela tá hoje...

Mônica: Ah, pastou... é uma aventura eu acho, sabe? E desde que eles me pagassem em dólar, eu não ligava. Podia deixar a bagunça que fosse, eles me pagando...

Mônica: Eu levava a mamãe pra fazer faxina, mas punha ela no sofá e falava: “Não se mexe! Fica quietinha aqui, não faça nada! Imóvel!”.

Andréa: Hahaha! “Estátual!”. Hahaha.

Mônica: “Estátua! Não limpe nada!”

E tinha um apartamento que eu limpava, que a mulher não queria que tivessem pegadas no chão do quarto dela, porque ela tinha esse carpete super-fofo, então eu tinha que começar a limpar de um canto, seguir pelo quarto todo, sair e deixar o quarto. Nunca mais entrar.

Joanna: Sair de costas!

Mônica: Aí, eu tinha limpado o apartamento inteiro, tudo certo e resolvido, eu volto e vejo pegadinhas no quarto...

Andréa: Hehehe.

Mônica: Falei:

— Mãe, você entrou aqui?

— Ah, eu queria sentir o carpete no meu pé...

Hahahaha!

Andréa: Hahahaha!

Mônica: Tive que pegar o aspirador DE NOVO, passar o aspirador de novo pra tirar as pegadas dela... porque se não, a mulher me chamava no fim do dia.

Joanna: A Mônica foi na casa de uma judia, você via ela na rua, parecia uma artista de cinema. Ela saiu toda arrumada com um casaco de pele, né, Mônica? Mas a casa dela, não tinha um lugar que não tinha um negócio em cima de outro. O bercinho da menina, da filha, tinha só um pedacinho pequeno pra menina deitar, o resto era tudo roupa jogada. A Mônica disse que um dia achou uma barata lá, né? Falou pro pai, ele falou: “Ah, ela não tem medo de barata ainda”.

Mônica: Sabe o que a mamãe fez nesse dia? Eu falei: “Senta aqui quietinha, vai demorar”. Ela pegou a menina no colo, e ela e a menina dormiram enquanto eu limpava a casa. Hahaha.

Joanna: Eu dormi com a menina... hehehe.

Mônica: A dona deixava eu fazendo faxina e *babysitter* pra filha dela.

Joanna: Mas olha, se você visse a mulher na rua, você falava: “É uma atriz de cinema”. E a casa dela, você não podia entrar. Tá louco...

Mônica: Mas a mamãe gostava porque, quando eu fazia faxina, era *cash* (*dinheiro vivo*), e depois a gente ia fazer compras, né?

Joanna: Ia na lojinha!

Mônica: Ia ou na Macy's ou no Oddjob, e comprava todas aquelas coisas que a gente sabia que não iam caber na mala, lembra mãe? Hehehe.

No metrô nova-iorquino

Joanna: E aquela loja de brinquedos que tem uns 50 andares?

Mônica: Toys"R"Us. A gente se perdeu na loja...

Joanna: Chegou o elevador, eu entrei, quando eu olho, a porta fechando, e a Mônica lá fora...

— Môooonic...a.... (*faz a voz sumindo*).

Hahaha!

— E agora, onde que eu desço? Onde que eu vou achar a Mônica?

Mas a gente se achou, né?

Mônica: Você achou rápido... o DNA se acha.

Joanna: Eu passei bastante apuro lá. E uma vez ela falou pra mim... eu fui sozinha ficar na casa do Paulo, quando ele morava no Brooklyn, eu pegava o metrô sozinha e ia encontrar com ela depois. Um dia ela falou: “Desce na 12”. Doze ou 14?

Mônica: Na 14.

Joanna: Na 14. E eu, a cada parada, olhava. Parou em uma estação, estava escrito Union Square. Falei: “Não é aqui”.

Quando o trem andou passando do outro lado do pilar, tava escrito “14”. E eu:

— Ai! Eu preciso descer!

Hihih. Aí tinha um moço que me falou:

— Se acalma! Eu vou descer na próxima, a senhora desce comigo, e então a senhora volta só uma estação.

Hahaha. Ele me pôs no metrô e falou:

— Na próxima estação a senhora desce!

Hehehe.

Tico: Mas você acertou por fim?

Mônica: Sim. Porque eu falei: “Você desce na 14 e senta no banquinho, eu vou te achar”. Eu fiquei no banquinho, mas ela desceu do lado errado, e eu não achava ela. De repente, eu olhei do outro lado, vi uma mulher sentada num banquinho. Hehehe. Fui pegar ela do outro lado.

Joanna: A Mônica só me fazia passar susto!

Mônica: Você que era atrapalhada! Eu te dava as instruções exatas... hehehe.

Joanna: Catorze? Por que você não falou que era Union Square?

Mônica: Ah... a gente não tem problema, o nosso DNA nunca se perde. Nunca. A gente sempre se acha.

Joanna: E o ceguinho no metrô?

Mônica: Nossa, coitado daquele ceguinho, hein! Você xingou tanto aquele ceguinho.

Joanna: Hahaha.

Andréa: Por quê?

Mônica: A gente tava descendo a escada para ir no metrô. Passou um homem, rápido, quase que jogou a mamãe da escada. Ela falou: “Ô seu filho duma puta!”.

Joanna: “Seu cego!”

Mônica: É... “Ô seu cego, filho duma puta!”. Hahaha.

Andréa: Hahaha. Ele era cego mesmo?

Joanna: Hehehe, ele era cego.

Mônica: Aí a gente entrou no metrô, ele veio cantando e tocando “tan-dan-dan-dan-dan” (*imita um acordeon*), com aqueles óculos de cego, ela falou assim: “Ai Mônica, o homem é cego...”

Joanna: Hahaha!

Joanna: E o pudim hein? A torta?

Mônica: Nossa, você acabou com a minha torta...

Joanna: A Mônica ganhou uma torta, ela foi fazer faxina numa casa, a mulher deu uma torta. Hahaha. Ela deu pra mim, pra carregar.

Mônica: Ela me deu uma torta de pêssego porque era *Thanksgiving*. Aí a Joanna falou: “Dá pra mamãe que ela segura”.

Sabe como ela segurou? Ela pôs no chão do metrô.

Joanna: O metrô faz assim “tchin-tchin-tchin” (*faz um gesto com a mão, balançando de um lado pro outro*).

Mônica: Quando eu fui pegar a torta, ela tava assim ó (*faz, com o corpo, algo todo espalhado e estrambolhado*). Hahaha.

Andréa: Não tinha mais nenhum pêssego em cima...

Mônica: Nada!

Joanna: Ela queria me matar! Hahaha!

10.8.

Epílogo para a aventura americana

Paulo: Faz 30 anos desde que eu comecei (*no banco*), 28 anos de serviço, então mostra a conexão que eu criei com ele. Porque, no final da história de tantos anos, eu passei mais da metade da minha vida trabalhando para o banco. Muda você como pessoa, como ser humano, a maneira como você lida com problemas, com dificuldades, com pessoas de todos os jeitos. Foi a oportunidade de conhecer o mundo, foi a oportunidade de crescer e ter alguns confortos. Então, para mim, o banco foi uma coisa muito importante. E ainda é. Por isso que eu ainda continuo lá. Mas foi uma loteria, né? Desde o cara lá que não tinha nem por que tomar interesse num homem que tava trabalhando num restaurante em Nova York... mas o cara foi fundamental na minha oportunidade. Ele tá muito bem hoje, mas não tá mais no banco.

Tico: Você tem contato com ele?

Paulo: Muito pouco. Ele é sócio de uma corretora de valores. Saiu logo depois que eu entrei no banco. Mas não precisava ter feito nada do que ele fez, a gente nem se conhecia. Então tem alguns momentos na vida que é mesmo pura sorte. E se você tiver a consciência de aproveitar o momento, dá tudo certo.

Tico: Você acha que na sua história, em conjunto com a história da sua mãe, da sua família, você identifica esses momentos em que parecem que acontece algo diferente e transformador?

Paulo: É, o banco foi importante não só para mim, mas para a minha mãe. A vida dela também mudou por causa disso. Até o nosso relacionamento mudou por causa disso.

Tico: De que forma?

Paulo: Mudou para melhor, porque a gente tinha sempre algumas preocupações, normalmente de natureza financeira, ou eu, ou ela, ou os dois. Então era sempre uma consideração na conversa. Nunca mais. Então, para ela, também foi importante como a minha vida se desenvolveu. Quando ela precisa de dinheiro, ela só liga. Hehehe. Mas foi gozado, né, porque eu não sabia o que esperar. E a minha mãe sabia também que eu tinha saído do Brasil por causa daquela história do Collor. Eu tava falido, Tico. Falido. O pouco que eu tinha desapareceu no programa do Collor. Estava mesmo numa situação complicada,

aquela em que você tem que vender o almoço para comprar a janta. E a minha mãe nem queria me falar que o banco estava atrás de mim, hahaha! Falou: "Vou encher o saco do cara com mais uma...", hehehe. "Não vou falar nada".

Você vê, cara, como são as coisas? Por sorte, ela resolveu perguntar:

— Você tá devendo dinheiro pra algum banco?

Hahaha.

Joanna: O Paulo, coitado, fez a vida dele sozinho. Ele casou, errou, mas assumiu a cagada dele. Depois ele separou, foi embora pros Estados Unidos para trabalhar como garçom, porque o pai dele nunca ligou de ajudar os filhos. Os meus filhos, né, não sei os outros filhos dele. Ele começou a trabalhar e a estudar. Não é porque ele tava num emprego bom, que ele deixou de estudar, ele continuou estudando matemática. Hoje ele é diretor do banco, às custas de quem? Dele. Não deve nada para ninguém. Graças a Deus ele hoje tá como ele quer. E conseguiu através do esforço dele mesmo, não precisou da ajuda de ninguém. Ele foi, meteu a cara, apanhou e hoje graças a Deus ele é um homem de sucesso.

A Moniquinha também, né. Porque ela foi para os Estados Unidos para ser faxineira, coisa que ela não fazia em casa, nem pegava na vassoura, porque eu sempre tive empregada, né? Primeiro foi ser modelo numa escola de arte... hahaha, até isso ela já foi... eles tiveram uma vida bem... bem cheia...

Tico: Diversificada.

Joanna: Diversificada... Você falou tudo! Tanto que ele e a Mônica que me ajudam, porque se não, eu não poderia estar morando aqui onde moro hoje, teria que estar morando com um deles. Então eu agradeço muito a Deus os filhos que eu tenho, sabe? E a vida que eu levo que, apesar dos pesares durante a minha vida, agora tá boa, tá ótima. Eu vivo bem, sem problema, sem pensar em dinheiro, sem dever para agiota como eu já vivi... hahaha, não é? Então eu sou feliz. Sou uma mulher feliz.

CAPÍTULO 11

BACK TO BRAZIL

Final dos anos 1990 e anos 2000

11.1.

Aposentadoria e mudança para Osasco

Tico: Nessa época que você foi para os Estados Unidos, já tinha conseguido a aposentadoria?

Joanna: Já. Eu me aposentei quando eu estava na Columbia ainda, porque aquele filho da puta do Collor tava falando que ia acabar com a aposentadoria. Eu me aposentei com 25 anos (*de tempo de serviço*), mas eu continuei trabalhando, entendeu? Trabalhei até... 96. Registrada. Quando eu fui para o Metrô, eu não era registrada. Depois que eu voltei dos Estados Unidos, pela segunda vez, o Domingos falou se eu não queria ir trabalhar no Metrô como temporária. Aí eu fui. Trabalhei dois anos lá, mas o Metrô tava mal das pernas, eles mandaram todos os terceirizados embora e fizeram aquele pedido de demissão voluntária também. Aí eu não trabalhei mais, porque eu já tinha 60 anos, onde eu ia arrumar emprego? Nessa época eu já morava em Osasco.

Andréa e Ricardo, desbravadores de Osasco

Ricardo: Uma vez a gente tava passeando, eu trabalhava no Jaguaré, então tava passeando por lá, recebemos um panfleto de um corretor no meio da rua, e a gente resolveu ir ver, eu e a Andréa. Nós fomos lá, vimos, gostamos e acabamos até comprando o apartamentozinho em Osasco. A gente acabou morando em Osasco um tempo, até num prédio onde a Joanna veio morar depois, foi no mesmo?

Joanna: No mesmo prédio!

Ricardo: Na torre do lado, né?

Joanna: No prédio da tua mãe! Eu morava no 9º ela morava no 5º, eu acho... depois que eu mudei pro outro prédio.

Andréa: A gente casou em 91, mas a gente mudou pro “apê” no final de... setembro de 92. Que a gente ficou um ano e pouco lá na casa (*de Itupeva*). Na verdade, nem um ano que a gente ficou com a casa de Itupeva... lembrando bem agora.

Ricardo: E na tua mãe, quanto tempo a gente ficou lá?

Andréa: Na sala da casa dela... ahaha... até a gente mudar pro apartamento.

Andréa: E ainda teve uma coisa, quando a gente entregou a casa de Itupeva, o apartamento não tava pronto pra gente entrar, porque a gente ia ter que fazer cozinha e tudo mais, então os móveis que a gente tinha na casa de Itupeva ficaram bem “muquifados” na sala da casa da Joanna! A cozinha principalmente, né? Ficou toda desmontada lá um tempão na sala da Joanna. Coitada. Hehehe! Era um “forfê” aquela casa, uma bagunça, né? Mas era assim que ela gostava. Da casa cheia, entendeu? Da bagunça mesmo. Da muvuca.

Ricardo: Isso é o que ela diz, né? Hehehe... ou isso é o que a gente acha... tinha ela que comprovar isso...

310

Andréa: Não, eu **tenho certeza de que ela gostava era disso, dessa bagunça**. Da bagunça que a gente fazia em Itupeva, na casa da vó Concheta.

Quando eu tava com a casa lá, a bagunça se dividia entre a casa da vó Concheta e a minha casa. E as casas era bem próximas, a gente descia a rua da casa da vó, virava a direita, e já era a primeira casa ali, era bem pertinho. Então a gente dormia metade lá e metade cá, né? Quando eu tinha a casa lá, a vó Concheta até ficou mais aliviada porque a gente já dividia mais a bagunça. Mas foi muito bom, bons tempos.

Andréa: E na casa da Joanna ficou tudo meio empilhado até a gente fazer a mudança pro apartamento. E também era divertido ficar na casa da Joanna, então a gente foi ficando, né?

Tico: E vocês e a Joanna moraram em Osasco ao mesmo tempo?

Ricardo: A gente saiu de lá (*Osasco*) e depois a minha mãe é quem vai pra lá.

Isabella: Eu já era nascida, quando a Jojoca foi pra Osasco.

Andréa: Nascida e crescida!

Isabella: É! Tanto que eu ainda tenho muitas memórias de Osasco. Já da casa da Guaicuí eu lembro vagamente da rua, de olhar a rua da janela...

Joanna: Correndo atrás dos passarinhos...

Isabella: Correndo atrás das folhas, tanto é que eu nem sei se isso é memória minha mesmo ou memória do que as pessoas falam. Mas de Osasco eu lembro muito, lá eu já era maior.

Ricardo: Quando a gente saiu de Osasco, minha mãe morava na Saúde, aí ela mudou pra Osasco, e no dia que ela mudou pra Osasco, a gente mudou pra (*casa da Rua*) Diogo. Foi isso. Aí a minha mãe já morava em Osasco e... por que a Joanna saiu da Guaicuí, mesmo?

Andréa: A casa tava com mil problemas, e a rua já tava bem ruim também... tava começando a degringolar. Deu uns rolos com o Ricardo, o filho do dono, aí elas resolveram entregar a casa e foram, a Joanna e a vó Concheta, morar em Osasco, no mesmo prédio que a dona Zede (*mãe do Ricardo*), mas no 9º andar.

311

Ida para Osasco

Joanna: Eu fui para Osasco por causa do problema do forro da casa (*da Guaicuí*). Chovia dentro de casa, e o cara não queria arrumar. Eu já pagava lá mil reais de aluguel porque o filho do dono original, o Miguel, assumiu o controle e pôs o imóvel numa imobiliária. Você acha que era minha obrigação arrumar a telha, se foi o filho dele que mandou cimentar? Ele cimentou para não cair água na areia, que ele tinha aquele monte de areia na frente, ali na calçada, então ele mandou cimentar a calha. Pensa bem!?

Aí eu pedi para ele deixar o último mês sem pagar, né, porque eu tinha que fazer a mudança, fazer tudo. Ele não deixou e ainda mandou a imobiliária fazer vistoria na casa... puxa, aí eu briguei com ele, falei: "Escuta... vistoria?! Alguém foi fazer vistoria antes do seu filho acabar com a casa?".

Porque para fazer a reforma na casa dele, ele mexeu no banheirinho da área de serviço da minha. Tirou os azulejos, e em vez de colocar azulejo, ele só pintou a parede. No banheiro social, no quartinho da Mônica, ele só pôs o cimento. Aí eu tirei foto e falei: "Eu vou abrir uma ação contra vocês! Vocês acabaram com a casa! Não é minha obrigação acabar de fazer o que vocês... o que teu filho fez lá!".

Tico: E o que aconteceu?

Joanna: Aí ficou por isso mesmo. Eles queriam que eu pagasse... imagina, eu ia pagar pelo que o filho dele estragou? Seu pai (*Zé Carlos*) até foi lá e tirou um monte de foto para mim. Eu até mandei um advogado ver isso pra mim. Nem sei se correu a ação, se não correu, só sei que eles nunca me cobraram. Eu tinha que pagar a mudança, né?

Tico: E vocês estavam há muito tempo naquela casa, né?

Joanna: Nossa, a minha mãe morou lá desde 1960. Na mesma casa. Nós saímos de lá em 98... 38 anos!

Tico: Não faz sentido... Ele teria que comparar com uma vistoria de 1960.

Joanna: Pois é, menino! E depois, ainda, uns anos antes, eu tinha mandado pintar a casa, sabe? A minha mãe ficou brava, ela queria que eu fizesse a reforma. Mas com que dinheiro eu ia mexer no telhado? Ela não gostava de Osasco, mas também ela já tava bem velhinha, né? Em Pinheiros ela já não saía muito, ela não podia andar muito. Mas aí ela não quis ficar lá (*em Osasco*).

Isabella: Eu lembro desse prédio! Eu lembro super desse prédio, quando você (*Joanna*) foi morar lá.

Ricardo: Você nasceu nele, na verdade.

Isabella: Onde vocês moravam eu não lembro, eu lembro do prédio onde depois a Joaquina (*Joanna*) foi morar, porque tinha até um quarto com uma beliche e embaixo da beliche...

Joanna: Vocês adoravam!

Isabella: Eu adorava fazer cafofo! A gente jogava edredom, fazia uma cabana e tal, ficava hoooooras lá brincando. Eu lembro, inclusive, nesse mesmo apartamento, de ficar na rede... de juntar umas cadeirinhas na varanda, não tinha rede, eu juntava umas cadeirinhas e ficava deitada vendo a... quermesse? O que tinha lá mesmo na frente que ficava uma bagunça?

Joanna: Era na Guaicuí isso!

Isabella: Não... É, na Guaicuí também, porque aparentemente eu sempre fui "dona Fifi", gostava de ficar na janela, mas nesse outro apartamento de Osasco eu juntava umas cadeirinhas ali na varanda...

Joanna: Ah! Porque tinha festa na Igreja!

Isabella: Tinha festa na Igreja!

Joanna: Festa junina.

Isabella: Eu ficava vendo a galera na igreja! Eu tenho muitas memórias desse apartamento, inclusive eu lembro também que o Pedro e o Daniel eram sempre os meus instrutores de jogos. Foi com eles que eu aprendi a jogar aquele "Caesar", que era um jogo de computador que eu jogava também aqui nesse apartamento (*onde foi realizada a entrevista*)... eles me ensinaram a jogar. E nesse outro apartamento, de Osasco, era o Super Nintendo que a gente jogava, e a gente jogava o "Mario Party", eu lembro super!

Joanna: Eu ficava traduzindo pra vocês, era tradutora e intérprete...

Isabella: O "Zelda"! Você ficava traduzindo o "Zelda", que vira e mexe a gente trazia o video game pra passar uns dias com você, e você ficava traduzindo pra gente. Mas eu lembro super dessa casa de Osasco. Era muito gostosa.

Joanna: Eu gostava daquele apartamentozinho de Osasco.

Segunda mudança, mesmo prédio

Cidoca: Tico, uma vez nós fomos fazer a mudança da Joanna, ela morava num prédio lá em Osasco, ela foi pra outro bloco, né, Joanna?

Joanna: Nooooosa Senhora! Levamos tudo na mão, Tico!

Cidoca: Aí ela arrumou um cabo de vassoura...

Joanna: Não, era um cabide!

Cidoca: Ah! O pau do cabide! Aí nos colocamos no ombro de uma e da outra e descemos todo o elevador com aquilo nas costas... hahaha... Aí quando chegou num caminho que a gente ia passar pro outro bloco, nós não aguentamos...

Joanna: Tinham umas escadas...

Cidoca: ... nós ficamos de joelhos! Hehehehe! As duas ajoelhadas no chão, não conseguíamos levantar!

Joanna: Hahaha! Aquele dia foi gozado, viu...

Cidoca: Ai, gente...

Joanna: Um peso, aquilo foi pesando, pesando e nós fomos abaixando... hahaha.

Tico: Estavam só vocês duas nessa mudança?

Joanna: Só nós duas!

Memórias dos tempos de Osasco

Ricardo: “Izcrusive”, quando tua mãe (*Andréa*) foi no casamento da Mônica, vocês ficaram lá com a vó.

Isabella: Ah, sim!

Ricardo: Vocês passaram uma temporada com a vó lá.

Andréa: Vocês não, só o Lucca.

Ricardo: Ah, a Isabella ficou na...

Joanna: Isabella ficou na tia Cida!

Isabella: E por que eu fui parar na casa do Kevin depois? (*Um tempo*) Porque eu pedi socorro!

Andréa: Porque você ligou pra tia Célia... falou assim: “Socorro!”. Hahaha!

Joanna: Sabe, ela ligava escondido, lá da casa da Cida, quando a Cida saía, ela corria pra ligar pra tia Célia: “Tia Célia, pelo amor de Deus, me tira daqui!”.

Andréa e Isabella: Hahaha!

Joanna: Aí a Cida chegava, ela falava: “Ela tá chegando, tia, ela tá chegando!”, e desligava o telefone, coitada...

Isabella: É que a casa da tia Célia era muuuuito mais divertida! Tinham bombonzinhos escondidos, tinham mil fitas que o tio Zé gravava, as histórias da tia Célia, tinha a loja de 1 real... era muito mais divertido! Hehehe.

Andréa: A lojinha japonesa!

Isabella: É!

Andréa: Bazar Rio Azul! Lembrei do nome agora! Bazar Rio Azul! Todo sábado ela passava, mesmo quando você não tava na casa dela, quando você tava comigo, a tia Célia passava na casa da vó Concheta, pegava você e ia com as crianças lá no Bazar Rio Azul, e sempre comprava alguma coisinha pra você.

Isabella: É! Eu lembro desse passeio, e eu lembro do passeio também das carpas pra ver o restaurante japonês que tinha carpas. Eu lembro dessas duas coisas.

Ricardo: Quando a Andréa foi viajar, o Lucca passou uma temporada com a Joanna, né?

Andréa: É, o Lucca passou, quando eu fui pra Nova York da primeira vez, no casamento da Mônica.

Ricardo: Essa foi a primeira vez que eu tomei uma chamada da Joanna mais séria, uma bronca mais séria. Porque eu sempre trabalhei muito, trabalhava de sol a sol. Às vezes, eu chegava em casa 11 horas, meia-noite. E o Lucca era um menino muito carente, ele ficou na Joanna lá em Osasco, né?

Andréa: Tadinho, ele não era carente... ele tinha um ano e meio!

Ricardo: E ele tava em Osasco com ela. E a Isabella perambulando pelas tias, ou na Célia ou na Cida, a Isabella tava largada em algum lugar...

Andréa: Hehehe... E como ele era muito pequenininho, ninguém queria ficar com ele porque dava muito trabalho, tinha que trocar frauda... tarará tarará... Aí foi assim, essa primeira viagem, quando eu me ausentei dos meus filhos, que eu fiquei longe deles, foi quando eu fui pro casamento da Mônica em Nova York. Foi a primeira vez que eu fiquei longe deles. O Lucca tinha um ano e meio, mais ou menos, e a Isabella quatro e meio, cinco anos, por aí. Tava

meio certo que a minha mãe ia ficar com eles e tal, ou era uma pessoa que ia ficar junto com a minha mãe e depois deu pra trás, e assim, um dia antes de eu viajar eu falei:

— Eu não vou mais, porque eu vou deixar meus filhos com quem?

Aí minha mãe:

— Eu vou ver com a mulher do zelador.

— Como você vai ver com a mulher do zelador, eu nem conheço ela, você acha que eu vou deixar meus filhos com uma pessoa que eu nem conheço?

Aí arranjou-se, no último momento, que a Isabella ia ficar com a tia Cida... porque eles iam ficar juntos, a priori, o Lucca adorava a Isabella, tava sempre grudado nela. Aí a Dona Zede ia ficar com o Lucca de dia, e minha mãe ia ficar com ele de noite, na hora que ela chegasse do trabalho. E o Ricardo ia dormir lá pra dar o suporte necessário, só que o Ricardo sempre foi um *workaholic*. Aí um dia, minha mãe tava com dor de ouvido, e ele não chegava, não chegava, não chegava, quando ele chegou, ele tomou um “esbregue” da Joanna.

Ricardo: Acho que foi o primeiro “esbregue” que eu tomei dela. Nem o “tic-tic da lampadinha” foi tão forte...

11.2.

Segunda ida para a Cerro Corá

Tico: A vó não ficou muito tempo lá em Osasco...

Joanna: Não. Aí, quando foi em 99, ela vendeu a casa de Itupeva e comprou aquele apartamentinho lá na Fernão Dias. Ela morou em Pinheiros a vida inteira, né? Mas já não era mais a mesma coisa. Ela não tinha mais amiga também, não podia andar sozinha. Nossa, hoje tá um horror aquilo, né? Mas aí ela mudou pra Pinheiros e ficou lá até ela morrer, que a gente faz?

Depois o Paulo veio em 2001, quando teve o atentado lá (*atentado às torres gêmeas em Nova York*). Ele tava aqui quando aconteceu, então ele não pôde voltar porque os voos tinham sido cancelados. E ele detestava que eu morava em Osasco, aí um dia ele foi lá e falou: “Mãe, vamos sair por aí ver se tem algum apartamentinho num lugar melhor para você morar?”.

O primeiro lugar que ele veio foi aqui (*lugar onde foi gravada a entrevista e atual lugar de morada da Joanna*), porque ele adorava aqui. Eu vim morar aqui (*na primeira vez*) por causa dele. A Cida já morava, ele vinha de fim de semana. Aí chegamos aqui, tinha esse para vender, o Paulo comprou na hora. Ele me deu uma procuração, para assinar os papéis depois, e a gente reformou tudo aqui, trocamos o piso, porque era carpete, reformamos ele inteirinho. Ele ficou peladão. Aí em janeiro de 2002, eu já mudei para cá.

Tico: A vó morreu...

Joanna: Em fevereiro de 2003.

Tico: Já faz um tempinho que você está aqui, né?

Joanna: Desde 2002... 19 anos!^{2*} Passou tão rápido! Muito rápido. Antes também eu ficava um tempão na casa da Andréa, quando os filhos dela eram pequenos ainda. Eu ia para lá... eu era turista aqui na minha casa, ficava lá direto. Vinha aqui só pra ver se estava tudo em ordem. Depois eu fui ficando mais velha também... você gosta mais da tua casa, né? Cê tem a tua cama, teu travesseiro...

11.3.

Vovó Batatinha cuidando dos netinhos

Joanna: Eu ficava sempre na casa deles. Eu era turista aqui na minha casa, ficava mais na casa deles do que aqui.

Lucca (neto): Ficava muito tempo em casa mesmo...

Joanna: Aí eu fazia tudo o que eles gostavam: batatinha frita...

Isabella e Lucca: Nossa! É verdade!

Isabella: É mesmo, por muito tempo a gente se referia à Joanna como **Vovó Batatinha!**

Joanna: Fazia filé à parmegiana pro Lucca.

Isabella: Comprava goiabada pra fazer goiabada com queijo, porque sabia que a gente gostava...

2 * Entrevista realizada em 2021

Lucca: Aí cortava aquelas fatias fininhas, né, vó? De goiabada? (*Indica com as mãos algo bastante robusto e grosso*). Fazia uma fatia fininha de goiabada (*repete o mesmo gesto, que indica tudo, menos algo fino*). Meio quilo de queijo e tá pronto. “Toma!”. Hehehe.

Joanna: Hahaha!

Lucca: Pra quem que eu pedia pra fazer o sanduíche? Pra você (*pergunta para Andréa*), né?

Andréa: Haha, pra mim!

Lucca: Eu via aquela história (*refere-se ao sanduíche com fatias maiores do que esperado*)... falava “ué”, mas comia, né? Comia...

Joanna: Hahaha! Eu dava uma enroladinha, né...

Lucca: Verdade, depois inventou essa enroladinha de goiabada...

Lucca: E o banquinho de casa, hein, vó? Quando eu penso em você, eu penso no banquinho da frente de casa, você sentada, fumando um cigarrinho.

Joanna: Fumando meu cigarrinho...

Lucca: Fumando um cigarrinho... refletindo sobre a vida...

Joanna: ... que ninguém me enchia o saco.

Lucca: ... refletindo sobre os bons tempos...

Joanna: É... foram bons tempos...

Casa de vó

Isabella: A gente tem várias dessas memórias de quando vínhamos pra casa da vó, seja aqui nesse prédio já (*na Cerro Corá*), seja em Osasco. Nos dois lugares, quando a gente vinha passar uma temporada, uns dias, a gente trazia o video game...

Lucca: E ela ficava traduzindo pra gente, né?

Isabella: E ela ficava traduzindo pra gente!

Lucca: Poliglota! Ficava lendo e traduzindo pra gente. Nossa primeira professora de inglês!

Isabella: Hehehe.

Joanna: Mas eles ficavam brincando quietinhos no quarto com uns bonequinhos que tinham.

Lucca: Lembra do joguinho também? Que tinha um menino que era tão forte que empurrava as pedras, ele era fortão, e você falava: “Que menino forte esse aí!”.

Um pequenininho do Zelda, lembra?

Isabella: Era o Zelda, mano, pode crer! Ela ficava impressionada que ele levantava as pedrinhas. Pode crer... verdade. Hehehe.

Joanna: Vocês acabavam com os meus band-aids...

Isabella: Então, você falou dos bonequinhos que a gente brincava... Você se lembra desses bonequinhos?

Lucca: Sim, que a gente refazia eles.

Joanna: Faziam curativo neles.

Isabella: Então, tinha vários, tinha Power Rangers, eram esses todos... porque eu nunca gostei de brincar de boneca, né, então eu brincava com os seus bonequinhos de ação. Aí tinha vários super-heróis e tinha vários daquela revista Recreio, sabe? Que você montava? Era uma pedrinha, e a gente montava em animaizinhos.

Lucca: Sim, sei.

Isabella: E a gente gostava de umas histórias trágicas, então eles sofriam com a guerra, tinha atentados...

Lucca: Verdade... a gente tinha os castelinhos, né? A gente montava os castelinhos.

Joanna: E assim iam embora os meus band-aids...

Isabella e Lucca: Hehehe!

Isabella: E a gente tinha depois que curar os bichinhos. Era disso que a gente brincava. E não era só band-aid, era algodão, era esparadrapo... hahaha. Era tudo.

Joanna: É!

Lucca: Tinha o que tava sem a cabeça, lembra? A gente colocou algodão, colocou esparadrapo em volta dele e desenhou a carinha!

Isabella: Desenhou! Eu lembro dele!

Joanna: E eu ficava sem band-aid, sem algodão... hahaha...

Isabella e Lucca: Hehehe!

Joanna: Mas vocês não brigavam. Nunca precisei separar vocês, porque vocês não brigavam.

Isabella: Era paz. Eu e meu irmão era paz. A gente se dava bem.

Lucca: Verdade, a gente tinha uma relação harmoniosa. Só uma fase, né, mãe, que a Isabella ficava me provocando pra caramba, eu ficava louco...

Andréa: Era raro, quando vocês ficavam se provocando, eu não sei quem provocava quem. Às vezes eu ficava no quartinho costurando e ouvia: “Mãe, olha ele!”, “Mãe, olha ela!”. Eu ia lá, pegava o “lobinho” da orelha e apertava... mas o máximo que eles apanhavam era um “lobinho” de orelha apertado.

Isabella: Ah é, porque quando a gente fazia merda, já vinha falar com a minha mãe assim (*tampa as duas orelhas com as mãos*): “Mãe?!”.

Lucca: É... (*repete o gesto da irmã*) “Desculpa, desculpa, desculpa...”.

Isabella e Lucca: Hehehe!

Lucca: Tantos momentos, né, vozinha?

Joanna: An?! Fala alto...

Andréa e Isabella: Hehehe...

Lucca: TANTOS MOMENTOS QUE NÓS PASSAMOS!

Joanna: Eu tava de aparelho, mas como eu tô com dor aqui na minha gengiva, tava doendo o meu ouvido. Aí eu tirei. Então precisa falar um tom a mais...

Lucca: Com certeza, falaremos DOIS TONS A MAIS!

Joanna: Dois tons... Ela também tava com isso (*aponta para a televisão*) ligado no último volume. Aí eu não aguentei, eu tirei porque agora eu escuto, né?

Isabella: Você lembra do... e isso já foi nesse apartamento, na salinha que a gente vire e mexe vinha aqui passar uns dias, e o Daniel ou o Pedro estavam aqui...

Lucca: Ah! Verdade!

Isabella: Que aí eles baixavam no computador o Caesar e a lista de musicinhas, e a gente ficava ouvindo...

Lucca: Red Hot, né? Ficava ouvindo Red Hot pra caramba.

Isabella: Red Hot, Gorillaz também, vários que a gente ouvia. Era o Daniel que tinha feito a listinha pra gente.

Lucca: Linkin Park também.

Isabella: Linkin Park, pode crer, e a gente ficava jogando Caesar aqui também na casa da vó.

Lucca: Fazia os castelinhos de cartas também. Você lembra vó que a gente fez o castelinho de cartas aqui?

Isabella: Eu não vejo ela tendo paciência pra montar castelinho de carta... hehehe...

Brincadeiras com os netos

Isabella: Ô Lu, você lembra que a vó brincava de bicicletinha com a gente?

Lucca: Bicicletinha! Como era a música?

Isabella: “Pedalando, pedalando... vou buscar o meu amor!”

Lucca: Não é essa, tinha uma outra...

Joanna: Nossa, eu conseguia levantar o Lucca! Eu ficava com as pernas para cima, o Lucca nas minhas pernas, e eu levantada e abaixava ele!

Isabella: A força! Forçuda!

Lucca: Verdade.

Joanna: E depois de grandão lá na sua casa!

Lucca: Depois de grandão?! Hehehe... pera lá... pera lá... hehehe.

Joanna: Você tinha quantos anos, uns 12, 13?

Lucca: Não... uns sete. Porque com 12 eu já tava pesadinho, vó... acho que as perninhas já não...

Joanna: Porque foi nessa última casa de vocês...

Isabella: Mas quando a gente mudou para essa casa o Lucca tinha...

Lucca: Sete anos.

Andréa: Sete anos.

Lucca: É, foi entre sete e nove anos.

Andréa: Foi 2004.

Joanna: Já era pesado...

Lucca: Que a piscina ficava vazia, e a gente ficava se jogando lá dentro.

Isabella: É mesmo, que a gente ficava brincando na piscina vazia... verdade.

Lucca: A gente nunca foi pros “States” juntos, né, vó? A gente nunca passou...

Andréa: Foi uma vez, mas você não lembra. Você era pequenito...

Joanna e Isabella: Ahhhhhhhhhh...

Andréa: No casamento do Paulo.

Joanna: No casamento do tio Paulo.

Isabella: Eu lembro... olha que loucura, eu lembro do cheiro do apartamento do Paulo. Só. É só disso que eu lembro.

Lucca: Eu não lembro de praticamente nada...

Isabella: Tenho algum flash das amiguinhas que a gente fez do casamento do tio Paulo.

Joanna: Ela não falava uma palavra de inglês e ficou rodeada de amiguinhas!

Lucca: Normal, né, normal... sociável que só ela...

Tardes na casa da vó

Isabella: Ô, “brou”! Sabe uma coisa que eu tava lembrando também? Você também se lembra dos sanduíches da Lalau? Dos sanduíches de mortadela da Lalau?

Lucca: Nossa, Isa... acho que não...

Isabella: Você não lembra? Era um dos eventos também, toda vez que a gente vinha aqui na casa da vó. Sempre foi uma casa muito cheia, né? Então vira e mexe a gente chegava aqui tinha a Laís, tinha a Cidoca, tinha a Carmen, tinha uma galera, né, e eu adorava ficar ouvindo as histórias delas. Elas sentavam, contavam histórias e “KKKKKKKK” (*vocaliza a onomatopeia das risadas na contação de histórias*), e eu adorava ficar ouvindo. E de acompanhamento, a Lalau fazia sanduichinho de mortadela. Era sempre. Toda vez que a Lalau tava aqui, ela fazia um sanduíche de mortadela pra gente.

Andréa: Todo bonitinho e caprichadinho, né?

Isabella: Todo caprichado, todo bonitinho.

Lucca: Vai ter que fazer outro porque eu não lembro.

Joanna: Agora quando eles pediam pra mim... hehehe.

Isabella: A gente pedia pra Lalau! Quando a Lalau tava aqui, era nela que a gente ia.

Joanna: Eu falava:

— Quer que eu faça?

— NÃO!

Hahaha! Porque eu abria o pão, jogava a manteiga dura assim dentro do pão (*imita-a com gestos de brutalidade*).

Lucca: Prática, né, vó? Sempre prática, né?

Isabella: E quantos nhoques a gente não fez também, hein?

Lucca: Ô... nhoque, hein, vó, caramba! Nhoque campeão!

Isabella: Nhoque a gente já fez váááários! Vários nhoques. Aí você fazia a massa, depois que você cortava...

Joanna: Eu era calminha, né? Agora eu não consigo mais fazer.

Isabella: A massa?

Lucca: Será que não?

Joanna: Não... perdi a vontade de cozinhar...

Passeios de vó

Isabella: Uma coisa que eu sempre fazia, quando eu vinha na casa da vó, era comprar todas fitinhas de anime que depois eu assistia. Cavaleiros do Zodíaco, Inuyasha... a gente ia lá na Liberdade... e pra mim era um marco de liberdade mesmo. “Nossa, eu vou usar transporte público! Vou me virar na cidade!”. Aí ela me levava no metrô, tinha todo um “rolê”, a gente ia lá, comprava depois aquele sorvete, o Melona. Era sempre um passeio.

Joanna: Era.

Lucca: Eu andava mais de táxi com você, né, vó? Lembra que eu achei 50 reais seus no táxi?

Joanna: Lembro! Fomos no Eldorado, não foi?

Lucca: Foi no Eldorado.

Andréa: Eu tinha ido viajar com o Ri, eu tava em Fernando de Noronha e tinha deixado eles com você (*Joanna*) e um cachorrinho, o filhote da Nina.

Isabella: O Argo! É verdade. Ele tava aqui. A gente colocava ele pra dormir ali na caminha do...

Joanna: Ah! Lembra que uma vez ele ia fazer xixi, e você vinha já com o paninho, com medo que eu fosse ficar brava? Hahaha.

Isabella: Hahaha! Com motivos... Eu já sabia que tinha que estar um passo

antes do cachorro... é verdade, eu não lembrava disso, mas quando ele levantava a perninha já tava eu com o tapetinho... hehehehe...

Lucca: Mas aí a gente, chegando aqui, parou o carro, descemos do táxi, eu olhei pra dentro, o quê? Um cinquentão ou era cenzão?

Joanna: Cinquenta!

Lucca: Cinquentão, né?

Joanna: Era muito valor naquela época.

Lucca: Falei: “Ó, tem um dinheiro seu aí, tem um trocado seu aí, vó!”. Cinquenta conto já valeu alguma coisa, não era só um café da manhã de agora...

Isabella: Mas eu lembro que toda vez que a gente vinha pra cá, que a gente vinha andando com a vó até a padaria, daqui até lá...

Joanna: Ah! O Lucca tinha medo, lembra? Cê tinha medo, você andava no cantinho da parede...

Lucca: Caramba...

Isabella: Ela ficava chamando a gente de bicho do mato.

Joanna: Você tinha medo dos carros!

Isabella: Não, por causa dos ônibus, eles vinham tremendo! E a gente já grudava na grade. Não era só ele, eu também tinha medo. Costume, né? Sempre no meio do mato.

Joanna: É que vocês moravam na roça, né?

Andréa: Hehehe!

Ricardo: Morava no “Pantanar”. Bicho do mato. Meus bichos do mato.

Casa de filha

Lucca: Jogamos muito carteado também, né, vó?

Isabella: Noooossa, verdade!

Lucca: Buraco. Jogamos muito buraco.

Joanna: Ah, é. Varava a noite nós jogando buraco.

Lucca: Eu sempre deixava você ganhar, né?

Andréa: Quem roubou mais, Lucca?

Lucca: Eu não roubava, ninguém roubava, eu sempre deixava você ganhar...

Joanna: Ah, você roubava!

Andréa: Hahaha!

Lucca: Não...

Joanna: Você roubava!

Lucca: Não, era um jogo justo, vai!

Joanna: Você roubava, sim! Na cara dura!

Lucca: Você acha que eu ia roubar da minha vó?!

Joanna: Na cara dura!

Lucca: Imagina!

Joanna: Eu não sabia... não tenho coordenação motora, aí eu ficava feito um leque assim mostrando minhas cartas (*mostra as mãos abertas e soltas no ar*), e ele só olhando pra mim!

Lucca: Mas aí não é roubar. Aí eu tenho olhos... não tem o que fazer...

Tico: Isso com que idade?

Lucca: Ah, acho que a vida inteira, né, vó? Acho que o primeiro jogo que eu aprendi foi buraco pra jogar com você e com a vó Zede, né, Isa?

Isabella: É! A maior parte dos verões, principalmente na casa que a gente mora agora, a outra eu não lembro da gente jogar tanto buraco...

Joanna: Não, a gente não jogava.

Ricardo: A gente jogava bastante na praia, né? Tem a história da praia...

Joanna: Dá o telefone! (*Pega o telefone e finge querer jogar nele.*)

Isabella: Hehehe! Ela já contou essa história da praia?

Joanna: Nem vai contar!

Tico: Tio Domingos já contou.

Joanna: Ah, é... o Domingos sempre conta... não sei por que lembram tanto disso!

Andréa e Isabella: Hahaha!

Isabella: Mas eu lembro, a maior parte dos verões na casa nova, de dia a gente ficava na piscina, tanto que tem várias fotos fatídicas da gente levantando... içando ela (*Joanna*) pra fora da piscina, porque por muitos anos a nossa piscina não tinha escada e não tinha nenhum degrauzinho...

Lucca: Verdade... ficava toda encalhada pra sair da piscina... hehehe...

Isabella: ... então, entrar tudo bem, agora sair, era eu e o Lucca empurrando ela por baixo, e ela rolava... (*imita-a saindo rolando da piscina*).

Lucca: Hehehe... e ela saia rolando em *slow motion*... hehehe.

Joanna: Eles me empurravam pelo fundilho, e eu ia feito uma bola girando pra fora da piscina...

Isabella: E aí era a gente na piscina e à noite era a gente jogando buraco até altas horas. Altas horas!

Lucca: Coisa boa. Coisa boa...

Joanna: Ia o Murilo quando tinha cantoria também.

Isabella: Quando tinha cantoria, é verdade, a gente fazia pizza, a gente ficava tocando violão.

Andréa: Passamos boas noitadas lá cantando com o Murilo, na época que ele morava na casa da frente, era festa todo fim de semana, na minha casa, na casa dele, e a gente cantava, porque ele toca violão muito bem, a gente cantava, e a Joanna participava de todas. Eu tenho até alguns vídeos... ela cantando a "Vaca Lechera" com o Murilo. Ela também aproveitou bastante essa primeira fase da Granja. Aí depois todo mundo que eu conhecia dessa primeira fase da Granja se mudou, e minha casa parou de ter festas...

Mas eu **herdei isso muito da minha mãe. Eu gosto da casa cheia.** Eu gosto de agregar pessoas, eu gosto dessa coisa de reunião em volta da mesa e de bagunça mesmo, de festa. Herdei dela. E da vó Concheta, a vó também adorava casa cheia. Ela sempre inventava alguma coisa pra fazer, o almoço de domingo que era sempre na casa dela.

11.4.

Quando me dá os cinco minutos

Joanna: A família era toda italiana, né? Às vezes, as irmãs da vó Concheta iam lá, essa eu lembro bem. Elas brigaram não sei por quê, aí minha tia saiu, foi embora falando: "Eu vou me jogar embaixo do bonde!" Hahahaha. Que naquela época tinha o bonde, né?

"Vou me jogar embaixo do primeiro bonde que passar na minha frente!" Hihih.

Elas eram bem assim. Italianas mesmo. Pareciam que iam se matar, depois estava se beijando. Bem italiano mesmo.

Tico: E isso era mais a relação dela com as irmãs?

Joanna: A minha mãe, não, a minha mãe era muito severa. Ela não guardava nada. Se ela não gostava de uma coisa, ela falava na cara da pessoa. Mesmo com a gente, se ela não gostava, ela falava. Então eu tinha até medo dela, sabe, quando era solteira. A gente tinha um pouco de medo dela. Eu tinha né, não sei se a Célia ou a Cida tinham. Mas a Cida... ela não dava muita bola assim. Sua mãe (*Célia*) falava, né, que ela que ficou mais no mercado, e que a Cida nunca ia porque o noivo dela não deixava. A Cida nunca ligou não para os ataques da minha mãe. Quem ligava era mais eu e a Célia, que erámos mais italianas, né? Hahahaha! Mas a minha mãe era briguenta mesmo.

O episódio do sorvete

Andréa: Ô, Lu, conta o episódio do sorvete, aí!

Lucca: Aquele que ela foi superdelicada com a moça, né?

Isabella: Porque a história envolve três quiosques do McDonald's, em andares diferentes.

Lucca: E a gente queria só comer uma casquinha, né, depois do almoço... e procurava...

Joanna: Hehehe... mas fala do meu relógio primeiro...

Joanna: ... fala que eu tava com o reloginho de pulseira, que eu tinha comprado no avião da... como é que fala? Esses produtos que eles vendem no avião?

Isabella: Naquele "Free Duty"?

Joanna: Como?

Isabella: No "Free Duty", aquele que você vai...

Joanna: Free Tru... Free o quê?

Isabella: "Free Duty" que eles chamam...

Andréa: O "Free Shop".

Joanna: "Free Shop", melhor assim... (*risos*) que eles vendem no avião.

Eles vão lá pra quem quer comprar durante o voo. Voos internacionais, né? E eu comprei um reloginho cheio dos penduricalhos, assim... e tava com ele. Agora continua...

Lucca: Mas você lembra que a gente procurava e procurava o sorvete, e a pessoa falava que tava muito mole. Falavam pra você: "Olha, o sorvete está muito mole".

Você pedia o de chocolate sempre, e a gente o de baunilha. Algum desses estava mole, e a gente finalmente chegou em um que o pessoal passou uma segurança ali, falou que tava legal, aí pegamos o sorvetinho, serviu o sorvetinho, a gente pegou... chegamos a pegar?

Joanna: Não, foi o primeiro!

Lucca: Foi logo o primeiro, né?

Joanna: Que a mulher me deu, eu tava com aquele relógio cheio de bibelôs que eu comprei no avião, numa viagem pra Nova York, que eu tinha um ciúmes do cão daquele reloginho! Aí vem a mulher, com o sorvete, deu na minha mão, no que ela pôs na minha mão, o sorvete caiu bem no meu reloginho!

Lucca: E eu lembro que ela serviu o sorvete, serviu, serviu, foi fazendo (*imita-a tirando o sorvete da máquina para a casquinha*), e a gente: "Nossa, que casquinha bem-servida!"

Joanna: Era deste tamanho (*indica algo bastante grande*) o sorvete!

Lucca: Um metro de casquinha! Aí dá na sua mão... pá! Tombou na sua mão, e do jeito que tombou você já deu na mão dela de novo, né, vó?

Joanna: "Niquique" eu olho pra eles, onde eles estavam?

Lucca (*fazendo um gesto de fuga*): Zarpado já! Já tava no primeiro andar, no térreo, atrás do carro, escondido...

Joanna: Hahaha! Uma vergonha que eles tinham de escândalo!

Lucca: A gente era sempre discreto, né...

Joanna: Eu falei pra mulher: "Eu não quero essa porcaria de sorvete!" (*reproduz o momento indicando a devolução brusca e bruta da fatídica casquinha*).

Lucca: Já virou de volta na mão dela...

Isabella: Ela causou na barraquinha! Fez a moça fazer outro sorvete pra ela, e aí depois ela virou, cadê as crianças? Hehehehe. Todo mundo tinha desaparecido. Hahaha.

Joanna: Todo mundo foge de perto de mim, não sei por quê... hahaha. Não sei por que eles têm tanta vergonha de mim... hahaha.

Andréa: Será que é porque você causa muito, mãe?

Joanna: Será?

Isabella: Você causa.

Tico: E ela aprontava muito esse tipo de causo? De comoção na praça pública?

Lucca (*em tom de ironia*): Ah... poucas vezes, né, vó?

Isabella: Poucas, mas memoráveis... porque teve essa que a gente lembra, teve a do ônibus que ela saiu chispada...

Vai embora brava da casa

Isabella: Você foi visitar a gente lá na outra casa ainda, e eu não sei por que você se irritou e pegou a van pra ir embora. Ela saiu do condomínio andando, puta, marchando, pegou a vanzinha, foi embora, e eu e meu irmão com a minha mãe no carro fomos atrás da vanzinha... Meu irmão no banco de trás falava:

— Vó! Volta, vó! Volta!

E ela com a janela do ônibus fechada nem olhava pra gente... saiu puta!

Lucca: Nossa, tadinha dela, ficou estressada, né, vó? Deu a louca. Quando você decidiu pegar o ônibus, né?

Joanna: E você: "Vem, vó! Vem!", lá do carro...

Lucca: E você fazia assim (*faz um gesto com a mão onde o dedo indicador e dedão se fecham em um círculo, deixando os outros três dedos da mão levantados*).

Joanna: Eu fazia assim (*faz o mesmo gesto com a mão que Lucca indicou*).

Lucca: E eu pensava: “Beleza, ela vai descer no próximo ponto! Ela está fazendo um sinal de que ‘tudo bem’ e vai descer”. Não era um OK...

Joanna: Hahaha!

Lucca: Mas aí a gente foi atrás de você, e você foi decidida mesmo!

Joanna: Fui embora! Tava “mucho loca”!

Lucca: Verdade. Mas tem horas que a gente não tem que aguentar mesmo, né, vó?

Joanna: Hehehe.

Lucca: A gente se estressa, tem pernas e se manda mesmo... é melhor pra todo mundo.

Isabella: Nem sei o que aconteceu naquele dia.

Andréa: Porque a gente tinha ficado de ir para Curitiba, que eu não queria ir, eles inventaram essa viagem, era o casamento do Thiago, filho do Giba. Eu já tenho pânico de estrada, como é que ia pegar estrada com a minha mãe e duas crianças pra Curitiba, sozinha? Eu não tenho tanto colhão pra isso... não tinha.

Joanna: Mas assim... olha, tava tudo combinado, eu levantei às 6 horas da manhã, a Carmen veio fazer minha mão e meu pé, quando era quase meiodia, essa (*aponta para Andréa*) chegou pra ir comprar um vestido na Teodoro Sampaio... conta direitinho a história...

Andréa: Hehehe... não, eu já tinha ido na Teodoro Sampaio, não tinha achado nada...

Joanna: Mas aí você comprou o vestido! Preto. Aí ela resolveu que queria comprar um sapato... voltou. Rodou, rodou, não achou nenhum. E nisso, as horas estavam passando... aí ela não achou sapato lá, falou: “Vamos no Shopping Raposo, que lá tem”.

Fomos para o Shopping Raposo. Só sei que quando chegamos lá, a Marisa foi entregar a Isabella, porque ela veio da escola doente, e a Andréa queria deixar o cartão de saúde com a Marisa e a Isabella na casa dela, mas aí não achava o cartão de saúde... aí **me deu os cinco minutos**, falei:

— Vão pra puta que o pariu! Vou embora pra minha casa!

Peguei, saí, desci a ladeira, a ruazinha, tinha a van que passava lá em Osasco, entrei na van, e eles atrás de mim: “Vó, desce!”, o Lucca falava. E eu fazia assim (*faz um sinal de “vai tomar no cu” com a mão*). Eu tava muito puta! Porque eu tinha acordado cedo, se ela dissesse: “Não, nós não vamos”, tudo bem, é uma coisa. Mas depois de ir na loja, experimentar roupa... que ela fica duas, três horas para experimentar um vestido...

Andréa e Isabella: Hahahahaha!

Joanna: ... depois vai experimentar o sapato... para depois falar que não ia... né? Ninguém é de ferro!

Andréa: Eu não esperava que a Isabella fosse ficar doente também, né?

Joanna: É... então... mas aí me deu os cinco minutos, falei:

— Ah, vão pra puta que o pariu, eu vou-me embora!

Isabella: Mas essa não foi a última vez que deu os cinco minutos nela, e ela resolveu ir embora da nossa casa. Teve um dia, já na outra casa, que a gente mora hoje, que eu e meu irmão ficamos jogando video game de madrugada... a gente também era novo...

Joanna: Nossa... aquele domingo...

Andréa: Eu tava no hospital, o seu pai (*Ricardo*) tava comigo, eu tinha tirado uma pedra do rim...

Joanna: Você tava no hospital...

Isabella: Isso, aí ela foi ficar com a gente. E a gente passou a madrugada jogando video game e depois dormiu até meio-dia...

Joanna: Meio-dia?!

Isabella: Hehehe... então... a gente dormiu. Dormiu, perdeu a hora... e a gente...

Joanna: Eu fiz a comida, eu dei uma arrumação lá embaixo, limpei as coisas, fiz macarrão, fiz sopa, fiz não sei mais o quê... E a televisão não podia ligar, porque eles tinham usado o video game, não tinham desligado o video game, e eu não sabia ligar a televisão. Tava um dia feio, chuvoso... eu sentada na escadinha lá com as duas cachorras... Menino, foi me dando um comichão,

e eles não acordavam, eram duas horas já, eu fui lá em cima: “Isabella, acorda que você vai me levar embora agora!”.

Hahahaha.

Isabella: E tirou a gente da cama, não adiantou falar nada, não adiantou argumentação... ela queria ir embora, a gente teve que levar ela embora.

Joanna: A Isabella que me trouxe.

Isabella: Engraçado, né, vó?

Lucca: É... e a gente: “Não, vó, calma, vamos tomar um café...”.

Joanna: “Não, eu quero ir embora agora!”.

Lucca: “Calma, vó, fica mais um pouco, vamos jogar um buraco.”

Joanna: Não, tive que ir embora. E os dois me obedeceram. Levantaram da cama de fininho, se arrumaram e vieram me trazer embora.

Joanna: Mas aquele dia, Tico, eu fiz a comida, dei um jeito na casa, acabei de fazer a comida, fui lá fora, tava um dia feio, escuro. Fiquei sentada lá naquela escadinha com as cachorras... e nada deles acordarem. Quando foi duas horas, eu não aguentei. Subi lá e falei:

— Isabella! Levanta, me leva embora agora!!!

Hahaha... Ela acordou, ela e o Lucca:

— Que foi vó?

Falei: “Não! Chega! Tô ficando louca aqui sozinha!”.

Ela falou: “Ai, vó, nós já vamos acordar... nós vamos levantar...”

Eu falei: “Não! Agora eu quero ir embora para minha casa!”.

Hahaha! Eu também sou danada, sabe?

Aí ela levantou, coitadinha, falou: “Ah vó, fica aí...”.

Falei: “Não, não... A comida tá pronta, tá tudo limpo, quando sua mãe chegar, vocês comem, eu vou-me embora!”, e vim embora.

Que eu tenho esses rompantes, sabe? De italiana, bem italiana mesmo. Dá os cinco minutos, eu vou embora. E eu vim embora.

332

Porque a casa da Andréa é sempre a mesma árvore, o mesmo passarinho... hahaha. Aqui não, você abre a janela, você já vê movimento de ônibus, né? Você se sente viva! Agora, você ficar num lugar, sozinha, onde só se vê as árvores, os passarinhos... até dos passarinhos eu tava cheia naquele dia... hehehe... do cachorro... falei: “Não, quero ir pra minha casa!”. Aí ela levantou e me trouxe. E foram embora logo, eu falei: “Não precisa nem entrar! Só me deixa!”. Hehehe.

Tico: Você gosta de lugar mais movimentado, né?

Joanna: Ah, eu gosto! Eu não gosto de ficar em lugar sossegado. Sabe por quê? A minha vida inteira eu passei no Mercado de Pinheiros. De criança, mesmo quando eu tava estudando, de sábado e domingo eu ficava lá com a minha mãe. Depois que eu me formei, comecei a trabalhar também de sábado e domingo. Nas minhas férias eu ficava lá para a minha mãe. Então tinha sempre um ou outro, não é? Mesmo a casa da minha mãe era muito movimentada. Então, Deus me livre, você quer me ver querer a morte, me põe num lugar assim onde só tem árvores... hahahaha!

Tico: Você gosta de ver a rua e o movimento.

Joanna: Eu gosto. Não que eu goste de sair, passear, mas eu gosto de sentir que eu tô viva, entendeu?

Tico: Sei. Que está perto de um movimento.

Joanna: É! Eu gosto muito daqui, sabe? Porque quando eu era mais... lúpida, eu ia para Pinheiros, atravessava a rua, pegava o ônibus, quando a vó morava lá perto de vocês. Eu ia lá, ia na Célia. Ia para onde eu queria, né? Até de metrô eu andava. Era só sair de casa. Agora não dá mais. Com a minha labirintite, eu pego o ônibus, aí começa a rodar tudo. Então agora eu sou mais caseira.

Tico: Mas você gosta de estar mais aqui...

Joanna: Eu gosto de saber que tem gente por aqui, sabe? Eu gosto de ficar vendo minha televisão, os programas de que eu gosto. A Andréa fala que eu não gosto de ir na casa dela, mas eu gosto da minha casa, entendeu? Porque eu vejo o que eu quero na televisão. Lá eles gostam de assistir filmes de ação, e eu não gosto disso. E nunca é como na sua casa, né? Eu gosto de tirar meu cochilo à tarde. E agora a Andréa tá com a casa em superlotação de cachorro e gato, né? Outra coisa que eu não suporto é latido de cachorro, sabia? Não suporto. A coisa que eu não suporto é cachorro latindo, e a Andréa tem uma

333

cachorra chata, a Dakota, sabe a Dakota? Aquela preta e branca. É muito chata. Ela olha para você e já late (*risos*). Então eu prefiro ficar aqui sozinha. Mas não me sinto sozinha, você entendeu? Eu me sinto... eu me senti mais sozinha lá naquele dia na casa dela, do que aqui sozinha.

Tico: Aqui você tem o seu canto, tem sua rotina, e tá no meio do...

Joanna: Do “ufa-lufa”, né? Tenho farmácia perto, tenho padaria... Lá na casa da Andréa, quando você quer sair, você tem que pegar o carro. Lá eu sinto muita solidão. Apesar da casa estar cheia, cada um tem seus afazeres. Você acaba ficando mesmo só você. As crianças ficam cada um num quarto. A Isabella trabalha muito no computador, o Lucca tem aula da Universidade, no computador, a Andréa agora tem o café, então ela não fica lá durante o dia. Então... sinto muito.

Tico: E você sempre foi uma pessoa que gostou muito de receber, né?

Joanna: Eu? Eu também tinha sempre a casa cheia, né? As crianças ficavam aqui comigo quando eram menores, todos eles. É assim a minha vida... hehehe.

APOSENTADA VIAJANTE

Histórias de viagens a partir dos anos 2000

12.1.

Como começou essa história

Joanna: Depois que eu saí do Metrô, eu não trabalhei mais. **Eu virei uma aposentada viajante** (*risos*).

Eu viajava muito com a Mônica e com o Paulo. O Paulo se casou em 2000, em outubro nós fomos para a Itália. Fomos eu, o tio dele, a mulher do tio, o Paulo e a Ann. O Gilberto levou a filha dele também... ainda bem, porque o Paulo só fala inglês com Ann, e a Ann não entende uma palavra de português. Mas foi uma viagem assim... em uma semana nós conhecemos metade da Itália, hahaha. A gente viajava durante o dia, chegava na cidadezinha à noite, ia comer fora, dava uma olhada e ia dormir pra no dia seguinte pegar a estrada outra vez. Pé na estrada. Aí nós ficamos uma semana lá. Conheci, deixa eu ver... nós fomos para Milão, de Milão nós fomos para Bolonha, aí nós fomos pra cidadezinha linda... Verona, lá do Romeu e Julieta, Siena também é uma coisa linda, linda. Aí nós fomos para Roma. Foi boa a viagem, metade a gente fazia de trem. Depois viemos embora.

Quando eu ia para os Estados Unidos, eu ficava também muito tempo lá com a Mônica. Eu ia fazer faxina com ela quando eu tava lá. Ela fazia faxina depois da escola de arte, mas então ela começou a estudar outra vez e não podia mais trabalhar na escola porque lá tinha que ficar de *stand-by* o dia inteiro. Na hora que precisassem, já tava à mão. Aí ela, nas horas de folga, fazia faxina, e eu ia com ela. Depois a gente saía com dinheirinho na mão, ia para as lojinhas de “99 cents”... (*risos*). Torrava tudo... Ai, como era gostoso! Eu ficava na casa dela, ficava um pouco na casa do Paulo. Os filhos do Paulo, os gêmeos, nasceram em 2002. Eu fiquei 40 dias lá com as crianças tomando conta dos nenéns, como eu te falei antes. No inverno também. O inverno lá é muito rigoroso. Neva todo dia, principalmente em New Jersey.

Mas eu ia, eu ficava na casa da Mônica, ficava um pouquinho no Paulo, mas eu sempre ia depois com a Mônica. Com a Mônica a gente foi pra Punta Cana, que eu amei, para alguns países da Europa, também viajava lá dentro dos Estados Unidos... a gente ia pra Flórida. Eu adoro a Flórida! Nossa! Lá o jantar é às 6 horas. Os restaurantes começam a abrir às 6. O que eu comi de camarão! Eu adoro! E é tão barato lá. Aqui um pacotinho assim (*faz gesto de algo pequeno com as mãos*) você paga 100 reais. Lá, no supermercado, vinham já aqueles camarões todos limpinhos, assim numa bandeja, com molhinho dentro, dez dólares! Lá eu comia bastante camarão. A Mônica tem um apartamento gostosinho lá, sabe? Num condomínio. Só que é longe das praias, mas ela tem carro né, a gente ia de carro.

O Steve (*marido da Mônica*) também é gozado. Mas a gente cansa de ouvir falar em inglês, sabia? Nossa. E ele fala muito rápido, daí eu não entendo nada que ele fala. A Mônica pegou a mesma mania dele agora. Ela fala, até em português, ela fala rápido. Eu não entendo o que ela fala! Eu falo: “Fala mais devagar, Mônicaaaaa!”. Hahahaha! Ela quer chegar logo no fim da linha, sabe? Vamos devagar...

12.2.

Espanha

Joanna: Uma viagem que eu gostei muito foi quando nós fomos para a Espanha! Mas eles andam muito. E eles não são gentis, de andar devagarinho... a

Mônica anda marchando, e eu andava devagarinho, né? Na Espanha também, a Mônica me fez andar um dia, nós subimos uma ladeira, descemos no mesmo lugar... hahaha, lá em Madri. Nós fomos também pra Sevilha. Sevilha como é linda! Tem árvores de laranjeira na rua, então é aquele cheiro de laranja, sabe? Nós fomos ver uma dança flamenca, nós fomos lá ver o... onde faziam as toureadas, mas não fazem mais, agora não fazem mais. Acho que foi proibido, né? Coitadinho do touro. Então, nós fomos lá só para visitar a arena, mas sem ver tourada. Foi muito bom. Sevilla é muito linda, muito linda. Nós fomos em um lugar, que agora eu não lembro o nome... que tinham aqueles castelos dos, dos... que ocuparam a Espanha... os marroquinos, não...

Tico: Os árabes, mouros.

Joanna: Os árabes! Nossa, nós fomos nesse lugar, esqueci como é que chama, tinha só castelo, né... como um castelo... mas esse era bonito, sabe? Tudo bem cuidado! Achei muito lindo!

Andréa: Conta as suas histórias engraçadas de viagens!

Joanna: História engraçada de viagem? Qual?

Andréa: Ishhh, você tem tantas!

Joanna: Fala uma aí!

Andréa: Conta da Espanha, do moço que você derrubou...

Joanna: Hahahaha!

Derrubando o moço no chão

Joanna: Nós fomos naquele museu famoso lá... como é que é o nome dele? Em Madri... um pintor famoso, você conhece o pintor? Museu do...

Andréa: Dali?

Joanna: Não...

Tico: Goya, Picasso...

Joanna: Não, não... ah, esqueci o nome do *cazzo* do pintor... Bom, aí a Mônica adorava ver as fotos de perto, eu não sabia o que ela enxergava naquelas fotos, para mim foto é tudo igual. Aí eu me sentei na cadeira, no banco que

tem, que era superlustroso! Você até se enxergava no banco! Eu me sentei e sentou um homem, um pouquinho mais para lá de mim. A Mônica veio, eu falei: “Ó, Moniquinha, senta aqui!”, e fiz assim (*mostra se movimentando pra abrir espaço no banco*), e empurrei o homem... era um aleijadinho...

Andréa: Ela fez assim (*mostra se ajeitando com o corpo*), e escorregou e empurrou o rapaz!

Joanna: E a Mônica nessas horas, ela sempre sai de perto de mim. Sempre!

Mônica: Lembra quando você jogou o aleijadinho no chão?!

Joanna: Hahahaha...

Andréa: Ela ri... hahaha...

Joanna: Nós fomos num museu, como chama aquele museu?

Mônica: Museu do Prado.

Joanna: Do Prado, é...

Mônica: Aí como sempre, ela sentou num banco, e eu fiquei rodando...

Joanna: Mas o banco era extremamente lustroso...

Mônica: Encerado, assim...

Joanna: Você se enxergava nele, de tão liso que era. Eu me sentei no banco e fiquei olhando o quadro na minha frente, aí a Mônica passou, eu falei: “Vem aqui, Moniquinha!”, e joguei com a bunda pra ir de lado (*faz o movimento de um impulso para sair de lado*). Não sabia que tinha um aleijado do meu lado, ele foi parar no chão. A Mônica fez meia volta, me largou lá sozinha... hahaha.

Mônica e Andréa: Hehehe.

Andréa: Você levantou o cara do chão, pelo menos?

Joanna: Eu não, corremos todo mundo... hehehehe.

Mônica e Andréa: Hehehe.

Viagem de primeira classe

Joanna: Uma vez eu viajei de primeira classe! Fui para a Espanha com a Mônica, ela me mandou a passagem, e eu fui para lá sozinha. Aí eu tava lá na

sala de espera, me chamaram pelo microfone. Eu falei: “Alguém me chama-
do? Acho que erraram... não sou eu”.

Fiquei quieta. Chamaram outra vez. Pediram para ver minha passagem.
Falaram:

— Agora a senhora vai viajar de primeira classe!

Hahaha. Porque deu *overbooking*. Eu falei: “Tudo bem, né?” (*risos*). O avião
era chique, tinha que subir uma escadinha para ir para a primeira classe. Eu
não sabia nem sentar naquela poltrona. Eu tava lá assim, me ajeitando, a moça
veio oferecer champanhe, eu pensei que tivesse que pagar, falei:

— Não, obrigada, não quero, não tomo...

Hahaha. Aí então chegou um rapaz, sentou e falou:

— Ai que delícia! Que bom, né? Nós tivemos sorte!

— Como assim?

— Deu *overbooking*, agora nós vamos viajar de primeira classe... tudo sem
pagar!

— É sem pagar????!

Chamei a aeromoça... hahaha... pedi um Blood Mary! Hahaha. Nossa, mas
nunca fiz uma viagem tão linda na minha vida! Nem percebi a viagem. Tico,
é outra coisa! Do que você ficar lá naquele banquinho assim, né (*faz alusão ao
assento apertado da classe econômica*), não pode nem esticar a perna. Parece que
eles puseram mais bancos naquela coisa do meio e restringiu mais o espaço
ainda, né? É horrível, Tico, horrível. Eu acho que não deviam fazer isso, por-
que não é barato, não é? Mesmo que você vá de segunda classe, não é barata
uma passagem.

Tico: Eles só pensam no dinheiro, quanto mais eles encolhem, mais pessoas
eles colocam...

Joanna: ... mais lucro pra eles, mas e a gente?!

Tico: Mas aí, na primeira classe, você foi como se estivesse...

Joanna: Nossa, parecia uma princesa! Pedi logo um Blood Mary, que eu
adoro! Veio camarão... nossa outra coisa do que viajar lá no “cocho”.

Tico: Aí você chegou na Espanha.

Joanna: Na Espanha. A Mônica ia chegar só no dia seguinte, e eu tinha a
reserva de um hotel. Eu cheguei lá, dei o endereço para o cara, mas era numa
outra cidadezinha. A Mônica queria ficar em... como é que chama lá, a capital...

Tico: Madri.

Joanna: Ela queria ficar em Madri. No outro dia ela chegou, e nós fomos para Madri. Nós ficamos num Hostel, era bem mais barato e era bem no centro de Madri. Ah, foi bom também! A gente visitou várias outras cidades, sabe? Viajamos de trem, primeira classe, de trem-bala na volta. Eu amei a Espanha!

Mas agora não tenho mais saco de ficar viajando de avião. Eu detesto aeroporto. Tudo tem seu tempo. Agora, só se for de primeira classe... hahaha.

12.3.

República Dominicana

Joanna: Punta Cana eu amei. Muito lindo, uma paisagem maravilhosa, o hotel que a gente ficou era à beira-mar. Eu gostei bem da Espanha, só que andei muito. Lá em Punta Cana não, eu fiquei só no bem-bom... hahahaha. Por mim, eu ficava mais tempo lá. Nós ficamos uma semana no hotel na beira da praia.

A gente saiu um pouco também, fomos visitar um parque aquático, fomos visitar a cidade da República Dominicana... pooooobrre de fazer dó. Muito pobrezinha a cidade. O lugar que a gente foi ver, não sei como a capital de lá era, porque a gente só ficava ali por perto do hotel. Mas eu gostei muito.

Foi uma viagem maravilhosa, um resort maravilhoso à beira-mar, a gente podia comer o dia inteiro, era baratinha a diária e tava tudo incluso, tinha cinco restaurantes de nacionalidades diferentes lá, você podia comer onde você quisesse. O restaurante da praia ficava aberto o dia todo.

Botando fogo no aeroporto de Punta Cana

Joanna: Uma vez eu pus fogo no aeroporto de Punta Cana!

Mônica: Pôs mesmo. Ela tava fumando, apesar de ter vários cartazes: “Não fume! Não fume! Não pode fumar! Sai daqui! Não pode fumar!”.

Joanna: Lá é a terra do fumo, eles vendiam charuto, todo mundo fumava, aí falei: “É... custa nada acender um cigarrinho aqui, né?”.

Aí passou um guardinha, falou:

— Senhora, não pode fumar aqui.

Eu automaticamente joguei na lixeira o cigarro aceso. Aí de repente, eu vi saindo uma fumacinha... começou a pegar fogo no lixo...

Mônica: ... aí eu ligeiramente levantei e fui para o outro canto do aeroporto, porque eu não conhecia essa mulher.

Joanna: Saiu uma correria lá, daqui a pouco veio o bombeiro com aquela coisinha d'água e eu, ó, me mandei procurando a Mônica. Ela me larga sozinha nessas horas...

Mônica e Andréa: Hehehe.

Mônica: Eu, hein! Nem te conheço. Hehehe. Você que começa essas coisas.

Joanna: Eu não sabia onde enfiar minha cara procurando a Mônica. E a Mônica vai embora mesmo, sabia? Ela não tem dó... hehehe.

12.4.

Itália

Carro perdido na Catânia

Andréa: O dia que a gente perdeu o carro na Catânia...

Joanna: Ah, nós estávamos na Catânia passeando à noite...

Andréa: Não era noite, a gente chegou lá...

Joanna: Ah, de dia... manhã! Desde cedo, andando ali no centro. E a Mônica pôs o carro no estacionamento. Eram umas 10 horas quando a gente resolveu ir embora, né? E aí nós fomos em busca do carro. Você achou? Nem nós! A Mônica e o Steve tinham esquecido onde eles tinham parado o carro. E a gente rodou, rodou, rodou...

Andréa: A gente andou uns 13 km...

Joanna: Eu e a Andréa que nem umas tontas atrás da Mônica e do Steve... que o Steve era do exército, a Mônica também... então eles não andavam, eles marchavam, né? E eu com a Andréa lá atrás (*faz alguém andando devagar e perdendo o ritmo*), de repente, cadê a Mônica e o Steve? Sumiram. Aí nós nos sentamos na sarjeta... hehehehe.

Andréa: Ela se sentou no chão: “Ai!!! E agora? Nós vamos dormir na rua!”. Passava o carro da polícia, ela: “*Polizia! Polizia! Aiuta!!!*”, hahahaha.

Joanna: Hahahaha!

Andréa: “Paiaça” ... hehehehe.

Joanna: Aí, de repente, a Mônica voltou, tinha achado o carro. Mas as viagens da gente são tudo assim... confusas.

Tico: Nossa, mas 13 km? A cidade é grande assim?

Andréa: Não é muito grande, mas a gente rodou muito... praticamente a cidade toda... e depois, acho que, desses 13, uns cinco pelo menos foi procurando o carro.

Joanna: Em Roma nós também íamos na capela Sant’Angelo... ou... castelo Sant’Angelo...

Na cadeira de rodas em Roma

Joanna: Andamos... andamos... porque a gente foi a pé, não pegamos um carro nem nada. Embaixo de um calor de 40 graus! A Mônica e o Steve láááááá na frente... sempre. Eu e a Andréa láááááá pra trás... hahahaha. E eu falava: “Andréa, me larga aqui filha... vai embora você... eu não tô aguentando mais andar...”, hahahaha.

— Não, mãe, falta pouco...

Hahaha! Porque de longe a gente via a capela... “ah, tá chegando... tá chegando...”.

Andréa: Era a basílica.

Joanna: A basílica (*risos*).

Andréa: Tem aquela foto que você tá puta...

Joanna: Bom, aí cheguei lá, não podia dar mais um passo. Então elas pegaram uma cadeira de rodas para mim. Mas nisso, elas foram buscar a cadeira de rodas, me deixaram com o Steve. E o Steve tava com fome... hahaha. Ele tava procurando um McDonald’s. Embaixo de um calor de 40 graus.... E rodava, rodava... eu não aguentava. Aí eu peguei, sentei de novo na sarjeta, falei para o Steve: “Vai! Me larga aqui! Quando elas acharem a cadeira de rodas, vocês vêm me buscar aqui”.

Hahahaha! E fiquei sentada lá. Até chegar a cadeira.

Andréa: Naquele dia, se ela pudesse, ela matava um. Ela tava furibunda.

Joanna: Nossa Senhora! Hahaha. Olha, coitada de mim... por isso que eu tô com as costas todas fodidas agora, viu... (*risos*)

Andréa: E a cadeira de rodas?

Joanna: Ah é! Sabe, lá é tudo paralelepípedo, e eles quiseram pegar a cadeira de rodas mais para eles não entrarem nas filas, entendeu? Se você tá levando um inválido, você não fica na fila... (*risos*). E lá, o trânsito... (*risos*)... Pedestre não tem direito a nada lá, nem a farol verde! Então, elas, para atravessar depressa, que a gente tava sempre atrasado, elas me punham no meio da rua com a cadeira. Hahaha! E eu gritava: “Socorro!!!”. Hahaha. E elas dando risada. Aí uma hora, elas empurravam, e era paralelepípedo, elas queriam correr com a cadeira... e eu assim na cadeira (*faz um movimento de intenso chacoalhar*). Hehehe. Acho que é por isso que eu tô com minhas costas desse jeito, viu! Foi dessa última viagem aí. Nossa, mas sabe o que é não aguentar dar nem um passo mais... você já teve isso?

Tico: Acho que ainda não... mas um dia eu chego lá.

Joanna: Hahaha! Nossa, mas eu não podia dar um passo. Eu tava um lixo. Queria me jogar no chão... e me joguei (*risos*). E o McDonald’s que o Steve tava procurando, tava bem no nosso nariz. Eu sentada no chão vi o McDonald’s. Mas aí, ele já tinha ido pro outro lado procurar. Hahaha! Olha, você quer dar risada, vai fazer uma viagem com a Mônica e com o Steve, né, Dé?

Mônica: Hahaha, ela adora cadeira de rodas. Hehehe. Na verdade, foi por necessidade.

Joanna: Na verdade, foi uma merda nenhuma, é que elas queriam ir na igreja de São Pedro...

Mônica: Não é verdade, a gente tava numa casa, um pouquinho longe de onde a gente tinha que ir, ela começou a andar, e uma hora ela sentou no chão e falou:

— Não saio daqui, ninguém me tira daqui, porque eu não consigo mais andar.

Andréa: Primeiro que eu tive que conseguir ir arrastando ela 5 km de onde

a gente estava até onde você e o Steve estavam. Vocês saíram na frente porque tinha horário para pegar ingresso, e eu fui arrastando ela... E ela: "Não, não aguento mais... nenhum passo...".

E eu: "Mas só mais dois, vamos lá!".

Mônica: Hehehe.

Andréa: E assim foi... quando a gente chegou lá na Basílica de São Pedro, né?

Mônica: É. Um quarteirão antes da Basílica ela parou, sentou na guia e falou: "Eu não saio mais daqui!". Tenho até foto...

Joanna: Éramos só nós e o mundo inteiro para entrar. Aí elas tiveram a ideia... não sei quem falou pra elas...

Mônica: Não...

Andréa: Não, você falou que não ia andar mais...

Joanna: ... que se elas arrumassem uma cadeira de rodas pra mim, elas não pegavam fila, entendeu?

Mônica: Hahaha! Isso é a verdade! É a verdade! Hahaha.

Andréa: Mas a gente só descobriu esse pequeno detalhe quando a gente foi alugar a cadeira e o moço falou: "Olha, agora que vocês estão com a cadeira, vocês não precisam mais pegar fila".

E a gente (*faz um sinal de joia, com felicidade*): "Boooooa!".

Mônica (*respondendo com outro joia igualmente feliz pela descoberta*): "Legaaaaaaa!"

Andréa: Mas não foi de caso pensado não, é porque ela se recusava a dar um passo.

Mônica: Bom, aí ela relutantemente sentou na cadeira, a gente entrou na basílica, o Steve passou no pé de cinco mil pessoas, quase saiu tapa e pontapé, lembra?

Andréa: O holandês nervoso quase que bateu em você porque você que passou no pé dele... o Steve entrou no meio porque se não você ia apanhar...

Mônica: É! Hehehe. Saiu quase um quiprocó lá...

Joanna: Eles carinhosamente empurravam a minha cadeira, entendeu?

Mônica: E também a gente descobriu que é mais fácil fazer o italiano parar o carro se tiver uma cadeira de rodas atravessando a rua...

Andréa: Hehehehe!

Mônica: Eles não param!

Joanna: E elas me punham bem no meio da rua!

Mônica: Não, a gente punha antes... hehehe.

Joanna: "Socorro! Eu vou morrer! Socorro!"

Mônica e Andréa: Hahahaha!

Mônica: A gente punha a cadeira e já corria no meio da rua pro carro parar, porque os carros não respeitam.

Andréa: É.

Mônica: E aí a gente foi no castelo Sant'Angelo, e o cara falou assim:

— Ah, mas ela não vai conseguir ir em nenhum lugar com essa cadeira de rodas.

Andréa: Era só escada e paralelepípedo.

Mônica: Aí eu falei:

— Tem um restaurante?

— Tem.

Então eu pus ela na cadeirinha, comeu bonitinha, o dia inteiro.

Joanna: Ela me largou com o cartão do Vavá, sabe? O cartão mágico. E falei:

— Vocês me pagam agora!

Pedi tudo que era mais caro que tinha no cardápio, fiquei lá umas três horas pacientemente esperando por elas e comendo.

Mônica: Pois é, tá vendo que beleza?!

O guarda-chuva na Sardenha

Andréa: Ô, mãe, conta aí a história do guarda-chuva na Sardenha!

Joanna: Hahaha! Nós fomos pra Sardenha, chegamos no domingo lá e já saímos pra comprar coisas, pra comer... e começou a chover. Tinha muita gente lá dá... de onde mesmo?

Andréa: Da África, os africanos, que eles migram pra lá.

Joanna: E eles vendiam enfeites e tal. Aí nós estávamos andando na chuva, começou a chover, e eu passei numa parede assim, num muro... tinha um saquinho de plástico azul que eu achei que era lixo. Aí eu falei: "Hum, até que esse guarda-chuva tá bom!"

Peguei o guarda-chuva, abri (*risos*) e fui embora. Aí você vê um rapaz correndo atrás de mim:

— Senhora! Senhora! Esse guarda-chuva é meu!

Hahaha!

Andréa: A gente tem até a foto dele...

Joanna: Ai que vergonha que me deu naquele dia... tadinho do moço...

Andréa: Tem muito imigrante na Itália, tanto na Sicília quanto na Sardenha, imigrante africano. Eles começam a vida lá vendendo bugiganga de camelô, ímã de geladeira e tal... e eles ficam espalhados na cidade. Aí ela viu a mochila e o saquinho que era a mercadoria dele lá, o guarda-chuva, catou e a gente não viu. Ela só falou: “Olha esse guarda-chuva!”. Eu ainda falei: “Mãe, acho que é de alguém”.

Ela: “Não... tá aqui abandonado, foi pro lixo...”. Hehehe.

A flor de cacto em Agrigento

Andréa: E aquela flor linda e maravilhosa que você pegou lá no...

Joanna: Do cacto?

Andréa: É, a flor de cacto amarela, tão linda.

Joanna: Flor de cacto amarela, eu nunca vi flor mais linda no mundo. Fiquei obcecada por ela.

Andréa: Onde a gente tava mesmo?

Joanna: A gente tava no templo lá em Ar...

Mônica: Agrigento?

Joanna: Agrigento.

Andréa: Na Sicília, né?

Joanna: Na beira de um abismo...

Mônica: Hahaha! Quase que ela caiu, lembra?

Joanna: Hahaha.

Mônica: Ela tava debruçada, eu falei: “Mãe! Por que você tá debruçada?”.

Joanna: Eu tava debruçada pra pegar a florzinha tão linda, mas ela me causou tanto mal, porque ela me encheu de espinhos. No bolso, nas pernas...

Andréa: Você guardou no bolso! Quantas florzinhas você arrancou? A gente falou: “Mãe, não pode pegar nada daqui”. Aí você roubou quantas?

Joanna: Eu fui escondida...

Andréa: Hehehe! Quantas florzinhas você pegou?

Joanna: Só peguei uma que eu achei linda.

Mônica: Ela só pegou uma!

Andréa: Não, ela tinha uma em cada bolso.

Joanna: Não, só tinha uma...

Mônica: Eu só lembro que eu vi a minha mãe se debruçar assim (*mostra algum com o corpo debruçado para baixo*). Aí falei: “Mãe, o que você tá fazendo aí?!”. Ela: “Nada!”.

Quando ela fala “nada”, a gente já sabe que é alguma coisa. Aí falei:

— Andréa, vai ver o que a mãe tá fazendo!

Hehehe. Aí você assim (*imita o jeito de falar e o gesto com a mão*):

— Mônica, tira essas coisas da minha mão!

Hahaha.

Joanna: Pelo menos vocês tiraram foto da flor?

Mônica: Claro.

Andréa: Sim, temos registrado esse momento.

Mônica: Tá na máquina do Steve, registrada para sempre.

Andréa: Inclusive, graças a Deus, eu tinha uma pinça na bolsa.

Mônica: É mesmo, né... como você tinha uma pinça na bolsa?

Andréa: Sou uma mulher preparada.

Mônica: Ahnnnnnn...

Andréa: Aí eu “pz, pz, pz” (*imita o gesto de tirar os espinhos com a pinça*) rapidamente...

Joanna: Tirando todos os espinhos da minha mão. Minha mão ficou espinhosa que nem a testa de Jesus Cristo, coitadinho, quando colocaram a coroa de espinhos na testa dele...

Mônica: Nossa, bem diferente, né? Acho que tinha um pouquinho mais de espinho na testa dele do que na sua mão... coitadinho de Jesus Cristo...

Andréa: Hehehe! Que mais você aprontou lá na Sicília, *mamma*?

Mônica: Você não lembra que ela errou o caminho?

Joanna: Ah! Eu peguei, parei o carrinho...

Carona no carrinho de manutenção

Mônica: Cansou de andar, falou: “Ah, chega! Não quero mais andar”. Falou: “Moço, moço, moço!”, parou um carrinho que tava passando lá de ma-

nutenção. Parou no meio da rua, entrou na frente do carro. O carro parou, não sabia o que estava acontecendo, ela entrou no carro, e como ninguém fala italiano, o cara achou que ela era só uma louca e levou ela embora. Hehehehe!

Andréa: Hehehe!

Joanna: Eu não sabia onde eu ia parar, lembra? Hahahaha!

Andréa: E obviamente nem a gente sabia onde encontrá-la depois, né? Como sempre ela vive dando perdido na gente.

Mônica: Mas como sempre, o bom da minha mãe é que ou a gente acha num restaurante ou a gente acha na lojinha. E ela estava na lojinha!

Joanna: Na lojinha! Hahahaha!

Mônica: Hehehe. Na saída já... lá na lojinha. Doida.

Steve com a faquinha de manteiga

Joanna: E o Steve que tava com a faquinha de manteiga, de passar manteiga no pão...

Tico: Quando vocês foram assaltadas?

Joanna: Nesse momento eles já tinham assaltado a gente. Invadiram a casa. A gente ficou traumatizada, né? Eu estava. Porque levaram meu passaporte, meus remédios todos... você viu o tanto de remédio que eu tenho? Eu tinha eles num saco, acredita que me levaram o saco inteiro? Um saco assim de remédio (*mostra um saco grande com as mãos*), que era para pressão, para dormir, principalmente... então a gente... eu... tava traumatizadíssima. O que eles iam fazer com remédio, me fala? Remédio para pressão... para coagulação... levaram as malas delas (*Andréa e Mônica*) cheias de coisas que elas tinham comprado para trazer. Eu ficava imaginando eles entrando em casa, mexendo nas minhas coisas, sabe? Te dá uma impotência. Essa última viagem eu quero esquecer.

Tico: Em qual cidade foi?

Joanna: Sardenha? Ah, não lembro o nome da cidade... o pessoal lá também não é como na Sicília, sabe? Quando a gente ficou lá na Catânia, que era a terra nos nossos avós, do Salvatore, da parte dos Assenza, lá foi muito bom. Os italianos de lá, a gente ia no mercado, eles davam de tudo para a gente experimentar. Lá na Sardenha parece que eles faziam favor de atender a gente,

sabe? Não gostei não. Aí depois não viajamos mais por causa da pandemia, né? Uns dois anos faz, dois anos já que a gente não vai para lugar nenhum.

Então, mas aí... começo a contar a história?

Tico: Por favor...

Joanna: Foi assim, elas me alugaram uma cadeira de rodas porque eu estava impossibilitada de andar. Mas aí foi pior com a cadeira, né, porque elas me punham na frente para atravessar a rua para os carros poderem parar. Porque os carros não param lá para pedestre, eles passam por cima. E eu gritava: “Socorro!!!”. Hahahaha. Era paralelepípedo, e elas querendo andar depressa, marchando, e eu ficava lá chacoalhando. Então falei: “Pode devolver essa porcaria aí!”.

Então, a Mônica e a Andréa, no último dia que a gente ficou lá, era sexta-feira... acho que era sexta... elas foram cedo devolver a cadeira.

Eu achei que tinha saído todo mundo, que Steve tinha ido junto, eu tava lá em cima, repousando minhas belas pernas, então comecei a ouvir o Steve falar com um homem. Falei: “Uai, será que elas voltaram?”. Aí levantei, era um duplex, eu olhei lá de cima ele tava com a faquinha na mão assim (*mostra a mão fechada segurando a faca*), com a mão bem assim (*mostra a mão fechada novamente*), e conversando com um cara pequenininho, sabe?

Aí eu desci a escada, o Steve não falava nada, ele tava com medo também, só o cara falava. E ele não entendia nada porque o cara era boliviano, não falava inglês nem italiano, só falava espanhol. Eu comecei a perguntar para ele, ele falou: “No entende... no entende”. Aí eu comecei a falar todas as línguas, né? Falei inglês, francês, menos alemão e japonês... hahaha! Aí eu perguntei o que ele queria, ele começou a se explicar, mas eu não entendi nada, aí ele fez assim mostrando com as mãos “Ah brrrruuuuuuuu” (*imita o homem no seu gestual, tentando reproduzir o barulho de um aspirador de pó com a boca*), o que queria dizer que ele veio passar o aspirador... hahahaha!

Então, eu falei “como que ele vai entrando assim na casa dos outros”, né? Por que ele não falou para a mulher ligar pra gente antes? Ele falou: “Não, tá bom, tá bom...”, assim, se afastando de costas... E o Steve lá com a faquinha na mão... hehehehe.

Tico: Faquinha de manteiga?

Joanna: Faquinha de manteiga. Ele não abriu a boca, o Steve... hahahaha...

o homem foi embora, se afastando... E ele ainda perguntou quando que a gente ia embora. Eu falei:

— Não interessa a tu! A tu não interessa!

Hahaha! Mas olha, depois eu precisei tomar água com açúcar, sabia? Foi assim tão... a gente levou um susto tão grande que eu depois fiquei tremendo. Precisei tomar com açúcar. Ligava para a Mônica, a Mônica não atendia. Sabe quando a gente precisa falar com a pessoa, e a pessoa não atende o telefone? Eu queria que ela ligasse para mulher, né, para falar quem é que ela fica mandando entrar na casa da gente?

E essa foi a história. Eu também não via a hora de ir embora de lá, pra mim acabou naquele dia.

Tico: Foi a gota d'água...

Joanna: Foi a gota d'água, falei: "Vai pra puta que pariu!". A gente vem aqui para distrair... não é? O Brasil tão cheio de violência, de crime... a gente vai para um lugar longe do Brasil para passar um susto desses? Aí eu não via a hora de vir embora.

12.5.

Reino Unido

Joanna: Nós fomos pra onde? Para Londres com a Isabella! Foi assim, primeiro a Isabela foi sozinha, ela visitou a França, Amsterdam... a Holanda, né... não sei mais que lugar que ela ficou lá. Aí ela foi encontrar a gente em Londres. Ela ficou lá até a gente voltar e depois seguiu viagem pelo mundo, ficou mais uns dois meses viajando. Ela é corajosa aquela menina, viu! Eu admiro ela. Sozinha?! Não é todo mundo que encara isso não. Lá em Londres foi gozado também... te contei negócio da igreja?

Tico: Não.

O dia do aniversário da Rainha Elizabeth

Joanna: Foi assim, era aniversário da rainha da Inglaterra, dona Elizabeth,

aquela que conheceu Jesus, achou que ele era uma criança alegre e tudo. Ela fazia aniversário naquele dia. Aí nós resolvemos ir na abadia onde ela se casou. Não, não tinha ninguém... só nós e o povo do mundo inteiro junto... da família da rainha mesmo, não tinha ninguém. Tava assim (*faz gesto hiperbólico com a mão*), ó! Eu fui na deles, né? Lá dentro, eles foram ver as catacumbas... elas quiseram ver túmulo... para ver túmulo, pra mim, já me basta ver os daqui do cemitério, então eu falei:

— Eu não vou ver cataumba nenhuma, eu espero vocês aqui no banco na igreja.

Fiquei sentada lá, ó... (*faz um novo gesto hiperbólico com as mãos*). Sabe que eu sou bem paciente, né? Aí a igreja começou a esvaziar, não tinha quase ninguém, elas não apareciam. Eu tava sem o celular, não tinha um tostão no bolso, não sabia onde estava hospedada. Comecei a chorar. Aí tinha um cara de vermelho, com um negócio vermelho assim, eu achei que era o padre. Fui falar com ele que eu tinha perdido a minha filha. Aí ele perguntou:

— Quantos anos tem sua filha?

Eu falei: "Fifty".

— Fifteen?

— No, fifty!

Ele não me entendeu, eu fiz assim para ele (*faz o cinco numa mão e o zero na outra*), que era 50... hahaha! Aí ele começou a chamar todo mundo que estava em volta:

— Olha, ela perdeu a filha dela que tem 50 anos!

Começou a dar risada. Hahaha. Aí, graças a Deus eu olhei pro altar, como que num milagre, apareceu a Mônica lá no altar.

Andréa: Santa Mônica, apareceu Santa Mônica, hehehe.

Joanna: Hahaha. Filho da puta, não me ajudou, e ainda ficou tirando sarro da minha cara! Aí graças a Deus eu tava com meus cabelo também em pé (*risos*), e a Mônica me viu de longe. Hehehe. Eu até chorei quando eu vi a Mônica, sabia? Eu tava desesperada! Eu falei: "O que é que eu vou fazer? Eu não sei onde eu tô hospedada, não tenho dinheiro para pegar táxi...".

Ai, meu Deus, foi só risada viu... só risada...

Mônica: Olha, foi um dia interessante, porque toda vez — eu já reparei —, toda vez que a gente vai ou num palácio ou num museu, ela tende a desaparecer. Ela não tem paciência, né?

Andréa: No shopping ela também faz isso.

Mônica: Na Inglaterra ela desapareceu três vezes.

Joanna: Hahaha.

Mônica: Essa da abadia, a gente se perdeu porque tinha muita coisa, né, a maior catedral que tem lá, e a gente foi, eu falei: “Mãe, senta aqui e não levanta, fica quieta aqui, a gente volta depois”.

Joanna: Mas olha... eles iam visitar castelo, eu ficava sempre lá embaixo esperando. Não aguentava.

Mônica: Aí eu e a Isabella, cada uma tava com um fone de ouvido, escutando parte da história da Inglaterra, nós nos separamos, incluindo o Steve, e depois de uma meia hora, quando a gente já tinha visto todos os mortos, eu falei: “Vou achar a Joanna”. Voltei onde tinha largado ela, ela não tava. Aí eu entrei em pânico, porque eu nunca mais ia achar ela dentro da abadia.

Eu andei e achei a Isabella.

— Isabella, você viu a sua vó?

— Aham.... nossa, você viu esse negócio da rainha da Inglaterra, é muito interessante...

Ela não queria saber de nada. Eu falei: “Bom, esquece”. Fui atrás do Steve. Achei o Steve, ele estava olhando uma porta.

— Olha! Essa é a porta mais antiga do mundo!

— Interessante... você viu minha mae?

— Não.

Ninguém sabia onde tava a Joanna. Hahaha! Aí eu tive que dar outra volta na abadia. Nada da Joanna. De repente, eu tava saindo e vi uns cabelinhos que eu conhecia na porta. Falei:

— Ah, olha a Joanna onde tá!

Fui lá, e o cara falou pra mim:

— Você que é filha dela?

— Sim, sim...

— Então tá bom.

Ela queria beijar a mão do cara, porque ela achou que o cara era padre. Hahaha. Ele estava vestido com um uniforme...

Joanna: Parecia o capeta, todo de vermelho.

Mônica: Ela: “Ah, brigado, muito obrigado” (*faz o gesto dela tentando pegar e beijar a mão do homem*).

Eu falei: “Mãe, o que você tá fazendo?!”

Andréa: Ela beijou a mão do cara?

Mônica: Beijou. Hahaha.

Andréa: Ai, meu Deus...

Mônica: Hahaha.

Joanna: Hahaha!

Andréa: Ai, meu Deus... hahaha.

Joanna: Fiquei emocionada, porque eu tava apavorada... pensava onde eu iria dormir, onde eu iria comer...

Mônica: Aí eu falei: “Você vai sentar aqui de novo, eu vou achar o Steve e a Isabella, você não se mexa, tá bom?”. Hehehe.

Joanna: Devia arrumar aquela coleira que você trouxe!

Mônica: Da próxima vez eu vou trazer.

Andréa: A gente vai botar uma coleirinha em você na próxima.

Mônica: É, sempre... dar choques se ela se mexer... hahaha.

Andréa: Agora a gente vai amarrar ela na cadeira de rodas e levar aonde a gente quiser...

No castelo da rainha Vitória

Joanna: Uma vez também foram visitar o castelo não sei de quem lá... da rainha Vitória, sei lá quem era, aí tinha escada para subir, eu sentei, falei: “Vou sentar aqui, vocês podem subir à vontade, que eu vou ficar aqui”.

Fiquei horas e horas. Começou a escurecer, o negócio tava vazio, eu vi que as moças estavam se preparando para ir embora, aí eu fui lá e falei: “Olha, eu acho que eu perdi...” hahahaha... “Eu acho que eu perdi a minha filha!”.

Hahahaha. Aí ela deu o alerta lá para procurar, para ver se tinha alguém lá pra cima e veio a resposta:

— Tem um pessoal aqui em cima!

— São eles! (*Risos*).

Falaram para eles: “Tem uma senhora esperando vocês lá embaixo” (*risos*).

Mas foi engraçado aquele dia, viu. Eles sempre faziam isso comigo. Um dia, também, eu tava lá num castelo, começou a garoar, um frio do cacete, e eu senti um cheiro de sopa... hehehe... eu tava com o cartão da Mônica, que ela fala que é o cartão do Vavá, daquele "Sai de Baixo". Eu falei: "Ah, quer saber duma coisa? Vou comer uma bela sopa!".

Hahaha. Eles que ficaram me procurando (*risos*)... acharam que eu tinha ido embora... para onde, né? A Mônica ficou nervosa, falei: "É, tá vendo como é bom?" (*risos*).

Ela foi e me achou lá comendo a sopa... ela rodou... tava brava, hehehe. Mas era sempre assim, eu ficava sempre lá embaixo esperando. Ver castelo... você não vê nada! Sabe aqueles quartos vazios, aquelas cortinas sujas penduradas... E ver as catacumbas? Você vai ver o que lá? Túmulo? Já vejo aqui no Cemitério São Paulo, né? Tinha um quartinho do tamanho do meu quarto do computador... umas cortinas velhas! Uma pintura feia... Não sei por que chamavam de castelo aquilo, era casebre, não era castelo...

Joanna: Eu até cheguei a ir num andar, porque museu não tem elevador, é só escada. Fui num andar, mas sabe aqueles quartos que parece um casebre? Uma cortina toda suja, rasgada, uma cama caíndo aos pedaços...

Andréa: Hehehe!

Mônica: Hahaha! Era o castelo da rainha Vitória, tá? Só pra você saber...

Joanna: ... meio metro de quarto...

Andréa: Como é, mãe? "Uma cama velha..."

Joanna: Uma cama veeeelha! Um quarto de meio metro. Eu falei: "Mas isso que era quarto de palácio?! Não vou ver nada, vou ficar lá embaixo!".

Mônica e Andréa: Hahahaha!

Joanna: Desci e fiquei lá, mas tava um frio, uma garoa...

Mônica: Ái, sabe que ela desapareceu novamente...

Joanna: Senti um cheirinho de sopa... hehehehe...

Andréa: Hahaha!

Joanna: Tava com o cartão do Vavá, fui atrás do cheiro da sopa. Estavam fazendo sopa lá no restaurante. Me sentei, pedi uma bela sopa, quando eu

tava comendo, vi um monte de cabecinha tudo procurando por mim. Ái eles aproveitaram e comeram a sopa também, né? Hehehe.

Mas eu detesto museu! Pior lugar pra você me levar é um museu! Não sei que graça que tem museu...

Mônica e Andréa: É a história...

Joanna: "Olha, a rainha esteve aqui..." (*faz uma expressão de "e eu com isso?"*)

Andréa: "Dormiu nessa cama..."

Joanna: "Dormiu nessa porcaria dessa cama...", hahaha!

Mônica e Andréa: Hahahaha!

Joanna: Colchão de palha parecia, sabe?

Andréa: Uma caminha velha, mãe?!

Joanna: Velha!

Andréa: Hahaha! O que você acha que teria no museu? Uma caminha nova?

Joanna: Eu achei que entraria naquele quarto majestoso... cheio de ouro... uma porcaria de um quarto, minha cama é melhor! Hahaha.

O homem-bomba no trem

Joanna: Ah, esse aí foi quando a gente foi para Londres, depois nós fomos para o ... ô, meu Deus... fala uma marca de uísque aí...

Tico: Uísque?! Mas é uma cidade com esse nome?

Joanna: É... como que fala... o escocês! Nós fomos para a Escócia!

Tico: Hahaha!

Joanna: Hahahaha! Eu preciso me lembrar disso pra me lembrar da palavra, entendeu? Nós fomos pra Escócia! Quando estava no dia de voltar, nós pegamos o trem-bala para voltar para Londres e nós estávamos sentadas desse lado, numa mesinha assim (*faz o desenho da mesa com as mãos*), eu e a Isabela de um lado, a Mônica com o Steve do outro. Ái eu olhei para o lado, tinha um rapaz rezando o Alcorão. Ele ficava fazendo assim (*mostra o homem balançando o corpo para frente e para trás em reverência*), rezando, rezando. Eu falei: "Isabella... (*risos*) Será que ele é...", como é que fala? "Homem-bomba!".

Bom, dali a pouco eu olho, ele não tava no banco e tinha deixado a mala. Eu falei: "Ah, meu Deus do céu!". Eu falei: "Mônica, fala para o Steve que tinha um cara aí rezando o Alcorão, agora ele foi embora e largou a mala aí!".

O Steve mais que depressa levantou, andou o trem inteiro para procurar ele. Não achou. De repente ele apareceu na rua. Eu nem vi que ele chegou perto, eu fiquei tão nervosa. Aí numa estação ele desceu e tava com a mala na mão. Falei: "Ah, então vai embora, né...".

Mas a gente ficou assustado mesmo.

Tico: E a mala ficou por muito tempo sozinha no trem?

Joanna: Ah, ficou por muito! Falei: "Essa merda vai explodir!". Hiihhehe...

Não é? Você vê a pessoa rezando lá (*faz a mimese da reza do homem com som*), daqui a pouco vai embora e larga a mala! Como é que a gente fala... terrorista, né? Eu achei que ele era terrorista. Mas vai ver ele tava andando pelo trem, sei lá. Graças a Deus a bomba não estourou (*risos*). Essa foi a história da bomba.

12.6.

Estados Unidos

Com Isabella

Joanna: A Isabella foi embora para o Estados Unidos, ficou dois anos lá. A Isabella é corajosa, sabe o que ela fazia lá? Ela entregava comida de bicicleta. Em Nova York, à noite. Depois ela fez um curso de *bartender*, aí ela trabalhava no barzinho lá. Quando ela ia vir embora, fizeram uma festa lá para ela. Os frequentadores lá do barzinho fizeram uma festinha para ela. Fui eu e a Mônica. Aí foi gozado que um cara começou a conversar comigo, eu já não escutava direito, né... e a música tava alta, aí eu falei para ele: "*I don't speak English*".

Ele falou: "Mas eu sou de Portugal!!! Eu estou falando português!" (*imita-o falando com sotaque português*).

Hahaha. A Mônica falou: "É que ela é surda de um ouvido..."

Ele falou: "Qual que é o ouvido bom?"

Foi muito engraçado (*risos*). Porque o português também tem uma pronúncia difícil, não tem? Eu não tava entendendo nada... "*I don't speak English*" (*risos*)... ai, ai.

Aí a Isabelinha... quando ela tava lá, eu também fui na mesma época, e a

gente ficou lá na Mônica. Resolvemos comer um hot dog. Fomos comer um hot dog, a pé, no... como é que chamava a loja? Era uma loja que tinha lá na perto da casa da Mônica, mas um pouco distante... e lá é um friiiiiio na rua, quando venta, você não aguenta! E a lojinha é assim, você pega o cachorro, você tem que comer em pé lá, sabe? É Papaya! O nome. Você já ouviu falar? Chama Papaya, tem em Nova York e só vende cachorro-quente. Menino... e pra tirar a mão do bolso para comer o hot dog?! Hehehehe. Ninguém conseguia! Hahaha. Nós enrolamos, trouxemos pra comer em casa. Chegou frio... congelado!

Isabella: Tava um frio do cão. Era quando?

Joanna: Era inverno! Era janeiro, eu acho.

Isabella: Era janeiro... verdade... e aí era um inverno! Não tava nevando ainda, mas tava um frio, um frio...

Joanna: E as duas indo comer...

Isabella: Cinco graus, e a gente com fogo no rabo querendo ir...

Joanna: ... hot dog.

Isabella: Querendo ir pegar um hot dog, e ele nem era lá essas coisas, não tem purê de batata, não tem batata palha, não tem nada disso...

Joanna: É... tinha nada...

Isabella: E a gente foi se aventurar, a gente teve que andar umas cinco quadras pra chegar até lá, encapuzadas, com o cachecol cobrindo metade do rosto, uma de braço dado com a outra, andando abraçadas e quase congelando em cada passo. Aí a gente foi lá, comprou, começou a comer, não tinha lugar pra sentar dentro, a gente foi comer do lado de fora. E a gente teve que tirar a luva pra comer... daí a gente com a mão congelando, comendo... hehehe.

Joanna: Nós embrulhamos e levamos pra casa! Fomos comer em casa.

Isabella: É. A gente engoliu o negócio e saiu correndo porque tava muito frio! Tanto que quando a gente saiu de casa era dia, quando a gente voltou já era noite, porque quatro horas da tarde já tava escuro em Nova York no inverno.

O frio congelante

Joanna: Um dia também, quando os meninos (*Daniel e Pedro*) estavam lá, que eu tava com eles, eles foram para a escola, e quando nós saímos na rua, eu vi que tava um dia lindo de sol, sabe? O céu azul, azul. Aí eu falei: “Ah, vou chegar em casa, vou tomar um banho e vou dar uma volta!”.

Tomei banho, saí, foi só atravessar a rua, eu tive que voltar correndo e tomar uísque! Hahaha. Quase que eu viro pinguim. Um frio, nossa Senhora! Apesar do sol, você não aguentava o frio. A casa do Paulo ficava numa esquina, eu só atravessei a rua e voltei correndo... hehehe. Falei:

— Ai, deixa eu tomar um gole de uísque para me descongelar!

Steve se afogando e a revoada das gaivotas

Joanna: Nossa, sabe que eu lembrei agora de quando eu e Isabella fomos na Flórida, lembra?

Andréa: Da gaivota?

Joanna: Que o Dom Cicillo quase morreu! Nós fomos pra praia eu, a Isabella, a Mônica e o Steve. Era inverno. Lá não faz frio, mas a água é gelada. Bom, tava eu e a Mônica, de repente sumiram o Steve e a Isabella. Veio uma mulher gritando assim na praia: “Mônica Richey! Monica Richey!”.

Aí a Mônica foi lá, disseram que o Steve tava esticado na areia, morto!

Andréa: Hahahaha!

Joanna: Porque a Isabella tinha ido andar... sabe aquele barquinho que você vai remando? E o Steve se atirou no mar, mas a água tava muito gelada e deu hipometr... como é que é? Hipometrepi... hipermetropia... hehehe.

Andréa: Hahahaha... tenta de novo... hahaha...

Joanna: Hipomotr.... hehehehe. Hipomotooooo... hahaha. E aí eu fiquei sozinha. Todo mundo me larga sozinha!

Isabella: Era um belo dia na praia, na Flórida, eu fui fazer aquele *stand up paddle*. Pensei: “Vou entrar no mar, e ficar eu e o mar ali, remando, suave...”.

Joanna: Era inverno, a água era um gelo! Tudo bem que tinha sol, mas a água era um gelo.

Isabella: É, tava gelada.

Joanna: Aí ela foi andar com aquele negócio remando, o Steve sumiu, e eu fiquei com a Mônica, sentadas na cadeira. Vimos uma mulher gritando pela praia e correndo: “Mônica Richey! Mônica Richey!”.

Ela foi lá falar com a mulher, dali a pouco a Mônica sai correndo e fala: “Fica aí que eu já volto!”.

Eu falei: “Não, eu vou com você!”, e fui correndo atrás dela.

Chegamos lá, o Steve tava estirado no chão! Porque ele foi nadar e teve hipotermia.

Isabella: E eu completamente sem saber de nada...

Joanna: E a ambulância já tava lá quando a Mônica chegou. Aí a Mônica entra na ambulância e fala: “Mãe, volta lá e espera a Isabella!”. Eu falei: “Voltar lá pra onde?!”. Hehehe...

Isabella e Lucca: Hehehe...

Joanna: “Pra onde que eu vou?”, hehe. Daí eu comecei a andar perdida, a mesma mulher que foi procurar a Mônica me viu e falou assim: “Você tá perdida?”. Eu falei: “Completamente, *completely!*”, hahaha. A minha sorte foi que eu escutei uma vozinha assim atrás de mim: “Vóóóó...”. Era a Isabella.

Isabella: E eu também não sei como eu consegui encontrar ela nesse caos!

Joanna: A mulher queria saber de que cor eram as cadeiras e o guarda-sol! Hahaha!

Isabella: Ah, tá! A gente nunca ia lembrar dessas coisas! De qualquer forma, a gente conseguiu chegar até o guarda-sol e ficou esperando, porque a Mônica foi, e a gente não tinha pra onde ir, ficamos lá.

E teve o fatídico episódio das gaivotas que fizeram cocô na gente porque a gente tava comendo ali perto delas...

Joanna: Eu achei aquelas gaivotas tão lindas! Falei: “Ai, Isabella, filma! Olha que coisa mais linda!”.

Isabella: Hehehe.

Joanna: Aí de repente, a Isabella falou pra mim: “Ela cagou na tua cabeça!” (*em tom de espanto*).

Eu fui lá pra água lavar, ela falou: “Cagaram na minha também!!!” (*dobrando o tom de espanto*).

Nós ficamos todas esmerdeadas de verde. Hahaha!

Isabella e Lucca: Hahaha!

Joanna: E a Mônica nunca que chegava. Não dava pra lavar no mar porque a água tava muito fria. Aí a Mônica chega, depois de duas horas: “Vamos! Pega as coisas que nós vamos comer no Outback!”. Hahaha!

Isabella: Hahaha! “Pega as coisas”, e tinha tipo: guarda-sol, cadeira, *cooler*, toalha, bolsa... a gente carregando tudo.

Joanna: Eu falei: “Mônica, você quer que eu vá toda esmerdeada comer no Outback?! Tô com areia até na boca!”.

Isabella: E era uma daquelas praias compridas onde o banco de areia é gigante... e a gente tava bem perto do mar. E só tinha eu e ela pra levar todas as coisas para o carro de novo... demorou um tempão, até a gente entender qual o lugar onde a Mônica tava, pegar os negócios...

Joanna: E ela ainda queria ir pro Outback!

Isabella: E fomos, né? No fim das contas...

Joanna: Não, primeiro a gente foi em casa, tomou banho, o Steve ficou todo magoado...

Isabella: Achei que a gente tinha ido direto, não lembrava disso.

Joanna: Ah não, imagina que eu ia toda cagada lá, ia comer como?! Tinha merda na cabeça inteira! Aquelas gaivotas *maledettas*! Hahaha.

Isabella: Inclusive, eu achei uma foto da gente na Flórida. Não sei se foi no mesmo período, eu sei que a gente tava na Flórida, e eu tava de cabelo curto até, a gente foi pro oceano, e acho que já era verão, foi logo antes de a gente ir pra Londres. Eu levei meu celular pro mar, e a gente ficou tentando tirar *selfie* juntas, e ela (Joanna) se cagando de rir nas *selfies* porque nenhuma dava certo. Então, se você olhar as fotos da gente, dá pra ver que a gente tava cagando de rir!

A gente foi juntas pra Flórida o quê? Umas duas, três vezes?

Joanna: Acho que duas. Hehehe!

Visita a Washington

Joanna (com o álbum de fotografia nas mãos): Essa história é gozada também! O Paulo, acho que ele queria levar uma das namoradinhas, porque na época ele era solteiro, uma das namoradinhas para passar o fim de semana em Summit. Então, ele mandou a gente para Washington. De carro! A Mônica dirigindo. Dez horas de carro. Lá em Summit tava frio, a gente tava tudo encapotado, quando foi mudando de cidade, em Washington tava um calor infernal. Nós tínhamos o nome do hotel, era um... como é que falava? Drive Inn... era Drive Inn, né, que chamavam os hotéis, ou tinha outro nome?

Bom, era alguma coisa desse gênero... mas esse hotel era chique, tinha piscina, os meninos já foram tirando a roupa dentro do carro e já se atiraram na piscina. Aí nós fomos... Day's Inn! Chamava Day's Inn. Aí nós fomos fazer o check-in... não era lá! Era um hotel com o mesmo nome, mas num outro lugar... hahaha. Tivemos que chamar as crianças, eles ficaram putos... hehehe. Fomos para o outro, era Day's Inn, mas mexicano. Nós fomos jantar. Nem a batatinha deu pra comer... pimenta pura!

Nós fomos lá num sábado, no domingo a gente só visitou a Casa Branca. Eu, como sempre, fiquei sentada na cadeira, né? Um jardim vasto, assim, tava cheio de cadeiras, falei pra eles: “Vão lá ver a Casa Branca, que eu vejo daqui”, hahaha.

Aí chegou um guardinha: “Senhora, não pode sentar aqui”. Eu falei: “Ah, mas é que eu não posso andar até lá...”, me fiz de coitadinho.

Ele falou: “É, mas sinto muito a senhora vai ter que sair daqui...”, hihiii.

Mas a gente se cansou tanto! Depois, na volta, tivemos que deixar o carro em Nova York e pegar o trem para ir embora para New Jersey. Nós chegamos em casa tarde, querendo matar o Paulo.

Olha Washington (*mostra a foto da cidade*), olha o carro que ele alugou pra nós (*mostra a foto do carro*). Era moderno... Olha minha cara no trem... (*mostra a foto dela no trem*). A gente queria conhecer tudo, ver tudo... olha minha cara de dor... hehehe, não parece que eu tô fazendo “aiii, que doooor!”? Hahahaha! De tanto que a gente andou!

Revolucionária de voo da United

Joanna: Uma vez... ah, deixa eu te contar. Eu fui para Nova York, eu ia e voltava sozinha, né? Aí eu peguei um voo, era da United. O avião nunca que saía, nunca que saía. Ficou umas duas horas parado no aeroporto. Então eu senti um cheiro de camarão que veio da primeira classe... nossa eu tava com uma fome... porque eu tinha saído às sete horas da noite da casa da Mônica, e já era mais de meia-noite. E o avião lá parado. Aí eu chamei a aeromoça, falei: “*What is happening?*”. Aí ela começou a falar, falar, não entendi. Aí eu falei: “Ah, eu quero alguém que fale português!”, e fui lá falar com o comandante!

Ele falou, explicou, que tava faltando uma peça, que o avião não podia levantar voo enquanto não chegasse a peça e, por isso, eles não estavam servindo. Eu falei: “Nem água?! Tá todo mundo morrendo de calor, de sede, como que vocês estão servindo aqui na primeira classe?!”. Aí ele mandou servir água.

Aí eu falei assim: “Eu quero descer para dar um telefonema!”, que a gente tava lá no parada de embarque ainda.

— Eu quero descer para dar um telefonema.

— Ah, não pode.

Eu falei: “Então, eu vou fumar aqui dentro do avião! Eu vou acender meu cigarro aqui, se você não abrir a porta!”.

Aí ele abriu a porta, todo mundo desceu, foi telefonar. A Mônica tinha falado para a Andréa, e ela ia me esperar às seis horas da manhã, já eram duas horas eu tava lá ainda... cheguei aqui (*no Brasil*) eram quatro horas da tarde!

Então eu escrevi para a United. Eles pegaram e me mandaram um voucher de cem dólares. Eu falei sem dó: “Isso, vocês enfiam no cu!”. Hahaha! “Não é isso que vai fazer eu voltar a viajar de United!”.

Nunca mais viajei de United. Eu devolvi os cem dólares. O que eu ia fazer com os cem dólares? Ainda se me dessem a passagem de volta né? Mas cem dólares? Falei: “Enfia no cu”.

Tico: Sentiu o cheirinho do camarão, ficou louca...

Joanna: Nossa, fiquei louca! Eu adoro camarão, né? E ainda com fome! Falei: “Pera aí que eu vou ver o que que tá acontecendo aqui...”.

Aí eu comecei a incitar a população do avião. Falei: “Vocês vão ficar parados aí, não vão falar nada?!”. Hahaha!

Depois, todo mundo começou a falar, levantar... todo mundo estava feito uns trouxas lá, sentadinhos, quietinhos, não reclamavam nem nada... hehehe. Eu fiz a revolução no avião! Ainda não queriam abrir a porta. “O senhor não vai abrir a porta? Eu vou fumar aqui dentro!”, hehehe.

Ele mais que depressa mandou descer. **Sou revolucionária**, você que não sabe. Hahaha.

CAPÍTULO 13

HOJE E SEMPRE

Histórias dos tempos atuais e sobre as minhas características

13.1.

A falta que um Lorax® faz

Joanna: Outro dia tive um sonho assim: eu não lembro direito o começo, só lembro que tinha uma mulher falando comigo que eu tinha perdido a minha bolsa, e ela ficava assim: “Eu sei onde tá a sua bolsa”, e não falava onde estava. Eu falei: “Mas que mulher chata! Por que não fala logo onde está minha bolsa?!”

Aí eu fiquei pensando como é que eu passei o dia sem a minha bolsa? Como que eu apaguei meu almoço? Aí eu acordei, falei: “Mas onde que eu trabalho?”. Sabe, completamente tonta... era falta do remédio, menino.

Tico: Entendi. Porque quando você toma o seu remédio de dormir...

Joanna: Eu morro...

Tico: Você não se lembra de nenhum sonho que você teve?

Joanna: Graças a Deus, não! Nossa, mas eu acordei com a boca seca, eu não conseguia nem engolir a saliva! Levantei assim, com o coração palpitando, sabe? Sentei aqui no sofá, fui tomar água com açúcar, toda suada.

Tico: Você acordou de manhã ou...

Joanna: Não, logo depois que eu comecei a pensar: “Como que eu fui trabalhar? Como que eu paguei meu almoço, se eu não tava com a minha bolsa?”. Eu acordei naquela hora e fiquei ainda pensando onde que eu trabalhava mesmo... Aí eu voltei pra mim, falei: “Idiota, faz mais de 20 anos que você não trabalha!”. Hahaha. Mas foi um pesadelo horrível, viu? E foi a falta do remédio. Lembrei depois que eu não tinha tomado o remédio. Olha o que um remédio faz com a gente! E eu escutava um barulho no ouvido, sabe, como se fosse um motor. Falei: “Eu vou ficar louca!”.

Tico: Isso no sonho? Ou quando você acordou?

Joanna: Não, quando eu acordei. Credo, que coisa horrível que o remédio faz com a gente, né? Agora tem que tomar para o resto da vida. Já tomo mais da metade da minha vida, né, eu tomo desde os 30 anos. O Augusto que me viciou... hehehe. Hoje parece que a gente tá pedindo droga, pra pedir receita de Lorax®. Mas se você já está acostumada a tomar para dormir, se eu não tomar, eu não durmo. Outro dia eu tomei o remédio para labirintite achando que era o Lorax® para dormir. Eu tomei o remédio... eram três horas da manhã eu tava olhando na janela, não tinha sono.

13.2.

De como eu fiquei surda (mas eu não sou surda)

Joanna: Você sabe por que eu fiquei surda? Foi assim: tava um calor, era um domingo de sol, nós estávamos na piscina. Uma menina que mora nesse prédio estava fazendo aniversário e convidou a gente para ir numa casa de show que tinha na Vila Olímpia. Ia ser feijoada com o Péricles, e eu adorava o Péricles. Aí eu fui. Nós saímos daqui, eu e a Rita, umas quatro horas, morrendo de fome. Fomos para lá. O restaurante era na parte de cima, nós subimos, mas não tinha ninguém lá. Aí descemos. A menina (*a aniversariante*) tava grudada no palco. Antes do Péricles estava tocando sertanejo, nós ficamos lá no bate-papo. Eu falava:

— Rita, vamos almoçar...

— Ah, mas vamos largar o pessoal aqui? A gente veio para o aniversário dela, fica chato ir comer sozinha...

Só sei que foi passando o tempo, veio o Péricles e foi enchendo cada vez mais. Uma hora eu sentei no palco, mas não porque eu quis sentar, fui obrigada a sentar porque me empurraram! Veio o segurança e falou:

— Não pode sentar aqui, dona!

— Então fala para o público aí chegar para trás!

Não deu para tomar um copo d'água, não deu para comer nem um pedacinho de nada. No final do show, ele estourou um rojão no palco com aqueles papéis picadinhos. Como eu tava aqui (*mostra onde ela estava, ao lado da caixa de som*), estourou bem no meu ouvido!

Eu cheguei aqui em casa já escutando barulho de água. Fui procurar as torneiras, estavam todas fechadas. Eu falei: “Deve ser da rua, de algum lugar”. O negócio continuou, eu fui procurar o otorrino. Eu perdi 70% da audição do ouvido esquerdo, tive traumatismo no nervo, então fiquei surda. Por causa do Péricles, entendeu? Mas eu peguei o Facebook dele e escrevi: “Você, com a sua voz, com o seu jeito de cantar, não precisa ficar estourando rojão no palco!”.

Mas ele nem respondeu. Eu fiquei surda assim, escutando um sambinha.

Tico: E ainda saiu de lá sem comer a feijoada?

Joanna: Não comemos nem bebemos. Nem água. E eu falava:

— Rita, eu vou embora, não tô aguentando ficar mais aqui, eu tô com fome...

— Ah, mas você vai me largar sozinha aqui... não sei o quê...

A gente é tonta, né? Vai na dos outros, fica com pena dos outros e se fode, né... tá gravando, né? Desculpa. Hehehe.

Tico: Não tem problema. Ela mora no outro prédio?

Joanna: Ela mora no outro prédio...

Tico: A amizade continua boa?

Joanna: Continua, né, matar ela não podia, né? Hehe. Eu fiquei porque eu quis, porque se eu tivesse coragem de enfrentar, eu teria vindo embora sozinha e comido, não é verdade? Mas eu fui ficar com pena dela... me estrepei.

Joanna: Hoje eu fui no banco... engraçado, eu queria fazer uma transferência e falava que meu saldo era insuficiente, e eu tinha dinheiro na minha

conta. Aí eu saí daqui feito um furacão. Fui no Bradesco e a mocinha do caixa tava com aquele vidro, ela falava, eu não entendia bosta nenhuma.

Eu fui sem o aparelho. Eu tenho medo de perder também, sabe, porque eu sou estabanada. A Mônica foi muito... ela e a Andréa, porque a Andréa não gosta... por exemplo, do jeito que você tá falando, você tá falando num tom baixo, mas você se expressa, porque o surdo, ele faz um pouquinho de leitura labial.

Já esses atores de novela, tem novela que eu não entendo o que eles falam! Eles não abrem a boca para falar! Falam de um jeito que parece que tão contando segredo... Eu fico nervosa! Ontem eu desliguei uma, falei: “Ah, vai contar um segredo lá na casa do chapéu!”.

Não é? Tem que falar para o público ouvir. Eu acho. Não sei como é no teatro. Eu fui assistir uma peça daquele Nanini com o Latorraca, eu saí na metade. Você já ouviu como é que o Latorraca fala? Você entende o que ele fala? Eu não entendo! Eu fiquei lá, tava um frio porque ligaram o ar-condicionado, tava muito frio, eu tava com fome... eu tava com a Carmen, a que tinha o salão de cabeleireira. Aí eu falei:

— Carmen, você tá entendendo alguma coisa que eles estão falando?

— Ah.. não...

— Então eu vou embora. Você quer ir?

— Ah, como vai embora? Nós pagamos...

— Eu que não vou ficar sofrendo aqui não, vou embora!

Tava com fome, porque eu tinha saído do serviço. Mas me irrita! Me irrita ver esses caras!

Joanna: Agora elas me fizeram comprar... não, elas compraram, né? A Mônica comprou. A Andréa ficou enchendo o saco, dizendo que eu tava surda, que ela tinha que falar alto...ahaha. **Mas eu não sou surda!**

Eu não escuto quando falam baixinho. Tem gente que fala baixinho, né, que fala pra dentro... não mostra a boca, né, não mexe a boca. Aí eu não falo nada. Eu não entendo, mas eu falo: “Aham... é...”. Porque é chato ficar toda hora falando: “O quê?”. E às vezes eu entendo errado, entende? Uma palavra que você fala, eu ponho outra no lugar, entendeu? Coisa da velhice, né?

Mas não preciso do aparelho. O aparelho só me irrita. Fica fazendo chiado... “chhhhhhhhhhhh” (*imita o som do chiado do aparelho*), sabe? Me atrapalha mais ainda.

A última vez que eu fui, a moça que trabalha lá acho que até ficou com raiva de mim, porque ela foi pôr o negócio no meu ouvido, ela enterrou tão fundo, que quase que ela estoura o meu tímpano. Depois eu quis tirar, menino, não conseguia! Achei que eu nunca mais ia conseguir tirar aquele negócio do ouvido. Ela enterrou, sabe? Tá louco! Aí fiquei com mais raiva ainda e não usei mais. Deixa ele lá, deixa ele ficar descansando um pouco. Porque eu fico sozinha aqui, né? Eu vou conversar com quem, com as paredes? A televisão eu escuto um pouco alto, eu sei, mas são esses atores que não falam direito, entende?

Mas alguma coisinha tem que ter, né? Com oitenta e dois anos você quer que escute feito uma menina de oito? Tenho meus problemas, né? Mas não é por causa disso que eu vou ficar com aquele negócio no ouvido, não!

O Mingo tem um que parece um grão de feijão, sabe? Não aparece. Mas o meu é grandão e fica assim por trás da orelha e tem um fiozinho que é para você enfiar no ouvido. Mas se o meu fosse muito pequenininho também, acho que eu ia fincar dentro do ouvido, viu... hahaha. Eu ia perder ele no ouvido...

Laís: Outro dia que marcar a Cida vem, né, Joanna?

Joanna: Dia de Natal???

Laís: Não... hehehe. Outro DIA QUE MARCAR...

Joanna: Ah... hehehe... é, meu amigo, terceira idade é assim, que vai fazer? Meus filhos falam que eu sou surda...

Cidoca: E cadê teu aparelho de ouvido?

Joanna: Tá guardado.

Cidoca: Por que não usa?

Joanna: Porque me irrita.

Cidoca: Te irrita por quê?

Laís: O quê? Quem?

Cidoca: O aparelho de ouvido.

Joanna: Porque ele fica fazendo “uiiiiiiiiiii”, assim...

Laís: Não tá regulado, eu acho, Joanna. Você regula ele direitinho?

Joanna: Regulo...

Laís: Bom, tem muita gente que coloca o aparelho e reclama mesmo...

Cidoca: Você já foi na loja lá que você comprou?

Joanna: Já fui, a mulher quase que enterrou o negócio dentro do meu ouvido. Pra tirar, eu achei que tivesse que ir no médico.

Cidoca: Que perigo...

Joanna: Filha da puta! Acho que ela ficou com raiva que eu fui lá reclamar...

Cidoca: Hahaha.

Joanna: Aí ela pegou e pôs, mas ela enterrou no meu ouvido, eu falei: “Aí! Você vai furar o meu tímpano!”, falei pra ela.

Laís: E ela?

Joanna: Quando eu fui tirar, não conseguia tirar, menina...

Cidoca: E aí?

Laís: Noooooossa.

Joanna: Aí eu fui mexendo, mexendo, até sair.

Laís: E a canalha ali do lado vendo você fazer isso?

Joanna: Não fui mais lá, não usei mais ele também.

Laís: Ah não, você devia voltar lá e atormentar ela todo dia: “Olha, você fez, mas não fez direito, moça... você entende?”. Dá vontade de perguntar: “Você entende das coisas? O que você tá fazendo aqui?”

Joanna: Ah, mulher chata! Acho que ela queria vender. Eu fui com a Mônica e com a Andréa, pra ver.

Laís: Ah, imagino as duas, rapidinhas...

Joanna: E elas logo falando: “Ah, a minha mãe é surda, minha mãe é surda!”

Cidoca e Laís: Hahaha.

Joanna: Acho que ela falou: “Ah, essas aí têm dinheiro, deixa eu traçar essas mesmas”. Entendeu?

Laís: E daí elas falaram “minha mãe é surda”, acho que ela pensou “vou dar um possante pra essa surda aí”, hahaha.

Joanna: Ai, que raiva daquilo lá.

Laís: Não, Joanna, mas você deveria voltar lá um dia, só pra irritar ela.

Joanna: Ah, eu não...

13.3.

Passeios com Célia

Os causos do Shopping

Priscilla: Ah, os causos do shopping! A gente ia almoçar no shopping, ia no Eldorado comer, era sempre eu, minha mãe e a Joanna, e sempre tinha confusão... a gente sempre ia no “Giraffas” pedir o mesmo pratinho, mas sempre minha mãe queria comer o dela (*da Joanna*), e ela queria comer o outro prato também.

Joanna: Um dia, Tico, nós estávamos... nós fomos no shopping: eu, a Priscilla, tua mãe, a Andréa, a Cida, a Vivian e a Isabella.

Tico: Que é isso? Excursão?

Joanna: Hahaha!

Isabella: A tia Cida e a Vivinha não tavam...

Joanna: Não estavam? Bom... (*risos*) ... e eu tinha o que mesmo? Meu ciático, né, tava com dor no ciático. E andamos, andamos, andamos, aí entramos na Renner (*risos*). Cada um que pegava as coisas, punha na mão (*risos*)... na mão da tua mãe (*Célia*) pra segurar... hahaha... E ela falava: “Ai, vocês me largam aqui que nem uma bosta n’água!”, hehehe... cheia de cabides... “cheia de cabides, não posso nem olhar as coisas que eu quero”, hahahaha!

Priscilla: Teve uma vez que a gente foi no shopping com a Isabella. A gente sempre saía, ia almoçar e depois ia pra Renner. Só que aí, quando a gente foi na Renner, a Joanna tava passando mal, e eu fui com a Isabella comprar um remédio na farmácia. Ficou a minha mãe com a Joanna na Renner. E a minha mãe tinha mania de ficar espirrando perfume (*dos mostradores*), só que ela nunca sabia se o perfume era cheiroso ou não. E ela espirrou um perfume fedido na Joanna, e ela começou a reclamar, só que depois elas começaram a

rir, aquela palhaçada toda, só que a Joanna fez xixi nas calças e voltamos eu e a Isabella com o remédio dela, e a Joanna que nem uma desesperada passando pela gente, sobrou minha mãe parada dentro da Renner com todas as roupas...

Joanna: Nisso me deu uma dor latejante do ciático, eu mandei a Isabella e a Priscila comprarem remédio para mim. Fiquei eu e a Célia... a Andréa sumiu também, cada uma para um lugar...

Aí (*risos*), eu tava esperando elas com um copo de Coca-Cola na mão e de ver a tua mãe falar que ela parecia uma bosta n’água, me deu um acesso de riso que eu comecei a fazer xixi nas calças. Hahaha! Eu falei assim: “Célia, segura aqui meu copo que eu vou no banheiro! Hahaha.

Ela jogou as roupas todas no chão, que ela tava segurando tudo... hehehe, disse que nunca mais ia sair com a gente...

Priscilla: Com uma garrafa de água na mão, rindo. E a gente não tinha entendido nada.

Joanna: Eu ainda deixei meu copo de Coca-Cola na mão dela! Ela falou assim:

— Cêis me largaram feito uma bosta n’água lá, cheia de coisa, eu peguei e joguei tudo fora!

Priscilla: Ela jogou tudo fora, e era a água pra Joanna tomar o remédio que a gente tinha ido comprar.

Sempre tinham as peripécias do shopping, da gente indo almoçar lá, de ir na Renner, de tomar o sorvete no Bacio de Latte, sempre tinha as confusões de lá...

Joanna: Largamos ela sozinha lá na Renner, cheia de coisa na mão, nas duas mãos, assim (*imita-a com os braços erguidos à frente do corpo, sem muita mobilidade*). Ela xingou tanto a gente!

Joanna: Uma vez, também, nós fomos, o teu pai, tua mãe, e aí a gente ia encontrar com a Priscilla, o Marcelo e os pais dele, para ver... para ver o Museu do Rock...

Isabella: Não, não foi isso... eu também tava nesse dia, vocês foram ver a exibição dos Beatles.

Joanna: Era dos Beatles, é verdade. Sabe aqueles... que eles montam assim, de madeira? Tava um calor aquele dia, assim de gente lá dentro (*faz gesto de intensidade com as mãos*), não tinha uma janela, nenhum ar. E eles lá, paraaaaados, olhando aqueles quadros... bem coisa que eu gosto...

Priscilla: É. Hahaha! E era a primeira vez que a gente tinha ido juntos pra conhecer os pais do Marcelo (*esposo de Priscilla*), eles estavam juntos. Foi a primeira vez que a família, minha mãe, meu pai e a Joanna foram conhecer os pais do Marcelo. Foi na exposição dos Beatles lá no Eldorado. Só que as duas (*Célia e Joanna*)... pacientes que só, começaram: “Ah, que porcaria esse negócio, ficar vendo quadro, vendo instrumento... não sei o quê...”.

Joanna: Não... olha, tudo fechado! Assim ó (*forma uma elipse com os dois braços para passar sensação de sufocamento*). Não tinha uma janela! Aquele povo um atrás do outro, chegava lá: (*imita-os parados olhando para os itens da exposição e indo de um item a outro, sempre parando entre um e outro*) um trem, outro trem, outro trem...

Ai... eu falei: “Célia eu não vou ficar aqui, tá me dando sufocação!”.

Ela falou: “Ai, eu também! Vamo embora! Vamo embora!”.

Aí, a gente não achava a porta, e conforme a turma ia andando, ia parando, e a gente atrás deles... Então eu vi um negócio assim, uma sala que tinha uma divisória, falei: “Acho que é a porta de saída!”. Peguei, com a minha delicadeza, empurrei a porta. Derrubei alguém que tava atrás dela. Era o segurança. Ele quase tirou a arma para ver se era um assalto, hahaha!

Aí ele falou (*imita-o num rompante*): “O que vocês querem aqui?!?”.

Eu falei: “Eu quero sair daqui, moço!”

— Então acompanha o fluxo!

Não tinha outra saída. Tinha que seguir o fluxo. Hehehe. Tivemos que ir até o final da exposição pra poder sair. Eu e tua mãe, ó, escapamos de lá! Todo mundo procurando a gente, nós saímos e fomos sentar lá fora. Um tempão.

Isabella: Eu e a Priscilla se olhando:

— Ué, mas cadê aquelas duas?!

— Não sei.

— Não sei.

— A gente acha elas na saída...

Hahaha!

Joanna: Nós fomos sentar, fomos na lojinha... e vocês láááá, olhando os quadrinhos dos Beatles...

Isabella: A gente encontrou vocês duas ainda com sorvete na mão, do lado de fora.

Joanna: É, então... eu não sirvo para ir visitar museu, não faz meu tipo.

Priscilla: Ficaram sentadas lá fora um tempão, tomando sorvete. A gente andou e levou um tempão porque a exposição demorava. Quando saímos, estavam as duas sentadas: “Ai! Cêis demoraram!” (*imitando-as*). Eu falei: “Também, vocês passaram cinco minutos na exposição!”

Joanna: A gente andava assim (*imita-a passando pelas coisas com pressa, sem parar*): “Olha um trem... olha o Beatle lá... ó um trem aqui...”

Priscilla: Hehehe.

Joanna: Eu detesto ir em exposição e museu, sabia? Você assistiu “Minha mãe é uma peça”, quando ele vai pra Nova York? Ah, muito engraçado, aquela amiga dele, que eu não sei o nome, a que trabalha com ele em todos os filmes dele, ela fala: “Ah, nós vamos ter que ir no museu”.

Ele fala: “Museu?!”.

— É, nós precisamos ver o museu!

Aí ela fica olhando para um quadro assim (*imita-a em contemplação estática*).

*ca), e ele pega, sai de perto e vai andando, aqui, ali e ali (*num gesto, indica-o andando rapidamente, passando pelos espaços todos*), e volta:*

— Ó, já vi tudo, vamo embora!

Ela fala: “Não, eu tô aqui vendo...”.

Aí chega um outro cara e fala: “Interessante esse quadro!”.

Era um homem com um foguete atrás e aquela chama saindo de trás dele. Então eles ficam lá, os dois, pensando, conjecturando o que seria aquele quadro, aí o outro pega e fala:

— Ó, pra mim é um cara com fogo no cu! Tchau! Vou embora!

Hahaha!

Priscilla: Hahaha!

Joanna: E eu lembrei dele naquele dia lá no museu dos Beatles.

Priscilla: O Shopping Eldorado tem muitas das nossas histórias. Shopping Eldorado, a Renner, o Giraffas.

Joanna: Nooooossa...

Priscilla: Nossos pratinhos de comida do Giraffas.

Joanna: Era o nosso passeio predileto, né? A Renner. Agora não tem mais graça. Agora eu tô velha e não gosto mais de andar muito e ficar olhando as coisas, sabe? Não tenho mais paciência, sabia?

Tico: Nem ver uma lojinha?

Joanna: Nem lojinha. Eu vou, se eu preciso de alguma coisa, eu vou, olho, se eu gostar já saio com ele de lá no corpo... no pé... hehehe. As moças lá da... desse sapato aqui (*mostra o sapato que está nos pés*), é um loja de “véio” assim, sapato bem confortável pra “véio”. Ela já me conhece. Aí eu falo: “Posso ir embora com ele?”, hehehe.

Priscilla: Você sempre fez isso, né?

Joanna: É a minha característica.

Em Itu e outras viagens

Joanna: Lembra, Pri, quando nós fomos pra Itu, que eu peguei teu sapato?

Priscilla: Lembro! Hehehe. E era igualzinho né?! As duas roncando, e eu tomei Dramin pra dormir!

Joanna: Hahaha!

Priscilla: Porque eu falei: “Eu não vou conseguir dormir com esse povo roncando aqui”. Só escutava a minha mãe: “Priscilla! Você tá dormindo? Eu não consigo dormir! Priscilla?”.

E eu lá fingindo que tava dormindo, ficava bem quieta de olho fechado. Dali a pouco só escutava ela levantando, ia e voltava no quarto aí pouco depois ela fala: “Ah, já é cedo, vou levantar! Vou embora!”.

Aí só escutava a outra (*aponta pra Joanna*): “Ei! Você vai levantar!? Eu também vou!”.

Eu pensei: “Nossa, elas foram embora, agora eu vou conseguir dormir”.

Então, só escuto um “tac-tac-tac-tac-tac”.

— Ai! É o sapato da Priscilla!

Tac-tac-tac-tac-tac.

Joanna: Hehehe. Eu peguei sem querer o saltão da Pri. Hahaha. Eu estranhei o salto, falei: “Esse sapato tá esquisito”. Era o sapato da Priscilla.

Priscilla: Aquele dia também (*imitando a mãe*): “Ei! Você tá dormindo?”. Eu falei: “Ah não, vou fingir que estou!”.

Joanna: Era assim mesmo que ela fazia.

Tico: Onde era isso, na casa de alguém?

Joanna: Não, era hotel, isso foi uma vez que fomos só nós três pro aniversário de uma prima que tava fazendo 80 anos.

Priscilla: E a gente foi de ônibus! E voltamos correndo no dia seguinte porque tava chovendo, lembra?

Joanna: Tava chovendo! Aí deu a louca da gente ir embora.

Zé Carlos: A Célia não queria, o pessoal convidava direto, tanto a Ester quanto a Dita, mas ela nunca quis dormir na casa de ninguém. Não sei por quê. Tinhiam os quartinhos de visita das casas, mas ela não gostava. Dizia que ia dar trabalho, que não sei o quê... não gostava. Não queria. Tanto é que ela fazia a reserva, a gente ia, deixava as coisas todas no hotel e depois ia nas casas dos parentes. Eles recebiam a gente, convidavam pra dormir lá, mas ela falava que já tava com as coisas no hotel. Preferia já deixar as coisas

lá e falar que já estava hospedada no hotel. Eu pensava que às vezes o pessoal ficava meio chateado porque fazia questão. Mas ela não queria, então não podia fazer nada.

Priscilla: A gente sempre ia pra Itu. Um dia a gente foi visitar o Dan (*Daniel*), na época, a gente tava em Itu e foi pra Sumaré conhecer a filhinha do Daniel que tinha nascido. E a Joanna, atrapalhada como sempre, levou embora o celular da mãe da Alessandra (*esposa de Daniel*).

Primeiro que já foi toda uma confusão pra gente chegar em Sumaré. Meu pai, como sempre, se perdeu, errou o caminho. A Joanna quis usar uns óculos escuros que ainda estava com a etiqueta, ela tinha acabado de comprar... aquela confusão até chegar em Sumaré.

Joanna: (*Sorri.*)

Priscilla: A gente chegou em Sumaré, ficamos lá e tudo mais, na hora de vir embora, quando já estávamos no carro, começou a tocar um celular. Eu olhei e vi que não era o meu, a Joanna: "Também não é o meu". Meu pai: "Também não é o meu". Tá bom. Ainda no caminho, o celular toca de novo.

— Que estranho, Joanna, acho que é o seu celular, tá vindo da sua bolsa!

— Mas não é o meu que está tocando, olha (*imita-a tirando o celular da bolsa e erguendo-o por um tempo*)! Ih, peraí que tá tocando mais um (*imita-a tirando outro celular da bolsa*)! É! Acho que peguei o celular de alguém (*imita-a atendendo o outro celular*). Quem é?!

Era a mãe da Alessandra: "Você levou embora o meu celular!".

Joanna: Era igualzinho ao meu. Sabe aqueles pequenininhos de fechar, vermelhinho?

Priscilla: Então, tinha sempre as peripécias indo pra Itu. Teve essa história que a gente falou do hotel que a gente foi dormir, a gente tinha ido pro aniversário da Esther, a gente ficou no hotel, só que as duas (*Célia e Joanna*) roncam muito e a minha mãe, como ela tinha um sério problema, ela não dormia. Aí o que eu fiz? Eu peguei e tomei um Dramin, que era o único remédio que me fazia dormir. E a noite inteira a minha mãe (*imita-a cutucando*): "Ei! Tá acordada? Tá acordada? Essa Joanna ronca muito!".

E a Joanna quase derrubando o quarto de roncar. E a minha mãe: "Eu não durmo!"

Aí quando nasceu o dia, minha mãe: "Pelo amor de Deus! Eu vou levantar!" Levantou, tomou banho, e eu só escutando a muvuca. Daqui a pouco a Joanna:

— Ai! Eu também quero levantar junto com você!

Aí ela pega o meu sapato e vai embora, e eu escutando "tec-tec-tec-tec-tec".

— Nossa! É o sapato da Priscilla! Deixa eu voltar!

Joanna: Hehehe.

Priscilla: Depois a gente acabou indo embora correndo lá de Itu porque começou a chover. Mas era sempre confusão! Sempre dava confusão quando ia viajar lá pra Itu. Sempre. Altas confusões.

Benção na igreja do Brás e de sobrancelha pintada

Joanna: Uma vez, os meninos estavam lá nos Estados Unidos com o Paulo, e o Paulo você sabe como ele é ... paciente. Aí a Cida falou que a gente tinha que ir numa igreja lá no Brás, pôr o nome do Paulo pra Deus acalmar ele com as crianças e tal. A Cida é madrinha dele, ela ligou pra nós. Fui eu e a Célia lá no Brás. Hehe. Acho que era uma igreja evangélica... não sei. O cara parecia o capeta! Ele tava com uma bata vermelha.

Naquela época, acho que era mil novecentos e alguma coisa... eles tavam vendendo camiseta a 50 reais cada uma! Naquela época! Eu falei: "Eu não vou comprar". Aí nós compramos uma vela pequena, né, pra não dizer que a gente não ia comprar nada.

Teve a hora da benção, eles mandaram a gente ir tudo lá na frente passar pelo padre, e ele passou um óleo na cara da gente... hehehe... tava um calor! Eu tava com uma foto da família na mão, o quadro caiu, quebrou tudo! Chegou nossa vez de tomar benção, ele deu um chacoalhão na gente... e **meus cabelos já são assim... revoltados**, né? Com o óleo e mais o balanço, eu devo ter ficado com o cabelo lindo, né? A Célia só foi ver no ônibus. Ela olhava pra mim e falava: "Aí! Cê tá parecendo um índio!"

Hahaha! E eu não tinha como lavar meu rosto nem pentear meu cabelo, falei: "Ah, agora vai ficar assim até chegar em casa!"

Mas foi engraçado aquele dia, viu. Tua mãe é uma palhaça. Tudo ela mandava eu fazer...

Tico: Mas era uma igreja católica?

Joanna: Ó, não era igreja católica, viu. Não sei. Mas ele chacoalhou tanto a gente lá quando ele foi jogar o óleo. Óleo sei lá do quê. Só sei que no ônibus a tua mãe olhava pra mim e caia na risada.

— Hahahaha, cê tá parecendo um índio!

Porque eu tava vermelha do calor, com os cabelos todos pra cima...

Priscilla: E quando a gente ia na cabeleireira lá que você pintou a sobrancelha!

Joanna: Noooossa Senhora! Fui com tua mãe numa cabeleireira e pedi pra ela pintar minha sobrancelha, eu saí que nem um demônio! A tua mãe só ficava assim: “Hi! Hi! Hi! Hi! Hi! Hi!” (*imita a risada dela de forma descontrolada*). De longe. Eu não sei nem como é que eu fui embora de ônibus, viu, de tanta vergonha! Sabe dois coisos pretos aqui assim? (*Indica os desenhos das sobrancelhas*) E ela rindo!

O dia do Mercadão

Priscilla: O causa mais famoso, o nosso épico, é o Mercadão.

Joanna: O quê?! Você vê que eu não tô escutando nada... eu até vinha com o aparelho... mas ainda bem que eu não vim, se não eu ia tirar o motor do carro do teu pai.

Priscilla: Hahaha!

Zé Carlos: Ia fazer o quê?

Joanna: Tirar o motor do teu carro! Ou escapamento... não sei... que faz “tó-tó-tó-tó”... ô carro pra fazer barulho, Zé!

Zé Carlos: Hehehe.

Tico: É o possante dele...

Priscilla: Mas o caso épico é o Mercadão.

Joanna: Hahaha.

Priscilla: Tudo começou quando a gente resolveu ir comer sanduíche de mortadela no dia do aniversário de São Paulo.

Joanna: Não tinha ninguém lá!

Priscilla: Não tinha ninguém, tranquilo, um dia supertranquilo.

Joanna: Não, primeiro conta do ponto de ônibus.

Priscilla: Então, tudo começou com essa decisão: vamos comer sanduíche de mortadela, no Mercadão, no dia do aniversário de São Paulo, e a gente falou assim: “Então vamos pegar um ônibus pra ir pra lá”.

Pegamos o ônibus, tudo bonitinho...

Joanna: Não, nós ficamos duas horas lá no ponto de ônibus!

Priscilla: Duas horas no ponto esperando o ônibus, o moço falou: “Não é aqui, é lá” (*indicando que elas haviam errado o lugar*), aquela confusão só pra chegar no Mercadão. Eu fiquei na parte da frente do ônibus com as duas senhoras (*Célia e Joanna*), e perguntei pro cobrador:

— Onde é o ponto que tem que descer pra ir pro Mercadão?

Ele indicou o ponto, eu falei pra elas:

— Eu vou passar para o lado de trás porque o ônibus está cheio, pra dar tempo de eu chegar no fundo e descer no ponto. Mas não é esse o ponto que vocês têm que descer, eu vou só passar a catraca”.

— Tá bom.

Dali a pouco, eu tô passando a catraca, aquela população toda, eu tentando chegar (*na porta do ônibus*), eu só olho pra frente:

— Ah! Vamos descer, é aqui! (*imita as duas*).

E eu gritando, fina...

Joanna: Gritando... sabe o jeitinho delicado dela: (*imita-a num sussurro*) “Não é aqui, mãe!”.

Priscilla: (*segundo a linha de imitação de Joanna, também em um quase sussurro*) “Mãe, não é aqui... Mãe, não é esse ponto... Mãe, não é esse ponto”.

Hehehe.

Joanna: E eu brigando com o homem que queria subir com uma caixa de papelão cheia de cachorrinhos. Eu queria descer, ele queria subir. Hehehe. Aí, de repente, o ônibus inteiro...

Priscilla: Em coro. Hehehe. O ônibus em coro.

Joanna: Em coro (*reproduz em voz alta, quase num jôgral*): “Mãe! Não é aqui que é pra descer!”

Aí a gente voltou, e o homem (*imita-o numa fala brava e com a boca embolada*): “Oou! Se você derrubasse um cachorrinho meu, você ia ver o que ia te acontecer!”

Hahaha... lembra do homem?

Priscilla: Lembro.

Joanna: Acho que ele tava meio bêbado.

Priscilla: Ele tava meio bêbado. E eu lá tentando passar a população, e elas lá tentando... aí descemos, beleza. Só tinha... óbvio, né... a gente e o mundo lá (*no Mercadão*). A gente ficou no meio da muvuca e conseguimos encontrar uma mesa pra sentar, pra pedir o lanche de mortadela. Veio um moço, muito simpático, e a Joanna também simpática, já com o cardápio na mão (*imita-a*):

— Então, moço, eu quero esse, esse e esse.

Ele, então: “Eu adoraria te atender, mas eu só tô entregando um panfleto de apartamento”, hehehe.

— Até gostaria de pegar o seu pedido... mas é só o panfleto mesmo

— Ah... tá bom...

Hahaha.

Comemos o sanduíche. A gente ainda queria andar por lá, mas tava aquela muvuca. Beleza. Então a gente falou assim:

— Bom, então vamos voltar de ônibus.

Só que a gente não sabia onde era o ponto que ele parava.

— Vamos perguntar para o segurança.

Tava eu, minha mãe e a Joanna. Não sei qual das duas foi primeiro:

— Vou perguntar pro segurança onde é o ponto que a gente precisa ir.

Foi lá com o segurança, as outras duas ficaram esperando. Daqui a pouco volta uma.

— Onde é o ponto?

— Não sei!

Aí vai a outra. Foi lá, ficou meia hora com o segurança, daqui a pouco:

— Então, ele falou, mas eu não entendo, eu não sei onde é o ponto.

Aí lá fui eu. E a Joanna para o homem:

— Ela é a nossa cuidadora! Explica pra ela!

Joanna: Hahahaha!

Priscilla: Só que o segurança, de verdade, falava outra língua, porque eu também não entendi. Eu falei:

— Então, eu também não entendi onde é o ponto.

— Ah, então vamos embora de metrô!

Subimos a Ladeira Porto Geral!

Joanna: A sua mãe, eu tava com uma calça jeans que tem aquelas costuras pra passar o cinto, o passador de cinto, e era uma ladeira... eu tava na frente, ela pegou, enfiou os dedos naquele passador e eu ia arrastado ela! Acho que foi por isso que eu fiquei com o ciático atacado!

Priscilla: Hahaha. Aí fomos nós. Fomos de metrô porque nenhuma das três entendeu qual era o ônibus que tinha que pegar!

Joanna: Mas teve que subir a Porto Geral... fomos a pé...

Priscilla: E a gente nem precisava se mexer de lugar, porque a gente era arrastada, porque a população...

Joanna: A população empurrava, né?

Priscilla: E a gente voltou daquele dia bem contentes...

Joanna: Dia 25 de janeiro. Um dia ótimo pra gente ir no Mercadão!

Priscilla: Um dia excelente pra gente resolver ir até o Mercadão! Hahaha.

Joanna: No fim nós comemos o lanche?

Priscilla: Comemos. Depois de muito tempo de espera, a gente comeu o lanche.

Priscilla: Shoppings, Mercadões e Itus, eram os nossos passeios.

Joanna: Era nosso passeio, né?

Priscilla: Era o nosso passeio.

Tico: E Célia Sandra sempre junto?

Joanna: Sempre junto.

Priscilla: Era o “trio parada dura”. Só nas confusões.

Joanna: A Célia tava em todas, né, Pri?

13.4.

AVC

Joanna: Olha, quando eu tive o AVC, que eu me vi sozinha no hospital, porque a Andréa tava viajando quando eu tive o AVC, ela tinha ido para Nova

York passar o aniversário dela e o da Mônica lá, a Mônica faz aniversário 29 de maio e o dela é 25 de junho, acho que ela ficou um mês lá. E quando eu me senti mal, eu tava sozinha aqui (*no apartamento*). Aí eu peguei um táxi e fui para o hospital, para uma consulta, daí o médico falou que eu tinha que me internar, ir para a UTI...

Mas eu tinha certeza de que se eu fosse para a UTI, eu ia morrer. A única que tava aqui era a Isabella. Ela nem soube no mesmo dia, ela só soube no dia seguinte porque a Vivian, ela morava aqui no prédio, ela vinha me fazer fisioterapia e enquanto eu tava esperando o resultado da ressonância, eu passei um zap para a Vivian, pra que ela não viesse porque eu não tava em casa. Aí ela pegou, quando ela recebeu a mensagem, ela foi para o hospital bem na hora que o médico foi me dar o veredito.

Mas a Isabela tava sem o... quer dizer, tava com o celular mas tava sem crédito... sem... tava desligado, tava sem bateria. Então ela só ficou sabendo no dia seguinte. Daí ela correu lá no hospital, mas se eu tivesse que morrer, eu ia morrer sozinha.

Priscilla: Lembra quando a gente foi no Outback? Que cantaram parabéns, e você quase agarrou o Marcelo? Hehehe...

Joanna: Eu agarrei o Marcelo. Pulei no pescoço dele! Eu tinha acabado de sair do hospital, né?

Priscilla: Verdade e a gente foi comemorar o aniversário...

Joanna: Foram comemorar o aniversário da Isabella.

Priscilla: É, e o Marcelo faz um dia antes da Isabella, então resolveram comemorar os aniversários dos dois lá no Outback. Só que no Outback eles têm a mania de, quando a pessoa faz aniversário, eles dão um bolo de presente e eles cantam “parabéns”... só que eles não cantam...

Joanna: Eles chegam berrando “Parabéns!!!”, né?

Priscilla: Aí o que a gente fez, falou com o pessoal que não era pra cantar “parabéns”, porque ela tinha acabado de sair do hospital. A gente falou assim: “Olha, é aniversário dos dois, mas não cantem ‘parabéns’”.

Joanna: Eu estava abalada emocionalmente.

Priscilla: A gente falou: “Não cantem ‘parabéns’”. Eles disseram que tudo bem. Trouxeram o bolinho e não cantaram parabéns. Só que na mesa ao lado, tinha também um aniversário! E aí eles cantaram parabéns. A Joanna... mas ela deu um pulo! Ela quase agarrou o Marcelo! Hahaha.

Joanna: Hahaha.

Priscilla: Que até ele tomou um susto!

Joanna: Eu agarrei ele!

Priscilla: Ela agarrou.

Joanna: Cheguei a agarrar ele. Até hoje eu não posso escutar aquele “parabéns” do Outback. Sabia?

Priscilla: Hahaha. Pegou trauma... porque eles chegam berrando, né? Mas aquele dia foi engracado, ela agarrou, mas ela agarrou de um jeito que o coitado do menino nem respirava!

Joanna: Hahaha! Ele assustou. Deve ter falado: “Nossa, quem é essa louca aí?”. Foi bem no mês que eu tive o AVC, fiquei internada e tudo.

Priscilla: Foi. Foi na semana seguinte que a gente foi lá. Foi engracado.

Joanna: Tadinha da velhinha.

13.5.

Minha fama de incendiária

Joanna: Hoje quase que nós provocamos um incêndio também (*risos*)! Eu fui fazer um doce de banana e baixei bem o fogo, né, porque a Cida me ligou na hora que eu tava fazendo o doce... hehehe... eu tinha baixado o fogo. Depois a Isabella ligou falando que vinha me buscar, eu achei que eu tinha apagado o fogo e fui embora. Quando ela chegou, ela pôs... eu? Eu que pus?

Isabella: Você que pôs... hehehe.

Joanna: Hehehe... o bolo em cima da boca que tava com a chama acesa... hehehe. A Andréa: “Hum, que cheiro de queimado...”, hahaha.

Andréa: Lá do banheiro...

Joanna: Era o negócio que tava pegando fogo... mas o bolo se salvou, graças a Deus, né, Isabella?

Isabella: Eu percebi rápido... “fogo, fogo, fogo!”, e aí deu tudo certo.

Andréa: Lu, conta pra gente a lembrança mais engraçada que você tem da Joanna?

Luis Fernando (sobrinho-neto): Ah, uma que tava nós três (ele, Joanna e Cida), na casa da tia Joanna, você tava fazendo algum bolo, algum pudim, eu tava te ajudando a preparar os ingredientes, e colocamos no forno. Aí acho que depois de ficar pronto, quando a gente tirou, o bolo se desfez...

Joanna: Hahaha.

Luis Fernando: A gente deu tanta risada...

Joanna: Pra variar, né?

Luis Fernando: É, pra variar... essa é uma lembrança boa.

Cida: Os bolos da Joanna... tudo queima ou desmancia...

Luis Fernando: Foi engraçado, você até tirou uma foto e mandou pra Andréa, eu lembro.

Andréa: Hehehe.

Cida: Ou fica seco demais, ou fica pequenininho.

Andréa: Ou ela queima.

Luis Fernando: Agora eu lembrei, era um quindim.

Isabella: Conta da sua bolsa também!?

Joanna: Então, um dia eu também saí, eu tinha médico, era lá na Vital Brasil, aquele que eu fazia por causa da... até esqueci o nome da doença que eu tinha... fibromialgia. Eu tinha chegado do médico, tinha passado no Pão de Açúcar (*mercado*), tava morrendo de vontade de fazer xixi. Cheguei, joguei tudo em cima do fogão e fui fazer xixi. Aí a narizinho e ouvido fino... (*aponta para a vizinha*) hehehe, já tava tocando a campainha aqui. Foi só o tempo de eu fazer xixi, Isabella! Quando eu passei para abrir a porta, que eu vi umas labaredas na minha cozinha. Aí ela chamou o zelador e ele apagou... não sei como que ele apagou. Mas eu tive que pintar minha cozinha inteira! Queimou tudo o que tava na minha bolsa!

Andréa: Imagina que foi só o tempo do xixizinho...

Joanna: Foi! Foi... verdade...

Andréa: Hahaha! Cara de pau! Foi nada, você deve ter ido no banheiro lá, depois veio aqui, depois foi tirar a roupa, porque não é possível que ela (*a vizinha*) ia sentir o cheiro...

Joanna: Não... fui fazer xixi, Dé. A minha bolsa, a mulher falou que era couro... quase que eu fui na loja brigar, porque couro não pega fogo assim...

Andréa: Lógico que pega...

Joanna: Acho que era plástico... queimou meus 2 óculos, meu celular...

Isabella: Eram novinhos os óculos...

Joanna: Era novinho.

Tico: Eu só não entendi uma coisa, a boca do fogão estava ligada?

Joanna: É... eu tiro, às vezes, quando eu vou fazer alguma coisa, eu tiro a panela...

Andréa: Ao invés dela desligar o fogo, ela só tira a panela, entendeu?

Joanna: Hehehe.

Tico: Você já tinha deixado ligado há tempos...

Joanna: É, saí e tudo, ele ficou ligado... quando ele viu uma coisinha em cima... hahaha... “oba!!!”.

Andréa: Você entendeu porque a gente tava com tanto receio de comprar o aquecedor pra ela?

Tico: Claro...

Joanna: Hehehe. E hoje foi a minha lindinha aqui que viu, né?

Isabella: Rapidinho.

Joanna: E eu já tenho fama de incendiária aqui (no prédio), porque outro dia me ligou o zelador: “Dona Joanna, a senhora tá fazendo arroz?” (*risos*). Eu falei: “Não, olha, hoje não sou eu...”, hahaha.

Agora, né... como é? Pegou... pegou fama, deita na cama!

Isabella: E teve um incêndio em Osasco, não teve?

Joanna: Teve, teve. Eu lavei aquelas coisas de vime que eu tinha. Eu tinha limpado a cozinha inteira, aí eu pus em cima do fogão para secar, secou rápido. Eu tava lavando a “arinha” (*areazinha*) e vi que passavam aquelas fuligens voando assim... eu falei: “Ah, caramba, estão pondo fogo aí nessa merda! Justo agora que eu tô lavando a ‘arinha!’”, hahahaha.

Mal sabia que vinha da janela da cozinha... hahaha. Cheguei lá, as cestinhas de palha estavam tudo em fogo (*risos*). Eu não lembro como eu apaguei o fogo naquele dia, porque eu não chamei ninguém... hahaha. Mas foi tão gozado quando eu vi aquelas fuligens assim, passar. Eu achava que era do terreno da frente, porque eles sempre punham fogo no lixo lá. Falei: "Filhos de uma puta! Agora que eu limpei tudo aqui, eles tão fazendo essa merda!".

Tive que lavar tudo de novo a minha cozinha, meu fogão... acabei com as minhas bandejas, sabe umas coisas de fruta, de vime? Queimou tudo.

Andréa: Você também pôs em cima do fogão quando tava aceso?

Joanna: (*risos*) Pus em cima...

Andréa: Eu já pensei em trocar esse fogão, colocar um igual ao nosso...

Isabella: Cooktop.

Andréa: Cooktop de indução, sem chama. Desliga automático, entendeu?

Joanna: Hahaha.

Andréa: Porque aqui é perigoso...

Joanna: Tem nada não, eu sou uma mulher eclética... hahaha.

Andréa: É, eclética, a gente sabe... hahaha.

13.6.

Barulhos que incomodam

Isabella: Vó, você estava falando dos barulhos que te incomodam, tem várias histórias de barulhos que te incomodam e você vai tirar satisfação.

Joanna: Ah... de barulho! Nossa Senhora! Em Osasco, quando eu morava lá no 9º andar, tinha uma oficina mecânica, não sei o que era, que tinham três dobermanns e uns outros cachorros lá que latiam a noite inteirinha! Aí um dia de manhã eu não aguentei, passei lá, falei para o homem: "Olha, o senhor vai ter que me pagar um salário! Porque eu vou ter que abandonar meu emprego, eu não posso dormir de noite e de manhã eu tenho que trabalhar. Então eu vou pedir demissão, vou ficar de olho aí nos seus cachorros que não me deixam dormir!"

Um dia, depois disso, eu estava indo trabalhar, cheguei no ponto do ônibus, ele me chamou:

— Dona, dona, a senhora tem ouvido barulho?

Falei: "Não!".

— É que eu mandei os cachorros embora.

Hehehehe.

Andréa: Coitados dos cachorrinhos...

Joanna: E tinha uma oficina de moto, do lado esquerdo do meu prédio, que depois das 10 horas, quando o trânsito melhorava lá, o cara ia fazer teste com a moto. Tinha uma lombada em frente ao prédio, então quando ele passava na lombada "RRRRRRRRÓÓÓÓÓÓ!"... fazia aquele barulho, que eu não conseguia ouvir minha novela!

Eu não podia aumentar a televisão porque a vó dormia com a porta aberta, e ela reclamava da televisão que tava alta. Menino, um dia, de camisola... eu tirei a camisola correndo, a vó: "Aonde você vai, sua louca?!" . Falei: "Espera aí que eu já volto".

Fiquei na oficina, o cara tava andando de moto, quando ele voltou eu peguei ele por aqui assim (*indica pegando o cara pelo pescoço*), mas eu queria matar ele! Falei: "Seu filho da puta! Por que você não vai fazer isso na tua casa?!. Você não sabe quantos velhos tem aí? Eu tenho uma mãe de 85 anos que não consegue dormir por causa dessa merda dessa moto!".

E aí na porta, porque tinham dois prédios lá, que nem tem aqui (*no prédio onde vive hoje*), tava o síndico e não sei mais quem no portão. Eles viram eu falar, aí eles começaram a se meter, eu falei: "Então, eu já fiz o que eu tinha que fazer, agora é com vocês aí!"; peguei, virei as costas e fui embora.

Nunca mais o cara ligou a moto alta lá para passar em frente ao prédio. Acho que ele levou um puta susto que eu agarrei ele pelo pescoço... hahaha! Mas eu já tava a ponto de matar um!

13.7.

Cartinhas e reclamações

Isabella: Vó, e as cartinhas que você já escreveu?

Joanna: Cartinhas?

Andréa: As cartas que você escrevia pra quem? Pro Léo, quem mais?

Joanna: O seu pai nem lia, ele devolvia a carta sem abrir.

Isabella: E as outras cartas de reclamação que você escrevia? Você escreveu várias... de condomínio...

Joanna: Ah, que a mulher até me processou, né?

Isabella: Por que ela te processou? Foi por causa da carta?

Joanna: Não foi por causa da carta... foi por causa de uma bendita carta, né, mas não fui eu que escrevi, foi ela. Qual que você tá lembrando? Eu não lembro.

Isabella: É que são tantas as cartinhas, tudo o que acontecia você escrevia uma cartinha de reclamação e você ia entregar.

Joanna: Ah, hoje mesmo eu pus uma aqui! (*Risos*). Eu fui jogar um saquinho de lixo minúsculo, eu abro aquela portinha (*da despensa do lixo*), só faltou cair as coisas na minha cabeça. Em cima do latão tinha um saco preto enorme, tinha as costas de uma cadeira de alumínio... Áí eu escrevi num papel e pus lá na porta “Lotação esgotada”, hahaha.

Pô, me deu tanto ódio! Porque assim, não sei se é essa aqui (*aponta pra vizinha*), sabe? Ou se é o rapazinho lá do fundo que ele também morre de medo de mim... hehehe. Áí eu pus um aviso lá “lotação esgotada”. Mas fico puta com essas coisas, sabe quando o cara não respeita o vizinho?

Quando a vó tava doente, ela tinha aquela cuidadora, de sábado uma tinha folga, e eu ia lá para ajudar a outra, porque precisavam de duas para levantar ela. Um sábado eu fui lá, com direito a tudo, a vó se cagou toda, se mijou... aí cheguei aqui, e tem um cachorro latindo. Eu achei que tava solto no hall, abri a porta não vi nenhum. Eu fui lá para a “arinha”, o latido vinha do outro vizinho. O cachorrinho tava preso, acho que na “arinha” dele, e ele latia, latia, latia, latia. Falei: “Bom, eu vou lá para o quarto, ficar quieta”.

Domingo eu fui de novo na vó, quando eu voltei, a mesma coisa. Não aguentei, escrevi uma cartinha (*risos*). Colei lá na porta dele. Eu falei: “Para que que você quer um cachorro, se você não fica em casa? Para eles ficarem atormentando o meu ouvido? Se eu quisesse, eu teria um!”.

Áí pus meu nome, apartamento, botei lá com durex na porta dele. Assim que eu entrei no meu apartamento, eu vi que ele chegou. Falei: “Bom, ele vai tocar aqui”. Ele sumiu com cachorro. Agora ele me vê, parece que ele leva um susto assim (*imita o homem se assustando*). Hahaha!

Isabella: E o cachorro lá da rua de baixo, que outro dia você foi até a rua de baixo encontrar o cachorro?

Joanna: Puta merda... tem história pra contar de cachorro, né? Sabe uma ruazinha lá embaixo da (*Rua*) Tonelero? Que as casinhas davam... agora as árvores cresceram, mas antes dava para ver as casinhas da outra rua de baixo. Uma travessa da Tonelero. Tinha um cachorro, que ele latia, mas ele latia... dia e noite. A gente percebeu que não tinha ninguém na casa, largaram o cachorro sozinho. Áí um dia também eu fui até lá embaixo, fui lá ver na casa. Tava para vender a casa, e o cachorro lá! Um cachorro velhinho já, sabe? Tinham aquelas placas de “vende-se, vende-se, vende-se”, eu peguei o telefone de todas elas, liguei para todas e falei: “Vocês estão vendendo, faz o favor de falar para o dono que o cachorro tá incomodando os vizinhos!”

O cachorro latia dia e noite, chorava, uivava!

Só sei que depois, a velha veio buscar o cachorro. Ligou até para mim, eu tinha deixado meu nome e telefone para os corretores. Hehehe. E o nome dela era Cida... hehehe, dona Cida... aí ela pediu mil desculpas, que ela tinha perdido o marido dela e ela não quis ficar sozinha então foi para a casa das filhas, e largaram o cachorro aí sozinho.

Isabella: A Jojoca tem todo um histórico de escrever cartinhas muito mal-educadas quando coisas incomodam ela. Pros vizinhos, pro condomínio, pra TV Globo... pro Lula, pra várias pessoas ela já mandou cartinha... hehehe.

Joanna: Hehehe. Você sabe que no primeiro mandato dele (*Lula*), eu mandei uma cartinha de parabéns. Hoje eu quero enfiar no cu dele!

Isabella: Olha, rolou uma cartinha de parabéns?! Tô chocada em saber, porque achava que todas as cartinhas que ela escrevia era com ódio no coração... hehehe.

Joanna: Não, na época ninguém sabia quem ele era, né? Sabia que ele era um... funileiro lá, como chama?

Ricardo: Metalúrgico!

Joanna: Metalúrgico...

Ricardo: Metaleiro... hehehe...

Joanna: Então, chegar à presidência, eu achei que foi legal e mandei os parabéns pra ele. Mas não sabia que ele ia virar esse canalha que ele virou, né?

Isabella: Mas ô vó, me diz uma coisa, quais foram os seus destinatários de cartinhas? Teve já o Lula, o prédio, você já mandou carta pros vizinhos...

Joanna: Já, porque a lixeira tem pra pôr o lixo orgânico e o reciclável, duas caixas. Eles vão lá e jogam tudo em cima das caixas. E toda vez que eu ia lá pôr o lixo, não tinha onde jogar. Aí eu pus uma cartinha na porta: “Eu gostaria de saber quem é que não sabe que aqui moram mais três condôminos? Porque não tem mais lugar onde jogar o lixo. Vocês, por favor, joguem dentro da caçamba, da lata”.

Aí ó, vai lá ver, tá uma beleza!

Lucca: Ó lá! Às vezes tem que falar mesmo.

Isabella: Resolve, né? As cartinhas resolvem.

Joanna: Agora na minha janela, jogam água, lavam o vitrô de cima, eu fico com a janela aberta, cai a sujeira toda na minha janela!

Isabella: Você já não mandou pra Globo também, uma cartinha?

Joanna: Ah, mandei! Quando teve a guerra lá do Iraque, eu tava assistindo a um filme da “Sessão da Tarde” tão tranquilo, de repente aquelas bombas, aquele horror! Eu falei: “Vocês não dão nem um sinal de que vocês vão mostrar o que choca?! E se tivesse criança na casa?”

Ricardo: Depois disso que inventaram aquele “PAM PÃ PAM PÃ PAM PÃ PAM PÃ PAM” (*vocaliza a clássica chamada do “Plantão da Globo”*). Depois dela que lançaram isso!

Lucca: Mais um feito de Joanna, a chamada da Globo!

13.8.

Trapalhadas nos meios de transporte

Isabella (para Lucca): Você também pegava transporte público com a Jojoca?

Lucca: Ah, a gente pegou um tempo, né? Quando a gente era mais novo, a gente andava com ela...

Andréa: Ah! Eu tenho uma história do táxi!

Ricardo: E tem a história do ônibus também.

Isabella: A gente já contou quando fomos levar a vó pra votar? Que ela entrou no carro de um desconhecido?

Joanna: Hehehe!

Isabella: A gente foi levar, acho que a última vez que você foi votar, né?

Joanna: Eu ia votar na Dilma, por causa de você! Lembra?

Isabella: Foi. Ela ia votar na Dilma.

Joanna: Aí quando eu cheguei lá no Alfredo Bresser (*colégio onde vota*), eu fui pegar a carteira e o título de eleitor, eu vi que tinha esquecido.

Isabella: A gente foi de carro.

Joanna: E a Andréa tinha me levado, ela ia votar no Palmares. Aí eu falei: “Isabela, não vai adiantar, eu não tô com o título de eleitor aqui”.

Fui embora, entrei no carro, sentei com a minha bundinha, ainda empurrei assim, era um nenezinho que tinha do lado. Aí olhei pra frente... o marido e a mulher...

Lucca: Ainda deu uma bundada no bebê... hehehe...

Joanna: É... hehe... o marido e a mulher assim na minha cara (*mostra um olhar de consternação*). Eu falei: “Nossa! Desculpa, acho que eu entrei no carro errado!”.

Hahaha!

Lucca: Eu acho! Hahaha...

Isabella: E eu tentei avisar ela, porque eu não entrei no carro, eu tinha reconhecido que não era o carro. Ela entrou eu: “Vó, vó...” (*mostra a tentativa frustada de chamá-la*). Aí eu fiquei esperando ela entrar... aí ela saiu... hehehe... ela saiu do carro e caiu um sapato!

Joanna: Ainda derrubei o sapato da menina! Hahaha.

Isabella: Aí ela ainda pegou...

Joanna: Ainda abri de novo a porta! Hahaha.

Isabella: Abriu de novo a porta e entregou o sapato... hehehe.

Joanna: Os caras levaram outro susto! Hahaha.

Lucca: Devem ter tido certeza que era assalto...

Joanna: Hahaha... eu falei: “Ai, desculpa!”, nossa...

Isabella: A velhinha indo assaltar... hehehe.

Joanna: Viu, Tico, uma vez também a gente foi no... como é que era? Pró-eleição? Não era? Na Paulista, com a Marisa e tudo.

Isabella: Eu só queria deixar registrado que eu não estava.

Andréa: Hahaha!

Isabella: Eu não estava junto nesse momento, tá?

Tico: Qual foi esse momento?

Joanna: Foi muito engraçado essa vez. Por que eu fui embora brava, Dé?

Ricardo: Não tinha metrô, tava tudo fechado.

Joanna: Não tinha metrô, vocês queriam pegar metrô...

Ricardo: A gente queria pegar o ônibus, aí você...

Joanna: Aí eu falei: “Não, eu vou pegar um ônibus, aí eu desço no próximo ponto e pego um táxi”.

Ricardo: Na verdade, eu parei o carro perto do Butantã e a gente pegou o metrô até a Paulista. Aí, na hora de ir embora, a gente ia pegar o metrô, mas ele tava fechado. Então, nós fomos de ônibus, e o ônibus passava no Butantã, só que eu não sei por que ela (*Joanna*) queria passar do Butantã, não sei aonde você queria ir.

Joanna: Não, eles queriam ir de trem. Vocês queriam ir de trem. Eu peguei, falei: “Eu vou pegar qualquer ônibus, desço no próximo, pego um táxi, eu não vou enfrentar essa gentarada aí”.

O primeiro ônibus que passou, eu fiz sinal e entrei, fiz tchau pra eles e entrei no ônibus. Hehehe... e fui lá pra frente, no banco dos velhinhos. Aí, de repente... hehehe, eu olho pra trás e vejo eles. Né? Eles pegaram o mesmo ônibus! Hehehe. Eles queriam descer num ponto...

Andréa: A gente queria te avisar qual era o ponto! A gente falava: “Mae! Desce!”, mais ou menos como a história da tia Célia e a Priscilla indo pro Mercadão. A gente falava do fundo: “Mae! É nesse ponto! Desce mãe!”. E ela, nem tchum...

Ricardo: E aí todo mundo em coro dentro do ônibus...

Andréa: ... todo mundo do ônibus...

Ricardo: ... “Joanna! É o próximo ponto! Desce!”

Andréa: ... “Joanna! Desce!”

Joanna: Hehehe!

Andréa: Ela sempre movimentando as massas!

Joanna: Mas eu não sei como eles correram e pegaram o mesmo ônibus que eu?! E eu não tinha visto.

Ricardo: Na verdade, você deu sorte de pegar o ônibus que passava no Butantã. A verdade é essa.

Joanna: É, vocês queriam que eu pegasse o ônibus que passasse no Butantã. Ai, ai...

Isabella: Mas por que eu não estava envolvida nessa história? Porque foram as manifestações pró-impeachment da Dilma. Eu falei: “Vão, vão com Deus. Eu não vou! Eu tô de boa de ir”.

Mas “ceis” foram, né?

Joanna: Era pro impeachment da Dilma?

Isabella: Era.

13.9.

Meus cabelos

Joanna: Meus cabelos são revoltados. Eu fico irritada, meus cabelos já ficam todos de pé. Hahaha. Nossa Senhora... já troquei tudo quanto foi tipo de xampu, para ver se ele fica assentado, mas ele fica assim, ó (*mostra os cabelos de pé*). O que eu posso fazer?

As crianças me deixam com os cabelos em pé também... quando eu olhava feio, eles respondiam pra mim: “Tá olhando feio por quê?”.

Hehehe. E os meus cabelos já... por isso que o meu cabelo é louco, entendeu?! O sangue subia e descia assim... (*faz um gesto com as mãos em direção aos cabelos, para cima e para baixo*). Ele também tinha os períodos de cinco minutos dele.

Ou era de susto, né? Que eu levei um monte também... que nem na vez do saco de lixo... do saco de dólares... que eu olhei pro lado, sentei na escadinha pra esperar o Rui, olhei para o lado, não vi o saco, os meus cabelos já ficaram... por isso que meus cabelos ficam em pé, você entende? Hahaha!

Outro dia, quando você (*Tico*) veio gravar aqui, só depois que eu percebi, você que me falou que meus cabelos estavam todos de pé... eles são **rebeldes**.

Ou quando também me deixaram esperando na abadia que eu achei que tinha perdido eles... meu cabelo já tava de pé já... graças a Deus que eu tava com meus cabelo também pé, hehehe, porque assim a Mônica me viu de longe, hahaha.

Mas esses cabelos são de muita coisa que eu passei na vida... a minha vida foi... esse cabelo em pé viu... hahaha. Era sempre uma história atrás de outra história que acontecia...

13.10.

Tardes com Laís e Cidoca

Tico: E esse relacionamento forte de vocês perdura até hoje?

Joanna: Até hoje. E a gente, assim, tá providenciando, pra quando a gente ficar gagá, irmos morar as três juntas, né, Cidoca?

Cidoca: A gente vai comprar uma chácara, cada uma vai ter a sua casa, né? Porque ninguém vai se suportar, se não vai se matar, né, Zé? Só na varanda à tarde....

Zé Carlos: E as casas todas cercadas, pra uma não invadir o terreno da outra.

Cidoca e Joanna: Hahaha!

Laís: Nossa, é...

Tico: Onde vocês comprariam a chácara?

Joanna: Ah, isso ainda não chegou...

Laís: Nós vamos ganhar de presente!

Cidoca: Vamos pra Sorocaba que é gostoso.

Laís: Não, não, a gente vai pedir pro governo, ele vai dar de presente pra nós...

Joanna: Hahaha...

Laís: A gente escreve uma carta bem triste... assim, quem sabe, comove o coração, daí nós ganhamos. Sorocaba é gostoso também, né, Cidinha? Se vocês quiserem dar pra gente o terreno, fiquem à vontade. Hehe.

Joanna: Mas já pensou três caducas morando junto?

Laís: Noooooossa não quero nem...

Joanna: Não vai prestar...

Laís: ... não suporto pensar na velhice.

Cidoca: Hahaha!

Laís: Ah, não. Não suporto. Nossa, horrível. Ai, não gosto.

Joanna: O que, Laís?

Laís: A pessoa envelhecendo... é horrível, né, Joanna?

Joanna: Imagina, Laís!

Laís: Não... não é que eu...

Joanna: São fases da vida que você tem que aceitar!

Laís: Não, eu sei, eu sei... então... então, mas é... coisas que a gente fazia, a gente não vai fazer mais... tudo... entristece...

Joanna: Mas você tem que se conformar, você quer o quê? Voltar no túnel do tempo?

Laís: Não, não. De jeito nenhum.

Joanna: Você voltaria? Pra fazer tudo de novo o que você já fez?

Laís: Ah... não sei... acho que alguma coisa... acho que sim, viu! Acho que voltaria mais inteligente. Acho.

Cidoca: Hahaha!

Joanna: Ah, eu não...

Laís: Não iria errar tanto. Não iria errar muito, eu acho.

Tico: Você acha que errou muito?

Laís (*balança a cabeça afirmativamente*): É. Agora já foi, né? O que vamos fazer? É triste...

Joanna: Acho que... eu não queria, não. Eu aceito a minha velhice numa boa.

Laís: Não, não estou... tem que ser assim mesmo! Né, Joanna? Tem que ser assim. Mas é...

Joanna: Porque todo mundo vai passar por essa fase, Laís.

Laís: É, é... é verdade...

Joanna: Não adianta a gente se revoltar contra...

Laís: Não, não... não.

Joanna: Porque... né, Cidoca?

Laís: Porque senão a gente vai ser uma infeliz eterna! Eternamente, né, se a gente se revoltar...

Cidoca: Tem que ser uma velhinha sacudida, né? Como dizia a Célia, uma velhinha sacudida.

Joanna: Que nem a dona Judite eu quero ser!

Laís: Ai que beleza!

Joanna: Aquelas perninhos fininhos, lembra? Parecia que ia quebrar no meio...

Laís: O Zé lembra bem também, né, Zé?

Joanna: Zé, lembra quando a sua digníssima esposa escondia a dentadura da vó Judite?

Cidoca: Nossa, gente...

Zé Carlos: Terrível...

Joanna: O pijama dela...

Zé Carlos: O gipim (*maneira como dona Judite se referia ao seu pijama*).

Joanna: O gipim.

Zé Carlos: O gipim.

Cidoca: Ai, gente...

Laís: Mas a dona Judite dava risada.

Cidoca: Dava risada.

Laís: Era um exemplo, né? Essa era um exemplo mesmo.

Zé Carlos: E quando eu ia almoçar lá, ela fazia questão de fazer o suco de limão pra mim...

Joanna: Nossa... chegava uma visita, ela era a primeira a oferecer bebida, porque ela também gostava... de um whisky...

Zé Carlos: Sim... “cervexinha” (*imita-a com o sotaque*)...

Joanna: ... de uma caipirinha e cerveja.

Zé Carlos: É, a cervejinha.

Joanna: Um vinho.

Laís: É mesmo, não?

Joanna: E tava sempre rindo!

Cidoca: Sempre. Sempre.

Joanna: Não podia mais usar dentadura, porque nasceram os dentes do siso dela, então ela não podia mais arrancar porque ela já tinha idade.

Tico: Nasceram os dentes depois de velha?

Joanna: Com oitenta e poucos anos.

Cidoca: E nunca vi isso na minha vida!

Joanna: Aí ela não podia mais usar dentadura. E ela sorria, ela falava. Lembra?

Laís: Eu lembro sim, lembro, mas por que será que não tinha condições de tirar? Ela era muito velha?

Joanna: Ela era muito velha, né, Laís, pra tirar dente. Tinha que tomar anestesia.

Laís: É verdade. Nossa, mas era maravilhosa mesmo.

Joanna: Ela tava sempre contente, sempre contente. Ela falava pra gente: “*Porta pazienza, figlia mia! (Tenha paciência, minha filha)*”.

Cidoca: Tico, você precisa sair com essas duas de carro num domingo à tarde quando eu vou. O Waze fala comigo “vire aqui”, essa aqui (*indica a Laís*) fala assim: “Não é essa rua, eu moro aqui há 20, 30 anos, 40 anos, essa rua não mudou de nome”. Não me deixa ouvir o que falam (no app), olha... eu vou falar...

Laís: Não, mas Cidinha, ontem eu fui tão sem educação... eu tomei um táxi lá, o homem da Use Táxi (*imita o sujeito olhando para o celular na mão*) dirigindo e no celular. Eu falei:

— Ah, moço, o senhor vai me desculpar, eu detesto gente que anda olhando no celular. Não gosto. O senhor está dirigindo, se o senhor tá interessado, o senhor para o carro, vê e depois o senhor continua, porque eu detesto. Conheço muitos acidentes por esse malvado desse celular.

— Não, a senhora tem razão, tem razão.

Eu falei: “O senhor vai me desculpar, mas eu não gosto. E o senhor não precisa nem de Waze, eu explico pro senhor. Vai reto, vira à esquerda, quando chegar no fim, o senhor vira à direita, vai pegando a sua direita, não precisa nem procurar com isso aí que eu indico”.

— Tá bom.

Daí o senhor: “Não, você tem razão. Você tem toda razão. É perigoso mesmo”.

Aí quando eu descia, falei: “Mais perigoso ainda é o senhor andar com esse negócio, esse celular beeeeeem na cara... um homem vem aqui, mata o senhor e ainda tira o celular”.

— É, tem razão (*repete imitando o tom de concordância e aceitação do homem*).

Eu nunca vi um bobão assim dirigir, um senhor...

Tico: Mas o celular estava no painel?

Laís: Depois ele colocou no painel, mas quando eu entrei ele tava com o celular na mão! Na mão! Olhando no celular. Era pertinho, uma rua só, uma rua que tinha que andar só. Eu...

Cidoca: É que eles põem ali mesmo naquele suporte, o celular, porque tem o mapa que vai andando. Tem que pôr ali.

Laís: Eu sei, mas eu tenho pena deles com aquilo, é arriscar, né...

Cidoca: Mas tem que andar assim Laís.

Joanna: Ah, antigamente a gente ia com mapa na mão.

Tico: Agora o mapa tá todo no celular.

Joanna: Perguntava pros outros: “Moço onde é a rua tal!”.

Laís: Então, aí ele falou pra mim: “É, no meu tempo... eu sou daquele tempo em que eu andava de mapa”.

Eu falei: “Eu também sou, e aliás eu adoro um mapa!”.

Cidoca: Imagina andar com um mapa no carro...

Laís: Eu sei ir daqui até o infinito olhando num mapa. Isso eu sei. Conheço as ruas, tudo certinho. O senhor:

— É, eu também, no meu tempo a gente andava com mapa ou senão comprava aquele Guia, tinha o guia no carro.

Falei: “Então, o senhor é desse tempo, eu também, mas o modernismo não tá dando certo...”.

Cidoca: Mas vai ter que parar na rua, o cara vem, te assalta, e você olhando o mapa?!

Laís: Não, mas eu acho que eles têm que decorar, né Cidinha? As ruas.

Cidoca: Ai Tico!!! É isso aí Tico! Tá vendo???

Laís: Hehehe!

Cidoca: O que que a gente faz, Tico?

Tico: Quer dizer que é isso aí toda vez?

Cidoca: Toda vez, é um problema sério...

Tico: Vocês passeiam muito juntas?

Cidoca: Ah, às vezes de domingo nós vamos comer um doce...

Joanna: De domingo a gente vai comer um doce, em alguma padaria que elas nunca sabem onde é ... o nome da padaria.

Laís: A coxinha, agora você (*olha para Cidoca*) é apaixonada pela coxinha.

Cidoca: Na Real... hummm é tão boa! A gente vai ou numa padaria ou numa casa de doce... de massa folheada, depois vai não sei aonde...

Laís: Depois a gente se perde, não sabe onde é...

Joanna: Tomar sorvete lá na Oscar Freire. Depois a gente se perde, depois volta. A Cidinha anda com a mulher falando, a mulher que não sabe nada, e a Laís: “Ah! O que essa mulher falou!? Essa mulher não sabe nada!”. E a Cidoca queria escutar a mulher e não conseguiu escutar, entendeu? Hehehe.

Laís: A mulher é a mulher lá do Waze... Ela tem nome?

Tico: Você usa o Waze.

Cidoca: Waze.

Laís: A sua tem nome?

Cidoca: Ela vai falando: “Em tantos metros, vire à esquerda, depois vire à direita, entra na rua tal”.

A Laís fala: “Não, não, essa rua não tem esse nome, porque eu morei aqui não sei quanto tempo...”.

Ahhhhh, ela fala junto, ela quer falar, ela me deixa louca!

Laís: É verdade! Você já viu quanta gente já morreu por causa desse “Aze” (-sic)!? Quanta gente já morreu!

Cidoca: Nós nunca morrermos...

Tico: Como assim “já morreu”?

Laís: Que entra... lá no Rio de Janeiro, manda entrar naqueles morros, um monte de gente morreu...

Tico: Entendi.

Laís: É verdade! Muita gente morreu. Aqui em São Paulo não sei ainda.

Tico: Mas os lugares que vocês vão, ele não vai mandar para nenhum beco perigoso...

Cidoca: A gente não vai lá pro morro, né, Laís? A gente vai pra Vila Madalena, pro...

Laís: No Rio de Janeiro é perigoso, né, porque eles mandam pro... muita gente, viu?

Cidoca: Quando vai pro Rio de Janeiro nem vai de carro, vai de avião e olhe lá...

Laís: Esses pedaços que nós estamos falando, depois se quiser cortar, se tiver gra-

vando, você pega isso e depois põe lá no... como chama? No celular. Põe isso lá pra alertar as pessoas pra não usar o Waze! Porque vai parar tudo nos lugares perigosos!

Tico: Vou. Vou colocar, pode deixar.

Cidoca: Fica quieta Laís! Para de falar bobagem!

Laís: Hahaha!

Cidoca: Isso aqui é antiprogresso! Antiprogresso isso aqui, Tico.

Laís: Eu adoro as coisas antigas. Eu preferia todas as coisas antigas.

Tico: Vou colocar as “Pílulas de Laís”.

Cidoca: Isso. “Dicas de Laís”.

Tico: “Dicas de Laís para a modernidade”.

Laís: Dicas de Laís, isso mesmo. Aqui em São Paulo eles tem sorte que não tem favela, mas no Rio...

Cidoca: Não tem favela em São Paulo!?

Laís: Bom, a não ser que mande pra Paraisópolis.

Zé Carlos: Vão começar a vender Guia Quatro Rodas pra Laís.

Laís: Eu adoro! Eu tenho um... ai que tristeza, eu tinha...

Zé Carlos: Eu tenho os Guias no carro, um em cada carro.

Cidoca: Você usa!?

Zé Carlos: Às vezes eu pego eles.

Laís: Ah, eu adoro Guia, eu adoro ver as ruas....

Cidoca: Eu nem sei olhar aquilo “vai na página 20, na 30”, não sei aonde..., ah, vai que vai nada!

Laís: Ah, eu gosto de ver a rua.

Cidoca: Nunca usei, nunca tive isso no meu carro. Nunca.

Zé Carlos: Eu usava direto.

Joanna: Ah, eu tinha também na Brazoca, na minha Brasília amarela.

Cidoca: Eu nunca. Nunca no meu carro teve isso.

Tico: Você usava muito? Ou você ia pelo...

Joanna: Ia pelo faro. Ia parar em Piracicaba quando eu queria ir pra Itu... entendeu? Ia parar no “sei que lá” na Estrada dos Macacos, quando eu queria ir pra Itupeva... Já conheci uma porção de lugares.

Tico: Sem querer...

Joanna: Hehehe... sem querer... E a minha mãe xingando.

Laís: Eu não gosto de modernismo, gosto de coisa antiga.

Cidoca: Nossa, essa daqui... ô Tico, vou contar uma história. A história do trem, que a mulher falou pra você que se precisasse de ajuda, pedisse pra alguém. Ela quase matou a mocinha que falou com ela, no ponto de ônibus...

Laís: Ah, não, eu tava esperando o ônibus, e tava demorando, ia pra casa dela (*Cidoca*). Daí tinha uma moça sentada lá, falei: “Nossa, mas como demora hein... acho que eu vou até de...”

Eu não sei se eu falei que ia de trem, mas a moça começou a falar: “Você, assim, você toma o trem, entra aqui, vira ali, daí você toma, quando chegar lá na estação, você pergunta...” (*imitando-a em tom professoral*).

Aí eu pensei: “Ó, menina, eu sei andar de trem, sei muito bem. Eu conheço bem isso aqui, não precisa você me explicar não”. Fiquei com raiva. Ela pensou que eu era alguma retardada.

“Você toma o trem, depois quando você descer...” (*imita-a novamente mantendo o mesmo tom professoral-explicativo*).

Joanna: Coitada, Laís, ela queria te ajudar!

Cidoca: Então!

Laís: ... você pergunta pra... Ah, vá tomar banho!

Cidoca: Ela ficou brava com a menina, “ó” que judiação!

Laís: Fiquei com raiva, me deu a impressão de “será que eu tô com cara de débil mental, retardada, alguma coisa?”

Joanna: É porque você é idosa!

Laís: Ahhh, que v... o quê???

Cidoca, Joanna e Laís: Hahaha!

Laís: Ah! Aquele dia eu pus a máscara da idade. Às vezes eu ponho máscara, quando eu quero ficar mais velha (*lança uma piscadela sorrateira para Cidoca*).

Joanna: Ah, eu não ligo não, outro dia eu tava numa fila grande...

Laís: Não, mas a menina falou comigo como se eu fosse assim, analfabeto!

Joanna: ... a menina falou pra mim, lá na Renner, que eu fui, ela falou: “A senhora pode passar na minha frente”. Eu falei: “Ah, muito obrigada!”. Eu não acho ruim não!

Laís: Não, eu também acho, no ônibus, mas a menina falava e parecia que eu era retardada: “Vai aqui, você vai assim, tem a estação, você toma o metrô,

depois você desce..." (*segue no tom explicativo*).

Joanna: Tadinha, Laís...

Cidoca: Acho que ela não sabia, Laís, que você conhecia...

Laís: "... aí quando você descer, você pergunta para alguém qual é o trem" (*acentua ainda mais o caráter didático*). Eu falei: "Ahhhhh, tá tirando, né?". Ah, não, aí eu me enfezei! Me enfezei! Falei:

"Ah não, menina, eu sei... antes de você frequentar aqui, eu já... eu nasci nesse bairro! Eu sei tudo aqui, onde é o trem, o ônibus, eu sei tudo!"

Joanna: Laís, você foi mal-educada...

Laís: Não, não fui, não fui, ela que tivesse outro costume pra falar!

Cidoca: Mas Laís, ela não fez por mal...

Laís: Fez sim, fez...

Cidoca: ... ela achou que você não conhecia, Laís...

Laís: É burrice!

Joanna: Ela quis te ajudar, Lalau!

Laís: Não, não, eu não achei, eu senti! Eu senti dentro de mim que não estava! (*Bate a mão no peito em ênfase*).

Joanna: Hahaha!

Cidoca e Laís: Hehehe.

Joanna: Coisa de "véio", né?

Laís: Eu senti dentro do meu...

Joanna: Bem coisa de "véio", já pensou? Hehehe.

Cidoca: Ai, Tico! Hehehe.

Joanna: Aqueles "véio" bem esclerosado!

13.11.

Sempre foi Joanna. Nunca me chamavam de tia, de vó... era sempre Joanna

Priscilla: Agora tem a melhor parte: de não chamar ela de tia! Hehehe. Ela quer morrer!

Tico: Como começou isso?

Priscilla: Porque é só Jô. A Jô, Joanna... não tem tia Joanna nessa história.

Tico: Nunca teve?

Priscilla: Nunca teve tia Joanna nessa história. Eu não sei como começou, né? Desde pequeninha a gente conhece como "a Joanna"...

Joanna: Porque a sua mãe e a Cida... quando eu me referia à Célia e à Cida para os meus filhos, eu falava "a tia Célia, a tia Cida". A sua mãe e a Cida: "Ah, liga lá pra Joanna" (*imita-as em um jeito displicente e desleixado de falar*)! Vai lá falar com a Joanna!".

Nenhum de vocês me chama de tia! Por isso que um dia, queriam me passar um trote, um cara falou: "Oi tia!". Eu falei: "Vai tomar no seu cu! Eu não sou tia de ninguém! Eu não tenho sobrinho!"

Sabe, pra passar um golpe? Que tinha quebrado o carro, e ele precisava de dinheiro. Por esse lado foi bom...

Priscilla: Tá vendo?

Joanna: Se não, eu ia cair no golpe dele.

Priscilla: Tá vendo? Veja pelo lado positivo de ninguém te chamar de tia. Você ia cair no golpe.

Joanna: O único que me chama de tia é o Luis Fernando, o neto da Cida. Só. Meus netos não me chamam de vó!

Priscilla: A Isabella e o Lucca chamam...

Joanna: Ah, sim. Mas a Isabella de vez em quando em chama de Joaquina! Helena! Hehehe. O Daniel nunca me chamou de vó, nunca ouvi ele me chamar de vó! Porque quando ele nasceu, eu era chefe de gabinete da Cohab, e eu pus os meus três filhos pra trabalhar lá. Então, eu falava pra eles: "Quando vocês entrarem lá no gabinete, não vão falando: 'Ô manhê!'. Chama como os outros me chamam".

Então eles me chamavam de Jô, Jojô, Joanna. E o Daniel cresceu ouvindo eles falarem. O Daniel falava Jojô. Eu falava:

— Não é Jojô, é vovó.

— Jojô!

E ficou! Aí o Pedro via o Daniel me chamar de Jô, me chamava de Jubalula, Jujuba...

Mas eu nunca tive a felicidade de ouvir os dois me chamarem de vovó.

Priscilla: Não. Nem seus sobrinhos, né?

Joanna: Nem de tia.

Priscilla: Nem de tia.

Joanna (*finge um choro copioso*): Ah Rá Rá Rá Rá!

Tenho uma mágoa... hahaha...

Priscilla: Pior que é verdade, né? Aí a gente só chama de tia pra zoar, né?

Não é nem de coração.

Joanna: Hehehe.

Priscilla: É só pra tirar sarro, porque não é nem de coração pra chamar de tia.

Joanna: Não é, Zé? Ninguém me chama de tia, vocês não ensinaram seus filhos a me chamarem de tia!

Zé Carlos: Não fui eu o culpado!

Joanna: Ah, não?!

Zé Carlos: Não.

Joanna: Você também falava pra eles: “Vai lá, pergunta pra Joanna!”.

Priscilla: “Pra Jojoca”.

Joanna: Ao invés de falar: “Vai perguntar pra sua tia!”.

Zé Carlos: Hehehe...

Priscilla: “Vai lá com a Jojoca”, eles falavam.

Joanna: É?! Então?! A tua mãe que falava: “Jojoca!” (*imita-a num rompante*).

13.12.

Teve muita história...

Joanna: Bom, ao longo dos meus 83 anos (**entrevista realizada em 2022*), teve muita história pra dar risada, mas devia ter escrito o livro antes, que a memória tava melhor, né?

Tico: Mas agora é a hora...

Joanna: Agora muita coisa se perdeu...

Tico: Mas temos muita coisa. Já tem muita coisa.

Joanna: Tem, né?

Tico: Muita coisa não irá se perder, Joanna, pode ficar tranquila.

GALERIA DE FOTOS



Os Martini - Stella Soave (ao fundo de pé à esquerda); Angelo Martini (bebê ao centro); Antonio Martini (de pé ao fundo na direita); Isidoro Martini (sentado à esquerda); Domenica Girolametto (sentada à direita); Giuseppe Martini (criança de pé na esquerda); Toni Martini (criança de pé na direita)



*Avó materna de Joanna,
Giovanna Girlando
(dir.) e sua irmã gêmea
Maria Girlando (esq.)*



Casamento de Concheta Assenza (mãe) com Angelo Martini (pai)



Joanna criança



Foto com familiares e amigos dos pais em picnic no Alto da Cantarera (Joanna, criança, está à direita da foto, encostada ao pai)

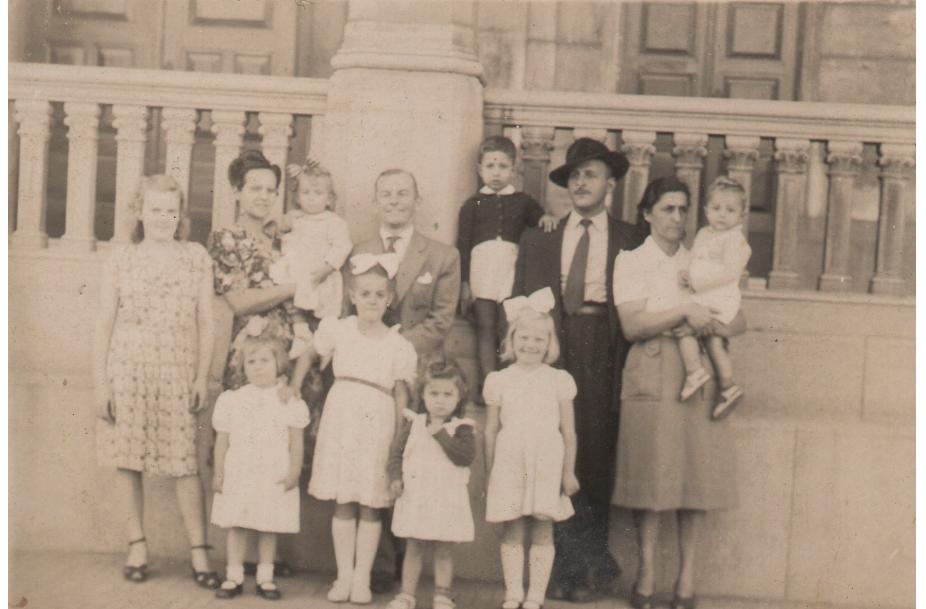


Foto com familiares e amigos dos pais em Itú (Joanna, criança, está a frente do pai, no centro da foto)



Angelo Martini, seu pai



Joanna criança com as irmãs menores
Cida (esq.) e Célia (centro)

Com mãe Concheta na
formatura do técnico
de secretariado



Em festa de formatura,
com amigos e alguns
familiares (incluindo
o avô Salvatore, de
pé na esquerda, e
sua tia Anunziata
sentada à esquerda)



Concheta em sua
barraca no Mercado
de Pinheiros



Casamento da irmã Cida (ao centro) com seu marido Domingos, e com irmã Célia (esq.)



Casamento da irmã Cida. Da esq. para dir.: Célia, Joanna, Salvador (tio), Neuza (tia), Vítorio (tio), Concheta, Cida e Anunziata (tia)



Casamento da irmã Célia (centro) com marido Zé Carlos e as respectivas mães: Concheta (esq.) e Edith (dir.)



Casamento da irmã Célia, Zé Carlos (esq.) e vódrasta Judite Carretoni (centro)



Com família nuclear: filhos pequenos (Andréa no colo, Paulo no sofá à esq. e Mônica ao seu lado), irmãs Cida (esq.) e Célia (dir.) e mãe Concheta de pé

414



Joanna com seus filhos e sua tia Luzia (centro). Também na foto: Wilson (de pé atrás da poltrona) e Regiane (sentada)

Sobrinhos Fábio (esq.)
e Vicentinho (dir.),
filhos de Cida



415



Com Anna Juhasz, amiga e ex-colega de trabalho (esq.)



Com equipe de trabalho da Cohab (Joanna à frente e dir.)



Joanna em sua Brasília Amarela, a alegria das pistas



Família reunida em Itupeva para o aniversário de 80 anos de Concheta



Com a filha Andréa em Itupeva



Com o filho Paulo em Roma



Com a filha Mônica em Nova York



Em Nova York



Em seu aniversário de 84 anos

420



Com seu neto Daniel



Familiares e amigos reunidos no seu aniversário de 84 anos

421



*Com os bisnetos
Ana Helena (esq.),
Maria Júlia (de pé)
e João (dir.),
filhos de Daniel*



Da esq. para a dir.: Carmen, Anna, Joanna, Rita, Irene e Lígia



Da esq. para a dir.: Beth, Aurélia, Joanna, Simone



Da esq. para a dir.: Carmen, Cidoca, Joanna, Cida (prima) e Laís



Da esq. para a dir.: Vivian (sobrinha), Domingos (cunhado),
Vicentinho (sobrinho), Joanna e Cida (irmã)



Da esq. para a dir.: Vivian (sobrinha) com seu filho Enrico no colo,
Joanna com Gabriel, filho de Priscilla (dir. - sobrinha), no colo



Da esq. para a dir.: Bárbara (co-sobrinha), Tico (sobrinho),
Joanna com Gabriel (sobrinho-neto) no colo, Priscilla (sobrinha),
Marcelo (co-sobrinho) e Zé Carlos (cunhado)



Da esq. para a dir.: Bia com Lucca (neto), Andréa (filha),
Joanna, Ricardo (genro), Isabella (neta) com Lucas,
namorado, e Ana Helena (bisneta) na frente



Com os filhos (esq. para dir.) Mônica, Andréa e Paulo

PARTE DOIS
**QUEM É JOANNA?
ENTREVISTAS**

CAPÍTULO 14

JOANNA POR SEUS FILHOS

Entrevistas

14.1.

Paulo

Tico: Como você descreveria a sua mãe?

Paulo: Minha mãe é uma pessoa de muita resiliência. Uma pessoa que, em termos de caráter, é aquela que **não desiste**. Toma porrada, toma porrada, cai, levanta, cai, levanta e segue andando. Acho que é uma característica que a gente herdou da vó Concheta. A vó Concheta era um general, você deve lembrar alguma coisa dela, mas ela era um general e, apesar de ser siciliana, era bem quieta. A mãe é mais emocional do que a vó. Você quase nunca via a vó perder a paciência, a mãe perdia a paciência a cada cinco minutos. Até hoje. Hehehe.

Mas a característica de fazer o que tem que fazer, na hora que tem que fazer, do melhor jeito possível, é coisa que a gente herdou da vó Concheta. E a mãe até hoje tem, você vê que ela não para! Pra mim, nem me pagando você me vê tomar um ônibus aqui, mas ela toma ônibus, ela vai onde tem que ir, ela faz o que tem que fazer. Eu acho que... tô tentando traduzir do inglês para o português... mas é um *sense of duty* (*noção do dever/sentido de obrigação*), que

ela nem diserme mais, que é a força-motriz dela. Ela não diserme mais porque tem que fazer; e ela vai lá e faz, entendeu?

Ela é 100% transparente. Não tem jeito da minha mãe fingir que ela gosta de alguém quando ela não gosta da pessoa. Não tem jeito. Se você sabe que ela não gosta da pessoa, a melhor coisa que você pode fazer é não colocar elas juntas. Porque ela vai deixar a pessoa saber que ela não gosta dela. Hehehe.

Joanna: Puxa vida...ahaha...

Paulo: Hahaha! É difícil definir em poucas palavras, né, porque no final da história, ela é aquela imagem, a primeira que você experimentou como ser humano desde que nasceu, até hoje, em cada dia. Mas ela é o mesmo tronco da vó Concheta.

Joanna: Mas eu não me enganei muito sobre as pessoas de quem eu não gostava logo de cara, né?

Paulo: Não. Você não se engana. A vó Concheta também era assim. A vó Gioconda também, quando ela falava: "Eeeee aquela de lá...". Você já sabia que ela não gostava da pessoa, mas ela era um pouco mais discreta, não falava mais do que isso, mas você já sabia que isso aí era o suficiente para não botar elas juntas na mesma sala.

Mas a mãe tem bom instinto. O meu levou anos para aparecer, mas aprendi. E hoje também eu tenho orgulho em dizer que eu tenho nariz grande não é à toa, eu conheço alguém que não vale a pena perder tempo de grande distância, mas a minha mãe tem esse instinto, sempre teve, desde que eu me lembro.

Tico: Aproveitando isso que você disse, o quanto você acha que essas qualidades que você ressaltou dela foram importantes para a sua formação e até hoje?

Paulo: Você sabe que o que eu acho interessante, que me dá algum conforto sabendo que eu ainda tenho filhos que estão se formando, é que o aprendizado de um monte de coisas, você nem se dá conta que você tá aprendendo. Você não se dá conta que você tá aprendendo e você não se dá conta quando você aprendeu, mas está lá e quando precisa, vira quase que instinto, uma memória muscular. E eu acho que, no final da história, a capacidade de julgar caráter de outras pessoas, capacidade de julgar certo-errado ou fazer uma simulação de onde uma determinada ação vai te levar, é o que você aprende em casa. Mas você não aprende de maneira estruturada, assim você não sabe exatamente quando é uma lição explícita ou quando é alguma daquelas missões meio que

de osmose, entendeu? Mas é isso que me dá um certo conforto, porque eu vejo meus filhos que são adolescentes ainda, eu falo assim: "Puta merda, mas quando que o cara vai entender que esse negócio não vai funcionar?", não é? Ou que não é a escolha certa, e tá faltando ele considerar um princípio básico ali. Esses princípios básicos nunca foram ensinados de maneira didática, é um negócio que você aprendeu mesmo por osmose. E acho que, no final da história, eles estão passando por esse processo inconsciente de aprendizagem, e que eu espero que em algum momento faça parte da vida deles como adultos, que saibam o certo do errado e fazer aquilo que tem que fazer, na hora que tem que fazer, do jeito que tem que fazer. E isso eu aprendi com a mãe e com a vó.

Tico: Alguns momentos, em que existiram desafios, que você acha que sua mãe foi fundamental como âncora ou alicerce?

Paulo: Na certa quando eu me separei da Carmen. Quando eu me separei dela, com os dois (*filhos*) pequenos, se não fosse a minha mãe eu não sei como teria feito a história funcionar. Porque ela tinha a logística e, mais importante, a paciência de lidar com uma pessoa que eu já não conseguia interagir de maneira racional. Era impossível qualquer conversa. Então, se ela não tivesse *stepped in* (*entrado*) no meio da história e, basicamente, tomado controle da situação com os meninos, eu não sei como é que teria acontecido. Então foi 100% o resgate dela. Porque ela, como te falei, tem uma paciência que eu não tenho. Não sei se é uma coisa que você consegue com muita determinação mudar, mas eu acho que eu também já estou muito velho para mudar de maneira drástica assim que não sei se eu fico muito melhor do que eu consegui chegar. Já ela, fica puta da vida, explode mas no fim ela releva. Essa capacidade... *I didn't mastered yet (ainda não dominei)*.

Tico: Algum outro momento em alguma outra fase da sua vida?

Paulo: Teve, teve sim, um importante. Quando eu fui de São Paulo para Campinas com o Daniel pequenininho e a mãe dele, eu fui para trabalhar com meu pai que, como a gente já falou, ele não era dos caras mais confiáveis. Eu queria ir para a faculdade, mas eu tirei um ano de folga para me organizar lá. Aí eu fiz vestibular, entrei, e meu pai falou: "Ah, se você tá contando para

mim que você entrou na faculdade porque você espera que eu te dê o dinheiro, pode esquecer”.

Falei: “Tudo bem”. E eu nem falei nada, mas a mãe sabia que eu tinha pres- tado vestibular, ela falou: “Você passou?”. Eu falei: “Passei, mas acho que não vai dar este ano...”.

Ela me deu o dinheiro da matrícula. Ela também não tinha, mas ela produziu o dinheiro não sei como lá. Então... é, foram vários resgates, que se você começa a parar pra pensar, tem um monte. Mas esses foram importantes porque eu já era adulto o suficiente para me dar conta da natureza do resgate. Então, por ela, eu acabei entrando na faculdade e durante os anos também, desses anos da escola, com as dificuldades em casa, ela me ajudou várias vezes. Nem sei quantas. Mas **ela era mãe, pai, avô, era tudo**. Ela é, como a vó Concheta foi... falar que é especial é um... *underwhelming (muito pouco)*, não chega a explicar a história inteira. É... a Joanna...

Tico: Sobre a relação de vocês, como você a descreveria, e como ela se estabelece hoje em dia?

Paulo: Olha, uma razão que eu adoro passar tempo com a minha mãe é porque ela se diverte comigo. Eu adoro. A gente dá muita risada. De alguma maneira, eu vejo que eu faço ela dar boas risadas, o que para mim é um conforto. Porque uma pessoa que fez tanto por mim, eu sei que eu tô fazendo ela feliz de um jeito ou de outro. Então, para mim, passar tempo com ela é como passar tempo com um amigo querido. Não é com a minha mãe. Eu não fico enchendo o saco para ela fazer uma comida desse tipo ou daquele lá. Eu como a mesma comida todo dia, sem encher o saco de ninguém. Mas eu gosto de passar tempo com ela porque a gente se diverte, é como uma amigona mesmo.

Eu não tenho esse relacionamento com meu pai, eu tenho com o irmão dele, meu tio Gilberto, mas não tenho com o meu pai. Com meu tio Gilberto também, como com a minha mãe, eu gosto de passar tempo com ele, de conversar, dar risada, fazer pouco dos outros... hahaha! Mas é uma coisa que é difícil botar um valor, né?

Pra mim **ela é uma amigona** mesmo, que eu adoro conversar, dar risada,

assistir filme junto. Antes de você chegar, a gente tinha assistido a um filme com o Robin Williams muito bom, *The Birdcage* (A Gaiola das Loucas), e tavam os dois se matando de rir aqui. Não preciso... não é como “eu vou para casa porque minha mãe faz isso para mim, aquilo lá”, ela faz, mas para mim não é por isso.

Tico: E muitos filhos tem isso como uma obrigação, né? Ir na casa dos pais.

Paulo: É, não, não é isso pra mim. Eu me sinto na obrigação de ver o meu pai em Curitiba quando eu venho pra cá, mas pra ela, não. Quando eu venho pra cá, eu gosto. Se não fosse esse tempo horroroso de calor infernal aqui... pra mim é sempre uma diversão, eu gosto. É um tempo feliz.

Eu tenho uma amiga nos Estados Unidos que, quando vê fotos de mim com a família, ela fala pra mim: “Paulo, dá pra ver na tua cara que você tá feliz de estar lá, que você tá na tua tribo, que você tá rodeado por gente que você ama e que te ama, isso dá pra ver na tua cara”.

Eu falo: “É verdade”.

Paulo: Dizer que nada do que eu tenho hoje seria possível sem ela é dizer o óbvio. E, apesar das dificuldades que sempre existiram, a gente sempre se matava de rir por uma razão besta ou outra. **Mesmo no pior das dificuldades financeiras, a gente acabava perdendo o fôlego de rir.**

14.2.

Mônica

Tico: Como você descreveria sua mãe?

Joanna: Nossa, eu vou até sair daqui...

Mônica: Hahaha! A mãe... difícil...

Joanna: Olha o chinelo hein... olha o chinelo...

Mônica: Hehehe. Difícil descrever minha mãe porque ela teve muitos pa- páis. **Ela é mãe, ela foi gerente, ela foi pai, ela foi educadora, ela foi um pouco de tudo.** Então, eu não sei se ela teve um papel, ela teve vários. O ge-

rente é porque, coitada, ela tinha que trabalhar, então ela meio que gerenciava a casa, tinha que cuidar da contas, saber de onde vinha o dinheiro, se tinha que comprar material, ela tinha que gerenciar isso. O pai é porque realmente ela foi o pai, se tinha que disciplinar, era ela. Se tinha que correr no médico, era ela. **Era tudo ela.** E a parte da mãe, pra mim foi assim... diferente, né, porque eu falava com as amigas da escola, e as mães delas tavam lá... tipo assim: “Você escovou os dentes? Você fez isso? Você fez aquilo?”

E a Joanna, não. A Joanna: “Meu, se você não escovar os dentes, seus dentes vão cair, entendeu? O problema é seu! Você vai o dentista e arranca o dente!”.

Hehehe. Então ela nunca teve esse papel de mãe 24 horas por dia. Ela era mãe na época de férias, quando ela tava de férias.

Joanna: Elas me mandavam voltar a trabalhar!

Mônica: Hehehe. A gente mandava ela voltar a trabalhar porque ela não sabia cozinhar. Era um terror, a comida dela nem o cachorro comia, de verdade, hahaha. Então a gente sentia falta (*de uma comida de que gostassem*).

Então ela foi uma mãe que na verdade **gerou independência nos filhos**. Ela não deixava a gente ser dependente dela. Ela sempre se preocupava com a gente. Ela tinha essa preocupação de que se um dia ela não tivesse lá, a gente saberia se virar sem ela. Porque ela era única, então ela sempre fez com que a gente não dependesse dela. A gente ia para escola ou de ônibus ou sozinha, a gente meio que se virava. Principalmente eu e a Andréa, ela sempre pôs essa coisa: “Seja independente, não dependa de mim para nada, se você arrumar um problema, o problema é seu. Você arrumou o problema, você aprende a solucionar o seu problema. Não vem chorar aqui que eu não vou poder fazer nada”.

Então eu não posso falar que ela teve um papel, eu não posso. Ela teve **muitos papéis**. A de disciplinadora, eu lembro de ter apanhado dela uma vez só. Uma vez só, e nunca mais apanhei dela. Ela gostava de beliscão, ela beliscava bastante, entendeu? Principalmente se a gente tava assim, fazendo alguma coisa errada, ela ia certamente debaixo da mesa e o beliscão vinha. Surra mesmo, não.

Joanna: Quando eu olhava feio, eles respondiam pra mim: “Tá olhando feio por quê?”.

Mônica: Hahaha, aí já vinha um beliscão, e a gente nem sabia.

Joanna: Os meus cabelos já subiam junto com o meu sangue, entendeu?

Mônica: Hahaha. Ela tinha os períodos de “cinco minutos”, porque...

Joanna: Eu tinha uma amiga, colega de trabalho, que sentava do meu lado. De vez em quando o telefone tocava, aí ela só fazia assim (*faz um gesto imitando a amiga balançando o telefone em suas mãos*). Sabe o que era isso? Era um dos meus filhos ligando. A cobrar!

Mônica: Hahaha!

Joanna: Eu tinha telefone, mas eles estavam na rua... hehehe.

Mônica: Tinha o telefone, mas normalmente, antes de ter telefone, tinha o Augusto da farmácia. A conta do telefone do Augusto era muito longa. Hehehe. Todo mês ele chamava ela lá para pagar conta do telefone da farmácia. Hahaha.

Tico: Vocês ligavam de lá pra ela?

Mônica: A gente ligava de lá porque o Paulo tinha essa mania de trancar a gente pra fora de casa. Então, se a gente ficava trancado fora, não tinha muito o que fazer, a única coisa que dava pra gente fazer era ir pra banca (*da vó*), aí a gente ia para a vó e ficava lá. E voltava para casa com a vó. A não ser que a empregada da vó tivesse em casa, ela ia abrir a porta para a gente. Mas normalmente a gente ficava trancada até a mãe voltar, ou a gente ia pra vó.

E a mãe tinha os episódios de “cinco minutos”, de sábado e domingo, os adultos iam lá para a casa da vó, se reuniam lá, e as crianças iam para (*a casa de*) baixo. Aí, quando a gente brigava, a primeira vez que a gente fazia “Mãe, o Paulo!”, a gente já escutava ela descer... hahaha... ela descia correndo! Mas ela nunca foi uma mãe de bater. Ela gritava muito.

Joanna: Só perdia a voz... hehehe.

Mônica: Ela sempre foi uma pessoa que correu atrás, **ela não se intimidava**, se ela tivesse que arrumar outro emprego, ela ia. Ela tinha as dívidas dela, corria atrás para poder sustentar os filhos, ela fez o que ela tinha que fazer. Corria aqui, corria ali. Ela foi independente, **sempre foi independente**, nunca quis casar de novo... não sei nem se ela quis... mas se ela quis, ela nunca contou para a gente.

Mas eu acho que num ponto ela escondeu muito da gente o que ela realmente passou. Agora a gente sabe mais; quando a gente era pequeno, não. Tanto que ela nunca falou mal do meu pai para a gente até a gente ficar grande. Ela nunca

falou: “Seu pai é isso, seu pai é aquilo...”. Quando a gente era pequena eu nunca escutei minha mãe falar nada do meu pai que fosse ruim, até quando a gente virou adolescente, que a gente já conseguiu entender o que tava acontecendo. Porque, na verdade, ela queria que a gente tivesse uma relação com meu pai.

Mas ela sempre foi independente, ela sempre foi uma pessoa que nunca seguiu ninguém. Brigava quando tinha que brigar com o povo... Ela gosta de brigar, não sei se você reparou isso! Ela gosta de brigar com as pessoas (*risos*), e ela sempre correu atrás do que ela precisava, ela não ia lá pedir para ninguém, não chorava. E corria, ela tinha que pedir empréstimo no banco, ela pedia, tinha que pedir para os credores dela...

Joanna: ... os agiotas.

Mônica: ... os agiotas, a gente nem sabia na verdade que a mãe tinha dívida até muito tempo... eu vou te falar, quando eu tinha, tipo assim, uns 16 anos mais ou menos. Foi quando a gente soube do problema financeiro. Que foi o período mais difícil, quando a gente tava morando aqui já (*no mesmo prédio onde foi gravada a entrevista*), foi quando a gente entendeu “ooops, a coisa não é bonita!”.

Eu comecei a trabalhar no mercado com a vó com uns 15, 16 anos, só para ajudar em casa. Quando eu comecei a trabalhar no mercado com a vó que a gente entendeu a situação. Mas, como eu disse, eu acho que minha mãe protegeu muito a gente quando éramos pequenos até ela saber que a gente tinha a compreensão de que precisava para entender a situação.

Não sei se tem uma palavra para descrever. Eu sei que ela era **independente, louca, irreverente**, falava o que queria, quando queria. Apesar de ter sido secretária, que é aquela posição mais submissa, né, da mulher, que tem que se vestir, por maquiagem, tudo, ela não era muito desse estilo, não. Ela se arrumava, mas não...

Joanna: Nem penteava o cabelo...

Mônica: Ia com as meias erradas pro trabalho, sapato trocado ...

Joanna: ... tinha um advogado que falava: “Seu cabelo tá com cara de travesseiro”. Aquele chato que eu cuspi no café dele.

Mônica: Como eu digo, como mãe foi a Joanna uma mamãe fácil? Não, não foi. Mas eu agradeço que ela não foi aquelas mães superprotetoras “ai meu

filhinho, vem aqui...”, entendeu? Porque se não, eu não tinha feito metade das coisas que eu fiz hoje na minha vida, não teria ido embora para o Estados Unidos, não teria ficado lá sozinha. Então, ela foi uma mãe que sempre exigiu que você fosse **independente, esperta, forte**. Chorar, com ela, não dava nada. Mas ela corria com você quando você tava doente. Ela sabia, ela olhava assim: “Você não tá com uma cara boa, vamos pro médico!”. Cê pensava: “Mas eu nem falei nada...”, hahaha.

Não precisava nem falar, ela olhava pra sua cara: “Você tá doente, vai!”. Hehehe. Ela tinha um superpoder assim.

Joanna: Que nem da tua vesícula, né? Quase que cê morre...

Mônica: Não, do apêndice.

Joanna: A apendicite, você tinha oito anos!

Mônica: 11, mãe...

Joanna: 11... mas da vesícula você já era velhusca.

Mônica: Já, tava com uns 24.

Joanna: É

Mônica: É, 24. Minha mãe era assim, o médico falava: “Ah não, não precisa operar”.

Ela: “Não, pode tirar a vesícula dela, pode tirar. A gente faz a cirurgia amanhã, porque senão vai dar trabalho...”. Hahahaha. “Corta logo!”. Hahahaha.

Joanna: Não, ela se dobrava de dor. Sabe dobrada de dor? Aí chegou lá, o médico falou que ela tava com pedra, tinha que tirar, eu falei: “Então o senhor marca pra amanhã!”.

Mônica: Hahahaha. Mas ela era assim:

— Ah, você não tá boa, vamos no médico!

— Mas eu não falei nada...

Ou era o médico ou era o Augusto, né? O Augusto era o nosso médico. Mas o problema do Augusto é que ele adorava dar injeção de penicilina, benzacetil, então a gente nunca falava que a gente tava doente, porque a gente sabia o que ia acontecer se a gente fosse até o Augusto...

Joanna: Eu ia lá: “Augusto, eu trouxe...”. Ele: “Ah, tá, tá, vem cá”. Levava lá pra salinha, “chipumba”! No dia seguinte, eles já estavam bons. Hehehehe.

Mônica: Hehehe. A rua Guaicuí inteira sabia quando a gente tava indo pra tomar injeção no Augusto. Já saía chorando de casa: “Não, mãe! Não, não!!!”.

Hahahaha. Sempre saia um auê lá.

Joanna: Hahaha! Eu não tinha tempo pra levar no médico, e elas tinham muita dor de garganta, aquelas doenças de criança. Tacava-lhe uma injeção de bronco... bronco... como é que era?

Mônica: Ah, nem sei... pulmonite...

Joanna: Bronco...

Mônica: Não sei, só sei que doía pra caramba! Você saía mancando de dentro da farmácia, nossa Senhora!

Joanna: Mas ficavam bons, no dia seguinte tavam bons!

Mônica: Tem coisas que passa dos pais pros filhos, você passou essa coisa de ser prática. A gente é tudo prático na família.

Joanna: Ah, ainda bem, né? Porque pelo menos, olha, essa aqui foi... pode falar?

Mônica: Pode...

Joanna: Foi pros Estados Unidos sozinha, se virou, fazia faxina, se virou, foi ser modelo pra pagar a faculdade dela. Ah, e tem um detalhe, o pai nunca ajudou, né? Até quando foi pra pôr ela na escola, não pagou a escola. Ele teve a coragem de ligar para a Mônica, quando ela tava lá nos Estados Unidos, pedindo pra ela ajudar a pagar a faculdade do filho dele. Aí meu filho, peguei o telefone...

Mônica: Hehehe. Mandou um fax! Você mandou um fax pra ele!

Joanna: Achei o número do fax da firma que ele trabalhava, mandei um fax pra ele! Falei: "Dinheiro (só não escrevi 'filho da puta') você vai pedir pra todas as mulheres que você teve na sua vida, menos pros meus filhos. Você não vai pedir um tostão pra eles!".

E mandei. Acho que todo mundo leu antes de dar pra ele, né? Esse era o meu objetivo.

Mônica: Hehehe.

Joanna: Porque quando chega um fax, outra pessoa recebe e entrega pra quem é o destinatário.

Mônica: A mãe preparou a gente. Ela sempre tinha na cabeça dela e falava pra gente: "Vocês têm que estar preparados porque se alguma coisa acontecer pra mim, vocês vão ter que se virar. Vocês não podem depender do seu pai".

Ela sabia que se ela morresse, alguma coisa acontecesse pra gente, ou a gente ia morar com a vó ou ia virar órfão, porque meu pai não ia pegar a gente. Então, acho que isso fez com que eu chegasse naquele ponto em que eu usei tudo o que aprendi durante a vida pra continuar. Mas, eu não sei, não posso falar "sofri", eu não gosto dessa palavra "sofrer". Eu não sofri, ia lá, fazia minha faxina, ganhava meu dinheirinho, mandava dinheiro pra você, pagava minha faculdade.

Joanna: É mesmo, né, Mônica?

Mônica: Não chamo isso de sofrer.

Joanna: Ela sabia que não podia depender de mim também, que eu não podia ajudar.

Mônica: Mas eu acho que a gente nunca... eu lembro, por exemplo, mesmo quando tinha lição de casa... ela comprou a Barsa. Aí eu falava: "Mãe, tem lição de casa!". Ela falava: "Vai lá e pega o volume 15". Era sempre o volume 15. Eu nunca vou esquecer do volume 15! Era o índice! Hehehe. "Abre lá, procura Tiradentes. Agora vai fazer a lição de casa!".

Era isso! Era a contribuição dela! Hahaha!

Joanna: Hehehe. Era o professor particular que eu podia dar pra eles, entendeu?

Mônica: "Eu já fiz a minha lição quando eu tava na escola, agora faz a sua!".

Joanna: A Barsa foi a salvação da minha vida!

Mônica: E se a gente tava mal na escola, era professor particular. "Eu nem sei essa matemática de vocês", ela falava. "Eu não lembro essa matemática de vocês", aí ela arrumava professor particular.

Joanna: Eu nunca ensinei. Falava: "Eu vou ensinar, vou ensinar errado!", não é? Aí quando ela teve dificuldade, eu arranjei lá um professor de matemática, o sobrinho da Carmen, pra ela e pro Paulo. Mas eu falava: "Fiz um sacrifício, comprei a Barsa em 24 prestações". Hehehe!

Tico: A Barsa era uma grande coisa na época, né?

Mônica: Nossa!

Joanna: Na época foi.

Tico: Era o Google da época.

Mônica: Era o Google, era tudo, né? Você ia no índice... volume 15! Nunca vou me esquecer do volume 15: "Vai lá, faz a sua lição de casa...".

Joanna: Eu pensava: "Vou ajudar... vou ensinar errado, pra quê?". Vocês se viravam, eles iam lá e procuravam.

Tico: E isso constrói um caráter, uma forma de ver o mundo, uma própria disposição, né?

Mônica: É, como eu falei, se você falar que eu sofri, eu falo que eu não sofri.

Joanna: Eu também nem ficava pensando muito, sabe? Que nem, eles iam sozinhos pra escola. Eu nunca fiquei preocupada que fosse acontecer alguma coisa no caminho e, graças a Deus, nunca aconteceu! Eles iam e voltavam sozinhos pra USP, pegavam duas conduções. Uma daqui até a Cardeal, e da Cardeal até a USP, lembra, Mônica?

Mônica: É. Como eu disse, você sempre preparou a gente.

Tico: Teve algum acontecimento na relação com tua mãe que, de alguma forma, marcou muito pra você?

Mônica: Eu acho que foi a batata. Foi a batata.

Joanna: Que batata?

Mônica: A batata que a gente comia amassada enquanto a gente assistia o banquete na televisão.

Joanna: Ah, sim. Mas a gente levava numa boa. Batata amassada com sal é uma delícia! Hehehe.

Mônica: Foi aquela época que a gente tava mal das pernas. Esse episódio meio que definiu minha mãe pra mim, a gente tá comendo batata mas a gente tá dando risada! Não interessava. Como eu falei, a gente roubava o Buda de manhã, quando não tinha dinheiro na carteira dela, mas eu acho que a batata meio que definiu. Porque tava só eu e ela em casa nesse dia, a Andréa acho que foi comer na casa de uma amiga, como eu falei ela se virava e tentava ir nos lugares, ou eu tentava ir comer na casa da tia Cida, porque eu falava que ia ajudar ela a dar comida pras crianças, e aí eu meio que ficava pra janta... né? Hehehe. A Andréa ia pra algum amigo. O Paulo, acho que já tava até fora de casa.

Joanna: O Paulo já tinha ido pra Campinas.

Mônica: É. E nessa foi só eu e ela aqui, rindo, comendo batata e ainda fazendo graça com a televisão, entendeu? Então se eu tivesse que pegar um, seria a batata.

14.3.

Andréa

Andréa: A mamis fazia a gente ficar tão independente, que às vezes a gente quebrava o pé...

Mônica: Já ia direto pro hospital! Nem chamava ela. Já era direto: "Mãe vem pegar a gente aqui na clínica". Hehehe.

Andréa: E a gente tinha que voltar de ônibus com o pé quebrado da escola. Ela até levava, mas pra voltar tinha que se virar.

Joanna: Ah, tinha que trabalhar, ia falar (*faz uma pose e voz de deboche*): "Ai, eu preciso pegar minha filha na escola!". Eles iam falar: "Vai e não volta mais!".

Mônica: Não foi a Andréa que uma vez torceu o pé na escola, tavam levando ela pro hospital, e você: "Nanánananá!".

Joanna: Ah, ligaram pra mim dizendo que estavam levando ela pro Einstein. Falei: "Não! Por favor! Segura ela aí! Eu tô indo!", hahahaha. "Eu tô chegando!".

Mônica: Hahaha.

Andréa: Hehehe.

Joanna: Aquele pronto-socorro era só pra você também, né? Aquele da Rebouças. Onde eu te levava.

Mônica: Eu e a Andréa. Ortopedia era a nossa coisa. A gente vivia na ortopedia.

Andréa: A gente gostava de esportes.

Joanna: E o Palmares queria levar pro Einstein.

Tico: Teve algum acontecimento na relação com tua mãe que, de alguma forma, marcou muito pra você?

Andréa: Iiiish Maria... assim, não tem nenhum acontecimento... foram

tantos e o que eu te disse, eu sempre vejo a forma otimista ou engraçada deles. Ela tinha os perrengues dela, de dever pra agiota, que ela não conseguia dormir, que ela tinha que tomar remédio e tal, mas ainda assim, **ela ia dançar**.

Talvez... o único momento que me marcou mais, que eu fiquei preocupada, sei lá eu tinha 15, 16 anos, mas que você realmente percebe que tem alguma coisa grave acontecendo ou que você via ela triste foi quando a gente teve que sair da Cerro Corá e voltar pra Pinheiros. Mas, de novo, foi aquela coisa: tropeçou, caiu, levantou, e “vamo que vamo”! E depois foi muito engraçado todo o período que a gente ficou na Guaicuí. Eu acho que tudo acontece sempre por uma razão e sempre, apesar da turbulência em que as coisas acontecem, as coisas ficam melhores depois de um tempo. Então eu acho que foi bom.

Tico: Em um dado momento da história, dois dos três filhos foram morar fora, construíram a vida deles em outro país, e você ficou aqui nesse cuidado cotidiano, mais próxima no dia a dia. Como é que foi — e ainda é — pra você isso, que tem essa proximidade maior com ela?

Andréa: Não sei... nunca parei muito pra pensar sobre isso... hehehe. As coisas vão acontecendo e a gente vai vivendo, né, “mamis”? A gente se diverte de fim de semana, porque durante a semana eu tô um pouquinho longe daqui, tô uns 30 km daqui, não é tão perto assim. Então, de sábado, geralmente eu venho pra cá, pego ela, a gente vai passear, vai no “shops”.... Né, “mamis”? A gente almoça, faz compra, sacolão, essas coisas, ou então eu venho no domingo. Não sei te dizer... pra mim, se eles estivessem aqui, acho que seria a mesma coisa. Não é diferente porque eles não estão aqui.

Mônica: Eu acho que é diferente, porque de um jeito você é muito mais próxima da mamãe, você tá aqui, né? Alguma coisa acontece...

Andréa: Na verdade, assim... agora, as reclamações, hein... Eu sempre fui aquela que dormiu com ela, porque a Mônica não pode dormir com nenhum barulhinho, nem de barata...

Mônica: Hahaha!

Andréa: ... nem respiração de barata pode ter perto dela, que ela cutuca.

Joanna: Ou então ela senta e “ÁRRRAM, ÁRRRAM, ÁRRRAM” (*imita-a*,

fingindo que está tossindo alto). Ela tosse! Hahahaha.

Andréa: Então, eu dormia com a minha mãe, e a Mônica tinha o quarto dela. Quando era no apartamento que a gente morava aqui na Cerro Corá, era o quartinho pequenininho.

Tico: Você tinha que idade?

Andréa: Uns 12, 13 anos quando a gente se mudou pro apartamento, e acho que 15, 16 quando a gente voltou pra Guaicuí. Então, sempre fui eu que dormi com ela. Outro dia eu tava até no meu *closet* procurando uma roupa, a Mônica entrou falou: “Nossa, mas por que você tá no escuro?”.

Eu falei: “Porque minha mãe me ensinou a ser invisível”, hehehe.

E a enxergar no escuro, porque eu acordava mais cedo do que ela, tanto pra ir pra escola quanto depois para ir trabalhar, porque ela sempre entrou mais tarde do que eu no trabalho. Então, eu não podia acender a luz pra procurar a minha roupa, eu tinha que abrir a gaveta no escuro e tudo assim (*faz gestos de precisão e delicadeza*)... ninja! Foi escola de ninja dormir com ela e não podia acordá-la, porque se acordasse era um quebra-pau! Então era assim, abrir a gaveta sem fazer barulho (*repete os gestos de precisão e delicadeza*) — sabia até o momento que a gaveta abria sem fazer barulho —, procurar aquela roupa no escuro pelo tato, ver qual que era o tecido, se era aquela que eu queria. E era assim. Aí eu saía com a minha roupa de fininho do quarto e ia me trocar lá fora.

Joanna: E o perfume?

Andréa: O perfume! Ela implicava com o meu perfume, então lá na casa da Guaicuí, tinha aquela escada que descia para a porta, o meu perfume tinha que ficar na caixa de luz que era do lado da porta de saída. Não podia passar o perfume dentro de casa, eu tinha que passar e sair, porque ela detestava o meu perfume.

E quando ela estava nervosa ou quando ela estava puta com o mundo, quem escutava a ladainha toda era eu que tava no mesmo quarto que ela, entendeu?

Joanna: É, mas bem que você vinha pra minha cama segurar meus pés, né? Hehehe.

Andréa: Hehehe. Isso quando eu era criança, a gente tinha pesadelos, tanto eu quanto ela, a gente às vezes sentia, ouvia algumas coisas no quarto, e a gente se agarrava e aí uma ficava cheirando o chulé da outra na mesma cama. Né? Mas acho que sempre foi isso.

E quando ela começou a trabalhar, que eu ainda era pequena, logo depois que eles (meus pais) se separaram, ela vinha pra casa, não sei onde que você trabalhava...

Joanna: Eu trabalhava na USP numa... como é que chamava?

Mônica: Projeto Rondon.

Joanna: Projeto Rondon, eu trabalhava na Cidade Universitária, então eu vinha almoçar em casa, aí eu punha ela pra dormir.

Andréa: Ela me obrigava a dormir à tarde. Mas eu não queria mais dormir, porque eu já era uma garotinha, não era mais um bebezinho, entendeu? Então ela me obrigava a dormir lá. Então essa proximidade acho que sempre teve. Por isso que eu falo, eu acho que não foi diferente enquanto eles ainda estavam aqui, e nem seria diferente se eles voltassem a ficar por aqui. Porque a gente sempre teve... por exemplo, eu ligo pra ela todo dia. Sempre liguei todo dia pra ela.

Mônica: É, eu ligo pra ela uma vez por semana, ela fala: "Você tem mãe? Você lembra que você tem mãe??". A Andréa, não...

Andréa: É, eu ligo, mas eu sempre liguei, não é porque agora que ela tá com 83 anos, que eu ligo. Às vezes quando ela me liga, eu assusto, eu falo: "O que foi? Aconteceu alguma coisa?". Ela fala: "Ê! Para, vai! Não te ligo mais também!". Hehehe.

Joanna: "Alô, mãe?! O que foi?!" (*imita-a em tom assustado*).

Andréa: Eu assusto às vezes...

Joanna: "Ah, vá à merda, não posso ligar mais!?", hehehe.

Andréa: É porque ela sabe que eu tô no café e eu não posso atender, então se ela liga, no momento que eu tô trabalhando, eu fico preocupada. Mas sempre foi assim. Quando eu casei, que a gente resolveu alugar a casa em Itupeva, eu não tava trabalhando na época e eu não queria ficar sozinha lá durante a semana, porque em Itupeva não tinha nada pra fazer! Então o Ricardo vinha pra trabalhar e eu vinha com ele, e a gente acabava ficando aqui. A gente comprou um colchão de casal, deixava na sala da casa dela na Guaicuí e a gente só ia pra Itupeva de fim de semana, pra nossa casa. Só depois fomos pra Osasco mas, desde o princípio, quando eu me casei e mudei de casa, eu ligava pra ela todo dia.

Andréa: Então, quando meus irmãos se foram, a minha relação com a minha mãe não mudou, ela continuou a mesma, só que sem a presença deles. Então, eu não senti essa mudança assim com relação a ela. Eu sinto falta deles, mas não mudou tipo assim "ai, eu tive que dar esse amparo", não. Seria uma coisa que aconteceria mesmo se eles estivessem por perto.

Joanna: Ah, você foi pra lua de mel, no dia seguinte você veio almoçar em casa.

Andréa: Foi! E quando eu fui pra lua de mel, pra Florianópolis, você foi comigo!

Joanna: Foi! Hahaha.

Andréa: Mas então sempre rolou isso, então não sei te dizer como é, porque é sendo como sempre foi. Pra mim não mudou nada, pra eles (*pros irmãos*) é que é diferente, mas pra mim é a mesma coisa, entendeu?

Tico: Em termos de construção da sua personalidade, quais são as coisas que você acha que sejam uma marca, um legado, da Jô?

Andréa: É esse de **não esmorecer**, de **levar as coisas no bom humor**, o máximo possível. E se esmorecer e chorar, é rápido, enxuga as lágrimas e **vai pra luta**. É aquela coisa "só serão pisoteados aqueles que ficarem no chão". Então, eu acho que o legado dela pra mim é esse, de batalha mesmo e de enfrentar as coisas com humor.

Hoje ela perdeu bastante desse humor, ela tá mais intolerante, mas a gente dá o desconto dos 83... hehehe... Ela fez assim pra mim... (*aponta para a mãe e faz, com uma mão, o indicador unido formando um círculo com o dedão, deixando os três outros dedos de pé, o sinal universal do "vai tomar no cu"*).

Joanna: Eu fiz o três... ó, oitenta e três (*repete o sinal*). Hahahaha!

Andréa: Hahaha! Palhaça... é isso, é **esse riso, essa palhaçada**, entendeu?

CAPÍTULO 15

JOANNA POR JOANNA

Entrevista

Primeiro Bloco de Perguntas

Joanna: Que cê tem aí pra falar? (*Risos*). Como é que é o nome da mulher? Aquela que você falou que entrevista as pessoas...

Tico: Marília Gabriela?

Joanna: Marília Gabriela!

Tico: Agora, chegamos na parte Marília Gabriela pergunta... “Joanna por Joanna”.

Joanna: Hahahaha... pode perguntar.

Tico: Eu elenquei perguntas que podem te levar a pensar sobre alguma coisa e tragam também algo pra contar.

Joanna: Diga aí.

Tico: Vamos lá, primeira pergunta: se você tivesse que se descrever através de características e qualidade suas, como é que você se descreveria?

Joanna: Noooooossa... essa pergunta é ... enigmática, hein? Como eu me descreveria?

Tico: Sim, com características e qualidades que você acha que são suas, que dizem respeito a você.

Joanna: Qualidades... aaaai, essa é difícil hein...

Tico: Pode tomar um tempo pra pensar.

Joanna: Olha, eu me considero uma pessoa ativa, apesar da idade, e... sempre fui uma idiota... quando eu era mais nova, apanhei bastante da vida. Aí quando eu cansei de apanhar, eu fiquei esperta. Então, eu não... eu não aguento que me façam de trouxa, eu fico louca e viro um bicho! É engraçado, você precisa sofrer para você aprender. Engraçado, né? Bem que o ditado fala: “O sofrimento traz sabedoria”.

Então, eu me considero uma pessoa sociável, eu gosto de me reunir com as pessoas, não gosto mais de ambientes que eu frequentava antes, que nem sambão, essas coisas, hoje eu ia ficar louca, hehehe. Tudo depende da idade, né? Eu gostava muito, agora depois que eu fiquei surda naquele show, eu quero distância de aglomeração, de muita gente, sabe? Mas eu acho que eu sou uma pessoa boa, hahahaha... Se eu posso ajudar uma pessoa eu ajudo, sabe? E é isso.

Tico: Por que você achava que era uma idiota antes?

Joanna: Porque eu era tonta, eu sempre achava que eu era inferior às outras pessoas, que eu era menos que os outros, eu dava muito valor para os outros, sabe? Tanto que quando eu comecei a trabalhar, eu sofri muito. Não sei se por causa da minha condição, de ter sido pobre, né... não ter participado da vida. Porque eu não conhecia nada da vida! Casei com 24 anos, mas eu não sabia nada da vida, porque eu estudei no colégio de freira, semi-interna, com aquelas coisas que tinha que confessar, comungar, não podia falar palavrão, não podia isso, não podia aquilo, entendeu? Minha mãe era uma viúva, como é que se diz...

Tico: Rigorosa?

Joanna: Rigorosa também, não deixava nem namorar. Namorar, só depois que eu me formasse. Aí quando eu comecei a namorar... nossa, para ela foi um pesadelo! Uma vez eu saí, tava eu e a Cida, e o Léo foi me pegar, aí eu dei o braço para ele. Disseram que minha mãe teve um desmaio! A Célia que falou, ela ficou com a minha mãe. Só por eu ter dado O BRAÇO para ele... hehehe.

Então, eu fui criada muito num casulo, sabe? E eu sofri muito com isso, porque eu acho que **a gente tem que aprender com a vida!** Você tem que saber das coisas, para você saber se defender! Não é? Não é só aceitar, falar

amém, amém, amém. Então, essa parte da minha vida foi meio sofrida mesmo, eu me achava inferior aos outros.

Tico: Isso em algum período específico ou desde sempre?

Joanna: Ah, sempre! Sempre, né? Porque eu tinha que obedecer à minha mãe, obedecer às freiras, até os 18 anos! Então me fizeram muito de boba quando eu comecei a trabalhar, sabe? Até há pouco tempo, quando eu acho que... eu trabalhei na Columbia, que eu não tinha voz ativa para nada, eu fazia tudo o que o chefe mandava, ele abusava de mim. A mulher dele ligava às dez horas da noite querendo encanador, e eu tinha que me virar para achar, sabe? Então, eu acho que eu me deixei levar por essas pessoas mais espertas do que eu.

Eu não teria nem coragem de ligar para a minha empregada, de acordar ela às dez horas e pedir alguma coisa. Agora ela tinha o direito de ligar na minha casa às dez horas da noite para eu arrumar um encanador para ela, entendeu? É por isso que agora eu não aguento nada, sabe, não aguento nem um tisco assim (*faz um gesto com uma das mãos em alusão a algo bem pequeno*). Hahahaha! Eu já me revolto!

Eu aprendi a conhecer mais as pessoas, sabe? Porque sempre no ambiente de trabalho tem aqueles dissimulados que se fazem de amigo, mas se podem te dar uma rasteira, eles te dão. Então eu aprendi com a vida. **A vida me ensinou a viver.** Eu não tinha noção nenhuma do que era viver nesse mundo. Eu vivia num mundo à parte. Na minha mãe, no mercado, no colégio. É isso que eu posso falar de mim.

Tico: Você falou que era idiota até um ponto, que apanhou, apanhou e cansou. Quando foi esse momento que você sentiu que “agora chega”?

Joanna: O dia que eu pedi demissão da Columbia!

Tico: Você pediu demissão de lá, você falou...

Joanna: “Agora chega!”. Ah, o dia que eu caí do ônibus, lembra que eu te contei do ônibus? Foi nesse dia que eu resolvi viajar, que eu nunca tinha tirado férias, sempre tirava as férias em dinheiro. O Paulo sempre me convidando para ir para os Estados Unidos, e eu sempre: “ah, não posso, não posso”. No dia que eu caí do ônibus, falei: “Podia ter morrido sem conhecer os Estados Unidos”.

Aí corri, comprei uma passagem e fui passar o Natal lá com eles. Viajei com os meninos quando eles foram para lá. Seis meses depois eu pedi demissão. Falei: “Agora chega!”. Meu chefe me tratava como se fosse no tempo da escravidão. Chegava tarde, me dava um monte de serviço, falava assim: “Depois você leva para a minha casa, que amanhã eu vou para Brasília, preciso levar lá”.

Aí eu ficava trabalhando até as 11, o motorista dele me levava, mas tinha que passar antes na casa dele para deixar o trabalho, aí no outro dia ele chegava tarde de Brasília, jogava tudo na minha mesa, e falava: “Ó, não encontrei com ninguém, guarda aí, quando eu for viajar de novo eu levo”.

Então, isso tudo ia me martirizando, sabe? Hehehe. Nossa Senhora! Aí quando eu resolvi, eu falei: “Ah, quer saber de uma coisa? Já estou aposentada mesmo, eu vou parar de trabalhar, vou embora lá para o Estados Unidos, vou viver com o Paulo, com os meninos...”.

Hahaha... também foi... foi um furo n’água, né? Porque eu não aguentei ficar lá...

Tico: Mas de alguma forma foi o seu “chega”?

Joanna: Foi o meu “basta!”.

Tico: Próxima pergunta, qual foi a coisa que mais te deu alegria na vida? Se quiser falar algumas, ou uma...

Joanna: Alegria, olha... alegria, alegria... não posso falar que o meu casamento foi uma alegria, mas os meus filhos sempre me deram alegria. Apesar das travessuras deles, né? Apesar de tudo, hoje eu tenho eles como meu porto seguro, entendeu? Porque o Paulo e a Mônica me ajudam, a Andréa tá sempre aqui comigo, graças a Deus, eu tenho... embora eles estejam longe, a Mônica e o Paulo, eles se preocupam comigo, a gente se fala pelo WhatsApp todo dia. Tem a Andréa que vem aqui sempre quando ela pode, ou se eu quisesse ir na casa dela, eu ficaria lá, mas como... hehehe... sou avessa à vida no campo... hehehe. Então a minha alegria são meus filhos, meus netos, meus bisnetos. É isso.

Tico: E o que mais te dá alegria hoje?

Joanna: É saber que eu tenho uma família unida. Apesar dos pesares, né, que... sabe que às vezes tem irmãos que não se falam. Eu ficaria muito triste se isso acontecesse na minha família. Eu gosto de ver todo mundo unido, entendeu? Assim como eu fui criada. Em família, com minhas irmãs, apesar

das rusgas que a gente tinha antes... hehehe, assim por besteira, né? Mas a gente sempre foi unida.

Tico: As rusgas são meio naturais, né? Sempre tem. Acho que o que você fala é que tem um limite, né?

Joanna: Tem. A gente nunca chegou a ficar sem se falar, tem muita família que os irmãos não se falam. O Paulo e a Mônica, eles não se dão muito bem, sabe, desde pequeno. Eu não sei quem tem mais ciúme do outro lá, mas até que agora eles estão bem. Houve uma época que eles ficaram sem se falar, eu ficava muito magoada, sabe? Mas graças a Deus eles voltaram às boas.

Tico: Próxima pergunta: imagine que exista uma máquina do tempo, e você possa voltar no tempo com essa máquina e mudar alguma coisa na sua vida. O que você mudaria?

Joanna: Meu ex-marido! Hahahaha. Foi a escolha mais malfeita que eu fiz na minha vida! Hahahaha. Nossa... foi uma deceção muito grande. Mas isso tudo por quê? Porque eu vivia trancada feito freira e não conhecia a vida, não é? Agora essa nova geração, você pode ter o test drive antes... não é? Se não gostou do carro, não leva, não é assim? Antigamente não, a gente casava inocente.

Tico: E muito nova, né?

Joanna: Muito nova! Porque também depois dos 20 anos a gente era considerada solteirona se não casasse. Então essa foi a pior escolha que eu fiz na minha vida, foi o marido que eu escolhi.

Tico: Entendi. Mas engraçado, né, porque também se não fosse ele, você não teria os filhos que tem.

Joanna: Sim, é o que eu falei outro dia pra Andréa, graças à Deus, os filhos foram a minha alegria.

Tico: E você nunca mais namorou depois?

Joanna: Não... Namorei. Tive meus namorados, mas nunca pensei em me ligar com mais ninguém. Mais por causa dos meus filhos também. Porque o Paulo, apesar dos pesares, ele adorava o pai. Ele tinha cinco anos, mas ele tinha paixão pelo pai dele. E quando eu saía, que eu voltava meia-noite, uma hora da manhã, eu chegava em casa, o Paulo tava vendo televisão. Eu chegava, ele não falava nada, ele só levantava, desligava a televisão e ia dormir. Como quem diz: "Eu vi a hora que você chegou", sabe? Com cinco anos!

E também porque eu tive um casamento ruim, não queria passar pela experiência de novo. Mas namorei, me diverti, eu gostava muito de dançar. Não deixava tempo para pensar nas dúvidas, sabe como é que é... hehehe. Depois de noite eu tomava a minha bolinha e dormia... hahaha! Mas eu me diverti, não posso me queixar não. Tinha minhas amiguinhas de baile, saía... e assim foi. Mas nunca coloquei nenhum homem dentro da minha casa. Porque tem mulher que, mesmo com os filhos, arruma um namorado, traz para dentro de casa, às vezes dá certo, às vezes não dá. Eu acho que eu não quis isso para os meus filhos, entendeu?

Tico: Entendi. Você quis de alguma forma protegê-los.

Joanna: É. Porque a casa era deles, né? Ainda mais o Paulo que era ciumento.

Tico: Próxima pergunta: imagina que caia um gênio na sua frente, o gênio da lâmpada.

Joanna: Ah, o gênio da lâmpada...

Tico: E você tem direito a três desejos. Quais seriam?

Joanna: Primeiro era ter muito dinheiro para dividir com meus filhos. Depois, eu acho que eu ia fazer assim, um tratamento, não para ficar jovem, mas para não sentir dores no corpo como eu ando sentindo. Fazer uns "spas" da vida por aí. E três... o terceiro... ah eu... eu queria morar num lugar que não tivesse trânsito na frente, sabe? Mas um apartamento, casa nunca mais, mas um apartamento com todo o conforto e sem o barulho de carro. Só isso.

Tico: Próxima pergunta, você tem algum sonho recorrente? Você falou que não sonha, né?

Joanna: Não sonho.

Tico: Mas você se lembra de algum sonho que você já teve que se repetia, por exemplo?

Joanna: Não, que se repetia não. Eu lembro de um sonho que eu tive, eu tinha mais de 40 anos já (ah! Depois eu te falo uma coisa). Eu nunca tinha sonhado com meu pai. Eu gostava muito do meu pai, sabe? Apesar de ter só nove anos quando ele morreu, eu tenho muita lembrança dele, mas eu nunca sonhei

com ele depois que ele morreu. Quando eu tinha 40 anos, eu sonhei com ele. Até hoje eu lembro desse sonho! Eu tava num jardim e eu vi meu pai, aí eu dei aquele abraço gostoso nele, eu falei: “Ai pai, que saudade, quanto tempo!”.

E outra noite, no dia do pesadelo que eu tive, que eu te contei, depois que eu fui dormir de novo, eu sonhei com a tua mãe (*Célia*), eu fui abrir a porta, tava ela e a Laís, aí disse que eu desmaiei assim (*faz o corpo desfalecendo*)...

Tico: Desmaiou por quê?

Joanna: De emoção, não sei, de ver ela, né?

Tico: Na mesma noite do pesadelo?

Joanna: Do pesadelo, é. Depois que eu fui deitar outra vez. Aí tornei a acordar, hahahaha...

Tico: Noite agitada, né?

Joanna: Nossa, uma noite agitada, vou te falar, viu! Mas ela tava com o cabelo loiro, tava ela e a Laís. Aí eu não falei nada, e eu lembro que eu tava assim... sabe quando você sente que você tá caindo assim (*faz com o corpo como se estivesse caindo*). Aí eu acordei.

Sobre religião

(*e porque eu não gosto de padre nem de freira... e não acredito na Bíblia*)

Joanna: Brasil é terra de ninguém desde que os portugueses vieram para cá! Eu não sei nem... porque a história do Brasil que eu estudei era uma, agora, segundo a Isabella, já é completamente diferente daquilo que eu estudei, entendeu? Então eu acho que é que nem a Bíblia, cada um que escreve, aumenta... como é? “Quem escreve um conto, aumenta um ponto”! Deve ser igual a história do Brasil, viu?

Porque imagina a Bíblia... eu não acredito na Bíblia. Gente, no tempo de Jesus Cristo, as pessoas nem eram letradas... como é que iam escrever as coisas? Você vê, você conta uma história para mim, quando eu vou contar para outro, eu jáuento um pouco diferente, não vou contar com as suas mesmas palavras, então por isso que eu não acredito na Bíblia.

E eu acho que padre também, na missa, fica lendo lá no evangelho que Jesus transformou água em vinho... isso já acabou! Ele tem que falar do mundo

atual, do que tá se passando aqui hoje, não ficar com aquelas baboseiras de mil anos atrás! Não é? Por isso que eu não gosto de padre. Não gosto de padre. Nem de freira, eles são tudo falsos. É verdade.

Joanna: Aquele Vaticano deve ser a maior máfia do mundo, né? Você viu a História da Máfia? Você já viu todos os capítulos? Nossa... você tem que assistir... passa no Telecine Cult. Mas você fica, sabe... você perde a fé em tudo! Hahaha. Verdade. Aquele Vaticano... sabe um papa que foi eleito mas ele não era corrupto? E a freira levou chazinho da morte para ele? Ele morreu logo que... você não lembra dessas coisas... mas eu me lembro desse Papa. Ele morreu logo que foi nomeado Papa. Deram chazinho da meia-noite para ele.

Então, meu filho, no que você vai acreditar hoje em dia? Eu não acredito em nada, nada, nada, nada. Você pode jurar de pé junto aí que um padre lá é bom, que eu não vou acreditar. Talvez... nas outras épocas... que nem o padre Setimio, que tem até no Largo de Pinheiros, da igreja, é chamada Praça Padre Setimio, você já reparou? Nele eu acreditava. Porque ele era humilde, ele era simples, sabe? No tempo que eu frequentava igreja, né? Mas agora... sei lá. É ruim você não ter fé, sabia? É muito ruim.

Tico: Você acha que fica desamparada por conta disso?

Joanna: (*faz que “sim” com a cabeça*) Você acredita só em você mesmo. Nisso que você tá vivendo e acabou.

Sobre política (*meus depoimentos para a Lava-Jato*)

Joanna: Meu chefe era amiguinho desse aí que é o nosso governador, do Dória. O Dória é o maior ladrão de casaca desse mundo! Ele trabalhou na Emurb, foi diretor da Emurb, deu um desfalque de 300 milhões! Ele não é essa pessoa... nossa, ele é o pior, pior dos piores. E ele era amiguinho do meu chefe.

Meu chefe também, ele era presidente, ele tava construindo uma casa aqui no Alto de Pinheiros, quem pagava tudo era a Columbia, sabia? Chegavam

as contas, eu tinha que mandar para tesouraria, para a tesouraria passar. Todo lugar tem roubalheira, sabia? Todo lugar tem corrupção.

Tico: Mas a Columbia é uma empresa privada, certo? Ela tinha contrato com algum governo?

Joanna: Ah, tinha... sabia que tinha um auditor das Docas, lá de Santos, porque eram uns armazéns, né? Aí mandava lá para Santos, ia para os containeres, tinha um auditor que toda semana eu levava cinco mil na casa dele.

Tico: Na casa dele? Olha, imagina se tivesse Lava-Jato naquela época, hein?

Joanna: Eu ia presa! Hahaha. Verdade. E a banana aqui... como é que... como é que chama... a laranja! Que tinha que levar. Eu tô tentando lembrar o nome do auditor lá... esqueci. Você vê quanta roubalheira! Para que que davam dinheiro para o auditor? Para passar coisa que não devia. Você vê como que é? Quando eu trabalhava na Cohab, o Mário Covas, ele era o prefeito biônico...

Você não tá gravando essas coisas, né? A Lava-Jato vai me chamar! Hahaha!

Viu, mas tinham várias empresas que davam consultoria para a Cohab, advinha de quem era, em nome de laranja? Do Covas! Um monte de empresa... dava consultoria coisa nenhuma, entendeu? Precisa de consultoria para construir casa? Nem construía nada, era pra roubar. E todo mundo adora o Mário Covas, né? Foi o prefeito que mais fez... até hoje não acabaram o Rodoanel, né? E o Serra, o Alckmin... o Alckmin é outro sem vergonha.

Tico: Tanto que eles estavam sendo investigados...

Joanna: Ah, mas até hoje? Quantos anos faz que eles estão sendo investigados? Ninguém prende, né? Enfim, a gente tá na mão deles, né? Adianta nada você ficar nervoso...

Tico: E durante muito tempo não se fez nada...

Joanna: E hoje tá fazendo o quê? Essa Lava-Jato, fez, fez, fez... o Lucca... o Lucca não... Lucca, não é você! Hehehe. O Lula! Maior ladrão da história da humanidade... não tá solto? Candidato a presidente... pelo amor de Deus! E eu votei nele, hein! Em mil novecentos e... em 2000, quando ele se candidatou. Mandei até um negocinho por e-mail para ele, congratulando...

Tico: Você tava com birra do Serra.

Joanna: Era o Serra e ele, né? Então, agora hoje eu tenho consciência que não adianta nada você ficar nervoso. Falar, falar, falar, não adianta nada. Você passa nervoso sozinho. Então é melhor nem saber. Não é? O que adianta você

saber? Você só vai recolhendo as coisas para você, para você... no fim você tem um AVC, que nem eu tive, né, que eu tinha um ódio do Lula e da Dilma. O que eu ganhei? Um AVC!

Joanna: E o que eu ganho de aposentadoria é uma merda! Não dá nem para pagar o condomínio daqui. Apesar de ter trabalhado quase 40 anos... o Doctor Fernando Henrique mudou as regras do jogo, lembra? Então o meu salário virou pó. Porque eu me aposentei, mas com a lei que ele promulgou, quem ganhasse mais que um salário mínimo não ia ter o mesmo índice de aumento de que quem ganhasse um. Aí eu fui andando para trás... meu salário perdeu totalmente valor. Eu entrei com três ações contra o INSS para mudar, para ver se tinha algum erro, né? Mas as três eu perdi.

Agora é me conformar... Graças a Deus tem o Paulo e tem a Monica, né? Que tão olhando por mim. Eu agradeço muito a Deus pelos filhos que eu tive. Apesar de ter criado sozinha, sem ajuda do pai, eles não se meteram em droga, ficaram revoltado nem nada, né? Isso é uma grande honra para mim. Eles lutaram e conseguiram tudo que eles têm sozinhos. Graças a Deus meus filhos me acolhem. Se não fosse isso, eu tava morando ou num quarto de pensão, se eu não tivesse meus filhos, ou tava morando com eles. Porque eu não teria meios de me manter sozinha. E quando eu lembro me dá uma raiva... eu vou até parar de falar isso... que eu tenho vontade de matar o Fernando Henrique! Hahaha. Ô homem sem vergonha aquele! Ele e o Serra... olha, cara safado é ele, né?

Tico: Quem você acha o mais safado de todos eles?

Joanna: Sei lá, tem uma corja aí... que não dá para separar. Acho que não dá para separar, acho que não tem um que se salva. Porque falavam tanto da ditadura... eu vivi muito bem na ditadura, graças a Deus. Eu não me envolvia em política, eu trabalhava, foi graças a ditadura que eu criei meus filhos, porque eu ganhava muito bem na época, não pagava escola, eles estudaram na Escola de Aplicação da USP, que era uma das melhores escolas de São Paulo, melhor que uma escola particular.

Então eles quiseram a democracia de volta só para poder roubar. É isso que eu acho, sabe? No que o meu entender chega, é que eles queriam entrar no governo

para poder roubar. Porque se tinha roubo na época da ditadura, graças a Deus a gente não ficava sabendo, né, porque a censura não deixava. Mas nunca passei fome, eu trabalhava no centro da cidade, ali na Rua Formosa, eu nunca vi nem polícia nem nada na rua, você tinha segurança. Os meus filhos saíam de casa, eles estudavam na USP, 5h30 da manhã, eles pegavam duas condições, uma até a Cardeal, outra da Cardeal até a USP. Eu nunca fiquei preocupada que fosse acontecer algum assalto, que eles fossem ser mortos por causa de uma merda de um celular. Olha a baderna que virou hoje! Não é? Ninguém tem pulso para controlar mais essa gente. Isso não vai melhorar nunca.

Eu nem vejo mais jornal nem nada, porque eu fico irritada, sabe? Eu nem sei mais o que acontece. Não sei mesmo. Nem quero saber. Para mim não vai mudar nada, nenhuma vírgula. Meu salário não vai subir, vou continuar ganhando a merreca que eu ganho. Eu só torço pelos meus filhos agora... (*risos*) entendeu? O resto que se foda. Nunca ninguém fez nada por mim. Eu só saí perdendo com a volta da democracia. Porque a gente tinha, no tempo da ditadura, que eu falo que foi tempo de governo militar e não ditadura, nós tínhamos um aumento por ano do reajuste no salário, aí depois tinha aumento por merecimento, aí também tiraram os reajustes... que ficaria por conta do patrão. Você acha que patrão vai querer dar aumento para funcionários sem ser mandado? Não é? Então, meu filho, esse governo que veio depois do... pós-militar, para mim é tudo a mesma coisa. Tudo a mesma coisa.

Nota sobre a ditadura militar brasileira de 1964 a 1985

por José Sampaio (Tico)

A ditadura militar brasileira foi um regime autoritário que governou o país de 1964 a 1985, após um golpe de Estado que depôs o presidente democraticamente eleito João Goulart. Durante esse período, houve restrições à liberdade de expressão, censura à imprensa, perseguição política, tortura e assassinatos de opositores políticos. A economia brasileira foi marcada por um período de crescimento, mas também por desigualdades sociais crescentes e corrupção. O governo militar implementou políticas de desenvolvimento, como a construção de grandes obras de infraestrutura, mas também reprimiu os movimentos sociais e os direitos dos trabalhadores. Em 1985, o regime militar chegou ao fim com a eleição indireta de Tancredo Neves e a posse de José Sarney como presidente da República. A transição para a democracia foi marcada pela promulgação da Constituição de 1988, que restabeleceu os direitos civis e políticos e restabeleceu um sistema político democrático.

Durante a ditadura militar no Brasil, houve uma série de mudanças significativas na sociedade e na economia do país. A partir do início dos anos 70, o governo implementou uma série de políticas econômicas que ficaram conhecidas como “milagre econômico”. Essas políticas visavam modernizar a economia brasileira, estimulando o crescimento industrial, incentivando o investimento estrangeiro e aumentando as exportações de produtos manufaturados. Embora o período tenha sido marcado por um crescimento econômico significativo, com taxas de crescimento do PIB chegando a 10% ao ano em alguns períodos, a distribuição de renda foi profundamente desigual. A concentração de renda aumentou consideravelmente, com os ricos ficando ainda mais ricos e os pobres continuando na mesma situação ou até mesmo piorando.

Além disso, a política econômica adotada pelo regime militar foi acompanhada de uma série de medidas restritivas às liberdades individuais. A censura à imprensa foi amplamente praticada, com jornais, revistas e livros sendo proibidos ou editados para evitar críticas ao governo. A perseguição política também foi uma prática comum, com muitos opositores do regime sendo presos, torturados ou assassinados. Os sindicatos e movimentos sociais foram

reprimidos, com as greves e manifestações sendo proibidas ou duramente reprimidas pela polícia. A tortura era frequentemente utilizada para obter informações de prisioneiros políticos, e muitos foram mortos ou desapareceram sem deixar rastros.

A estimativa de mortos e desaparecidos durante a ditadura militar brasileira ainda é objeto de debate. De acordo com a Comissão Nacional da Verdade (CNV), criada em 2012 para investigar as violações de direitos humanos durante a ditadura militar, o número de mortos e desaparecidos políticos chega a 434 pessoas. Entre as vítimas estão militantes políticos de esquerda, estudantes, professores, artistas, sindicalistas e outras pessoas consideradas subversivas pelo regime militar. Muitas dessas pessoas foram presas, torturadas e assassinadas em centros de detenção clandestinos, como a Casa da Morte em Petrópolis e o DOI-CODI em São Paulo. No entanto, é importante destacar que a estimativa de 434 mortos e desaparecidos é considerada bastante conservadora por muitos historiadores e ativistas dos direitos humanos. Algumas organizações, como o Grupo Tortura Nunca Mais, estimam que o número de vítimas pode chegar a mais de mil pessoas. Segundo levantamento da Human Rights Watch (HRW), cerca de vinte mil pessoas foram torturadas, além de um número incontável de bebês, crianças e adolescentes, filhos de militantes políticos, que foram sequestrados. Como muitos dos documentos oficiais do período foram destruídos com o fim do período ditatorial, e a liberdade de trânsito de informações durante o regime era bastante restrita, o trabalho de pesquisadores sérios continua sendo árduo e é muito difícil estabelecer um número preciso. Independentemente do número exato de vítimas, a violência e a repressão política que ocorreram durante a ditadura militar brasileira deixaram marcas profundas na história do país e na memória de muitas famílias que perderam entes queridos. A busca por justiça e pela verdade sobre o que aconteceu durante esse período ainda é um desafio para o Brasil.

Em relação ao legado econômico da ditadura militar brasileira, há diferentes interpretações. Por um lado, é possível argumentar que o regime militar implementou uma série de políticas que levaram a um crescimento econômico significativo no país. No entanto, é importante considerar que esse crescimento foi marcado por uma concentração de renda crescente, com os benefícios econômicos sendo distribuídos de forma desigual e muitos brasileiros

continuando a viver em situação de pobreza e desigualdade social. Além disso, as políticas econômicas adotadas pelo regime militar foram baseadas em uma forte intervenção do Estado na economia, com altos níveis de endividamento externo e uma série de distorções e desequilíbrios econômicos. Dessa forma, embora seja possível argumentar que o período da ditadura militar brasileira teve alguns resultados econômicos positivos, como a modernização da indústria e o aumento da produção agrícola, também é possível afirmar que esse legado econômico foi, em muitos aspectos, desastroso para o país. A concentração de renda e a desigualdade social crescentes, bem como as distorções e desequilíbrios econômicos, foram alguns dos fatores que contribuíram para uma crise econômica profunda na década de 1980, que só foi superada com a adoção de políticas econômicas mais democráticas e inclusivas. Todos os economistas verdadeiramente sérios e que estudam o caso brasileiro à fundo são unânimes em creditar as grandes dificuldades econômicas que o país sofreu nas décadas de 80 e 90, sintetizadas pela hiperinflação que assombrou o país até o Plano Real, como reflexos da irresponsabilidade e inaptidão do governo militar durante o período em que ocupou o poder.

Com relação ao aspecto da corrupção durante a ditadura, somente em anos mais recentes historiadores e pesquisadores puderam ter acesso a documentos que mostram um espectro verdadeiramente sistêmico e fisiológico de corrupção exercida durante o governo militar. Por praticar uma ampla censura, que fazia com que esses casos não fossem levados à público e pela prática de assassinatos de possíveis delatores, essa realidade nunca foi levada à tona durante o regime. Como é o caso do diplomata José Jobim que trabalhou para o governo durante todo o período militar e que foi assassinado justamente por ter preparado um dossiê relatando todos os escândalos de corrupção que presenciou nos órgãos onde atuou. Também simbólico é o caso do jornalista Alexandre Von Baumgarten, que produziu um dossiê onde denunciava a existência de um esquema de lavagem de dinheiro que envolvia empresas privadas, o Serviço Nacional de Informação e a revista O Cruzeiro. Ele foi assassinado e, na época, órgãos oficiais divulgaram que ele havia cometido suicídio, o que foi desmentido somente anos depois. Exatamente da mesma forma ocorreu o célebre assassinato do jornalista Vladimir Herzog, morto em um dos porões da ditadura. São casos bem representativos de como a ditadura perseguia aqueles

que queriam fazer denúncias de corrupção e práticas irregulares que ocorriam aos montes no governo.

Uma diferença importante aqui é entre a corrupção em si e a percepção das pessoas sobre a corrupção. Em regimes verdadeiramente democráticos sempre existirão denúncias, os casos são levados à público e há uma tendência de serem julgados. Dessa forma, os casos conhecidos, durante o período histórico em que estão acontecendo, sempre serão maiores. Em regimes autoritários, como a ditadura militar de 64, os casos nem chegam ao conhecimento do público, sendo possível apenas uma análise em retrospecto a partir de documentos e pesquisas muitas vezes limitadas dada a distância do tempo histórico em que ocorreram e a restrição da quantidade de documentos à disposição para estudos em função da queima de arquivo. Como diz o historiador e pesquisador do tema, Pedro Henrique Campos: “O que a gente percebe hoje é que a ditadura militar foi um celeiro de corrupção, um ambiente extremamente propício de escalada dos interesses empresariais e privados sobre o Estado brasileiro, tendo em vista o cerceamento dos mecanismos de fiscalização e o aparelhamento do Estado por agentes do setor empresarial privado”. Eram esses os verdadeiros operadores do “milagre econômico brasileiro”, como foi denominado o período pelos órgãos oficiais do governo.

Outro aspecto importante de se pontuar é que as forças militares sempre tiveram uma ação simbiótica com o poder no Brasil desde a independência do país. Foram vários os golpes de Estado e a participação ativa e controladora do grupo na política brasileira desde 1822. Dessa forma, é possível afirmar que os militares nunca estiveram realmente muito distantes do poder quanto se pode imaginar ou quanto seria realmente desejável em qualquer regime verdadeiramente democrático e livre. Prova disso é a grande participação deles no governo federal de 2018-2022.

O período da ditadura militar brasileira foi, portanto, marcado por uma forte repressão política e restrições às liberdades individuais, além de profundas desigualdades sociais e econômicas. Embora tenha havido um crescimento econômico significativo, esse crescimento foi concentrado nas mãos de poucos e não se traduziu em melhorias significativas na qualidade de vida da maioria da população brasileira no longo prazo, além de deixar marcas e cicatrizes irreparáveis na sociedade e ter como consequência nefasta uma visão torpe do que

significa participação política. Argumenta-se que a ditadura deixou como legado uma cultura autoritária e repressiva, que se manifesta até os dias de hoje na política brasileira. A censura, a tortura e o desrespeito aos direitos humanos teriam criado um ambiente de medo e desconfiança, que ainda afeta a democracia brasileira.

SUGESTÃO BIBLIOGRÁFICA PARA ESTUDOS SOBRE A DITADURA MILITAR DE 1964

“A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964” org.: Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti, Rodrigo Patto Sá Motta, ano: 2014, editora: Zahar.

“Brasil: Nunca Mais” de Dom Paulo Evaristo Arns, ano: 2014, editora: Vozes.

“Coleção Ditadura” de Elio Gaspari, ano: 2016, editora: Intrínseca.

“Estranhas Catedrais” de Pedro Henrique Campos, ano: 2014, editora: Eduff.

“Os Anos de Chumbo” de Luiz Octavio de Lima, ano: 2020, editora: Planeta.

* além dessas indicações, existem outras dezenas de livros sobre o tema.

Segundo Bloco de Perguntas

Tico: Próxima pergunta, Joanna...

Joanna: De um milhão?

Tico: A pergunta de um milhão...

Joanna: Hahahaha.

Tico: Na sua vida, quais foram as pessoas que mais te influenciaram?

Joanna: Que me influenciaram? Teve a Anna Maria, aquela secretária que eu te contei a história, né, que anos depois eu encontrei com ela, ela me influenciou bastante!

Tico: Ah é? De que forma?

Joanna: Pelo jeito que ela trabalhava, sabe? Depois que eu encontrei com ela na outra firma, porque no primeiro emprego acho que eu trabalhei uma semana só com ela. Ela me fortaleceu bastante porque foi justamente na época que tudo acontecia, né? As travessuras do Paulo, das crianças... E ela falava assim: "Você é tonta, não liga, amanhã passa". Ela falava para mim: "Você se pega muito nas pequenas coisas". Ela falava: "Esquece!". Ela me ajudou muito nos meus piores momentos. Eu tenho amizade com ela até hoje, a Anna. Ela foi a minha influenciadora. Influencer... hehehe...

Quando as criança ligavam, o telefone direto ficava na mesa dela, era a minha mesa e a dela (*juntas*), ela só fazia assim para mim ó (*faz um gesto de alguém balançando o telefone num semigiro para os dois lados*)... hehehehe. Ela me ajudou a levar, sabe, os trancos e barracos.

Tico: Quem mais? Teve mais alguém?

Joanna: Não, viu...

Tico: Alguém que te inspirava, que você achava legal, queria ser como essa pessoa, se espelhava...

Joanna: Não, porque eu não tive muitas pessoas legais ao meu redor, entendeu? Hahahaha! Não, olha, vou te falar a verdade, eu não sei se você é ou não, mas eu admirava o Lula. Até quando eu fiquei conhecendo ele melhor. Hoje eu odeio ele! Mas eu achava que ele podia fazer muito pelo Brasil, entendeu? Votei nele, mandei congratulações quando ele foi presidente a primeira vez, mas agora eu tenho ódio mortal dele. Então não sei se ele foi um influenciador.

Tico: Entendi. Você ficou decepcionada.

Joanna: Eu fiquei muito decepcionada com ele! Acho que foi a única pessoa também que eu admirava assim de político, sabe? Porque sem ser político o que eu podia admirar em alguém? Admirava a minha mãe, que ela também foi uma mulher que batalhou sozinha, com três crianças pequenas. E foi só, viu? Não teve ninguém assim que me inspirasse a ser... mais diferente, entendeu, que mudasse minha cabeça.

Tico: Quando você era mais nova, adolescente ou tava terminando a escola, tinha alguma coisa que você gostaria de...

Joanna: Então, eu queria ser professora, mas minha mãe não deixou.

Tico: Não sabia disso.

Joanna: Porque ela falou que professora precisava viajar, dar aula em fazenda, não sei o quê. Aí eu fiz o secretariado por causa dela, entendeu? Meu sonho era ser professora.

Tico: Tem alguma professora na sua escola que...

Joanna: Ah sim! Eu lembro a minha professora do primário. Eram todas freiras, né? Tinham umas que você não podia nem olhar na cara, tinha a *Mer Assunção*, que ela era brava! Um dia, ela me chamou na lousa, a sorte que eu era magrinha, e era minha mãe que costurava meu uniforme, ela fazia tudo folgado, sabe, acho que pra eu parecer mais gorda... aí não sei o que eu fiz de errado que a *Mer* me puxou pela manga da blusa assim (*imita-a pegando de maneira firme na manga da blusa*), que ela ia me dar um beliscão, mas ela pegou só pano... hahaha! *Mer Assunção*. A gente chamava de *Mer*, né? Eu lembro dela, mas a minha professora do primário eu lembro bem dela. Era uma freira alegre, sabe? Que cantava na aula, nem parecia freira!

Tico: Algum artista ou músico ou...

Joanna: Artista? Ah, o Zeca Pagodinho. Gostava do Péricles, até que ele me deixou surda... hehehe... e artista... gostava muito do Tarcísio Meira.

Tico: Qual foi o lugar que você foi que mais gostou na vida e por quê?

Joanna: Foi na República Dominicana. Em Punta Cana! Muito lindo, uma paisagem maravilhosa, o hotel que a gente ficou era à beira-mar. Foi lá. Se bem que eu gostei também da Espanha, só que andei muito. Em Punta

Cana não, eu fiquei só no bem-bom... hahahaha! As outras viagens foram muito cansativas porque era pouco tempo para conhecer muita coisa, entende? Ainda que eu era mais jovem, tinha uns sessentinha, né, mas assim mesmo eu ficava cansada. Então não era muito divertido não. Agora, em Punta Cana, eu amei! Por mim, eu ficava mais tempo lá. Nós ficamos uma semana no hotel na beira da praia.

Tico: Lá você ficou mais no hotel?

Joanna: Só no hotel, bom, a gente saiu, fomos visitar um parque aquático, fomos visitar a cidade da República Dominicana... Mas eu gostei muito.

Tico: Quais foram os principais acontecimentos da sua vida, que fizeram você ser quem você é hoje?

Joanna: Foi a minha separação. Foi o principal episódio que fez eu encarar a vida de frente como ela é, entendeu? A virar uma pessoa que eu não era. Eu era uma comandada, eu fazia o que os outros queriam. Foi a minha separação mesmo. Me libertei de tudo. Dos dogmas, dos pecados... foi a minha separação.

Tico: Algum outro acontecimento que você considera também digno de nota? No sentido de te formar, te transformar na pessoa que você é com a mentalidade que você tem hoje?

Joanna: Então... foram os empregos que eu tive, porque eu não parava muito tempo num emprego. E cada emprego que eu arrumava, eu aprendia mais porque eram empresas distintas, entende, de negócios diferentes. Porque quando eu voltei a trabalhar, eu fazia uns temporários, então eu trabalhei em muitas empresas e adquiri muita experiência que eu não tinha, porque eu fiquei seis anos sem trabalhar.

Tico: Deve ter conhecido muita gente, né?

Joanna: Conheci bastante gente... nossa, foi muito bom esse período para mim. Foram dois anos assim, como temporária. Depois eu comecei a trabalhar como contratada, mas sempre dando no máximo dez anos. Já partia para outra, entendeu? Eu não esquentava muito lugar não. E o emprego bom, que eu mais gostei de trabalhar foi na Cohab.

Foi muito boa aquela minha época, mas também foi só um ano e meio porque mudou o governo. Eu trabalhei lá na época que o Mário Covas era prefeito biônico, não sei se você sabe, que tivemos um prefeito biônico. Mas

foi a melhor época que eu trabalhei. Foi um trabalho mais ativo, de convivência, de conversar com os... como é que se diz... as pessoas que usam a Cohab...

Tico: Os que estão no programa de habitação da Cohab?

Joanna: Isso, é. Eu atendia eles, sabe? Foi o emprego que mais me fez bem. Pena que foi pouco tempo porque aí mudou o governo, e eu era cargo de confiança, eu tive que sair.

Naquela época a Cohab era ativa, não sei agora como é que está. Foi um tempo bom, eu aprendi muito lá, eu era chefe de gabinete. Foi um tempinho bom que me acresceu muita coisa. Não era só aquele trabalho burocrático, a gente fazia seminários, a gente participava de seminários. Era muito bom, gostei!

Tico: Próxima pergunta...

Joanna: É a de 500 mil?

Tico: De 500 mil, o prêmio vai baixando...

Joanna: Hahahaha.

Tico: Qual ou quais são as coisas que você mais se orgulha em ter feito?

Joanna: Ter criado meus filhos sozinha. Tenho muito orgulho disso, sabia? Eu não esmoreci. Não deixei eles com ninguém. É esse meu orgulho!

Tico: Tem alguma coisa que você sempre teve vontade de fazer mas que nunca fez?

Joanna: Tem tanta coisa, Tico... O que eu poderia falar? Ah, eu gostaria de ter um carro e poder dirigir de novo, como eu fazia com a Brasoca. Não sei se eu ia dirigir bem, né, com tanto louco na rua hoje. Mas essa é uma das vontades que eu teria. Também com 82 anos (**entrevista realizada em 2021*), nem a carta me dão mais, né?

Tico: Se fizer o teste...

Joanna: Ah, pra depois fazer que nem os velhinhos fazem aí... hehehe... em vez de pisar no freio, pisa no acelerador... hehehe...

Tico: Hoje tem carro automático...

Joanna: É, então... tantos acidentes que tem com velhinho por causa disso. E que mais que eu gostaria? De ser rica. Não que eu passe necessidade, mas eu gostaria de não me preocupar com dinheiro, sabe? Gostaria que minha aposentadoria fosse mais alta, né, como eu teria jus pelos 40 anos trabalhados! Eu

recebo dois salários mínimos, por causa do Fernando Henrique, aquele outro canalha. Olha, a política só me ferrou. Só me decepcionou.

Eu vou falar uma coisa, eu sei que você vai achar que eu sou louca, mas eu vivi muito bem no tempo da ditadura, obrigada. Sabe, meus filhos estudaram em escola pública conceituada, era considerada a melhor escola de São Paulo, muito melhor que muitas particulares, eles tiveram um bom estudo, o Paulo e a Mônica. A Andréa não consegui pôr. Porque era assim, eles faziam um teste para o pré-primário. Depois, entre os que passavam no teste, eles faziam um sorteio, e o Paulo e a Mônica conseguiram. A Andréa não. Então a Andréa estudou no Santa Luzia. Primeiro ela estudou no Alfredo Bresser, depois no Santa Luzia, na rua do cemitério, quase perto do Stella Maris, por ali.

Eu tinha aumento de seis em seis meses pela inflação, tinha aumento por merecimento. Aí veio o Fernandinho Henrique, tirou esses aumentos automáticos, tinha que ser negociação entre as partes. Você acha que um patrão vai querer dar aumento para você se ele não for obrigado? Então, nunca mais nós vimos aumento de nada. Eu vivi muito bem na ditadura. Sossegada. Você vê, o cara derrubou meu muro, aí eu fiz ele erguer, o delegado fez ele erguer, ele não fez nenhum mal para mim nem para os meus filhos. Falavam que a polícia era isso, era aquilo, eu trabalhava no centro da cidade, eu nunca vi policial correndo atrás de ninguém. Era tranquilo, a gente andava na rua... a única coisa que se ouvia falar era batedor de carteira na Praça da Sé. A gente só tinha medo de ir para a Praça da Sé.

Agora, hoje, você não pode nem ficar sossegada num ponto de ônibus. O que virou isso após a ditadura? Que eu não chamo ditadura, eu chamo de governo militar. Porque para mim, eu graças a Deus tive uma vida, consegui criar três filhos, graças aos meus empregos, meus salários... tinha minhas dívidas, mas consegui pagar tudo, entendeu? Agora hoje o que eu recebo? Por trabalhar 40 anos? Então eu tenho que ficar feliz com o governo de hoje? Comecei a pagar meu convênio agora, porque antes eu usava o SUS, que era uma porcaria também. No meu tempo e das crianças, eu não tinha convênio, as firmas não davam convênio nem vale-refeição nem nada disso. Mas o convênio do governo, os postos de saúde, eram uma beleza! Você levava lá tranquilo. Era limpo. Agora você vai, tá uma nojeira. Eu ia nesse posto aqui do... em frente ao cemitério, na Lapa, dava nojo de entrar lá.

Então, só piorou com a democracia para mim, viu. Só piorou. Do jeito que era e do jeito que tá... quem ouve eu falar, pensa que eu sou louca, né?

Tico: Acho que não... muito... como você, tem muita gente que pensa isso, sobretudo nesse campo da qualidade de vida.

Joanna: Eu tive uma qualidade de vida muito boa com meus filhos. Eles iam para a escola sozinhos, voltavam sozinhos, pegavam duas condições para ir, duas pra voltar, porque naquele tempo a escola não dava transporte, nada disso, entendeu?

Porque eu acho que... eu não me metia com política, não sabia nem quem era o presidente! Para mim, eu vivendo bem, tava bom, você entendeu? Eu não me metia com política. Agora, depois que começou, entrou o Sarney, aquele ladrão filho da puta, você lembra da inflação na época dele? Você não lembra... depois veio o Collor, outro ladrão... só teve ladrão até agora, Tico!

Então não sei o que vai ser do nosso país, juro por Deus. Eu tenho muita pena porque é um país rico, não é? E eu fico lembrando daquela gente lá do Nordeste, daqueles coitadinhos que não tem nem o que comer. O governo não faz nada para olhar isso, não é? Só ficam se metendo em coisa que... picuinha entre um e outro... não é? Ai, ai... sei lá o que será desse país, viu, Tico...

Tico: Bom...

Joanna: Chegou na de um milhão?

Tico: Chegou na do “Ticket para a Vida”! Essa é forte, vou até sentar de outro jeito...

Joanna: Nossa, deixa até eu me aprumar aqui... fazer uma pose... hahaha... é crucial essa?

Tico: Crucial... você lembra do Antônio Abujamra? Que tinha um programa na TV Cultura?

Joanna: Lembro...

Tico: Pergunta de um bilhão. Pra você, qual é o sentido da vida?

Joanna: Ishhhhh... não tem pergunta mais fácil?! O sentido da vida... você me fez uma pergunta agora que me colocou num... sem saída! Porque eu não sei qual é o sentido da vida. Pensando bem... qual a vantagem de se

viver? Tem alguma vantagem? Você cresce, fica bobo, casa... né? Hahahaha. Tem gente, coitada, que só apanha da vida. Eu admiro as pessoas que têm fé, mas eu não tenho. Eu acredito mais em ET do que nessa história de santo, sabe? Qual que é o sentido da vida? Nascer, crescer, morrer. Se tivesse algum sentido, a gente viveria mais feliz, né? Mesmo sabendo que ia morrer. Mas agora, quanto mais velho você fica, mais perto você sabe que você vai encontrar a morte. Então, não faz sentido. Não faz... Filho da puta! (*Num rompante, tenta matar um mosquito que a estava rodeando a tarde toda, mas o mosquito escapa*). Hehehe.

Eu não vejo sentido nenhum na vida. Os espíritas acreditam na reencarnação. Tá, você reencarna, você vai ser uma outra pessoa, você não vai lembrar de ninguém que você teve na vida passada, você vai viver, sofrer, tudo de novo, né? Então, eu não acredito na reencarnação. Essa história que você volta para... como é que fala? Pagar os erros da vida passada, mas você não sabe o que você fez! Não é? Você vai lembrar dos seus erros? Você lembra, agora, se você cometeu algum erro na outra vida que você teve? Então eu acho que isso não funciona. Essa história do espiritismo de reencarnação, para mim é balela.

Agora o católico acredita que a gente vai para o céu. Onde que tá o céu? Ou para o inferno, ver o diabão lá embaixo. O diabo existe? Não. As pessoas é que se fazem de diabo, não é? Tem muitas pessoas más, ruins mesmo, né, que tão aqui só para prejudicar a vida do outro, não é? Então eu não vejo sentido na vida. Ah não, você tem que viver para você sofrer... SÓ FRER... hehehe.

Não é um sofrimento? Fala a verdade, principalmente quando você perde alguém querido, não é? Eu acho essa história da morte muito triste. E você também, ficar pensando que você vai morrer, mais triste ainda. Porque eu assisti aquela novela “A Viagem”, você assistiu? Você viu eles lá no céu? Ficam só no meio do mato... é tudo aquilo que eu detesto! Hahahaha! Campo... não fazem nada o dia inteiro... que sentido que tem isso? Hehehehe. Ou então no inferno, Deus que me perdoe, que eu fiquei cansada de ver ele lá no fogo, no meio do fogo, fugindo do fogo. Ah, não. Eu acho que é tudo aqui. Você nasce, você vive, você morre, morre mesmo! Entendeu? Não tem depois. É esse meu conceito de vida.

Tico: E então, fazendo a pergunta clássica do Abujamra: o que é a vida?

Joanna: A vida é uma sequência de... hehehe... sofrimento... muito poucas alegrias... essa é a vida que eu conheço...

Porque olha a minha vida: com nove anos eu perdi meu pai, a minha mãe tinha que trabalhar, a gente ficava sozinha em casa. Aí eu cresci, fui trabalhar, casei, fiquei sozinha com meus filhos, né? Agora hoje meus filhos já casaram, o Paulo já tem até neto, mas... e daí? Você vai morrer, você vai sozinho. Você não vai levar ninguém com você, não é? É para ter medo da morte ou é para desejar a morte? Você não sabe. Se continuar vivendo é melhor do que morrer.

Eu acho que a gente tinha que ter um limite de idade porque quando você fica velho, você não aproveita mais a vida, você só tem dor. Dói o joelho, dói a perna, dói o braço, dói as costas... você não tem mais aquela... como é que se diz? Aquela energia para limpar uma casa... para fazer as coisas gostosas que você fazia. Então, para que viver muito? Tem gente que morre com 100 anos, não é? Muitos vivem em asilos, coitadinhos, longe dos filhos, de tudo. Então eu não sei qual o sentido da vida, viu, Tico. Sinceramente eu ainda não descobri. Você sabe? Fala pra mim! Hahahaha!

Que nem a minha tia Anunziata, coitadinha, ela não casou, viveu para servir o meu avô e a outra irmã dela. Aí ela morreu sozinha num hospital. Ela teve Alzheimer, já não conhecia ninguém, foi para um hospital, Hospital da Paz, lá em... onde que era mesmo? Morro Velho... um negócio assim... Morro Grande, perto de Cotia. Morreu sozinha. Qual o sentido da vida dela?

Olha, quando eu tive o AVC, que eu me vi sozinha no hospital, porque a Andréa tava viajando quando eu tive o AVC, ela tinha ido para Nova York, eu me senti mal, eu tava sozinha aqui. Aí eu peguei um táxi e fui para o hospital, para uma consulta, e daí o médico falou que eu tinha que me internar, ir para a UTI.

Então aí que eu fiquei pensando: qual o sentido da vida? Batalhei tanto, eu vou morrer sozinha sem ver meus filhos, sem nada, né? Porque você não sabe o que vai te acontecer quando você vai para uma UTI. É aí que você pensa na morte. Eu sempre tive medo de UTI. Eu acho que UTI é a fase final da vida. Mas ainda não foi dessa vez... hehehe.

Tico: E na UTI tem muita gente que se recupera, né, a covid mostrou isso...

Joanna: Nossa Senhora...

Tico: Mas de fato eu imagino que deve ser uma experiência bastante...

Joanna: Eu tinha certeza que se eu fosse para a UTI, eu ia morrer. A única que tava aqui era a Isabella, mas ela só ficou sabendo no dia seguinte. Daí ela correu lá no hospital, mas se eu tivesse que morrer, eu ia morrer sozinha.

E aí você tem que se convencer que se você morre, você tem que ir embora sozinho. Ninguém vai te acompanhar. Então você tem que **aprender a viver só**. É uma realidade da vida essa. **Você tem que ter confiança em você.**

Joanna: Ah, outro dia ... eu não pegava mais ônibus, desde a pandemia, né? E por causa da minha labirintite, eu tinha medo de pegar ônibus. Aí semana passada, que eu tinha que ir no médico, eu falei: “Não, eu tenho que encarar a vida, eu vou pegar um ônibus!”.

E peguei. Não me aconteceu nada... hehehe. A Andréa ficou brava que eu peguei o ônibus, não sei quê... Falei: “Andréa, eu tenho que acreditar em mim, eu não posso ficar na dependência de ninguém!”.

Não é?

Eu tenho que arrumar força e, da maneira que eu puder, eu vou fazendo as coisas. Não posso ficar só: “Andréa me leva aqui, me leva ali...”, já pensou? Eu tenho que contar comigo. Não tem uma música da Simone, que ela cantava:

♪ “Começar de novo e contar comigo...” ♪

Né? É assim mesmo. Você tem que contar com você. Você não pode ficar: “Ah, qualquer coisa eu falo com fulano, falo com cicrano...”, não.

Como quando eu fui para o hospital. Se eu fosse ficar esperando alguém, eu ia morrer. Né?

Você tem que acreditar em você.

Este projeto foi realizado entre os anos de 2021 e 2023. Todo o seu conteúdo (os escritos, a série documental e os arquivos de fotos e vídeos抗igos) estão disponíveis no site: joannalouca.com.br